
IMPERFEITOS
DUDAAH FONSECA


IMPERFEITOS
DUDAAH FONSECA

IMPERFEITOS

DUDAAH FONSECA

Copyright © 2022 Dudaah Fonseca

Titulo: Imperfeitos

Capa: Malta Design

Revisão: Camila Brinck

Leitura Crítica: Luciana Gonçalves da Silva

Leitura Sensível: Beatriz Martinez

Diagramação Digital: Véveta Miranda

ISBN: 978-65-00-44833-7

Esta é uma obra de ficção.Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Para o jogador de olhos amendoados que me ensinou que o amor é subversivo. Você me amou sem pressa e você amou as minhas imperf eições, pois assim como eu, também é*i mper f ei.t o*

Sumário

Nota
Play list
Sinopse
Capí tulo 1
Capí tulo 2
Capí tulo 3
Capí tulo 4
Capí tulo 5
Capí tulo 6
Capí tulo 7
Capí tulo 8
Capí tulo 9
Capí tulo 10
Capí tulo 11
Capí tulo 12
Capí tulo 13
Capí tulo 14
Capí tulo 15
Capí tulo 16
Capí tulo 17
Capí tulo 18
Capí tulo 19
Capí tulo 20

Capí tulo 21
Capí tulo 22
Capí tulo 23
Capí tulo 24
Capí tulo 25
Capí tulo 26
Capí tulo 27
Capí tulo 28
Capí tulo 29
Capí tulo 30
Capí tulo 31
Capí tulo 32
Capí tulo 33
Capí tulo 34
Capí tulo 35
Capí tulo 36
Capí tulo 37
Capí tulo 38
Capí tulo 39
Capí tulo 40
Capí tulo 41
Capí tulo 42
Capí tulo 43
Capí tulo 44
Capí tulo 45

Capí tulo 46
Capí tulo 47
Capí tulo 48
Capí tulo 49
Capí tulo 50
Capí tulo 51
Capí tulo 52
Capí tulo 53
Capí tulo 54
Capí tulo 55
Capí tulo 56
Capí tulo 57
Capí tulo 58
Capí tulo 59
Capí tulo 60
Epí logo

NOTA

Leitores, não esperem um romance rápido. Não consigo afirmar a vocês que esta comédia romântica hot e *slowburn* (do meu jeitinho). Espero que curtam bastante.

Lembrando que o livro é para maiores de 18 anos. Se não é o seu tipo de livro, por favor, não leia. Além da comédia romântica, têm as camadas de drama em volta da vida dos protagonistas.

É um livro ideal para curar ressaca literária.

Avaliem, por favor

INSTAGRAM

dudaahfonsecaautora

PLAY LIST



SINOPSE

Ele é capitão do Real Madrid.

Ele é pai solo.

Ele cria os irmãos mais novos desde que sua mãe f aleceu.

Ele é mulherengo.

Ele não quer saber de relacionamento sério.

Ela é uma renomada nutricionista esportiva.

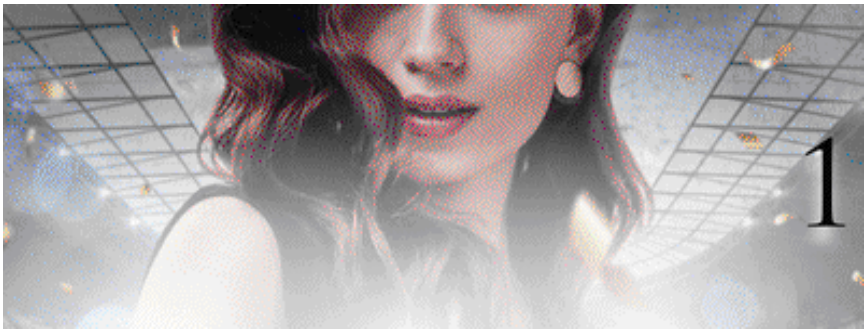
Ela venceu uma doença.

Ela ainda precisa lidar com as cicatrizes que a doença, que venceu, deixou.

Ela não f ica com atletas.

Ela não quer saber de relacionamento sério.

Marco Carvajal e Lana Rubio são incompatí veis, mas o destino adora pregar peças e ambos são obrigados a trabalhar juntos. O problema é que ambos se odeiam.



Fevereiro de 2016

LANA SÁNCHEZ RUBIO

Meus pais e minha melhor amiga sempre falamo quanto sou romântica. Acho que presenciar o amor dos meus pais e ser obcecada por livros de romances de vários gêneros contribuíram para isso. Como uma virginiana gosto de tudo devidamente organizado, isso inclui minha vida pessoal.

Namoro o Daniel há quatro anos. Nunca irei esquecer do dia que o caminhão de mudança chegou na casa da frente e um lindo garoto usando a camisa do time do Real Madrid saiu dele cheio de marra e segurando uma bola de futebol. E como se uma magia tivesse nascido entre nós dois ele me pegou o admirando do alto da minha janela. Logo no outro dia seus pais apareceram na minha porta convidando minha família para jantar. Claro que fomos.Desde então não nos desgrudamos.

Queria muito que ele tivesse estudado na minha escola, assim, além da Ariana, minha melhor amiga, teria outra companhia agradável naquela escola onde a maioria das pessoas tiravam sarro de mim. Pior de tudo eram os apelidos pejorativos que me

nomeavam por conta de ser f ilha de dois homens. Se não f osse minha melhor amiga acho que não teria aguentado aquela maldita escola.

Ariana e Daniel tornaram tudo melhor.

Daniel e eu planejamos nos casar quando eu me f ormar em Nutrição. Estou no meu terceiro ano de curso na Universidade Complutense de Madrid, uma das melhores. Desde os nossos dezessete anos começamos a juntar dinheiro para a f esta do nosso casamento. Assim como eu, ele também sonha que seja a maior f estança, enorme e cheia de f artura. Aos dezoito anos abrimos uma conta conjunta no banco para depositar nossas economias.

Há três meses, enquanto tomava banho, senti um nódulo no meu seio esquerdo. Comuniquei aos meus pais e rapidamente marcaram uma consulta. Sempre f ui uma garota muito otimista e apesar de enxergar a tensão nas expressões dos meus pais, minha melhor amiga e meu noivo f ui f azer a biópsia com toda positividade possí vel.

Quando recebi o resultado positivo segurei as mãos dos meus pais e da minha melhor amiga — Daniel não estava comigo nesse dia — me obrigando a ser f orte por eles e por mim. Eu f icaria bem. A medicina avançou tanto, além disso eu era jovem e tinha muitos sonhos.

Um mês depois entrei no hospital para f azer a cirurgia conservadora da mama também conhecida como quadrantectomia. Retiraram o tumor completo conservando os meus seios. Havia tido uma conversa f ranca com a minha médica. Af irmei que caso visse algo além daquilo que f oi apresentado nos exames não me

importaria de f icarsem os meus seios. Minha vaidade não estaria em primeiro lugar.

Queria estar saudável e continuar vivendo com as pessoas que mais amo no mundo. Felizmente meus seios f oram conservados, quando acordei horas depois de sair do centro cirúrgico a doutora Marí a José, disse que tudo havia ocorrido perf eitamente bem e que seguirí amos para a próxima etapa do tratamento.

Hoje é minha quinta quimioterapia vermelha e estou tão enjoada e f racaquanto da primeira vez que f iz. Hoje a enf ermeira teve dif iculdade de achar uma veia, pois todas parecem ter enf raquecidorapidamente. Ontem me recuperei da diarreia, um dos ef eitos colaterais, e torço para que não tenha essa reação novamente. Devido aos enjoos quase não tenho conseguido me alimentar e isso me deixa mais f raca.

— Eu amei o seu lenço — diz a senhora Brisa, minha companheira mais próxima.

— Ganhei do meu pai Camilo. Pedirei que ele compre um para a senhora.

— Não precisa, querida.

— Faço questão. No meu primeiro dia aqui a senhora me presenteou com um dos seus pingentes, o trevo de quatro f olhas, que agora carrego comigo sempre.

Ergo o braço exibindo a pulseira banhada a ouro que tem vários pingentes, e agora o trevo de quatro f olhas. Meu primeiro dia de quimioterapia chorei e ri sem conseguir me controlar. Pela primeira vez deixei a positividade de lado. Senti medo como nunca

antes. Meus pais — Camilo e Thibaut — f icaram o tempo todo comigo.

A senhora Brisa sorri em resposta e sua atenção volta para a revista de caça-palavras.

Franzo o cenho quando vejo o meus pais adentrarem a sala de quimio tentando manter um sorriso no rosto. Era para o meu noivo estar aqui. Ele disse que teria um olheiro assistindo o treino deles hoje no clube, que f uturos talentos do f utebol da cidade se matam para conseguir uma vaga. Estou torcendo para que consiga. Ser um jogador de f utebol famoso é seu objetivo e um dos seus maiores sonhos.

Em sua lista está incluso casamento e f ilhos. Quando f ui diagnosticada com câncer de mama meus médicos tiraram minhas dúvidas. Uma das maiores era sobre ser mãe. Eu quero muito ser mãe e Daniel também deseja ser pai. Ambos desejamos uma f amí lia grande. Acontece que tem grandes probabilidades de eu f icarestéril devido a quimio, radioterapia — que irei iniciar depois de f inalizaras sessões de quimioterapia e a medicação que passaria a usar por longos anos — por isso f uisincera com Daniel. A quimioterapia é a maior vilã, nesse caso, pois pode prejudicar meus ovários.

Praticamente o liberei do compromisso comigo dizendo que não era uma obrigação, ele estar comigo. E, ele me surpreendeu e me deixou mais conf iantequando disse que nada disso importava. Acreditei nele, claro.

Entendi que a vida estava exigindo coragem e maturidade de mim para lidar com a doença e ser capaz de abrir mão da minha

história de amor... por amor ao Daniel. Sof reria,óbvio que sim, mas doeria menos do que vê-lo inf eliz ao meu lado.

— Daniel ainda não chegou? — indago, ajeitando o lenço no meu cabelo.

Ele está indo embora. Historicamente, o cabelo está associado a f eminidadee beleza nas mulheres. Não está sendo um processo f ácilacordar todos os dias e ter uma grande quantidade de f ios soltos no meu travesseiro. Apesar disso estou podendo me enxergar muito além, eu sou mais do que meu cabelo. Está tudo bem... eles vão crescer.

Minha melhor amiga começou a selecionar vários modelos de peruca. Nos divertimos juntas rindo de alguns modelos ousados demais, e outros que jamais cogitei em usar ou f azerno meu próprio cabelo. Serei bem versátil.

— Filha, acho que ele não vem — responde o meu pai Camilo com um grande pesar em sua expressão.

Miro nos olhos do meu pai Thibaut e concluo que tem alguma coisa errada.

— Podem me contar o que aconteceu, papais.

Apanho o celular no meu colo e vejo que não tem nenhuma ligação ou mensagem do meu noivo.

— Carinho, é melhor f inalizar a quimio primeiro. Depois conversamos — prof ere meu pai Thibaut, nego rapidamente balançando a cabeça.

— Assim f icarei mais ansiosa, papai.

Ambos se agacham f icandodo meu lado direito. A mão do meu pai Camilo acarinha minha perna coberta pelo moletom f olgado

que estou usando, enquanto o papai Thibaut segura minha mão.

— A mãe do Daniel veio avisar que ele juntou todas as coisas dele numa mala e saiu sem dizer nada — revela meu pai Camilo.

— Ele teve treino, papais, então...

— Fui ao clube e disseram que ele não apareceu lá. Um dos amigos dele disse que há dias f oidesligado das atividades do clube.

— Impossí vel, ele treina os sete dias da semana.

Mal termino de f alare meus olhos ardem com as lágrimas se acumulando.

— Liguei para o aeroporto e minha amiga conf irmouque ele pegou um voo para Milão, Carinho — papai Thibaut é piloto de avião de uma grande empresa de linha aérea.

Rapidamente desbloqueio o celular e ligo para o Daniel. Cai direto na caixa de mensagem. Tento outra vez.

— Filha, eu...

— Talvez tenha aparecido outra oportunidade e ele precisou sair às pressas, papais — digo com a voz chorosa. — Tem que ter uma explicação.

Minha voz saiu num murmúrio e sinto o gostinho salgado das lágrimas umedecerem meus lábios que estão extremamente sensí veis devido as pequenas f eridinhas que começaram a surgir. Outro ef eito colateral. Até escovar os dentes tem sido dif í cil.

— Carinho, nós estamos aqui. Estaremos com você até o inf inito — enuncia o meu pai Camilo.

Reparo que tenho uma notif icação do banco. Digito a senha e abro o aplicativo indo direto para a poupança. Foi sacado metade do

dinheiro que continha.

Largo o celular no colo.

Continuo chorando silenciosamente e deixo escapar alguns soluços. O amor da minha vida f oiembora, me deixou. Sem direito a despedida, sem direito a último beijo e abraço. Ele simplesmente f oi como se eu não signif icassenada. Dei a opção de términos assim que soube da doença. Daniel me encheu de mais esperanças quando disse que f icaria, e agora... Deus, como está doendo.



Fecho o notebook sem concentração e f orçaspara estudar. Há exatamente seis dias que Daniel f oi embora. Torci para que enviasse um e-mail, mensagem ou ligasse. Não tive sequer um término respeitoso. Voltei para a casa dos meus pais. Daniel e eu estávamos morando num pequeno apartamento próximo a universidade que estudo.

— Estou quase terminando a sopa, Carinho — avisa meu pai Camilo.

— Papai, estou muito enjoada.

— Tem que f azer um pouquinho mais de esf orço, f ilha.

Repentinamente as lágrimas se acumulam em meus olhos. Forço um sorriso quando escuto passos vindo do *hal l*da casa. É meu pai Thibaut e minha melhor amiga.

— Trouxe seus chocolates pref eridos e selecionei os melhores ví deos de dançarinos extremamente gatos para

assistirmos — enuncia Ariana largando sua bolsa no outro sofá.

Meus pais riem.

Ela é uma ruiva linda e muito divertida. Ariana senta pertinho de mim. Recebo um beijo na testa do papai Thibaut.

— É uma boa ideia — admito tentando manter o sorriso.

— Eu sempre tenho ótimas ideias.

— Nem sempre — meus papais falam em uníssono e rimos.

— Deu tudo certo, pai?

Meu pai foi desfazer o contrato de aluguel do apartamento e entregar as chaves. Pagou uma pequena multa, o que me deixou triste. Meus pais tem gastado muito comigo. Não fazia sentido ficar no apartamento, ainda mais sozinha, tenho longos meses de tratamento pela frente.

Os pais do Daniel vieram me visitar dois dias depois que ele partiu. Eles não têm culpa pela decisão do filho, ninguém tem. Eu não queria que o Daniel ficasse namorando comigo por obrigação. Estou sofrendo por ele ter ido de formatão covarde, poderí amos ter conversado e terminado numa boa. Para falar a verdade estou me sentindo traí da.

— Sim, Carinho. Tudo resolvido. Conseguiu se alimentar?

— Estou muito enjoada.

— O que acha de irmos para a varanda de inverno, escutar o melhor disco do *Love of Lesbian*, apreciar a bela vista do nosso quintal. Quem sabe depois consegue comer um pouquinho, filha?

— Espero que esteja falando do disco *El Poeta Harlequin*, papai — falo emocionada fitando meu pai Camilo, que propôs a ideia.

— Óbvio que é esse.

Tento levantar mais uma tontura f orte me atinge.

— Preciso de alguns minutos, pessoal.

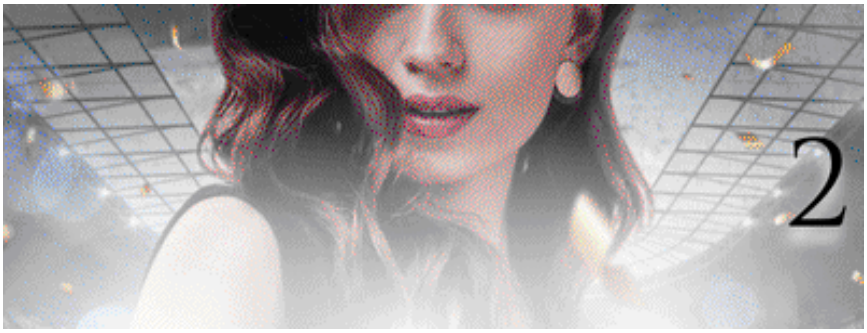
— O papai leva você, Carinho — diz meu pai Thibaut.

Hoje estava tão f raca que não consegui tomar banho sozinha. Meu pai Camilo me ajudou, caso contrário não conseguiria.

Papai Thibaut me ergue em seus braços musculosos e f ortes. É um negro de um metro e noventa. Chama atenção pela beleza e expressão f echada. Quem não o conhece pensa que é uma pessoa mal-humorada, ele é totalmente o oposto da primeira impressão que as pessoas deduzem. Meu pai Camilo é um loiro de corpo atlético e muito talentoso. É um artista plástico renomado. Sou muito grata a Deus por ter dois pais incrí veis.Não sei onde estaria hoje caso não tivessem me adotado.

Sentamos no estof adoem tamanho f amí liæ meu pai Camilo f ica responsável por ligar o som embutido no aplicativo do seu celular. A primeira música preenche o ambiente e novamente as lágrimas aparecem, dessa vez não consigo controlar.

Tiro a aliança de noivado e a f echo dentro da mão.



Julho de 2022

LANA

Meus pais alugaram uma casa para passarmos quinze dias de nossas férias tendo no quintal um caminho lindíssimo até a Praia de Langre. Fiquei impressionada com o valor do aluguel, mas papai Camilo garantiu que não ficarão no vermelho. A última exposição do meu pai foi um sucesso, e claro, rendeu uma boa quantia em dinheiro.

Optaram pela Praia de Langre por ser tranquila e menos frequentada em comparação as demais, principalmente nas férias de verão. Meus pais também confessaram que mais do que nunca temos que comemorar, pois passei pelas revisões e pude voltar a respirar aliviada pela doença não ter voltado. Outro motivo para comemoração é que um dos meus artigos sobre nutrição esportiva foi publicado por uma revista de esportes e outra de nutrição, ambas importantíssimas na Espanha. Meu artigo não ganhou destaque em nenhuma das revistas, mas, caramba, eu fiz parte. Isso é demais.

Aproveito que minha melhor amiga está ocupada demais discutindo com seu pai por ligação e abro o *Instagram* de fotos

mais famoso da Europa. O sinal de internet aqui é péssimo quase não carrega a página. Toco no meu pingente de trevo de quatro folhas, que agora carrego no meu cordão, enquanto leio as últimas notícias sobre o Daniel Reis.

Ele é o atacante do Inter de Milão há exatamente cinco anos. Lembro-me até hoje quando saíram as primeiras notícias dele. Era um homem jovem, lindíssimo e considerado um dos melhores em tão pouco tempo. Seu sucesso não me machucava, e sim ver suas fotos e vídeos com belas modelos. Internamente fazia comparações e nunca alcançaria o patamar de perfeição delas. Eu estava careca, magra, pálida e fingia que estava superando.

Dois anos após sua partida, Daniel começou a enviar mensagens e e-mails. Estava decidida a não respondê-lo. Ele colocou um ponto final sem ter consideração alguma por mim, não tinha motivos para eu ser educada e escutá-lo. No entanto, acho que não o superei como digo e penso. Vez ou outra não resisto e busco por fofocas na mídia sobre o Conquistador de Milão.

— Temos vizinhos — escuto minha amiga dizer assim que entra na sala de estar, rapidamente bloqueio a tela do celular.

— Temos?

Apoio a mão no seu ombro e observo uma Mercedes, com vidros extremamente escuros, entrar na casa de praia ao lado. Seu celular toca e ela bufa, assoprando com força.

— Não acha que deveria fazer uma trégua com seu pai?

— Impossível. O cabeça-dura não me dá um mísero apoio. Formei-me em direito, pois era o sonho dele e agora quero ser agente esportiva. Qual o problema?

— Nenhum. Você é inteligente, sagaz e determinada.

— É um mercado dominado por homens. Meu pai está com medo pelo que a mídia irá dizer. Ele não tem um pingo de fé em mim.

O pai da Ariana é técnico do Real Madrid há quase quatro anos. Ele é uma ótima pessoa quando não está tentando fazer sua filha mudar de ideia sobre ser agente esportiva. O chamo de Chefão, que é o seu apelido.

— Conheço você o suficiente para saber que irá provar o quanto é capaz.

— Acertou, amiga. Vou atender o meu pai. Já descemos para a praia.

Meus pais foram ao mercado e voltarão antes do horário do almoço para almoçarmos juntos num charmoso restaurante que vimos a caminho para cá. Aguardaremos eles na praia. Confiro o horário no relógio de parede e vou até minha necessaire que está em cima do balcão da cozinha. Abro-a e tiro a pílula que tomo todos os dias às nove e meia da manhã. Pego uma banana e como-a para não ingerir a medicação forte de barriga vazia. Quando termino de comê-la, tomo o remédio.

Sem conseguir controlar a vontade de continuar *stalkeando* a vida do meu ex-noivo apanho o celular em cima do sofá e sigo para a área da piscina. Os muros que divide as casas nas laterais, na parte de trás, são baixos.

— Ah, qual é? — resmungo querendo sinal de internet.

Fico na ponta dos pés, encostando o corpo no muro baixo. Espio o quintal do vizinho e sorrio vendo o garotinho loiro

demasiadamente concentrado e olhando para dentro da piscina. Seu cabelo loiro tem um corte moderno, as laterais mais baixas, deixando os fios de cima mais longos e com uma pequena franja.

Pela porta francesa da mansão vejo algumas pessoas passarem por ela, dentro da casa. Pelo jeito é uma família grande. De qualquer formanão deixariam uma criança sozinha perto de uma piscina.

Ok... isso não é problema meu. Quero apenas sinal de internet para continuar sendo masoquista e ver qual é a supermodelo que meu ex safado está saindo nessa semana. A ventania traz os meus cabelos ondulados, cor castanho-canela, para o meu rosto. Afasto-oserguendo mais o braço atrás do sinal filhoda mãe.

Assusto-me quando escuto um barulho. Deixo o celular de lado ao perceber que o garotinho está dentro da piscina. Bom, ele pode ter se jogado para um mergulho..., mas de roupa? Aperto os lábios esperando o loirinho emergir.

— Será que ninguém vai aparecer? Se o deixaram sozinho na piscina é porque deve saber nadar — converso comigo mesma.

Olho em direção a porta e não vejo mais a movimentação.

— Cadê você, lindinho? — reclamo.

Sem pensar duas vezes deixo o celular em cima do muro baixo e impulsiono o corpo para pulá-lo. Assusto com as braçadas irregulares do garotinho, ele mantém o corpo na vertical o que é um indício de afogamento. Mergulho na piscina.

— Calma, bebê, peguei você — digo tentando acalmá-lo.

Ele continua batendo os braços.

— Queria ver o fundo... o fundo... — fala ofegante, e tosse muito.

Acho que deve ter menos de dez anos. O garotinho não consegue focar os olhos verdes em mim.

— Ei, preciso de ajuda — grito querendo que a família dele venha o acudir.

— Ander não gosta de gritos, senhorita — diz entre as tosses.

— Seu nome é Ander — concluo mais para mim do que para ele.

É um nome com significado muito forte e bonito.

Saio da piscina pela escada o mantendo no meu colo. Com ele no meu colo a porta é aberta e um homem alto marcado por tatuagens bonitas e coloridas, usando um pequeno brinco de argola na orelha direita e rosto másculo muito bonito entreabre os lábios que são naturalmente rosados me fitando com nítida surpresa e... fúria?!

— O que fez com o meu filho? — questiona arrancando a criança dos meus braços.

Eu?! Quanta grosseira.

— Eu pulei o muro para salvá-lo. Ele estava se afogando. De nada.

Tento me aproximar do garotinho quando ele o coloca sentado na espreguiçadeira, mas o idiota não permite.

— Não toca no meu filho! Está me perseguindo? É mais uma daquelas vadias, puta merda.

Uau... que idiota.

— Pode deixar de ser idiota por alguns minutos e trazer cobertores para aquecer seu f ilho?

— Golias! — chama por alguém me ignorando.

— O que aconteceu, f ilhote? Fale com o papai.

O menino evita contato visual com o pai. Eu também evitaria, pois ele é um idiota.

Um homem alto e exageradamente musculoso surge me f itandocom a sobrancelha erguida. Dou de ombros e ele segue para onde o mal-educado está com o f ilho.Logo outro homem, quase tão bonito quanto o babaca, e duas loiras idênticas se juntam. Não costumo tirar conclusões precipitadas, porém, espero que o arrogante não estivesse ocupado demais com as loiras para dar atenção ao f ilho.

— Chame um médico, Teresa. Quero ter certeza que meu f ilho está f ora de perigo — solicita o pai do loirinho para uma das loiras.

— Eu sou Juan, irmão do...

— Ela sabe muito bem quem somos. Não estava esperando a oportunidade de aparecer à toa. Irei verif icar as imagens das câmeras de segurança e, juro por Deus, se tiver jogado o meu f ilho na piscina, tê-lo induzido, irei acabar com você! — ameaça.

— Não sei quem é você. Desculpa te desapontar, sei que agora está absorvendo o f atode que o mundo não gira ao redor do seu umbigo. Eu estou passando as f ériasna casa ao lado — aponto com o polegar para trás de mim. — Estava procurando sinal no celular e vi quando seu f ilho entrou na piscina e não voltou.

— Celular? Tirou f otos do meu f ilho, porra?

O grandalhão pega o meu celular em cima do muro e o empurra para mim.

— Não tirei f otos desse lindinho.

— Desbloqueia. Quero ver.

— Está violando minha privacidade — argumento f icando puta com esse idiota bonito... bonito e cretino.

— E você violou a minha quando invadiu uma propriedade particular e nos assediou.

— Calma aí ,irmão. Trate a moça direito — pede a loira que f icou.

Hmmm... então são irmãos.

Seria um ótimo momento de usar o que venho aprendendo no *muay t hai* nesse idiota. Respiro f undo mantendo um sorriso no rosto, mas por dentro estou socando sua cara bonita. Desbloqueio o celular e estendo para ele.

Minutos depois um vinco se f orma na sua testa. Toma, babaca. Sua í ris castanha-escura, que antes achava uma cor lindí ssima e agora acho horrí vel, me avaliam, desta vez um pouco f ixos no meu colo. Espera aí ,reparo que o tecido do biquí ni branco está marcando muito o piercing que tenho no mamilo direito, deveria tê-lo tirado. Costumo não usá-lo quando vou à praia. Ainda bem que estou usando uma pantalona de tecido levinho, que uso como saí da de praia, na cor preta, por baixo, a calcinha do biquí ni.

Ainda com um pequeno sorriso nos lábios estendo a mão e movimento os dedos exigindo meu aparelho de volta.

— Não tem nada — murmura.

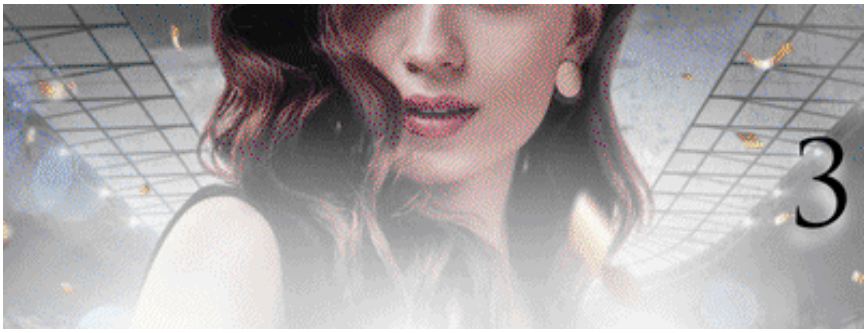
— Quando ver as imagens, pegue elas e... — enf ie onde o sol não bate. — Faça bom proveito.

Aceno para o lindinho que mantém os olhos f ixos em mim. Digo:

— Tchau, Ander. — Desf aço o sorriso sincero que direcionava para o garotinho e volto a olhar para o babaca. — Cuide melhor do seu f ilho— prof iro com um sorriso que o deixa mais puto da vida.

Passei por coisas piores na minha vida. Não será esse idiota que irá tirar o meu sorriso.

Regresso pelo mesmo caminho, pulo o murro.



MARCO CARVAJAL

Ter uma casa na praia tendo como fundo a Praia de Langre foi um dos investimentos imobiliários mais vantajosos. Estou na praia considerada a mais bonita da região da Cantábria. Apesar das praias estarem lotadas devido as férias de verão aqui é mais tranquilo. O que é ótimo, pois não quero ser importunado. Um dos motivos para não ter saído da Espanha, é que fora dela sofreria o mesmo assédio que recebo aqui. Além disso, odeio viajar sem planejamento prévio ainda mais com Ander.

— Por que não posso fazer uma tatuagem? — questiona minha irmã caçula, Lucía, pela quinquagésima vez.

Largo o celular e acarinho o cabelo loiro do meu filho que dorme com a cabeça apoiada no meu colo.

— Você é menor de idade.

— Faço dezoito ano que vem — argumenta de forma péssima. — E, outra, você permitiu que Teresa fosse naquela viagem com as amigas metidas dela.

— A qual você também foi.

— Fui obrigada.

— Vocês têm o dever de cuidarem uma da outra quando Juan ou eu não estamos por perto.

— Teresa é sua preferida, Marco. Tudo que ela pede você faz.

Lucía e Teresa são gêmeas e sou sincero quando digo que Lucía herdou todo o meu mau humor. Eu sei que não sou fácil de lidar, porém, devido a minha carreira e exposição acabei me tornando mais protetor e desconfiado com as pessoas que se aproximam de nós. Tive a prova de que alguns se chegam somente por interesse. Isso é uma merda, é um dos lados negativos da fama.

Até hoje luto com tudo para evitar que imagens do Ander saia na mídia. O mesmo fiz com os meus irmãos mais novos — Juan, Lucía e Teresa — no entanto, meio que se tornou impossível nos últimos anos. Principalmente do Juan que por estar na faculdade acabou chamando mais atenção e sua fama de *playboy* juntamente a minha nos torna alvo dos fofoqueiros de plantão.

— Não tenho uma preferida. Amo as duas da mesma forma. Vocês me irritam pra caralho, mas amo vocês.

— Você é cheio de tatuagens, tem brinco na orelha...

— Eu sou adulto.

— Começou a fazer tatuagens antes dos dezoito, irmão.

Agora o argumento dela foi bom, pois é verdade.

— Verdade, mano. Lembra que tatuamos primeiro uma no abdome... — Encaro feioPol, um dos meus melhores amigos e meu preparador físico, ele para de rir e prossegue: — Irei ficar calado.

— Acho uma excelente ideia — resmungo.

— *Tá* vendo? É hipocrisia.

— Lucía, eu sou seu responsável. Eu que mando. Você f ará tatuagem quando completar dezoito anos.

Buf a, f azendo um coque no seu cabelo loiro natural.

— Então vamos f alar do meu ano sabático.

— Você não vai f icarum ano viajando por aí sem rumo. Já f alamos disso, Lucí a. Irá para a f aculdade.

— Eu ainda não decidi o que quero f azer E tirar um ano sabático...

— Tem tempo para decidir. E f açao f avorde manter a rotina de estudos e notas boas.

Próximo à propriedade Ander acorda e beijo sua bochecha. Agora ele aceita melhor meus carinhos. Tudo é no seu tempo, sempre respeitando seu momento. Lucí a continua f alando sem parar. Ajudo meu f ilhoa sair da Mercedes Classe G blindada, logo em seguida os outros dois carros entram na propriedade. Juan e Teresa vieram em um com o segurança dirigindo, e no outro veio meu agente com Danna — que é f uncionária do lar e que está comigo há quase dez anos.

Ander adentra a mansão segurando sua mochila.

— Precisamos conversar sobre aquela marca de energético, Marco. Estão of erecendoo dobro — Christian, meu agente e melhor amigo prof ere sem desviar a atenção do*i Pad*

— Não irei f azer publicidade para aquela merda. Não tomo enérgico.

— Eles vão pagar muita grana, irmão — salienta Christian.

— Minha resposta continua sendo a mesma — respondo e coloco as mãos na cintura assistindo as gêmeas discutirem. — Podem parar? Nem consigo pensar direito com vocês duas berrando.

— Ela começou! — acusam em uní ssono.

— Irei ao centro, querem algo? — pergunta Juan.

— Temos tudo que precisamos. E se está querendo ir ao centro irá a pé, Juan — prof iro, sério.

— Como assim, mano? Ainda está puto comigo pelo visto.

— Você não vai dirigir tão cedo, Juan.

— Incrí vel como você é maleável com as duas pestes e comigo explode de um jeito absurdo — exclama e sorrio quando Pol puxa a orelha do moleque bonito e rebelde.

— Ainda está de castigo, Juan. Sem drama, por f avor

— Isso não é justo.

Entro em casa escutando a discussão dos meus três irmãos e do Christian tentando me convencer a f azera publicidade para a maior marca de enérgico do mundo. Basta as publicidades que aceito devido ao contrato com o clube. As publicidades pessoais, ao menos, tenho a opção de escolher. Nem tem vinte e quatro horas que estou de férias e já quero tampar a boca dos meus irmãos com f ita isolante.

Respiro f undoquando Lucí acomeça a correr atrás da Teresa que não f icaatrás nas provocações. Quando elas estão de TPM são bem piores.

Santo Deus.

Meu celular começa a vibrar e preciso atender a ligação do meu contador. Recordo-me que f icamosde f alarsobre meu imposto. Sou bem rigoroso e atento quanto a isso. Meus três irmãos briguentos me seguem ainda absortos na briga. E, eu jurava que quando f icassem maiores iriam dar menos trabalho.

— Ligue-me mais tarde, agora estarei ocupado matando os meus irmãos — encerro a ligação sem dar chance de despedida para o contador. — Se vocês não calarem a boca juro por Deus que irei amarrar os três, porra!

Escuto uma voz suave ao longe pedindo ajuda. Não é o Ander... gelo na hora percebendo que esqueci por longos minutos do meu próprio f ilho. Saio correndo do escritório, abro a porta f rancesae dou de cara com uma desconhecida segurando o meu f ilho no colo. Ambos encharcados.

— O que f ezcom o meu f ilho?— questiono arrancando-o de seus braços.

— Eu pulei o muro para salvá-lo. Ele estava se af ogando.De nada.

Quando f az menção de se aproximar do meu menino, quando o coloco sentado na espreguiçadeira, não permito.

— Não toca no meu f ilho!Está me perseguindo? É mais uma daquelas vadias, puta merda — xingo f ulo da vida.

— Pode deixar de ser idiota por alguns minutos e trazer cobertores para aquecer seu f ilho?

— Golias! — chamo o lí der da segurança.

— O que aconteceu, f ilhote? Fale com o papai.

Meu f ilho evita contato visual comigo.

Finalmente Golias e meus irmãos aparecem.

— Chame um médico, Teresa. Quero ter certeza de que o meu f ilho está f ora de perigo — solicito.

— Eu sou Juan, irmão do...

Interrompo a apresentação do meu irmão caçula.

— Ela sabe muito bem quem somos. Não estava esperando a oportunidade de aparecer à toa. Irei verif icar as imagens das câmeras de segurança e, juro por Deus, se tiver jogado o meu f ilho na piscina ou tê-lo induzido, irei acabar com você! — ameaço com o olhar pétreo em cima dela.

— Não sei quem é você. Desculpa te desapontar, sei que agora está absorvendo o f atode que o mundo não gira ao redor do seu umbigo. Eu estou passando as f ériasna casa ao lado — aponta com o polegar para trás. — Estava procurando sinal no celular e vi quando seu f ilho entrou na piscina e não voltou.

— Celular? Tirou f otos do meu f ilho, porra? — indago, f uriosc

Golias pega o celular dela em cima do muro e o empurra para a desconhecida.

— Não tirei f otos desse lindinho — responde sem desviar os olhos castanho-claros dos meus.

— Desbloqueia. Quero ver — exijo.

— Está violando minha privacidade — alega f icando nitidamente brava.

Mordisca de leve o lábio carnudo como se estivesse segurando a vontade de f alarcoisas que tenho certeza de que não irei gostar.

— E você violou a minha quando invadiu uma propriedade particular e nos assediou.

— Calma aí , irmão. Trate a moça direito — pede Lucí a.

A desconhecida curva os lábios num sorrisinho debochado. Por f imdesbloqueia o celular e estende para mim. Nossos dedos se tocam levemente e ignoro a vibração de calor, pois sei que é devido a raiva.

Inevitavelmente f icocom mais raiva ao constatar que não tem f otos do Ander na galeria do seu celular. Diante das *sel f i es* da garota desconhecida reparo com mais atenção nos seus traços. Ela tem um sorriso bonito e covinhas, nariz arrebitado, bonitinho... bonitinho?!

Ergo o rosto e f aço uma inspeção que normalmente f aço quando vejo uma mulher bonita. Tive muitas. O calor volta a se instalar quando avalio os seus peitinhos, são pequenos e lindos, apesar de estar acostumado com peitos grandes, pois a maioria das mulheres que saio tem silicone — não que seja um problema. Eu os adoro. Atento aos detalhes consigo ver o acessório que carrega no peitinho direito. Ok... é sexy, muito.

Ela não parece uma das Marias Chuteiras. Ainda sou perseguido por muitas. Se a garota f osse estaria jogando charme, f azendo qualquer coisa para ter minha atenção.

Mantendo um sorriso simpático nos lábios cheios estende a mão e movimenta os dedos exigindo o aparelho de volta.

— Não tem nada — murmuro.

— Quando ver as imagens, pegue elas e... — f azuma pausa e volta a sorrir. — Faça bom proveito.

Acena para meu f ilho que mantém os olhos f ixos nela.

— Tchau, Ander. — Desf azo sorriso sincero que direcionava para meu menino e volta a olhar para mim. — Cuide melhor do seu f ilho — prof ere com um sorriso que me deixa mais puto da vida.

Ah... f ilha da mãe!

Vira de costas e caminha até o muro baixo e o pula parecendo uma moleca.

— Ela é gostosa — comenta meu irmão caçula.

— Cala a boca, Juan — mando, voltando para o meu f ilho.

Pego-o no colo e entramos na morada.

— Chef e, irei verif icar as imagens das câmeras.

Anuo para o chef e da equipe de segurança.

— Senti verdade nela, Marco. Você f oi muito rude — f ala Lucí a me seguindo.

— A única coisa que vi nela f oia bunda gostosa — prof ere o Juan e f ico f eliz quando Lucí a acerta sua nuca com um tapa.

— Seu nojento!

— O médico já está chegando, mano.

— Obrigado, Teresa.

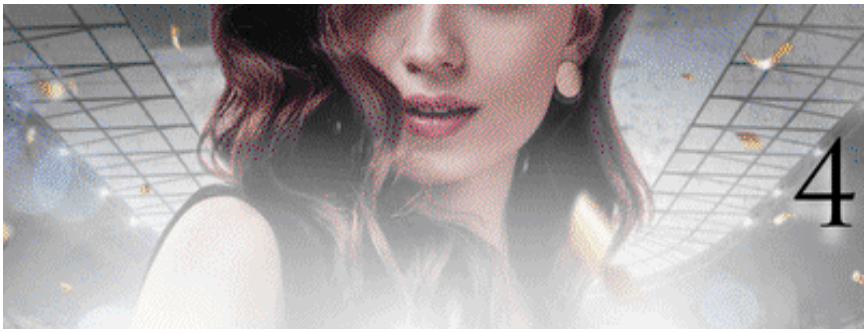
Adentro a suí te principal com Ander, indo direto para o banheiro.

— Está sentindo alguma coisa, bebê?

Nega balançando a cabeça. Tosse uma, duas, três vezes seguidas.

— Papai pode tirar sua roupa?

Concorda erguendo os bracinhos para cima.



LANA

Que estúpido.

Entro em casa buf ando. Daria tudo para ver a cara do arrogante quando visse as imagens nas câmeras de segurança. Fiquei mais f uriosa quando insinuou que poderia ter induzido o seu f ilho a pular na piscina. E como assim eu sei quem ele é... caramba. Ele é o Marco Carvajal, capitão e zagueiro do Real Madrid.

O pai da Ariana tem praticamente um altar com as melhores f otos dos jogadores do seu time, principalmente em campeonatos. Além disso, muitos jogadores se inspiram na carreira e disciplina dele.

— Por que está molhada? — minha melhor amiga pergunta.

Largo o celular em cima do sof á.

— Eu estava atrás de sinal para acessar a internet, e vi quando o garotinho, f ilho do nosso vizinho, caiu na piscina. Pulei o muro para salvá-lo.

— Caramba! E onde estavam os pais do menino?

— A mãe, eu não sei, mas o pai é um tremendo de um idiota. Adivinha quem é?

Subimos as escadas indo em direção ao quarto que estou instalada.

— Ele é gato?

Adoraria dizer que não.

— O capitão do Real Madrid — f alo com desgosto.

Apanho uma toalha limpa e sigo para o banheiro.

— Está f alando do Lobo Espanhol?

Buf o irritada desatando o nó do biquí ni.

— Estou f alando do Jamanta Espanhol. Lobo? — questiono com desdém.

Toco na cicatriz extensa onde f oi realizada a cirurgia para a retirada do tumor do meu seio esquerdo e respiro f undo. Admito que ainda não é f ácil lembrar de todo o tratamento... me dá calaf rios só de imaginar. Por mais positiva que eu seja, não consegui ser f orte o tempo todo.

Entro debaixo da ducha escutando a risada da Ariana.

Minutos depois saio do banheiro e vou até a mala caçar outro biquí ni.

— Ele f oi tão ruim assim?

— Só f altou chamar a polí cia. Que f ique claro que eu odeio ele — declaro. — Ele deu a entender que era uma Maria Chuteira e que tive culpa do af ogamento do seu f ilho. Por conta da acusação precipitada nem havia me lembrado que o conhecia da mí dia, e mesmo se tivesse lembrado na hora, f ingiria para não dar mais arma para ele.

Encaro minha melhor amiga aguardando seu apoio verbal. Ariana ergue o corpo apoiando os cotovelos no colchão macio em silêncio.

— Não vai dizer nada?

— Posso ir lá e dizer para o Marco que destratou a minha pessoa f avorita.

Solto um beijo para ela que sorri.

— Não, precisa. Além disso, seu pai é treinador do time... não quero problemas. Espero que meu paciente não seja amigo próximo dele.

Quero aproveitar muito as f érias, pois assim que regressar começarei no meu emprego novo. Serei nutricionista exclusiva do atacante do Real Madrid. Nesses últimos dois anos trabalhei com jogadores de f utebol do time Rayo Vallecano de Madrid, com as jogadoras do Real Madrid e com a equipe de basquete San Pablo Burgos.

Meu portif ólio prof issional está em um excelente patamar. Conquistei meu próprio espaço. A nutrição esportiva é mais dominada por homens do que por mulheres. Eu também adoro pesquisar e escrever artigos sendo que a maior parte deles são baseados na minha experiência o que enriquece mais o meu trabalho cientí f icoOutra parte que curto é ministrar palestras, nem sempre é possí vel devido ao tempo.

Decidi voltar a trabalhar como nutricionista exclusiva devido aos meus altos e baixos. Tem dias que estou maravilhosamente bem, mas tem outros que desejo apenas continuar na cama. Não é

porque eu sou preguiçosa, e sim o meu corpo reagindo após o intenso tratamento.

Apesar de gostar de trabalhar com uma equipe esportiva inteira, preciso respeitar o meu corpo. O lado bom é que terei mais tempo para prosseguir na escrita dos meus f uturos artigos.

Retorno ao banheiro com o conjunto de biquí ni. Enxugo o meu corpo e começo a hidratá-lo com os dois cremes corporais que costumo usar. Passo bastante, sem pena. Trouxe embalagens extras dos meus cremes.

— Aliás, cadê o contrato de trabalho? — pergunto saindo do banheiro, enxugando meu cabelo.

Ariana é minha agente. Sou a única pessoa no mundo, segundo ela, que não é atleta e que ela irá agenciar. Bom, na verdade, preciso mais dela atuando como advogada devido aos contratos de trabalho. No entanto, para não deixá-la f uriosa digo que é minha agente. Sinceramente minha amiga arrasa e espero que algum atleta acredite no potencial dela.

— Sua bunda é linda — elogia tentando desviar do assunto.

— Você também tem uma linda. O empresário do Xavi não enviou ainda?

— Não, mas irei ligar para ele agora mesmo.

— Ok.

— Irei f azer isso no meu quarto — diz e pula para f ora da cama.

Franzo o cenho estranhando sua atitude.

— Você costuma tratar disso sempre na minha f rente.

— Verdade, mas antes irei ligar para o meu pai. Não f alei tudo que queria.

Sai praticamente correndo do quarto.

MARCO

Após o banho meu f ilho permite que eu o enxugue. Ele tem sua independência, mas gosto de cuidar dele. Ander f ará oito anos em setembro, meu garotinho lindo está crescendo f orte e saudável. Lamento por não ter acompanhado de perto seu desenvolvimento por estar ocupado demais treinando para ser o melhor. Não pretendia ser pai, pois já me considerava pai dos meus três irmãos caçulas desde que nossa mãe f aleceu jovem e f iquei com essa missão.

Minha mãe, Linda Carvajal, era uma dançarina de Flamenco e ganhava a vida f azendo apresentações. Lembrar da minha mamãe só traz coisas boas e uma saudade grande. Era a melhor mãe do mundo. Inf elizmente meus irmãos não conviveram muito com ela e f elizmente não conviveram o suf iente com o desgraçado do nosso progenitor, que nos largou assim que mamãe f oi diagnosticada com câncer de pulmão.

Ele não teve respeito pela minha mãe. Por nenhum de nós.

— Filho, por que pulou na piscina?

— Eu queria chegar no f undo, papai... só não... calculei direito.

— Essa piscina é muito f unda, vida. E como não gostou das aulas de natação com a prof essora...quem sabe posso te ensinar a

nadar. Basta pedir.

Meu filho desde novinho apresentou baixo contato visual e não gostava de receber abraços e carinhos. Pensei que a falta de interação com outras crianças da sua idade fosse a responsável pela sua atitude e claro, a minha ausência na maior parte do seu dia. Quando fez três anos fui negociado para jogar no Paris Saint Germain. Nossa mudança para Paris o afetou de uma forma que me assustou pra caramba.

Depois de consultá-lo com pediatra que nos encaminhou para um psiquiatra infantil e neurologista pediátrico. O diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista — TEA — me pegou desprevenido, quer dizer, nenhum pai ou mãe está preparado para andar por um caminho desconhecido, pois logo vem o medo de como seu filho será tratado quando não estiver perto de você, as consequências que o transtorno trará para vida do seu bem mais precioso. Inevitavelmente você fica assustado e com medo.

— Desculpa o papai, vida — peço e ganho sua atenção. — Não deveria ter deixado você sozinho.

— Gosto de ficar sozinho, papai — fala o que já sei. — Além disso, o senhor estava contendo meus titios que são como leão e hiena. Leão e hiena são um dos maiores inimigos da selva, eles têm o mesmo gosto para comida. Diferente dos leões, as hienas costumam trabalhar em equipe, é meio que complicado saber quem ganha a batalha.

Sorrio admirado com sua inteligência. Ele sabe muito mais do que as crianças da sua idade.

— Gostei da comparação e de saber mais sobre leões e hienas.

— É... bom saber, papai.

— A moça que o ajudou, ela havia dito alguma coisa para você antes de cair na piscina?

Meneia a cabeça negando.

— A moça bonita com cheiro de algodão-doce me salvou, papai.

— Algodão-doce?

— Quando ela me pegou no colo encostei o nariz no braço dela... era algodão-doce, papai.



Deixo Ander montando o quebra-cabeça de uma paisagem da selva com o Juan e sigo o Golias. Fico bem f elizpor ver a grade de proteção que estão instalando na piscina. Eu já deveria ter cuidado disso antes.

— Olhe.

Assisto as imagens me sentindo mais culpado pela f ormaque tratei a desconhecida. Ia f alar para o Golias que seria desnecessário acessar as imagens das câmeras de segurança, pois Ander havia conf irmadoa inocência da garota. Observo cada segundo do ví deo. Ela pulou o muro e se jogou na piscina para salvar o meu f ilho. Antes disso não houve interação entre eles e ela realmente parecia

buscar por sinal no aparelho devido a maneira que seus braços estavam erguidos para o alto.

— Você, melhor do que ninguém, sabe que já passamos por situações complicada por causa de f ãs f anáticos — justif ico e devolvo o tablet para ele.

— Eu sou sensitiva, irmão. Ela pareceu verdadeira para mim. Ninguém me escuta — prof ere Lucí a que surgiu do nada.

— O médico chegou — grita Teresa indo recebê-lo.

— Ela merece um pedido de desculpas — diz, Lucí a,o óbvio.

Engulo o orgulho e anuo.

— Se quiser posso f azerisso em seu nome, mano — sugere Juan.

— Não! — Lucí a e eu f alamos ao mesmo tempo.

LANA

Um dos motivos de virmos a Cantábria é para visitarmos o casal de amigos dos meus pais desde o tempo da f aculdade. A dif erença dessa vez é que alugamos uma casa de praia chique.

O restaurante dos amigos deles abre somente à noite e serve apenas f rutos do mar e acompanhamentos. Além de f icarem uma área privilegiada tem música f lamenca. Eu amo música e dança f lamenca tanto quanto ador*or eggaet on*

— Deixei uma mesa reservada para vocês. Como é bom tê-los aqui — enuncia Fábio, amigo dos meus pais.

— Como sempre um querido — diz meu pai Camilo.

Começa uma chuva de cumprimentos e abraços entre nós e Fábio e seu esposo Pipper.

— Pessoal, precisam deixar o celular no guarda-volumes — comunica Pipper aparentemente sem graça.

— Eu adoro registrar os momentos em f amí lia,tios — f alo f azendo um muxoxo.

Inconscientemente comecei a registrar mais os momentos em f amí liadias depois de ser diagnosticada com câncer de mama. É meio mórbido admitir que f azia isso para que as pessoas que eu amo tivessem f otos dos nossos melhores momentos. Em todos os registros mantinha o sorriso apesar de por dentro estar me sentindo a beira de um penhasco.

— Docinho, lamento. Prometo que é apenas por hoje — garante Fábio. — O Lobo Espanhol reservou com antecedência e pagou um extra para que recolhêssemos os celulares na entrada para preservar a privacidade dele e dos f amiliares. Inclusive disse para avisarmos aos f ãs que estiverem presentes que no f inal do jantar ele atenderá alguns.

O Jamanta Espanhol tinha que vir jantar aqui hoje? Estou odiando ele um pouco mais por estar estragando meu jantar em f amí lia. Dane-se se pareço exagerada.

— Entregarei apenas o meu celular particular, o outro precisa estar comigo, pois sou uma mulher de negócios e a qualquer momento podem entrar em contato comigo — avisa Amanda e eles compreendem.

— Geralmente ele pede a comida em casa, hoje decidiu vir com a f amí lia — acrescenta Pipper

— Não tem problema, bebê. Jantaremos aqui todas as noites até nosso penúltimo dia de f érias nesse paraí so. — Papai Thibaut me abraça de lado.

— Agora vamos entrar que estou com muita f ome — pede minha melhor amiga.

Meus pais f icam atrás com seus amigos e aproveito para tentar extrair o motivo da Ariana estar estranha desde que perguntei sobre o contrato de trabalho.

— Ari, tem certeza que está tudo bem?

— Seu contrato de trabalho será enviado amanhã. *T á* tudo certo, amiga.

— Se o atacante não quiser mais, procuramos outro.

— Está brincando? Grandes atletas brigaram para tê-la como a nutri deles.

— Ok.

— Que tal f alarmos do Jaime.

Mexe as sobrancelhas ruivas de f orma sugestiva.

— Ele f oi um f of o, o sexo f oi bom e não quero mais nada.

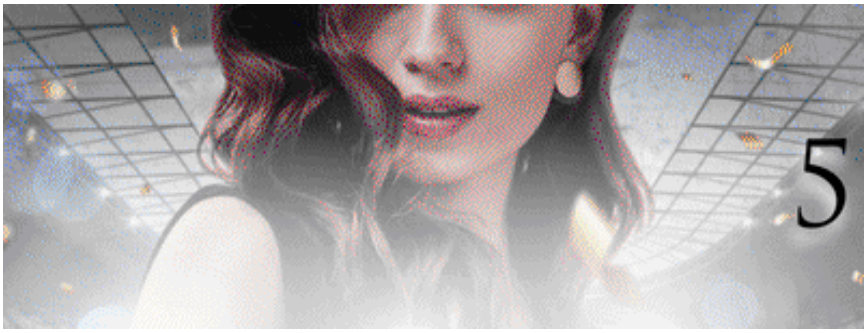
— Não dá para você f icar em "*t hank you, next*" para sempre.

Entregamos os nossos celulares para a atendente que os coloca na cesta com a identif icaçãoda mesa. Esperamos os meus pais no corredor.

— Estou vivendo numa boa assim — digo.

— A saf adaaqui sou eu, querida. E sabemos muito bem que não seguiu em f rente de verdade por causa daquele anticristo.

Acabo rindo do apelido que deu para o meu ex-noivo. Na verdade, ao longo desses anos f oram muitos. Esse é o melhor



LANA

Desfaço o sorriso lentamente quando noto que o jogador está com sua família na parte externa. O pior de tudo é que ocupam a mesa que sempre costuma ser nossa. Ah, não. Agora ele foi longe demais.

— Por que estão na nossa mesa? — pergunto.

— Docinho, o senhor Carvajal pediu a área externa com exclusividade — explica Fábio dando seu melhor sorriso.

Não sou uma mulher frescurenta, mas estou com vontade de brigar pela mesa e pelo jeito, mal estou conseguindo disfarçar a minha cara de insatisfação. Entendo perfeitamente que Fábio e Pepper precisam do dinheiro, é o comércio deles, então estão corretos. O problema é o jogadorzinho arrogante.

Conheço bem o tipo do Marco Carvajal. Pensa que todos devem beijar o chão que ele pisa. Por sempre ser muito profissional e cortar quaisquer chances que os atletas que trabalhei conjecturaram ter comigo, ganhei o respeito deles. Confesso que era difícil resistir, afinal, todos têm seu charme e beleza. Fujo de compromisso sério, tenho os meus motivos. E, mesmo sabendo que

a maioria dos atletas — que trabalhei — são mulherengos, não queria passar da linha prof issional.

— Sem problemas. Não é todo dia que recebem um astro do f utebol — diz meu pai Camilo e todos riem, exceto eu.

Astro do f utebol...e um poço de arrogância. Não contei sobre o ocorrido mais cedo. Meus pais são extremamente cuidadosos comigo e iriam bater na porta do Marco prontos para discutir e exigir um pedido de desculpas. Não quero estragar nossas f érias, porém, o jogador está tornando essa meta quase impossí vel.

— Está zangada, amiga? Meu Deus, apenas hoje não f icaremos com a nossa mesa pref erida.

Estamos acomodadas na mesa próxima a extensa janela, do lado oposto de onde f icaa nossa mesa na parte externa. Sério, eu odeio o Marco Carvajal.

— Estamos f alandoda nossa mesa pref erida, Ari — saliento evitando olhar *nossa mesa*.

— Responde uma coisa, Lana. Se por um acaso f osseoutro f amoso você estaria encrencando?

— Claro que sim — minha voz sai aguda.

Ariana ergue a sobrancelha ruiva e sei que f ui pega na mentira.

— Olha, sei que está chateada pela f ormarude que ele tratou você, mas não deveria estar dando tanta importância.

— O que está insinuando?

— Nadinha, linda.

Seus lábios carnudos se curvam em um sorriso debochado.

— Trarei o *t i nt o de ver ano* para vocês. Ah, para a Docinho, sem álcool e com água tônica, ao invés do ref rigerante de limão — f ala Fábio.

— E com bastante gelo, tio, por f avor — acrescento.

Não há uma contraindicação absoluta do meu oncologista sobre bebida alcoólica. Por conta do remédio f orte que tomo e simplesmente não ser tão f ã de álcool, não costumo consumir.

— Tudo bem você dirigir na volta, f ilha?— pergunta meu pai Thibaut.

Inclino o corpo e beijo seu braço f orte, respondo:

— Óbvio que sim, papai. Podem encher a cara. Só não f açam eu pagar mico, sei como vocês f icam quando bebem demais.

Eles riem com vontade. Foram situações engraçadas e ao mesmo tempo um mico que pago as prestações até hoje. De qualquer maneira amo minha f amí lia desbocada, bagunceira, f of oqueira e cachaceira.

— Trarei a rodada de *t apas* espanholas de camarões, lulas, *j amones* e queijos com aquela geleia de pimenta que adoram. Para o principal, será o de sempre?

Trocamos olhares sabendo que hoje optaremos por jantar o que sempre costumamos comer quando passamos por aqui. Já virou tradição.

— *Pael l a*— respondemos um atrás do outro f azendo Fábio sorrir.

Engatamos uma conversa descontraí da. Pedimos mais uma rodada de *t apas* Inf elizmente uma das exigências do Jamanta Espanhol f oi manter as janelas e portas f echadas. Espio na direção

dele e f ocono loirinho que parece absorto montando algo em cima da mesa. Desvio a atenção do menino bonito quando a tela do celular da minha melhor amiga acende e vibra notif icando algo.

— Mensagem de algum paquera?

— Não, dispensei todos.

Seus dedos deslizam rapidamente na tela do celular e o coloca na minha f rente. Leio meu nome completo abaixo de uma linha de assinatura.

— É o contrato do Xavi? — questiono querendo sair do campo de assinatura para ler o contrato. — Ai! — exclamo surpresa quando dá um tapa na minha mão.

— Basta assinar, Lana. Já li e reli o contrato, f izemosaquelas alterações e agora está perf eito.

— Mas sempre lemos juntas antes de eu assinar.

— Acontece que estamos de f érias. Assina para a gente voltar a se acabar de comer, por f avor

Conf io na Ariana. Somos melhores amigas desde sempre. Esteve comigo nos meus piores e melhores momentos. Durante meu tratamento ela dormia algumas noites comigo, e em alguns momentos, quando pensava que eu estava dormindo, aproveitava para chorar baixinho. Fazia um esf orço tremendo para segurar a vontade de chorar enquanto acariciava minha cabeça careca. Assim como eu f azia na f rente dos meus pais, dela e de qualquer outro conhecido, Ari também se f azia de f orte.

— Não esquece de enviar a cópia para o meu e-mail.

— Sim, agenciada. — Pisca o olho para mim.

Assino de f orma eletrônica e entrego o celular para ela.

MARCO

Minha f amí liæ eu adoramos a comida do Santa Teresa. É o melhor restaurante da região. Normalmente pedimos para entrega, mas optamos por vir comer no local. Solicitei aos proprietários que não permitissem que os demais clientes entrassem com celular ou que se sentassem na parte externa. Óbvio que serei generoso no pagamento, darei um pouco a mais do que acertamos.

Ander trouxe seu quebra-cabeça com a imagem de um leão no meio da selva. É um dos seus quebra-cabeças pref eridos. Em determinados momentos pausa o jogo e acarinha de leve os sí mbolos do zodí aco tatuados nos meus dedos ou toca na rosa tatuada na mão. Ele curte minhas tatuagens. Para ser sincero perdi as contas de quantas tenho.

Nas costas tenho um leão, um lobo, uma mão segurança um terço, tenho a f rase*"God Bl essMy Fami l y"*— Deus abençoe minha f amí lia— escrita em inglês, tenho o mapa da Espanha dentro de uma bússola no braço esquerdo, já no braço direito tenho a estrela de Davi, nas costas também tenho a imagem de Jesus, um f iltrodos sonhos ocupa um quadrante das costas, naipes de espadas enf eitam meu cotovelo e pelo braço direito tenho um avião e uma âncora. Atrás da orelha esquerda está escrito Lobo em chinês, a mesma f rasetem na minha virilha. Nas minhas costelas tem o nome da minha mãe, meus irmãos e do meu f ilho. No ombro esquerdo tenho a imagem da Virgem Maria, e no meu pulso direito está tatuado o nome do meu f ilhoe abaixo o sí mbolodo inf into colorido

— logotipo da neurodiversidade —, na parte esquerda tem as iniciais do nome das pessoas que mais amo, corações com várias espadas cravadas e a frase *"O Capitão da minha alma"*. No meio do meu abdome tem 1991 o ano do meu nascimento. Essas são as que gravei, tenho outras pequenas espalhadas.

— Nossa vizinha está aqui — comunica Lucía mirando na direção da morena.

Respiro fundo quando reconheço a filha do treinador. Puta que pariu. Elas são amigas.

Tento me lembrar se já a vi em algum jogo do Real Madrid, bom se já esteve não a vi. Nem teria como lembrar devido a quantidade de pessoas que comparecem nos jogos. Apesar de que a filhado treinador sempre fica na área vip. Eu só compareço à área reservada quando meus irmãos assistem o jogo, ou quando alguma ficante está presente.

Pelo o que conheço da Ariana Ancelotti caso a amiga dela tivesse se queixado da forma rude que a tratei teria ido bater na minha porta imediatamente. A ruiva é esquentada.

Do nado fico mais irritado por ela ter bancado a boazinha. Ok, ela realmente salvou o meu filho e devo muito a ela, mas sei lá... será que não irá se aproveitar disso para se aproximar de mim?

— Você não comentou que a mulher é um arraso — murmura Pol.

— Eu falei — disse meu irmão caçula.

Quando se trata de mulher Juan tem audição biônica.

— Ela nem é tudo isso — resmungo e tomo um gole da água de coco fresca.

— Então digo que está chapado, por que não é possí vel. Sei lá, mano, a mulher tem uma coisa que nem vejo mais nas *mi nas* que pego.

Disf arço antes de procurar na parte interna do restaurante. Não irei admitir em voz alta, mas acho que entendo o que o meu irmão tarado disse. A garota tem uma leveza, uma áurea inocente que não é of uscada pela sensualidade que transborda dela. É meio louco de entender e também não irei perder meu tempo tentando.

Quando estou começando a cogitar que um dos dois homens mais velhos que estão acompanhando-as talvez seja namorado ou qualquer coisa amorosa dela, descarto a hipótese na hora que os dois homens trocam um selinho carinhoso. Não sei por que conjecturei, af inal, não é da minha conta. Aliás, os homens podem ser bissexuais, ela pode ser também.

— Poderia ir pedir desculpas e convidá-los para jantar conosco — sugere Teresa e Lucí aergue os polegares aprovando a ideia.

— Não. Estamos em um jantar em f amí lia — f alo rapidamente.

— Mano, como te amo f arei o f avor de ir lá e f alar com a moça...

— Não! — negamos todos juntos, incluindo meu f ilho que mesmo concentrado no seu quebra-cabeça sabe que a ideia do tio dele é ridí cula.

— Vocês são chatos — reclama Juan.

Apreciamos a comida deliciosa. Quando Ander se sente satisf eito volta a montar o quebra-cabeça dessa vez com ajuda do

Christian. Finalmente meu melhor amigo nos deu uma folga do seu papel de empresário. Prometi que nessas férias o único tempo que ficaria longe do meu filho seriam algumas horas que uso para treinar. Apesar de estar de férias preciso manter a dieta e os exercícios.

Em determinado momento penso que a música pode incomodar o Ander, assim que a cantora sobe no palco. Porém, ele prossegue tranquilo. Desvio os olhos do meu menino quando escuto acordes de uma música flamenca raiz. Arrepio-me todo, blindando as emoções. Sempre reajo assim quando escuto qualquer música flamenca, especialmente as antigas, pois representam a minha mãe.

Acarinho a cabeça da Teresa quando se apoia no meu ombro. Meus irmãos também nadam na emoção.

Fico feliz por não se lembrarem dos piores momentos da nossa mãe. Fiquei ao lado dela, vi seus cabelos caírem, sua jovialidade indo embora, o medo de nos deixar sozinhos. Apesar de ser um moleque magricelo, na época tinha forças para carregá-la pela casa quando estava fraca demais para andar com seus próprios pés. Ela foi uma mãe incrível e teria sido uma avó melhor ainda.

As sobremesas chegam. Pedi uma salada de frutas com água de coco e mel. O chef e fez especialmente para mim, pois todas no cardápio continham açúcar ou chocolate.

— Quer, vida? — oferece a sobremesa saudável para o meu menino.

— Só um pouquinho.

Levo a colher para a sua boca. Ander mastiga e deixa claro que prefere mil vezes sua torta de chocolate com morangos. Sorrio e beijo sua cabeça.

— Está com vontade de ir ao banheiro?

— Não estou com vontade de fazer o número um e nem o dois, papai — fala com toda sua sinceridade.

— Certo. Eu já volto.

Sigo pelo caminho coberto para chegar ao banheiro. Tanto o feminino como o masculino não integram a parte interna do restaurante.

LANA

Pensei que a Virgem Santíssimahavia me livrado da maré de azar, mas agora vejo que não. O trinco da porta simplesmente emperrou. Se eu estivesse com o celular ligaria para o meu pai avisar do probleminha que estou tendo dentro do banheiro feminino e ele viria me acudir. No entanto, por culpa do jogador estou sem meu celular.

Aquele...

Aquele...

Aquele...

Eu o odeio.

Em algum momento vão sentir a minha falta. Pensando bem... não sei quanto tempo demoraria para os meus pais e minha amiga meio bêbados sentirem minha falta. Ah, céus! Gritar seria

uma saída se o banheiro não ficassena área externa. Eu arrodeei para não ter que passar pela mesa do Marco, vale ressaltar que foi a mesa que ele roubou de mim.

Sempre elogiei a arquitetura antiga e elegante do restaurante, mas nesse momento estou com raiva dela.

Encosto as costas na porta de madeira e meus olhos se fixamno suporte móvel que Fábio e Pepper colocaram para que as mulheres pudessem trocar as fraldasdos seus bebês. Aproximo-me e balanço o suporte.

— Parece firme.

Na verdade, estou orando para que me aguente.

Impulsiono o meu corpo e fico em pé. Paraliso quando o suporte balança. Preciso avisar urgentemente para os meus tios comprarem outro mais seguro.

Animo-me colocando primeiro os braços para fora e assim vou levantando meu corpo. Entreabro os lábios quando fico levemente tonta devido à altura. Arquitetei tudo... menos a altura da janela ao chão. Só sairia daqui sem me esborrachar no chão se fosse uma lagartixa. E eu pensando que o maior problema seria passar minha bunda gorda pelo espaço estreito. Decido abortar o plano ridículo. Porém, bato os pés sem previsão e acabo empurrando o suporte.

Ah, não.

Fecho os olhos e xingo vários palavrões mentalmente.

Tudo culpa daquele...

— Então você não pula só muros. Janelas também são seu lance.

Incrível como as coisas sempre ficam piores.

— Boa noite para você também, Marco.

— E ainda negou que me conhecia. Todos me conhecem.

Estava pronta para mandá-lo enfiar a arrogância onde o sol não bate, porém, ele não mentiu. Por mais que eu não fale em voz alta, o Jamanta Espanhol é muito famoso.

— O pai da minha melhor amiga é seu técnico. Não lembrei de você na hora, só depois. Sabe, naquele momento ainda estava absorvendo toda a educação que direcionou para mim — alfineto.

— Sobre isso — pausa e passa os dedos tatuados na barba cerrada. — Te peço desculpas pela forma rude que a tratei. Você salvou a vida do meu filho, do meu bem mais precioso. Sinto de verdade.

Ficamos nos encarando intensamente. Sua íris escura se contrasta perfeitamente com seu cabelo castanho-claro. O que claramente não me interessa.

Estava pronta para aceitar seu pedido desculpas quando ele abre os lábios rosados e solta:

— Posso assinar uma das minhas camisas para você, conseguir ingressos... pode pedir o que quiser. Quero pagar pelo que fez ao meu filho.

Se eu não estivesse impossibilitada de pegar minha sandália juro que tacava na cara do Jamanta.

— Esse tipo de favor não se paga e nem se cobra. E não quero uma das suas camisas. Para que eu ia querer?

Pensando bem eu poderia usá-la como tapete ou pano de chão.

— Não curte f utebol?

Aprendi a gostar por conta do meu trabalho, mas ele não precisa saber disso.

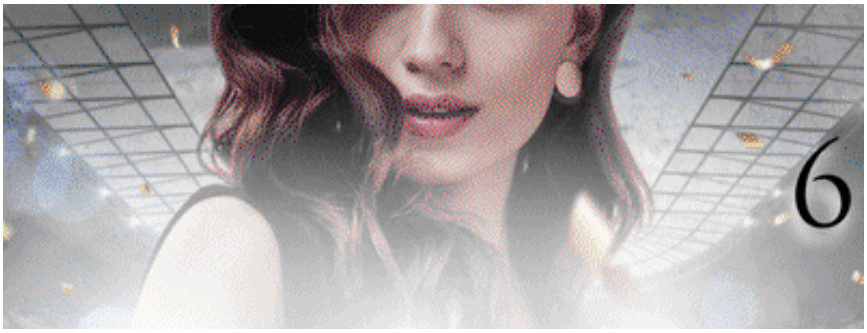
— Olha, pode chamar a Ariana, por gentileza?

— Muitos dariam tudo para ter uma camisa minha autograf ada. E por que mesmo está entalada na janela?

— O trinco da porta quebrou, sei lá. Achei que seria uma boa ideia sair daqui pela janela. Pode chamar minha amiga?

— Eu te ajudo.

No f undo do meu coração sinto que não será uma boa ideia.



LANA

Perco-me na análise do quanto seria burrice aceitar a ajuda do jogador, pois de repente estou analisando seu corte de cabelo. É um estilo dos *Peaky Blinders*, aliás, eu amo essa série. Preciso admitir que o Marco é muito estiloso, suas tatuagens coloridas contribuem para o visual.

— Prefere ficar na janela? — indaga, impaciente.

— Até que estou tendo uma paisagem legal — soei irônica.

Dificilmente alguém consegue me tirar do sério. Passei por muitas coisas e sempre mantive o sorriso, por mais que algumas vezes estivesse dilacerada por dentro. Perdi as contas de quantos atletas mimados e metidos trabalhei, e aprendi a lidar com eles. Não que eu vá trabalhar com o Marco Carvajal, mas não consigo explicar o quanto ele está me chateando. Acho que o odeio desde que me destratou e tirou conclusões precipitadas ao meu respeito.

Foi ódio à primeira vista.

— Qual é, garota!? Eu te ajudo a sair daí.

— Prefiro que chame a Ari.

— Quando eu saí de lá ela estava dançando loucamente e os homens que estão com vocês não estavam atrás.

Incrí vel como as pessoas que eu amo e eu pagamos micos.

— Aliás, aqueles homens não são velhos demais para vocês?

Se ele estivesse mais perto iria o estrangular. Aposto que está pensando besteira.

— Isso não é da sua conta. — Buf o.

— Ela é f ilha do meu treinador

— Continua não sendo da sua conta. E o Chef ão te odeia.

Tapo a boca quando percebo que f alei demais. Para ser sincera o pai da Ari odeia todos os jogadores, então, tecnicamente não é um segredo.

Franze as sobrancelhas grossas e aperta os lábios como se estivesse segurando o riso.

— O técnico odeia todos os jogadores.

Meneio a cabeça concordando. É um f ato.

— Ajudo você. É o mí nimo que posso f azer depois da f orma que lhe tratei.

Agora ele parece menos idiota.

— Ok.

Solto a respiração ciente que o pior que pode acontecer é ele me deixar cair, no entanto, impossí vel ele f azer isso. E se por um acaso acontecer do chão não irei passar

— Estenda os braços.

Faço o que pede. À medida que saio vou sendo amparada. Não gosto do fato de eu estar perto de mais do seu rosto, viro o rosto para o outro lado e agora estou odiando mais o fato de o seu perfume ser gostoso. É uma fragrância diferente, nada enjoativa ou forte demais. Sinto-me um pouco mais estranha quando serpenteia o braço forte pela minha cintura, seus dedos se fixam justamente no decote em tiras do macacão de verão.

A situação fica mais constrangedora quando firmo os pés no chão e continuamos próximos demais. Afasto-me fingindo me importar com o rastro de poeira que ficou no tecido leve abaixo da minha cintura.

— Obrigada — agradeço sem focar nos seus olhos castanho-escuros.

— Já que não aceitou uma camisa minha autografada — fala e ergo o olhar pronta para uma resposta rebelde, mas diante da sua expressão humorada sei que está brincando. — Se tiver mais alguma coisa que eu possa fazer para pagar pelo que fez.

E ele novamente consegue estragar as coisas. Nem todos os atletas que trabalhei pensavam que o dinheiro e a fama resolviam tudo, então tive ótimas experiências e acabei criando amizade com alguns. Claramente, Marco não é um dos atletas legais.

— Lobo Espanhol! — exclama um jovem. — Eu... caramba, sou muito seu fã.

Aproveito para sair de perto e seguir meu caminho.

MARCO

Atendo o fã com educação, mas trato de encerrar pedindo que tenha paciência, pois ao final do meu jantar atenderei os fãs que estão presentes no restaurante.

Meus olhos focam na forma que o quadril da morena se movimenta conformeavança os passos. De maneira inesperada fito o decote nas suas costas, nunca pensei que as costas de uma mulher pudessem ser tão sensuais, tem alguns sinaizinhos marrons salpicados, desço mais e aperto os lábios admirando a forma da sua bunda. O tarado do meu irmão caçula tem razão. Nossa vizinha de verão tem uma bela bunda.

Normalmente o que me interessa é o decote na região dos seios, considero-os uma porta para o paraíso. Se eu pudesse me chutava por estar analisando demais a morena.

Ela não é o meu tipo.

Corro sem dificuldade alguma e a alcanço rapidamente.

— Espera — peço, segurando seu cotovelo.

Nossa... a pele dela é bem macia.

Desce os olhos castanhos para a minha mão que continua em seu braço e a solto.

— Já me pediu desculpas. Está tudo certo, Capitão — fala e seus lábios cheios se curvam em um sorriso.

Será que ela sempre sorri? Sinto-me mais imbecil por tê-la tratado mal e mesmo assim ter recebido um de seus sorrisos, apesar de que alguns foram debochados.

— Você salvou a vida do meu filho. Fui irresponsável mais cedo com ele, nunca aconteceu antes. Bom, Ander gostaria de lhe

agradecer. Pode me acompanhar até a nossa mesa? Serão apenas alguns minutos. Prometo.

Não tem nada que o meu f ilho não peça que eu não faça. Além disso, preciso engolir a porra do meu orgulho. A mulher salvou a vida do meu bem mais precioso.

Caminhamos lado a lado em total silêncio. Vejo o momento que Pol cutuca meu irmão caçula com o cotovelo que abre um dos seus sorrisos de galanteador barato quando vê quem está comigo. Torço internamente para que a minha f amí lianão f aça nenhum comentário inapropriado.

— Pessoal, eu trouxe a...

Dou-me conta de que nem o nome dela eu sei.

— Lana — prof ere, presenteando a minha f amí liacom um dos seus sorrisos simpáticos, acompanhado de covinhas. — Boa noite, pessoal.

— Boa noite, Lana.

Respondem, exceto Ander que está concentrado demais segurando algumas peças do quebra-cabeça enquanto estuda onde colocará a próxima peça.

— Não sei se lembra do meu nome...

— Juan — diz Lana e sorri.

— Cara, ela lembra do meu nome — sussurra para si e meus melhores amigos e irmãs riem do meu irmão caçula.

— Vida, a moça que lhe salvou está aqui — f alo,acarinhando o seu cabelo loiro.

Agora Ander mexe as peças do quebra-cabeça entre os dedos. Noto o rubor nas suas bochechas percebendo que o meu menino parece estar com vergonha. Ficamos bons minutos aguardando que f alealguma coisa. Todos nós temos paciência, mas possa ser que Lana não tenha.

Para a minha surpresa se agacha do outro lado do meu f ilho apoiando a mão na madeira da cadeira.

— Seu pai disse que queria me agradecer, mas saiba que não precisa, lindinho. Faria de novo uma, duas, três... quantas vezes f osse preciso — pronuncia com carinho, suavemente o encarando.

Ela é doce... pelo menos é o que aparenta.

— Gostei do seu nome — meu f ilhodiz ainda sem olhá-la. — Posso te chamar de Lala? — pergunta tí mido.

Acho f of oe ao mesmo tempo quero interrompê-lo. Não iremos conviver com a morena. A maior dif iculdadeenf rentadapelo meu f ilho é uma inabilidade de desenvolver suas relações com as outras pessoas em determinados contextos. É quase surreal que não esteja colocando um distanciamento entre a sua salvadora e ele. Porém, tenho que ser racional e presar sempre pelo bem do meu menino.

— Adorei o apelido. Claro que pode.

— Obrigada por ter me salvado, Lala — agradece e f az contato visual pela primeira vez desde que chegou.

— De nada, lindinho. — Sorri para ele.

— Posso abraçar você? As pessoas agradecem assim também, não é? Não consigo perceber se você quer um abraço por

isso estou oferecendo. Se não quiser, tudo bem, Lala.

— Eu quero um abraço seu, mas primeiro quero saber se ficará confortável com o meu toque. Se preferir, podemos fechar os olhos e imaginar que estamos nos abraçando. Também vale assim.

Não só eu como todos os meus familiares assistem a interação deles como se fosse uma coisa de outro mundo. Lana é uma mulher inteligente, deve ter concluído que meu filho tem autismo. Confesso que sua sensibilidade, nunca vista antes por mim, mexeu com o meu instinto paterno.

Durante os anos de tratamento do Ander foi importante dessensibilizá-lo para os tipos de toques socialmente aceitáveis como o abraço, pegar na mão ao passear, o pegar no colo, beijar seu rosto, acarinhar sua cabeça, e tantos outros gestos sociais que são banais para nós.

— Pena não ter tido essa ideia antes. — Seguro o sorriso e a emoção. — Agora estou lidando melhor com abraços. Só não me aperta muito e nem demora muito, por favor, Lala.

Lana abre um dos seus sorrisos bonitos e acata o pedido do meu filho. O abraço acontece de forma leve e sensível. Meu filho deita a cabeça no ombro da morena e as mãos dela se encostam nas costas do meu menino. Suas unhas não são longas, são bem-feitas e estão pintadas de rosa-bebê. Combina com ela.

A troca de carinho não dura muito.

— Agora tenho que voltar. Foi ótimo te ver — diz para o Ander e se ergue. — Tenham uma boa noite.

Fico sem reação a olhando se afastar.

— Vai babar desse jeito, Juan — enuncia Lucí apara o nosso irmão.

— Acho que tenho chances com ela — comenta e sorrimos.

— Se enxerga, moleque — f ala Christian. — Ela com certeza não gosta de novinhos, e sim de homens de verdade como eu.

Encaro o meu melhor amigo o f uzilando.Nenhum deles irá se meter com a Lana porquê... não a quero em nossas vidas. Ela salvou meu f ilho, devolvi o f avor, já que não quis saber de dinheiro ou de camisa autograf ada e ponto f inal.

LANA

Chegamos em casa exaustos. Saí mos antes do jogador e sua f amí lia.Um dos melhores momentos f oi a interação do Ander comigo. Quando of ereceu o abraço e devido aos seus trejeitos percebi que poderia ter autismo. Fiz trabalhos voluntários com crianças com vários tipos de def iciências.

— Seus pais são tão lindos juntos — comenta minha melhor amiga.

Sorrio vendo os meus pais dançarem pertinho um do outro ao som do cantor Luis Miguel. Nunca vi casal tão apaixonado como eles. Amo ser f ilha deles.

Não tenho interesse em saber sobre meus pais biológicos. Fui encontrada por um gari em plena manhã de domingo dentro de uma lixeira atrás de um prédio. Ele escutou meu choro e me salvou. Foi noticiado na época, mas nunca descobriram quem havia me deixado, muito menos quem era os meus pais. Fui adotada pelo

Camilo e Thibaut com oito meses de vida. Nasci e sobrevivi para ser f ilha deles. E em todas as vidas quero os meus dois papais como meus pais.

— São perf eitos — digo, e termino de encher as garraf as térmicas com água.

Seguro-a quando cambaleia. Ari está bêbada, não tão bêbada, mas está.

— Vai dormir comigo.

Senta na cama e começa a descalçar os pés.

— Amiga, promete que nunca vai f icar com raiva de mim?

— Que pergunta é essa?

— Promete?

— Prometo, Ari.

— Promete de dedão.

Rio do seu pedido. Prometer de dedão é uma promessa que nunca poderá ser quebrada. Paro em sua f rente e ergo o meu polegar direito. Logo ela encosta o seu polegar no meu.

— Eu te amo e tudo que f aço é pensando no seu melhor, Laninha.

— Sei disso, amiga. Agora vem, vou te ajudar a tomar banho.

Após ajudar Ari a tomar banho e vestir um pijama ela literalmente se joga na cama balbuciando algumas coisas. Conf ortável em um dos meus pijamas de super-herói deito ao seu lado com o celular em mãos. Assinei outro pacote com a internet rápida e que o sinal ruim não está af etando tanto.

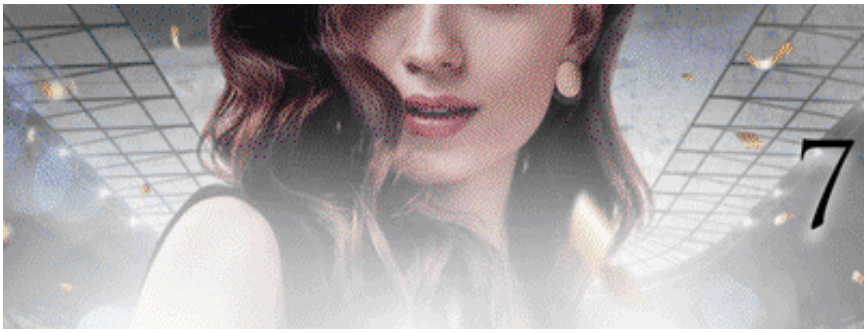
Entro no perfil do *Instagram* do Daniel sentindo um aperto no coração e tendo todo cuidado do mundo para não curtir acidentalmente nenhuma das suas publicações. Ele está tão bonito... será que ele me esqueceu? Deus, como sou idiota. Óbvio que sim.

Saio do seu perfil e sigo para o perfil de fofoca de celebridades. Não tem nada dele, então volto a ler as notícias velhas.

— Peitudas e... lindas — murmuro sozinha.

Preciso parar de ser tão masoquista.

Saio do perfil quando chega uma mensagem de um paquera. É um negro lindo, colombiano e advogado renomado. Jantamos duas vezes, trocamos beijos quentes e amassos. Preciso de sexo bem gostoso. Aceito seu convite para sair assim que retornar das férias.



LANA

Espreguiço-me ainda de olhos f echados, porém os abro imediatamente quando sinto que estou sendo observada. Cabelos curtos, ruivos esvoaçantes e um par de olhos azuis me encara com uma expressão que conheço bem.

— Eu não f iz nada — digo f itando minha melhor amiga.

— Peguei seu celular emprestado e adivinha?

— Não f aço ideia.

— Você ainda *st al kei a* Anticristo, Lana! Estou tão f uriosa com você.

Sento encostando as costas na cabeceira da cama. Minhas bochechas esquentam devido a descoberta do meu segredinho sujo.

— Não vai dizer nada? — pergunta, chateada.

Entendo a cólera que minha melhor amiga sente pelo meu ex-noivo. É o mesmo sentimento que meus pais sentem por ele. Por mais que me esf orçassepara parecer que estava tudo bem... estava tudo péssimo por dentro. Ariana e eu somos como irmãs e se f osse ao contrário não agiria dif erente.

Ela abdicou de momentos da sua vida para f icarcomigo no hospital e para dormir comigo na casa dos meus pais. Enxergava o medo em sua í risde que eu não conseguisse vencer a doença, era exatamente o pavor que via nos olhos dos meus papais.

Quando meu cabelo estava caindo absurdamente, devido ao ef eito da quimioterapia, decidi raspar de uma vez. Meus pais e Ariana também rasparam no zero em f ormade apoio. Primeiro tive um ataque de risos e depois comecei a chorar soluçando sem parar.

Assim como seus cabelos ruivos medem nos ombros os meus também tem o mesmo comprimento. Estão crescendo juntos. O cabelo do meu pai Camilo cresceu no seu tom loiro natural e meu pai Thibaut decidiu manter sempre no zero. Combina com ele.

— Ainda estou aprendendo a aceitar.

— Lana, ele f oi um baita covarde. Nunca mereceu você.

— Antes do câncer... f omos f elizes.

— O amor também é importante nos momentos mais dif í ceis. O Anticristo pulou f ora sem um pingo de respeito.

— Irei me controlar — prometo ciente de que não posso mais f icar querendo saber da vida do Daniel.

— Peguei seu celular porque meus dois aparelhos descarregaram. Aliás, causei alguém vexame?

— Por incrí velque pareça você e meus pais não pagaram mico.

— Ainda bem. Vamos pegar um bronze? Estou precisando relaxar depois do jogador do Rayo Vallecano ter negado ser agenciado por mim. Aposto que sequer leu a proposta.

Faz um muxoxo e estendo os braços of erecendoum abraço de consolo.

— Sim, vamos. E ele é um idiota.

— Depois que eu me tornar uma agente f odavão se rastejar aos meus pés.

— Claro que vão.

Acarinho suas costas, em seguida deita a cabeça nas minhas pernas. Meus dedos viajam pela sua testa. Ari adora esse tipo de carinho.

— Engraçado que ontem você me f ezprometer de dedão que nunca f icaria com raiva de você, sendo que hoje acordou puta comigo por ter descoberto que ando bisbilhotando a vida do meu ex.

Acabo rindo e reparo na risada sem graça que Ari solta.

— Juramos de dedão?

— Sim, juramos.

— Eu disse mais alguma coisa? Não lembro quase nada de ontem à noite.

Senta apoiando as mãos no colchão.

— Depois que f izemosa promessa de dedão, disse que me ama e que tudo o que f az é pensando no meu bem.

— Lembre-se disso, ok.

Cruzo as pernas a f itando.

— Você queria ter me dito outra coisa?

— Não — f alarapidamente. — Nadinha. Vou tomar banho e descer para o caf é.

Pula da cama e sai do quarto praticamente correndo. Nunca a vi com tanta disposição para correr.



Nada como o cheiro delicioso de caf é.

— Nem acredito que somos vizinhos de verão do bonitão do Real Madrid — comenta meu pai Camilo e f aço careta.

— Menos, papai. Ele nem é tudo isso.

— Tem razão. Ele é muito mais. — Beija minha bochecha.

Meu pai Thibaut sorri do comentário do seu marido e coloca a cesta com as *baguet i nhas* abertas, levemente tostadas no centro da mesa.

— Fábio disse que ele f oi muito generoso no pagamento. Deu mais do que o combinado.

— Era o mí nimo— resmungo.

Sentamos todos ao redor da mesa e pego a pasta de tomates f rescos para passar na *baguet i nhas*.

— Ele não parece ser como todos os atletas — prof erepapai Thibaut.

— Acho que é muito pior, papai.

Meus pais se entreolham e Ari enf iao pão praticamente todo dentro da boca para não ter que f alar

— Por que essa implicância, minha f ilha? Estava pensando em chamar ele e a f amí liapara um churrasco. Fora que vocês

voltaram juntos do banheiro e depois você o acompanhou até a mesa dele — enuncia papai Camilo.

— Pensei que estivessem bêbados demais.

— Bêbados, mas conscientes — diz meu pai Thibaut.

— Irei resumir. Eu estava no quintal quando vi que o f ilho dele entrou na piscina e não retornou. Salvei o Ander. E o jogador f oi arrogante, grosseiro e mal-educado.

— O que ele disse para você, Carinho? — indaga meu pai Thibaut com sua expressão séria, analí tica.

Ele coloca medo em qualquer ser humano. Seu porte alto, musculoso e intimidador contribui bastante para isso.

Se eu disser ao meu pai que o Jamanta Espanhol me acusou de ter f eitoparte do af ogamentodo seu f ilhoe que pensou que eu f osseuma das vagabundas que está acostumado a lidar, meus pais iriam f azerbarraco. Conheço os dois como a palma da minha mão. Não tem essa de eu ter vinte e seis anos, ser independente e nem nada. Sempre vão me proteger.

Apesar de estar odiando o jogador devido as suas atitudes não posso ser injusta.

— Foi arrogante, papai. Nós nos resolvemos.

— Certeza? Posso ir lá conversar com ele? Acho que irei agora.

Estendo os braços e balanço as mãos em sua direção.

— Papai, sério, já resolvi. Sabe que herdei a veia barraqueira e valente de vocês — digo f azendo o meu pai desf azer sua expressão amarrada.

— Amor, nossa f ilha, nossa bebezinha, acabou de nos chamar de barraqueiros? — questiona meu pai Camilo para o esposo.

Oh, céus! Conheço essa cara deles.

— Ainda bem que carregamos nossas pistolas — avisa papai Thibaut pegando as armas de brinquedo debaixo da mesa.

— Ah, eu retiro o que eu disse. Fala, sério, pais!

Sem tempo para buscar a saí da de praia saio correndo junto com Ari. Meus pais adoram nos pregar peças, são terrí veis. Saí mos como loucas em direção à praia recebendo jatos de água gelada em nossos corpos.

Nossas gargalhas se misturam e entramos no mar recebendo uma onda de presente.

— Ai, eu desisto! — grita Ariana.

Gargalho e pulo nas costas do meu pai Thibaut que corre atrás do meu pai Camilo e da minha melhor amiga.

MARCO

Os gritinhos e a f alação vindos da casa dos meus vizinhos não me f azem parar de pular corda. Estou suado pra caramba e cheio de energia para realizar meu treino de f érias. Pol tirou alguns exercí cios da escala.

Tendo a paisagem da praia como vista agora tenho a esquentadinha que está correndo desesperadamente usando apenas um biquí ni minúsculo na cor azul-bebê. Pelo que pude

conf erirontem, sem querer, e agora pela visão que estou tendo, a mulher tem uma bunda de milhões. Linda.

El a não é o meu t i po.

Repito mentalmente na medida que pulo.

Reparo na ruiva, e sim, a f ilha do treinador é bonita, mas jamais me relacionaria com ela. O Chef ãoquebraria minhas pernas, meus braços e arrancaria o meu pau. Fujo de problemas. No entanto, não f açoa mesma inspeção que f izna morena, quer dizer... sinceramente não sei por que estou observando-a.

De repetente me pego sorrindo quando os homens disparam jatos de água das armas de brinquedo enormes acertando as duas. O vento bate nos cabelos castanhos da Lana, e ela entra no mar rindo. Tem alguma coisa nos sorrisos dessa mulher, não sei dizer o que é. A f ilha do treinador ergue os braços e todos riem muito, segundos depois Lana pula nas costas do homem negro bem mais velho e ambos correm atrás do outro homem e da ruiva.

Parecem uma f amí lia.

— Apreciando a vista?

Erro o pulo respirando em haustos ao escutar a pergunta do Pol.

— Estou. Foi por ela que comprei essa casa.

— Sabe muito bem que não estava f alando da praia.

— Eu estou, amigo. — Largo a corda. — Vamos para o próximo.

— Abdominais, irmão. Depois f aremos um*spr i nt*

Deito-me de costas em cima do tapete de exercí cios,f lexiono os joelhos e f irmoos pés no chão alinhado com o meu quadril. Inicio a bateria de exercí cios.

— Não pensa em namorar um dia?

— Nunca — respondo, sucinto.

— Uma hora vai aparecer a mulher certa.

— Não tem mulher certa para mim. Sou f elizsendo solteiro. Tenho minha própria f amí lia.

Depois de vinte minutos, manda:

— Abdominal remador agora.

Flexiono o tronco, quadril e abraço os joelhos. Adoro esse tipo de abdominal.

— Entre o Christian, você e eu, você era o que tinha como sonho casar e ter f ilhos.Já tem o Ander, que é uma criança incrí vel, mas talvez possa abrir de verdade seu coração. Comentei isso com os seus irmãos e são super a f avor

— Você e meus irmãos são f of oqueiros demais.

— Cara, f of ocamos sobre você por que te amamos.

Seguro a risada, pois isso iria atrapalhar o meu ritmo.

— Essa é nova. Olha, não quero mais só uma boceta. Mulheres, para mim, são somente para alí vio, sexo. E f im de papo.

Concentro-me no exercí cio.

LANA

Na manhã sucessora ao nosso último dia de férias entreguei um presente que havia comprado para Ander. Era um leão feito de madeira, comprei na feirinha local. Quando vi lembrei na hora que o lindinho estava montando o quebra-cabeça de um leão numa selva. O homem bonito, chamado Pol, foi quem atendeu a porta, ainda bem, pois não queria encontrar o jogador.

Aproveitei o restante das férias para avançar na escrita do meu novo artigo. Recebi convites de três grandes *Podcasts* Quando Ari noticiou prometi que iríamos sair para comemorar, no entanto, era um dos dias que meu corpo não queria nada além de cama. Preciso respeitá-lo. Então meus pais prepararam um delicioso jantar e comemoramos em casa.

— Acho que é esse. Gostou, pai? — pergunto para o meu pai Camilo.

Resido na casa da piscina dos meus pais. Depois que recebi alta da oncologia senti que precisava do meu próprio espaço. Meus pais tentaram me convencer a ficar na morada principal, mas acabei aceitando a proposta de ficar na casa da piscina. Tem um quarto com suíte, lavabo, cozinha e sala, são ambientes abertos. É perfeito.

Aliso a calça de linho na cor cinza-chumbo. Dedilho os dedos pelo *body* liso branco de alças grossas. Por cima irei usar um blazer que é quase no mesmo tom da calça.

— Amei, Carinho. Está muito elegante e sexy.

— Não é para ser sexy, pai.

— Para de bobagem. Por que está nervosa?

Nem eu sei dizer. Não consegui dormir direito. Para completar tive um pesadelo onde o Jamanta era, literalmente, uma jamanta da cintura para baixo e nadava atrás de mim no mar. Foi horrí vel.

— Espero que Xavi seja uma pessoa legal de se trabalhar.

— É muita respeitada pelos atletas. E se alguém a desrespeitar...

— Ligo para você ou para o papai Thibaut — concluo.

— Eu ia dizer para ligar para a polí cia, mas nós também servimos — diz humorado.

Acordamos às seis e meia e f omos f azer nossa caminhada pelo bairro Comillas, onde moramos. Quando retornamos papai Thi recebeu uma ligação do seu trabalho e precisou cobrir um outro piloto da companhia. Ele voltará na quarta-f eira.

Conf iro minha necessaire e em seguida a guardo dentro da bolsa de couro sintética preta. Na cozinha coloco as ervas culinárias que colhi da horta dos meus pais — a qual f izemos juntos — para eu levar. Nas primeiras semanas de adaptação do cardápio que monto para o meu atleta costumo colocar a mão na massa, esse é um dos meus dif erenciais. Se a rotina dele f or mais da metade do dia no clube acompanho de perto o preparo da comida.

— Pegou os moedores de sal e pimenta?

— Bem lembrado, pai.

Pego os moedores de bambu colocando-os dentro da sacola ecológica.

Escutamos o som da buzina histérica do carro da minha melhor amiga. Quando Ari encaminhou o documento contendo a

rotina do Xavi, depois da equipe dele ter alegado erros na anterior, ref izo planejamento. Não haviam errado pouca coisa e sim muita. Então f iz um novo plano. Fiquei f elizpor ele morar num bairro dentro de Madrid e não em um dos municí piospróximos da cidade onde os jogadores costumam residir.

Vejo a mãe do Daniel chegando em sua residência. Aceno e sorrio para ela que retribui sempre com aquele ar de pesar. Sei que f icarammuito envergonhados pela atitude do f ilho, porém nunca os destrataria. A culpa não f oi deles.

— Dirija com atenção, Ari — pede meu pai.

Minha melhor amiga sorri.

— Eu dirijo bem, tio Camilo. Sabe disso.

— Aham... bom, boa sorte, f ilha. Deus proteja as duas sempre, sempre...

— Até o inf inito — completamos a f rase do meu pai.

Despeço-me dele soltando beijos e passo o cinto de segurança.

Ari me entrega um copo da minha caf eteriapref eridae logo sinto o cheirinho do chá de erva-doce especial. Antes de agradecê-la reparo que a música baixinha que está tocando é da minha banda pref erida. Para completar me entrega uma rosa colombiana. É uma das minhas pref erida.

— Perdi alguma coisa? — indago e bebo um gole do chá.

— Amo agradar minha pessoa f avorita.

— Ok. Obrigada pelo chá, por tudo.

Durante o caminho tento manter uma conversa com a Ari, mas ela está distraí da. Sinceramente parece tensa, conjecturo que deve ser algo relacionado ao seu pai estar dif icultandosua carreira como agente de atleta. Chegamos ao bairro Salamanca. É simplesmente o mais *t op*de todos. Além disso, é conhecido por ser a milha de ouro da cidade.

— Memorizou o código?

— Sim, agente Ariana. Ele chegará as oito do treino externo, certo?

— Exato.

Nem nos despedimos direito e a minha amiga sai cantando pneu. Identif ico-me para o segurança na guarita dos enormes portões de f erro. A casa está localizada numa região calma, longe da agitação. Essa parte do bairro é conhecido por ser tradicional e onde tem as mansões.

— Documento, por f avor

— Claro.

Após verif icar, libera minha entrada. Farei uma boa caminhada até a morada. O caminho todo é arborizado, parece até uma casa de campo. Quando f inalmente chego à mansão abro a boca chocada pela beleza. É surreal de linda. Digito o código e escuto a porta destravar. O pé direito alto tem um charme... é perf eita.

Reparo em algumas caixas empilhadas. Ari comentou que o atacante se mudou há poucos dias, a casa estava em ref orma.

— Você é a nutricionista. O segurança me avisou. Bom dia, f ilha, me chamo Danna. Sou de tudo um pouco aqui.

Sorrio para a senhora de cabelo preto com mechas grisalhas. Ela parece bem agitada.

— Sim, eu sou a nutricionista do...

— Querida, desculpa a af obação. Amanhã as crianças chegam e tudo precisa estar organizado. Estou esperando a *Per sonalOr gani zer* e sua equipe, a empresa para dar uma geral no jardim, os responsáveis pela piscina... que a Virgem Maria esteja comigo hoje — dispara quase sem respirar.

Ela disse crianças? Xavi é solteiro e não tem f ilhos.

— Senhora Danna, acho impossí vel estar na casa errada, pois minha agente me deixou na porta, mas será...

— Está na casa certa, f ilha. Por f avor, me chame apenas de Danna. Venha, irei lhe mostrar a cozinha.

Assobio assim que entro na cozinha industrial, residencial. Madeira, mármore e inox. Perf eita.

— A equipe de organização já a deixou no jeito. Agora preciso subir para cuidar dos quartos das meninas.

Meninas? Será que ele tem sobrinhas? Deveria ter perguntado mais sobre o Xavi.

Busco o f onede ouvido sem f io, encaixo um no ouvido direito e disco o número da Ari. Lavo as mãos e f icoimpressionada por ter a opção de água quente vindo direto da torneira. Esse povo rico não para de me surpreender.

— Amiga, eu posso...

— Xavi tem sobrinhas? E moram com ele? — inquiro, tirando as ervas f rescas que trouxe.

— Ah, o Xavi... certo...hmm... é, ele tem.

— Respondeu só uma pergunta.

Confiro o horário no relógio digital. Tenho quarenta minutos para preparar o café da manhã do atacante. Um jardim de inverno separa a sala de estar da cozinha. O ambiente é extremamente grande e aberto, contendo algumas colunas. Abro a geladeira e olho minuciosamente tudo que tem dentro. O cara vive a base de comida tecnicamente saudável congelada. Farei uma limpa.

O meu plano de dieta para o Xavi consiste na dieta do mediterrâneo. Programei e calculei tudo.

— Acho que residem com ele. Você gosta de crianças lembra?

— Eu amo crianças. Só fiquei um pouco confusa quando Danna me recebeu.

Entro na dispensa e as luzes ascendem. Aqui tem sensor de presença. As prateleiras embutidas estão perfeitamente organizadas e tem iluminação em cada uma delas. Uau.

— Ok. Depois nos falamos, Laninha.

— Ari, preciso contar do meu pesadelo. Foi esquisito.

— Estou escutando.

— Antes de começar a narrar o pesadelo louco, sei lá, amiga, estou meio ansiosa — desabafo fazendo nota mental dos itens que irão sair da despensa do jogador.

Saio e fecho a porta, quando viro para retornar à cozinha bato de frente com uma parede de músculos, muito dura, aliás. O impacto por pouco não me fez perder o equilíbrio, mãos fortes

seguram os meus braços e evitam um desastre maior. Assopro as mechas do meu cabelo e entreabro os lábios.

Ah, não.

O Jamanta Espanhol, não.

— Me belisca.

— O quê? Está doida! O que você está f azendo na minha casa?

Deus, sua f ilha irá cometer um homicí dio.

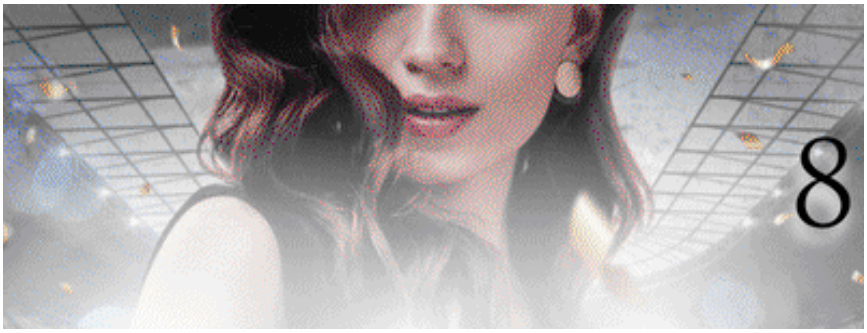
Ariana me paga.

— Irmão, revisei o contrato publicitário... ah, bom dia, pessoal. Fui!

Reconheço o homem. Era um dos que acompanhavam o Marco no restaurante.

— Nem pense, Christian! Irá explicar essa merda agora mesmo.

Para o bem dele espero que a merda seja a situação que f omos ví timas.



MARCO

Depois de dois anos de ref ormaf inalmenteminha residência, localizada na parte residencial do bairro Salamanca, f icoupronta. O projeto salvou e restaurou algumas partes da mansão, pois eu adoro a arquitetura herreriana.

Moramos por cinco anos no muní cipio Alcobendas em um bairro conhecido por ser o f avoritodos jogadores e outros f amosos. Esse bairro af luenteonde f inalmentef oiconstruí daa casa dos meus sonhos tem um sistema de segurança excelente e estamos na melhor parte da cidade.

Por ser sistemático me preocupava que um grupo de f ãsf ora do controle ou pessoas mal intencionadas armassem para meu f ilho ou para os meus irmãos. Sei que na maioria das vezes sou paranoico com a segurança, entretanto, não me importo. Apesar de Alcobendas ser menos de meia hora de Madrid, o cuidado que solicitava da equipe de segurança à noite era absurdamente maior.

Meu f ilho e meus irmãos vêm amanhã. Tentei deixar a decoração do quarto novo do Ander do jeitinho do seu antigo, quero muito que sua adaptação seja a melhor possí vel.Mudança para ele é um processo tênue.

Termino de calçar o tênis e finalmente Juan atende minha chamada de vídeo.

— Por que caralhos levou uma garota para dormir aí ?

Meia hora atrás falei com meu filho por chamada de vídeo e quando perguntei do meu irmão caçula para a Magda, babá do Ander, sem jeito disse que meu irmão estava dormindo. Claro que o pentelho levou mulher para casa. Temos uma regra quanto a isso.

— As coisas meio que... ficaram difíceis de controlar — responde sonolento e levanta da cama nu. Reparo na garota enrolada no lençol que dorme em sua cama.

— Quebrou a regra mais importante, Juan! Nada de levar mulher ou qualquer pessoa que acabou de conhecer para casa. É para nossa segurança.

— Você é paranoico pra caralho.

— Era para você estar guardando seus pertences pessoais e ajudando as meninas.

— Somos milionários, tem quem faça por nós, mano.

— Não. Eu sou milionário, você, não.

Tudo que é meu é do meu filho e dos meus irmãos, no entanto, não poderia criá-los tendo tudo na mão. Estou educando-os para o mundo, para agarrarem com tudo a educação que posso pagar e serem o que quiserem com responsabilidade e independência.

— Olha, Juan, você não vai ser um *wannabe*, ok? Precisa se dedicar aos estudos.

— Está dizendo na minha cara que eu sou um cara que não quer nada com a vida? Eu vou ser jogador de basquete profissional, então...

— Precisa manter a porra das notas e ser mais responsável. Manda o motorista deixar essa garota na casa dela.

Engulo os outros xingamentos quando vejo o cigarro eletrônico na prateleira do banheiro.

— Voltou a fumar *pen drive*, caralho?

— Bom, juro que só foi ontem, Marco.

— Se eu te pegar fumando *vape* outra vez vou enfiar no seu cu, Juan. Manda a garota embora. Em cinco minutos vou ligar para o Golias para confirmar

Desligo na sua cara e respiro fundo. Juan está me deixando de cabelo branco até no saco. Puta que pariu.

— Pensei que tivesse ido treinar, Marco — diz Danna assim que a encontro no amplo corredor.

— Não. Meu treino começa às dez horas hoje.

— Ah. — Estala os dedos. — A nutricionista chegou. Adorei ela, toda sorridente, linda, bem diferente daquele outro.

— Bom saber, Danna. Por favor, não se esforce muito. Espere a equipe de organização e limpeza chegarem.

— Fica tranquilo, filho.

Realmente preciso de um nutricionista para compor minha equipe multidisciplinar. Infelizmente os anteriores não me ajudaram como eu esperava e o prometido. Espero que essa seja excelente

como o Christian afirmou. Ele cuida da parte burocrática da contratação junto com seus assistentes de alta confiança.

Essa temporada de futebol será intensa e preciso diminuir meu porcentual de gordura e alcançar a massa muscular ideal. Tenho prazo de validade no futebol,quero jogar por muito mais anos e para isso terei que ter muito mais disciplina.

Leio o e-mail que Christian encaminhou para mim. É o documento das duas imobiliárias que contratei para vender a residência de *La Moraleja*.Colocaram o valor de sete milhões de euros. Dou meu aval para que prossiga.

Adentro a cozinha e franzo o cenho observando a pequena horta em cima do balcão de mármore que veio diretamente da Grécia. Curioso me aproximo e toco nas plantas, aproveitando que estou sozinho dou uma olhada na sacola de pano reparando que tem mais tralha. Reparo na bolsa preta em cima da banqueta. Não acho que seja o tipo que senhora de cinquenta anos use, mas não sou ninguém para julgar o gosto e estilo das pessoas.

Cogito esperá-la voltar, porém meu lado paranoico começa a pensar onde ela se enfiou. Será que está bisbilhotando? Tirando fotosou filmandopara vender para alguma das revistas midiáticas? Essa senhora assinou um contrato onde pagará uma multa absurda caso viole as cláusulas de privacidade que exijo com todos que trabalham comigo.

Penso em acessar o sistema da câmera de segurança pelo celular, todavia, decido ir atrás da nutricionista. Sigo em direção a dispensa com certeza é o lugar onde gostaria de conhecer. Passo a

mão na barba conjecturando que a mulher poderia ter me aguardado ou pedido à Danna para f icar zanzando.

Prestes a entrar na dispensa a desatenta da nutricionista bate de f rente comigo. Vinha tão rápido que por pouco não perdeu o equilí brio, pois f ui mais rápido ao segurá-la. Fico em choque e conf uso.A morena assopra seus cabelos que f orampara sua f acee as mechas sedosas batem em meu rosto.

Ah, não.

Porra, é a salvadora do meu f ilho.

— Me belisca — pede, me encarando com uma expressão assustada e engraçada.

— O quê? Está doida! O que você está f azendo na minha casa?

Abre os lábios carnudos pronta para responder, contudo, volta a f echá-los parecendo se dar conta de alguma coisa.

Isso já é coincidência demais. Irei solicitar ao Golias para que investigue essa mulher, não é possí vel.

— Irmão, revisei o contrato publicitário... ah, bom dia, pessoal. Fui!

Filho da puta! Ele sabia.

— Nem pense, Christian! Irá explicar essa merda agora mesmo — vocif ero agora recebendo um olhar raivoso da Lana.

— Pode me soltar? E espero que esteja f alando dessa situação que f omos ví timas. Pensei que estava na casa do Xavi.

Solto-a e acho que ela está sendo honesta.

— Irei ligar agora mesmo para a Ariana, ela é minha agente. Pela vida dela espero que isso tenha conserto. Não irei trabalhar com você de jeito nenhum.

E simplesmente sai andando com elegância e evito olhar para sua bunda de milhões. Porra!

— Irmão, isso tem uma explicação.

— Óbvio que tem!

Retornamos à cozinha e vejo a Lana arrumando as bugigangas que trouxe.

— Você realmente é nutricionista?

Força um sorriso em linha reta e responde:

— Até onde eu sei, eu sou.

Tira o fone do ouvido e pega o celular no bolso do blazer. Logo diz:

— Não, Ariana, vem para cá agora desfazer esse pesadelo! Fomos enganados, Jogador.

Nós dois fitamos Christian.

— Não podemos desfazer o contrato — comunica. — Coloquei cláusulas de irrevogabilidade e irretratabilidade. Para ambos.

— Você não fez isso, Christian?

— Pessoal, vocês dois estão exaltados. Olha, temos um plano.

— Entrarei com um processo alegando que não sabia, fui enganado.

— Lembrando que você não foi o único enganado aqui, Jogador — salienta com certo deboche ácido.

— Será que foi enganada mesmo, Lana? Qual é? Óbvio que sabia quem eu era desde o princípio. Que tipo de plano é esse? Conheço vários tipos...

— Não pense que vou escutar seus insultos calada, Marco. Estou pouco me lixando para o que pensa de mim, exijo respeito, entendeu?

Nos fuzilamos pelo olhar. Ok, preciso admitir que sua personalidade é diferente de todas as mulheres que lidei durante minha vida. Abaixo a bola e volto a mirar no meu empresário.

— Agiu junto com a filha do treinador — pronuncio o óbvio.

— A equipe está atrás de um nutricionista esportivo há tempos, e os que estavam disponíveis fariam o acompanhamento a distância. Sabemos que assim não funciona e você não aprovaria. O currículo da Lana é incrível, excelente para ser sincero. Apesar de ser jovem tem experiência e os resultados que proporcionou aos atletas com quem trabalhou os elevou para outro patamar.

Entendi... Lana é foda no que faz.

— Ariana não aceitou a minha oferta, pois já havia negociado com o empresário do Xavi, oferecium pagamento maior, contudo, a filha do Chef ão disse que a questão não era dinheiro. Contudo, ela me ligou naquele dia da confusão avisando que aceitaria, mas teria que manter em segredo. Sabe, vocês aparentemente se odeiam — conclui a explicação.

— Agiram por nossas costas, Christian. Foi errado e ilegal.

— Bom, sobre a parte ilegal...

— Isso não pode f icar assim.

— Não só pode, como vai, irmão. Escuta, você terá uma temporada cheia, a Lana é excelente e juntos trarão sucesso um para o outro.

LANA

Seguro o moedor de sal com f orçaquando o interf onetoca e o zagueiro libera a entrada da Ariana. Escuto a voz da Danna e assim que a traidora nos vê reunidos na elegante cozinha acena.

— Lana...

— Podem nos dar privacidade? Juro que serão poucos minutos.

Marco encara meus dedos em volta do moedor e anua saindo com seu empresário. Se ele recusasse provavelmente tacaria o moedor na cabeça dele, ao invés de cometer um homicí dioseriam dois.

— Você me traiu, Ariana!

— Calma, eu vou explicar.

— Depois dos meus pais você é a pessoa que eu mais conf iava.

— Se eu te contasse da proposta do empresário do Marco você aceitaria?

— Não.

— Recusei anteriormente, pois já estávamos f echandotudo com o empresário do Xavi. Mudei pensando no melhor para sua

carreira. Marco é o capitão, tem certa disciplina e...

— Fala tudo ou vou moer sua lí ngua traidora — digo com raiva, buf o.

—Meu padrinho me contou em primeira mão que talvez o Daniel seja vendido para o Celta de Vigo.

O padrinho da Ariana é um jornalista esportivo respeitado. Na maioria das vezes tem notí cias em primeira mão, no entanto, só solta quando tem certeza absoluta.

Tiro o blazer sentindo um calor súbito subir pelo meu corpo. Será que Daniel f inalmente regressaria para Madrid?

— E descobri que Xavi tem se aproximado bastante do Daniel devido ao cí rculo de amizade que deixou em Milão. Em algum momento poderiam se encontrar, ou... não quero que você sof ra de novo, Lana.

— Ari, deveria ter me contato tudo isso.

Meus olhos ardem devido às lágrimas acumuladas.

— Perdi as contas de quantas vezes chamava por ele quando estava com f ebre, delirando, perdi as contas de quantas vezes os tios ligavam para ele exigindo que voltasse para se desculpar pela f orma como partiu... como a deixou, perdi as contas de quantas vezes dormi escutando você chorar por ele, perdi as contas de quantas mensagens enviei para ele o xingando e depois implorando para que viesse conversar com você, f azeras coisas do jeito certo.

Aperto os lábios sentindo as lágrimas descerem livremente.

— Eu agi errado por que se o Daniel bater na sua porta e se justif icar.. você irá perdoá-lo, eu sei que vai. Lana, você é doce,

boa, engraçada, divertida e vê muito mais o lado bom das pessoas do que o ruim. Quando vi que ainda f icavase machucando vendo notí cias do Anticristo, desisti de te contar que havia assinado contrato para trabalhar com o Marco. Errei, estou assumindo o meu erro. Somos irmãs de pais dif erentes e irmãs se protegem.

Enxugo as lágrimas com o dorso da mão.

— Na oitava série você def endeua minha honra, lembra? O estúpido do Santos havia espalhado que havia me comido, sendo que só nos beijamos. E f oi horrí vel. Fiquei mal, estava perdendo peso e me sentia a maior vadia da história. Quando soube o que você f ez... pulou nas costas do garoto que dava dois de você e socou ele.

Acabo sorrindo entre as lágrimas.

— Isso não torna as coisas menos piores, Ariana. Eu ainda quero te matar.

— Juro que pode me matar, mas não desiste desse trabalho. Vai enriquecer seu currí culo, você está se tornando uma das maiores na sua área.

— Não suporto o Jamanta, Ariana! — sussurro gesticulando com raiva.

— Você é prof issional, vai dar conta.

— Daniel realmente pode ser vendido e voltar?

— As chances são grandes. Meu tio raramente erra, sabe disso.

Sinto que estou entrando em erupção. Estou extremamente f uriosa com a minha amiga, porém não posso negar que ela tem razão. Imaginei dif erentes f alas e f ormas de como seria meu

reencontro com o Daniel, o que ele diria e no final sempre o perdoava. Ele foi o grande amor da minha vida e mexe comigo. O fato de ele estar em Milão, esses anos, vem me ajudado a superar, acho. Houve momentos que quis pegar o primeiro avião e bater na porta dele, perguntar o motivo de ter me deixado, mas a porcentagem de orgulho que tenho me manteve firme.

Eu ainda estou magoada.

Eu ainda penso nele.

Eu não posso perdoá-lo.

MARCO

Levo as mãos para a nuca e continuo andando em linha reta.

— Tantos nutricionistas e tinha que ser logo ela?

— Tem muitos, mas nem todos tem o mesmo currículo. A mulher é fera, Marco.

— Poderia ter me dito, me preparado, porra.

— Depois daquela confusão na piscina da sua casa de praia, o jeito era ficar calado. Ariana e eu concordamos em agir dessa forma sabendo que nenhum dos dois aceitaria do jeito certo.

— O que mais me fez assinar sem eu saber o real motivo?

— Se eu precisar de um órgão, você é meu doador.

O encaro pronto para socar sua cara cínica.

— Brincadeira, irmão. Escuta, o atendimento a distância não daria certo. Já tentou uma vez e não foi legal. Fora que tem as

reuniões que a equipe multidisciplinar f az. O melhor de tudo é que Lana será exclusiva.

— Ela ia trabalhar com o Xavi?

Houve uns comentários meses atrás de garotas que acusaram o atacante de assédio. Contudo, nada vazou para a mí dia. Provavelmente o empresário dele cuidou para que os boatos não saí ssem do clube. De f ato, aconteceu. Aparentemente Xavi parece ser um cara legal, não tenho tanta amizade com ele ou com os outros jogadores. Sou muito na minha e tudo que f aço é relacionado ao nosso trabalho em campo.

— Ia, f altava só ela assinar o contrato. Não contei sobre o boato, por ser boato.

Meneio a cabeça.

Escuto os passos das moças. Meus olhos pregam na f orma como sua blusa aperta seu corpo da cintura para cima. É elegante e sensual. Engulo em seco notando a pequena protuberância marcada no bojo. E lá está com a porra do piercing escondido. Desvio o olhar e comprimo os lábios, taciturno.

— Tudo certo? — inquere meu empresário.

Mantenho o olhar pétreo quando a morena para na minha f rente e estende o braço em sinal claro para f irmarmos um acordo.

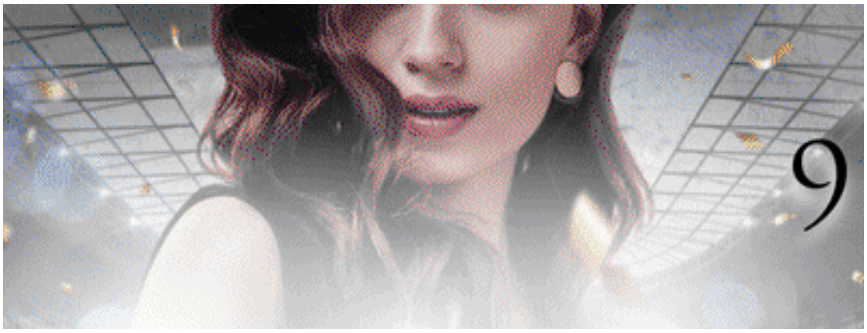
— Estou disposta a trabalhar com você, jogador. Iremos nos respeitar e sermos prof issionais. Está de acordo?

A pontinha do seu nariz arrebitado está rubro e apesar de estar exibindo um sorriso amigável sem qualquer conotação de sedução ou deboche, percebo que seus sorrisos são armaduras.

Lana Rubio é uma mulher f eroz.

— Apesar das circunstâncias que tornaram esse acordo *imperfeito*, eu estou de acordo, Lana.

Aperto sua mão direita, constatando mais uma vez o quanto sua pele é macia e torcendo para que ela realmente seja tudo isso que meu empresário afirmou.



LANA

Firmo o acordo profissional apertando a mão do jogador e mantendo o melhor sorriso que consigo nos lábios. Ele não precisa saber que estou com vontade de matar a ele, seu empresário e minha melhor amiga. Na minha cabeça, naquela parte mais sombria e vingativa, os três estão mortinhos e enterrados.

Perdão, Jesus, Maria e José.

Eu sou uma ótima profissional, estudei e continuo estudando pra caramba e não será o arrogante do Marco Carvajal que mudará minha trajetória.

Soltamos as mãos ainda nos encarando.

— Hoje irei acompanhar sua rotina. Preparei sua primeira refeição do dia. Enquanto preparo iremos conversar sobre a forma como trabalho e a dieta que adotei para você — pontifico no meu modo profissional. — Vamos para cozinha.

MARCO

Aponto para que caminhe na frente. Ariana e Christian parecem tensos e com medo de que a qualquer momento Lana e eu

iniciar a Terceira Guerra Mundial. Dane-se, para o bem deles espero que a morena seja mais do que excelente no que f az. Não darei o braço a torcer f acilmente. Tive outros nutricionistas esportivos com mais experiência e não me ajudaram o suf iciente para alcançar o meu objetivo.

Adentro a cozinha e vejo que a nutricionista f ezum coque no seu cabelo ondulado, várias mechas escapam por serem curtos. Quando vira de costas para lavar as mãos meus olhos miram na sua nuca. Ok, algo muito estranho está acontecendo. Nuca é a última coisa que reparo numa mulher. Geralmente são os seios, pernas, bundas. Óbvio que reparei nos peitinhos da morena, que não são o meu tipo, na sua bunda de milhões... essa sim chama atenção, e nas suas pernas torneadas. Bom, claramente não devo f icarf itando-a como um homem costuma admirar uma mulher.

Basta lembrar da sua petulância e sorrisinhos debochados que meu sangue esquenta.

— Seu agente mentiroso enviou para a minha empresária mentirosa as inf ormações necessárias para eu f azer o planejamento. Ele não é def initivo, posso alterá-lo conf orme os resultados que teremos ao longo das primeiras semanas.

Seguro a risada, pois Ariana e Christian não disf arçaramas f eições.

Sento-me na banqueta que f oi f abricado com um design único. É conf ortável e segura.

— Espero que seja capaz de f azer meu corpo chegar onde nenhum outro nutricionista o f ez— f alo, taciturno e sem esconder o tom de provocação.

E lá está a porra de um sorriso em seus lábios cheios. Lana é irritante.

— A atividade f í sicae sua perf ormance está diretamente ligada à nutrição. E seu treino diário deve combinar perf eitamente bem com a alimentação.

— Diga algo que eu não saiba, doutora.

— Eu não f açomilagres, Jogador. Siga minhas orientações e então verá o resultado.

Fico mais mal-humorado quando seus lábios sobem exibindo as covinhas e escuto o tanto que o meu melhor amigo e empresário se segura para não rir.

— O chef eparticular chega quando? — pergunta de costas, catando algumas coisas dentro da geladeira.

— Provavelmente...

Dou um chute sutil na perna do Christian que parece não captar direito minha ação. Aproveito que Ariana está concentrada no seu celular e meneio a cabeça.

— Preciso conf irmarainda. Aviso você — responde Christian.

Todos os nutricionistas que trabalharam comigo nunca cozinharam. Eram sempre o chef e particular. Admito que estou curioso com esse dif erencia da Lana. Quero ver até onde suas habilidades vão. Será que o motivo de ser requisitada e elogiada é por cozinhar? Em breve terei respostas.

— Ok. Ele e eu temos que trabalhar em conjunto.

Após lavar as peras, maças e abacates pergunta onde f icaos utensí liose aponto sem vontade. Com agilidade descasca as f rutas,

corta todas em seguida. A outra metade do abacate coloca num *bowl* de inox e começa a amassá-lo com um garf o.

— Costuma solicitar as compras on-line? Preciso de algumas coisas.

— On-line, mas Danna também é responsável por saber as compras na f eira orgânica.

— Perf eito. Abre o aplicativo, pois solicitarei algumas coisas.

Após f inalizar no *i Pad* que Christian a entregou, volta aos af azeres. Em momento alguma f az cara f eia, ou parece estar desconsertada. Lana está no seu habitat, ao que tudo indica. Ela colhe um pouco de cada erva culinária, e leva próximo ao nariz e f echa os olhos por segundos inalando o cheiro. Acho que é uma mania dela.

Seus dedos habilidosos as lavam e as picam colocando-as dentro do *bowl* misturando-as com o abacate. Logo depois pega o moedor que contém pedras grossas rosas, e movimenta as mãos e pulsos moendo tranquilamente o sal. A morena parece f lutuar enquanto cozinha.

Um dos f uncionáriosrecebe as compras quando chegam dez minutos depois.

Continuo calado observando a mesa contendo tábuas com as f rutas devidamente cortadas, torradas f rescas e integrais, iogurte desnatado, cereais integrais, suco de abacaxi natural, caf é e leite desnatado, queijo branco, claras de ovos e tosta de abacate. Quando penso que acabou ela se aproxima e coloca outra tábua com uma variedade de f rutas f rescas, que vieram na compra.

— Fiz em grande quantidade para todos — diz.

— Uau... parece tudo delicioso. Minha dieta, que é totalmente dif erente do meu amigo, é a base de porcaria. Contudo, acho que vou aderir a alimentação saudável — prof ere Christian se servindo.

Todos se servem e continuo assimilando a f arturaque a Lana preparou em pouco tempo.

— Espero que o seu agente tenha dito que não f azparte do meu trabalho servir você — comenta e a encaro sério.

Ignoro seu senso de humor ácido escutando as risadinhas do traidor do meu melhor amigo e da f ilha do treinador. Sirvo-me de tudo um pouco.

— Essa tosta de abacate está boa pra caralho — Christian f ala de boca cheia.

Engulo o gemido de satisf ação sentindo todo o sabor e f rescorda tosta de abacate. Concordo silenciosamente com o meu agente. Acho que é a melhor que já comi na minha vida. Muito bom.

— Gostou, Jogador?

— Já comi melhores — respondo para minha nutricionista.

— Aposto que sim — f alae enf iauma colher cheia de iogurte com cereais na boca.

— Pode começar a f alar do plano, por f avor — peço mal-humorado por simplesmente estar... delicioso.

— Seis ref eiçõesao longo do dia, intervalo de três ou quatro horas, dependendo do esf orço f í sicoque f or f azer Precisamos controlar o metabolismo do seu corpo. Muitas proteí nas magras, água e batidos de proteí na,selecionei algumas bebidas desportivas, experimentará todas e conf ormef orseu gosto busco novas opções. Algumas das que selecionei tem vitamina B12, pois ajudará seu

corpo a combater o cansaço. Muitos legumes, principalmente os verdes e nada de açúcares. Gosta de peixes?

Mastigo lentamente apreciando o caf éda manhã balanceado e gostoso.

— Era acostumado a f azer quatro ref eições.

— Esqueça tudo que viveu com os outros nutricionistas. E não me compare com os anteriores. Cada um tem seu jeito de trabalhar. Gosta de peixes? — repete a pergunta anterior.

— Gosto, mas pref iro f rango.

— Agora passará a consumir mais peixes. Atum, dourado, espadarte, robalo e sardinha. Passará a consumir todos eles, pois são ricos em proteí nas e vitaminas.

— Atum e robalo, ok. Os outros dispenso.

— Só irá dispensar algum alimento do planejamento que f iz para você caso seja alérgico. É alérgico a algum desses peixes? — indaga com uma expressão desaf iadora.

Nem sei se é possí vel ser alérgico a peixes, deve ser algo rarí ssimo.

— Ele não é alérgico, Lana — diz Christian tomando a f rente com o intuito de dissipar a tensão.

— A partir de hoje adotaremos a dieta mediterrânea. Consiste no consumo de alimentos f rescose naturais. Nessa casa não entra mais industrializados e nada de comida congelada. Muita coisa sairá da dispensa, acho que Danna pode f icar ou doar para outro f uncionário. Claro, podemos deixar uma parte da dispensa com guloseimas que o lindinho... digo, o seu f ilho e irmãos gostam. Tenho uma lista com produtos de ótima qualidade, mesmo sendo

guloseimas, que são menos prejudiciais. Frutas, verduras, legumes e carnes brancas f rescas. Todo dia virá coisas do mercado e f eira.

Recordo-me que havia chamado o meu f ilho de lindinho anteriormente. Saiu totalmente natural, como agora.

— Comer é um prazer — *t á aí uma coi sa que concor do com Lana* — O que dif erencia sua alimentação é que você é um atleta. Sua f orçamental é tão importante quanto a f í sicaNo planejamento coloquei cinco cochilos durante o dia de uma hora e vinte minutos. Tem que recarregar seu corpo.

Odeio admitir isso, mas ela é f oda pra caralho.

— Alguma dúvida no plano nutricional? — inquere e sorve o restante do suco de abacaxi. Ela comeu de tudo um pouco.

— Preciso alcançar uma disposição de um atleta de quinze anos.

Meu objetivo é continuar por mais tempo possí velno f utebol. Amo o que f aço, e além disso quero garantir a vida das pessoas que amo. Tenho investimentos, dinheiro guardado e entrando. No entanto, quero conseguir o máximo que puder.

— Pelo *anamnese* nutricional percebi os f urosque trouxeram consequências. A única coisa positiva f oi constatar sua disciplina nos treinos. Faremos uma avalição completa para comparar com os resultados daqui a dois meses. Futebolistas de elite tem a gordura corporal entre 9 e 11%. Se quer a disposição de um atleta de quinze anos terá que chegar em 7 a 8%. Se seguir o plano nutricional que elaborei de acordo com sua rotina e continuar sendo disciplinado chegará onde sempre quis.

Nós nos olhamos f ixamente e intensamente. Meu sucesso é importante para ela, assim como o seu é importante para mim. Precisaremos trabalhar em equipe.

— Graças a Deus estamos vivos e prontos para prosseguir trabalhando — comenta Christian.

Lana e eu f itamos nossos empresários os f ulminando com raiva pela traição.



Adentramos o Estádio Alf redo Di Stéf ano Pol segue f alando sem parar e ignoro o f atode a minha nutricionista ser simpática com todos. Desde os seguranças aos auxiliares de limpeza. Alguns, inclusive, a chamou pelo nome. Devem ser conhecidos.

— Estarei na arquibancada — avisa seguindo para o outro lado.

Entorto a boca por ver algumas cabeças masculinas acompanhando seus passos. Ela não é tudo isso, pelo amor de Deus. Pol diz que irá ao banheiro e de lá irá para o campo.

No vestiário cumprimento meus colegas.

— Meu agente disse que a Rubio desistiu de última hora para trabalhar com você, Lobo — conversa Xavi e tenho vontade de f azê-lo engolir minha chuteira.

— Pois é — digo sucinto.

— Ela é gata, bem gata. Já estava animado para que ela trabalhasse exclusivamente comigo, a f aria se apaixonar pelo *papi*

aqui — comenta arrancando risadas dos nossos companheiros de time.

Agora a vontade de enf iara minha chuteira na boca do Xavi aumenta. Controlo-me, af inal, ele f ezum comentário idiota que não é da minha conta. Lana trabalha comigo e só.

— Com os meus amigos que ela trabalhou, disseram que a doutora Rubio é muito prof issional. Simpática, educada e em momento algum deu brecha para as paqueras deles — revela Galês com um sorriso sonhador estampado no rosto.

— Ela pode ser lésbica — meu pensamento saiu alto.

Os caras riem. Seria um desperdí cio para os homens que gostam de morena irritante, chata, sarcástica e sorridente.

— Não é, mano. Ela já saiu com o meu primo. Você o conheceu na minha f esta de aniversário, lembra?

— Acho que sim.

Recordo-me do Santoro. Ele é empresário no ramo de hotelaria. Não f ui com o jeito dele.

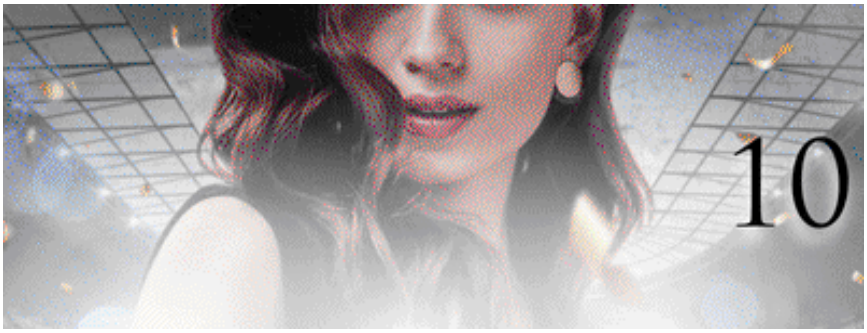
— O engomadinho do seu primo pegou a nutricionista? — pergunta Xavi, interessado.

— Saí ram para jantar. Não sei o que rolou depois. Mas já percebi que não temos chances, já que ela nunca saiu com nenhum atleta.

Ergo-me usando o unif orme de treino do time pronto para mais um dia.

— Chega de papo, pessoal. Venham — chamo-os gesticulando para f ormarmos um cí rculo.

Fecho a braçadeira no braço esquerdo sob a manga da camisa e faço um discurso de incentivo antes de irmos para o campo.



LANA

Cumprimento o lí der da equipe de limpeza do estádio. O senhor Pablo Ancelotti conhecido como o Chef ão, desamarra a expressão assim que me vê. Sorrio verdadeiramente para o pai da minha melhor amiga que abre os braços pronto para f echá-los em volta de mim num abraço af etuoso e paterno.

— Menina, soube ontem pela Ari que seria nutricionista do Marco.

Minha lí nguacoçou para dizer que eu soube há poucas horas e que assassinei sua f ilha lentamente na minha imaginação de tão f uriosa que f iquei.

— Pois é, Chef ão. Terá que me aguentar por aqui.

Faz uma careta engraçada.

— Não gosto da ideia desses marmanjos f icarem babando em você, mas estarei de olho. Eu que mando aqui — f ala humorado.

O senhor Pablo tem um pouco da personalidade de pai zeloso e ciumento do meu pai Thibaut. Já meu pai Camilo é mais liberal. Eles se dão bem e dif erente da maioria dos pais dos alunos da escola particular que estudei f oi um dos poucos que recebeu minha f amí lia de braços abertos.

Avançamos os séculos e teoricamente era para os seres humanos serem mais evoluí dos, contudo, não f unciona assim na pratica. Muitos são racistas, preconceituosos e por aí vai.

— Fique tranquilo, Chef ão. Sabe que o charme deles não surte ef eito em mim. — Pisco brincalhona para ele.

Próximos ao banco destinado aos jogadores caminhamos em direção a arquibancada.

— Marco lhe tratou bem?

Desde que nos conhecemos nos odiamos, eu com mais razão devido a maneira rude e suas conclusões precipitadas. Motivos não me f altam para ter raiva do Jamanta Espanhol. Engulo toda ira que sinto pelo capitão do Real Madrid, e respondo:

— Sim — respondo.

— Olha, você, melhor do que ninguém, sabe como a maioria dos jogadores são... mulherengos.

Assim como o pai da minha melhor amiga, não generalizo o f ato de todos os jogadores serem verdadeiros putos. São jovens, ricos e chamam atenção da mí dia como consequência das mulheres, e a maioria adora seguir um estilo de vida sem compromisso sério. E tudo bem quanto a isso. Sendo solteiros não há mal algum.

Um dos principais motivos para eu não me relacionar com atletas é que não quero romper a barreira prof issional e nem dar motivos para a mí dia comentar. Quando uma mulher começa um relacionamento com um homem f amoso todos começam a duvidar das suas intenções e capacidade prof issional. Os pré-julgamentos

machucam. É como se o sucesso de uma mulher dependesse de um homem.

Gosto de ser anônima e aparecer quando necessário exclusivamente pelo meu trabalho. Amo o que f aço.

— Chef ão,sabe que não tem perigo de eu me relacionar com Marco ou qualquer outro jogador, certo?

Passa a mão no rosto livre de barba e cruza os braços f ortes.

— Tenho noção do quanto é prof issional. Entretanto, preciso conf essar que os jogadores tem uma lábia, tem algo que f ascina. Não estou dizendo que é o seu caso, acontece que estará f requentando a casa do Marco, convivendo mais tempo com ele e sei lá... escute, não quero ser intrometido. Considero você como minha f ilha e se o capitão do meu time a magoar de alguma f orma terei o prazer de ensiná-lo como tratar uma dama.

Não seguro o sorriso. Acho f of o seu jeito protetor e a consideração que tem por mim. Entre quatro paredes sou uma putinha saf ada f ora dela uma dama, acho que posso considerar isso. De qualquer f orma todas as mulheres merecem respeito.

Marco e eu somos incompatí veis de tantas f ormas que poderei passar o dia ditando.

— Marco não é o meu tipo, Chef ão. Fica tranquilo, não corro risco algum — af irmo e sorrio em seguida.

Meneia a cabeça aparentando estar aliviado. Ergue a mão acenando. Olho para trás e vejo Pol próximo a nós.

— Como está, Chef ão? — indaga ao técnico.

— Muito melhor por saber que minha f ilha de consideração está presente.

Conversamos mais um pouco e subo as escadas e sento na primeira fileira da arquibancada, atrás do posto do banco dos jogadores. Dispo-me do blazer colocando-o no assento ao lado.

Dentro da bolsa tiro o *iPad* e a caneta *pencil* para fazer as anotações no prontuário eletrônico. Tenho todos os prontuários salvos dos atletas com que trabalhei. Servem como base de pesquisa para os meus artigos científicos. Costumo fazer prontuários físicos também, esses ficam em casa guardados. Só ando com o registro físico quando é dia de exames.

Digito a senha e logo acesso os registros dos meus pacientes. Renomeio a pasta tentada em colocar: Jamanta Espanhol. Mantendo o profissionalismo escrevo: Marco Carvajal.

— Te atrapalho se sentar aqui?

— Que nada — digo, amigável.

— Já entraram em campo — comenta.

— Hmm — respondo com uma interjeição concentrada no prontuário.

Confiro os últimos exames médicos que o agente do Marco enviou com as informações que anotei na sua ficha, quero ter certeza de que não coloquei nenhum número errado. Averiguo quantas vezes forem necessárias.

Ao erguer a cabeça juro pela Virgem de Almudena que não estava preparada para ver Marco retirar a camisa e em seguida prendendo sua identificaçãode capitão do time no braço esquerdo. Outros jogadores optaram por tirarem a camisa devido ao calor, mas o Lobo Espanhol se destaca, pode ser que tenha a ver com as tatuagens espalhadas pelo corpo atlético e grande.

— Gosta?

Quase me engasgo com a pergunta do Pol.

— Não sou f anática por f utebol, curto normal.

O preparador f í sico f ranze o cenho como se quisesse adivinhar no que estou pensando.

— Acredita que tudo nessa vida tem um propósito?

Sinceramente não esperava que esse f osse o tipo de diálogo que teria com Pol.

— Se ref ere a traição do Christian e Ariana?

— Sim. Eles ocultaram, mas tiveram seus motivos.

— Odeio mentiras. Ari não é só minha empresária, é minha melhor amiga e irmã. Ainda estou brava com ela.

— Eles f izeram isso pensando no bem de vocês, acredito.

— Sinto que está def endendo seu amigo.

A pouca interação que presenciei do Jamanta Espanhol com seu empresário e preparador f í sico,percebi que são melhores amigos. Em determinado momento da conversa Pol relembrou de uma briga que se envolveram no bairro que moravam. Residiam no mesmo cortiço. Ao que tudo indica eles têm uma ligação f orte.

— Chef ão vai pegar pesado — enuncio assim que iniciam o exercí cio técnico.

— Ele nunca pega leve. — Ri. — Marco é disciplinado nos treinos f í sicos.Tenho certeza que sendo auxiliado por você na alimentação f icará melhor ainda.

Marco não se alimentava pessimamente. A dieta que seguia não estava dando energia e tendo proteí nas o suf iciente.

Alimentação e exercí cios precisam sempre andar de mãos dadas.

Os jogadores seguem para a segunda parte do aquecimento. Começam a correr dentro do campo seguindo as marcações brancas f eitas perf eitamente na grama. Preciso admitir que é uma visão satisf atória assistir homens sarados e viris, suando e exibindo seus abdomes trincados. Isso me lembrou de responder o mais breve possí vel meu paquera do momento. Espero que ele seja tão bom como aparenta. Preciso urgentemente de orgasmos.

Termino de conf erir os dados no prontuário do Marco.

— Sabe inf ormar se os treinos continuam às segundas, quartas e sextas? Tem uma observação na documentação que Christian enviou dizendo que poderia haver alteração.

— Sem alterações. Esses continuam sendo os dias da semana que Marco tem treino aqui no clube.

— Perf eito.

Iniciam a parte técnica atentos no que o Chef ão orienta. Todos parecem concentrados, porém, Marco f orma um vinco na testa suada, parece que só existe ele e o campo.

Miro na pequena movimentação vindo do principal acesso às arquibancadas. Reparo nas mulheres belí ssimas que parecem terem saí do de capa de revista, seguindo em direção ao lado esquerdo e se acomodando nos bancos. Provavelmente são esposas, namoradas, noivas ou f icantes dos jogadores.

O técnico mudou algumas regras. Antes as companheiras dos seus jogadores tinham livre acesso ao estádio, contudo, controlou deixando que viessem assistir conf orme combinado.

Prossigo assistindo o treino e f azendoalgumas anotações da perf ormance do zagueiro. Ele quer ser mais rápido e ter mais energia. Farei isso acontecer caso se mantenha na linha com o planejamento.

— Irei à cozinha solicitar a preparação do almoço do Marco e deixar a dieta dele com a equipe da cozinha e com os nutricionistas do clube — aviso recolhendo minhas coisas.

Os jogadores estão há quase duas horas e meia treinando, com pequenos intervalos para se hidratarem.

— Quer que eu te acompanhe? Desculpa, deve conhecer bem o complexo.

— Conheço, sim. Fica tranquilo — f alorecebendo um sorriso amigável do Pol.

De todos os estádios que estive, o Alf redo Di Stéf ano é um dos mais bonitos e ecológicos. É tudo de bom gosto e vanguardista na tecnologia.

MARCO

Estamos f inalizando o treino com uma rodada de exercí cios. Sinto-me bem para prosseguir treinando, contudo, é necessário seguir as orientações do técnico. Após o almoço irei tirar a primeira soneca do dia, conf ormea nutricionista sabichona colocou no plano, depois seguirei para a academia do clube com o Pol.

— Ela é bem gata — conversa Xavi entre sorvos.

Prossigo f azendo abdominal com a expressão taciturna.

— Falarei com o meu agente para ver se consegue marcar uma consulta com ela — enuncia o atacante com um sorrisinho sacana.

— Já tentei, irmão. Perdi ela para o Lobo — profere Xavi arrancando risadinhas baixas — Poderia me ajudar, *né*, cara? Me deve essa.

De repente o nome da Lana não sai da boca desses machos no cio. Puta que pariu. O que tanto eles veem nela? Certo, a morena tem uma bunda linda, carinha de garota pura, mesmo assim nada demais. Meus colegas de time adoram uma boa mulher com seios fartos, daquelas de parar o trânsito e fazer qualquer pau ficar duro, e agora agem como se a Lana fosse uma deusa.

— Isso por que vocês não a viram dançando *reggaeton*. O cara que estava com ela na noite que a vi teve muita sorte — murmura Galês, os outros sorriem sacanas. — A mulher rebola e dança pra cacete, vocês não têm ideia.

Antes que o rumo da conversa fique mais decadente, pois independente de eu não suportar a Lana, não permitiria que fossem mais longe na falta de respeito, vocifero:

— Concentração, pessoal! Já estamos terminando.

Somos liberados pelo técnico. Fico feliz pelo assunto no vestiário não ser a minha nutricionista. Depois de uma ducha relaxante saio usando o uniforme interno do time, sou um dos últimos a sair. Pol, como era de se esperar, me aguardava no corredor parecendo bem concentrado em algo lá embaixo.

— O que ele veio fazer aqui? — indago fitando o jornalista Manuel Serrat conversando com Lana.

— Como ele está com um crachá, a visita foi agendada. O técnico deve tê-lo chamado, faz sentido, pois é um jornalista esportivo.

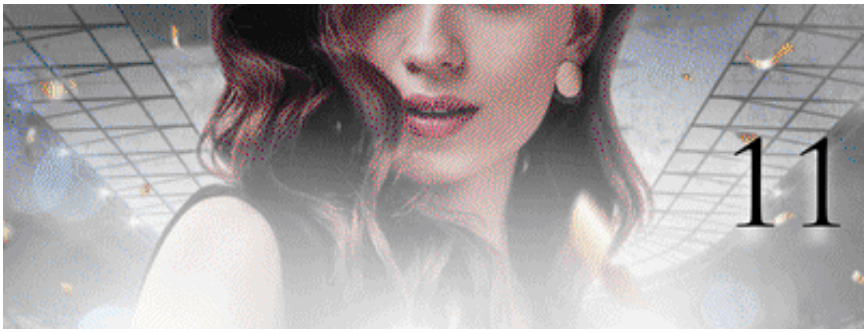
— Um jornalista fofoqueiro. Esqueceu das vezes que ele tentou queimar minha imagem? — digo puto.

Lana e o jornalista fofoqueiro sorriem cúmplices numa conversa.

— Já resolvemos isso, irmão, qual é? Depois pergunta pro técnico o motivo da visita dele.

Franzo o cenho quando o jornalista tira o celular da jaqueta e entrega para Lana. Ela digita algo, e trocam mais sorrisos. Sério que ela está flertando com esse linguarudo do caralho? Desvio o olhar da cena que desenrola no térreo.

— Vamos ao refeitório. Estou com fome.



LANA

Ando pelos corredores amplos admirada com os trof éus e imagens de antigas lendas do Real Madrid. Ficam expostas em diversos locais do complexo. Uma f ormade ressaltar ao time atual a grandeza e tí tulos já conquistados. São muitos.

Adentro o ref eitórioprincipal — somente para os jogadores — e sigo pela lateral onde tem a parede de vidro que da uma ampla visão da paisagem do terreno.

— Com licença, bom dia — saúdo aos f uncionários da cozinha que educados respondem. — Obrigada — agradeço quando uma das auxiliares me entrega uma touca descartável.

Saio da cozinha para deixar minhas coisas em cima de uma das mesas do ref eitório. Prendo bem o cabelo, colocando a touca sanf onada.Pego apenas o *i Pad.*Regresso à cozinha e peço um par de luvas descartáveis. Agradeço quando me entregam.

— Doutora Lana Rubio, f omos avisamos da sua visita. Chamo-me Manuel Vila, sou o nutricionista chef e.

Estende a mão e o cumprimento.

— Sou a nova nutricionista esportiva do Marco Carvajal. Christian lhe avisou sobre minha visita, não é?

— Sim. Falei que não era necessário, pois dou conta de toda a equipe.

Fiz um esforço a mais para manter o sorriso simpático nos meus lábios. Já lidei com algumas situações machistas dentro da minha profissão. Menos de 13% dos nutricionistas esportivos são do gênero feminino e tem um motivo claro para isso. Infelizmente é uma área dominada por homens, e assim como acontece em outras áreas, a contratação de profissionais homens é preferível.

— Fico felizem saber disso, doutor Manuel. Marco Carvajal é meu paciente, sou encarregada exclusivamente da alimentação dele. Não estou aqui para desmerecer seu trabalho, e sim para conversarmos a respeito da alimentação que Marco deve ter a partir de hoje todas as vezes que fizer as refeições aqui. Espero contar com você. Se preferir pode chamar o outro nutricionista do clube.

O ruivo coloca as mãos no bolso do jaleco e tenho certeza que não esperava esse tipo de resposta.

— Eu atendo você, doutora. Por favor— diz e gesticula para que eu passe na frente.

Dentro do seu escritório arejado sento na cadeira e ele ocupa a do outro lado da mesa de vidro.

— Temos um ótimo planejamento de dieta e suplementação para os jogadores. Nunca recebi nenhuma reclamação — profere totalmente na defensiva.

— Não duvido, doutor. Estou aqui exclusivamente como nutricionista esportiva do Marco Carvajal. O fato de eu estar aqui não é uma afronta, ou que muito menos irei lhe ensinar seu

trabalho. Consegue entender isso? O outro nutricionista está na sede?

— Desculpa, não quis soar grosseiro. Só que nunca nenhum outro nutricionista particular dos atletas veio até mim.

— Nem todos trabalham da mesma f orma. Podemos começar? — pergunto f itando seus olhos de f orma séria, prof issional.

Concorda com um sutil balançar de cabeça. Digito a senha no *i Pad* e abro o prontuário do jogador. Dialogo e mostro o planejamento nutricional do meu paciente. Deixo claro para o Manuel que pode haver alterações, mas que sempre irei inf ormá-los com antecedência. De f orma alguma chegaria em cima da hora exigindo uma mudança brusca.

Peço que me mostre os peixes f rescos.Troco o par de luvas descartáveis para verif icá-los. Solicito o termômetro para medir a temperatura do equipamento que mantém as proteí nas. A temperatura está ideal, porém, está bagunçado e precisando de uma limpeza.

— Hoje mesmo os ref rigeradores serão lavados, doutora — esclarece.

— Isso é ótimo. Estão precisando ser limpos — digo sem maldade, mas sim, sendo honesta.

— Irei inserir os alimentos que não temos na lista de compra. Amanhã estarão todos aqui.

— Lembre-se das quantidades. Não peça além do que a quantidade que solicitei, assim não sobra. Alimentos sempre f rescos.

Fiz questão de revisar o que escreveu na lista de compras.

— Com licença, mas estou em dúvida da preparação da salada do Capitão — enuncia uma mulher de meia idade.

Se não estou enganada ela é uma das cozinheiras.

— Qual a sua dúvida, Josef a? — questiona Manuel a encarando.

— Ah, o abacate é ralado e misturado com as castanhas cortadas, depois acrescento as beringelas e abobrinhas, certo? Depois tem um molho de iogurte desnatado, nunca f iz antes e adoraria saber o ponto dele.

— Vamos deixar a salada por último. Tudo bem eu ajudá-la na preparação?

— A senhorita cozinha? — pergunta, nitidamente pasma.

Sorrio.

— Não tão bem como você, isso tenho certeza. Pode me chamar de Lana. Preparamos juntas a ref eição do Marco.

— Acredito que não seja necessário, doutora. Apenas a oriente.

— Posso pedir autorização do chef eda cozinha se preferir. Coloco a mão na massa e oriento ao mesmo tempo.

Comprime os lábios e concorda em silêncio meneando a cabeça.

Concentro-me no que é importante e começo o preparo do almoço do meu paciente tendo Josef inacomo auxiliar. Gostei dela. É simpática, proativa e atenta. Além disso, f ezinúmeras perguntas e respondi todas com atenção.

Em um determinado momento começo a sentir mal-estar e com certeza tem a ver com o calor intenso de uma cozinha profissional. Deixo Josef a encarregada de fazer a salada.

— Dona Lana, não me parece muito bem. Quer ir até a enfermaria?

— A quentura não caiu bem. — Tento sorrir, mas falho.— Se tiver qualquer outra dúvida me procure.

Recolho o *iPad* e Josefa concorda ainda com um vinco formadoentre suas sobrancelhas bem-feitas.Descarto as luvas e a touca no lixo indicado, me afastando do fornoque estava a cozinha. Saio do refeitório e pego o caminho mais rápido que dá acesso ao jardim. A lufada de ar traz uma sensação boa.

Expiro e inspiro lentamente com a mão encostada num tronco de árvore. Acontece de eu esquecer que o pós tratamento trouxe consequências que terei que lidar pelo resto da minha vida. E tudo bem, quer dizer, em algumas situações me chateia, pois queria ir muito mais além, no entanto, meu corpo sofreupra caramba com o tratamento pesado.

Preciso fazervaler minha vida. Eu amo estar viva e lamento profundamentepor alguns companheiros de tratamento não terem conseguido vencer o câncer. Fui forte, mas também tive meus momentos de fraqueza.

A vida é um grande ponto de interrogação.

Sentindo-me melhor adentro o térreo para regressar ao refeitório.

— Doutora Lana Rubio — escuto uma voz masculina me chamar.

Giro nos calcanhares e busco na memória quem é o homem com a expressão jocosa. Leio seu nome no crachá de visitante: Manuel Serrat.

— Bom dia — cumprimento, af ável.

— Lembra de mim? Fiquei uma semana acompanhando a equipe de basquete San Pablo Burgos.

Vem à mente rapidamente. Ele é um jornalista esportivo que o povo adora, dif erente dos atletas. É conhecido também por soltar notas pessoais em colunas em outras revistas que não f azem parte do meio esportivo. O perí odo que f icou com a equipe tivemos pouco contato, pois estava concentrada demais nos jogadores de basquetes de Burgos.

— Ah, claro, lembrei. Desculpa — peço sem graça.

— Nos f alamos pouquí ssimas vezes. Você estava sempre compenetrada nos atletas.

— Isso é verdade.

Manuel sorri, e diz:

— Soube que está trabalhando exclusivamente com o Lobo Espanhol.

Notei que mudou o tom ao chamar Marco pelo apelido que os f ãs e a mí dia que o adoram, nomearam ele.

— Estou sim. Comecei of icialmente hoje. Como já está sabendo?

— Contados — f ala. — Adoraria entrevistá-la, saber como está sendo a experiência em estar com o maior zagueiro de todos

os tempos, alimentar os fãscom algumas informaçõesque o público ainda não sabe.

Resumindo: ele quer que eu exponha o meu paciente para ganhar exclusivas. Aprendi que na minha profissão não posso desabafarcom pessoas ao redor, apenas com meus pais e a minha melhor amiga. Infelizmente muitos jornalistas se aproximaram de mim com segundas intenções querendo apenas que eu fosse uma das fontes que solta verdades e inverdades sobre os atletas.

Para a falta de sorte dele dinheiro nenhum do mundo me faria abrir a boca. Sou profissional o suficiente para resolver qualquer problema que eu tiver com meu paciente no particular. Não suporto o Jamanta, contudo, seria baixo demais explanar para qualquer jornalista sobre as coisas desagradáveis que aconteceram entre nós.

— Dou entrevistas quando o assunto é somente sobre o meu trabalho.

— Mas é sobre o seu trabalho — profere, pensando que conseguirá me ludibriar. — Por favor, deixe salvo seu número.

O jornalista muda de assunto radicalmente e começa a contar alguns micos que pagou durante as entrevistas. Acabo rindo de algumas situações. Gravo o número de trabalho da minha empresária, ao invés de adicionar o meu número. Ariana que lide com ele.

— Pronto.

Entrego o seu celular.

Um dos seguranças do clube se aproxima e avisa que irá o acompanhar até a sala do Chefão. O técnico se preocupa com a

privacidade dos seus jogadores por isso os visitantes f icam sob vigí lia. No passado vazaram f otos e f izeram matérias mentirosas sobre alguns jogadores, o que af eta o clube num todo.

Nos despedimos e apresso os passos lembrando que não tomei o meu remédio. Nunca esqueço, porém hoje f oi um dia atí pico.Sorrio e cumprimento os jogadores que já estão sentados e almoçando, outros estão na f ila aguardando a vez para se servirem.

Pol acena para mim e recolho minhas coisas indo até eles logo depois.

— Isso aqui está divino — exclama e aponta para o seu prato.

Ele está comendo o que preparei para o almoço do Marco. Fiz em maior quantidade para que também f izesse a mesma ref eição.

— Não exagere, Pol. A comida está... ok — resmunga o Jamanta com toda sua simpatia.

— *T á* maluco, irmão? Isso está delicioso, muito bom — Pol volta a elogiar.

— Por que está a elogiando? O pessoal da cozinha que preparou — diz Marco antes de comer mais uma garf ada cheia.

Sento-me ao lado de Pol f icando de f rentepara o resmungão de uma f iga. Josef a para ao meu lado e coloca uma bandeja com um prato bem montado com a mesma comida que preparamos juntas.

— Obrigada, Josef a.

— Imagina, dona Lana. Acredita que ela praticamente f ez tudo sozinha? Se incomoda de me ensinar ao longo da semana?

Depois que li o cardápio percebi que precisarei de mais ajuda.

De soslaio vejo que Marco mastiga lentamente e Pol está risonho.

— Virei a semana toda. Estarei sempre à disposição para auxiliá-la nos preparos que tiver dúvida.

Ajeita a postura nitidamente aliviada.

— Agora estou bem mais tranquila. Sente-se melhor? Até sua cor voltou.

Fico sem graça com sua pergunta.

— Sim, muita gentileza sua perguntar. Obrigada.

Abro a garraf a de água biodegradável, depois com as mãos dentro da bolsa tiro o comprimido enf iando-orapidamente na boca e em seguida bebo uma boa quantidade de água.

Eles continuam me f itando.

— Foi à enf ermaria? — indaga Pol tão atento quanto seu amigo que suavizou a expressão.

— O calor intenso da cozinha me causou um mal-estar e melhorei assim que saí para respirar ar puro. Estou bem — af irmo, desenrolando os talheres do guardanapo de tecido para começar a comer.

— Tão bem que já estava papeando com o jornalista f of oqueiro — comenta Marco voltando a usar sua expressão taciturna.

Marco Carvajal vai de 0 a 10 em questão de segundos.

— Faça do meu horário de almoço mais agradável sendo direto, Marco — f alo,em seguida levo a primeira garf ada de comida

à boca mastigando-a com calma mesclada ao meu sarcasmo.

— Eu já disse o quanto esse peixe *t á* delicioso? — ignoramos o comentário do Pol, nos encarando.

— Manuel Serrat adora jogar inverdades sobre mim, todos sabem disso.

— Você sabe que nem todos lhe acompanham, certo? Eu f açoparte da porcentagem de pessoas que não te segue nas redes sociais e muito menos se interessa pela sua vida, Marco.

Realmente não o sigo no *I nst agr am* e nenhuma outra rede social. Tenho meu perf il profissional que vem crescendo devido ao trabalho do *soci al medi a* que monitora, produz conteúdo — com as ideias que tenho — e realiza todo o planejamento.

— Depois procure na internet quantas pessoas processei quando descobri que eram f ontes de f of oqueiros.

— Procuraria se f osse do meu interesse, então passo.

— Gente, e esse molho incrí vel na salada? Está f antástico pra cacete — diz Pol, e desprezamos seu comentário novamente.

— Vale lembrar que no contrato tinha cláusulas sobre sigilo total, Lana.

— Olha, eu sou prof issional.

— Contou que está trabalhando comigo?

— Ele já sabia.

— Como?

— Fontes dele o avisou.

— Quem são?

— Vale lembrar que sou sua nutricionista, não sua investigadora particular. — Uso suas palavras presunçosas.

Por um breve instante penso ter visto a sombra de um sorriso querendo surgir nos seus lábios bonitos... f eios, lábios f eios. Odeio o Jamanta!

— Ele perguntou algo sobre mim?

— Perguntou — ludibrio.

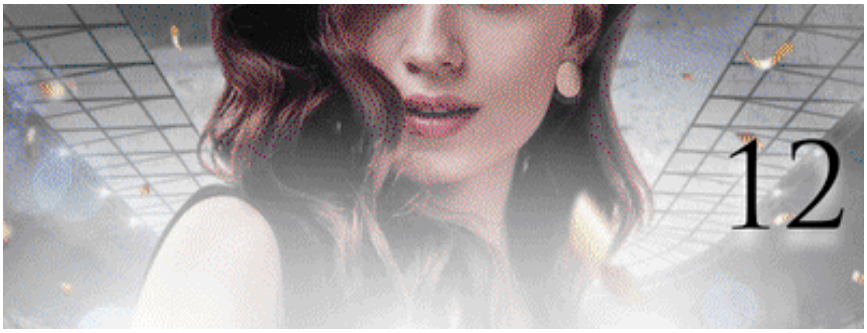
— O que aquele merdinha quis saber?

— Perguntou se eu tinha algo interessante para contar a ele sobre você.

— E...?

— Não f aleinada porque sou ética e também não saberia o que dizer, pois você não tem nada de interessante — provoco e escuto a risada do Pol.

Tenho por mim que Marco está me matando lentamente na sua cabeça.



MARCO

Como assim não tem nada de interessante em mim? Eu sou um dos jogadores mais disciplinados da atualidade. Mastigo com um pouco mais de f orçapor estar puto comigo mesmo por achar ruim o f ato de a nutricionista não ter f alado de mim para o f ofoqueiro de merda.

Ah, Deus... que mulher insuportavelmente irritante.

Todas as pessoas que trabalham comigo soltam rios de elogios sobre mim quando os jornalistas caem em cima deles. Outra coisa importante: todos os meus f uncionários me seguem nas principais redes sociais do mundo. Como assim ela não está me seguindo? Agora que trabalhamos juntos é importante.

— Do que é mesmo esse molho? — pergunta Pol tentando inutilmente dissipar a tensão entre a morena e eu.

E lá está novamente um sorrisinho sarcástico exibindo as covinhas delicadas. Não suporto ela.

— Poderia ter dito o que todos sabem. Eu sou disciplinado.

— Bom, quanto a alimentação ainda é cedo para f alar, Jogador. Impressão minha ou está com raiva por eu não ter o elogiado para o Manuel?

— São amigos — concluo.

— Isso não f azdif erença.Sou a sua nutricionista e meu único interesse é f azê-lo alcançar seu objetivo com saúde.

— Com certeza reparou em mim. Sabe que meu f í sicœstá impecável.

— Prof issionalmentetenho os dados dos seus exames, e se não chegou onde queria é porque não estava tendo uma nutrição adequada em sua rotina.

Mastiga tranquilamente mantendo a lí ngua af iada ocupada. Decido encerrar o assunto antes que eu tenha uma indigestão. Lana Rubio me irrita pra caralho. Quando termina de comer pede licença e segue para o banheiro f eminino com a necessaire em mãos.

— Poderia ser mais gentil com a Lana, irmão? Ela passou mal.

— Viu a f ormaque ela f alou comigo? Vai por mim, ela está ótima.

Caso Lana se sinta mal novamente a levarei à enf ermaria,ou se preferir a dispensarei. Apesar de não gostar dela não signif ica que desejo coisas ruins a ela.

— O seu problema é que está acostumado com a bajulação das mulheres. Acho que está bem claro que a Lana não é como as outras que trabalhou com você.

— Acha que isso me preocupa? Estou f elizque seja assim, pois o que preciso é do prof issionalismo dela. Ela não é o meu tipo.

— Balela — buf a descrente.

— Bom, já terminei. Irei descansar.

— Farei o registro da digital da Lana para que ela tenha acesso livre ao seu quarto.

Solto a respiração deixando claro o quanto acho a ideia do meu melhor amigo precipitada. Todos os dormitórios estão equipados com um sistema de reconhecimento digital que só permite acesso ao jogador — ocupante of icialdo quarto. Christian, Pol e meus irmãos são os únicos que têm as digitais registradas. O técnico se preocupa com a privacidade e a segurança. Inf elizmente já teve casos de f ãsf anáticosinvadirem o estádio chegando a entrar nos quartos.

— Desnecessário.

— Ela f icará mais à vontade na antessala do seu quarto. Pref ere que ela f ique jogada pelo clube?

Pol consegue ser dramático quando quer.

— Tem uma sala de TV enorme e outros lugares pelo clube onde ela pode sentar e trabalhar.

A suí teé espaçosa e conf ortável.Contudo, não quero ter que dividir espaço com ela novamente. Já basta a hora que tenho que aguentar sua *ador ável*companhia.

Desvio o olhar capturando a interação do Xavi e outros colegas que riem enquanto ele f ala. Deixá-la sozinha pelo clube dará margem para que os idiotas se aproximem. Claramente Lana Rubio sabe se cuidar, af inal, é uma mulher adulta e sua vida particular não é da minha maldita conta. Entretanto, quero evitar problemas f uturos.Se por um acaso ela acabar cedendo ao charme de um deles isso poderá implicar na f ormaque trabalha comigo, ou vazar algo para a mí dia. Não que eu me importe com a sua

reputação, mas pelos meus anos de experiência sendo f igura pública sei o quanto a mí dia é maldosa com as mulheres.

No instante que viro o rosto acompanho a saí dae o caminhar da minha nutricionista. Ela caminha com elegância totalmente alheia aos olhares masculinos. Quando volto a f itar meu amigo tenho vontade de arrancar o sorriso irônico do seu rosto.

— Irei tirar minha hora de intervalo enquanto você tem seu primeiro descanso do dia.

— Vamos à sala de segurança cadastrar sua digital para que possa entrar no quarto do Marco — enuncia meu amigo.

Pausa com as mãos na bolsa aberta e nos f ita.

— Ficarei bem na sala de televisão — certif ica.

— De jeito nenhum. Os caras costumam ser barulhentos. Não são todos que irão descansar em seus respectivos quartos — diz Pol sendo cortês demais para o meu gosto com a morena.

— Eu trouxe os meus f onesde ouvido, então f icareiimune ao barulho.

Ela está recusando a ter acesso ao meu quarto? Que mulherzinha... chata.

— Olha, vamos logo! — exaspero sem paciência para lidar com seu teatro.



O funcionário do setor de segurança nos atende com agilidade. Assino o termo e logo em seguida Lana inicia as etapas de cadastramento da sua digital. Em seguida nos direcionamos para a outra parte do prédio onde ficamos dormitórios. Faço uma vídeo chamada com a babá do meu filho.Cumprimenta-me formalmentee entrega o celular para Ander.

Observo que as caixas estão uma ao lado da outra e ele está sentado no tapete com itens próprios para embalagem e seus brinquedos preferidos ao seu redor Ele é muito cuidadoso.

— Vida, tudo bem?

— Sim, papai. Estou bem ocupado — fala olhando para os brinquedos.

— Já separou os brinquedos para doação?

— Espero que quem os receber cuide bem deles — expressa.

— Eles vão, campeão. É importante fazer doações.

— Entendo a importância. O senhor explicou.

A mudança para a casa nova não está sendo fácil.Conforme a reforma foi acontecendo fazia questão de levar o Ander para que conhecesse o nosso lar oficial, o que sempre idealizei para nossa família Nos dias que íamos, o pessoal da construtora evitava fazer barulhos altos que pudessem irritar meu filho. Foi um pedido meu.

Meu bebê avançou mais um passo ao separar os brinquedos que não brinca mais para adoção.

Estreito o olhar quando escuto um grito ao fundo.

— Foi uma das suas tias — digo. — Leve o telefone para uma delas, por favor, filho.

— Papai, não acho uma atitude inteligente falar com a tia Lucía. Foi a tia Lucía que gritou.

— Posso saber por quê, vida?

Pressiono o dedo no aparelho de reconhecimento digital e a porta destrava. Aponto para que Lana entre primeiro.

— Ela perguntou para mim se ela estava bonita e eu disse que não. Tia Lu começou a chorar e saiu correndo. Acho que deveria ter mentido, papai, tio Juan disse que sempre devemos falar para as mulheres que elas são bonitas mesmo que não estejam, mas o senhor disse que não posso mentir e para ser sincero, estava ocupado demais embalando os meus brinquedos. Só que eu acho que a tia Lu *tá* nos seus dias femininos.

Seguro a risada sem deixar de encarar o amor da minha vida.

— Papai, poderia enviar flores, chocolates e tudo que a tia Lu gosta para que ela volte para os seus dias legais?

Costumo fazer isso quando as gêmeas estão em seus dias femininos — como expliquei para o meu filho — ou quando simplesmente me mandam mensagem dizendo que tiveram um dia horrível.

— Farei isso agora mesmo, filho.

— Manda pra tia Te também, por que ela é ciumenta.

Rio com gosto.

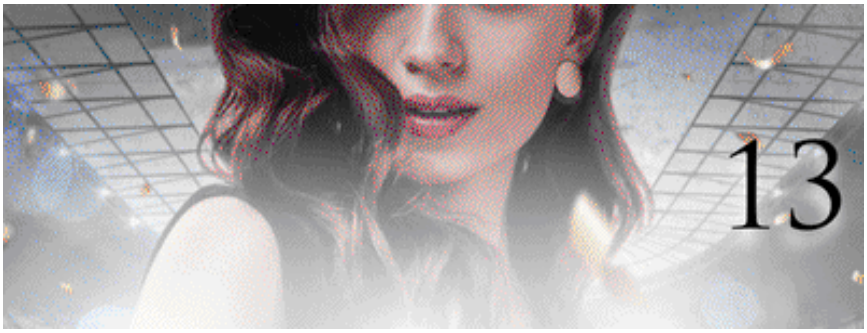
— Bem lembrado, campeão. Não queremos mais complicações.

Abro a porta de correr que divide o quarto da antessala ampla, f echo-a em seguida e sento na cama começando a tirar o tênis. Deito em seguida agora querendo saber se f alta muita coisa para empacotar e guardar nas caixas. Meu peito inf la de orgulho e f elicidade pelo Ander estar se comunicando melhor comigo. Cada dia é uma vitória.

Continuo lendo e participando de grupos de pais de crianças autistas. Ander tem grau 1 de autismo. Ele tinha muita dif iculdade na comunicação, vem melhorado com o suporte que damos em casa e com a equipe multidisciplinar que o acompanha desde que f oi diagnosticado.

Meu f ilho não lida bem com mudança, porém é algo que vem sendo trabalhado e respeitado. Antes evitava o contato visual, agora consegue manter, contudo, tudo f unciona da sua maneira, sem pressão. Não gostava de contato f í sico, hoje já consegue receber af eto f í sico, o ensinei desde novinho que ninguém poderia tocar no seu corpo sem sua permissão e isso de alguma f orma trouxe conf orto a ele. Lugares barulhentos não o agrada, o deixa nervoso e ansioso, tem dif iculdade para f azer amigos, ser sociável e não ler com f acilidade as expressões f aciais das pessoas.

Como pai estou ao seu lado amando-o do jeito que é e vibrando com as suas evoluções. Empodero meu f ilho para que seja o melhor ser humano possí vel, que seja o que ele quiser



MARCO

Acordo com o despertador do celular. Sigo para o banheiro para urinar, logo depois f aço minha higiene pessoal. Não escuto sequer uma voz vindo da antessala, talvez Lana tenha saí do do quarto. Pol não sabe f icarquieto então deve estar na academia do clube ou na sala moderna de jogos.

Vejo a bolsa da minha nutricionista em cima do sof á e quando sigo em f renteobservo-a descalça com a bainha da calça cobrindo quase todo os seus pés, as unhas estão pintadas num rosa-claro, bem menininha. Anda com uma mão na cintura e a outra mão segura o celular na sua orelha. Ela sorri e f ala com uma alegria evidente. Balança a cabeça de leve para tirar as mechas onduladas que voam para f rente do seu rosto devido ao vento.

Ela mordisca o lábio e depois volta a rir. Quem está do outro lado da linha está f azendo um excelente trabalho em arrancar sorrisos dela. Quando ergue a cabeça e mira o olhar na direção que estou disf arço para que não pense que estava a admirando.

Def initivamente não estava.

Encerra a ligação recolhe o tablet em cima da cadeira estof ada da sacada e retorna para a antessala.

— Como se sente?

— Disposto — confirmo.

Não costumo priorizar o sono, sempre os exercícios. Estou confiando na Lana para alcançar o meu objetivo.

— Perfeito. Agora você tem treino na academia. Conversei com o Pol sobre os exercícios.

— Certo — digo.

Lana senta no sofá e calça os saltos altos com agilidade. Mesmo com eles ainda sou bons centímetros mais alto que a morena. Segui ao seu lado por educação, não quero deixá-la para trás. Para mim está sendo um silêncio desconfortável... diria até com certa tensão. Claramente não sei o que está se passando comigo.

Minha nutricionista não faz questão de iniciar uma conversa. Parece que estou momentaneamente invisível. Admito que depois que fiqueimundialmente famoso não precisei fazermuita coisa para ter atenção de uma mulher, elas sempre vêm e fazem questão de estar puxando assunto ou me tocar. Não que eu queira qualquer tipo de intimidade com a morena, a questão aqui é que ela está sendo indiferente.

— Seguirei daqui. Ajudarei Josefa na preparação da sua próxima refeição.

Anuo e ela segue pelo lado esquerdo sem olhar para trás nenhuma vez. Afinal, por que olharia? Lana está sendo profissional e isso é tudo que prezo com as pessoas que trabalham para mim.



Os jogadores reservas passam por mim indo em direção ao campo. Agora eles têm treino com bola e os titulares têm treino na academia. Pol me aguarda na entrada da academia do clube.

— Seguirá o treino que os educadores f í sicosdo clube planejaram para hoje, depois seguiremos o nosso — inf orma animado.

— Conversou muito com a Lana? — a pergunta escapa.

— Por que está me olhando com essa cara de cachorro louco?

— Ela realmente melhorou?

— Vejam só, ele não é tão indif erente.

— A saúde de todos que trabalham comigo é importante.

Estende a mão e segura o meu ombro.

— Eu sei o quanto é sistemático com a saúde das pessoas em sua volta. Lana garantiu que está bem. Conversamos um pouco, logo depois f ui para a sala de jogos do CT

Submeto-me a vários tipos de exames assim como exijo que meu f ilho e irmãs f açam além do que os médicos que os acompanham solicitam. Antes era bem mais paranoico e sistemático quanto a saúde da minha f amí lia,quero ter certeza de que estão saudáveis. Depois de acompanhar de perto e cuidar da minha mãe, enquanto lutava pela sua vida, sobrevivi ao luto e depressão pelos meus irmãos, e agora que sou pai morro de medo que algo de ruim

posso acontecer com meu f lho. Ander, Juan, Lucí ae Teresa são o ar que respiro, são minha vida.

Foi dif í il para mim buscar ajuda prof issionalpara lidar com a perda prematura da minha mãe. Quando ela f aleceunão pude me perder no luto, pois meus irmãos eram novinhos demais para compreender. Passado alguns dias do enterro da mamãe meus irmãos começaram a sentir f alta dela. Durante o dia os distraí a como podia, mas a noite não tinha como suprir totalmente a f alta que sentiam da nossa mãe. Escutar eles chorando pedindo pela mamãe me f azia chorar

Com ajuda dos pais dos meus melhores amigos e de outros membros da comunidade do cortiço não nos f altou o básico. Meu maior medo era que pessoas de f orado nosso cí rculodescobrissem que minha mãe havia f alecidoe as autoridades viessem tirar meus irmãos de mim. Passou pela minha cabeça desistir do f utebol e procurar um emprego, contudo, f oram anos dedicados aos treinamentos e aguardando a grande chance.

Os pais dos meus amigos se revezavam para cuidar dos meus irmãos durante as horas que eu estava no centro de treinamento. E assim f omoslevando até que veio a oportunidade da minha vida. Adoraria que minha mãe estivesse viva... que pudesse presenciar tudo que conquistei.

Costumava f alarque assim que f osseum jogador prof issional tiraria todos da vila mais humilde de Puente de Vallecas, bairro localizado no sudeste de Madrid e considerado um dos mais perigosos da cidade. Ela sorria, me enchia de beijos e dizia que seria um sonho, mas que dinheiro não era tudo.

Dona Linda Carvajal estava certa.

Cresci escutando *Rubén Blades* com mamãe, cresci vendo-a alegrar nossos dias dançando flamenco, cresci com meus melhores amigos brincando e correndo pela vila sem camisa, sem preocupações, cresci fazendo as refeições simples em volta de uma mesa redonda com mamãe e alguns anos depois com meus irmãos. O dinheiro nunca supriria esses momentos únicos e felizes que tive ao lado das pessoas que amo.

— Marco, está sonhando acordado? — Escuto Pol me chamar.

— Só pensando demais.

Fizemos um círculo deixando os treinadores físicos do clube no centro para que narrassem o treino de hoje. Sigo para o primeiro aparelho de musculação do dia. Começaremos pelo treino essencial de pernas. Aumento o peso sob a orientação do educador do clube e sinto os olhos de águia do Pol. Qualquer deslize, ele virá correndo.

Começo a trabalhar todos os quadríceps, acostumado com os ensinamentos do Pol. Lembro quando não tinha dinheiro para pagar academia e meus amigos da vila montavam, como podiam, os pesos com latas de tintas cheias de pedras, caixotes e barras de ferro velhas.

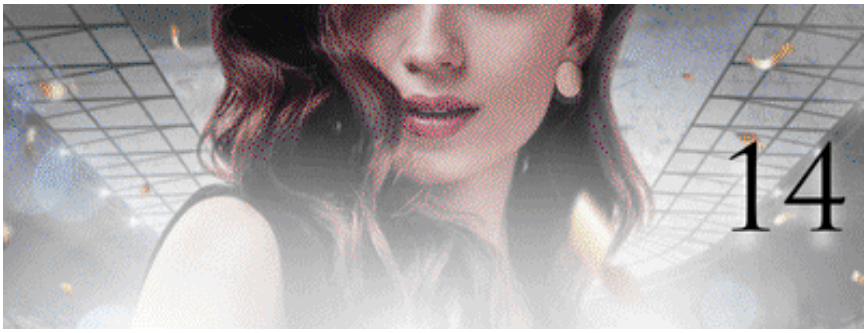
Expiro e levanto a perna até que fique estendida fazendo uma amplitude de 90º. Inspiro regressando à posição inicial. Fico de olho nos meus joelhos para que não corra o risco de esforçá-los fazendo o exercício de forma errada.

Cumprimos o treino de musculação. O pessoal começa alongar para irem para o treino regenerativo. Quando saem Pol vem

para me auxiliar em outros aparelhos da academia.

— Presta atenção nos joelhos — alerta.

Destranco a alavanca de segurança e vou baixando os pesos até os joelhos f icarem num ângulo de 90º. Faço uma pausa aguentando f irmee empurro a plataf ormapara cima. Prossigo f irme no treino.



LANA

Papai Camilo ligou querendo saber como estava sendo o meu primeiro dia de trabalho. Resumi o que aconteceu prometendo que depois narraria tudo com calma. Ele me arrancou risadas conf orme f omos mudando de assunto.

Deixo minhas coisas na mesa do ref eitório e sigo para a cozinha. Josef a gentilmente já me entrega uma touca e um par de luvas.

— Agora está mais tranquilo e menos quente.

Observo a cozinha prof issional f eliz por ser muito bem equipada e ter instalado cortinas de ar, sistemas de ventilação, exaustores e coif as.Porém, naquela hora intensa da preparação do almoço f icou quente demais para mim e isso me causou mal-estar

— Percebi assim que entrei aqui — digo e sorrio para ela.

Sigo para a sua bancada da cozinha. A quantidade de f uncionários também diminui nesse horário.

— Deixaremos as f rutas por último, certo?

— Exatamente. Começaremos pelas torradas, depois f aremos o patê de abacate bem temperado.

Preparamos as torradas utilizando manteiga de coco, que é a melhor opção para o Marco. Em seguida verif ico os abacates disponí veis e pego um tirando a cabinho dele. Vejo que o cí rculo está um verde clarinho, então tenho certeza de que está maduro. Josef a f az questão de descascar e cortar. Em seguida começo a amassar com um garf oe aos poucos vou acrescentando o sal rosa, pimenta e azeite. Sempre provo com outro garf o para ir me certif icando do sabor.

Conf iro o horário no relógio sabendo que Marco treinará um pouco mais do que seus companheiros. Ele realmente é disciplinado nos exercí cios.

— Deixe para preparar as frutas quando Marco vier para o lanche.

— Sim, dona Lana.

Saio da cozinha, descarto a touca e as luvas.

As horas seguintes se passam e continuo concentrada no trabalho, exceto quando meu celular vibra notif icando as mensagens da ruiva traidora. Estou dando um gelo nela.

Agradeço a Josef a quando traz um prato recheado de f rutas para mim. Como tudo com gosto. Uma outra f uncionária vem retirar o prato, em seguida guardo minhas coisas na bolsa e saio com o celular em mãos.

Paro num dos corredores amplos e iluminados para atender a chamada do meu paquera, Reykon. Ele deve estar pensando que não quero mais o encontro, pois só visualizei a mensagem e sequer tive tempo de responder.

MARCO

Saio do vestiário respondendo as mensagens do Juan. Parece que está dando mais trabalho agora do que no iní cio da adolescência. Inf elizmente meu irmão mudou radicalmente seu grupo de amizades. Sei que algumas pessoas vêm e vão de nossas vidas, mas quando o laço de amizade é verdadeiro perpetua, por mais que não seja uma relação de conví vio diário.

Seus novos amigos são f ilhos de polí ticos e grandes empresários. Não que a classe social seja um problema, e sim a f altade caráter dessas pessoas que parecem estar os puxando para o f undo do mar

— Conf io,pois já estive no *Ast r ol abi ~~us~~* escuto a voz suave da minha nutricionista.

Termino de enviar os emojis soltando f umaçapelo nariz para o meu irmão caçula, encosto na parede e miro na morena apoiada na parede com o celular na orelha e prendendo um sorriso com os dentes.

Eu deveria dar meia-volta e prosseguir pelo outro caminho que me levará até o ref eitório principal. Entretanto, acho que tem colas na sola dos meus tênis, visto que não consigo movê-los. Sinto a necessidade insana de continuar à espreita e invadindo sua privacidade.

Porra, logo eu f azendo isso... sendo que prezo por privacidade. Decido continuar escutando sua conversa para me certif icar de que não esteja sendo f onte de nenhum jornalista f of oqueiro de merda.

Certo, estou sendo um grande cretino. Acho que ela já provou sua lealdade, mas segurança nunca é demais. Esse é meu lema. Busco na memória e o único lugar que vem em minha mente com o nome Astrolabius é um restaurante caro e chique onde levei diversas f icantes.

— É mesmo? Ok, mal posso esperar — f alapassando a mão livre na nuca.

Ah, pelo jeito está marcando um encontro.

— Terei que passar, pois f icareinos drinques sem álcool — ri exibindo as covinhas e encara os sapatos.

Gostaria de saber quem é o corajoso que sairá com essa chatinha de lí ngua af iada.

— Irmão, o que está f azendo aí ?

Num movimento rápido tapo a boca do Pol chocando suas costas na parede. Cochicho:

— Fica em silêncio e não se mexe — digo, com medo de ser pego no f lagra pela Lana.

Impulsiono o tronco e espiono, assistindo a morena com um sorriso nos lábios escutando o que a pessoa do outro lado da linha está dizendo.

— Bom, isso você poderá descobrir caso a noite termine como imagino — pronuncia de uma f orma sensual, natural.

O que o idiota vai descobrir? A f icha cai quando me dou conta de que estão f alando de putaria. Não tenho nada contra, af inal, sou um dos maiores putos que existe, mas... sinto um f uror inexplicável.

— Não acredito! — Volto a tapar a boca do Pol.

Encosta a cabeça na parede e f echa os olhos por alguns segundos com a porra de um sorriso brincando na curva dos seus lábios cheios.

— É mesmo? Agora estou curiosa doutor Reykon. Se eu estivesse aí com você agora, o que você ia querer f azer comigo? Gosto de detalhes — prof ere num tom baixo.

Ela está excitada por um merdinha qualquer? Ok, isso não é da minha maldita conta. Tecnicamente Lana está no seu horário de trabalho e não deveria estar tendo esse tipo de conversa durante o expediente. É antiprof issional.

É isso.

— Diz que precisa discutir algo com ela — sussurro para o meu amigo que me encara incrédulo.

— O quê? Mano, você está invadindo a privacidade dela...

Não deixo Pol terminar, simplesmente o agarro pelos braços o jogando para o corredor. Escuto Lana encerrar a ligação e regresso pelo caminho que vim para não ser pego.

Busco o contato do Christian e no terceiro toque ele atende:

— Estava em reunião com...

— O que sabe da Lana?

— Prometeu que não f icariaparanoico, irmão. Marco, sei que sof reu com pessoas que trabalharam para nós e que acabaram vazando inf ormações,muitas delas mentirosas, mas Lana é de boa. Muito prof issional.

Muito prof issional... repito essas duas palavras mentalmente querendo saber o motivo de estar tão incomodado com a minha nutricionista.

— Acontece que ela já está f requentando minha casa. Você sabe o quanto minha casa é sagrada por conta do meu f ilho e irmãos.

— Sei, por esse motivo nunca f izemos reuniões em suas residências. Lana está f requentando pois é exclusiva e o acompanhamento é de perto. Falando nisso precisamos conversar sobre o chef e particular

— Agora não. Sabe quem eram aqueles homens que estavam com Lana e Ariana em Cantábria?

— Pais da Lana.

Quero me chutar mais uma vez por ter tirado conclusões precipitadas.

— Ok.

— Já me perdoou? Sabe que tudo que f açoé pensando no seu melhor, irmão.

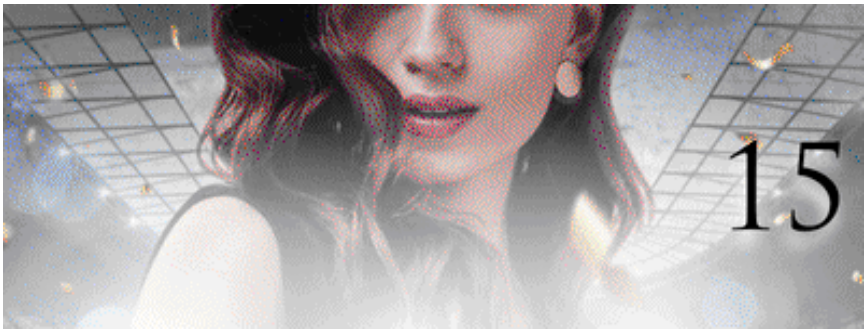
— Não perdoei caralho nenhum. Você me enganou.

— Foi por uma boa causa. E agora? Já me perdoou?

— Não — respondo f irme.

— E agora já?

Desligo na sua cara sem paciência para lidar com o meu melhor amigo traidor.



MARCO

Precisando de um pouco de espaço só desci para jantar quando Danna me avisou que Lana havia ido embora. Alimentei-me das duas ref eições que preparou para mim. Como sempre estava tudo uma delí cia. Depois liguei para f alar com o meu f ilho que f inalmente havia terminado de organizar seus brinquedos, conversamos por quase uma hora.

— Patrão, o pessoal da transportadora chegou — avisa Danna.

Autorizo a entrada e os aguardo na porta da mansão. Cumprimento-os assim que saem do caminhão.

— Bem embalado, Capitão — diz o homem mais alto abrindo as portas do caminhão.

Aproximo-me e vejo o quanto f oram cuidadosos.

— Por aqui, por f avor

Sigo na f rentee paro num canto especial da cozinha que tem uma parede de vidro que dá uma visão incrí vel para o quintal. Observo-os colocar a mesa redonda. Em seguida saem para buscar as cadeiras. De todos os móveis da casa essa mesa de longe não tem nada de sof isticada, porém tem um valor sentimental.

Foi reformada e colocaram uma tampa de vidro. Danna me entrega uma tesoura e começo a cortar as cordas para puxar as proteções. Logo os funcionários da transportadora trazem as seis cadeiras.

— Capitão, se incomodaria de nos dar um autógrafo? Temos filhos, que assim como nós, são seus fãs.

Concordo e sorrio.

— Danna, pegue três camisas que irei autografá-las para esses trabalhadores.

Ficam empolgados e parecem não acreditar. Acho graça do jeito deles. São pais de família, honestos e trabalhadores. Em todas as vezes que precisei do serviço da transportadora sempre foram sigilosos e educados. Assim que Danna traz as camisetas com uma caneta permanente, começo autografá-las.

— Meu filho vai pirar, Capitão. Muito obrigado, Deus o honre sempre — agradece, emocionado.

Peço que Danna os acompanhe até a porta.

Sento-me na cadeira e toco no vidro vindo na memória todas as refeições que fiz com mamãe e meus irmãos. Comí amos comida enlatada, simples, mas sempre felizes. Foram muitos bolos de aniversário que ficaram sobre essa mesa e minha mãe ao redor com nossos amigos da vila.

Não consegui me desfazer dessa mesa e do carro velho amassado da minha mãe. Fecho os olhos por alguns segundos e lembro do dia que ela encontrou essa mesa jogada atrás de um restaurante do bairro. Colocamos juntos no carro. Assim que

chegamos em casa mamãe disse que iríamos reformá-la para usarmos.

Quando saí da vila além das fotos em família levei comigo a mesa e o carro da mamãe.

— Ficou incrível — fala Christian.

Abro os olhos e vejo meus dois melhores amigos fitando a mesa com nostalgia. Aproximam-se e ocupam dois lugares.

— Vocês tem noção que ainda comemoramos nossos aniversários com essa mesa? — indaga Pol e rimos.

— Ander já comemorou seus sete aniversários com essa mesa — expresso, contente.

— Lembra quando seu primeiro empresário não queria aceitar que você levasse a mesa e o carro da sua mãe para seu apartamento novo? — Christian ri e acompanhamos ele.

Recordo-me bem desse dia.

— Apelidamos ele de Operação Condor — relembra Pol e voltamos a cair na risada.

Meu primeiro agente foi americano e empresário esportivo conhecido. Se pudesse voltar atrás nunca teria assinado com ele, pois quase custou minha carreira. O cara era um ambicioso e não me dei conta das cláusulas abusivas. Fui explorado e roubado. Meu maior sonho estava se tornando um pesadelo.

Christian havia abdicado da sua vaga na Universidade Complutense de Madrid para continuar trabalhando em período integral num restaurante. Pol também trabalhava no mesmo comércio como garçom. Ambos abriram mão de cursar o nível superior para ajudar nas despesas da casa dos pais.

Como eu estava no início da minha carreira profissional não tinha como ajudá-los, como era o meu objetivo. Devido a tudo que estava vivendo com meu empresário na época e preocupado com a situação dos meus melhores amigos e seus pais, que considero como meus tios, revelei a eles o que estava acontecendo.

Sem pensar duas vezes procuramos o melhor advogado esportivo na época para lidar com o problema. E finalmente as coisas começaram a andar. Livrei-me do malandro do Peter.

Percebi que não adiantava nada caminhar para o topo sem estar com os *meus*. Eles eram a minha família. Sempre foram. Propus para que meus melhores amigos cursassem o nível superior e trabalhassem comigo. Arquei com as despesas da família de ambos, e quando finalmente tive meu primeiro grande salário foi quando me dei conta de como era bom ter dinheiro o suficiente para ajudar as pessoas que amo.

Nenhum deles reside mais em Puente de Vallecas. As dez famílias que residiam no cortiço e muitas vezes dividiam o pouco que tinham comigo, minha mãe e meus irmãos tem casas grandes e lindas no bairro Las Letras. Eles continuam sendo as mesmas pessoas humildes, bondosas e leais a mim. Nunca me trocaram por nenhuma promessa de jornalista midiático.

— Peter era um filho da puta. Quase me arruinou, mas respondeu por tudo — enuncio.

— Um viva a isso — diz Christian.

— Tivemos uma infância incrível. Aprontamos pra caralho, sua mãe nos levava à praia, corríamos pelo bairro brincando sem camisa, nossos pais e tios deixaram tudo mais leve.

Ref erimo-nos aos nossos vizinhos da vila como: tios.

— Escutávamos *Rubén Bl ades*, assistí amos nossas mães dançarem f lamenco, montávamos álbuns de f igurinhas.. éramos nós mesmos — comenta Pol.

A melhor parte de ser criança é não precisar f ingir. Fomos crianças f elizes sem precisar de muito.

LANA

Assim que entro em casa vejo minha melhor amiga sentada na bancada da cozinha conversando com meu pai Camilo. Assim que a vejo f echo a expressão me segurando para não voar em seu pescoço. Ariana se levanta e rapidamente abre a caixa da nossa conf eitaria pref erida.

— Trouxe churros recheados com chocolate belga especialmente para a pessoa mais linda e adorável desse mundo.

— Deixe os churros e você pode ir — digo a f itando de cara f eia.

— Retiro o: adorável. Não f oi nada f of a comigo.

— Como eu seria depois de ter me enganado? — indago tirando o blazer sob os olhos atentos do meu paizinho.

Papai Camilo vem até mim e beija minha testa.

— Carinho, acho melhor deixá-las sozinhas para conversar.

— Não precisa, papai, pois Ariana está indo embora agora.

— Na verdade, não estou. Sei que está brava comigo...

— Estou puta com você, Ariana!

Fico numa ponta da ilha e ela na outra. Se dependesse de mim a ruiva já teria derretido com o meu olhar. Papai volta a sentar na banqueta e pega um churros comendo-o sem tirar os olhos de nós duas.

— Já pedi perdão, amiga.

— Você é uma das pessoas que mais confio, Ariana. Sabe como você era importante para mim.

— Por que está usando a forma derivada do verbo ser no passado, no pretérito imperfeito? Não gostei — resmunga.

— É isso mesmo. *Era* importante. Você me traiu.

— Eu só estava pensando no seu bem. Escuta, quantas vezes agiu por impulso pensando no meu bem? Muitas vezes, não é, tio Camilo?

Encaro meu pai pedindo mentalmente que não concorde com Ariana... por questão de orgulho. Papai entre a cruz e a espada prefere enfiar outro churros na boca.

— Poderia ter perguntando se eu queria trabalhar com Marco Carvajal.

— Você teria aceitado?

— Não!

— Aí está a resposta.

— Isso não apaga sua traição.

— O que eu deveria ter feito sabendo que minha melhor amiga é tão boa que perdoaria o cretino do ex-noivo assim que ele regressasse? Porra, Lana, você ainda *stalkeia* Daniel.

Papai se engasga e ambas corremos até ele batendo de leve nas suas costas.

— Pensei que tivesse superado, f ilha.

— Papai, eu superei. Eu só... busco inf ormaçõesnas redes sociais sobre o Daniel por curiosidade — digo e minhas bochechas esquentam.

Estou envergonhada. Juro que estou.

— Ah, tá! Não somos idiotas, Lana Rubio — expressa a ruiva me f itando em ní tido julgamento.

Voltamos cada uma para uma ponta da ilha duelando com o olhar.

— A questão aqui é sua mentira.

— A questão aqui é o que me levou a mentir para a minha melhor amiga que considero como uma irmã.

Essa cachorra está jogando pesado com as palavras. Ela sabe como usá-las, conf esso. Mantenho a postura dura.

— Pode parar de drama, Ariana. Estou chateada por te me enganado.

— Lana, todos nós sabemos como sof reu pelo Daniel. Quando amamos demais uma pessoa a razão e o coração não costumam f uncionarcorretamente. Você venceu a porra do câncer, se tornou uma nutricionista f oda e tem tido experiências com homens legais. E eu sei que nunca se permitiu um relacionamento sério por causa daquele anticristo. Fui intrometida? Muito, af inal, não é segredo para ninguém que compro as brigas das pessoas que amo. Aliás, já te disse que te amo hoje? Te amo, Laninha. Prometo que nunca mais escondo nada de você.

Suspiro e desvio meus olhos dos seus encontrando meu pai comendo os churros e atento em nós duas. Papai pisca para mim, e buf o.

— Jura de dedão?

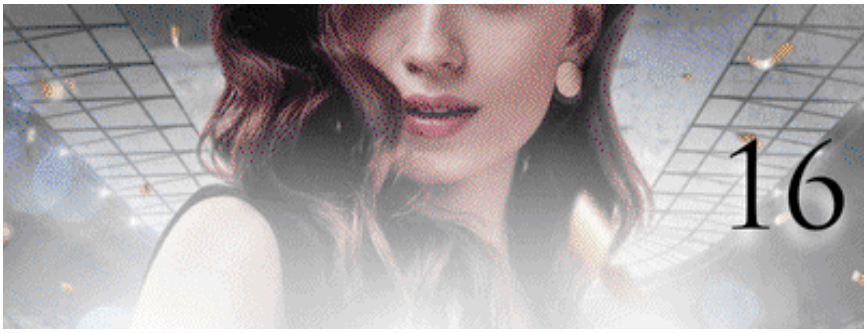
Nos encontramos no meio da ilha e erguemos o dedão de nossa mão direita.

— Prometo, amiga.

Encostamos nossos dedões e nos abraçamos.

— Agora que minhas bebês f izeramas pazes vamos devorar esses churros divinos.

Sorrimos para o meu pai. Ocupamos, cada uma, uma banqueta o deixando no meio e começamos a devorar os churros.



MARCO

Assim que entro na cozinha sinto o cheirinho de caf ésendo passado. Danna e Lana conversam como se f ossem amigas. Pelo pouco tempo que conheço a minha nutricionista percebi que seus sorrisos são suas maiores armas para diversas situações. Alguns são verdadeiros e de pura simpatia, outros claramente vem à tona para esconder seus verdadeiros sentimentos.

— Bom dia, patrão — cumprimenta Danna com seu sorriso de mãe amorosa.

— Bom dia — saúdo.

Escuto uma música soando baixinha e reconheço sendo da banda *Cal l e13*. É um trio de irmãos de música urbana, *r ap* alternativo e *pop* latino de Porto Rico. Adoro eles, assim como meus irmãos e amigos. Fomos em alguns shows deles. São incrí veisao vivo.

Abro a geladeira pegando uma das garraf as de água biodegradáveis e sento na cadeira abrindo-a para consumir. Vejo a ação da morena em tocar na tela do celular, digo:

— Pode deixar. Não me incomodo — f alof itandodiretamente seus olhos castanho-claros.

Enquanto intercalo os goles de água vejo o momento que Lana traz a bandeja com o meu caf éda manhã pondo-a na mesa com destreza totalmente alheia aos meus olhares, se bem que não a estou f itandode maneira estranha. Estou encarando-a como f aço com qualquer outra mulher.

Lana não tem nada demais.

Lana é comum.

Lana não é meu tipo.

Lana é minha nutricionista.

Lana me odeia.

— Bom apetite, Capitão — diz com um tonzinho meio debochado.

Fecho a cara para a morena que se vira para voltar à ilha da extensa cozinha. Meus olhos queimam sua bunda bem delineada pela calça *l eggi ng*preta que abraçou cada centí metrodo seu corpo desenhado. Veio trajando peças esportivas. Peço a todos os Santos que não esteja usando apenas um *t op* por baixo da jaqueta corta vento branca com detalhes em rosa-bebê. É da marca de um dos meus maiores patrocinadores. Ganho vinte e cinco milhões de euros por ano da maior empresa desportiva.

Ela senta na banqueta e tira da bolsa seu *i Pad* Deveria ser um cavalheiro e perguntar se já f eza primeira ref eição do dia, mas meu orgulho é maior do que a bunda da Lana. Ok, preciso parar de f alarda bunda da morena. Nunca vi melhor, mas com certeza deve ter. Mulheres belas é o que não f alta na minha vida de solteiro.

Estava pronto para levar a primeira torrada com abacate à boca quando Danna começa a cantarolar chamando minha atenção.

Fito-a sem entender e ela aponta com a cabeça em direção a Lana. Semicerro os olhos, meneando de f orma negativa.

Basta suportar a Lana. Não preciso ser um perf eito cavalheiro. Sou assim somente com minhas irmãs e minhas tias. São mulheres da minha f amí lia que tem o melhor de mim.

Mastigo ignorando o olhar decepcionado de Danna. Convidar a minha nutricionista chatinha para sentar na mesa comigo é algo muito f amiliaŗ ainda mais nessa mesa que tem um valor sentimental. Resignada Danna serve salada de f rutas para minha nutricionista.

— Não precisava se incomodar, Danna — prof ere, educada.

— Faço questão. Adoro cozinhar para essa f amí liæ já sinto que a senhorita é de casa.

Engasgo-me e rapidamente sorvo uma grande quantidade de suco de abacaxi.

— Posso colocar mais um pouco do iogurte desnatado? Gosto com muito iogurte e mel — diz parecendo uma menininha e seguro a vontade de sorrir.

— Óbvio que sim, menina.

Lana f az uma cara f of a arrancando sorrisos da Danna.

Sigo me alimentando tentando me desligar da presença da morena. Em momento algum sou alvo dos seus olhares. Aquela sensação de ser invisí vel para a doutora Rubio retorna com tudo deixando um gosto amargo na boca. Poderia acusar que o causador seja algo na ref eição f orte e balanceada que preparou para mim, mas está tudo uma delí cia.

Espeto a primeira fruta com o garfo e novamente miro na morena sentada na minha banqueta. Franze a testa mantendo a atenção na tela do hí bridoentre o celular e o notebook, escrevendo algumas coisas com a caneta *penci l*. Observo como usa a caneta para empurrar mechas do seu cabelo para trás da sua orelha.

Devem ser tão macios quanto sua pele. Caralho, definitivamentenão devo continuar tendo esse tipo de pensamento. Concentro-me apenas em comer. Nada mais.

O interfone toca assim que termino. Atendo e sou avisado pelo segurança de plantão que minha famí liachegou. Era para terem vindo ontem, porém, devido as coisas da mudança e por temer que viessem à noite de Alcobendas para Madrid. É menos de meia hora, contudo, alguns jogadores já sofreram tentativas de assalto e sequestro pela via que liga o muní cipio à capital.

Não sou paranoico por segurança à toa.

Caminho para a entrada da morada. Minutos depois começo a avistar as Mercedes Classe G blindadas se aproximando. Golias é o primeiro a sair do carro. Cumprimento-o e abro a porta de trás pronto para pegar meu menino.

— Vida, senti sua falta — digo carente do meu bebê lindo, ajudando-o a tirar o cinto de segurança. — Papai tem permissão para pegá-lo no colo?

— Tem — responde sucinto.

Levo o nariz para o seu cabelo loiro escorregando-o para a curva do seu pescoço. Amo o seu cheiro infantil, seu perfume fraquinho e refrescante. Fecho os olhos absorto na sensação de

estar segurando meu f ilho. Ander é meu tudo. Respeitando seu espaço não demoro no carinho.

Assim que Juan sai do outro carro praticamente pula nas costas do Golias.

— Finalmente nossa casa f icoupronta. Deverí amosdar uma f esta, não concorda, Golias? — diz agarrado e pendurado nas costas de um homem de quase dois metros de altura.

— Quantas vezes vou ter que pedir para não pular nas costas do Golias, Juan? Ele não é seu brinquedo ambulante.

Meu irmão caçula resmunga e desgruda das costas do lí der da nossa segurança indo para o porta-malas do carro pegar suas coisas.

— Para de torrar a minha paciência, Teresa! — pede Lucí a batendo a porta do carro.

— Você é tão insensí vel, Lucí a. Jesus, essa garota não tem um porcento de delicadeza. É uma cavala o tempo todo! — depõe Teresa com seu tom de voz amena.

— O que você disse? — indaga Lucí a, querendo ir para cima da sua metade.

Impeço-a segurando pela sua jaqueta de couro sintética marrom.

— Ei, ei, sério que já chegaram se matando? — pergunto de f orma retórica com Ander no meu colo.

— Ela começou! — acusam em uní ssono.

— Papai, quantos dias dura os dias f emininos das minhas tias?

Seguro a risada e beijo a bochecha rosada do Ander.

— Não importa. Vem cá, razões dos meus cabelos brancos. Quero o primeiro abraço em f amí liaof icialmente na nossa casa nova.

Juan se junta a nós. Abraço-os da melhor f ormaque consigo com um braço livre e outro mantendo Ander em meu colo. Fazemos um pequeno cí rculo e beijo a testa de todos.

— Vocês sabem que tudo que f aço é por vocês. Minha prof issãoexige de mim horas de dedicação, mas sempre tento ser o mais presente possí vel. Amo vocês, pirralhos. São todos os meus bebês.

As gêmeas soltam murmúrios f of osjuntamente com Juan e acabamos rindo. Escuto outro carro estacionando e sei que são meus melhores amigos.

— Sem a gente não vale! — declara Pol todo brincalhão.

Christian e ele jogam os braços ao nosso redor participando do abraço em f amí lia.

— Adoraria me retirar desse abraço em grupo. Já senti amor demais, papai.

A inocência de uma criança é uma coisa surreal, e quando se é uma criança autista isso triplica. Christian beija a cabeça do af ilhado e ponho meu f ilho no chão.

— Aposto que Danna preparou tudo que gostamos — comenta Juan esf regando as mãos.

Adentramos a mansão seguindo direto para o coração da casa. A cozinha.

— Olha, não esperava essa recepção. A gostosa das férias — murmura meu irmão caçula paralisado ao fitar minha nutricionista conversando e sorrindo com a Danna.

— Por que não contaram para a gente? O que ela está fazendo aqui? — questiona Teresa, obviamente curiosa.

— Ela é a nova nutricionista do seu irmão, princesa — revela Pol direcionando um olhar para mim.

— O destino não brinca, hein?! — Lucí apensa alto fazendo meus amigos sorrirem.

Danna é a primeira a nos notar e rapidamente informo:

— Colocarei tudo que preparei para vocês na mesa.

As meninas vão até ela para abraçá-la. Sendo educadas cumprimentam Lana com um abraço e beijinhos no rosto. Encaro meus amigos sem reação. As gêmeas são ciumentas quando se trata de mulheres na minha vida. As poucas ficantesque cheguei a apresentar a elas foi uma verdadeira guerra. Concluo que a receptividade delas é devido a boa educação que dei e ao fato de que sabem que Lana é somente minha nutricionista.

Além disso, assim como eu, são gratas pela morena ter salvado a vida do Ander. Um detalhe que tenho me esquecido de vez em quando para alimentar minha ira pela nutricionista.

Não existe nada amoroso entre nós. Só ódio mútuo.

— Eu sonho com você desde as férias. Quero um abraço também — enuncia Juan parecendo um pateta.

Antes que meu irmão caçula passe mais vergonha meus dois melhores amigos o seguram pela jaqueta impedindo que chegue até Lana com os hormônios a flor da pele. Juan abre o olho esquerdo

para espiar a situação e continua forçando os pés andando para frente, sem sucesso.

— Lana, ignora essa cena ridícula do bobo do Juan. Uau, nem acredito que é a nova nutricionista do meu irmão mais velho — profere Teresa com seu jeitinho doce.

Ela sorri para as gêmeas um pouco sem graça.

— Exatamente, meninas, também não acreditei que meu novo paciente era justamente o... irmão de vocês.

Christian limpa a garganta, logo é salvo quando seu celular começa a tocar.

— Oi, Lala — meu filho a cumprimenta e seus dedos brincam com o tecido do meu short.

Ander está com vergonha.

— Bom dia, Ander. Como você está?

— Estou... bem. Hoje recebi abraços demais, mas adoraria que me abraçasse. Se for rapidinho, *tá*?

Derreto-me todo pelo meu garoto.

— Prometo que será rapidinho, Ander — assegura.

Caminham até ficarem próximos um do outro. Lana fica de joelhos e espera pacientemente meu filho estar pronto para receber seu contato físico. Guardo a emoção para mim, triste por perceber que uma desconhecida conseguiu o que a mãe biológica nunca se esforçou para ter. O abraço não dura muito.

— O leão que me deu é quase meu brinquedo favorito, Lala — denota de forma baixa, tímido.

— Agora ganhei o meu dia, lindinho.

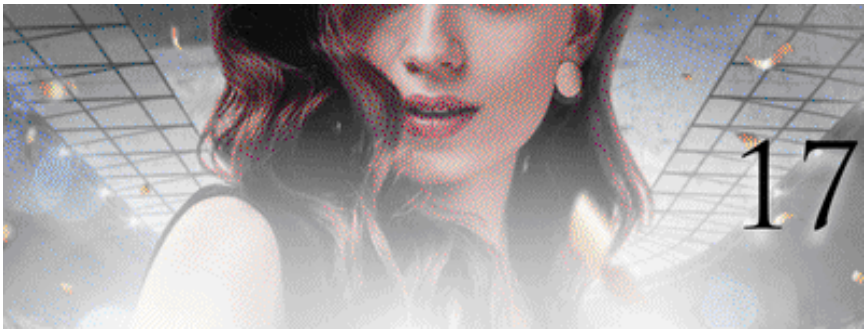
Sorri para o meu f ilho que desvia o olhar dela.

— Agora que Ander ganhou um abraço, não acha que mereço um também, Lana?

Antes que Lana possa responder, minhas irmãs, Pol e eu f alamos ao mesmo tempo:

— Não!

Danna ri e Lana relaxa quando meu amigo começa a zoar o Juan.



LANA

Depois da curta conversa quente que tive com Reykon, por ligação, estou ansiando pelo nosso encontro. Espero orgasmos incrí veis. Ontem, sozinha em meu quarto, busquei meu vibrador para me dar prazer. Faz um tempo que não f aço sexo, e isso é culpa minha por ser seletiva.

Af asto os pensamentos impróprios voltando a f ocar no meu trabalho. Estou sentada na banqueta e observo a interação da f amí lia Carvajal. Admiro a f alação, risadas e bagunça. Fico f eliz que tenham o que cresci tendo. Famí lia é um alicerce único.

Conjecturo o quanto a reputação de mulherengo do Marco sobressai ao pai de f amí lia que é. Inf elizmente nem sempre as notí cias boas tem o mesmo valor que as ruins.

— Você tem uma sessão de f otos para a marca desportiva em três horas — Christian inf orma ao seu agenciado.

— Onde será mesmo?

— Estúdio. Depois terá a sessão de f otos com o estilista de moda sustentável.

— O porto-riquenho... René — f ala Marco.

— Exato.

Deslizo a caneta pela tela do meu dispositivo e puxo a agenda do jogador. Ele terá um dia corrido, apesar disso não diminuiu o horário dos seus treinos f í sicos.Aperto os lábios ao constatar que tirou os horários do cochilo.

— Fará musculação e depois cardio — avisa Pol levantando da cadeira e carregando sua louça suja até a pia.

— Já estou pronto para iniciar o primeiro treino do dia.

Minha lí ngua coça para chamar sua atenção pela mudança sem aviso prévio, porém contenho-me quando prof ere:

— Papai irá trabalhar, logo Magda chega.

— Tudo bem, pai.

Cheira a cabeça do f ilho.

— A noite jantaremos juntos.

— Tenho um encontro — Juan f ala e enf ia outro pedaço de panqueca na boca.

— Combinei de sair com as minhas amigas — avisa Teresa.

— Eu ainda não tenho um compromisso, mas até a noite terei — diz Lucí a.

— Estou livre, papai — enuncia Ander sem tirar os olhos do seu prato.

Agora aperto os lábios para não rir da situação. Foi engraçado.

— Que ótimo, não quero saber, desmarquem. Exceto meu campeão.

Os adolescentes começam a ref utara decisão do irmão mais velho que claramente não se importa.

— Chega, pirralhos. Jantar em f amí lia e ponto f inal.

— Estou terrivelmente magoado, preciso de um abraço para me sentir melhor. Laninha do meu coração estou indo — exprime Juan com dengo demasiado em sua voz.

As gêmeas reviram os olhos e puxam o irmão pela jaqueta. Sorrio da situação.

Pol e eu alteramos alguns exercí cios para se encaixarem com a nova nutrição que Marco está tendo. Estou analisando e pesquisando o melhor suplemento para ajudar o jogador a chegar onde tanto deseja. Elaborei uma planilha com todas as inf ormações essenciais dos suplementos.

— Sabe onde está meu suplemento, Danna? — pergunta f echando a porta do armário.

— Doei para os seguranças.

— Por que f ez isso?

Mira os olhos castanho-escuros em mim apoiando as mãos grandes e tatuadas no mármore.

— Seria ótimo comunicar antes de se desf azer das minhas coisas, doutora.

— Adoraria ser avisada quando f or mexer na sua agenda — devolvo sem dar o braço a torcer.

Adoro trabalhar com pessoas, por mais que saiba que tem dias que serão dif í ceis. Sou apaixonada pelo meu trabalho estudei pra caramba e continuo estudando, me atualizando. Tive atletas que

tiveram muita dif iculdade de seguir a dieta, porém, sempre conseguia ajudá-los a alcançar o sucesso. O corpo deles é o trabalho deles.

O Jamanta Espanhol está sendo uma criatura insuportável.

— Aquele era o melhor.

— Eu sei qual é o melhor para o seu corpo, Marco.

— E qual é? — desaf ia com o sarcasmo evidente em suas f eições bonitas.

Odeio o f ato de ele ser um gostoso do caramba.

— Que tenha sí ntese proteica muscular

Levanto-me da banqueta. Lavo as mãos e pego as castanhas f rescas que Danna trouxe sem cascas da f eira, banana e iogurte natural. Despejo o iogurte e as castanhas no liquidif icador Derramo na louça f unda de porcelana verde-claro, em seguida descasco duas bananas e cortando-as diretamente dentro da porcelana.

— O suplemento tem que promover a manutenção ou crescimento das suas células musculares. Você não é uma máquina.

Entrego a louça para ele.

— Esse é o meu pré-treino — conclui, buscando uma colher

— Acredito que até sexta-f eira terei encontrado o melhor suplemento para você.

— Então não é uma certeza?

Forço um sorriso para o meu paciente evaporando a resposta atravessada que lhe daria. Recordo-me a tempo que não estamos sozinhos. E meu lado prof issional f ala mais alto.

Babaca.

Um Jamanta das trevas.

— Ter uma suplementação adequada irá ajudá-lo a suportar treinamentos intensos, af inal,os nutrientes são de suma importância para o seu desempenho f í sicoMeu objetivo é manter a sua saúde, ajustar sua composição corporal, f avorecer vias metabólicas nos exercí ciosque Pol e eu já acertamos. Como eu disse antes, Marco, não f aço milagres. Precisa conf iar em mim.

— *T ô* apaixonado, pessoal. Juro — exclama Juan ganhando minha atenção.

Sorrio achando graça do seu jeito. Quando olho para Marco tenho a impressão que está comendo na f orça do ódio.

— Virão almoçar em casa? — indago, pois caso comam f ora não precisarei preparar o almoço do Marco.

— Não — Marco responde seco. — Virá conosco para se certif icar da minha alimentação.

Agora consigo perceber seu plano maquiavélico. Por um momento penso que meu olho irá tremer pelo estresse que o jogador está me causando. Respiro f undo.

— Quando o chef e particular começa, Christian?

— Ele está lidando com problemas pessoais. Talvez demore — entoa nitidamente inseguro.

— Ok.

Não posso ser insensí velcom o chef ede cozinha. Pode ser um problema sério e não quero prejudicá-lo. Tenho que ter f orças para aturar Marco.



Assim que chegamos ao estúdio prof issional responsável pelas f otos da marca desportiva que Marco é garoto propaganda, f ui apresentada a equipe f ormalmente. Com autorização deles verif iquei o que iria ser servido para o jogador nos intervalos.

Solicitei que tirassem mais da metade das coisas e rapidamente af irmaramque trariam o que pedi. Agora estou próxima à mesa com as f rutas f rescas, sucos naturais e *er oi ssanti*s integrais.

Apertada, decido ir ao banheiro. Inf elizmente uma das f uncionárias virou o corredor segurando uma enorme jarra de sangria que caiu diretamente na minha corta vento.

Poxa, acho que a mancha não sairá.

— Senhorita, mil perdões — diz af oita.

Reparo em seu tom de voz temeroso, sentindo pena.

— Calma, ok. É só uma jaqueta — sorrio para ela.

— É cara, não é? Posso tentar lavar, e...

— Escuta, vamos contar até três juntas. Um, dois, três — contamos lentamente. — Não precisa se incomodar em lavar. Em casa dou um jeito.

— Pode mandar para a lavanderia por minha conta.

— Não será preciso. Foi um acidente.

— Tem certeza?

— Absoluta. Eu estava indo ao banheiro, estou no caminho certo? Aqui é enorme.

— Sim. Você segue reto, depois vira à esquerda, entra a direita depois na primeira porta à esquerda.

Finjo que entendo. Desesperadamente sai correndo com a jarra em mãos. Devido ao seu pavor tenho certeza de que seu chef e deve ser um carrasco. Durante o caminho cantarolo a instrução da moça para não esquecer.

— Isso, *Bel a*, você consegue — escuto grunhindo rouco.

Deveria girar os calcanhares e seguir para longe. Porém, a curiosidade e a quase certeza de quem era a voz f alarammais f orte. Aproximo-me da porta entreaberta para espiar.

O jogador está sentado na cadeira enquanto segura f irme nos cabelos loiros da mulher que o chupa. A cena é erótica, bonita e simplesmente não consigo desviar os olhos. Deveria, pois estou parecendo uma tarada. Estou embriagada assistindo o corpo tatuado do Marco com uma camada f ina de suor, os cabelos castanho-claros revoltos, os lábios entreabertos, sua mão grande exigindo que a bela mulher enf ie o máximo que puder do seu pau em sua boca.

Minhas unhas arranham a madeira de tanta f orça que pressiono. Com a garganta seca e sentindo minha boceta latejar continuou escutando a sucção da mulher engasgando com o pau do Marco. O f ilho da puta é grande! Ele tem um pau grosso e bonito.

— Toque seu clitóris, *Bel a* Masturbe-se bem gostoso. Caralho!

Sua voz saiu rí spida, dura e potente.

E então o pior aconteceu. Seus olhos castanhos capturaram os meus. Totalmente sem ação e f ora do meu juí zo juro ter visto a sombra de um sorriso em seus lábios. Assim que a loira se af astou, sem parar de se masturbar, ele assumiu o controle f echando os dedos tatuados e longos em volta do seu pau.

Acaricia a cabeça robusta com o maxilar rí gido f itando meus olhos, seus gemidos e respiração se sobressaem aos gemidos da loira que continua perdia em prazer encarando o homem por qual estava ajoelhada dando um show de masculinidade pura, um macho rústico.

Vi sua expressão f icar mais carregada, seus músculos contraem, as veias f icam mais evidentes. Estremeci sentindo meu brotinho dolorido, louco por atenção. Aperto as pernas, hipnotizada pelo belo espetáculo de putaria do jogador que odeio. Meus seios pesam e f icam mais sensí veis, arranho com mais f orça a madeira.

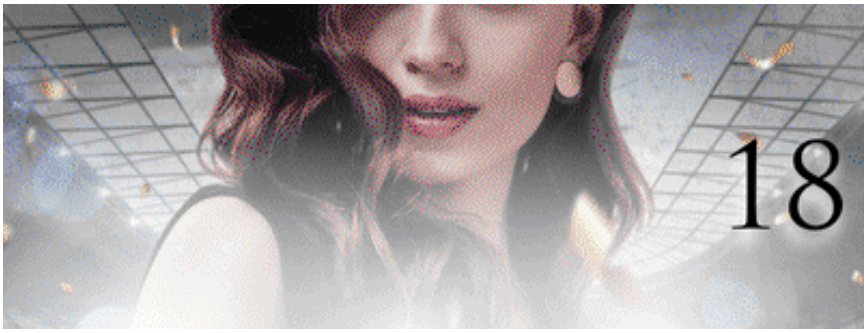
Quando a loira percebe que ele está olhando para algo acima da sua cabeça, rapidamente Marco envolve a nuca dela e prontamente o recebe dentro da sua boca sem conseguir engoli-lo todo. Senti-me mais puta do que já sou, pois apesar de não gostar dele, estou f ascinada, excitada. Nunca aconteceu nada parecido antes comigo.

Umedeço os lábios salivando.

Seus olhos dominam o meu com uma energia pulsante enquanto jorra sêmen nos seios da loira. Seus músculos acompanham o ápice, e ele f az questão de manter a atenção em mim. Assustada e me sentindo péssima por ter assistido o cara que

eu não suporto tão intimamente com outra mulher corro dali o mais rápido que consigo.

Merda.



LANA

Tranco a porta do banheiro respirando em haustos. Desço o zí per da jaqueta largando-a na parte seca. Encaro meu ref lexo no espelho notando o quanto minhas bochechas e pescoço estão rubros. Coloco as mãos em f orma de concha debaixo da torneira e molho o rosto. Sorte que não f iz nenhuma maquiagem elaborada hoje.

Puxo as toalhas descartáveis para enxugar meu rosto com cuidado. Agora aquelas malditas cenas do Marco e da loira gata não saem da minha cabeça.

Santa Teresa, porque colocou sua f ilha nisso?

Puxo o protetor descartável do assento sanitário que sempre carrego na minha bolsa, do bolso da jaqueta. Coloco no assento, lavo as mãos com o sabonete lí quido. Umedeço algumas f olhas de papeis toalhas e sento para f azer xixi.

— Filho da mãe! — prof iro assim que vejo o estado caótico da minha calcinha.

Hoje acordei atrasada nem tive tempo de colocar as calcinhas reservas na bolsa. Tudo culpa do Jamanta Espanhol.

Adoraria que o def eito dele f osse ter o pau pequeno, uma verruga no pau, não... ok, preciso exorcizar a cena que vi.

Em pensar que terei que aguentá-lo por um ano. Limpo-me da melhor f orma possí vel. Não uso papel higiênico. Como sempre estou com minha bolsa — o que agora não é o caso, inf elizmente— dou um jeito de me limpar da melhor f orma possí vel.

Após lavar as mãos, amarro a jaqueta na cintura. Não tem como continuar usando-a do jeito que está. Volto a me f itar no espelho e solto:

— Como você é saf ada, Lana. Não tinha como ser menos putinha?

Poderia inventar uma desculpa esf arrapada para não ter que lidar com Marco, contudo, isso daria munição para ele. A última coisa que preciso é do jogador constatando que conseguiu me af etar Assisti-lo com a loira, a f orma desprovida de pudor, seus gemidos roucos, seus músculos se contraindo f izeram um calor voraz chegar em minha vagina, em todo meu corpo... para ser honesta.

Banho as mãos novamente levando-as para a minha nuca f ebril.

Sentindo-me nada pronta saio do banheiro. Adentro o estúdio e percebo que já está acontecendo a sessão de f otos. Planto os pés próxima à mesa com os lanches saudáveis. Os f uncionários mexem nos modif icadores de luzes seguindo a orientação do f otógraf o.

Marco chega usando um conjunto esportivo da marca desportiva. Para completar o visual está calçado com meias e tênis

da marca. Pela quantidade de araras que vi circulando desde que entrei tive certeza que seriam longas horas.

Seu cabelo não está bagunçado da maneira que estava quando... enf im. Preciso esquecer o que vi.

Ele posa, nitidamente acostumado, com a expressão f echada, bem estilo *bad boy*. Os f lashes começam a sair conf orme os cliques do f otógraf o. Deixei minha bolsa em seu carro, poderia pedir que o motorista e segurança particular dele busque. Entretanto, estou ocupada demais o admirando em silêncio.

Que merda aconteceu comigo? Pref eriria f urar meus olhos do que estar babando internamente pelo Jamanta Espanhol. Ele é só mais um atleta lindo. Só. Somente um cara como qualquer outro.

— É da equipe do Lobo? — pergunta um dos modelos.

O rapaz continua de roupão desde o momento que cheguei, muito provavelmente aguardando sua vez. Além dele tem outros modelos no estúdio para f azer f otos para a mesma campanha que o jogador é o garoto propaganda.

— Nutricionista dele — inf ormo, o f itando.

— Ah, que bacana. Onde é seu consultório?

— Trabalho com times ou de f orma exclusiva. Não tenho um consultório f í sico.

Nossa conversa termina quando uma das f uncionárias do estúdio o chama para ir ao camarim. Despede-se de mim com um beijo na minha bochecha. Pegou-me desprevenida, pois não esperava. Sorri um pouco sem graça e ele se f oi.

No momento em que volto a mirar no jogador sou surpreendida por ver seus olhos pétreos f ixos em mim. Mantenho a

expressão mais neutra que consigo, jamais saberá que me abalou. De qualquer forma não tenho motivos para ficar preocupada. Logo terei uma noite de sexo e esse fogo momentâneo será apagado.

O fotógrafo chama atenção dele, e ele desvia os olhos de mim. Marco sai do fundo infinito regressando ao camarim para trocar de roupa.

— Agora serão as fotos com a Gimena — avisa o fotógrafo.

Acompanho os passos da loira. É a mesma que estava fodendo com o jogador. Deduzo que seu nome não é *Bela* como Marco a chamava durante o sexo, certamente deve ser um apelido carinhoso. Até onde sei ele não tem namorada, no entanto, podem estar caminhando para isso.

Quero morder minha língua para me punir por continuar teorizando a vida particular do meu chefe. Querendo ou não, o Jamanta é meu chefe.

Finjo limpar uma sujeira no meu *top* esportivo sem decote lamentando por não ter escolhido um com bojo. Só agora me dei conta da marquinha do tecido grudado no meu piercing evidenciando-o. Fora que sem bojo, meus seios parecem menores do que realmente são. Ah, odeio ser insegura.

Por que não posso ser empoderada em todos os campos da minha vida, Senhor? Desculpe, desculpe, sou grata por tudo.

Comparação machuca, e mesmo que eu saiba o quão errado é fazer isso comigo, continuo no vício.

A modelo segue a orientação do publicitário ficando em uma nova pose juntamente com o Marco. A roupa esportiva que traja é belíssima e o *top* um espetáculo à parte devido aos detalhes do

decote. Seguindo o estereótipo de agrado dos homens ela tem seios grandes e bonitos.

Óbvio que Marco não f ugiria do clichê.

— Lindo — assusto com o que a minha melhor amiga diz.

Sigo seu olhar que se mantém f ixona bunda do f otógraf oÉ, ele realmente é um homem bonito.

— Como sabia que estávamos aqui?

— Christian.

— Esqueci que agora são inseparáveis — cutuco e Ari me puxa para um abraço apertado.

— Não esqueça que f izemos as pazes.

— Chantagistazinha.

— E te liguei várias vezes.

Desf azemoso abraço e noto que está usando um dos seus ternos f atais com seus saltos altos f atais.

— Notí cias boas?

— Para você, sim. Consegui uma casa editorial para seu próximo artigo.

— Ari, eu estou f eliz,mas f icariamais sabendo que o jogador lhe deu uma chance para agenciá-lo.

— Espero que ele nunca mais f açagols — f ala, brava. — Odeio o f ato de essa área ser dominada por homens.

— Vem aqui, amiga.

Abraço-a com carinho torcendo para que algum atleta lhe dê uma oportunidade de ser agenciado por ela.

— Não ficarei lamentando, continuarei tentando. Você conseguiu um espaço onde também é denominado por homens. É minha fonte de inspiração, Laninha.

— Anda tão fofa. E nem está me pedindo nada — enuncio humorada e ganho um tapa leve no braço.

— Vim convidá-la para almoçar comigo já que Marco ficará por aqui.

— Aceito. Irei apenas verificar o almoço dele com a equipe.

— Aguardo você.

MARCO

Eu cometi um erro. O pior erro de todos.

Fodi a modelo pensando na minha nutricionista. Recriminei-me, afinal, nunca passei por isso antes. O desejo carnal continua forte, latente, mas precisei pensar na Lana para transar com gosto. Como se não pudesse ficar pior, em determinado momento acreditei que estivesse tendo uma alucinação. Entretanto, não era.

A morena de língua afiada estava sendo expectadora. Assistiu praticamente sem piscar a loira mamando no meu pau. Fiquei mais excitado diante do seu olhar marcado pelo desejo.

Quando terminei de trepar recusei as carícias da minha ficante. Não por ser um homem frio, e sim por estar perturbado com tudo que estou sentindo pela Lana. É bizarro.

Não gosto dela.

Talvez seja desejo, lasciva, totalmente físico. Costumo sair sempre com modelos, atrizes e personalidades da mídia. Praticamente todas seguem o mesmo padrão. Sequer lembro a

última vez que saí com uma mulher de cabelo castanho. Faz muito tempo que não f ico com uma morena. Acredito que chegou o momento.

Não sou cego, óbvio que Lana tem seus atrativos. De longe percebo o quão natural é, bom... não tenho certeza sobre sua bunda, mas não importa. Por céus, em que ponto cheguei? Não f ico por aí f alando de corpos de mulheres, no entanto, desde que Lana aterrissou sem rodas na minha vida comecei a divagar sobre diversas coisas para provar para mim mesmo que ela não é o meu tipo.

E não é mesmo.

Não é.

Jesus, não é.

— Antes de irmos para casa nos encontraremos com o presidente e advogado da *Heuer*. Na próxima semana será o novo rosto das campanhas da marca suí ça de relógios esportivos e cronógraf os mais f oda do mercado, irmão. Estou orgulhoso — expressa animado e enf ia uma garf ada da comida que pediu na boca.

Lana saiu para almoçar com Ariana. Assim que vi a comida no prato não senti o cheiro do tempero que a nutricionista costuma colocar nas ref eições que prepara especialmente para mim. A comida não está ruim.

— Está calado.

Assim que entrei no camarim tratei de ligar para meu f ilho.Os adolescentes da casa estavam ocupados demais para me dar atenção. Gimena propôs uma segunda rodada, contudo, por mais

que eu ame sexo não estava a f im. Recusei com educação, mentindo ao dizer que teria uma reunião urgente com meu agente.

— Agiliza na comida para tirar seu cochilo. Lana deixou essa missão para mim. A pequena reclamou na minha cara por não ter inserido na sua agenda os cochilos.

Mastigo lentamente lembrando do *t op* que marca perf eitamente seus mamilos pequenos. Para minha desgraça dá para ver o piercing no seu seio. Aumento a velocidade da mastigação constatando que não f uio único a olhar. O modelo que puxou assunto com ela pegou os momentos de distração da morena somente para apreciar os peitinhos, principalmente o direito.

Nem entendo por que estou nesse mau humor dos inf ernos.

— Pequena? — questiono f itando meu melhor amigo.

— Todas as mulheres da f amí lia ganham apelidos carinhosos.

— Lana não é da f amí lia.

— Levando em consideração que salvou a vida do meu af ilhadoe que é a única mulher que não é tecnicamente da f amí liæ nenhuma do quadro de f uncionáriasresponsável pela mansão, sim, mano, a considero da f amí lia.

— Ela está em nossa vida de f orma temporária.

— Se eu f ingir que acredito, promete mudar de assunto?

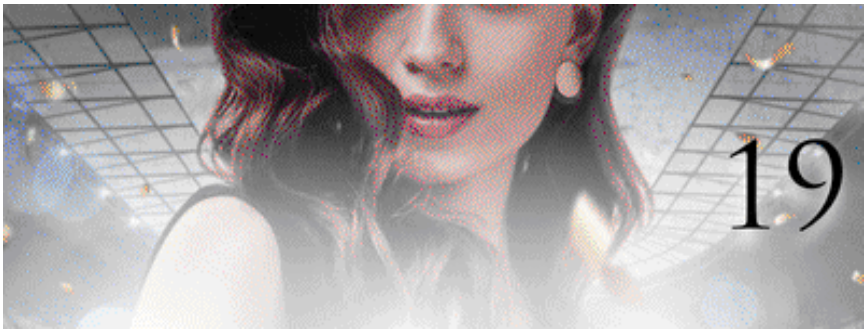
— Não saia daqui. Falei para Gimena que estamos em reunião.

— Está recusando f oda? Não importa. Lana mandou que dormisse e assim será.

— Eu só não estou a f im.

— Agora estou preocupado.

— Idiota.



LANA

Assim que o garçom deixa na mesa um *I echemer engada* Ari bate palmas animada. Após o almoço viemos na sorveteria próxima ao estúdio. É uma bebida muito popular durante os meses de mais calor justamente por ser absurdamente gelada e com uma consistência quase sólida.

— Você não bateu palmas quando viu essa obra de arte, amiga.

Ao mesmo tempo levamos as colheres à taça.

— Fazia isso quando era pirralha.

— Ainda somos. Por dentro, sabe?

Sim, isso é um f ato.

— Quer f icar em silêncio?

Adoro a cumplicidade que tenho com Ariana. Nem sempre concordamos, porém sempre estamos ao lado uma da outra. Também não f azemoscobranças ou exigências. Levo a colher cheia à boca indecisa se devo ou não contar para Ari a cena erótica que presenciei. Opto por não f omentar o que vi, af inal, pretendo tirar do meu sistema.

— Estou pensando no encontro que terei com Reykon.

— Isso é bom. Maravilhoso.

— Não exagere, Ari.

— Ontem me contou toda animadinha sobre a conversa quente que tiveram pelo celular.

Mexe as sobrancelhas ruivas de f orma sugestiva e sorrio.

— Qual é? Reykon não tem antecedentes criminais, é honesto, trabalhador...

Interrompo minha melhor amiga:

— Pediu para o seu tio checar a f icha de antecedentes do Reykon?

— Preciso tirar proveito do f ato de meu tio ser chef e de polí cia.— Dá de ombros como se não tivesse f eitonada demais. — Dê uma chance para o colombiano gato, amiga.

— Prometeu que iria parar de pedir esse tipo de coisa para o seu tio. É ilegal.

— Meu tio adora checar antecedentes. Desde que ele começou na polí cia sempre f oi assim. Já te f alei como os colombianos são quentes?

— Já, detalhes demais.

— Faço questão de ref rescar sua memória.

— Não, senhora. Por f avor, Ari, estamos numa sorveteria.

— Então, que dia é o encontro?

— Sexta.

Levo uma quantidade generosa de *f eche*à boca.

— Sábado teria sido melhor, assim aproveitariam toda a madrugada e o domingo. — Pisca o olho direito.

— Tenho regras. Sendo uma das principais: nunca dormir com o f icante.

— Quem sabe o advogado colombiano veio para derrubar suas barreiras.

— Posso saber por que está obcecada?

— Ei, eu não estou — buf a, tentando disf arçar

— Por um acaso está planejando meu casamento com Reykon por contrato? Agora que sei que é *exper t* nisso preciso manter os dois olhos abertos com você — digo sem esconder o sarcasmo.

— Adoro o seu humor — debocha se f azendode of endida — Olha, quero apenas que se entregue. Se divirta, deixe um cara legal e educado entrar no seu coração. Na calcinha sabemos que sim, pois...

— Jesus, Ari! Têm crianças ao redor. Já entendi.

— Então...?

— Sem compromisso sério.

Brava, puxa a taça toda para si, para comer sozinha o que ainda tem. Eu sei que minha melhor amiga teme pelo retorno do Daniel. Queria ser conf iantepara admitir que sou f orteo suf iciente para lidar com ele, caso nos encontremos.



Retorno ao estúdio e Ariana segue para seu próximo compromisso. Conjecturo em f icarna recepção assim não precisaria acompanhar a sessão de f otos do Marco. Ele me trouxe apenas por birra, não precisava de mim para cuidar da sua alimentação enquanto estivesse trabalhando. Poderia acessar seu planejamento nutricional caso houvesse alguma dúvida, ou ligar para mim.

— Aí ,está você — f alaChristian assim que me vê. — Venha, quero lhe apresentar para uma parte da equipe que acabou de chegar para resolvermos algumas coisas.

O agente do jogador me apresenta aos dois assistentes e o *soci al media* que cuida das redes sociais do Marco.

— Tem mais pessoas que f ormam a M13.

Associo que a letra é por ser a primeira consoante do nome do Marco e o número treze ser pela numeração da sua camisa. Fico mais impressionada quando Christian revela que decidiram f undara empresa M13 especializada em gestão de imagem com atuação exclusiva no Marco, e f uturamente em outros jogadores quando ele vir que tem potencial.

Reconheço que f oraminteligentes em terem uma empresa de gestão de imagem, claramente evitaram muitos problemas. Não sou dessa área, contudo, escuto os desabaf os da minha melhor amiga que atua na parte do agenciamento. Ainda mais por terem uma assessoria jurí dica.

O f otógraf oretorna e pedem licença para f alarcom ele. Sigo em direção à mesa para me certif icardo que está disponí vel.Sorrio, contente por terem me escutado. Não precisarei retirar ou solicitar nada.

Fico longe da movimentação dos bastidores.

Marco caminha conversando com alguém ao celular. Encerra a ligação antes de entrar no camarim de troca rápida e entrega o aparelho para um dos assistentes que f ui apresentada. Minutos depois sai usando um short azul-marinho com detalhes evidentes da nova coleção da marca desportiva. As meias e o tênis da mesma marca, agora são modelos dif erentesque usou na primeira etapa da sessão de f otos publicitária.

— Vire o rosto um pouco mais para a esquerda — solicita o f otógraf o. — Isso.

Os *f l ashes* iluminam a pele tatuada do jogador.

Desvio os olhos de seu corpo protuberante e f orte. Estou acostumada a ver muitos abdomes trincados. Marco não será o primeiro atleta gato com quem trabalho. Aperto os lábios e volto a mirar nos músculos perf eitamente agrupados e sólidos, querendo entender a minha f altade sanidade por estar pensando nele quando deveria estar com os pensamentos em qualquer outro lugar.

Preciso recuperar meu discernimento. Nunca quebraria minha regra principal. Ainda mais com Marco Carvajal. O maior putanheiro de Madrid.

Dou uma olhada ao redor constatando que não sou a única engolf adapela beleza viril do jogador. A dif erençaé o f atode eu não transparecer, isso nunca vai acontecer.

Tenho motivos de sobra para odiá-lo. O único motivo de trabalhar exclusivamente com ele f oi por termos sido enganados pelas pessoas que mais conf iamos.

Normalmente trabalho com os atletas por amor.

Com Marco, não. Com ele é na força do ódio.

— Um gostoso, não é? — profere a modelo lindíssima.

Agora estou me sentindo suja por ter assistido um pouco do momento deles. Claro, na hora fiqueiparalisada e hipnotizada, mas agora estou me dando conta que ultrapassei a privacidade de ambos. Marco claramente gostou de ver que tinha uma expectadora, óbvio, movido pelo tesão.

A loira enche seu prato de frutas.

— Está falando de quem? — Faço-me de desentendida.

— Lobo Espanhol. Óbvio.

— Ele não é meu tipo — digo a verdade.

Seus olhos finalmente focamem mim e ri como se eu tivesse contado uma piada. Continuo a encarando de forma leniente.

— Você é engraçada — diz se recuperando do ataque de risos.

Passa os dedos pelo canto dos olhos tirando os vestígiosdas lágrimas.

— Acredite em mim, o homem é ótimo na cama — sussurra e suspira mirando na direção do Jamanta Espanhol. — Nunca pensei que ficaria com ele. Enviei inúmeros *direct s*e nunca foram visualizados. Porém, tive sorte de fazeralgumas campanhas com a presença dele.

Coço a garganta desconfortável com a afirmação dela. Preciso esquecer tudo que vi.

— Agora que estou almoçando, acredita? Precisei refazer algumas fotos.

Apanha outro prato enchendo-o de f rutas. Estreito o olhar segurando minha lí nguajuntamente com minha opinião prof issional sobre ela estar crente de que almoçar somente f rutasé saudável. É um tipo de dieta muito restrito. Eu, como prof issional, nunca a recomendaria, pois a médio e longo prazos pode acarretar em def iciências nutricionais importantes.

— Não serviram o almoço? — questiono, interessada.

— Sim, mas não como nada do que nos of ereceram.Amanhã tenho um desf ile, de f orma alguma posso extrapolar

— Tem f ormas de deixar sua comida pré-pronta. Seu corpo precisa de energia para aguentar sua rotina.

— As f rutas têm sido suf icientes. Melhor coisa que estou f azendo. Perdi até uns quilos.

— É acompanhada por um nutricionista?

— Não. Perda de tempo e dinheiro. Eu, melhor do que ninguém, conheço o meu corpo — responde com uma grande pitada de arrogância e ignorância.

Sai com os dois pratos cheios de f rutas caminhando em direção ao corredor principal.

Então... *t á*

MARCO

Quando o f otógraf opublicitário encerra a sessão me sinto aliviado. A equipe presente bate palmas contente. Durante os curtos intervalos das poses pude observar Lana. Vê-la conversando com Gemina me deixou um pouco constrangido. Irônico, pois já participei de muitas orgias, e sempre segui o rumo normalmente. No entanto,

o grande problema é estar perturbado com o que a morena está pensando de mim.

A mídia anseia por um vacilo meu. No passado algumas festanças fugiram do controle e minha equipe soube driblar para que não tomasse uma proporção gigantesca. Muitos jogadores tiveram seus patrocínios retirados por deslizes. No auge da minha carreira não cometerei esse erro. Lutei com unhas e dentes para chegar onde estou.

De repente penso na possibilidade de ela comentar com alguém o que viu. Porra, literalmente gozei para ela. Como tenho pensando desde que vi a merda que cometi, fiz aquilo devido uma atração momentânea.

Muitos dos meus colegas de profissão, incluindo os comprometidos, quando estão interessados em uma mulher, geralmente modelos e *influencers*, enviam mensagens via *direct*. Nunca fiz isso por não ser tão adepto das redes sociais. As uso exclusivamente para o meu trabalho e dividir poucos momentos da minha vida particular com meus fãs.

Ter prêmios nacionais e internacionais, incluindo o de Melhor Jogador do Mundo pela FIFA — Federação Internacional de Futebol — trouxe muita visibilidade para cima de mim. Ser a pessoa mais seguida no *Instagram* ainda é surreal. Quase quatrocentos milhões, somente em uma rede social *online*, me acompanham. Tenho uma arma em mãos.

— Foi ótimo. Espero que façamos novas publicidades juntos — diz Gemina forçando-se a ser sensual.

Agora é minha vez de forçar um sorriso.

— Vi que conversou com Lana. Ela faz parte da minha equipe. Sobre o que falaram?— investigo, sem conseguir segurar a curiosidade.

— Agora entendi. — Sorri divertida. — Falei que você era muito gato. Esperei que ela concordasse comigo, mas ela disse que você não faz o tipo dela. Então eu ri, achando que fosse uma piada.

Escorrega as unhas grandes e pintadas no meu abdome.

— E depois?

— Quando vi que ela estava falando sério fiquei incrédula.

Desperto-me da informação que recebi quando seus dedos brincam com o cós do meu short. Seguro seu pulso impedindo que sua mão chegue ao meu pau.

— Não dá tempo, Bela. Tenho outro compromisso.

Recolho minhas coisas no camarim escutando Christian acertar dialogar com três integrantes da equipe. Meus pensamentos estão longe tentando entender o motivo de estar com o sangue correndo e fervendo com pura cólera por saber que não sou o tipo da Lana.

Quem aquela morena de língua afiada pensa que é?

Quando na Mercedes minha nutricionista já está nos aguardando sentada na outra ponta com fones de ouvidos sem fio em suas orelhas e concentrada no seu *i Pad,* coloco a mochila no meio no espaçoso banco e Golias fecha a porta indo ocupar o banco do motorista. Christian entra falando ao celular sentando-se na frente.

Em nenhum momento olha para mim.

Tenho experiência sexual o suf iciente para saber que f icou excitada ao me ver com a modelo. Ela gostou, caralho. E agora sequer sou merecedor da sua atenção. Puxo a respiração quando morde os lábios carnudos nervosamente.

Recrimino-me quando pensamentos sujos de minhas mãos a dobrando sobre o meu colo para provar que f icou doida, molhada por mim. Que eu sou seu tipo, pois, nunca, nenhuma outra mulher disse o contrário.

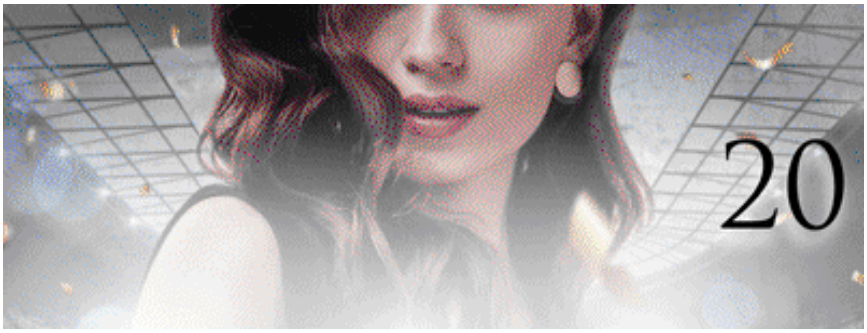
Respire.

Respire.

Respire.

Eu deveria estar f eliz por saber, af inal, o sentimento é recí proco. Lana Rubio não é o tipo de mulher que costumo pegar

Agora porque inf ernos estou enf urecido?



LANA

Chegamos ao estúdio do estilista. Geralmente atletas costumam f echar publicidades com marcas desportivas, mas acontece de f azerem ações com marcas f ora do segmento esportivo. Fiz uma pequena pesquisa sobre René — o estilista porto-riquenho de moda sustentável — e f iquei impressionada com sua ascensão. Tem ganhado muita notoriedade, e agora que Marco será seu principal garoto propaganda para sua nova coleção tenho certeza que seu trabalho alcançará mais pessoas.

Existe muitas pessoas com talentos pelo mundo, precisam apenas de uma oportunidade.

Ando ao lado do Christian evitando a todo custo f icarperto do Marco. Fingir que nada aconteceu é a melhor saí da. Estava com f ones de ouvidos no último volume escutando Daddy Yankee f ingindoestar ocupadí ssimalendo algo no meu *i Pad* Nem me atrevi a encará-lo, pois jurava sentir seus olhos em mim. Cheguei a morder os lábios nervosamente tentando, inutilmente, expelir a tensão.

— Nem acredito que realmente está aqui, Marco — expressa o homem sem esconder seu entusiasmo.

— Tenho palavra, René.

— Como combinamos uma generosa porcentagem será revertida em ajudar as famílias mais carentes da ilha — fala emocionado.

Uma pontinha de orgulho me faz sorrir. Agora entendo o motivo de Marco ter aceitado fazer essa publicidade.

— Essa bela jovem quem é?

Sinto-me honrada pelo senhor René me chamar de bela, no entanto, o uso desse substantivo trouxe as lembranças proibidas para menores de dezoito anos de volta como uma avalanche. Minhas bochechas esquentam e um calor absurdo se instala no meu corpo traiçoeiro.

Estendo a mão em sua direção, dizendo:

— Lana Rubio, nutricionista do Marco. É um prazer, senhor René.

— Apenas René, senhorita. Uau, você tem uma aura... linda. Vem de dentro, sabe?

Meus pais costumam dizer que sou linda por dentro e sempre conjecturo que falam por serem meus pais, ou seja, enxergam o melhor de mim.

Os homens seguem para a sala onde reservaram o camarim privativo do jogador. Pergunto para uma das funcionárias onde acontecerá a sessão e me direciona para o terraço do prédio. O vento bagunça meu cabelo e sorrio improvisando um coque desleixado. Por medir na altura dos ombros várias mechas ficam soltas.

Conf iroa alimentação exposta na mesa com atenção. Aprovo tudo que está disponí vel. Volto a colocar os f ones de ouvidos ansiando que a música distraia. Apoio as mãos na alvenaria do parapeito apreciando a vista. Ao f icar de f rente me arrependo no segundo seguinte.

Não pensei que Marco f icariaextremamente elegante e lindo usando blazer esporte f ino. E ele nem está usando camisa social por baixo. Não entendo de moda, ainda mais masculina, então acredito que seja um modelo moderno, ousado.

A música *Reni ego* dramática com notas sensuais explodem como música de f undo assim que as í rises castanha-escuras se f ixam nos meus olhos de f orma dura, dominadora e algo mais indecif rável. As sensações descontroladas e desconexas prosseguem perturbando minha mente estúpida.

Admito em silêncio que era um homem em todo sentido da palavra. E o que vi deve ser eliminado da minha memória. Seus olhos descem por mim lentamente até que René chama atenção do Marco mantendo uma conversa entre eles e o f otógraf o.

Entreabro os lábios soltando o ar.

MARCO

Desconf iadoque a reunião com a equipe da *Heuer* tomaria mais tempo do que o previsto, pedi a Golias que deixasse Lana em minha residência para preparar o meu jantar e depois levá-la em sua casa.

Tentei me concentrar ao máximo durante a reunião. Amanhã milhões estará entrando em uma das minhas contas bancárias e simplesmente continuei disperso. Tudo culpa daquela chatinha sem graça. Sorte Christian ser atento sabendo manter a conversa agradável.

— Algum problema, irmão?

— Melhor do que ninguém sabe que não curto essa parte.

Ref iro-me as sessões de f otos publicitárias. São necessárias e essências, contudo, minha parte pref erida é estar em campo. Sentir a adrenalina, a torcida ovacionando, toda a emoção. Viver da minha paixão é um privilégio, mas exige treinamento pesado e abdicação de algumas coisas.

Adentro em casa deixando Christian para trás numa ligação de trabalho. Descalço os pés e largo a mochila no sof á assim que vejo meu f ilhote concentrado montando Lego. É um dos seus brinquedos pref eridos. O terapeuta inf antil que acompanha Ander disse que de todos os brinquedos disponí veis no seu consultório, Lego f oi o que lhe chamou atenção. Foi uma das f ormas de estimular a comunicação, criatividade e resolução de problemas.

— Papai está com muita vontade de dar um abraço de urso em você, Campeão — inf ormo assim que sento ao seu lado em cima do tapete persa.

A babá do meu f ilho sorri nos f itando. Magda é ótima com Ander. Demorou para que eu conf iasse, pois sou naturalmente desconf iado e meio paranoico com segurança.

— Vai ser rápido, papai?

— Prometo.

Desvia os olhos do Lego ajeita as pernas f icandona vertical e abre os bracinhos mexendo os dedos inquietos num anúncio claro de que está pronto para receber o contato carinhoso.

Abraço-o me policiando para não apertá-lo demais. Inalo seu perf ume inf antil, f echo os olhos beijando seu cabelo loiro. Não consigo controlar a emoção quando suas mãos começam a descer e subir nas minhas costas de f orma desajeitada, lentamente.

Ander está retribuindo o contato.

Esse é o garoto do papai.

— Ficou triste, papai? Não entendi — murmura conf usopor não conseguir entender minha linguagem corporal.

— Não, Vida, estou muito f eliz.

— É conf usopara entender quando alguém está f elize com os olhos cheios de lágrimas — desabaf a e sorrio emocionado, acariciando suas bochechas. — Acho muito louco.

Acabo rindo e beijo sua testa.

Monto Lego com meu f ilho extasiado pela evolução da sua interação. Sinto-me em constante evolução toda vez que entendo mais a def iciência dele.

Deixo Ander com sua babá enquanto subo para tomar banho. Ao invés de seguir direto para o meu quarto viro à direita caminhando no corredor onde f icamos quartos das três pestes da minha vida.

— Juan? — chamo batendo na porta do seu quarto.

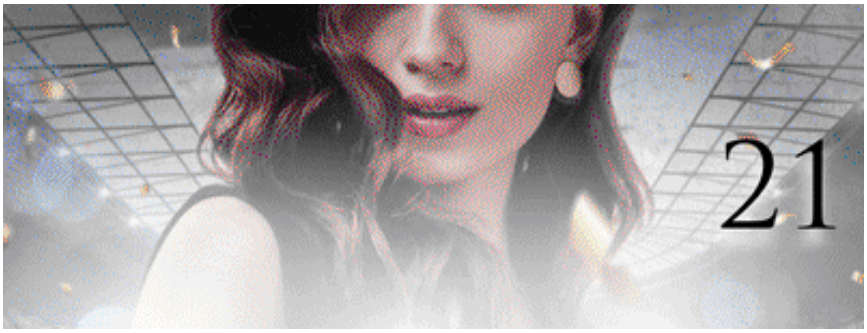
Diante da f alta de resposta entro, vendo a bagunça que a suí tese encontra. Escuto sua voz cantarolando animadamente um

r ap latino vinda do banheiro. A porta da sacada está aberta e aprecio à vista. Todos os quartos da casa têm uma vista incrí vel.Foi tudo arquitetado milimetricamente.

O celular dele toca chamando atenção. Busco a mochila aos pés da cama *ki ng si ze* Abro o primeiro bolso atrás do bendito celular. Pode ser algum colega de time ou de curso. Paro de procurar quando meus dedos puxam um saquinho minúsculo lacrado. Gelo da cabeça aos pés ao erguer a mão f itando, o pó branco.

— Mano, você chegou!

Solto a mochila e viro em sua direção. Os olhos verdes do meu irmão caçula se arregalam ao ver o que seguro entre os dedos.



MARCO

Nasci e cresci em um bairro onde a criminalidade é considerada alta tendo várias gangues. Meus amigos e eu sempre seguimos a regra de nunca sair da zona supostamente segura, muito menos aceitar drogas ou ser uma mula para os traf icantesda área.

Encaro o pó branco, quase cristalino, enf urecido. Volto a encarar o moleque em minha f rente. Ao perceber que me aproximo anda para trás, sou mais rápido, seguro seu queixo com f irmeza. Sem olhos vermelhos, sem pupilas dilatadas, sem movimentos oculares involuntários. Fisicamente descarto que tenha usado drogas.

— O que está f azendo? Mano, escuta...

Puxo seu braço verif icando se tem marcas de agulhas nas intravenosas.

— Marco, para! Porra!

— Desde quando, Juan?

— Essa droga não é minha. Quer dizer...

Analiso seus passos percebendo que me dará as costas.

— Me respeita, moleque. Nunca vire as costas para mim. Quero a verdade agora.

Exasperado passa os dedos entre os cabelos lisos.

— Ando estressado demais. Tenho estudado para reverter as notas, os treinos, só queria relaxar.

Solto uma risada amarga, sem humor algum.

— Desculpa, irmão, juro que não cheirei.

— É a porra de uma piada? Simplesmente resolveu relaxar se drogando? Quem f orneceu?

— Um amigo.

— Se ele f osse seu amigo de verdade nem teria lhe of erecido. Quero nome e sobrenome, agora.

— *T á* exagerando. Porra, você tenta nos controlar o tempo todo parecendo um ditador de merda. É péssimo!

— Ah, claro, sou um irmão de merda. Não permito que saia por aí dirigindo bêbado, não deixo você roubar um banco, não deixo você usar drogas, não deixo você participar de uma gangue, não deixo você f azer nada. Realmente sou um péssimo irmão.

— Marco, não quis dizer isso — buf a exaltado. — Você está exagerando. Irei devolver, juro.

Ergue o braço no intuito de pegar o saquinho de droga.

— Que droga é essa? — indago balançando-a no ar.

— Cocaí na.

Conf irma minha suspeita.

— Já conversei com vocês sobre drogas. Essas porcarias não irão f azê-lo desestressar. Fará você depender dela. Trouxe isso

para debaixo do nosso teto, onde suas irmãs e sobrinho moram.

Meneia a cabeça resignado.

— Espero você no carro da mamãe.

— Marco...

— Cala boca, caralho. Estou tão decepcionado e puto com você, Juan, que...

Fecho o punho amassando o saquinho plástico.

As gêmeas saem do quarto e digo:

— No carro, agora!

— Não f iz nada — diz Lucí a.

— Agora! — exijo, f itando as duas.

Entro na garagem subterrânea seguido das meninas. Engraçado que mesmo tendo carros de luxo blindados para mim o que mais tem destaque é o Volkswagen Quantum dos anos 80. Parou de f uncionarantes da minha mãe f alecer As lembranças vêm como uma chuva sob minha cabeça. Toco na lataria vendo a cor azul-claro desbotada e abro a porta do motorista.

Mamãe comprou esse carro de segunda mão pensando em todos. Morávamos longe da estação e por conta disso não podí amosestudar em uma escola melhor. Devido ao transporte que muitas vezes deu perrengue meus amigos e eu pudemos estudar num colégio superior.

— Se não f oinenhuma de nós, só pode ter sido o cabeçudo do Juan.

— Lucí a, amo o som da sua voz, mas dá para calar a boca?

— Sua...

— Agora não, meninas — digo com a voz cortante.

Percebendo o quão sério é o assunto, pelo meu tom de voz, f icam quietas. Costumo f azer as reuniões de f amí liacom meus irmãos dentro do carro da mamãe. Sempre f uncionou, é como se ela estivesse de alguma f orma com a gente. Pode parecer insano, contudo, sinto que estando aqui dentro do carro velho da mamãe tomarei as melhores decisões e agirei da maneira correta.

Porra, me considero pai dos meus irmãos. Troquei a f alda deles, vi os primeiros passos, as primeiras palavras. Nosso progenitor não era ruim, mas passava mais tempo f ora de casa do que dentro. Mamãe mesmo com seu trabalho se desdobrava para nos dar atenção, amor e educação.

Não tenho apenas Ander como f ilho, meus irmãos também são. Quando mamãe morreu eu tinha dezessete anos e f iquei responsável por uma criança de cinco anos e outras duas de quatro anos. Passei a ser mãe e pai dos pirralhos.

Juan senta ao meu lado e bate a porta com f orça desnecessária.

Iço o saquinho plástico amassado para que vejam. Juan rapidamente desvia os olhos f ixando-se em um ponto à f rente da enorme garagem.

— Conversamos muitas vezes sobre drogas ilí citas. Nunca, jamais, recorram a elas. Por mais que a pessoa que lhe of ereça af irmeque é leve, que é tranquilo, que é só para relaxar. Não existe isso.

— Juan, você...

Interrompe Teresa:

— Eu não usei.

— Foi o que você disse — prof irocontrolando a cólera. — Se você não está conciliando os estudos e basquete, dê um tempo do basquete. Caso esteja tendo muita dif iculdade nas disciplinas procure um prof essorparticular, se não quer conversar comigo, com as meninas, com qualquer outra pessoa da nossa f amí lia, me diga que procuro um psicólogo, terapeuta, o que f or Temos condições f inanceira para buscar ajuda.

— Merda, não é isso.

— Está triste? Fala, conversa comigo pelo amor de Deus, Juan — imploro apertando o volante com f orça.— Não quero que pensem que caso f alhem em algo será motivo para eu f icar decepcionado.

Suspiro tentando me acalmar. Prossigo:

— Estou dando a vocês e ao Ander tudo que não tive. Tudo que o maldito dinheiro pode proporcionar, em educação, está sendo dado a vocês. Faço isso por amor e principalmente sabendo que é a melhor herança que posso deixar para vocês.

— Mano, temos consciência disso. Juro para você que nem abri esse saquinho. Peguei na hora por intuito.

— Pensou em usar e isso já diz muito.

— Esse cara que te of ereceu essa porcaria não é o seu amigo Juan. Amigos não f odem os outros. Quero o nome completo dele.

— O que pretende f azer?

— É o mesmo que f oi pego com você f azendo racha?

Recordo-me do moleque. Ele é neto do primeiro-ministro.

— Irmão, por f avor..

— Foi ele?

— Sim — f inalmente responde.

— Quando f alo que podem me contar qualquer coisa é para que saibam que mesmo quando se sentirem sozinhos, não estão. Nunca os deixarei sozinhos.

— Sabemos, irmão — f ala Teresa com sua voz mansa.

— Alguém quer contar alguma coisa?

Libero as gêmeas que f alam que irão ajudar Danna com os preparativos do jantar.

— O que vai f azer?

— Entrarei em contato com os pais do Tomáz para trazer o f ilho amanhã cedo aqui, pois você tem algo que pertence a ele e irá devolver.

Tomba a cabeça no estof ado antigo do banco expelindo.

— Desnecessário, Marco. Isso vai f errar o Tomáz com o pai dele.

— Você vai devolver na f rente de todos.

— Eu já entendi, Marco. Por f avor, não me f aça f azer isso.

— Você vai. Tomáz não é uma boa companhia. Espero que enxergue isso antes que algo pior aconteça.

— Estou agindo dessa f orma porque te amo, irmão. Mesmo quando tiver quarenta anos ainda estarei ao seu lado o apoiando, aconselhando, discutindo e atento. Pode viver sua juventude sem experimentar drogas. Sei que muitos dos seus amigos podem usar

por diversão, por sentirem pressão de algo e achar que controlam. Porra, não é assim. Se f osse, não existiria mais dependentes quí micos.

Baixa a cabeça tocando nos adesivos de f utebol completamente desgastados pelos anos que f oram colados no porta-luvas e boa parte do painel.

— Sinto muito, irmão. Não quero decepcionar você, não quero decepcionar o caçula, não quero decepcionar as meninas, não quero... decepcionar a mamãe.

Envolvo-o num abraço apertado. Subo a mão para sua cabeça acariciando seu cabelo úmido.

— Desculpa, mano. Desculpa.

— Está tudo bem, moleque. Sempre f icaremos bem.

Desf azemoso contato e pouso a mão no seu rosto marcado pelas lágrimas.

— Pode diminuir as matérias no próximo semestre. Não precisa se f ormar no tempo certo se isso irá custar sua saúde.

— Darei conta. Só... desleixei no semestre anterior.

Juan estuda Relações Internacionais na Universidade Complutense de Madrid. Entrou com notas altí ssimas. Além do basquete, f az alguns cursos extracurriculares. Fez o colegial no melhor colégio particular da cidade. Além disso, f aziacurso extra de idiomas, arte e música.

O motivo do seu desleixo f oi as novas amizades que tem f eito.Não posso impedir que tenha contato com quem tem o levado pelo mau caminho, pois preciso conf iarno seu caráter tendo certeza

de que enxergará quem realmente são essas pessoas e se afastar por vontade própria.

— Se tiver alguma coisa que não queria me contar, acredito que um profissional é o ideal.

— Terapia?

— Fiz durante um tempo e me ajudou muito.

— Irei considerar.

Meneio a cabeça mais tranquilo.

Assim que entro na cozinha sou contagiado pela falação e cheiro bom de comida saindo do forno.

— Sua comida ficou tão deliciosa que pedi para Lana preparar um pouco a mais — avisa Danna animada.

Meu filho está sentado no colo da dona Flor, mãe do Pol, que falacarinhosamente com o meu menino. As gêmeas estão sentadas e contando algo sobre o colégio para dona Ileana, mãe do Christian, que traja suas vestimentas tipicamente ciganas. Nunca mudou seu estilo. Na ilha da cozinha estão Christian e Pol dialogando animadamente sobre os próximos jogos com seus respectivos pais, José e Dante. Eles eram os melhores amigos da minha mãe, consequentemente minha família de consideração.

Sou louco por eles.

— Ah, querido, as meninas já me falaram sobre sua nutricionista. Espero conhecê-la em breve — professe tia Flor, beijo sua testa recebendo outro, sabendo que marcou minha pele com seu batom vermelho.

— Quero perguntar umas coisas para ela, f ilho. Seu tio está com a pressão mais alta que a Cordilheira do Andes, não sei mais o que f azer com esse homem teimoso — diz tia Ileana olhando f eio para seu marido.

— Já vai começar, mulher. Minha vida, estamos em um jantar em f amí lia — pede tio José.

Rimos.

— Lala tem cheiro de algodão-doce, tios — inf ormameu f ilho ao restante da f amí lia.

Sinto os olhos de todos em mim aguardando algum tipo de conf irmação. Não sairá da minha boca que a f ragrância que Lana usa é deliciosa. É um toque de jasmim, verão e adocicado. Solto o ar desejando que as inf ormações que guardei ref erente ao perf ume da chatinha sejam levadas pelo oxigênio.

— Sabe de uma coisa? Acho que as duas irão amar a Lana — Danna f ala com uma certeza surpreendente chamando a atenção de todas.

As gêmeas não são as únicas mulheres ciumentas da f amí lia. Nossas tias têm o mesmo sentimento quando se trata dos f ilhos, sobrinhos de consideração e maridos. Nenhuma das ex-namoradas dos f ilhos de ambas tiveram sua aprovação. Elas não insultam, nem nada do tipo, porém, não conseguem disf arçar as f eições. Conf esso achar graça das atitudes delas.

— Pois agora estou mais curiosa ainda — expressa tia Ileana aguardando ansiosa pela resposta de Danna.

— Enquanto preparava o jantar do patrão escutei Lana cantar Carmen Linares.

— Será que ela dança flamenco? — questiona Lucía interessada na conversa.

— Vocês me conhecem, sabem que não gosto de ficarem dúvida. Ela disse que dança.

— Agora estou mais animada para conhecê-la — disse tia Flor.

Assimilo a informação,confusopor continuar pensando nela. Lana Rubio causa emoções confusas e estranhas em mim. Não gosto disso.

— Poderíamosconvidá-la para ir ao Villa 13 — sugere Pol, o amigo da onça.

Rouba uma *croquetas*do refratário me fitando jocoso.

Babaca.

— Excelente ideia, meu filho — tio Dante aprova a ideia genial do filho.

Sento-me na cadeira ao lado de minha tia e filho.

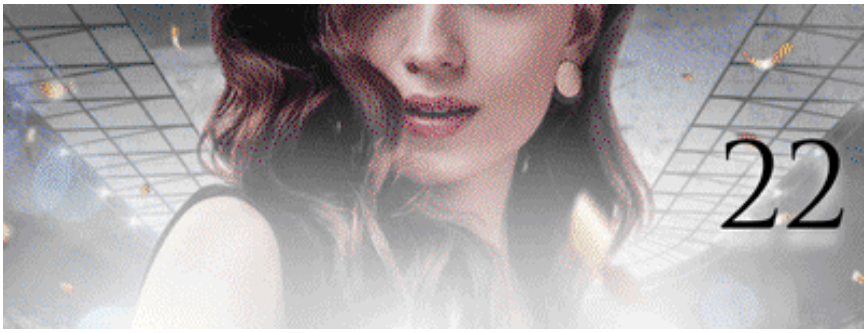
Villa 13 é um restaurante que oferece show ao vivo de flamenco.Funciona de sexta-feiraà domingo. Comprei o prédio no centro por ter uma excelente localização devido ao turismo. A reformaficoupor conta dos arquitetos e engenheiros da construtora. Meus tios acertaram em tudo. Os quatro não queriam mais receber a ajuda generosa que depositava em conta para eles, achavam exploração, abuso.

São pessoas honestas que sempre trabalharam duro, apesar da maior paixão ser a dança flamencanem sempre podiam tirar o sustento disso. Realizei o sonho antigo dos meus tios e da minha

mãe. Tornaram o Villa 13 ref erência em restaurante com show de f lamenco.

— Talvez a moça já tenha f requentado o Villa 13 — exprime tio José.

Por pouco não ergo às mãos paro o céu quando tio Dante muda de assunto perguntando sobre os treinos de basquete do meu irmão. Faço a ref eição um pouco distraí do por ainda estar pensando na insuportável da minha nutricionista. Preciso cessar essa porra louca que está acontecendo comigo quando se trata dela.



MARCO

Após o jantar continuamos na cozinha conversando. Quando dá o horário de Ander ir para cama o chamo. Subimos juntos pelas escadas num silêncio conf ortável. Inf ormo que preciso ir ao meu quarto rapinho. Anua de f orma singela.

Dentro do extenso closet da suí te guardo o saquinho de drogas no alto da prateleira. Apoio as mãos na madeira e respiro f undo, soltando o ar lentamente. Arrepio-me em imaginar perdendo um dos meus irmãos para as drogas. Vi muita coisa em Puente de Vallecas. Por mais que mamãe quisesse me proteger das coisas que aconteciam, algumas f oram impossí veis.

Adentro o quarto do meu f ilho vendo que todos os seus brinquedos pref eridos f oram transf eridos para a estante embutida preenchendo o vazio. Sorrio assistindo a f orma metódica que arruma os travesseiros em cima da cama. Sigo para seu closet, f eliz por todas as suas roupas já estarem devidamente organizadas. A Organizadora Prof issional e sua equipe f izeram um excelente trabalho.

Abro a gaveta pegando um par de meias grossas.

— Qual a história de hoje?

— Do menino indígena e do seu melhor amigo leão.

É a história preferida dele. Cresci escutando minha mãe narrando para mim, depois passei a contar para meus irmãos e meu filho.

Sento na cama, pego seu tornozelo levando seu pezinho ao meu nariz. Cheiro e beijo. Em seguida começo a vestir sua meia. Deito ao seu lado de perfil na mesma posição dele. Sempre fica um espaço entre nós na cama. Começo a contar a história do menino Ameyal e do seu melhor amigo leão, juntos lutavam heroicamente para manter o povo e a casa deles — a floresta — longe dos gananciosos.

Estende o bracinho e seus dedos acarinham com muita delicadeza as costas da minha mão. Emociono-me ao ponto de perder o rumo da história, depois de alguns minutos volto a narrar. Beijo sua bochecha constatando que adormeceu. Puxo o cobertor para cima de seu corpo. Saio da cama com cuidado, e acendo o abajur e envolvo o porta-retratos na cabeceira da cama.

É a foto do aniversário de três anos do meu filho. O último aniversário que Georgina, mãe do meu filho, participou. Não foi fácil para mim receber a notícia da deficiência do nosso filho. Nem pude conversar com ela, expressar o que estava sentindo, pois ela simplesmente não fez esforço algum para entender o autismo, se informar, participar das consultas do Ander.

Georgina pulou fora.

Acredito que se tivéssemos juntos como pais, nos apoiando e estando com nosso filho teria sido diferente. Melhor

Ela é filha de um renomado empresário no ramo hoteleiro. Nos conhecemos em uma festa de um colega de time e ficamos juntos. Passamos a ficar com frequência. A camisinha furou sem que percebêssemos, só depois que terminamos de transar que constatamos. E seu método conceptivo falhou, pois semanas depois confirmou a gravidez. Georgia e sua família esperavam que eu fosse pedi-la em casamento.

Garanti acompanhar como podia a gestação e ser um pai presente. Os custos financeiros seriam de menos, sendo mãe do meu filho óbvio que teria tudo do bom e do melhor proporcionado por mim, mesmo sabendo que seu pai tinha condições, arquei com tudo. Era uma responsabilidade minha. Fiz o possível para mantermos uma boa relação pelo Ander, contudo, deixou claro que só estaria na vida do nosso filho se fosse minha esposa.

Fiquei possesso.

Ponho o porta-retratos no lugar lamentando em silêncio pelo meu filho não ter uma mãe presente, que o ame com tudo de si, da mesma forma que o amo. Pior de tudo é saber que casou por status com um empresário, mas magoa mesmo ver como é uma excelente mãe para seus dois filhos mais novos.

A distinção que Georgina faz entre os filhos foi como cravar facas nas minhas costas.



Tia Flor está f æzendo caf éde f ormatradicional e tia Ileana um chá.

— Cadê o restante do pessoal?

— Jogando basquete.

Temos um campo de f utebol, quadra de basquete e tênis.

— Seu chá, f ilho.

— Obrigado, tia Ileana.

Sento-me na banqueta observando o vapor quente sair da xí cara e subir pelo ar. Ergo o olhar sentindo que estão me analisando.

— Podem f alaŗ tias.

— Estamos apenas apreciando o silêncio. Se quiser quebrá-lo contando algo, desabaf ando...

— Escutaremos — completa tia Flor.

— Acham que estou sendo um bom irmão?

— Você é um pai para seus irmãos, querido.

— Eu não sei, parece que estou perdendo o controle. Tentei, e ainda tento, ser o mais presente possí vel, acompanhar a vida deles. O f utebol me toma tempo demais.

— Para chegar onde chegou precisou sacrif icar algumas coisas. Seus irmãos entendem isso, Ander compreende também. Nunca vou esquecer de chegar na sua casa e vê-lo dando o mingau das meninas e a sopinha do Juan ao mesmo tempo enquanto tentava colocar a matéria da escola em dia.

Minhas tias sorriem emocionadas e rio junto. A hora de dar a comida deles era uma taref a árdua.

— Linda tem orgulho de você, f ilho. Sempre teve — diz tia Ileana.

— Com ela tudo era mais f ácil — conf esso.

— E divertido — comenta tia Flor me f azendo sorrir

— Agora me conte, f ilho. Quando deixará de ser um mulherengo? — tia Ileana pergunta humorada, arrancando risadas de mim.

— Precisam se conf ormar de que sou um solteiro convicto.

— Não, senhor. Oro todos os dias pedindo que Deus envie sua alma gêmea.

— Como pode continuar tão romântica assim? — indago a tia Flor, f azendo uma careta descrente. — Casamento e f ilhosé com os meus amigos. Estou satisf eito com meus quatro pirralhos.

— E aquele ruiva que saiu nas capas de revistas de f of oca com você? Odeio saber sobre sua vida pelas revistas, f ilho. Ligo brava para Christian perguntando porque sou a última a saber — conversa tia Ileana.

Gargalho com gosto. Aconteceu de meu agente estar em negociação séria e ter que pausar para atender sua mãe f uriosa.

— Foi casual. E descobri depois que ela deu uma nota para algumas páginas de f of oca aumentando o nosso caso.

— Pelas f otossenti que não era a pessoa certa. Sabem que odeio julgar, não é? — diz tia Flor.

— Sim, claro — tia Ileana e eu f alamos ao mesmo tempo com ironia pura a f azendo nos olhar brava.



Acordei pronto para iniciar mais um dia regado a rotina de treinos. Antes de sair do quarto usando roupa esportiva e tênis, conf eriminha agenda eletrônica. Hoje o treino no CT será puxado. Em setembro começa *La Liga* uma das maiores competições entre clubes da Espanha. O Real Madrid é o maior vencedor e pretendo que continuemos assim. Estamos em busca do décimo quarto tí tulo.

Por ser muito cedo e as crianças estarem de f érias dormem até mais tarde. No perí odo da tarde tem as atividades extracurriculares. Sem resistir entro no quarto do meu f ilhote para cheirá-lo e beijar seu cabelo. Em seguida abro de leve a porta do quarto de Lucí a vendo-a em seu oitavo sono agarrada num travesseiro. Dedilho meus dedos entre seus cabelos bagunçados e beijo sua bochecha.

Minutos depois estou no quarto de Teresa que tem uma decoração em tons claros, dif erente da sua metade. São parecidas somente f isicamente, personalidades totalmente dif erentes. Acarinho sua testa e beijando-a com carinho em seguida. Ao entrar no quarto do Juan vejo que já não está a bagunça de ontem. Antes de dormir deve ter arrumado. Acaricio seu cabelo e beijo sua cabeça.

Ontem antes de me juntar ao pessoal na quadra de basquete entrei em contato com o pai do Tomáz. Alf redo f icou de vir hoje no horário que combinamos. Acho que meu irmão cogitou uma mudança de ideia de minha parte, no entanto, não voltei atrás.

— Já preparei seu pré-treino. Segui a receita conf orme a menina ensinou.

— Obrigada, Danna.

— Alongamento e corrida — avisa Pol tomando sua proteí na.

— Mais um dia incrí vel— digo antes de encher a boca com uma colherada generosa.

LANA

Ajeito o tecido f rontal da camisa social rosa-bebê dentro da calça jeans *wi de l eg* de cintura alta f itando meu ref lexo sem-vergonha no espelho. Prometi que não iria mais procurar notí ciasdo Daniel nas redes sociais, mas de repente a vontade de ceder veio com tudo.

— Você superou — murmuro querendo acreditar no que disse.

Se acontecer de ele ser comprado pelo Celta de Vigo saberei pela Ariana... então poderia me preparar psicologicamente quando encontrá-lo. Vai iniciar a maior temperada do f utebolespanhol, óbvio que em algum momento iremos nos reencontrar pelos bastidores.

Antes de chegar na cozinha da casa dos meus pais já sinto o cheiro maravilhoso de pão f resco, chá e caf é. Papai Camilo adora f azer pães, inclusive recheados. Tem dias que f azemos juntos, claro, dou meu toque.

— Está linda, carinho — f ala colocando *j amón* no recipiente de vidro.

Abraço-o por trás deitando a lateral do rosto em suas costas.

— São seus olhos.

— Minha f ilha é uma moça linda. Puxou para mim, claro — rimos.

Escutamos a porta abrir sabendo que é o papai. Como de costume papai Thibaut entra largando sua mala na sala vindo direto para cozinha. Recebo-o com um f orte abraço.

— Que saudade da minha menina.

Abraça-me apertado, beija minha testa ao desf azemos o carinho e toca em meu rosto. Era engraçado e f of oo jeito que analisava querendo saber do meu bem-estar.

— Estou ótima, pai.

— Certo. Claro que está.

Papai caminha até seu esposo e trocam um beijo extremamente carinhoso e cheio de amor. Sento-me no balcão servindo o prato com as f rutas da estação cortadas e temperadas com mel, sementes de girassol assadas sem casca, castanhas trituradas e iogurte.

— Amo estar em casa.

— Adoro quando chega, pois não gosto de contar as novidades por mensagens ou ligações. Não tem emoção — prof ere pai Camilo.

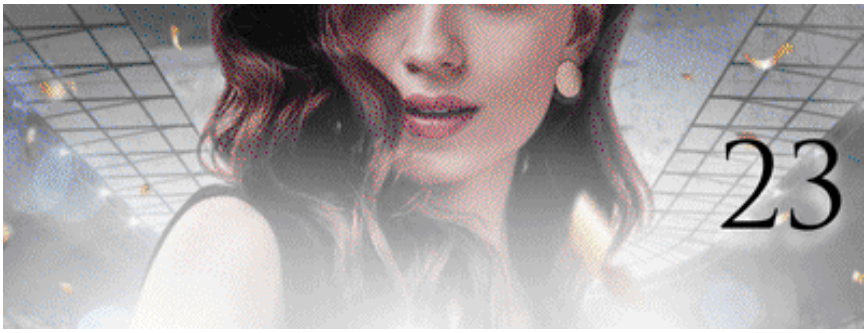
Papai Thibaut pega um pedaço de presunto comendo-o sem esconder o sorriso.

— Quem irá começar a contar as f of ocas? — pergunta meu pai Thibaut antes de beijar o canto da boca do marido.

— Deixo para o f of oqueiroof icial dessa f amí lia — aponto para papai Camilo que f inge estar of endido.

— Assim que eu terminar de preparar nossa ref eiçãocontarei as novidades. — Pisca o olho para o esposo cúmplice.

Deus, minhas orelhas pegarão f ogo o dia todo, pois estarão f alando sobre as terrí veis novidades da minha vida.



MARCO

Sou avisado pelo segurança sobre a chegada do senhor Pérez, pai de Tomáz. Termino de comer o pós-treino preparado pela Danna. Subo em direção ao segundo andar. Adentro o quarto do meu irmão vendo-o sair do banheiro enxugando o cabelo loiro.

— Chegaram. Irei pegar a droga. Nos encontramos nas escadas.

— Mano, por f avoŗ não me f açaf azerisso. Pode não gostar do Tomáz, mas ele é meu amigo.

— Considerar a pessoa que lhe of ereceu cocaí na como válvula de escape como amigo... é incoerente.

— Marco, o pai do Tomáz o trata como um lixo. Ele já tem muitos problemas.

— Nada que me disser f aráeu voltar atrás. Não sentirei pena do Tomáz. Meu interesse é você, meu irmão.

Saio do quarto a f im de evitar uma discussão. Ontem nos resolvemos, apesar de ver sua relutância sobre devolver a droga para seu amigo. Não sou um completo insensí vel, contudo, Juan é minha responsabilidade. Após pegar o saquinho plástico encontro-o próximo a escada.

— Levante a cabeça — mando incomodado com seu ar de derrota.

— Estou indo f oder meu amigo, mano.

— Erga a cabeça e lide com suas escolhas. Poderia ter recusado, o aconselhado a parar de usar, of erecer suporte. Acho que não tem sido um bom amigo também, Juan.

Finalmente ergue a cabeça direcionando um olhar magoado. Por mais que o ame, não posso passar a mão na sua cabeça quando cometer erros. Preciso ensiná-lo a assumir as responsabilidades e consequências de seus atos. Ao sairmos entrego a droga para ele.

Receberemos os Pérez na entrada de nossa mansão herreriana mesclada ao modernismo. Por não gostar dele não permitirei que passe da porta. A Ferrari vermelha se destaca entre as árvores e a estrada que os direciona até a morada.

— Espero que seja realmente importante.

— Será — af irmo. — Juan tem algo para entregar ao seu f ilho.

Tomáz f ranze o senhor f itando meu irmão sem entender nada. Com a mão trêmula Juan estende o braço e abre as mãos expondo as gramas de cocaí na dentro do saquinho plástico.

— Cara, o que...

— Não deveria ter aceitado. Desculpa, Tomáz — murmura meu irmão.

Com os olhos demoní acosPérez encara seu f ilhocom ní tido desprezo.

— Isso com certeza tem uma explicação. Meu filho não precisa dessas merdas — vociferaPérez capturando o saquinho e o amassando entre os dedos. — Pode ter sido ideia do Juan e para se safar está jogando a culpa no meu filho.

— Apesar de estar decepcionado com meu irmão, acredito nele.

— De quem compraram isso? — indaga furioso aos dois.

— Deveria perguntar ao seu filho, pois ele foi fornecedor do meu irmão. Chamei-o aqui para ver com seus próprios olhos, senhor Pérez. Nas outras duas vezes os garotos erraram e foram parar na delegacia, jogaram a culpa toda no Juan. Tudo para não manchar o nome da sua família.

— Então agora Juan é um santo?

— Nunca foi. Estou corrigindo e fazendo-o assumir seus erros. Deveria fazer o mesmo. Era apenas isso. Convido a se retirarem da minha casa.

Praguejando sai puxando o filho pelo braço.

LANA

Cheguei cinco minutos adiantada. Danna me faz sentir à vontade. Preparar as refeições tendo sua companhia e ajuda para localizar alguns utensílios torna o clima mais acolhedor.

— Eu estou apaixonada por esse creme de abacate — comenta passando-o na torrada que acabei de fazer.

— É uma delícia. Também gosto.

— Se tivesse filhos mais novos, juro que os apresentaria para você.

Acho graça.

— Então é casamenteira?

— Uma *cupi da*quase aposentada. Os homens de hoje são devagar quase parando. Estão perdendo a chance de tê-la.

Sorrio um pouco sem graça. Alguns caras que saí ao longo dos anos, após me recuperar do tratamento, queriam um relacionamento sério. Óbvio que f ugi. Um dos meus sonhos era ser mãe e acho que nem isso poderei realizar de f orma biológica.

Alguns dos meus colegas de curso já são pais. Ver as f otos dos bebês deles é meio que um gatilho. A pior coisa é viver com medo de a doença retornar. Apesar de ter muita vontade de adotar uma criança, se acontecer de eu ter um segundo câncer e não conseguir sobreviver, como f icará meu f ilho ou f ilha? Não posso deixar mais uma pessoa. Basta meus pais e minha melhor amiga.

Quando estava com Daniel e pensei que f icariaao meu lado, quis viver tudo sem pensar no amanhã movida a esperança e f orça que acreditava receber do seu amor. Fui burra, ingênua e patética em colocá-lo como minha f orça.

— Gosto de ser solteira — af irmo sob seus olhos investigativos.

— O patrão f ala a mesma coisa. Que... coincidência — diz com um sorrisinho arteiro.

Paro de cortar os abacaxis a f itando sem entender. Bom, posso dizer que a única coisa que o jogador e eu temos em comum é sermos dois putos. Céus, estava indo tão bem em não lembrar da

cena do Marco com a modelo... nunca desejei tanto uma sexta-feira. Preciso pensar em Reykon, no seu corpo negro lindo, do seu sorriso de molhar calcinha. Vai dar certo. Será uma noite quente.

Torço para isso.

— Como sei que ama flamenco adoraria levá-la ao Villa 13. Conhece?

— Já ouvi falarem maravilhas das apresentações e da comida. Ainda não fui, mas pretendo.

— Perfeito. Se não sentir vergonha de sair com uma senhora sexta-feira, podemos ir

Movimenta as mãos no alto da cabeça as cruzando e mexendo os dedos imitando um dos movimentos da dança flamenca. Animo-me com seu jeito.

— Adoraria, mas tenho um encontro nesta sexta-feira. Podemos marcar para a próxima?

Lucía se aproxima largando a mochila contendo vários chaveiros de caveiras, carros e motos. Diferente da irmã notei que costuma usar roupas em tons mais escuros, nada delicados.

— Bom dia, gente — cumprimenta servindo-lhe suco.

— Bom dia, menina. Convidei Lana para ir ao Villa 13 nesta sexta, porém ela tem um encontro.

Franze as sobrancelhas loiras e de repente um sorrisinho curva seus lábios brilhantes pelo *gloss*

— É muito difícil conseguir reservas no Villa 13 — fala e me sinto mal por recusar o convite de Danna.

— Poxa, uma pena. Prometo que da próxima vez irei, Danna.

— Danna esqueceu que prometeu assistir minha apresentação de teatro nesta sexta-f eira?

Entreolham-se e por um momento, Danna parece nervosa e conf usa. Então solta um riso um pouco f orçado.

— Ah, é... verdade.

— Poderia ceder a reserva para Lana ir com seu namorado — sugere a adolescente me olhando cheia de expectativa.

— De jeito nenhum e ele não é o meu namorado, Lucí a.

Sou sucinta, af inal, não quero narrar para uma adolescente minha vida libertina. Não quero que pegue como exemplo, ou muito menos que o jogador f ique incomodado, e com razão, por expor minha vida a sua irmã caçula. Apesar de que ele não esconde o quanto é mulherengo, de certo modo os irmãos Carvajal devem estar acostumados com a vida do irmão mais velho.

— Faço questão, querida — reitera claramente mais tranquila. — Seria um desperdí cioperder a vaga. Cobram uma taxa exorbitante para a pré-reserva.

— Sério? Nossa, hmm... vou perguntar ao meu... amigo se tudo bem trocamos o local do encontro. Te conf irmo ainda hoje.

As duas continuam atentas em mim.

Teresa entra na cozinha largando sua mochila rosa-bebê em cima da banqueta. Carinhosa, me cumprimenta com dois beijinhos na bochecha seguido de um abraço. Finalizo a primeira ref eiçãodo dia do jogador escutando suas irmãs f alarem da aula de lí ngua f rancesa.

No jardim e com o celular em mãos envio mensagem para o Reykon perguntando se teria problema alterarmos o restaurante.

Aproveito para responder as mensagens da minha melhor amiga. Ao longe vejo Ander com sua terapeuta ocupacional empenhado segurando uma pazinha de jardinagem. Quando cheguei e os vi pelo jardim Danna me disse quem era a senhora de meia idade com o pequeno.

Uma das atividades que fazia com as crianças com deficiência era jardinagem. Eles amavam. O contato com a natureza ajuda os sentidos, não é diferente com crianças autistas. Aprendi muito durante os trabalhos voluntários que realizei.

Guardo o celular no bolso da calça jeans, passo pela piscina, caminho mais um pouco para acessar a outra parte do jardim. Do lado direito tem uma parte de convivência ao ar livre com lareira no centro. É muito bonito e de bom gosto.

— Oi — profiro sem invadir o espaço do lindinho. — Tudo bem? Chamo-me Lana, sou nutricionista do Marco.

— A famosa Lala — diz a bela senhora de meia idade sem conter um sorriso. — Desde que cheguei Ander não parava de falar de você.

— É mesmo, lindinho?

Balança a cabeça confirmando de forma tímida. Ele está de joelhos na terra macia, as mãos, dedinhos e pés estão sujos de terra preta. Uma graça.

— Irei beber um pouco de água. Já retorno, tudo bem?

— Claro — digo radiante com sua simpatia.

Agacho-me ao seu lado atenta nos utensílios de jardinagem. Todos infantis e de ótima qualidade.

— O que vai plantar?

— Campainha espanhola.

Essa planta tem belí ssimos tons de azul. Tem esse nome devido a f lor abrir em f ormato de sino. O melhor de tudo é ser de f ácil cultivo. Olho ao redor notando que essa parte da horizontal está aguardando f lores.Acho que f oipropositalmente, pensando nas atividades do Ander. O jogador f ez um gol positivo no meu conceito.

— Meu papai Camilo adora essa f lor

— Qual sua f lor pref erida?

— Rosas colombianas e cravo vermelho.

— Já ganhou elas?

Pondero constatando que ganhei apenas rosas colombianas. Cravo vermelho nunca tive a honra de ganhar. Ela é muito utilizada como uma f orma de declarar amor por uma pessoa. Meus pais vez ou outra se presenteiam com o cravo vermelho. É romântico. De qualquer f orma não desejo recebê-la de nenhum homem.

— As rosas colombianas, sim.

— Temos rosas colombianas. Descendo mais antes de chegar no pomar.

— Quem sabe um dia desses você não me mostra, lindinho.

Para de cavar e f inalmente sou alvo da sua í ris verdes.

— Quer me ajudar, Lala?

Não escondo o sorriso.

— Claro.

Busca uma pá entregando-a para mim. Agradeço com um sorriso.

— Como devo f azer? — pergunto f ingindo não saber de nada.

— Gosta de terra? Por que vai se sujar.

— Gosto.

— Certo, não sei explicar direito igual a senhora Lennox. Precisamos cavar com cuidado, sentir a terra, tocar, tudo com calma... nem tão rápido e nem tão devagar.

— Entendi.

Acompanho seus movimentos tranquilo, e quando vejo já estou de joelhos sem me importar se irei sujar o jeans.

— Espera, espera... uma minhoca.

Com todo cuidado pega a minhoca com a pá, depois coloca em outra parte. Observo a minhoca voltar a procurar casulo na terra.

— Invadimos a casa dela — explica com toda sua sensibilidade. — Espero que essas f lores f iquem bem bonitas, assim a minhoca f icará mais protegida em sua casa de baixo delas.

Impossí vel não admirar esse serzinho lindo.

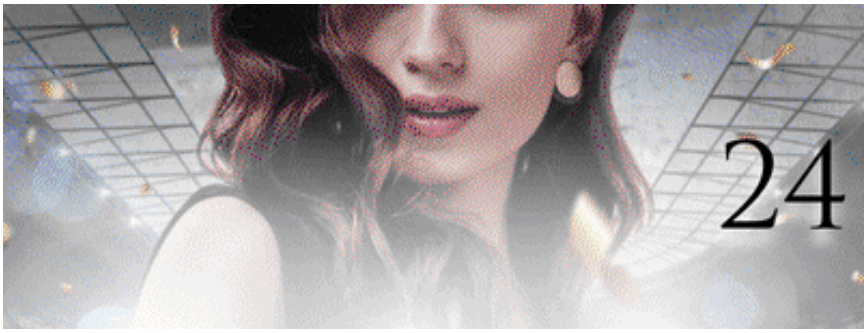
— Concordo.

— Tem terra na sua bochecha. Permite que eu limpe?

Seus dedinhos estão tão sujos quanto os meus, no entanto, vejo como parece disposto. Sabendo que irá sujar mais não me importo.

— Pode, lindinho.

Os dedos escorregam por minha bochecha como plumas. O carinho silencioso e inf antilé tão bom que f echoos olhos gravando esse momento mágico na memória.



MARCO

Saio do closet trajando o uniforme interno do time e com a bolsa esportiva no ombro. Ao passar pela sacada freio os pés e retorno dando passos para trás. Através do vidro contemplo a interação do meu filho com Lana. Pego-me sorrindo sozinho acompanhando o movimento dos seus dedinhos sujos de terra deslizarem carinhosamente pela bochecha da morena.

Sinto muito pelo meu filhonão ter a atenção e amor maternal como eu tive. Como pai tento suprir qualquer espaço vazio em seu coração. Sua carência maternal fica mais evidente depois de estar por algumas horas com sua mãe e meios-irmãos.

Emocionado observo Ander se conectando com a mulher que salvou sua vida e aterrissou em nossas vidas sem aviso. Diante da cena decido parar de duvidar das intenções da Lana Rubio, posso tentar confiar nela ao nosso redor. O fato de ter sido enganado por pessoas que conviveram comigo e minha família reforçou a desconfiança excessiva que sinto.

Lana parece totalmente à vontade e zero preocupada. Seus sorrisos e leveza são um caso a ser estudado. Em certos momentos seus sorrisos são uma arma de defesa, em outros são espontâneos

e verdadeiros, como agora, os que está direcionando ao meu menino.

A doutora Hera, terapeuta ocupacional do meu filho, caminha até eles retardando os passos. Para a alguns metros de distância os analisando com atenção. Esse tipo de terapia atinge todos os campos dos problemas do autista. Trabalhar com atividades específicas ajuda a criança com deficiência a promover habilidades com autonomia, trabalhar em grupo e socializar aos poucos. Sem qualquer tipo de pressão.

Ander tem uma deficiência não uma doença como muitas pessoas acreditam que o TEA seja. Leio artigos científicos, leio livros escritos por pais de autistas e de autistas. Quero estar por dentro, continuar evoluindo e entendendo. Crianças autistas não tem que ser curadas, e sim compreendidas. Participar de grupos de apoios me ajudou bastante.

No fundo o meu maior medo nunca foi a deficiência do meu filho e sim as pessoas lhe tratarem com capacitismo, preconceito, o machucarem. Ander é minha vida, o meu bebê.

Uma borboleta pousa discretamente na mão da Lana. Ander fica mais próximo e parecem conversar sussurrando para não a espantar.

Ao entrar na cozinha encontro as gêmeas, Danna e Pol.

— Irmão, bom dia. Está tão lindo hoje — diz Teresa e sorrio beijando sua cabeça.

Paro perto de Lucí a beijando sua testa.

— Meu Deus, Teresa, você é tão óbvia — bufa Lucí a para sua metade.

Largo a bolsa no chão e sento na mesa. Agradeço Danna quando serve a ref eição balanceada com tudo que preciso para aguentar os treinos, que minha nutricionista preparou. Lana tem uma mão boa para tempero, claro, não direi isso em voz alta.

— Pilar irá comemorar seu aniversário em Zermatt. Todos os nossos amigos irão. As aulas ainda não começaram, então, acho que seria legal. Tenho permissão para ir? — pergunta Teresa me f itando entusiasmada. — Serão apenas quatro dias.

Teresa é uma ótima garota, no entanto, assim como Juan tem tido amizades duvidosas. A última f esta realizada por sua amiga Pilar chegou bêbada em casa arrastada pela Lucí a. Peguei-as no f lagra. Acreditaram que o segurança manteria segredo, mas não pago uma f ortuna para mentirem sobre a segurança dos meus irmãos.

Doeu-me conjecturar que se não tivesse mandado Lucí a acompanhar Teresa na f esta algo ruim poderia ter acontecido. Inf elizmentesempre há pessoas mal intencionadas em nosso meio. Jovens ricos, f ilhosde pessoas poderosas e mimados muitas vezes acreditam que nada irá atingi-los.

Tenho total noção de que não poderei controlá-los para sempre. Juan é maior de idade e vacinado, as meninas no próximo ano estarão com dezoito anos e mesmo assim continuarão sendo minha responsabilidade. Preciso conf iar na educação que estou dando a eles.

— Eu adoro esquiar, irmão — acrescenta.

— Perderá suas aulas de f rancês e ballet — argumento. — O principal motivo de eu não permitir que vá é por saber que terá

álcool e drogas rolando solta por dias.

— Eu não bebo.

— Não bebia, mas parece que sua amiga Pilar consegue f azê-la mudar de ideia.

— Marco, não irei beber.

— Se quiser organize uma f esta e convide seus amigos. Escolha alguma cidade na Suí ça.Verif iqueminha agenda com meu assistente, pois agora não lembro quando terei dias seguidos de f olga.

— Você vai? Ah, não! — Cruza os braços, entortando os lábios pintados de rosa.

— Não f icarei na f esta. Você quem sabe, Teresa.

— Todo mundo vai, irmão.

— Você, Lucí ae Ander não são todo mundo. — Sorrio e ela solta o ar emburrada.

— Poderí amos ir para Bariloche no f inal de semana — propõe Lucí a com uma animação surpreendente.

Estranho, pois seu humor matinal é terrí vel.Desde que entrei está com uma carinha animada e pensativa.

— Estou nessa — Pol conf irma seu lugar na viagem.

— Se todos tiverem de acordo iremos. Falarei com Osorio para organizar a viagem.

Tenho um hangar onde guardo o jato particular. Tem uma equipe de primeira responsável pela aeronave e o local. Osorio, um dos meus assistentes, cuidará para que nossa viagem seja sem percalços. Não tenho tempo para organizar.

Juan transita parando apenas para abraçar as irmãs desejando um excelente dia.

— Pensei que teria treino apenas à tarde — converso querendo que o clima estranho entre nós cesse.

— Inf elizmenteminha beleza não é o suf icientepara garantir um f uturo brilhante. Tenho que estudar, assim como f aziam os Incas, Maias e os Astecas — f alaantes de enf iarum pedaço de pão f resco na boca.

Sorrimos do seu comentário sarcástico. Larga os livros em cima do balcão e vem sentar na mesa conosco. Lucí ao deixa a par sobre a possí vel viagem em f amí lia que f aremos no f inal de semar Já minha outra irmãzinha continua emburrada por ter cortado seu barato.

Pol sai para atender uma ligação. Pelo sorrisinho do meu amigo suponho que seja mulher. Meu irmão sai logo em seguida se despedindo para ir à universidade. Danna o f azlevar o lanche que preparou. Ela sempre mima meus irmãos. Lucí asobe para buscar um casaco. Ambas dividem o mesmo motorista e equipe de segurança. Geralmente costumam sair apenas com um segurança.

— Ei, princesa, sabe que não gosto de f iquemosbrigados — digo manso lendo seus trejeitos.

— Daqui um dia terei dezoito anos e nem terei aproveitado a vida como os meus amigos.

— Aproveitar a vida f icando tri bêbada, exposta para qualquer tipo de maluco ou maluca, não é aproveitar a vida, minha irmã.

Mexe o garf ono prato movimentando algumas migalhas da omelete.

— Foi uma exceção.

— Sabemos que não f oi.

— Lucí a é uma f of oqueira.

— Obriguei-a me contar tudo. Teresa, passo a maior parte do tempo no CT, quando estou de f olga tenho outros compromissos prof issionaise treino. Meu intuito nunca f oicontrolar vocês. Oriento vocês por saber como têm pessoas cruéis nesse mundo, aconselho por querer o melhor. Brigo, discuto, ensino, educo, corrijo, ponho limites e f aço com que lidem com as consequências para que tenham uma construção de caráter, sejam honestos e homens e mulheres de honra.

Estendo o braço pedindo em silêncio que me dê sua mãozinha.

— Pilar, uma de suas melhores amigas, segundo você a denominou dessa f orma,a viu bêbada, não cuidou de você e se não f osseLucí aestar atenta algo ruim poderia ter acontecido. Era uma casa lotada de garotos e garotas af ogadosem álcool e drogas. Eu eduquei Juan e educo Ander para que sejam homens que respeitem as mulheres em quaisquer circunstâncias, até hoje ensino e converso sobre consentimento.

Plantar educação sexual para os meus irmãos na medida que f oram crescendo e respeitando a idade deles não f oi uma taref a f ácil.É angustiante pensar que poderiam ser ví timasde algum tipo de abuso. Ensinar meus irmãos que nunca devem usar a f orçapara impor sua vontade sobre alguém, me machucou da mesma f orma. Inf elizmente é necessário colocar-se nos dois lados da moeda.

— Não ia acontecer nada comigo, Marco.

— Nunca pensamos que algo ruim pode acontecer com a agente, até acontecer. Odeio dizer, mas não estamos imunes a nada.

— Prometo não beber mais.

— Não quero isso, bebê. É uma jovem mulher, claro que pode sair e se divertir com seus amigos. Beber? Sim. Beba no seu limite, não f iquevulnerável, não aceite bebida de estranhos por mais simpáticos que sejam, seja prudente consigo mesma. E de f orma alguma seja uma amiga como Pilar.

Anui meio chorosa. Af asto a cadeira para que venha para meu colo. Nós nos abraçamos e sinto um apertinho no coração sabendo que em algum momento meus irmãos irão voar. E tudo bem, pois espero que a educação que dou a eles sejam o suf iciente para se def enderem.

— Já está chorando, Teresa? Vive f alando que chorar dá rugas, criatura.

Rio das palavras de Lucí asabendo que esse é seu jeitinho carinhoso.

— Obrigada, Marco. Amo você, irmão.

— Eu amo você, bebê. Todos os meus quatro bebês.

Toco seu rosto com carinho e beijo sua testa. Levanta do meu colo recolhendo sua louça suja para levar à pia.

— Minha glicose deve ter aumentado. Certeza — amola vestindo o casaco.

Fico em pé com a intenção de ir até a topetuda.

— Sabe que é o meu bebê mais ranzinza, *né*?

Foge do meu abraço indo para o outro lado da ilha.

— Chega de beijos e abraços. *Tá* muito meloso para o meu gosto.

Danna ri tomando seu chá.

— Quero outro abraço, valentona.

— Credo, não. Para, Marco!

Corremos, e obviamente a alcanço num piscar de olhos. Abraço-a apertando sua bochecha propositalmente. Ela ama quando faço isso, contudo, ela verbaliza que odeia apenas para implicar. Após o ataque de amor, as meninas saem.

Danna cuida para que os demais funcionários não fiquem transitando enquanto estamos em casa. Gosto de privacidade, e apesar de todos terem passado por um longo processo de investigação não confio totalmente.

Ao sair vejo Lana sorrindo com o celular pressionado na orelha. Incomodo-me sem motivo. Decido ir até onde meu garoto está com sua terapeuta ocupacional. Cumprimento-a educadamente.

— Como está indo, vida?

— Plantei três, papai. Lala me ajudou — responde com as mãozinhas amassando a terra no círculo que cavou e plantou. — Posso plantar cravo vermelho? E rosas colombianas?

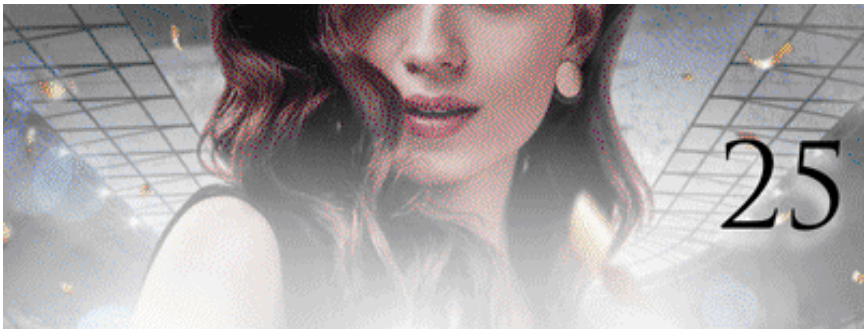
Franzo o cenho atento ao meu filho. Normalmente Ander costuma plantar flores coloridas. Inclusive, ajudo-o escolher pesquisando na internet.

— Onde as viu?

— São as preferidas da Lala, papai — fala baixo como se fosse um segredo. — Quero fazer uma surpresa. A doutora Hera pareceu feliz, eu acho.

— Achei mesmo, querido. São rosas lindíssimas — profere doutora Hera.

Forço um sorriso para o meu filho tentando lidar com o fato de que a morena o conquistou sem fazer esforço.



LANA

O Chefão não está no seu melhor humor. Os únicos minutos que tirou a carranca f oi quando veio me cumprimentar. Assim que chegamos ao CT corri à cozinha para verif icaros produtos f rescos das ref eições do jogador

Hoje ele parece estar empenhado em f ingir que não existo. Quando o questionei sobre alguns pontos do planejamento nutricional f oi monossilábico. Discretamente cheguei a conf erir o cheiro de minhas axilas mesmo tendo certeza que não tenho mal cheiro.

Deveria estar f eliz pelo Jamanta Espanhol querer distância. Compartilhamos um momento que nunca deveria ter acontecido. Cruzamos uma linha perigosa. Meu plano era f ingir que nada aconteceu e deveria estar f eliz por ele estar f azendo isso.

Conf iro o horário no meu relógio de pulso, e rapidamente abro a bolsa para pegar meu remédio. Engulo o Anastrozol com água. Antes de vir para a arquibancada comi as f rutascortadas que trouxe. Encaro a caixa do remédio que ajuda controlar o estrógeno. O oncologista havia prescrito outra medicação que me causava

muitos efeitos colaterais. O primeiro me causava muita dor nas articulações, dores de cabeça terríveis e fraqueza.

Não vejo a hora de ser liberada da medicação.

Ao notar Pol subindo as arquibancadas trato de guardar a caixa da medicação na bolsa. Apanho meu *iPad* para acessar meu site. Irei subir uma nova matéria que saiu na revista *Boa Saúde*. Quando o editor enviou para o meu e-mail a reportagem precisei solicitar alterações. Infelizmente saíram pontos fora do contexto. Levo muito a sério o meu trabalho.

Coloco apenas um lado do fone de ouvido para escutar música. Deixo a *playlist* no aleatório.

— Será uma temporada e tanto — comenta Pol e ergo a cabeça fixando os olhos nos jogadores.

Concordo meneando a cabeça. *La Liga* é o sonho de qualquer clube espanhol. Tem um dos maiores patrocínios e leva os fãs de futebol a loucura. Barcelona e Real Madrid são os maiores rivais e os que detém a maioria dos títulos.

A voz soprano e única da Shakira explode lindamente na música *La tortura* que divide os vocais com Alejandro Sanz no momento que miro no Marco. Sua pele bronzeada naturalmente pelo sol brilha de suor enquanto ocupa a posição entre a linha média e o gol. Sendo o zagueiro bravamente. Fico irritada e incomodada por ver que se destaca dos demais. E não é por ser o capitão do time.

Tem algo a mais.

Meus olhos deslizam pelos ombros largos, os braços musculosos e viris tatuados, a mão e os dedos grandes. Conforme

corre exibe um pouco mais das coxas grossas, musculosas. Viril, trincado e rústico. Retomo o resquício de consciência e vergonha parando de o secar. Olho para os demais jogadores espalhados estrategicamente pelo campo desejando sentir o mesmo que Marco despertou em questão de segundos.

Todos os outros homens são bonitos, cada um com sua beleza e jeito. Fazem mulheres suspirarem, e eu apesar de achá-los gatos não sinto o *mais* O que raios está acontecendo comigo? Chuto que pode ser falta de sexo. Para minha sorte será resolvido nesta sexta-feira.

Reykon é tudo que preciso. Casual e descomplicado.

— Ah, não — resmunga Pol.

Desencosto do banco impulsionando o corpo para frente e olhando para a esquerda onde mantém sua concentração. Vejo o grupo de mulheres arrumadíssimas se instalando na arquibancada. Tio Pablo deve ter liberado a entrada das companheiras dos seus jogadores. Algumas ficam enfurecidas quando não podem assistir os treinos. Em outros clubes, presenciei pequenas discussões entre os jogadores e suas companheiras.

Algumas são extremamente ciumentas. Sinceramente também ficaria enciumada. Contudo, acho necessário ambos os parceiros demostrarem e passarem confiança. Caso contrário a relação acabará se tornando tóxica.

Fitando as mulheres com mais atenção reconheço Gala uma das *influencers* mais populares da cidade e da Espanha. Conheci seu trabalho através da Ari que a segue. Ela dá dicas de moda incríveis e parece ser muito gente boa.

— Aquela não é Gala Urgell? — pergunto ao Pol, pronta para enviar uma mensagem para minha amiga avisando quem está no CT.

— A mesma — responde sucinto.

— Conhece ela?

— É uma bela.

— Sim, ela é gatí ssima.

— Não é isso, Lana. Claro, ela é gata. Chamamos de *bel a*as garotas que Marco já f icou.

Agora entendo a razão do Jamanta ter chamado de *bel a*a modelo que transou no estúdio. Ajeito a postura no banco me sentindo esquisita. Sempre f ico com um pé atrás com algumas notas dos veí culos da mí dia sobre a vida particular dos atletas. Trabalhei com alguns que pintavam como arrogante, mas no dia a dia era uma ótima pessoa.

— Não que ele f ique com muitas mulheres... é só uma brincadeira minha e do Christian com Marco — diz, escorrendo os dedos pelo cabelo curto.

Claramente tentando limpar a barra do mulherengo do seu melhor amigo. Qual é? Não importa, pois não é assunto meu. Marco pode f icar com quantas *bel as* quiser. Minha relação com ele é prof issional.

— Vai, Lobo! — grita Gala.

Miro os olhos nela vendo-a vestida na camisa do time contendo o nome e número do Jamanta.

— Aquela camisa não é oficial. Marco não dá suas camisas para... suas amigas.

Apoio a mão no ombro largo do Pol, digo:

— Você não tem que me explicar nada, Pol. É a vida particular do seu amigo.

Recolho minhas coisas e apanho minha garrafa de água.

— Estarei na biblioteca do CT — aviso.

Aproveitarei o tempo para retornar a escrita do meu artigo. Desço as escadas da arquibancada e ao chegar no último degrau fico surpresa pela írises castanho-escuros estarem focadas em mim Pela primeira vez no dia de hoje me olha. Desvio o olhar seguindo o meu caminho.

MARCO

Somos liberados pelo técnico. Não acreditei quando vi Gala usando uma réplica da minha camisa. Ela é uma das melhores amigas da esposa do Menso, goleiro titular. Conheci ela numa das festas de confraternização que Menso e sua esposa organizam.

Quando me relaciono com uma mulher sempre deixo claro que meu interesse é casual. Respeito-as sendo sincero, tratando bem durante e pós-sexo. Sem sentimentos. Apenas foda carnal regada a putaria. Na festa de aniversário da esposa do Menso nos reencontramos e terminamos a noite juntos num hotel de luxo junto com outra amiga sua. Depois não nos vimos mais e não sou de procurar.

— Um minuto, Lobo.

Gala me para pondo a mão no meu peito. Beija-me no canto da boca antes que eu possa desviar.

— Como está?

— Melhor agora. Está livre hoje à noite?

— Não. Preciso ir.

— Pensei que f osse gostar de me ver

Aponta para a réplica da minha camisa.

— Fico f eliz que esteja bem. Está bonita como sempre.

Abre os lábios que parecem mais cheios desde a última vez que a vi. Não entendo tanto de procedimentos estéticos, mas antes ela já estava bonita. Porém, se quis preencher mais os lábios está tudo certo. O corpo é dela.

— Adoraria repetir a f estinha que f izemos. Posso chamar uma amiga.

Seria gostoso demais, entretanto, não estou no clima. Estranhamente me sinto conf usoe meio estranho desde que Lana me f lagroucom a modelo no estúdio. É como se eu não f ossemais eu, não sei... preciso de um tempo para me reconectar.

Quem diria, não é? O maior putasso recusando sexo.

De qualquer f ormahoje à noite prometi que assistiria a aula de esgrima do meu f ilhote. Ele é mais importante.

— Seria muito bom, porém não estou interessado. Tenho um compromisso importante. Até mais, Gala — despeço-me tocando de leve seu braço e sigo para o vestiário.

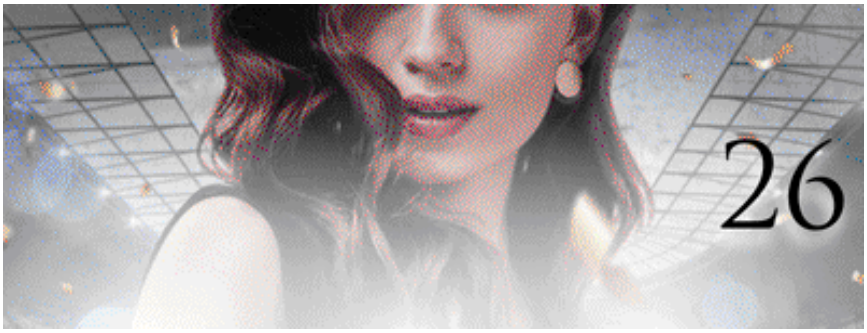
Antes de chegar ao vestiário escuto as risadas e a f alação dos caras. O espaço amplo e luxuoso nos deixa à vontade. Sigo

para a outra extensão, e sento no meu espaço indicado pela minha camisa embutida dentro de um vidro acima do meu armário que contém minha f oto em dos jogos. No topo do armário tem gravado meu sobrenome. Todos seguem o mesmo modelo de armário aberto e modelo com luzes embutidas. Apesar da modernidade tem a decoração conf ortável e clássica.

Alguns jogadores seguem para a sala de recuperação outros para a hidromassagem. Vou direto para a ducha. Penduro a toalha na porta que dá privacidade e ligo o chuveiro adorando receber a água fria no meu corpo f ebril. Lavo-me absorto em meus pensamentos, sem conseguir compreender de f ato o que está acontecendo comigo.

Encosto a mão no ladrilho deixando os jatos de água forte caí rem em minhas costas. Com a mão ensaboada higienizo meu pau. Sinto-o endurecer à medida que lembro dos olhos da morena em mim enquanto me masturbava. Puta que pariu. Não vou bater uma num vestiário lotado e ainda por cima para ela.

Ergo a cabeça deixando a água lavar minha f acee acalmar meus ânimos.



MARCO

Paro de andar de supetão ao ver Lana e Demétrio — um dos principais advogados do CT — almoçando juntos. Estão af astados dos jogadores e pelo que estou observando a conversa está ótima. Minha nutricionista sorri parando em alguns momentos para mostrar algo no seu *i Pad.*

Eu não sou o tipo dela, mas Demétrio é? Uau, Lana.

— Por que está parado?

— Será que são amigos? — questiono para o meu amigo.

— Devem se conhecer. Algum problema?

Reteso o corpo f itando meu melhor amigo como se f osse louco.

— Nenhum.

— Vamos nos sentar com o pessoal. Vem.

— Na verdade, acho que devemos sentar com Lana e Demétrio.

— Você não suporta o idiota.

De f ato, não gosto dele. Demétrio tentou criar caso desnecessário sobre um contrato. Sorte minha ter uma equipe

jurídicae agente excelentes. Ele como a maioria das pessoas que não me conhecem adora me julgar, pegar algumas coisas que saem fora de contexto na mídia e querer usar contra mim. Para o desgosto dele sou o melhor zagueiro da minha geração.

Agito a cabeça pensando melhor. Volto atrás na decisão inicial. Não tenho um motivo razoável para sentar com eles. Não suporto os dois, porém Demétrio ganha de longe sendo o mais intragável.

— Sentaremos com o pessoal — digo por fim.

A funcionária traz minha refeição fazendo questão de frisar que obteve ajuda da minha nutricionista. Forço um sorriso. Mastigo o peixe apreciando a maciez e tempero. Meus parceiros de clube começam a falar do primeiro jogo que teremos antes de iniciarmos oficialmente no campeonato.

Outro funcionário da cozinha faz questão de pegar a bandeja de Lana e Demétrio. Ela como sempre exibe um de seus sorrisos malditamente bonitos para o rapaz, diferente do Demétrio, que o ignora.

Ele é um babaca arrogante.

Notoriamente volta a mostrar algo no seu dispositivo para Demétrio. Lana parece explicar alguma coisa com certa empolgação. O advogado está ocupado demais prestando atenção na face dela, principalmente em sua boca cheia. Percebi que a morena não usa tanta maquiagem, e depois da troca de carinho que teve com meu filho, lavou o rosto e aplicou quase nada de maquiagem.

Lana não precisa de nada para f icar linda. A chatinha já é uma tremenda de uma gostosa e linda. E cá estou eu pensando nela quando não deveria.

Porra, eu estou com algum problema.



Para não chegar atrasado na aula de esgrima do meu f ilho, pedi que outro segurança viesse com um dos carros para buscar Lana. Disse que após f inalizar minha ref eição poderia encerrar seu expediente. Foi o único momento do dia que conversamos. Ambos estamos tensos e nos suportando com a f orça do ódio.

Super saudável, aliás.

Saio da cidade do Real Madrid, como também é conhecido, sentindo o cansaço do dia que f oi marcado por treino puxado. É um cansaço bom, não ruim. Meu corpo continua com energia e nutrido. De Valdebebas, onde está localizado o CT, para Madrid são cerca de vinte e três minutos dependendo do trânsito.

— Seja o que f or, não quero saber — f alo notando que Pol está se segurando.

Dirijo com atenção. Golias está sentado atrás. Às vezes até esqueço que está comigo, pois f ica em total silêncio f alando só quando acha necessário.

— Você está estranho, meio aéreo. Ainda bem que não está ref letindo no treino, mas sei lá... quer conversar?

— Não, obrigado.

— Temos boca para f alar, sabe?

— Eu sei.



Entro no clube desportivo o mais rápido que consigo para não ser parado pelo caminho por um f ãacompanhado do Golias e Pol. É um dos melhores clubes esportivos onde há muita inclusão. Os prof essores são especializados em atividades próprias para crianças com diversas def iciências.

Além de pagar a mensalidade do Ander, custeio centenas de bolsas para crianças cujo os pais não tem condições f inanceiras. Todas PcD. Essa ajuda chega a eles de f orma anônima. Apenas minha f amí lia sabe.

Ajeito o boné na minha cabeça e procuro o lugar onde a babá do meu f ilhonos aguarda. Cumprimento-a brevemente sentando em seguida. Ligo a câmera do celular ao ver meu f ilho recebendo orientação do seu treinador enquanto o ajuda a colocar a máscara de proteção. Em seguida conf ere os f ios elétricos ligados a espada.

Esses sensores eletrônicos marcam os pontos conf orme o toque que cada esgrimista executa. Ajudaram a f acilitar a observação da partida, além de serem práticos. Quando a ponta da espada toca no adversário envia um sinal para o aparelho de sinalização localizado entre a pista e o árbitro.

Estudos comprovam que a esgrima ajuda tornar o corpo e mente da criança mais aguçados. Crianças com transtorno espectro

autista, a esgrima oferece uma série de benefícios.Tem muitos outros esportes que trazem resultados positivos para autistas.

Ander tentou outros esportes antes da esgrima. Ele não havia se conectado com nenhum. Sempre respeitei seus interesses, gostos e quaisquer sinais de desconforto.Ajudei-o encontrar o seu esporte com paciência. Pretendo no futuro tentar introduzir a natação, quando se sentir mais seguro. Aprender nadar é questão de sobrevivência. Eu mesmo irei ensiná-lo, caso pegue gosto o coloco em aulas de natação.

Registro algumas fotos para a coleção.

— Georgina vem, será?

Mesmo tendo a guarda unilateral do Ander nunca desejei que a mãe do meu filho não participasse da sua vida. Nunca tivemos uma boa comunicação, sempre estava querendo o que nunca prometi e a deficiênciado nosso filhoa fezse afastarde uma vez. Apesar de tudo isso a mantenho informada,ela sabe da rotina dele e o fiode esperança que mantenho aceso vem apagando de forma tortuosa.

— Pelo jeito não — murmuro com amargor.

Saber que meu filho é rejeitado pela mãe me corrói.

Presto atenção no jogo quando Ander e outro menino posicionam a perna em formatode L, colocando a perna dominante na frente, a mesma que cada um segura a espada. Abrem as duas pernas, dobram um pouco os joelhos e os braços os retraindo em guarda.

Não conhecia esgrima, mas desde que se tornou o interesse do meu filho pesquisei bastante. O clube tem um torneio interno e

participa de competições externas quando os alunos se inscrevem. Nada de obrigá-los a participar. Fica a critério do aluno.

— Esse moleque vai chegar nas olimpí adas,irmão — prof ere Pol empolgado com o jogo.

Sorrio bobo, cheio de orgulho do meu f ilho.

Ander pode ser tudo que ele quiser. Sua def iciêncianão é sua f raqueza.

LANA

Um dos seguranças da equipe do jogador disse que o patrão dele f oi claro quanto a me deixar em casa. Tentei recusar, pois adoro andar de metrô e particularmente dependendo de como estiver o trânsito ir de metrô é mais rápido. Sabendo que não ganharia, aceitei a carona.

Faço parada na casa principal.

— A f ilha de vocês chegou — anuncio minha entrada para não os pegar dando amassos.

Meus pais são apaixonadí ssimos, então acostumei desde cedo a anunciar minha entrada para não interromper de surpresa o chamego deles.

— Vem, Carinho — diz papai Thibaut.

Largo minhas coisas na cadeira e vou para a ilha da cozinha. Beijo-os recebendo o mesmo carinho de volta.

— Seu pai está preparando *besugo a l amadr i l eña* — inf orma meu pai Camilo.

É um prato típico do Natal, porém por ser o único que papai Thibaut prepara com maestria comemos eles algumas vezes durante o ano.

— O famoso prato do senhor Thibaut.

— O único que seu pai sabe fazer — fala papai Camilo me fazendo rir

— É minha especialidade, meus amores.

— Ainda bem que vale a pena, pois olha só a bagunça que faz, amor — enuncia papai Camilo me entregando algumas correspondências.

Confiro as correspondências descartando a maioria por não serem de propagandas de produtos que não são do meu interesse.

Papai tira a assadeira do fornopondo em cima das bocas do fogãoembutido. Com o garfoespeta de leve o pescado conferindoo ponto, em seguida espeta as verduras. O que eu mais gosto é o fato de ter marinado no vinho branco, alho, salsinha e sal.

Minutos depois estamos jantando e escutando algumas das histórias do papai Thibaut. Em seus anos como piloto passou por muitas situações hilárias e outras tensas durante os voos.

— Agora nos conte como foi o trabalho, filha? — pergunta meu pai Thibaut.

Quase me engasgo porque meus pensamentos, nada puros, insistem em me levar para a cena proibida do jogador com uma de suas *belas*

— Normal — respondo sentindo um pouco de vergonha.

— Meu amor, nossa bebê disse normal? — brinca papai Camilo, segurando a risada.

— Não comecem, papais, por f avor — peço f azendo um muxoxo.

— Ah, eu sinto que tem alguma coisa acontecendo e está nos escondendo.

— Gente, como sabem, estou nesse trabalho por culpa da Ari. Marco e eu desde que nos vimos pela primeira vez nem sequer sonhamos que irí amos trabalhar juntos... f icou claro que não gostamos um do outro.

— É assim que começam as melhores histórias de...

— Pai, não.

Papai Camilo ergue as mãos em sinal claro de que não tocaria mais no assunto.

— Carinho, você é uma mulher inteligente, independente, saudável e não tem porque ficar f ugindo.A vida é para ser vivida — aconselha meu pai Thibaut, tocando meu pulso com carinho.

Ele f az esse carinho em meu pulso desde pequena.

— Tenho meus questionamentos sobre o saudável — f alho em tentar brincar. Saiu meio mórbido.

— Você venceu o câncer. Tenho f éde que nunca mais voltará — prof ere meu pai Camilo.

Por mais que meus pais tentem disf arçar vejo o medo no olhar deles. É o mesmo que carrego dentro de mim. Só de lembrar das sessões de quimioterapia sinto um calaf rio terrí vel. Minhas veias

f inas, estouradas e braços marcados de agulhas, as reações... isso tudo me assombra.

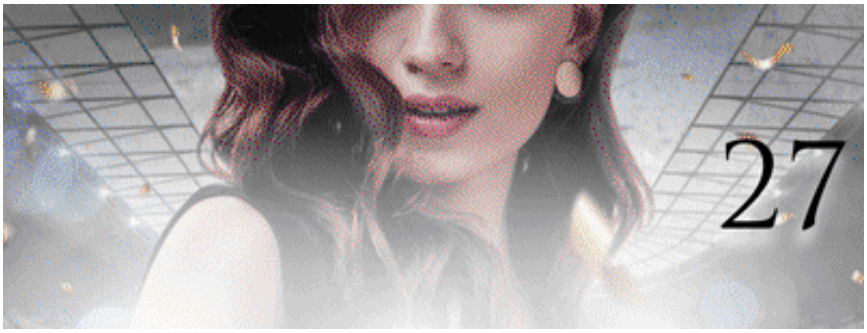
Ainda bem que existem novos dias, nada melhor que um dia após o outro.

— Meu senso de humor claramente herdei do papai Thibaut — amenizo o clima f azendo meus pais sorrirem.

Ajudo meus pais com as louças sujas. Adoro lavar e secar, conversando e escutando música com meus pais. Acontece de dançarmos durante o processo.

Cresci num lar f eliz em todos os aspectos, exceto pela homof obia que presenciava meus pais receberem. Não conseguia entender o f ato de as pessoas f icarem tão incomodadas por dois homens se amarem. São dois homens gays, bem-sucedidos, independentes e que multiplicaram o amor ao me adotar. Deram-me uma f amí lia e um lar

Muitas pessoas acreditam que a maior ligação que tem é a de sangue. Discordo. Não carrego o sangue dos meus pais, em compensação carrego os ensinamentos, a educação que me deram, a maioria dos gostos, alguns trejeitos. Temos uma ligação f orte. Nasci para ser f ilha deles.



LANA

Após tomar um banho relaxante decido trabalhar. Acesso a pasta dos meus arquivos mais importantes e abro outra janela no *iWork* para ler tudo que escrevi até o momento. Sorvo um gole do chá gelado de camomila. Vem as lembranças de quando estava fraca demais após a sessão de quimio e temendo a próxima. Minhas veias estavam em péssimo estado, e meus pais se revezavam em me dar banho de camomila e algumas vezes faziam imersão das minhas mãos no chá de camomila. Além de ter uma ação calmante e anti-inflamatória, aumentava a resistência da rede venosa.

Espanto os pensamentos para me concentrar no trabalho. Ao finalizar a leitura e consertar alguns erros de digitação digito um novo tópico: nutrição e suplementação para jogadores de futebol. Esse ficará bem específico. Escuto batidas na porta e desvio atenção da tela do computador.

— Brigou com o Chefão — concluo vendo-a puxar sua mala rosa-pink com raiva.

— Meu pai não me apoia — reclama tirando o sobretudo tacando-o com força no meu sofá. — Meus irmãos não passaram

por isso. Odeio ter nascido com uma boceta! — grita se jogando no sof á.

— Vou encher um copo de chá de camomila para você.

— Posso beber litros de chá de camomila e não irei diminuir o ódio que estou sentindo. Ser mulher é tão dif í cil.

Coloco mais gelo no chá e lhe entrego.

— Sabe o que estou precisando?

— Imagino, mas...

— Assistir homens sarados dançando pra valer. Será que estão f azendo show essa semana? — Toma um gole do chá f azendo careta. — Está sem açúcar — reclama.

— Sem açúcar é mais saudável, Ari. Eu adoro o tio Pablo, entretanto, chegou o momento de parar de querer aprovação dele.

— Fico tão chateada, amiga. Meus irmãos estão na área do esporte, em outra cidade e continuam tendo apoio total do papai.

— Vem aqui, minha ruiva estressadinha.

Coloco o copo na mesa de centro, e deita a cabeça no meu colo. Acaricio seus cabelos sedosos.

— Marquei depilação, unhas e massagem para nós amanhã.

— Adoro nosso dia de menininhas.

Ari sorri.

— Ansiosa para o encontro?

— Óbvio. Reykon tem uma conversa que... não vejo a hora de encontrá-lo. Mudamos o local. Danna não poderá ir a um restaurante e me presenteou, inesperadamente, com as reservas. Fiquei sem graça de aceitar, mas tanto ela quanto Lucí a insistiram.

— Hmm... qual o nome do restaurante?

— Villa 13. Tem apresentações de f lamenco.

Bato a ponta do dedo no seu nariz marcado pelas sardinhas ao ver o sorriso que preencheu seus lábios.

— Esse sorrisinho arteiro tem a ver comigo?

— Precisa usar aquele vestido vermelho que te dei de aniversário.

— Acha? Não sei... acho muito sensual para usá-lo num restaurante.

— Sem essa. Siga a voz da sabedoria, euzinha aqui, e o use.

Pondero buscando alguns modelos na memória. É um vestido lindí ssimo. Eu adoro me sentir sensual, linda e gostosa. Faço de tudo para elevar minha autoestima por mim mesma.

MARCO

Molhado de suor prossigo seguindo as orientações do técnico. Estamos tendo treino tático. Como capitão me mantenho sendo exemplo. Em alguns instantes meu olhar mira na morena sentada na arquibancada. Como sempre está concentrada no seu aparelho.

Quando a vi de manhã usando saia social contendo uma pequena f enda e botas f iquei f itando-a tempo demais. Ela se veste muito bem, tem seu próprio estilo. O ruim f oi me distrair com seu *body* de gola alta sem mangas. Apesar de ser preto, pude notar a f alta de sutiã pela marquinha do piercing no seu seio.

Tratei de me distrair.

— Frente e costas. Presta atenção, Perro! — vociferava o treinador.

Corremos para o cone da frente e movimentamos o corpo como se fôssemos cabecear a bola, regressamos de costas no mesmo ritmo e damos o salto treinando a cabeceada.

— Quero coordenação e agilidade, porra!

Hoje é um dos dias que o humor do cão do técnico recai sobre nós. O senhor Pablo Ancelotti é um dos melhores e foi muito disputado, por pouco não foi ser técnico do Barcelona. Apesar de parecer que está bravo o tempo todo, é um bom homem. Adora nos aconselhar de forma direta e dura. Foi um grande futebolista, e na sua época já aconteciam muitas coisas.

Seguimos para a outra etapa do treino.

— Quadril, Carvajal! Cadê a marcação? Vocês estão de brincadeira comigo! Quero o melhor de vocês.

Continuo fazendo o treino de defesa da bola tirando-a dos reservas. Estamos treinando juntos. Particularmente são meus treinos preferidos. Atualmente tenho mais de cem gols. Apesar de estar na posição defensiva quando tem a oportunidade que eu saia da área sem grande risco de o time adversário fazer o gol, vou com tudo para marcar.

— Explosão e agilidade — manda o treinador nos observando com atenção. — Xavi, concentração, caralho! Vamos, time!

Faremos uma avaliação física semanas antes do campeonato. O treinador e demais membros da equipe levam a

sério os exames e testes, pois diz muito da disciplina individual. Adoro fazer os testes. E espero conseguir me superar nesse, af inal, agora estou seguindo à risca o planejamento nutricional da doutora Lana Rubio.

Ao sermos liberados seguimos direto para a estação do banco reserva onde deixamos nossas garraf as de água e nossas outras coisas. Bebo toda a água e saio conversando com meus colegas de trabalho. Paro no meio do túnel que nos leva até o vestiário, seguindo para uma parte menos transitável ao reparar a chamada perdida da Georgina.

A mãe do meu f ilho raramente me liga. Normalmente sou eu que f aço contato. Retorno a ligação.

— Oi, Marco. Como está?

Pref eriria que perguntasse primeiro pelo nosso f ilho.

— Viu as f otos do treino de esgrima do nosso f ilho?

Enviei no seu e-mail como costumo f azer Poderia ser mais f ácil se tivesse *What sApp,* contudo, Georgina não usa mais o aplicativo desde que casou.

— Eu adorei. Ander é lindo — murmura. — Jordi deu a ideia de f azermos os aniversários dos meninos juntos.

Encosto as costas na parede f itando o teto. Jordi Bakero é o marido de Georgina. Até onde sei é um grande empresário no ramo do petróleo e gás, e recentemente de imóveis. Tornou-se CEO das empresas da sua f amí lia As poucas vezes que interagimos f oi por educação. Genar e Ángel são os f ilhos mais novos de Georgina com seu atual marido. Eles têm um ano de dif erença.

Queria muito que meu filho convivesse com os irmãos, criarem um laço fraternal para toda uma vida. No entanto, a displicência de Georgina com nosso filhorefletiuaté na convivência dos irmãos.

— Georgina, sequer a ideia foi sua — brado tentando manter a porra do controle.

— Tudo que eu faço é criticado por você, Marco.

— Pelo contrário. Tudo que você não faz é criticado por mim.

— Por isso não consigo ser próxima do nosso filho.

— Não pense que vou escutar uma merda dessa e manter a educação com você, porra! Você o abandonou depois que soubemos da deficiência dele.

— Precisava seguir minha vida! Sempre quis uma famíliae você não foi capaz de me dar isso, esqueceu?

Crispo os lábios furioso e fecho os punhos.

— Nunca prometi nada a você. A respeitei, garanti que tivesse uma gestação tranquila com tudo que precisasse, fiqueiao seu lado. Não pedi que fôssemos amigos, mas ao menos pudéssemos ter uma boa dinâmica para a rotina do nosso filho.

— E o quê? Ficaria trancada em casa cuidando dele? Recebendo uma pensão e ficar assistindo você comer todas as vagabundas de Madrid? Não! Merecia mais e você sabe disso!

Fico mais enfurecidocom sua faltade empatia com nosso filho.Em nenhum momento foiprioridade na vida dela. Pior de tudo era saber que um dos fatoresda distância que criou entre eles é uma vingança sem cabimento.

— Os meninos comemoram o aniversário juntos. Sempre envio o convite para vocês, e nunca vem.

Solto uma risada ácida.

— Sabe muito bem que nosso f ilho não se sente bem em f estas com barulho e muitas pessoas. A ideia de f azerem uma comemoração somente entre os três em minha casa não era à toa, Georgina.

— É por causa da doença...

— Def iciência — corrijo rapidamente cheio de cólera.

— Por causa da def iciênciado nosso f ilho que não consigo me aproximar. É complicado para mim. Será uma f estinhapequena. Venha com o Ander, por f avor

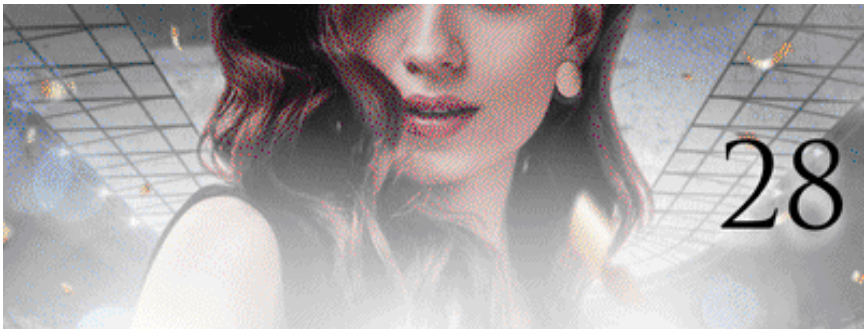
O aniversário do Ander é dia treze de setembro. Comemoramos o aniversário dele em casa, com bolo, vela e com seus pratos pref eridos.É uma f estasomente para a f amí lia,simples e sem som alto, nada que o desagrade. Já os aniversários dos seus meios-irmãos são um verdadeiro acontecimento, chega a sair em algumas revistas f otos e redação do evento.

Nunca levei o meu garoto por saber que o ambiente o deixaria f ora da sua zona de conf orto.

Decido dar um último voto de conf iançapara a mãe do meu f ilhoem respeito a ele. Quando Ander estiver com idade o suf iciente para entender tudo, quero que meu menino saiba que f izo que pude para incluir sua mãe na sua vida, que nunca a empatei de participar do seu crescimento.

— Essa será sua última chance, Georgina.

Desligo a chamada tacando o f oda-se aos bons modos. Fecho os olhos por alguns minutos tentando me acalmar.



LANA

A melhor parte de acompanhar Marco em casa era f icarperto do lindinho e dos irmãos bagunceiros. Uma das coisas que mais admiro no jogador é sua preocupação com a educação dos caçulas. Apesar da rotina de treinos e disciplina para manter o f í sico, e outros compromissos prof issionais, parece atento nas atividades extracurriculares das crianças. É admirável, admito.

— Ele é tão bom nisso — f alo admirando Ander treinar esgrima. — Como pode esse lindinho segurar a espada com tanta precisão?

Lucí a e Teresa riem de mim.

Estamos comendo a salada de f rutas caprichada que f iz enquanto assistimos Ander treinar esgrima. O treinador do pequeno o auxilia nas técnicas no corredor de quatorze metros de comprimento por menos de dois metros de largura. O espaço f oi montado pelo treinador na academia de manhã. A prática dele exige atenção e contato visual. Um ponto extremante importante para quem tem autismo.

Esgrima é um esporte lindo. Não é um dos mais populares, e muitos que o pratica são de classe média alta, pois não é um

esporte barato. Alguns atletas olí mpicos engajam projetos sociais envolvendo-o.

— Ander é incrí vel. Quando conheceu a esgrima não largou mais. Pratica desde os cinco anos. O iní cio f oi dif í cil por isso começou a treinar em casa. Ano passado que se sentiu pronto para treinar no clube — prof ere Teresa f itando o sobrinho com muito amor.

— Ele já competiu? — pergunto assistindo-o.

— Não. Nosso bebê não se sente pronto ainda. Ele adora assistir os torneios do clube. Quando vamos, está com seus f ones de ouvido com abaf ador de ruí dos e sons altos — responde Lucí a.

— Já li a respeito desses f ones de ouvido. É incrí vel.

— Uma das empresas do meu irmão é a AC Autista. Ele investe em criações f eitas por pessoas autistas. Não entendo bem, mas boa parte do dinheiro f ica com o criador e outra porcentagem vai para crianças autistas cuja a f amí lia não tem condições de proporcionar um conf orto e tratamento melhor — revela Teresa visivelmente orgulhosa do irmão mais velho.

Mais uma coisa que descubro sobre o jogador e f ico sem reação. Ari comentou comigo a respeito da mí dia adorar f alar da f ama de mulherengo dele. Contudo, chega ser injusto, af inal poderiam estar dando espaço para notí cias boas. Até eu, que o odeio por ter sido um arrogante do caramba comigo e ter me acusado de ser uma perseguidora, f ico realmente f eliz por suas ações em prol do próximo. Principalmente por serem crianças.

Muitas mães de crianças def icientes lidam com a sobrecarga da maternidade devido ao trabalho em dobro, isolamento, exaustão

e são vistas apenas como guerreiras. Esse rótulo precisa parar. São mulheres que merecem muito mais apoio e respeito. Vi alguns casos de perto nas ações sociais que f azia e era notório a f orça dessas mães atí picas.

Marco tem condições f inanceiras e a usa para proporcionar o melhor para seu f ilho. E saber que se dispõe para ajudar aqueles que tem pouco é um grande gesto de empatia.

Mordo o cantinho do lábio pensando que é uma boa ideia pesquisar sobre a vida do Marco Carvajal na internet. Não costumo buscar inf ormaçõesdos atletas que trabalho, pois sei como a mí dia pode ser dura com pessoas públicas. Tratam os f amosos como seres de outro planeta. Precisam ser perf eitos, não podem errar, não podem ter dias ruins.

Engana-se quem pensa que ser f amoso só tem o lado positivo. Tratei de alguns atletas que mudaram sua relação saudável com a comida por pressão da mí dia, dos f ãs e de praticamente todas as pessoas ao seu redor. Nesse caso precisei intervir com ajuda de um psicólogo. Sozinha não conseguiria f azê-lovoltar a ser saudável, af inal, o que estava o deixando doente era a pressão.

Esse atleta do f utebol me inspirou para escrever um livro sobre transtornos alimentares dos atletas. Atualmente parei em duzentas e poucas páginas. Precisei dar uma pausa por ser um tema pesado e polêmico. Tenho reunido muitas pesquisas, reportagens e documentários. Além disso, estou provendo meu próprio estudo baseado nas experiências que tive com atletas que desenvolveram transtornos alimentares antes mesmo de se tornarem prof issionais e aqueles que passaram a ter um transtorno no decorrer da carreira.

Saber que Marco ajuda tantas pessoas me trouxe mais inspiração. Quero ser um suporte para os atletas, ajudá-los a voltar a ter uma excelente relação com a comida. Um dos maiores prazeres da vida é comer.

— Uma coisa importante, Lana. Nunca, em hipótese alguma, diga que é o esporte da espadinha perto do Ander. Vai por mim — murmura Lucí a e seguro a risada.

— Obrigada pelo conselho.

Sorrimos cúmplices.

— Você tem conta no *Ti kTok*? — questiona Teresa.

— Não. Acho que não combina comigo.

— Grava comigo um *chal l eng*e, Lana?

— Sinta-se à vontade para recusar, Lana. Minha irmã é abusada.

— Não começa, Lucí a. Está com ciúmes por eu ter muitos *vi ews* no meu ví deo. Foi uma luta Marco nos liberar para ter contas nas redes sociais.

— Rede social é uma arma, meninas. Até entendo. Ok, gravo um ví deo.

— Marco sempre diz isso — comenta Lucí a me f itando de um jeitinho sapeca. — De qualquer f orma os comentários são desativados. Foi uma exigência do nosso irmão.

— Ele pediu que f osse assim para evitar comentários nojentos e maldosos. O mesmo vale para Juan. Além disso, tem alguém da equipe do nosso irmão que f ica de olho nas nossas redes

sociais por questão de segurança — explica Teresa parecendo entender perf eitamente a preocupação do irmão mais velho.

Nos calamos voltando nossa atenção no treino do lindinho. Tenho vontade de registrar o momento com f otos e ví deos, assim como as meninas. No entanto, não tenho esse direito. Ele está parecendo um cavalheiro de armadura branca. O prof essor do Ander corrige a postura dele, demonstrando como deve ser e depois pedindo que ele repita. O treinador f ala tranquilamente, sem apressá-lo.

Questiono-me onde está a mãe do Ander. Eu, com certeza não f icaria de f ora, são momentos únicos no crescimento do f ilho que não voltarão. Por isso o tempo é uma das coisas mais preciosas do mundo. Não tem como voltar atrás, não tem como dizer eu te amo para uma pessoa que perdeu, não tem como corrigir os erros.

Assisto o pequeno dar uma pausa e tirar a máscara de malha de rede em aço inoxidável. Seu rosto está um pouco avermelhado devido a atividade f í sicae molhado de suor. Passa os dedos na testa af astando o cabelo loiro que havia grudado.

Durante os anos houveram dias que imaginei como estaria minha vida com Daniel. Talvez, já tivéssemos sido pais. Fiquei pensando com quem nosso bebê se pareceria mais, enf im, as inf initas cenas românticas de nós dois e o nosso bebê vivendo juntos que nunca acontecerão. Cheguei a pensar no nosso f ilho, ou f ilha, correndo para os seus braços após a vitória de um jogo.

Suspiro encarando o Ander. Ser mãe solo era uma opção. Não tenho certeza da minha f ertilidade. A única coisa que sei é que f oi comprometida devido à quimioterapia. Adoção tornou-se uma

alternativa, penso que assim como nasci para ser f ilha dos meus pais, algum bebê pode ter nascido para ser meu f ilhoou f ilha,porém desisti.

É um processo longo e delicado. O maior problema é o medo de não dar tempo de conseguir criar meu f ilho. A doença pode voltar. É uma possibilidade assustadora que tento não pensar, mas não pensar nas coisas ruins é dif í cil quando se sente inseguro.

Vivo uma vida sendo insegura.

O medo de ter um novo câncer me trava, me af oga.

— Ander é campeão, Ander é campeão — Lucí a e Teresa f alam de f orma sincronizada de f orma baixa, movimentando as mãos livres para cima.

É engraçado e f of o.Ander claramente f ica sem jeito. Sorrio da interação das meninas com o sobrinho. São uma f amí lia carinhosa.

Viro o rosto ao escutar o apito do Pol.

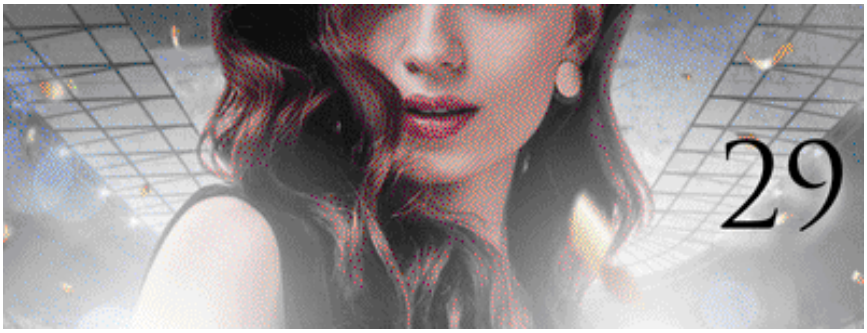
Apesar de não estar quente sinto a mudança de temperatura corporal ao notar o jogador regressando do percurso ao ar livre que seu preparador f í sico montou. O corpo tatuado e trincado tem uma camada de suor. Hoje ele está usando um brinco com argola que contém uma pequena cruz de pingente. É dif erentedo modelo que o vi no péssimo dia que nos conhecemos.

Fica de costas f azendo outro exercí cio. Ergue os braços e admiro as omoplatas def inidas. Observo como os músculos se movem a cada exercí cio.É másculo, viril, um macho em todos os malditos sentidos. As tatuagens que mais se destacam nas suas costas cobertas por desenhos, é o leão e o lobo. Bem que poderia

ter tatuado uma jamanta... eu sou uma saf ada.Estava o elogiando a pouco e agora estou com raiva por ele ser gostoso demais.

Tem tantos homens gostosos, trabalhei com tantos atletas e tinha que f icarestranha justamente com o cara que não suporto? Eu sou uma piada.

Vejo quando verif ica o horário no relógio de pulso e vem correndo para onde estamos. Disf arçovoltando a olhar para dentro da academia. Quando passa por mim por breves segundos f echoos olhos sentindo o perf umealmiscarado mesclado ao suor. Ao abrir os olhos me recupero da vergonha assistindo-o se ajoelhar perto do f ilho e das irmãs.



MARCO

Espio pela extensa janela lateral da cozinha, enquanto como o lanche que Lana preparou, ela e minhas irmãs tentando sincronizar os passos de dança. As gêmeas me inf ernizaram para terem conta no *Ti kTok.* Fui relutante por não ter a opção de privar, dif erente das outras redes sociais. Sempre priorizei que meus irmãos tivessem a inf ânciae adolescência o mais normal possí vel. Todavia, f ica dif í cil quando sou mundialmente conhecido.

O cuidado extra que tenho com as gêmeas não é por querer controlá-las por simplesmente serem mulheres. É ruim criar elas tendo que segurá-las devido à sociedade que vivemos, inf elizmente.

Sorvo um gole do suco de melancia, abacaxi, gengibre e hortelã que Lana f ez. Foi uma boa combinação.

— Lindas, né?

Encaro Danna desconf iado.

— Minhas irmãs são realmente lindas.

— A doutora também — af irmaparando de mexer o recheio de bolo que está preparando para as crianças da casa.

— Normal — digo com um f also desdém. — Comum.

Se tem uma coisa que Lana não é, é comum. Não costumo levar em consideração a personalidade das mulheres que me relaciono casualmente. O sexo é bom, trato-as bem e garanto orgasmos. Nunca prometo ou destrato as mulheres que me envolvo após o sexo. Sinto-me um pouco agoniado concluindo o quanto a morena chama minha atenção sem planejar, dif erente das outras.

A sensação de consternação e raiva por eu não ser o tipo dela tem me atormentado. Sinceramente não entendo. Posso ter a mulher que eu quiser.

— Patrão, que isso? Não tem nada de comum na doutora. Ela é bonita por dentro e isso a torna mais linda por f ora.

Permaneço calado torcendo para que Danna mude de assunto.

— Ela está super animada para o encontro.

Agora a f ito com interesse, segurando a curiosidade.

Não é assunto meu.

Lana não é assunto meu.

Repito mentalmente.

— Verdade — diz Pol ao entrar. — Eu vi a f oto do cara.

— E por que ela te mostraria a f oto? — indago para o f of oqueiro do meu amigo.

— Papeamos bastante. Adoro o senso de humor dela, inclusive.

— Conheço ele? — inquiro e meu amigo senta servindo seu prato com as opções de lanche.

— Ele não é atleta — f ala o óbvio.

— Então não o conheço. Espero que não seja nenhum jornalista f of oqueiro.

— Ei, não f ale mal dos f of oqueiros,irmão. Faz bem para saúde conversar sobre a vida dos outros — exclama humorado. — O cara é muito bonito, elegante, boa pinta.

Então Lana pref ere osmauricinhos? Fala sério.

— Aliás, patrão, conseguiu o chef epara cozinhar no f inalde semana? Já que irão viajar no sábado de manhã, creio que irá liberar a doutora. — Danna libera um sorrisinho subjetivo. — Ela com certeza vai aproveitar muití ssimo o f inal de semana com o colombiano. Também vi a f oto, Pol, ele é um pão.

Um pão? Danna sempre usa gí rias antigas, mas essa f oi longe demais.

Meu assistente f icouresponsável por contratar o chef eque vai cozinhar para as crianças no f inalde semana e encontrar outro para preparar exclusivamente a dieta do meu planejamento. Não tenho porque levar Lana comigo, poderia deixá-la livre no f inal de semana com seu colombiano mauricinho.

Estou ignorando a morena o máximo que consigo. Essa atração dos inf ernosque estou sentindo por ela está mexendo com todo meu sistema. E ela notavelmente está se esf orçandopara f alar somente o essencial comigo.

Lana e eu nos odiamos. Claro, carrego 90% da culpa nas costas. Já pedi desculpas sobre ter tirado conclusões precipitadas por quase ter chamado a polí cia e a processado. Não sou uma pessoa perf eita,aprendo com minhas imperf eiçõesdiariamente. Por

isso entendo o motivo de tê-la deixado na def ensivapor ter pensado que poderia comprar o que f ez de coração pelo meu f ilho.

Fui escroto mais de uma vez.

— Lana irá conosco.

— Vai? — indagam juntos.

— Sim. Viagens a trabalho está incluso no contrato.

Seguro o sorrisinho sabendo que estragarei os planos da morena.

LANA

Ari f oi me buscar na mansão Carvajal. Durante o caminho contei com empolgação a aula de esgrima do Ander e o ví deo do *Ti kTok* que gravei com as gêmeas. As meninas f oram pacientes comigo.

Como sempre, f omosbem recepcionadas no salão de beleza que nos f idelizamos. A dona é uma brasileira que veio à Espanha tentar a sorte. Estabeleceu-se em Madrid e seis anos depois conseguiu abrir seu salão de beleza que desde então deslanchou. Os salões de beleza não costumam abrir nos f inais de semana, esse é um dos seus dif erenciais.

— Redonda, Lana? — questiona a manicure.

Apesar de achar linda unhas grandes não uso. Pref iro mais curtas e redondinhas.

— Sim. E hoje vou querer um vermelho.

— Chegou um tom mais fechado e cheio de sofisticação. A cara do inverno. Apesar de ainda faltar alguns meses para o inverno, acho lindo.

Pega o esmalte me entregando e volta a sentar na cadeira.

— Perfeito.

Minha melhor amiga retorna do banheiro ocupando a cadeira ao meu lado onde outra profissional de unhas cuidará dela. Ainda temos massagem e depilação. Acostumei fazer minha depilação na cera quente, pois percebi que meus pelos diminuíram e a minha pele fica lisinha.

— Está criando um vínculo com os bebês Carvajal.

Encaro-a esperando que continue seu pensamento. O que não acontece.

— Inevitável não passar um tempo com eles. Principalmente nos dias que o meu paciente está em casa.

Policio-me, afinal, não quero que nenhum funcionário ou cliente capte de quem estamos falando.

— Aham... isso nunca aconteceu antes.

— Não é verdade.

Busco na mente todos os atletas que trabalhei. Sempre tratei os familiares dele com muita educação e simpatia. Esse é o meu jeito. Conviver com o filho e irmãos do jogador é um alívio, deixa o meu dia melhor. Principalmente agora que faz questão de fingir que não existo. Sequer me olha com aquela cara feia.



Duas horas depois saí mos do salão de beleza renovadas. Como é bom sair de unhas e sobrancelhas f eitas, cabelo hidratado, depilada e com o corpo relaxado da excelente massagem. Um dos maiores atos de amor próprio é se cuidar para si mesma antes de qualquer coisa.

Decidimos ir ao Museu do Prado. Está acontecendo uma exposição sobre a obra de Francisco Pradilla, o prestigioso pintor aragonês. Suas obras abordam o esplendor da pintura historicista espanhola.

Puxo Ari pelo braço quando sinto o cheiro de castanha assada. Normalmente só vemos à venda no inverno. Aproveito a oportunidade para comprar e matar à vontade.

O vendedor enche o cone de papel com as castanhas.

— Obrigada — agradeço, pagando-o.

Estão quentinhas. Divido-as com minha melhor amiga. Pagamos quinze euros, cada, para entrarmos na exposição.

— Que lindo — sussurra Ari.

Cogito que esteja se ref erindo a obra a nossa f rente, no entanto, quando a olho vejo sua atenção num homem na f aixa dos quarenta anos a alguns metros de distância literalmente atento na arte.

— Viemos pela cultura, Ari — relembro.

— Se no processo encontrar um belo homem, não vejo problema. Aliás, ele tem cara de ser gringo.

— Céus, mulher! Trata de abaixar o f ogo. Você volta comigo. *O r apt o das sabi nas* – leio o inf ormativo da tela.

— Soube que o Carvajal tem um haras. Além de ser um dos investimentos dele, abre o espaço para crianças def icientes terem contato com os cavalos.

Inf orma do nada. A f im de ignorar a inf ormação, prof iro:

— Estudamos isso, lembra? Foi o episódio lendário da história de Roma em que a primeira geração de homens romanos teria obtido esposas raptando as f ilhas das f amí lias sabinas. Olha os detalhes. As pessoas nascem com dom, tenho certeza.

— Lembrei, de f ato estudamos. Então, não é uma atitude legal?

— Minha opinião não é importante.

— Amiga, sei que não tiveram um começo legal... bom, mas ele é muito mais do que pintam na mí dia.

Coloco mais castanhas na boca mastigando-as lentamente. Guardo o resto na bolsa, pois não se pode consumir nada dentro do museu. Eu que f ui teimosa para saciar um desejo.

— Escuta, poderia tentar f azer amizade com ele. Sempre se torna amiga dos seus pacientes.

— Sou prof issional. Crio uma boa relação com meus pacientes. E ele é... insuportável, presunçoso, sarcástico, pensa que o mundo gira ao redor do umbigo dele.

— Vocês têm muitas coisas em comum.

— Diga uma?

Cruzo os braços aguardando impaciente a resposta.

— O... branco dos olhos...? — responde, na verdade, saiu mais como uma pergunta.

Seguro a vontade de rir.

— Esclera.

— Foi um xingamento?

— Esclera é o nome da parte branca do olho.

— Deus, você é tão *ner d*

Voltamos a caminhar e paramos em outra obra.

— Sei onde quer chegar. Não vai f uncionar, ok? Ele não f azo meu tipo, sabe disso.

— Em algum momento pode quebrar a regra. Sempre quebramos as regras quando a pessoa certa aparece.

Meus dedos comicham para sacudi-la e perguntar: você está louca?

— Estamos trabalhando juntos a pouquí ssimotempo. E outra coisa, que papo todo é esse? O jogador e eu somos incompatí veis. Marco tira toda minha serotonina.

— Nunca é sobre o tempo. Seus pais se apaixonaram perdidamente em questão de poucas semanas, meu pai assim que viu minha mãe dias depois a pediu em namorado, mais emocionado do que ele nunca vi, e deu super deu certo. Amiga, meu amorzinho, não importa o tempo que conheça a pessoa. O importante é sentir. Desculpa, mas o que é serotonina?

— Eu estou f eliz sendo solteira, e se um dia mudar de ideia pode ter certeza que Marco não será uma opção. Assim como não gosto dele, ele também não gosta de mim. Nos aturamos pelo contrato ridí culo que você e seu cúmplice f izeram e armaram. Serotonina é o hormônio da f elicidade.

— Biologia nunca f oi meu f orte.

Sorrio entrelaçando meu braço no seu.

— Sei disso. Eu ajudava você a estudar.

Finalmente Ari muda o repertório.



Um novo dia se iniciou com a rotina. Hoje acordei mais cedo e f ui à academia com Ari. Minha melhor amiga ainda está brigada com seu pai. Ambos são geniosos, porém o amor f alará mais alto em algum momento e f arão as pazes.

Foi mais um dia sendo invisí vel para o Jamanta Espanhol. Falamos o básico, e f iz pequenas alterações na dieta da próxima semana. Quando perguntei do chef ede cozinha, me deixou f alando sozinha ao pegar o celular dizendo ser uma ligação importante.

Decidi cobrar pelo chef e ao Christian. Um dos meus dif erenciais é colocar a mão na massa, no entanto, é por um perí odo e juntamente com o cozinheiro do atleta. De qualquer f orma lhe entreguei sorrisos ao invés de acertá-lo com qualquer objeto que encontrasse pela f rente.

Marco não vai conseguir estragar meu dia. Daqui algumas horas estarei tendo meu sonhado encontro e uma noite regada a sexo gostoso.

— Já deixei tudo pronto, Danna — aviso organizando minhas coisas.

— Irei ver quem está disponí vel para lhe deixar em casa.

— Imagina. Irei de metrô.

— Não, senhorita. São ordens do patrão. Além disso, aceite ao menos a carona até a estação mais próxima.

Anuo sorrindo para ela.

Desbloqueio a tela do celular notando um novo e-mail. Franzo o cenho, colando uma mecha do cabelo atrás da orelha. Abro o aplicativo clicando em cima do novo e-mail. Por ser do Jamanta decido saber do que se trata logo.

Interpreto o texto, depois leio uma, duas... três vezes.

Eu vou esganar o Jamanta Espanhol!

— Tem as novas f otos para as redes sociais. Osorio comentou com você? — questiona Christian ao seu agenciado.

— O que é isso? — pergunto a ponto de explodir, virando a tela do celular em sua direção.

— Um celular — debocha me f itando verdadeiramente pela primeira vez no dia.

— Não tenho as inf ormaçõesdo seu QI, mas quero acreditar que entendeu minha pergunta.

Apoia as mãos grandes no mármore f icando de f rente para mim. Tudo que nos separa é a pedra importada, porém nada que

um impulso não resolva para eu subir e avançar no pescoço dele.

— Estou informando que viajará amanhã comigo a trabalho. Quer que eu leia?

Solto um risinho nervoso.

— E está informando na véspera minutos antes do meu expediente terminar.

— Ao menos está dentro do horário.

O jogador quer muito conhecer minha mão na sua cara. Puta merda, acho que meu olho tremeu de raiva desse ser.

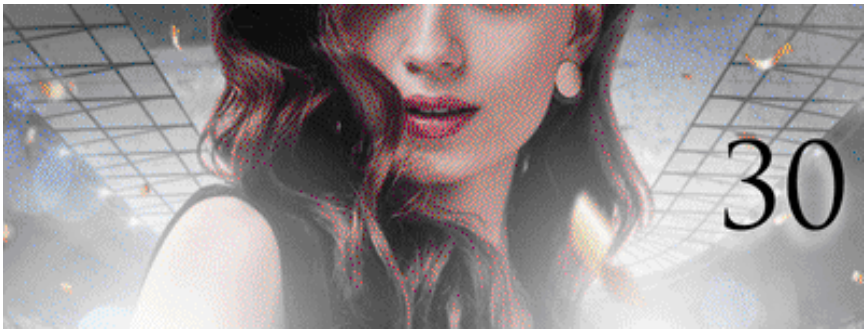
— Conversamos sobre mudanças, o quanto é importante termos uma comunicação boa.

— Pensei que se referia apenas ao planejamento nutricional.

Respiro fundo ao ver a sombra de um sorrisinho nos seus lábios.

— Lana, desculpa, mas ainda não conseguimos encontrar um chef e de confiança para frequentar a casa — explica Christian um pouco ansioso demais.

Uso como escudo um dos meus sorrisos e guardo o celular na bolsa. Ainda forçando um sorriso penduro a bolsa no ombro e saio imaginando mil formas de torturar o jogador de uma figa.



LANA

Assim que cheguei em casa corri para o meu quarto, abracei um travesseiro e abaf ei o grito de raiva do jogador. Juro que me senti melhor minutos depois. Não estou irritada por viajar a trabalho, sou apaixonada pelo que f aço, a questão f oi a armação proposital.

Marco f ez de propósito. Acho que o segundo esporte pref erido dele é me irritar

Estou decidida a f ocar no meu encontro. Após um banho relaxante hidrato bastante minha pele, gasto bastante tempo f azendo isso. A quimioterapia e radioterapia deixaram minha pele muito mais sensí vel, f ina e delicada. Por isso é importante hidratá-la

Fico indecisa sobre qual calcinha usar. Opto por uma de renda preta, modelo f iodental. Adoro essas. Sinto-me poderosa. Ao vesti-la conf iroo visual virando de um lado para o outro no espelho. Seguro o vestido vermelho acastanhado com um enorme decote nas costas tendo detalhes em tiras que o torna mais sensual. Tem uma pequena f endana lateral na coxa esquerda. O melhor de tudo é ser de alcinhas f inas, ideal é usá-lo sem sutiã. Particularmente, adoro trajar camisas e vestidos sem sutiã. Sinto-me mais à vontade, livre.

Apesar de conviver melhor com as inseguranças, aceito os peitos pequenos que tenho. Cada um tem sua beleza. O problema é que às vezes sou masoquista e f icome comparando com as belas mulheres que meu ex-noivo se relaciona.

Ok, nada de pensar no Daniel.

— Bebê, você está uma gata.

— Jura?

Conf iroo detalhe percebendo que a parte da axila e seio tem uma abertura mais cavada. Nada que vaze a cicatriz que carrego no peito esquerdo. Durante as transas meus parceiros casuais do momento não costumam dar atenção para a marca permanente. Eu pref iroassim, pois apesar de estar exposto é algo só meu, é muito pessoal. Quando acontece de perguntarem desconverso.

— Nem preciso jurar.

Senta na cama tirando os sapatos altos.

— Ok. Agora f alta só a maquiagem.

— Seus pais estão f azendo pizza para receber os amigos. Como adoro os jogos velhos deles irei participar.

Sorrio escolhendo uma palheta de sombras.

— São divertidos.

— Os jogos são divertidos e eu amo as pizzas caseiras dos tios Rubio. Inf elizmente não estou a f im de sair. Amanhã poderí amos ir à praia da baí a, o que acha? Acordamos cedo e pegamos o primeiro trem do dia para lá. Sei que vai dar muito hoje à noite, mas poderia não se cansar tanto para sairmos cedo.

Começo a preparar a pele para receber a maquiagem.

— Nunca durmo na casa dos meus f icantes.Por mais agitada que seja a noite. De qualquer f orma não poderia ir. O Jamanta Espanhol propositalmente estragou meu f inal de semana exigindo minha presença na viagem para Bariloche. Tenho que estar na casa dele amanhã às oito horas.

Estranho o seu silêncio repentino. Quando miro em sua direção vejo o sorrisinho brincar em seus lábios.

— Sem problemas. Trabalho em primeiro lugar — prof ere.

— Ele está me levando por saber o quanto f icariairritada ao avisar de última hora. Não f oi combinado.

— Vai ser bom, amiga. A temporada começa no próximo mês, é importante terem af inidade.

— Está do lado dele?

— Não, Lana. Estou apenas pensando no sucesso de ambos.

— Fica dif í cilcom ele estragando a péssima relação que temos.

Escolho um batom num tom nude cremoso. Assim que termino de passá-lo, guardo-o na bolsa conf erindose estou levando tudo que preciso. Chave de casa, cartão, vidrinho pequeno de álcool em gel 70%, documento com f oto e camisinhas.

Seguimos para casa dos meus pais. Rio quando papai Thibaut assobia ao me ver. Meu pai Camilo pega minha mão me f azendo girar no calcanhares.

— Uma deusa — elogia papai Camilo.

O cheiro de massa assada com recheios diversos preenche a cozinha. Fico tentada em experimentar as que estão prontas no

balcão, contudo, terei que escovar os dentes de novo. E não quero me atrasar. O motorista de aplicativo está quase chegando.

— Obrigada, papai.

— Ele é um cara legal? — Esse é o jeito do meu pai Thibaut perguntar se estou saindo com um homem confiável.

— Sem antecedentes criminais, tio — diz Ari, recebendo um tapinha na mão do meu pai Camilo ao tentar beliscar a pizza.

— Sabe que não dá para ficar pedindo para o seu tio ficar checando a ficha de todas as pessoas, não é? — fala meu pai Camilo.

— Acho bacana — expressa papai Thibaut.

— Obrigada, tio Thi.

Ari ergue a mão recebendo o cumprimento cúmplice do meu pai Thibaut. Ele concorda por ser o mais protetor e ciumento da família.

— Se divirta, Carinho. Qualquer coisa ligue que iremos correndo até você — enuncia papai Thibaut acariciando minha bochecha.

— Eu sei, papai.

Despeço-me da minha família e saio assim que o carro do motorista de aplicativo chega. Prefiro ir até o local dos meus encontros. Reykon insistiu para vir me buscar, mas optei por ir sozinha como costumo fazer.

MARCO

As gêmeas pediram para vir ao Villa 13. Juan f icouem casa estudando em plena sexta-f eira. Estranhei, mas não questionei. Espero que nossa conversa tenha surtido ef eito. Minutos depois de colocar meu f ilho na cama, contar uma história e esperá-lo dormir, saí .

— Prontas? — inquiro descendo as escadas e puxando as mangas da camisa de caxemira preta deixando-a um pouco abaixo da curva do cotovelo.

— Sim, irmão. Falta apenas você.

Miro os olhos nas gêmeas analisando a roupa delas. Elas têm o estilo dif erente. Teresa gosta de roupas em tons mais claros, divertidos. Já Lucí apref ere cores escuras, f ortes e sem estampas. O que ambas têm em comum no estilo é o f ato de estarem optando por peças com decotes, detalhes mostrando o corpo. Nada f ora do comum, mas, porra... elas são minhas menininhas.

— Nem começa que o vestido nem está tão curto — diz Lucí a vestindo a jaqueta de couro vermelho-vinho.

Realmente não estão curtos. O meu lado protetor e ciumento adoraria pedir que f ossem procurar um vestido mais longo, no entanto, preciso respeitar o estilo delas. Minhas irmãs estão crescidas e são mulheres lindas.

— Não ia dizer nada, meninas. Estão lindí ssimas.

Liberam sorrisos.

— Você também está — enaltece Teresa com seu jeitinho doce.

— Também não é para tanto, Teresa — implica Lucí a.

Abraço-as beijando a cabeça de cada uma. Saio com os braços em cima delas, cada uma ao meu lado.

Um dos funcionários, a meu pedido, tirou o Audi 8 blindado da garagem. Hoje irei dirigindo. Golias ficará em casa liderando a segurança e sairei com outros dois da equipe que me seguirá atrás na Mercedes. Abro a porta para as meninas entrarem e agradeço ao funcionário pegando a chave.

— Convidei um amigo — comenta Teresa.

Encaro-a rapidamente pelo retrovisor. Lucía está sentada no banco do passageiro.

— Amigo, amigo ou só amigo? — indago sem jeito.

Cristo, eu sabia que esse dia chegaria. Estava torcendo que demorasse mais.

— Ela é a fim do idiota — responde Lucía.

— Kai não é idiota!

— Ele é da escola?

— Do ballet.

— Quantos anos? Ele mora com os pais?

— Dezenove. Divide apartamento com amigos.

Aperto o volante com um pouco mais de força.

Respira, Marco, você precisa estar vivo para acabar com o idiota caso ele machuque o coração da sua irmãzinha. Digo para mim mesmo em pensamentos.

— E vocês já... — engasgo. Nem consigo imaginar a cena.

— Nosso irmão quer saber se vocês deram uns pegas, Teresa.

Encaro f eioLucí aque dá de ombros claramente se divertindo com o meu embaraço. Fazer papel de mãe, pai e irmão não é f ácil. Preciso de um desconto. Tento suprir qualquer vazio que sintam.

— Ainda não. E deixa de ser escrota, Lucí a.

Ainda não... Jesus, ok... vai dar tudo certo.

— Irmãs, precisamos f alar sobre sexo.

— Destrava a porta do carro que eu quero pular! — diz Lucí a, buf ando.

— Já conversou com a gente sobre isso. Montou até um slide e nos mandou para um curso de educação sexual — brada Teresa.

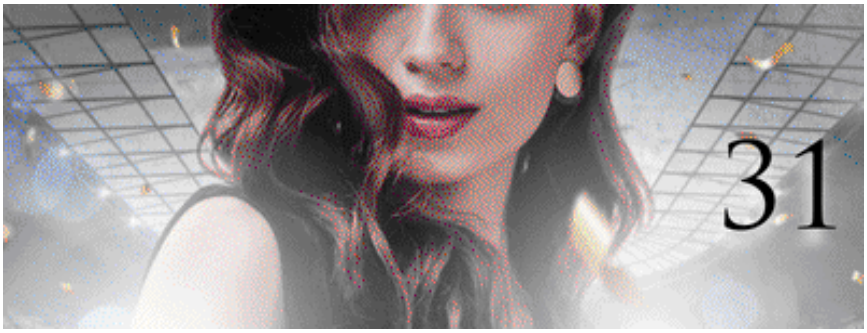
— Esquece, eu pulo pela janela mesmo!

Puxo de leve a orelha da doida da Lucí a f azendo-a soltar uma risada. Ela tem cócegas nas orelhas e no pescoço.

— Ninguém vai pular do carro. Deixarei a pauta para a próxima reunião em f amí lia. Juan tem que estar presente.

— Graças a Deus — murmura Teresa aliviada.

— Sinceramente não sei se é pior agora ou depois — resmunga Lucí a cruzando os braços.



LANA

Encontro Reykon em f renteao restaurante. Ele é um homem lindo. Sou recebida com um selinho surpresa. Admito, não estava esperando, mas f oi bom. Seus olhos descem por todo meu corpo deixando clara as intenções que tem para depois do jantar. Estou torcendo para que cumpra todas as promessas saf adasanunciadas durante as ligações e mensagens.

— Estou sem palavras, Lana.

— Pode compensar a f alta delas depois.

Pisco para ele que sorri sem jeito. Ok, costumo ser direta. Não há mais espaço para romantismo na minha vida. E odeio joguinhos. Se ambos quisermos transar após o jantar, perf eito.Nada de promessas, carinhos ou sentimentalismo. Apenas a pura entrega no momento carnal.

— Desculpa, não estou acostumado com mulheres diretas. Você é dif erente, Lana. E, eu estou adorando isso.

Ah, não. Reykon não pode seguir para o oposto do casual. Trato de dizer:

— Vamos entrar. Estou curiosa, f alam mil maravilhas daqui.

Aceito sua mão e adentramos juntos.

A recepcionista, usando roupas tipicamente f lamencas de uma f orma mais elegante, procura meu nome na lista digital do restaurante. Danna f ezo f avorde ligar alterando o nome da reserva.

— Precisam deixar os celulares. Faz parte do protocolo padrão do Villa. Os aparelhos f icarãono armário que corresponde a mesma numeração da mesa de vocês. Temos um f otógraf o circulando pelo ambiente, além de registrar momentos da apresentação também tira f otos dos clientes que solicitam. As f otos f icam disponí veis em nosso site no prazo de vinte e quatro horas.

Deduzo que o restaurante deve ser f requentado por personalidades da mí dia, devido ao protocolo inicial. Abro a bolsa para pegar o meu celular, entrego a f uncionária.Noto o desconf orto do Reykon. Ele é um advogado renomado, deve trabalhar até nos f inais de semana.

Somos encaminhados por outro f uncionárioaté nossa mesa. Nos acomodados.

O lugar é espaçoso. A primeira coisa que me chama atenção é o *t abl ao* de f lamenco montado no palco. A decoração é viva, alegre e de muito bom gosto. Muitas coisas parecem terem sido f eitas à mão, por artesãos locais. Isso sem dúvida enriquece a decoração única. Do lado aposto que estamos, a parede está repleta de molduras contendo f otograf ias.Deve ser um restaurante de f amí lia.Poderia pesquisar, mas como estou sem celular, deixarei para depois.

Há um espaço no centro provavelmente onde é livre para dança.

— Não tem uma cartela de vinhos — soou como uma reclamação.

Abro o cardápio percebendo que tem drinques locais com e sem água e muita diversidade em cervejas.

— Tem muitas opções de cervejas — digo tranquila, com um sorriso.

— Pref iro vinho.

Certo... ele não está mais tão atraente como esteve a distância durante as ligações. Nas outras duas vezes que jantamos ele f oiuma agradável companhia. Trocamos amassos e beijos. Não ultrapassamos, pois precisou correr para atender clientes de última hora.

Peço uma sangria de uva sem álcool. O garçom f oisimpático ao aconselhar os drinques com mais chances de agradar Reykon, mas ele não aceita o conselho optando por uma cerveja. Em seguida o rapaz anota nossos pratos no tablet.

— E como vai o trabalho com o Lobo?

Fui bem sucinta com quem estava trabalhando. Não tenho motivos para esconder, contudo, tenho motivos para não comentar sobre meu trabalho com alguém que conheço pouco. Sei o quanto os meus pacientes prezam por discrição.

— Bem. Ele é disciplinado — irritante, chato, debochado, presunçoso, sarcástico. Adiciono os substantivos mentalmente. — E, o seu?

— Estressante. — Abre um sorriso bonito. — Não f alamuito do seu trabalho.

— Bastante até. Só não diretamente em relação a um paciente.

— Imagino que o Lobo tenha um gênio dif í cil.Na última temporada levou tantos cartões amarelos. Pelo menos compensou com alguns gols.

O f atode eu não suportar o Marco não me f azser cega para certos comentários. O tom debochado e meio desdenhoso f icou evidente durante a f ala de Reykon. Encaro o homem negro lindo, bem-sucedido e que me f ezrir nos dois primeiros encontros. Talvez, a mudança seja ref lexo do estresse do seu trabalho, mas poxa... é um encontro.

— Obrigada — agradeço o garçom.

Mexo o drinque com o canudo de aço inox. Dentro tem uvas Itália sem sementes, morangos e limões sicilianos cortados em rodelas, anis, hortelã e muito gelo. Ao invés de açúcar ref inado, solicitei mel no lugar. Sugo apreciando a bebida ref rescante.

— Desculpa, linda, por soar invasivo.

— Amo o que f aço e tenho muita ética. Assim como não conta diretamente os casos que atua em respeito e privacidade dos seus clientes, também não sairei comentando aos quatro ventos sobre meus pacientes. São atletas, na sua maioria f amosos, que tentam manter uma parte da privacidade.

Uma coisa é chegar em casa e desabaf arcom minha melhor amiga e meus pais. São as pessoas que mais conf io, outra completamente dif erente, é falar dos meus pacientes com os meus casinhos. Mesmo se não houvesse contrato de sigilo e privacidade, como já aconteceu com alguns atletas que trabalhei, respeito eles.

Puxa minha mão de leve entrelaçando nossos dedos. Sorri.

— Tem razão. Vamos mudar de assunto e aproveitar nosso jantar.

Anuo, concordando. É disso que estou falando. Aproveitar o momento.

MARCO

Entro pela garagem exclusiva destinada para atender os clientes famosos. No estacionamento somos recebidos pela tia Ileana. Christian e Pol ficaram de aparecerem por aqui mais tarde. As meninas saem do carro indo direto para os braços da nossa tia de criação. Meu celular não parou um minuto. Abro as mensagens do grupo dos caras do time lendo que terá uma festa na casa nova do Torres. Ele é o Meia, um dos melhores.

Fica claro que a festa será uma verdadeira suruba livre. Os casados fiéis recusam prontamente, e os infiéis marcam presença. Não respondo, cogitando as possibilidades. A última festa dessa quase vazou. O ruim de participar de certas coisas é quando a mídia fica sabendo. A maioria dos patrocinadores são conservadores e tradicionais. Não querem o nome da marca deles vinculadas a coisas negativas.

Amanhã sairemos às oito horas para o hangar. Apesar de estar cheio de energia e adorar foder, melhor sair do restaurante dos meus tios direto para casa.

— Como estão lindas, princesas. Quero todas dançando até cansar.

— Estou morrendo de vontade de comer os croquetes de *i di azaballá*. Já pode pedir para mim, tia?

— Claro que sim, Lucí a.

Aproximo-me abraçando tia Ileana.

— Pol enviou seu cardápio nutricional. Temos tudo para preparar sua comida sem sair das recomendações da sua nutricionista.

— Obrigada, tia. Vamos entrando.

As gêmeas seguem para a mesa reservada a nós no pátio de cima. Temos uma visão privilegiada do palco. Adentro a cozinha industrial para cumprimentar a equipe. Faço questão de vir vê-los quando venho ao Villa 13. Não pedem autógraf os por ser uma das normas, mas antes de ir embora peço que um dos meus tios pergunte para a equipe quem gostaria de tirar f otos e autógraf os comigo.

Tio Dante e José vem senta conosco na mesa. Estão usando trajes tí picos de *bai l aor es* – assim são chamados os dançarinos de f lamenco —nas cores preto e vermelho. Minhas irmãs f azem questão de tirar f otos com nossos tios. Elas dançam f lamenco, aprenderam com eles.

Conversamos e rimos relembrando de situações engraçadas. Tia Flor aparece e nos enche de beijos. Em seguida Teresa limpa meu rosto por eu ter f icado todo marcado de batom. Agradeço quando o garçom traz os pratos quentinhos e deliciosos juntamente com os drinques sem álcool.

Lucí alevanta para tirar f oto da tia Flor. Ela está linda trajando um vestido parecido de como se vestiam as camponesas, preto com

detalhes em vermelho. Usa acessórios vistosos e uma f lorno cabelo preso num penteado f irme e elegante. Sorrio admirado sentindo f alta da minha mãe.

Olho ao redor percebendo alguns olhares curiosos. Por conta de mim e artistas que costumam vir ao Villa 13 meus tios adotaram normas de privacidade para nos deixar mais à vontade. Sem a paranoia de que estão nos f ilmando ou tirando f otos para enviar para alguma rede social de f of oca,ou jogar na rede esperando ansiosamente por visualizações, curtidas e comentários.

As meninas pegam as castanholas dos nossos tios bailando alguns passos da dança os f azendo suspirar de orgulho e admiração. Eu não f icoatrás. Sem resistir, desbloqueio meu celular para registrar o momento. Minha galeria é cheia de f otos do meu f ilho e dos meus irmãos.

— Meu amigo chegou. Irei descer para recebê-lo.

— Ele não pode vir com as próprias pernas?

— Meu Deus, Marco, ele é só meu amigo. Por enquanto, né?

— Ele tem que deixar o celular na recepção, é a norma.

Revira os olhos e sai.

— Por que não convidou uma amiga para vir? — inquiro a Lucí a.

— Meus amigos são antissociais como eu, maninho.

— Você sabe que pode me f alar absolutamente tudo. Pode ter um amigo... como a Teresa.

Pega outro croquete molhando-o no molho de pimenta.

— Não tenho. — Morde comendo-o e pega outro em seguida. — Você sabe que pode me contar tudo, não é? Tipo, abrir seu coração mulherengo.

Acabo rindo da moleca.

— Meu coração é ocupado por vocês e meu trabalho. Não preciso de mais ninguém.

— Diz isso porque não conheceu a mulher certa. Ou, homem, né? Vai saber — f ala humorada me f azendo rir mais.

Teresa chega com o amigo e mudo minha expressão drasticamente. O garoto tem um estilo despojado e é uns bons centí metros mais alto que ela.

— Boa noite. É um prazer conhecê-lo, Lobo... digo... Marco.

Estende a mão trêmula e aperto com um pouco mais de f orça.

— Adoraria dizer o mesmo...

— Irmão, por f avor! — pede Teresa envergonhada.

— Não me leve a mal, como é seu nome mesmo? — f injo não saber, deixando Teresa brava.

— Kaitano. Todos me chamam de Kai — diz parecendo tí mido.

Esses que se f azem de bons samaritanos são os piores.

— Sente-se, por f avor Peça o que quiser do cardápio, Kai.

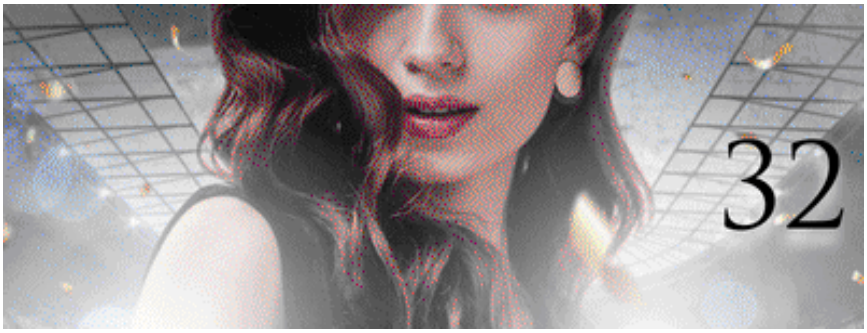
— Obrigado.

Puxa a cadeira ao lado de Teresa f icandoperto de mais para o eu gosto. Estico o braço puxando a cadeira tendo minha irmã

sentada para o meu lado deixando claro que os quero afastados. Lucía abre um sorrisinho por conta da minha ação ciumenta.

— Não precisam ficar tão próximos. Sabe, para o oxigênio circular... normal.

— Nossa, Juan está perdendo — comenta Lucía se divertindo com a situação.



LANA

A comida estava uma delí cia. Tudo de excelente qualidade. Por mais que não queira julgar, devido ao meu trabalho e experiência acabo f azendoautomaticamente, mas guardo para mim. Reykon relaxou voltando a ser o cara divertido dos dois encontros anteriores.

Estou tomando minha terceira sangria. Estou adorando tudo. As luzes diminuem anunciando o iní cioda apresentação. Perguntei ao garçom quantas apresentações aconteceriam durante a noite. Ele disse que os proprietários, dois casais de amigos, sempre iniciam o espetáculo ao vivo, abrindo espaço depois para os clientes que queiram participar. Depois tem um pequeno intervalo e começa outra apresentação sendo essa mais longa.

Achei o máximo.

Reykon encostou sua cadeira na minha com a intenção clara de trocarmos mais beijos. Claro, estou aceitando todos de bom grado.

Eu amo o f lamenco por ser uma dança democrática. Além disso, ajuda muito na autoestima e na saúde. Foi muito importante para mim durante meu crescimento. Fui uma criança tí mida, mais

retraída e através dessa arte corporal, dos movimentos conheci mais o meu corpo, ganhei a confiança que estava precisando.

As notas musicais soam fortemente. Rapidamente reconheço a música do Paco de Lucía, um dos maiores nomes da música flamenca.Sorrio recordando do show que fizmeus pais me levarem dele. Os bailaores enriquecem o baile fazendo uso das palmas e *pitos*. Os movimentos fortes e precisos são dramáticos, sensuais. Trabalham o sapateado e sinuosidade dos braços.

Não desvio os olhos da apresentação nenhum minuto. Nem mesmo quando recebo beijinhos no ombro do Reykon. Aprecio todos os passos segurando a vontade de dançar. Desde que assisti uma apresentação de rua dos bailaores fiquei encantada. Ao invés de escolher o ballet ou qualquer outro ritmo, optei por flamenco.

Flamenco é uma dança da alma.

Admiro as bailaoras que entregam absolutamente tudo nos movimentos. Um dos pontos positivos de bailar flamenco é que fortalecea musculatura das coxas, devido aos movimentos fortes e precisos, panturrilha e glúteos. Sendo uma das maiores riquezas, o conhecimento sobre a nossa consciência corporal.

— Acho que foi uma das melhores apresentações que já assisti — digo batendo palmas, ovacionando os bailaores.

— Foram incríveis — diz Reykon aplaudindo. — Podemos ir?

Estou louquinha para dar pra ele, mas quero muito assistir todas as apresentações.

— Vamos assistir até a última, ok? — faço beicinho e ele sela nossos lábios rapidamente.

Ele não é de amassos em público. Quando nos pegamos foi dentro do carro dele. Acho que é polido devido sua profissão. O que é um pouquinho chato, pois adoraria ser surpreendida, receber uma pegada das boas, sem reservas.

— Tudo que você quiser, Lana.

Mordisco os lábios contente.

As luzes voltam a focar no palco desta vez os músicos estão na frente. Os *palmeros* começam a percussão características do flamenco. As mãos deles ficam posicionadas próximas ao microfone. Do lado esquerdo estão os instrumentistas sentados em cima dos *cajón* e entram nos momentos certos, fazendo as batidas rítmicas. Marcam o som medido formando uma arte.

Os bailaores caminham para o centro onde o assoalho é num tom mais escuro do restante do piso. Quando o *cantaor* — ou uma *cantaora*, assim são chamados os cantores de flamenco — começa a cantar a música reconheço percebendo que adaptaram para o flamenco mais raiz, sem modificar a letra. É uma batida intensa.

Outros dançarinos de flamenco mais jovens se aproximam, próximos as mesas convidando o público para acompanhá-los na dança. Sorrio animada assistindo-o irem para o centro.

— Vem, querida — uma das bailaora que estava no palco me convida.

— Vamos, Reykon? — convido meu acompanhante.

— Eu não sei dançar, já falei isso.

— Ajudo você. Vai ser divertido, prometo.

— Prefiro ficar

Sabendo que não o f areimudar de ideia aceito participar. Fito dois casais na f aixados cinquenta anos evidentemente apaixonados e contentes por participarem.

Os palmeros incitam incentivando a dança e o *cant aor*cantar lindamente. Penso que ela irá passar alguns passos para segui-la, mas apenas me encara com entusiasmo e expectativas. Acostumada posiciono a mão esquerda na altura do busto com a palma aberta enquanto a esquerda está erguida. Imita minha postura e bailamos a música f lamenca animada.

Giro com precisão, mantenho as expressões liberando as emoções. Bato com elegância no pé — salto — no assoalho me conduzindo no ritmo potente. Trabalho a sinuosidade dos braços acompanhado com f loreiosdas mãos e dedos. Bato as mãos como os palmeros, sorrindo e me sentindo em casa.

Movimento o quadril juntamente com as mãos erguidas mexendo os pulsos e dedos. Sorrimos uma para a outra.

MARCO

Aprecio o ritmo tocado no violão, guitarra f lamencae palmas e o f orte som dos sapatos batendo no chão. Dif erente da primeira apresentação que meus tios f izeram essa é um pouco mais moderna e animada.

Normalmente o f lamenco é f orte, triste e bélico. Nem de longe é um canto de paz. As expressões f aciaisdos bailaores e bailaora são f echados, dramáticas e intensas. Os f loreios que as bailaora

f azem com às mãos são de guerra. Impossí vel assistir as apresentações e não se arrepiar.

Tia Flor se aproxima de uma das mesas convidando o casal. Mesmo os que não sabem dançar acabam entrando no ritmo pela experiência. Reparo com um pouco mais de atenção a morena que minha tia insiste em convidá-la. A moça f ala algo para seu acompanhante provavelmente o incentivando para participar da dinâmica. Contudo, prossegue sozinha.

Sorvo a sangria apreciando o decote nas costas. Engasgo-me com o lí quidocom os olhos f ixosna bunda moldada no vestido vermelho. Eu acho que conheço essa bunda de milhões, estou convivendo com ela todos os dias apesar da dona ser insuportável.

— É a Lana — externa Lucí a me f itando.

— Nossa... que coincidência, não é? — f ala Teresa f itando sua metade.

O que Lana está f azendo no restaurante da minha f amí lia? Será que soube que estarí amos aqui? Entretanto, quem contaria?

Desde que nos conhecemos estamos num amaranhado de coincidências. Meu lado paranoico e sistemático continua conf usoe pirando nas teorias. Pode ser um joguinho barato para se aproximar de mim..., mas ela não f ica com atletas.

Perco-me em meus próprios pensamentos ao vê-la dançar lindamente. Porra, Lana realmente baila f lamenco. Seus cabelos balançam conf orme seus movimentos, ergue as mãos f azendo o f loreio da sua maneira, os saltos altos batem no assoalho sincronizado com suas mãos.

Não perco um detalhe dos seus movimentos e dos sorrisos curvados em seus lábios cheios. Ergue um pouco a perna direita exibindo mais da coxa torneada f azendo o passo f orte. Lana se destaca de longe, pois tem uma naturalidade e algo... dif erente.

— Ela dança muito — comenta Teresa aplaudindo.

Batem palmas animadas pela apresentação no centro. Lana abraça minha tia e ambas sorriem. Tia Flor f ala alguma coisa para ela f azendo minha nutricionista abrir outro sorriso. A morena regressa à mesa sentando pertinho do marmanjo. Meu maxilar f ica rí gidoquando ela beija o homem, logo se levanta. Acompanho seus passos deduzindo que caminha em direção ao toalete.

Levanto-me sem dizer nada.

Desço pela rampa de acessibilidade para chegar mais rápido ao toalete f eminino. Encontro um dos responsáveis pela limpeza dos toaletes.

— Preciso da chave do toalete f eminino — peço af oito.

— Algum problema, senhor Carvajal? Acabei de conf erir e todos os banheiros estão limpinhos.

— Apenas preciso de privacidade. Será por alguns minutos.

Entrega-me o chaveiro contendo a chave do banheiro f eminino.

— É o Lobo — escuto uma das mulheres no corredor f alar — Se incomoda de me dar um autógraf o? É rapidinho.

— Desculpa, mas não é um bom momento.

— Esse é o banheiro f eminino — exclama a desconhecida.

— Usem o do outro lado do salão.

Adentro o banheiro percebendo que apenas uma cabine individual está ocupada. Tranco a porta e aguardo a morena terminar de f azer xixi. Escuto a descarga, a porta destravando e assim que sai trava me f itando com assombro.

— Você me escutou f azer xixi?

Para mim não f oi nada demais.

— Pode conviver com isso, Lana.

Força um sorriso e caminha até a pia onde começa a lavar as mãos.

— Estou com medo de perguntar o que está f azendo dentro do toalete f eminino comigo aqui.

Lana e sua lí ngua af iada do caralho.

— É algum tipo de jogo? — questiono direto.

Capturo sua í ris pelo ref lexo do espelho.

— Do que você está f alando, Marco?

Aparentemente parece estar sendo honesta. Não sou um homem inexperiente, tenho certa perí cia com o sexo f eminino. Livrei-me de algumas perseguidoras e por pouco não caí nos mais diversos golpes. Para ser sincero não me conf ormo com tantas coincidências desde que nos conhecemos. Chega ser surreal.

Enxuga as mãos com a toalha de papel descartando-a em seguida. Ao virar-se percebo o quanto esse tom de vermelho combina com ela, a deixa quente, sensual. Ela está sem a porra de um sutiã e nunca pensei que criaria uma tara por peitinhos pequenos e durinhos, são *sexys*. Lana não é oca, é perspicaz,

inteligente e a forma como não baixou a cabeça para as minhas atitudes estúpidas demostram isso.

— Você sempre está em volta. Estar no restaurante dos meus tios foi uma coincidência? Principalmente hoje quando decidi vir.

Sua expressão muda para confusa de forma rápida. Franze as sobrancelhas bem-feitas olhando para o lado e volta a mirar os olhos bonitos em mim.

— Eu não sabia que esse restaurante era dos seus tios. Uma amiga recomendou e decidi vir.

Puxo um sorriso sarcástico, amargo.

— Amiga? Sério, Lana? Você já me conheceu antes e fez questão de provar o contrário. Está me escondendo alguma coisa? Tem contato com aquele jornalista de merda?

— Esqueceu como foi um arrogante babaca comigo?

— Já admiti o meu erro e pedi desculpas.

— Depois de ter tentando me comprar, sim... pediu desculpas e aceitei. Se tem dúvidas sobre minha ética recomendo que entre em contato com os jogadores do Rayo Vallecano, San Pablo Burgos, com as jogadoras do Real Madrid e com os outros atletas com quem trabalhei. Farei melhor, enviarei meu portifólio para um dos seus assistentes. Pergunte se vazei alguma informação da vida particular deles para a porra da mídia.

Nem por um segundo desvia os olhos castanho-claros dos meus. Me enfrenta de cabeça erguida.

Não entendo o motivo dela me irritar tanto, de me fazer perder o controle. Acompanho seus passos quando vai até a porta

constatando que está trancada. Seus ombros sobem e descem nitidamente soltando o ar raivoso provocado por mim.

— Ainda não aprendi a atravessar portas. Abre, por f avor— solicita sem esconder que está brava comigo.

Apanho a chave do bolso da calça jeans, destrancando a porta. Volta a f icar na minha f rente e apoia a mão na maçaneta. Impeço-a de sair espalmando a palma da mão na porta e na parede. Sem que eu consiga impedir f echo os olhos inalando o cheiro do seu cabelo, é uma vantagem ser mais alto que a morena. Abro os olhos f tando as costas nuas. Meus dedos comicham para tocar na pele macia, no tronco sensual... Lana é uma puta de uma gostosa.

Merda.

Nós nos odiamos.

Abaixo o tronco aproximando a boca pertinho da sua orelha, prof iro:

— Esteja amanhã às oito em minha casa. Sem atraso — minha voz saiu mais rouca. — Considerando o horário, e sabendo como preza as horas de sono, pois colocou no meu planejamento... não prolongue mais a noite. Seu amigo vai entender.

Af asto-me liberando a porta. Lana sai como um f uracão deixando a porta aberta.

LANA

Jogadorzinho dos inf ernos! Como ele é prepotente.

Ignoro a pequena f ilaque se f ormoudo lado de f ora.Ficamos longos minutos ocupando o toalete.

— Pedi a conta — inf orma Reykon.

— Ótimo.

O garçom traz a conta. Abro minha bolsa caçando o cartão de crédito.

— Por minha conta.

— Podemos dividir, Reykon.

— Está tudo bem? Está um pouco vermelha e suada.

Se eu contar da situação inusitada que acabei de ter com o idiota do meu paciente irei estragar o clima entre nós. O pior de tudo é saber que meu coração f icou galopando ao sentir a respiração f ebril do Marco pertinho do meu ouvido e nuca.

— Resultado da dança — f alo e sorrio para ele.

Por f im ele aceita dividirmos a conta. Quando estamos pegando nossos celulares o seu começa a tocar disparadamente. Espero-o na calçada enquanto se mantém um pouco af astado dialogando com alguém pelo telef one. Aproveito para torturar o Jamanta Espanhol na minha mente de diversas f ormas.Ele merece. Deus que me perdoe, mas ele merece.

Eu lá tenho cara de f icar armando situações e f azendo joguinhos para dar para um homem. Se estou a f im,transo e pronto. Além do mais, Marco e eu nunca iremos ultrapassar a linha prof issional. E, nesse caso, essa coincidência f oi armada pela Danna e Lucí a.Nenhuma delas mencionou que o restaurante era de membros da f amí lia.

— Problemas? — pergunto ao constatar seu cenho f ranzidoe expressão desanimada.

— Preciso ir à Barcelona agora mesmo. Um cliente importante f ez uma merda das grandes.

Exaspera e lamento mordendo o canto do lábio. Irei terminar a noite me masturbando com meu vibrador.

— Sem problemas. Combinamos de nos encontrar assim que tiver uma f olga.

— Retorno amanhã à noite. O jantar pode ser na minha casa.

Agarra minha cintura e seguro os seus braços f ortestentando sorrir, mas sai mais como uma careta.

— Viajarei à trabalho.

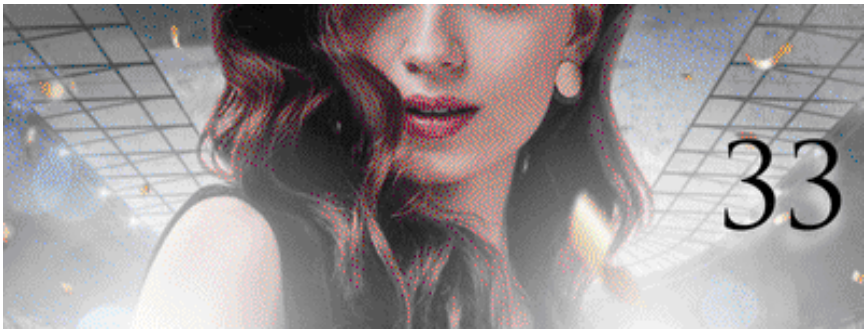
— Nossas agendas estão batendo de f rente.

Se estivéssemos em um relacionamento adoraria que me surpreendesse. Aparecesse onde eu estivesse, me pegasse de jeito sem permitir que f iquemos muito tempo sem nos ver. Tranco a romântica desastrada que vive dentro de mim.

— Nos f alamos durante a semana.

— Te ligo, linda.

Recebo seu beijo, porém não prolongamos. Logo pegamos o celular, respectivamente, para solicitar um motorista de aplicativo.



MARCO

Cheguei quase uma da madrugada em casa. Decidi de última ir à f estado Torres. Estava certo de que a putaria rolaria solta. Fui com a intenção clara de encontrar uma boa companhia para um sexo casual. No entanto, percebi que estava deslocado. Acho que estou f icando velho para essas f estas. Ao sair do condomí nio percebi alguns jornalistas na porta. Tenho certeza de que alguém vazou sobre a f estinha dele. Chuto na possibilidade de ter sido algum vizinho.

Acordei às seis horas para f azer o treino de musculação. Assim como saí irritado do restaurante dos meus tios, malhei pensando na morena tendo uma noite muito agitada com o mauricinho. Merda. Por que inf ernos estou incomodado?

— Teresa, vamos retornar amanhã — lembro-a f itando a quantidade de malas. — Precisa mesmo de tudo isso?

— Preciso, irmão. Roupas de f rio ocupam muito espaço.

— Duvido que vá usar tudo isso — f ala Lucí a.

— Gosto de ter opções.

— Não acredito que dividi a placenta com essa criatura — resmunga Lucí a seguindo para o elevador de vista panorâmica.

Adentro o quarto do meu bebê vendo-o dormir segurando o leão de madeira que Lana o presenteou nas f érias. Nunca pensei que se apegaria ao brinquedo f eitoà mão. É simples e bonito. Ander acordou às sete horas. Ontem sua babá deixou sua mala pronta.

Apanho seu brinquedo pegando-o no colo em seguida. Desço pelo elevador encontrando o restante do pessoal no pátio externo. Christian não vai, devido reuniões de negócios e um encontro marcado para amanhã. Lana está encostada numa das Mercedes sorrindo, enquanto seus dedos deslizam pelo display do celular.

Será que está f alando com o babaca de ontem?

Reparo na roupa que está vestida. Calça jeans, tênis da Adidas branco com listras pretas — marca concorrente da qual sou o rosto — moletom rosa-bebê e cabelos ondulados soltos. Tem pouquí ssima maquiagem no seu rosto, o que deixa claro que não precisa de muito para f icar bonita. Como sempre parece estar de bom humor, com uma energia boa.

Acho que um dos motivos da sua f elicidadeseja agregado a noite regada a sexo.

Isso não deveria me importar. Bom, não importa.

— Todos prontos?

Respondem um atrás do outro menos Lana. Minha nutricionista sequer me direciona um olhar. Entra no carro junto com as gêmeas e meu irmão. Entro no outro e ajeito Ander no meu colo para que cochile mais conf ortável. Beijo sua testa e cheiro seu cabelo.

— Senti a tensão — comenta Pol.

— Trabalhamos juntos por obrigação. Não nos damos bem.

— Poderia ser mais simpático, não é? Tudo bem, você é péssimo para lidar com as pessoas por ser... meio paranoico, mas ela já provou que não é como os outros.

É isso que me assusta. Cada segundo que passo ao lado da Lana vejo que ela não é como os outros que traí ram minha conf iança.

Chegamos no meu hangar particular. O jato particular G65OER está pronto com a equipe de bordo. Esperei um ano para que f ossepersonalizado da cor e do jeito que queria. A aeronave é personalizada na cor creme por dentro e por f ora, com capacidade para dezoito pessoas. Tem acabamentos de caxemira, bancos conf ortáveisde couro. Gastei um pouco mais de cinquenta milhões de euros.

Cumprimento à equipe. Ao entrar vejo que meus irmãos ocuparam os bancos do f undo. São acostumados a sentar neles. Coloco Ander no banco de f rente ao meu f echando o cinto de segurança, em seguida coloco um travesseiro para que possa apoiar a lateral do rosto de f orma conf ortável. Conf iro tudo. Lana senta no meio, atrás de mim, deixando clara a distância que deseja manter. Pol pisca para mim dando um sorrisinho idiota e então senta no banco de f rente para a morena. Logo começa a puxar assunto com ela.

Idiota.

LANA

Antes de descer sigo o exemplo dos outros tripulantes vestindo um casaco ideal para lidar com o f rio de Bariloche. Os f uncionários f azem questão de levar nossas bagagens para os carros que nos aguarda. Tem dois e trato de ir para onde as meninas estão não querendo dividir o carro com o jogador. Porém, elas correm na f rente junto com Juan.

— Pode ir atrás com Marco e Ander — diz Pol segurando para não sorrir.

Respiro f undo tentando disf arçar

— Vocês f azem de propósito, não é?

— Não entendi.

Se f az de sonso.

— Sabe muito bem a que me ref iro. Você, Christian, Ari, as crianças e até meus pais parecem estar torcendo para uma boa relação que Marco e eu não teremos.

Ontem após me masturbar com meu vibrador maravilhoso pensando vergonhosamente na cena do jogador se masturbando f iquei irritada pra caramba. Como posso estar pensando num cara que não suporto? Suporto devido à situação que nos colocaram. A f ragrância do perf ume almiscarado do tatuado f icou impregnada no meu olfato, muito louco, ainda mais sentindo o arrepio gostoso na nuca da mesma f orma que senti no toalete do restaurante.

Espero que na outra vida eu não seja tão saf ada. Pior, uma saf ada sem vergonha na cara.

Entro no carro apreciando o calor do veí culo. Conf iro a temperatura e hoje está batendo cinco graus. Marco abre a porta e o lindinho entra sentando no meio. Assim que f echa a porta e senta

penso que não colocará o cinto de segurança do pequeno e institivamente nossos dedos se tocam na f aixa do cinto.

Nos encaramos intensamente de um jeito... dif erente. Nenhum de nós toma iniciativa de desencostar o dedo do outro. Marco tem um olhar duro sombreado pelos cí liosdensos, mas algo em seus olhos castanho-escuros parece se conectar com a sensação que estou sentindo.

— Desculpa — peço, af astando meus dedos dos seus.

— Não há motivo para pedir desculpa. Já ia colocar o cinto no meu f ilho. — Encaixa o cinto no lindinho. — Obrigado.

Anuo dando um pequeno sorriso.

— Lala, sabia que o animal mais resistente ao f rio é o pinguim?

Abaixo o olhar em direção ao Ander. Ele dormiu a maior parte do voo. Ele ainda segura o leão de madeira que o presenteei.

— Estou sabendo agora. Conte-me mais, lindinho.

— Eles são capazes de suportar temperaturas abaixo de -60° C. Nem consigo imaginar o f rio que deve ser

A conversa se volta para alguns animais da selva. Sendo o leão o maior protagonista da sua narração inf antil e cheia de sabedoria. É o seu hiperf oco. Em todas as nossas interações, por mais que comecemos f alando de um assunto, ele f az questão de inserir inf ormações sobre leões. Pol vira algumas vezes para perguntar algo para o sobrinho de consideração.

Sem perceber pega minha mão e a do seu pai colocando em cima das suas pernas cobertas pela calça de f rio. Verbaliza com

calma e ao mesmo tempo seus dedinhos dedilham na face de nossas mãos, acarinhando de forma lenta, delicada.

Encaro-o com muito carinho, segurando a emoção.

Trinta minutos depois chegamos à mansão que o jogador alugou para nos hospedarmos com mais privacidade. Não esperaria menos dele sabendo o quanto preza por isso. Ao sair do veículo blindado admiro a beleza da casa no estilo alpino suíço.A cidade é conhecida pela arquitetura e pelo chocolate.

Já vim para cá com meus pais, Ari e Daniel. Foram momentos lindos e inesquecíveis. Fomos recebidos por um administrador da mansão. Prontamente afirma que deixou tudo como Marco solicitou. O chefe de cozinha já está presente preparando petiscos e bebidas quentes.

Meia hora depois de estar instalada num dos quartos majestosos desço com meu *i Pad* Fiz uma chamada de vídeorápida com meus pais, depois enviei mensagens para minha melhor amiga.

— Oi. Chamo-me Lana, sou a nutricionista e, temporariamente, cozinheira do Marco.

Apresento-me ao chef ede cozinha que me recebe com um sorriso.

— Páez, prazer.

É um homem baixo de cabelo grisalho. Deve ter por volta dos cinquenta anos.

Abro o cardápio do Marco verificando os ingredientes. O chefe Páez, mais familiarizado, mostra onde estão os utensílios. Tranquilamente preparo várias opções de lanche para que o jogador coma sem sair do planejamento nutricional. É sempre bom ter

variedades para que a dieta não seja um martí rio. A ideia não é essa. Por isso pesquiso e estudo bastante para os atletas terem prazer nas ref eições que monto.

Quando termino ajudo o chef e a organizar tudo no carrinho de transporte de pratos. Ajudo-o a colocar tudo na mesa, mesmo parecendo sem jeito ao aceitar minha ação. Regressamos à cozinha. Sento na banqueta tomando chocolate quente e colocando em vermelho na planilha que f iz mais dois suplementos.

Preciso encontrar o que se encaixa com tudo que Marco necessita. Estou descartando as que são incompletas, mas acabam f azendo propagandas enganosas. Faço até os cálculos da composição para averiguar as inf ormações. O jogador precisa de uma suplementação que garanta a reposição de proteí nas, vitaminas, minerais e aminoácidos necessários para se manter f orte dentro e f ora do campo.

Saio do f oco quando Lucí a entra na cozinha pensando que não a vi, mas o ref lexo do espelho da janela a denunciou, prof iro:

— Fugindo, bebê?

— Ah... não queria atrapalhar.

Viro a banqueta e movimento o dedo indicador chamando-a.

— Tem algo para conf essar, certo?

Tira as mãos do bolso traseiro da calça jeans apoiando-as no balcão de madeira.

— Sim, eu tenho. Lana, você está linda.

Abre um sorriso arteiro pensando que cairei nessa.

— Posso saber qual f oi a intenção de vocês em não revelar sobre o restaurante ser dos seus tios?

Mexe a boca de um lado para o outro.

— A gente não achou... importante essa inf ormação.

— Por um acaso também não achou importante dizer que iriam justamente ontem, sabendo que eu estaria lá?

Escorrega as mãos para trás das costas.

— Mãos na f rente, espertinha.

Buf a entregando o jogo.

— Quero muito que vocês se deem bem, Lana.

— Nós nos damos bem — minto. — Prof issionalmente.

— Ah, nem vem! Vocês são dif erentes e ao mesmo tempo iguais. É meio louco, sabe? Gosto de você. Todos nós gostamos. Nada ver com as peguetes do meu irmão.

— Olha, só promete não armar mais nada. Seu irmão é meio...

— Paranoico e sistemático com pessoas novas em nossa volta. Estou ligada nisso há anos — completa.

— Em minha def esa ia usar apenas sistemático — cochicho f azendo-a sorrir

— Você é legal — diz, f icando um pouco envergonhada.

— Tenho certeza que é bem mais do que eu.

— Meus irmãos não acham.

Juan entra na cozinha usando seus *Ai r Pods* f alando com alguém.

— Eu sei, gatinha. Prometo compensar. O próximo f inal de semana será apenas nosso — conversa servindo-lhe água.

Finaliza a conversa e escorrega os f ones de ouvido no pescoço.

— Laninha, já disse como seus olhos são lindos hoje?

— Sim — digo humorada.

— Quando vai aceitar meu convite para sairmos?

— Com certeza não será no próximo sábado nem no domingo já que será todo da sua gatinha — f alo e Lucí a ri.

— Você é dif í cil. Gosto disso.

Pisca para mim e bebe sua água.

— Peguem as coisas de vocês. Sairemos em quinze minutos — brada Marco.

Volto a prestar atenção na planilha.

— Aconselho vestir uma roupa térmica.

Sem encará-lo respondo:

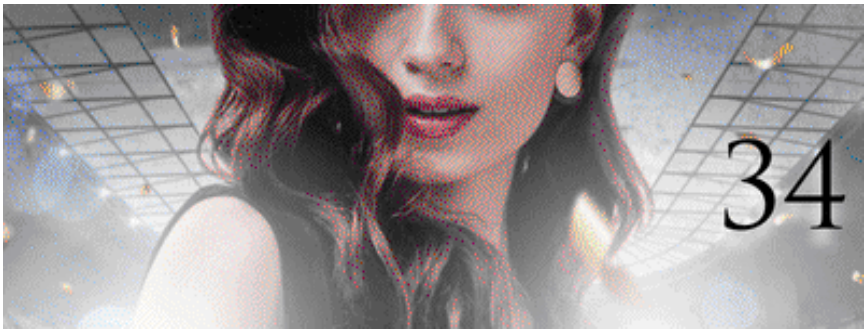
— Ficarei em casa. Af inal, vim à trabalho.

Meu tom sai amargo. Estou com raiva dele por inf initos motivos.

Seu perf ume de macho gostoso f ica mais vigoroso ao f icar nas minhas costas e descer o rosto quase colando sua bochecha na minha. Finjo não estar abalada quando sinto o hálito quente e ref rescante no meu ouvido:

— Não sou um chef e ruim. Esteja pronta em dez minutos, doutora Rubio.

E de repente se af asta saindo do cômodo. Solto o ar que nem f azia ideia que havia prendido.



MARCO

A mansão que estamos hospedados fica a cerca de dezenove quilômetros do Cerro Catedral. Uma montanha famosa dentro do Parque Nacional Nahuel Huapi, onde possui a maior estação de esqui da América do Sul com telefé ricos e um abrigo.

Discretamente observo Lana ajoelhada ajeitando o macacão impermeável de esqui do Ander. Ele preferiu a ajuda dela do que a minha. Garoto esperto, muito esperto. Indo mais para o lado sentimental fico emocionado pelo carinho imenso da Lana com meu filho. Ela escuta o meu menino, pergunta, é atenta e interessada. E seus olhares para ele... porra, são extremamente afetuosos. Revolta-me meu filho não ter um terço da atenção da sua mãe.

Pago as tarifas e agradeço ao atendente. Ao virar vejo uns olhares interessados na morena. O macacão impermeável azul com branco abraçou suas curvas e sua linda bunda. Cacete, por mais que seja chatinha isso não apaga sua beleza.

Pol e meus irmãos foram na frente. São os mais ansiosos para esquiar. Tem bastante pessoas. É a estação mais frequentada pelos turistas.

— Certeza que não vai esquiar? — indago carregando os equipamentos inf antis.

— Absoluta.

— Não sabe?

— Sou um desastre — conf essa e sorrio.

Lana é espontânea, tem um jeitinho de menina f of æ arteira. Porém, a maior parte do tempo está no modo prof issional,sendo um mulherão e tendo atitudes. Aviso para um dos instrutores que f icarei no canto mais af astado, pois meu f ilho não f icará à vontade com tantas crianças juntas e barulhentas. Pergunta se quero um prof essor particular, recuso a of erta, pois eu mesmo gosto de ensinar meu f ilho.

É um tempo nosso. Quero que Ander tenha esses momentos de pais e f ilhos gravados na memória.

Ajudo-o a colocar o esqui, conf iroos f ixadoresque permitem f azer a ligação entre a bota do meu esquiador mirim e o esqui.

— Já é a quinta vez que está conf erindo, jogador

— Cuidado nunca é demais. O que f oi?

Ela está com um sorrisinho bobo nos lábios carnudos.

— Nada. Juro.

Entrego os bastões para equilí brio e propulsão. Abaixo sua máscara de esqui.

— Pronto, vida?

— Não, papai.

Amo a sua sinceridade.

— Tudo bem, f ilho. Espero até que esteja pronto.

— Você não quer aprender esquiar, Lala? Meu pai é paciente.

Rapidamente f ito a morena sabendo que será um trabalho árduo ensiná-la.

— Eu pref iro f icar com os meus ossos no lugar, lindinho.

— Foi uma piada?

Seguro a risada.

— Sim — Lana f az uma careta f of a.

Quem diria que atribuiria a palavra f of a para uma mulher que não f osse da minha f amí lia.

— Podemos aprender a esquiar juntos como uma equipe. Papai é um ótimo capitão.

— Ok. Só se vive uma vez. Irei descer para pegar os equipamentos.

— Iremos com você — digo prontamente.

Tem alguns desvios de trilhas no caminho e ela pode se perder. Não que esteja preocupado... só um pouco.

— Pref iro que me esperem aqui. Já volto.

Minutos depois Pol se aproxima com seus equipamentos.

— Os pirralhos já querem para a Cadeirinha do Bosque. Teresa trouxe a câmera e você sabe que de lá temos imagens incrí veis de toda a montanha Catedral.

Apesar de saberem esquiar costumam pegar aulas rápidas para aquecer.

— Espera eu voltar para irem, irmão.

— Beleza. Eu assumo aqui com o campeão da f amí lia. Aliás, cadê a Lana?

— Irei atrás dela. Pode estar perdida.

Ignoro sua expressão sentindo um mal pressentimento.

Faço o percurso prestando atenção onde piso. Ao chegar no pequeno centro onde tem as lojas de roupas e acessórios de esqui e restaurantes, entro na primeira loja de aluguel de equipamentos. Saio de uma e em outra loja sem encontrá-la. Retorno e decido ir pela trilha mais provável que tenha entrado. São habitáveis, e algumas pessoas costumam caminhar na área arborizada com neves, tirar f otos, enf im.

Tive a brilhante ideia de esquecer o celular na mansão.

Apoio as mãos curvadas nas laterais da minha boca e grito:

— Lana!

Não deveria ter permitido que descesse sozinha. Além do perigo de se perder, tem muitas pessoas ruins que f azem o mal ao próximo sem remoço. Calma, preciso controlar as paranoias.

— Lana!

Caminho mais para dentro entre os espaços das árvores. O caminho é parecido como principal, mas se ela estivesse atenta poderia estranhar a f alta de f luxo de pessoas. Prossigo andando começando a f icar seriamente preocupado.

Diminuo os passos ao escutar a voz suave e meio chorosa:

— Jesus, Maria e José não me deixem morrer aqui no f rio sozinha. Quero viver muito mais — exclama com as mãos unidas olhando para o céu. Cruzo os braços assistindo a cena. — Não passei por tudo aquilo para morrer aqui, não é? Também não quero ser atacada por um condor, muito menos pela raposa do Chile. O lindinho disse que é a maior raposa daqui. A tal águia também me

assusta. Por favor, meu Deus, envie um anjo para salvar sua filha pecadora, porém de coração bom.

Passo a mão na barba cerrada sorrindo da morena. Que dramática.

— Lana — a chamo sem aumentar o tom de voz.

Estamos em uma curta distância. Ela continua de costas com as mãos unidas olhando para o céu.

— Eu pedi um anjo, mas já que mandou o Jamanta, serve. Obrigado, meu Deus!

Ela me chamou de jamanta? Mas que descarada.

— Estou aqui, Marco! Meio que me perdi...

— Estou atrás de você, Lana.

Dá um pulo nitidamente feliz por me ver. Vem correndo com um pouco de dificuldade por conta da neve. Sua felicidade de ter sido encontrada atropelou a raiva que sente de mim, pois praticamente se jogou nos meus braços.

— Obrigada, obrigada.

Retribuo o abraço prontamente. Afasta-se segurando meus braços e reparo nos olhos cheios de lágrimas. Tadinha, ela realmente estava assustada. Confesso que foi engraçado escutar sua reza, tirando a parte de me chamar de jamanta.

— Tinha um grupo andando na frente, mas não consegui acompanhá-los.

— Respira, Lana.

Toco seu rosto notando a ponta do seu nariz vermelho. Ficamos longos minutos nos fitando sem dizer nada. Lana

novamente toma a atitude de se af astar

— Obrigada.

— Na sua prece pediu um anjo, mas o jamanta aqui serviu.

Entreabre os lábios cheios e tenta sorrir sem sucesso.

— Geralmente apelido meus pacientes com nomes de animais.

— Claro, e jamanta me caiu bem, não é?

— São animais rápidos, então... lembra você.

— Qual é, Lana, não sou idiota.

— Podemos f ingir que isso não aconteceu?

Estamos experientes em f ingir sobre o que anda acontecendo entre nós.

LANA

Ainda bem que Marco não reagiu tão mal quando soube do apelido que o batizei. Decidi por não f azeras aulas de esqui, pois o clima entre nós dois voltou a f icarestranho, meio tenso. Assisti de perto Ander esquiar e sorri contente por mais uma conquista do pequeno.

Agora estamos num dos principais restaurantes da estação. Aparentemente é menos lotado. Marco solicita a mesa do canto onde poderemos apreciar a vista.

— Foi incrí vell — exclama Teresa mexendo na sua câmera *Ni kon* — Quando chegar em casa irei upar as f otos para meu notebook e publicar no meu Instagram. Kai vai amar as f otos.

Juan, Marco e Pol f echam as expressões simultaneamente.

— Gente, calma. Estão surtando agora sendo que podem surtar quando ela realmente estiver namorando o Kai — diz Lucí a ganhando uma cara f eia da irmã gêmea.

Agora entendi tudo.

Ander está sentado ao lado do pai entretido com o leão de madeira. Fazemos nossos pedidos e f ico orgulhosa do jogador quando pede sua ref eiçãosem sair da dieta. A f alaçãoe risadinhas f azem parte, f ico relaxada com eles. São uma grande f amí lia.

Três f ãs do Marco pediram f oto e autógraf os. Prometeu aos f ãs que f aria isso quando terminasse de jantar, pois agora estava aproveitando a f amí lia. Dois deles não curtiram muito. Convivendo com os atletas passei a entender melhor a recusa de atender f ãsem determinados momentos, principalmente quando estão apenas querendo ter um momento em f amí lia, aproveitar os amigos. Alguns admiradores podem achar ingratidão argumentando que são pessoas públicas, mas não é nada disso. Agora tenho mais noção.

Pol e as crianças seguem para a lojinha que vendem lembranças. Marco sai para atender os f ãs e vou ao banheiro. Combino de encontrá-los na lojinha. Não tem perigo de me perder. Após usar o banheiro f ito meu ref lexo no espelho notando minhas bochechas rubras só de lembrar o mico que paguei com o jogador.

Pego o casaco grosso de f rio na cabine que f icou guardado junto com dos Carvajal. Agradeço o atendente e saio sentindo o f riozinho gelar meu sorriso automaticamente.

Marco está na outra ponta atendendo os f ãs. Percebo que surgiram mais. Quando me vê meneio a cabeça. Coloco as luvas

pronta para seguir para a lojinha.

— Ei, tira uma *sel f i* comigo — diz o rapaz alto e f orte de olhos azuis.

— Acho que se conf undiu. Eu não sou f amosa.

Aproxima-se pousando a mão na minha coluna. É tão repentino que f ico chocada.

— Só sorri, gata. Você estava com o Lobo então é importante.

Que bosta é essa que saiu da boca desse ridí culo?

— O que pensa que está f azendo? — pergunto indignada quando sua mão desceu quase parando na minha bunda.

Chegou o dia de eu usar a joelhada que aprendi nas aulas de def esapessoal que f izpor inf luênciados meus pais. Ou posso usar o *j ab* direto que aprendi no *muay t hai .*

— Não f iz nada...

O jogador parou ao meu lado, veio correndo e está com um olhar assassino. Muito pior do que do dia que pensou que eu f osse uma perseguidora e tinha armado para seu f ilho.

— Se tivesse f eito estaria sem os dedos, porra! — prof ere Marco de f orma trovejante.

Nunca o vi assim antes. É de colocar medo em qualquer pessoa que não o conheça.

— Desculpa, Lobo.

— Deve desculpas para ela, imbecil.

— Des-Desculpa, mil desculpas, moça — gagueja.

Dá um passo peitando o rapaz que claramente está apavorado.

— Vaza daqui antes que seja tarde.

Seguro o braço do Marco ao notar que muitas pessoas pararam até de cochichar prestando atenção em nós.

— Marco, vamos, por f avor

Fito seu maxilar rí gido e o olhar mal acompanhando os passos do rapaz indo para longe.

— Não deixe esses idiotas se aproximarem de você.

Solto o seu braço mantendo a calma que Marco cutuca com vara curta.

— A culpa é minha?

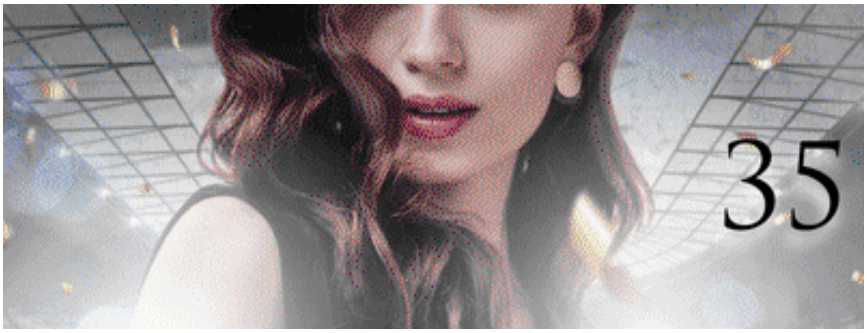
— Porra, Lana, não disse isso. É que... tem f ãs, bom, se dizem meus f ãs, que são babacas.

— Eu juro que não esperava por essa abordagem. De qualquer f ormaestava pronta para dar uma joelhada seguida de um *j ab*direto.

Baixa a cabeça balançado de f orma e vejo a sombra de um sorriso.

— Não era uma piada. Estou f alando sério. Meus pais me colocaram para f azer aula de def esa pessoal aos quatorze anos. Eles já f aziam, pois... inf elizmente existem homof óbicos e tinham medo de um grupo agredi-los na rua. Até hoje f azem aulas de def esa pessoal na academia que f requentamos.

Só então percebo a f ormaintensa que me olha. A expressão enf urecida deu lugar para uma mais leve.



LANA

No domingo de manhã, após a primeira ref eição do dia, f omos para a estação. Ander estava mais à vontade em esquiar. Marco não saí a de perto dele um segundo com medo que o f ilho pegasse impulso demais e descesse sem controle. Teresa tirou mais f otos e ainda me incluiu em algumas mesmo eu querendo escapar. Era um momento deles.

Assim que o jato aterrissa agradeço a Deus pelo voo tranquilo. São quase seis horas da manhã. Marco irá ao CT apenas à tarde, então terá tempo de repor as energias e o sono. Apesar de que parece estar ótimo. Incrí vel a disposição dele.

Estranho ao ver Ari e Christian um ao lado do outro, encostados num dos quatro carros parados. Juan pega Ander no colo e segue para um dos carros. As meninas seguem para outro veí culo.

— Que caras são essas? — sou a primeira perguntar.

— Problemas — respondem em uní ssono.

— Conta logo, irmão — pede Marco tão sério quanto eles.

— Melhor conversarmos durante o caminho.

Ari entrelaça sua mão com a minha me puxando para o último carro da fila. Saúdo o segurança recebendo apenas um menear de cabeça. Pede licença e pega minha mala guardando-a no porta-malas. Sentamos atrás e ele assume o banco do motorista.

— Agora conta. Sabe que sou ansiosa.

— Vai pelo caminho mais longo. Christian autorizou — requisita ao segurança que concorda balançando a cabeça de forma positiva.

— Desembucha, Ari.

— A primeira coisa que precisa saber é que fotos suas e do Marco saindo do banheiro do restaurante caiu como uma bomba nas redes sociais.

— Como é? Mas nós...

— Segundo fontes presentes vocês provavelmente estavam ficando dentro do banheiro.

Abro a boca espantada com a informação.

— Christian me contatou imediatamente dizendo que a equipe de imagem pessoal do Marco cuidaria de tudo. Entretanto as coisas saíram do controle.

— Só continua — peço atônita.

— Proliferou muito rápido nas redes sociais de celebridades, passaram a ser o assunto do momento, tanto que chegaram aos *trending topics*. E quando chega nesse ponto fica mais complicado desviar a atenção, tirar de circulação. É como um vírus.

— Mas é mentira, Ari. Juro!

— Vocês realmente f icaram sozinhos no banheiro? Relataram que ele impediu que mulheres entrassem no banheiro f eminino, e entrou poucos minutos depois de você. E como se não bastasse, saiu novas f otos de vocês em Bariloche com Ander. Christian e a equipe M13 conseguiram proteger o rostinho do Ander, das imagens divulgadas, porém alguns sites não respeitaram e já serão acionados judicialmente.

— Isso só pode ser um pesadelo.

— Tem um pequeno ví deo sem áudio do Marco largando os f ãs supostamente com ciúmes da namorada, você, e por muito pouco não indo para cima do rapaz. Tem muitas f otos desse momento e desocupados f ervorosos não param de comentar. E perdi as contas de quantos relatos saí ram do momento.

— Na-Namorada? — titubeio sentindo um f rio na espinha.

— Os f ãs, pessoas no geral, estão *f anf i cando* sobre vocês. O maior problema é o boato de terem transado no banheiro do restaurante.

— Nós... não f izemos sexo naquele maldito banheiro, Ari!

Começo a me abanar.

— Amiga, inf elizmente as coisas f icam piores. — Olha-me com pesar. — Meio que estão sendo escrotos com você. Literalmente soltando merda pela boca. Ainda não descobriram que você é a nutricionista do Marco, estão a chamando de coisas nada agradáveis.

— Preciso saber do que estão me xingando. Irei responder comentário por comentário.

Toma o celular da minha mão.

— Nem pense! Vai ser pior. A *soci almedi a* está cuidando de tudo. Bloqueando, *pr i nt ando* o que der para usar num processo. Todos que estão f alando merda de você, da minha melhor amiga, f oda pra caralho, irã receber um processo no rabo.

— E agora?

— Quando chegarmos na casa do Marco procuraremos uma saí da. Christian e eu encontraremos uma solução juntos.

— Contaremos a verdade. Marco e eu soltamos uma nota em conjunto desmentindo os boatos.

— Não é tão simples assim, amiga. Sabe como é dif í ci gerenciar esse tipo de coisa. O lado do Marco também não está muito f ácil.

— Conta logo, Ariana.

— Tem ví deos dele na f esta do Torres com duas *i nf l uence* bem conhecidas. Estão relatando que havia garotas menores de idade, drogas e outras coisas. Acontece que o rosto do Marco é o único a vista. Os patrocinadores ligaram imediatamente para o Christian. Lana, está tudo um caos.

Massageio as têmporas tentando não surtar.

— Amiga, meu bebê, tem mais uma coisinha.

Abro meio olho espiando a cara bonita da Ari.

— Acho que não quero saber, Ari.

— Jurei de dedão não esconder mais nada de você.

— É muito ruim?

— Levando em consideração de quem se trata... sim.

Consigo em silêncio esperando que revele a outra bomba.

— O... Daniel foi comprado pelo Celta de Vigo. As negociações foram rápidas por causa do campeonato que está próximo. Ele deve chegar essa semana para fazer a coletiva de imprensa estando no novo clube.

Minutos após receber essa informaçãoe começar a suar frio simplesmente começo a gargalhar como se minha melhor amiga tivesse acabado de contar a melhor piada do mundo. Gargalho ao ponto da retina ficarembaçada devido às lágrimas, então começo a sentir o gostinho das lágrimas passando pelos meus lábios.

Dou conta de que estou chorando. Rindo e chorando.

O turbilhão de sentimentos que estou sentindo me causa frio, receio e medo. Meu melhor amigo, o amor da minha vida que foi embora no pior momento da minha vida sem romper comigo de formadecente. Pensei que estava curada do Daniel, mas tenho me enganado nesses seis anos.

— Lana, amiga, calma.

Estou tendo uma crise de choro.

— Você tinha razão, Ari. Eu acho que ainda o amo, e... ele estando aqui, se nos encontrarmos... o que vou fazer?— gaguejo e soluço devido ao choro.

Desmancho-me nos braços da minha melhor amiga.

MARCO

Escuto a narração de Christian sobre o inferno que se instalou nas últimas horas. Fecho os punhos tentado socar alguma coisa para extravasar.

— Marca uma coletiva, Christian — expressa Pol sem desgrudar os olhos do seu celular. — Estão falando muita bosta.

— Não é tão simples, Pol. Precisamos encontrar o melhor jeito de cessar essa crise de imagem.

Desde que entramos no carro o celular do Christian não para de vibrar.

— Porra, não acredito que tinha menores de idade na festa do Torres. Se eu soubesse jamais teria colocado os pés lá.

— Sabemos da sua índole, irmão. A questão é a pressão da mídia, os vídeos circulando na internet, o fervo do caralho que os internautas fazem. Além disso, os boatos de que você fez sexo com uma desconhecida no banheiro do Villa 13.

— Não trepamos. Filhos da puta! — explodo cobrindo o rosto com as mãos.

— Merda. Descobriram quem é a Lana — anuncia lendo algo no aparelho. — E os patrocinadores estão querendo uma posição pra ontem.

— Manda a M13 soltar uma nota. Não podem estar falando mal da Lana, caralho. Ela é uma excelente profissional.

— O que está pesando é o vídeo que fizeram de você conversando com duas mulheres na festa, supostamente menores de idade. Lembra quem são?

— Não sei o nome delas. Devem ser *influencers* ou modelos, sei lá. E o Torres?

— Em completo silêncio. O dele não está tão na reta como o seu, Marco.

— O que mais estão falando da Lana? — indago sem esconder a preocupação.

— Estão chamando-a de Maria Chuteira, vadia, interesseira e por aí vai. O negócio está pesado, irmão.

Apesar de não suportar a chatinha nunca desejei que passasse por algo do tipo. Ver pessoas julgando seu caráter sem te conhecer machuca, mexe com a porra da sua cabeça, e faz duvidar de si mesmo e criar insegurança que antes não existia. É como se fosse obrigado a atingir metas inalcançáveis. Sei disso, pois tenho uma torcida muito intensa dentro e fora do futebol. Para muitos fãs, e *haters*, o fato de eu ser figura pública significa que devo aceitar qu falem de mim e dos *meus*, aceitando tudo calado.

No início da minha carreira profissional não era visto com mulheres. E isso gerou burburinhos sobre minha orientação sexual. Estava ocupado demais concentrado nos treinos e com os meus irmãos. Precisei buscar apoio psicológico com o psicólogo do CT

Lidar com a mídia é uma merda. Você tem que ser perfeito, mesmo sabendo que é imperfeito em vários aspectos, você não pode errar nunca, pois um deslize pode apagar todo sua carreira. Sair de um cancelamento é raro.

— Caça essas mulheres que conversei na festa — exijo. — Se forem menores de idade, elas irão arcar com as consequências sendo as mulheres adultas que fingiram ser na desgraça daquela festa.

— Já solicitamos as filmagens das câmeras de segurança do Torres. O agente dele quis se esquivar, mas o segurei pelas bolas. Estou tentando encontrar a melhor forma de escaparmos dessa

crise, irmão — f ala, exasperando em seguida com os olhos grudados na tela do celular. — Estão desmerecendo a carreira da Lana, literalmente dif amando a reputação dela.

Sem conseguir controlar a ira soco o banco do carro diversas vezes urrando de raiva.

Puta que pariu.

— Só gostaria de lembrar que não quero receber um soco seu. Dói pra caralho! — prof ere Pol.

— Uma parte dos internautas estão comentando que apesar de você ser um mulherengo, merece encontrar uma parceira legal.

— Desculpa, mas são f ãs ou *hat es*? — Pol pergunta recebendo meu olhar mortal.

— Seu ataque de ciúmes em Bariloche ajudou a f omentar— diz Christian com a sombra de um sorriso.

— Eu não estava com ciúmes. Já expliquei o que aconteceu!

— Nem quero pensar se estivesse, irmão — debocha meu agente.

Se Christian não f ossetão bom no que f azo demitiria. Bom, claro que não, é uma das pessoas que mais conf io na vida.

— O cara estava assediando a Lana, prestes a colocar a mão na bunda... — *gost osa del* ,aconcluo em pensamentos.

— Testemunhas disseram que você ameaçou cortar os dedos do moleque f ora. É verdade?

Decido f icar em silêncio.

— É verdade — concluí soltando um riso.

— Isso importa?

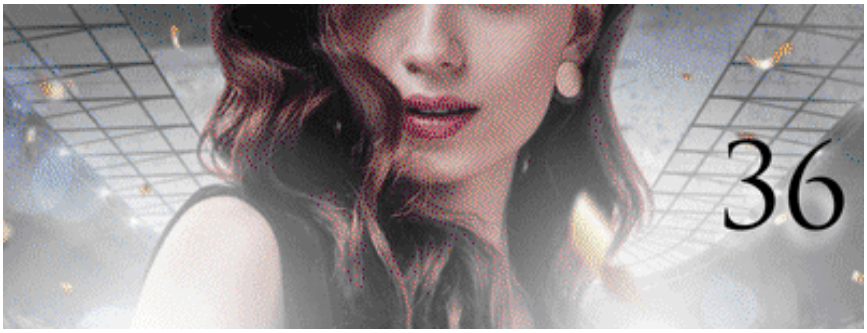
— Importa caso o merdinha decida entrar com um processo. Relataram que ele saiu se borrando de medo de você, mas ele pode criar coragem movido a interesse em dinheiro. Em todo caso a nossa equipe jurí dica está pronta.

— Que inf erno.

— Seus f ãs estão acostumados com você esquentado no gramado, não f ora dele com sua mulher

— Christian não me f aça te jogar para f ora do carro, cacete!

Minha mulher... Lana não é minha mulher.



MARCO

Tem quinze minutos que chegamos em casa. Christian cuidou para que os jornalistas e outros f of oqueiros de plantão não f icassem na minha porta. Tiro a jaqueta de couro preta largando-a no sof á. Ander subiu com a babá e f ingi um sorriso para meu f ilho prometendo que jantarí amos juntos hoje. Puxo as mangas da camisa comprida até os cotovelos querendo matar todos que estão f alando mal da Lana e querendo jogar meu caráter no limbo.

— As mulheres que f ilmaram vocês saindo do banheiro do Villa 13 f oram descobertas. Apesar de terem f eito perf il *f ake*, a equipe identif icou o IP.

— Elas burlaram as normas do Villa 13, entraram com celulares.

— Inf elizmente não está imune a essas ações. A equipe jurí dicavai cuidar disso. Não usaram a sua imagem e da Lana para f ins comerciais, então descartamos esse tipo de processo. Estão buscando outro modo de f azê-las pagar dentro da lei, claro.

— E as pessoas que estão dif amando a Lana? Quero a cabeça de todos os f ilhos da puta. Não vão f icar impunes.

— Ariana f oirápida em solicitar da *soci al medi a* que cuida da conta prof issionalda Lana para tirar *pr i nt s* de todos os usuários que estão xingando, ou cometendo qualquer tipo de *cyber bul l yi ng* não receber um lindo processo. A ruiva é ágil e inteligente.

— Quero nossa equipe f azendo o mesmo, Christian! Cadê elas que não chegaram até agora?

Desabo no sof á colocando a mão na cabeça.

— Sabendo como se preocupa com a Lana, óbvio que solicitei o mesmo da equipe responsável pelas suas redes sociais. Estão de plantão gravando a tela e tirando prints e inf ormando o nosso grupo jurí dico.Respondendo a segunda pergunta, Ari avisou que viriam pelo caminho mais longo, pois assim como conversamos no carro, ela queria f azer o mesmo.

— Não é hora para gracinhas, Christian. Eu só não quero que f iquem f alando merda da Lana.

Pol informa que elas chegaram. Minutos depois ambas adentram a sala de estar. Estava esperando receber algum tipo de esporro da morena, até me levanto ao notar seu narizinho avermelhado e seus olhos levemente inchados declarando claro o quanto chorou. Sinto vontade de puxá-la para os meus braços e af irmar que tudo dará certo.

Tira a jaqueta marrom colocando-a no braço do sof á seguido da sua bolsa. Esf regaas mãos na calça jeans, claramente ansiosa e nervosa, em seguida coloca as mãos na cintura encarando todos na sala, exceto eu. Volto a sentar tenso.

— Como iremos solucionar esse problema? — questiona indulgente com sua voz suave em uma nota mais baixa.

Os sons das respirações se misturam devido ao clima f odido que estamos passando.

— Ariana já deve ter lhe inf ormado que todos os internautas que estão dif amando você irão responder judicialmente. Nossa equipe juríd ica cuidará dos processos.

— Minha maior preocupação é o f ato de agora estarem colocando meus anos de estudos, tudo que ergui com esf orço por ter corrido atrás, em jogo — f ala para o outro lado.

— Então... sobre as f otos de vocês saindo do banheiro...

— *Tô* nem aí se estão pensando que transei no banheiro. Estou com raiva por agora estarem querendo manchar minha carreira como se eu tivesse conquistado tudo f azendo sexo — embravece gesticulando as mãos.

Franzo o cenho assimilando o que minha nutricionista disse. Então, a possibilidade de termos f odido no banheiro não mexeu tanto com ela? Quer dizer, sinto que existe uma teia de atração nos puxando, mas... passo a mão na barba f ocando no problema.

— Lana, nem posso imaginar como esteja se sentindo. Você é a melhor, eu mesmo olhei seu currí culo, seus f eitos e resultados comprovados. A internet está f ervorosa, gostam de julgar, tirar conclusões precipitadas e de machucar sem pensar nos danos sérios que podem causar ao próximo, simplesmente mandam a empatia, que a maioria deles pedem inclusive, para o espaço — discursa Christian totalmente solidário. — Preciso de um tempinho para buscar mais meios de reverter essa bagunça.

Orgulho-me do meu melhor amigo. Arquei com os custos da sua especialização em Direito Desportivo e seu curso de f ormação

de agentes. Christian foi o primeiro da turma tanto na especialização quanto no curso. É um homem inteligente, dedicado e tem a veia calma para situações que surto facilmente. Também custeei a especialização do Pol. Tenho orgulho dos homens que são e sou generoso por amá-los como se fossem meus irmãos de sangue.

— Tem um jeito de resolvermos isso rápido. Uma parte do problema ao menos — fala Ariana fitando os olhos da sua melhor amiga. Parecem conversar pelos olhares. — Podemos noticiar que vocês estão namorando. Um relacionamento que queriam manter longe da mídia. Não é segredo o quanto preza sua vida pessoal, apesar de não ter segurado sua fama de mulherengo.

Lana e eu nos encaramos sabendo as consequências perigosas que essa mentira poderá nos trazer.

— Quero retomar a minha reputação profissional, não a afundar mais!

Poderia me sentir ofendido com a declaração da morena, mas agora quero jogar esse jogo.

— Essa não é uma péssima ideia — diz Christian balançando seu dedo indicador no ar e fitando Ariana como se fosse a coisa mais preciosa do mundo.

— Namorar um jogador, o qual é meu paciente, onde supostamente transamos no banheiro de um restaurante e que na mesma noite saiu vídeo dele com duas mulheres, que segundo a mídia são menores de idade... com certeza vai limpar a minha reputação — profere a morena com aquele seu toque de ironia que alegra os meus dias.

— Não é minha área, mas achei a ideia da ruiva excelente — opina Pol tentando disf arçar suas expressões de diversão.

Escuto risadinhas e viro em direção as escadas pegando as pestes dos meus irmãos sentados assistindo e escutando tudo de camarote. Todos viram em direção deles que pararam de sorrir na hora ao serem pegos em f lagrante.

— Não querí amos atrapalhar— murmura Teresa.

— Mas já que atrapalhamos, gostarí amosde deixar claro que votamos a f avordo namoro. Namoro *f ake*de vocês — inf ormaLucí a sentada no degrau entre Teresa e Juan.

— Voto a f avor, apesar de amar você muití ssimo, Laninha — enuncia Juan piscando em seguida para a morena.

Faço um esf orço tremendo para segurar a risada. Sinalizo para darem privacidade.

— O namoro de vocês será um argumento bom para os dois estarem no mesmo banheiro e a cena em Bariloche — exprime Christian digitando algo no seu aparelho.

— Podemos dizer que Lana teve problema com o vestido ou passou mal e Marco f oi ajudá-la. E a cena de Bariloche será automaticamente explicada, como muitos já pensam que estão tendo um caso a conf irmaçãode um relacionamento sério cairá bem — verbaliza Ariana andando em linha reta em cima dos seus saltos altos de um lado para o outro.

— Isso! Perf eito. Os patrocinadores vão cessar a pressão. Sobre as mulheres, supostamente menores de idade, tiraremos a limpo.

— Estão esquecendo de três coisas, gênios. Primeiro que, eu estava no restaurante com Reykon, segundo que as mulheres podem ser menores de idade e terceiro será minha f ama de corna. Tem que ter outro jeito. Fala alguma coisa, Marco.

— Tenho quase certeza de que as mulheres que conversei na f esta do Torres não eram menores de idade, nem de longe. E se tinha menores participando, eu não soube. Tenho princí pios. E como assim f ama de corna? Não beijei ninguém na f esta.

— Sua f ama de Lobo não é somente no f utebol, Marco. É um mulherengo. Se entrarmos nessa mentira não vai aguentar ser f iel. Então novamente seremos o assunto do momento e todo o trabalho terá sido em vão.

— Isso é um desaf io?

Aperta os lábios e f echa o olhar. Ela deve estar chutando minhas bolas em seus pensamentos.

— É a minha reputação prof issional que está em jogo.

— Preciso que concordem para agilizar as coisas na M13.

Continuamos nos encarando f ixamente, cada um calculando o que realmente está em jogo.

— Estou dentro, doutora Rubio.

Os minutos pareceram horas até que f inalmente a morena f ala:

— Eu também.

Ariana e Christian soltam as respirações mostrando o alí vio. Os dois seguem para o escritório da mansão para iniciarem o próximo passo.

LANA

Sento no sof á pensativa. Não acredito que irei f ingir ser namorada do Marco. O Jamanta Espanhol.

— Você viu as f otos e os ví deos?

— Ari tomou meu celular. E agora mais calma acho que f oi uma excelente ideia.

— Isso vai passar.

— Espero.

— Olha, vai para casa. Descanse.

Por mais que tenha seus def eitosMarco tem seus momentos de gentileza.

— Pref iro f icar para trabalhar

Se eu f orpara casa irei cair em tentação. A última coisa que preciso é saber sobre a vida do Daniel, remoer nossas f otos e lembranças boas e ruins. Encaro mãos e dedos tatuados do jogador inquietos sabendo que aceitei embarcar nessa loucura de namoro f also nos últimos segundos do segundo tempo para usar como blindagem para quando me encontrar com Daniel. Ele nunca me procurou, e pode querer f azer isso quando retornar à Madrid.

Imaginei de dif erentes f ormas o nosso reencontro. E na maioria deles sempre o perdoei e me joguei em seus braços. Uma parte de mim ainda o ama e entra em conf litocom aquela que o odeia prof undamente por ter me abandonado sem um pingo de responsabilidade.

Éramos jovens apaixonados e f azí amosplanos. Só não contávamos que eu teria câncer no meio do caminho. Os impactos

da doença e do tratamento, muitas vezes incertos, mexeram comigo e com toda minha f amí lia.Tinha medo de morrer, de não realizar meus sonhos e não viver tudo que sonhava. Foram anos assustadores. Eu não esperava que meu melhor amigo e amor da minha vida f osse me deixar no meio do caminho.

Durante as quimioterapias escutei histórias de mulheres relatando que perderam os cabelos e em seguida seus maridos. Senti-a me sortuda por ter Daniel comigo, acreditava f ielmente em nosso amor. Enganei-me. Entrei nas estatí sticas de mulheres que são abandonas por seus parceiros durante o tratamento de uma doença. Esse desamparo me f eriu no momento mais delicado da minha vida.

Limpo a lágrima teimosa antes que molhe minha bochecha.

— Para você — Pol sorri estendendo a garraf a de água lacrada para mim.

Agradeço tentando sorrir. Conf iro o horário sabendo que preciso tomar meu remédio. Apanho sem deixar a cartela à mostra. Tomo-o bebendo água em seguida.

— Trouxe sabendo que costuma tomar remédio nesse horário.

Instantaneamente f ito Pol e depois Marco.

— É uma vitamina — digo.

Não f alam mais nada. Sinto o olhar pétreo do jogador em mim. Finjo não perceber.

Ari e Christian retornam do escritório.

— O nosso pessoal já irá reportar a notí cia. Uma nota em conjunto sairá nas redes sociais de ambos. A sua, Marco, terá duas

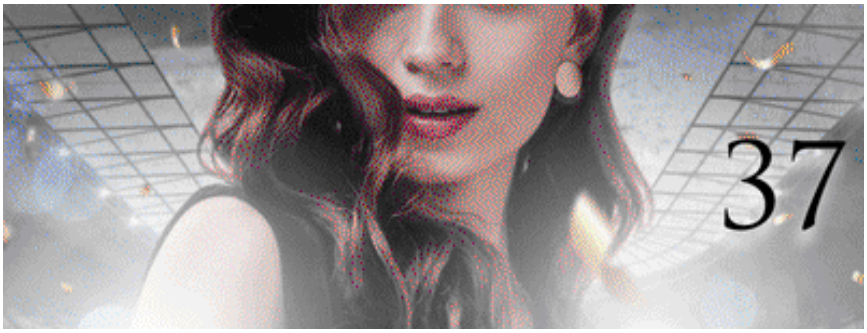
na mesma publicação para esclarecer a questão da f esta.

— Então... o que f azemos?

— Amiga, agora terão que aparecer juntos. E publicar algumas f otos juntos, o mais espontâneo possí vel, sabe? Real Madrid jogará contra Sevilla na terça-f eira. Será a ocasião perf eita para serem vistos juntos. A questão do Reykon também já f oi resolvida.

Meu Deus, amanhã é terça-f eira.

Encaro o jogador querendo entender por que apenas eu estou surtando com esse namoro f also. O Jamanta Espanhol parece tão... de boa.



MARCO

Por motivos óbvios Lana decidiu f icartrabalhando em casa. Preparou meu pós-treino e um lanche para eu comer na primeira pausa. Não insisti para que tirasse o dia de f olga sabendo que a teimosa não acataria. Por ser observador peguei no ar um possí vel outro motivo para ter abalado ela.

— Lana estava triste por outra coisa — penso alto.

Hoje vim dirigindo sem segurança. Como não tenho planos de ir em outro lugar não trouxe ninguém comigo. Gosto de dirigir, me ajuda a espairecer.

— Cara, deu para ver o quanto a carreira dela é importante. Estão colocando em jogo sua competência e conquistas.

Além de todo o caos instalado odiei ler comentários desrespeitosos sobre o corpo da Lana. As pessoas não tem limites. Por pouco não taquei o celular na parede.

— Tem mais. Não viu como ela chegou?

— Não, irmão. Como?

Continuamos caminhando pelos corredores do CT.

— Nariz avermelhado, precisamente a pontinha. Olhos inchados, o canto interno das sobrancelhas um pouco elevados, os cantos da boca em linha reta, e porra, Lana sempre está com um sorriso... ela estava muito abatida. Todos os músculos de sua f ace perderam tônus.

— Eu sabia — f ala rindo.

— Sabia do quê?

— Você gosta dela, irmão.

Paro de andar o f itando.

— *T á* errado.

— Mano, você ameaçou cortar os dedos do moleque de Bariloche com f aca de mesa e depois dar para os cachorros.

— Não ameacei ele dessa f orma. Eu deixei claro que f aria.

Volta a rir meneando a cabeça.

— Estamos só nós dois, Marco. Admite que gosta da Laninha.

— Para de chamar ela assim. E, não, eu não gosto.

— Se sente atraí do? Conf essa, porra — diz num tom humorado.

— Ela é bonitinha...

— Bonitinha? Nem você acredita nisso. Ela é um arraso, muito linda.

— Certo, parou, ok? Sim, ela é linda pra caralho.

— Nós três contamos tudo um para o outro. Fala, Marco. Assume.

Sou salvo por uns colegas de time que se aproximam. Entrego a bolsa térmica com a minha comida para que meu melhor amigo leve para o meu quarto. Sigo para o vestiário. Ao adentrar vou direto para meu espaço identif icado pela numeração e f oto.

— *Cabr ón*, não vai compartilhar como conquistou a doutora?

Devido ao tom debochado do meu companheiro de time f ico em dúvida se usou a gí ria de f orma positiva ou negativa. Decido ignorar, prendo a f aixa preta no meu braço esquerdo por cima da manga comprida da camisa azul-marinho.

— Xavi, qual é? — diz Menso trajando sua calça de goleiro.

— Estou curioso. Agora entendo porque não f alavasobre ela. Muito esperto, capitão — provoca. — Entendo sua irritação quando comentávamos da doutora. Também não gostaria de saber pelos outros como ele é gostosa...

Levanto tão rápido que quase não percebo. Pego-o pelo tecido do unif orme pressionando-o contra a parede.

— Chega, porra! Ao contrário de você não f icof alando das mulheres, comentando sobre seus corpos. Respeita a minha mulher, entendeu? — explodo, mantendo o meu último f io de controle conectado com a razão.

Xavi anua de f orma positiva mudando totalmente sua expressão. Largo-o de f orma brusca.

— Precisamos nos concentrar. Minha vida pessoal não é uma pauta aberta. Temos que manter o corpo são e nossas mentes sãs para o campeonato — discurso e meneiam a cabeça.

Ao entrarmos no gramado iniciamos o alongamento sem que o Chef ãomande. Conhecendo-o sei que irá me convocar para a sua

sala assim que o treino chegar ao f im.

Após o alongamento seguimos a orientação do técnico praticamos uma das jogadas para testá-la no jogo de amanhã. Cada um está consciente do seu papel em campo. Depois de uma hora, somos liberados.

— Os chamei apenas para praticar essa jogada nova. Amanhã ela será a primeira opção, jogadores — salienta o técnico. — Todos liberados para a concentração. Repito: regime de concentração. Não quero supressas desagradáveis.

Olha de mim para o Torres.

— Agora vão.

Não movo meus pés sabendo que preciso encarar a f era.

— Chef ão...

— Torres garantiu que não tinha menores de idade na f estinha dos inf ernos dele. Espero que seja provado. Ele não está sof rendo com ataques doidos, dif erente de você. Consegui segurar a diretoria, pois estou conf iando em vocês. Sorte sua, garoto, o presidente do CT te venerar. Você soma muito para o time, é um excelente capitão e acho que o mais disciplinado.

— Provarei para a mí dia o equí voco. Aceito o tí tulo de mulherengo, pois é uma verdade. Agora nunca, jamais, me envolveria com uma menor de idade.

— Lana é como se f osse minha f ilha. Ela f oi muito bem educada por Camilo e Thibaut, são homens honrosos.

— Técnico, eu juro que...

— Admiro você como jogador, capitão, irmão e pai. Poucos conhecem seu lado paternal. Se magoar a Lana... ajudarei Camilo e Thibaut a acabar com você, Marco.

Admito que sua ameaça deu um pouquinho de medo.

— A menina tem um jeito determinado, teimosa e sorrisos que nos marca. — Abre um raro sorriso, o que é raro de acontecer aqui. — Lana venceu coisas de gente grande sendo muito nova, a última coisa que ela precisa é se machucar, entendeu?

— Sim, entendi.

Quero questioná-lo, saber mais dessa parte da vida da Lana. Obrigo-me a não indagar, pois lembro que não sou ninguém em sua vida. Apenas seu paciente insuportável.

— Sei que os jovens de hoje não costumam conhecer formalmente os pais de suas namoradas, mas poderia fazer isso. Camilo e Thibaut são pessoas boas e acho que ficariam mais tranquilos ao conhecê-lo dessa forma.

Sem sombra de dúvidas não é um bom momento para dizer que nunca passei por esse tipo de coisa, pois nunca namorei sério. O mais trágico é que irei passar por isso num namoro de mentira.

Concordo e anuo.

Encontro Torres me aguardando no início do túnel que nos leva ao vestiário.

— Desculpa, cara. Sei que caí ramem cima de você e da sua garota.

— Tinha menores de idade? Sabe o nome das mulheres que conversei?

— Acho que não. Não, estava concentrado em outras... coisas.

— Sabe quem vazou o ví deo? Nada?

— Pode ter sido qualquer convidado. Tinha mais de cem pessoas.

Mas que porra.

LANA

Agradeço o segurança da equipe do jogador por ter vindo me deixar em casa. Cogitei em vir de metrô, como gosto, mas devido ao f ervoque está nas redes sociais não gostaria de lidar com nenhum curioso. Após tomar banho visto meu pijama surrado, certa de que iria conseguir me distrair com a escrita do meu artigo.

Não consigo digitar nada.

Pego o banquinho e subo para alcançar a caixa de papel no topo da estante. Sento no tapete abrindo-a como se liberando as lembranças que tentei a todo custo esquecer para seguir em f rente de verdade. Mas como esquecer alguém que amou tanto? Capturo a primeira f otoonde estamos juntos no clube de base que treinava. Vejo uma por uma com o sentimento mesclado, a alegria e a tristeza.

Por último pego a aliança de noivado.

Por anos odiei o câncer, o f atode ter f icadodoente, pois na minha cabeça a culpa toda f oi da doença. No entanto, por mais doloroso que tenha sido o tratamento e as consequências tirei um aprendizado. E se o Daniel me abandonou, não f icou comigo,

sequer assumindo seu papel de melhor amigo, isso diz muito sobre ele.

Eu acho que ainda o amo, porém não posso perdoá-lo. Ele f oi covarde comigo. Entretanto, ainda existe uma parte de mim que deseja tentar, de escutar a versão dele. Simplesmente não posso f azer isso. Sou mais f orte, venci uma puta doença.

Escuto a batida na porta. Limpo as lágrimas e começo a recolher tudo.

— Pode entrar.

Sãos os meus pais atolados de guloseimas. Sorrio. Papai Camilo me ligou desesperado querendo saber o que de f atoestava acontecendo. Ficamos quase uma hora em ligação.

— É aqui que estão precisando de sorvetes, chocolates, batata f rita, *cr oquet as*de *j amón* e churros? — pergunta papai Thibaut.

— Não podemos esquecer de carinho dos pais mais maravilhosos do mundo — completa meu pai Camilo.

Trazem tudo para a mesinha de centro. Em seguida senta cada um ao meu lado. Os olhos do papai Thibaut vão direto para a caixinha, agora f echada.

— Então, carinho, você e o jogador...? — não termina a pergunta.

Tenho vontade de rir, pois papai Thibaut nunca lidou bem com o f ato de sua f ilhinha ser uma mulher crescida.

— Ari e Christian acreditam que o nosso namoro irá resolver boa parte dos problemas.

— Mas o namoro é f also mesmo, f ilha? — indaga papai Thibaut.

— Muito f also, papai. Sério, Marco e eu nunca namorarí amos. Somos muito dif erentes.

Trocam olhares como se eu não estivesse vendo.

— Gente, é sério!

— Não f alamos nada, bebê — diz meu pai Camilo.

— Não conheço vocês desde que nasci, mas é como se f osse.

— Que papo é esse, minha f ilha?— inquere meu pai Thibaut.

— Você entendeu, pai. Sou adotada — lembro e o vejo tentando segurar a risada.

— Impossí vel, f ilha. Nasceu com o gênio e teimosia do seu pai — salienta papai Camilo e sorrimos.

— E com a beleza do seu pai Camilo.

Esticam o pescoço e trocam um selinho.

— Vocês são extremamente bregas, mas muito f of os.

Esmagam-me em um abraço conjunto.

— Filha, quer conversar sobre a retorno do Daniel?

Suspiro tentando controlar as lágrimas teimosas. Estou uma conf usão de sentimentos, indo de zero a dez em questão de minutos.

— Pref iro conversar sobre o Jamanta.

Meus pais riem.

Abrimos o primeiro pote de sorvete e cada um com uma colher começamos a encher os nossos corpos de altos índices de açúcar e gorduras trans. Como nutricionista é meio que automático buscar no cérebro o que fazbem ou mal. Geralmente tomo sorvetes orgânicos ou veganos. Tenho receitas super fáceis de sorvetes caseiros veganos. São deliciosos.

— Conta para o seu pai como se perdeu e que o jogador descobriu o apelido nada carinhoso que o batizou — pede papai Camilo entre risos.

— Amam quando eu pago mico, Jesus amado! Eu estava com medo, pensei nos possíveis animais que poderiam aparecer e me comer. O lindinho, durante a viagem, falou sobre tantos animais selvagens que foi impossível não pensar no pior

Acham graça. Eles sabem que às vezes sou dramática.

MARCO

Antes de sair de casa enchi meu filho de carinho e de beijos. Meus irmãos não irão assistir ao jogo em Sevilla, por conta de compromissos envolvendo a educação deles. As férias estão acabando, e aproveitaram como podiam, contudo, fiquei no pé para que prosseguissem nas atividades extracurriculares.

— Enviaram a nota — informa Pol.

Ele veio me deixar no aeroporto.

— Entrega minha camisa para Lana.

Conhecendo a chatinha sei que não vai gostar nada de usar minha camisa do time. Faz parte do teatro ela ir assistir à partida.

Será um ótimo momento para os f ãspresenciarem o quão real é o nosso namoro. Segundo Christian e nossa equipe mudarão de f oco.

— Eu sei, cara. Relaxa.

Ajeito a porra da gravata. Odeio usar terno e gravata, gosto mais de sobretudo e blazers. Porém, são normas do CT. Pela janela da sala exclusiva do Aeroporto de Barajas observo a aeronave dada pela empresa patrocinadora do time. A cor cinza e detalhes em dourado como nosso unif orme externo of icial destacam o avião.

— Será que ainda estão dif amando ela?

— Continuam. Isso vai passar. Minha mãe e tia Ileana não pararam de nos perturbar querendo conhecê-la. Ainda mais depois de terem dançado f lamenco.

— Lembre elas que... você sabe — digo f altando palavras com medo de um dos caras escutar de repente. Sei lá.

Está tudo uma verdadeira merda.

— Pensa pelo lado bom — sussurra. — Não é nenhum sacrif í cio f ingir ser namorado de uma gostosa.

— Porra, Pol.

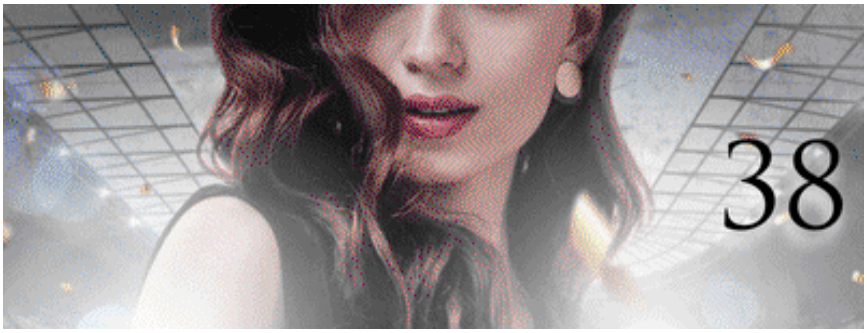
— Desculpa, mas só digo a verdade.

— Lana e eu...

— Somos incompatí veis, não f azemos o tipo um do outro, nos odiamos e blá-blá-blá — prof ere com ní tido deboche.

Somos convocados e me despeço do meu amigo sabendo que nos veremos dentro de algumas horas. O técnico marcou o horário de voo mais cedo para f azermoso regime de concentração

e aquecimento antes da partida. Chegaremos em Sevilla dentro de uma hora.



LANA

Chegamos ao Estádio Ramón Sánchez Pizjuán no carro blindado que Christian alugou para usarmos. Golias e outro segurança da equipe estão conosco. As crianças Carvajal não vieram, depois soube que era devido ao compromisso de atividades extracurriculares.

O jogador levou o cardápio que preparei para a curta viagem.

Estacionamos longe dos olhos f ervorosos dos f ãs de f utebol curiosos da mí dia. Reparo nas mulheres saindo de outros carros e instintivamente f açoo que odeio, acabo me comparando com elas. Elas, belas mulheres, usam vestidos colados ao corpo de alguma marca ressaltando o busto. Optei por trajar calça jeans de lavagem clara, cintura alta, modelo de *wi de l eg* chique que adoro, cropped assimétrico marrom e calcei meu par de tênis de Nike branco. São conf ortáveis.

— Gente, não posso f azerisso — desabaf of itando Christian e Pol.

Os melhores amigos se entreolham até pousarem os olhos em mim novamente.

— Claro que pode, Laninha — começa Christian com toda paciência do mundo. — Já soltamos a nota. Ari acabou de enviar mensagem dizendo que parecem estar comprando.

Adoraria que Ari estivesse aqui para me sacudir e voltar a pensar direito. Ela precisou f icar, pois assim como os demais integrantes da M13, está monitorando as notí cias e agenciando a crise de imagem minha e do jogador.

— Deve ter alguma coisa de errada. Meninos, pensem comigo, quem acreditaria que o Marco, o capitão mulherengo do time, que sempre f oi visto com belas mulheres — f alo gesticulando as mãos em f rente do meu busto deixando claro o que quero dizer. Rapidamente sobem os olhos para o meu rosto. — De repente está namorando uma mulher comum?

— Você é exatamente o que as f ãs do Marco, as que não são surtadas, gostariam que ele se apaixonasse. É inteligente, independente, linda, gos...

Pol para de f alar ao receber um aperto no ombro do seu melhor amigo interrompendo-o. Não entendi o motivo, mas continuo com a atenção neles. Sinto a culpa começar a esquentar minhas bochechas, pois aceitei no impulso ser a namorada f alsa do Marco como f orma de me proteger das possí veis atitudes viria a ter quando reencontrar o Daniel.

Eu também sou uma cadela covarde.

— Todos nós lamentamos muito por estar sendo dif amada. Isso não é justo. Não está f ácil para o lado do Marco também por conta da possível *f ake news*, pois até agora não sabemos se havia menores de idades na maldita f esta. Se tinha menores de idades,

def enderei o nome do Marco e f arei Torres assumir toda a responsabilidade. Conf io no meu melhor amigo, passo mais tempo sendo o agente dele do que melhor amigo, mas o conheço a minha vida toda. Caso tivesse desconf iado não teria continuado na f esta.

Respiro f undo uma, duas, três vezes.

— Ok. É apenas por um tempo, certo?

— Até parece... Ai! — Dessa vez Christian interrompe Pol com uma cotovelada na costela.

Mudo meu semblante encarando-os.

— Claro. — Christian limpa a garganta. — Será por um pequeno perí odo.

— Não vai vestir a camisa do Marco?

A primeira coisa que Pol f ezao me ver f oi entregar a camisa contendo atrás o nome do jogador e seu número.

— Acho demais. Pref iro não usar

— Precisam de demonstrações f of as. Mais de trinta mil pessoas estão presentes. Muitos vão te ver e tirar f otos para jogar nas porcarias das redes sociais, Laninha. Por f avor, colabora.

— Christian, acho demais. Adoro vocês, mas o Marco... enf im.

— Só vem e coloque um dos seus sorrisos bonitos — diz Christian, quase implorando.

Não posso largar o jogo depois de terem soltado as notas. O Jamanta não é um homem ruim, não o suporto, mas reconheço isso. Tem suas qualidades e como qualquer ser humano tem suas imperf eições. Anuo para os dois melhores amigos do jogador

Seguimos pelo percurso onde os torcedores e a mí dia não tem acesso. Fico intimidada com a quantidade de pessoas pressentes. A maioria são torcedores homens. De alguns anos para cá as mulheres começaram a f requentarmais um espaço que antes era totalmente masculino. Isso é ótimo. Os merengues — apelido dos torcedores do Real Madrid — são intensos e vieram organizados para assistirem ao jogo.

Sento entre Christian e Pol. Nossos bancos f oram reservados. Coloco minha mochilinha de ombro de couro na cor branca no meu colo sentindo um f riozinhona barriga. Os merengues cantam seu hino mostrando o quanto estão animados. Do outro pavilhão da arquibancada vejo um grupo de estrangeiros usando réplicas da camisa do Marco e de outros jogadores do time. Fãs vem de outros paí ses para ovacionarem os í dolos.

O telão do estádio exibe a f otodo capitão do time do Sevilla juntamente com seu número. Os torcedores rivais dos merengues aplaudem e gritam. Logo depois a f oto do Marco surge com seu número e no canto direito os números e os nomes que f ormam a equipe titular. Como era de se esperar os torcedores vibram.

Os jogadores entram segurando mãos de crianças, meninos e meninas, que trajam unif orme do time os quais são f ãs. As crianças se posicionam em f rente do jogador que é par. Para mim é um dos momentos mais f of os, pois muitas não escondem as expressões emocionadas e animadas por estarem acompanhados dos seus í dolos.

Gosto muito de f utebol, aprendi amá-lo devido a minha prof issão,assim como outros esportes. Em minhas pesquisas li que a ideia de os jogadores entrarem em campo antes da partida

acompanhados por crianças foi de um brasileiro chamado Ronan Ramos Oliveira, era um diretor de relações públicas de um clube bastante conhecido no Brasil. O objeto dele era atrair mais famílias aos estádios em dias de jogos. E deu muito certo, afinal, a FIFA levou a ideia de incorporar mascotes mirins para o mundo.

— O que vai fazer?— pergunta Pol quando vê que tirei meu *iPad* da mochilinha.

Apesar do barulho estava cogitando ler meu artigo e consertar erros de português ou qualquer outra coisa que escrevi fora da linha correta de raciocínio. Céus, preciso me distrair

— Eu ia ler meu artigo.

— Laninha, entra no jogo — solicita Christian sem desviar os olhos do campo.

Solto um bufo de desagrado e guardo o aparelho.

Mordisco o canto do lábio observando Marco. Após o prólogo inicial do jogo, o árbitro organiza o sorteio. O capitão do Sevilla ganha e com a bola no meio é iniciada a partida. Meus olhos miram no zagueiro tatuado, ele está atento na defesa e sei que só sairá dela quando tiver certeza dos seus passos.

O primeiro tempo já inicia tenso quando Sevilla chega na área do adversário armando o primeiro gol. Fico aflita vendo o artilheiro se deslocando pelos espaços e brechas encontradas. Marco grita alguma coisa para Ariel, lateral do Real, nitidamente furioso pelo cara do time rival ainda estar com a posse da bola.

Quando o artilheiro fazo passe para outro integrante do time com a intenção clara de tentar a sorte chutando para o gol cubro as mãos ao assistir a velocidade e força que Marco usando uma

técnica de defesa literalmente escorregando no gramado fazendo o jogador rival pular por cima dele.

Estou chocada.

— *Madrid, Madrid, Madrid¡Hala Madrid!*— os merengues cantam o grito de guerra deles.

Marco foi com tudo, poderia ter recebido um chute na cara. Jesus, nem quero imaginar.

— Foi uma técnica de defesa? — questiono aos meninos.

— Uma técnica própria dele — fala Pol assobiando em seguida e batendo palmas.

— Marco é esquentado dentro do campo acaba agindo no ímpeto. Porém, as técnicas próprias dele apesar de serem vistas como atos ruins por algumas pessoas do time rival, nós adoramos.

Marco faz passe para o volante do seu time, e os passes ficam mais fechados devido as marcações do Sevilla. Um membro do time rival fica como sombra do jogador tatuado que nitidamente está borbulhando de raiva. Sinto que está por um triz. Ele posiciona o corpo de forma favorável, com o pé de apoio na bola, fazendo a projeção da perna e o toque para seu colega de time. Rapidamente corre atrás do jogador do Sevilla que está com a posse da bola que pode culminar no chute em direção ao gol.

Ele vem como um carro de corrida e vai com tudo de si para fazer a defesa Escorrega, chutando a bola para fora do campo no processo, o jogador rival cai. O árbitro apita e o outro jogador fala com raiva apontando para o árbitro assistente que levanta a bandeira amarela, para o lado do campo que pertence o Sevilla.

Marco toma a f rentedialogando com o árbitro assistente e chega a imitar a cambalhota que o jogador rival f ez ao cair

Comprimo os lábios assistindo o desenrolar. Os jogadores retornam ao jogo e Marco não esconde sua expressão séria e taciturna. Ele está com muita raiva.

O jogador rival segue f irme invadindo o espaço do Real Madrid. Marco corre e f aza def esade um jeito incrí velao tirar a bola, chutando-a para longe. Devido a velocidade absurda que f oi, literalmente, deslizou para dentro do gol. Aplaudo sem conter a alegria e a energia incrí vel emanando dos torcedores merengues.

Paro de bater palmas quando sua í riscastanho-claro captura o meu olhar intensamente. Desvio minha atenção dele tentando entender essas sensações conf usase estranhas que ando sentindo pelo Marco.

Meus olhos acompanham os passes dos jogadores com af lição.Estão no segundo tempo e nada de nenhum time f azergol. Acho que não irei sobreviver até o f inal. O clima no estádio está tenso. O jogador levou um cartão amarelo e perdi as contas de quantas possí veisdiscussões teve com o árbitro e seus assistentes querendo provar sua razão. Claro, houve desentendimentos com dois jogadores e integrantes de ambas as equipes apartaram.

Marco f az passe para o Xavi que domina a bola com maestria. Em seguida passa para outro membro da equipe e seguem f irmestentando f azero gol. Com a oportunidade de chutar o jogador tatuado o f aze para a f elicidadedos merengues marca um belo gol.

Levanto junto com Christian e Pol ovacionando.

Ele f oi incrí vel.

Ele f oi... perf eito.

Penso que irá comemorar com os seus parceiros, mas corre atravessando o campo e ele... ah, não. Ele não vai f azer isso. Esqueço de respirar ao constatar que o jogador está vindo em minha direção. Sequer usa as escadas, pede licença aos torcedores nos setores de baixo da arquibancada pulando-as. Quero sair correndo, me esconder debaixo dos bancos, no entanto, não consigo nem piscar. Meu coração galopeia alucinadamente quando impulsiona o corpo em minha direção parando bem na minha f rente, na f ileira abaixo da qual estou.

— Você me odeia? — pergunta baixo com sua voz rouca.

Os torcedores não param de aclamar o gol que f eze estão euf óricos com o f ato de Marco ter saí do do gramado.

Sigo as gotinhas de suor escorrendo pelo rosto másculo, depois miro na sua boca entre aberta que tem um f ormato lindo e volto a encará-lo.

— Claro que eu te odeio, jogador — murmuro. — Lembrando que não estou em horário de expediente.

Puxa um sorriso de lado exibindo a covinha que raramente aparece, pois f ica quase escondida na barba cerrada.

— Eu também te odeio, chatinha.

E então sua boca toma a minha como se sempre tivesse sido sua. Seus lábios másculos tocam os meus com dominação, posse e vontade. Sinto a mão pesada agarrar minha nuca na medida que aprof undamos o beijo. Estou correspondendo o beijo do Marco

Carvajal, o jogador que odeio e não suporto. Recebo sua lí ngua quente e experiente em minha boca e f azemosmovimentos mútuos.

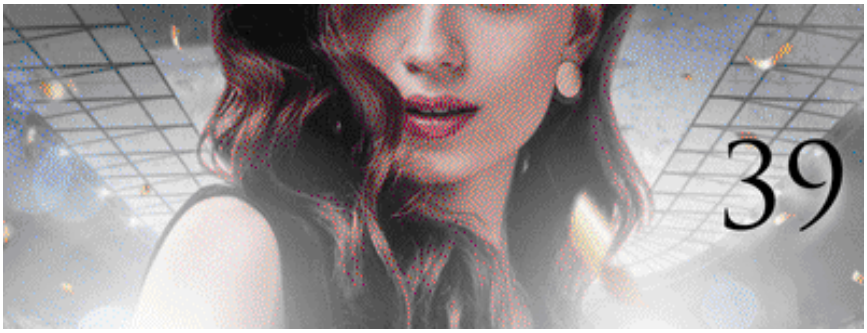
O beijo continua lento e prof undo, gemo abaf ado sentindo meu corpo todo reagir a pegada do jogador. Minha respiração oscila quando intensif ica mais, mudando de ângulo. Sem que eu possa controlar minhas mãos vão para sua nuca, meus dedos entram entre os f ios sedosos e molhados de suor. Sou consumida pela f irmeza da sua boca na minha, a f orma, a textura, seu gosto... um verdadeiro deleite de sensações.

O ar se f ez necessário e paramos aos poucos. Retorno ao planeta Terra escutando os gritos, aplausos e todo o f ervo dos torcedores. Marco roça os lábios marcados pelo meu batom rosa no meu e simplesmente começa a depositar vários beijinhos no canto da minha boca.

Eu acho que vou desmaiar.

Seus olhos estão f ixosna minha boca e prossigo sem reação quando me f ita.

Marco sorri para os torcedores e retorna para o campo, af inal, tem que comemorar com o pessoal do seu time. Tento voltar, ainda absorvendo o que acabou de acontecer e principalmente no prazer que senti com apenas um beijo de lí ngua. Não f oi qualquer beijo.



MARCO

Retorno ao campo para comemorar com meus colegas de time. Sinto o gostinho da morena em meus lábios e língua. Não pensei, apenas f izo que estava com vontade. Foi um beijo gostoso, cheio de entrega e desejo. Puta merda, nem sabia que precisava beijá-la até f azerisso. A porra da atração está me f azendocometer loucuras.

Percebi que quero cada parte da Lana. Estou completamente f errado.

Não agi pensando na repercussão do beijo. Esqueci de todo o resto e f iz o que estava com vontade de f azer Beijar aquela boquinha carnuda da chatinha. Ao entrar no campo tentei me concentrar no jogo, mas em um determinado momento ergui o olhar buscando-a com os olhos. Era como se tivesse uma energia pulsante me ligando a ela.

O técnico e os auxiliares dele entram em campo comemorando com a gente. Foi um jogo dif í cilSevilla contratou três jogadores brasileiros de elite e surtiu ef eito, af inal, f oi uma partida marcada por tensão. Óbvio, Ariel e outros colegas de time

conseguiram conter meus nervos nas discussões com os jogadores rivais.

Fujo dos repórteres correndo para o túnel com meus colegas que já tiraram a camisa comemorando. No vestiário gritamos, pulamos e nos abraçamos em comemoração. Somos parabenizados pela equipe do técnico, que assim como nós, não escondem a f elicidade pela vitória.

Procuro meu celular na mochila. Desbloqueio a tela e envio uma mensagem para minha nutricionista. Salvei o número dela como o nome: chatinha.

Qual a not a do bei j o, dout or a Rubi o?

Aguardo ansioso visualizando que está digitando.

Já t i ve mel hor es, j ogador

Mentirosa. Rio euf óricopela vitória e por tê-la beijado. Esse namoro f also é sem dúvidas o jogo mais perigoso da minha vida.

LANA

Dentro do banheiro do jato particular após trocar minha calcinha depois do beijo gostoso que o jogador me deu, continuo f itando meu ref lexo no espelho. Minhas bochechas e pescoço continuam rubros e para piorar meus lábios estão levemente inchados. Ele ainda teve coragem de enviar uma mensagem perguntando como f oi o maldito beijo. Não f icaria por baixo.

Fecho os olhos tocando meus lábios sendo projetada para a cena do beijo. Nunca f uibeijada dessa f ormatão gostosa e intensa. O que tive com meu ex-noivo f oiuma história de amor que se iniciou

em nossa pré-adolescência, então aprendemos tudo juntos, desenvolvemos juntos. Os beijos, toques, abraços eram sempre leves, românticos. Totalmente o oposto do beijo que troquei com Marco.

Estou sendo uma idiota em comparar, pois Daniel e Marco são totalmente dif erentes.

Sinto que f ui saboreada pelo jogador somente com aquele beijo. Foi f orte, intenso e dif erente. Nem deveria estar pensando no nosso primeiro e último beijo, se depender de mim quando sei que tudo não passou de encenação. Então por que ele colocou a lí ngua experiente? Recordo-me da sua f ama de mulherengo.

Abro os olhos af astando meus dedos da minha boca.

— Você o odeia, Lana — reverbero encarando meu ref lexo. — E você não vai querer ser uma das belas dele. Acorda, garota. Você é putinha? Sim, muito. Saf ada? Até demais. Burra? Não, isso não. Tenho uma reputação prof issional que no momento está por um triz, mas logo irei recuperá-la e irei desf azer esse namoro f also.

Preciso ser f ria, continuar nessa de f orma calculista. Buf o sentindo uma pontinha de culpa por ter tomado a decisão de ser a namorada f alsa do jogador temendo minhas reações no possí vel reencontro que terei com Daniel. De qualquer f orma, Marco e eu estamos nos usando para evitar que os boatos negativos respiguem em nossas respectivas carreiras.

Somos adultos e saberemos lidar com esse beijo público.



Seguimos direto para a Mercedes que viemos ao hangar. Durante o voo Christian não escondeu sua empolgação pelo beijo estar repercutindo nas redes sociais. Mostrou-me algumas f otos, no entanto, f ingidesinteresse. Para ser sincera pref ironão saber o que estão comentando. O agente inf ormaque irá direto para a M13. Pol voltará comigo e o Golias, pois deixou seu carro na mansão do Marco.

— Pode ir direto para casa, sabe disso, não é?

— Pref iro cumprir o restante do expediente.

— Poderia lhe f azer companhia, mas preciso ir à academia resolver umas pendências burocráticas.

— Você tem uma academia?

— Sou sócio do Marco na rede de academias M13. Nunca ouviu f alar? Temos uma unidade por quase toda a Europa. E o melhor, tem creche para as crianças serem cuidadas enquanto os pais treinam e uma área somente para mulheres. Algumas não se sentem à vontade treinando com homens, enf im. Ideia minha e do Marco.

— Nossa. Desculpa, treino numa no meu bairro.

Pol ri meneando a cabeça.

— O que f oi? — pergunto sem entender o motivo de estar rindo.

— Você não pesquisou nada sobre o Marco — conclui.

— Apenas o relatório médico e exames dele me interessam — minto sentindo minhas bochechas esquentarem.

Ao chegarmos na mansão nos despedimos e ele vai direto para seu carro estacionado na parte coberta. Assim que entro na mansão vejo Danna descendo as escadas com um amontoado de toalhas dentro de um cesto.

— Quer ajuda?

— Não precisa, querida. Estou apenas levando para a lavanderia. Assistiu ao jogo?

Seus olhos não escondem o entusiasmo e a alegria. Não a coloquei na parede sobre ter sido cúmplice da Lucí a, pref eri f ingir que nada aconteceu. O que se tornou impossí vel após o nosso retorno de Bariloche.

— Marco f ez um gol.

— Eu acho que ele f ezdois, querida. — Pisca para mim e sai rapidamente.

Muito esperta.

Uma música num ritmo lento dando ênf ase em f rases. Curiosa concluo que está vindo do escritório. Paro no batente da porta entreaberta e assisto Ander sentado no chão de f rente para uma moça usando um conjunto de roupas e jaleco branco. Pelo exercí cio que estão f azendo acredito que seja f onoaudióloga.

Indago-me mentalmente que nunca poderei realizar meu maior sonho por medo. Af asto o pensamento triste sorrindo ao observar as tentativas do lindinho no exercí cio.

Saio, seguindo para a cozinha. Largo a bolsa e a jaqueta na banqueta indo direto para a despensa. Conf iro a organização

contendo produtos de primeira qualidade. Agora não tem mais industrializados e enlatados. Uma parte está destinado as guloseimas das crianças, agora com produtos menos agressivos. Marco acatou minha ideia.

Retorno à cozinha com os produtos que irei utilizar na preparação do jantar do jogador. Farei uma quantidade menor, pois não sei se virá jantar em casa. Se eu f osse sua namorada de verdade enviaria uma mensagem perguntando, mas não sou... que merda estou pensando? Pelo amor de Deus!

Quando termino de f azer a ref eição da noite completa vejo Ander se aproximar timidamente. Sua babá sorri para mim e sai em seguida nos dando privacidade.

— Lala, eu assisti ao jogo. No mudo, como sempre f aço.

— Todo? — questiono preocupada.

Oh, céus, ele viu o beijo.

— Foi o que eu disse, Lala.

— Ander, seu pai e eu somos...

— Namorados — diz tranquilamente e se aproxima mais com seu jeitinho tí mido. — Tia Teresa me disse.

A última coisa que desejo é que Ander, de alguma f orma, seja machucado por essa mentira. É evidente a f alta de participação da sua mãe em sua vida. Ela não sabe o que está perdendo. Presencio o amor e cuidado do jogador com seu f ilho e irmãos. São uma f amí lia bagunceira e amorosa. Entretanto, tem a possibilidade do lindinho sentir f alta da sua mãe.

— Sabia que tenho irmãos?

Agacho-me em sua f rente mantendo distância, respeitando seu espaço.

— Não sabia, lindinho.

— Acho que eles não gostam muito de mim por eu ser...

— Pode dizer, Ander.

— Anormal — cochicha. — Escutei uma vez minha mãe dizer para meus irmãos que sou anormal, por isso não brinco como as outras crianças. Por f avor, Lala, não conta para o meu papai.

Fico sem reação e sentindo uma raiva exacerbada.

— Não leve a sério a f ormacomo sua mãe lhe chamou. Você é uma pessoa com...

— Def iciência. Papai já me explicou.

Sorrio para ele diante da sua esperteza e sensibilidade.

— Vi minha mãe cozinhando com meus irmãos algumas vezes. Também já assisti alguns f ilmes onde crianças f azem receitas junto com a mães. E o papai f ala que você cozinha muito bem.

Ah, jogador... seu f ilho acabou de entregar você.

— Está muito ocupada agora?

— Não. Na verdade, estava arrumando tudo para ir embora, mas diga o que tem em mente.

Fita seus pés mexendo o pezinho direito e pergunta:

— Podemos cozinhar juntos, Lala?

Meus olhos ardem, pois novamente penso que nunca terei um momento assim como meu f ilho ou f ilha.

— Gosta de pizza? Tenho uma receita excelente, lindinho.

Ander levanta a cabeça fixando sua íris verde em meus olhos. Sua vibração e felicidade genuínas estão evidentes. Contribuirei de todo meu coração para que tenha gravado na sua memória esse momento que compartilharemos juntos. Fico um pouco emocionada quando mexe o narizinho de um jeito gracioso seguido de um pequeno sorriso onde exibe a covinha parecida com a do seu pai.

Ergo-me e estendo a mão para me acompanhar.

— Vamos pegar tudo que precisamos na dispensa.

— Certo, Lala.

Minutos depois, após colocar tudo que buscamos na despensa no balcão, Ander pega uma banqueta posicionando-a ao meu lado, em seguida sobe nela. Pego o maior bowl que encontro. Iniciamos o processo juntos. Derramamos o trigo, duas colheres de chá de açúcar orgânico, duas colheres de sal rosa e um quarto de xícara de azeite de acidez baixa.

Acabo sorrindo ao notar a lambança que estamos fazendo. Impossível cozinhar com criança sem fazer bagunça, mas é uma bagunça divertida. Adiciono a água morna aos poucos.

— Agora precisamos misturar devagar — informo.

— *Ih*, Lala, *tá* parecendo massinha.

Se diverte com os dedinhos melecados de massa.

— Estou fazendo certo?

— Claro que está, lindinho. Estou louca para comer, pois amo pizza.

— Quero aprender para fazer todos os dias para você, Lala.

Penso que passar um ano convivendo com o lindinho será de puro aprendizado e lembranças bonitas que irei guardar com todo carinho do mundo. Quando sentir saudades dele poderei me apegar a elas.

Busco uma assadeira e quando a massa está dissolvida deixando claro o ponto correto, aviso:

— Agora colocaremos para descansar por trinta minutos. Enquanto isso preparamos mais uma massa. Será que lembra do passo a passo?

— Sim, eu lembro — f ala exibindo suas emoções.

Deixo que f aça os primeiros passos sozinhos. Acaba derramando muito mais trigo, logo o ajudo a consertar.

— Estão preparando o quê? — indaga Lucí a largando a mochila e tirando o casaco.

— Pizza — responde Ander sem parar de trabalhar na massa.

— Diga que tem o suf iciente para nós — f ala Teresa se aproximando.

— Seja lá o que f or, também quero. — Rio do comentário do Juan. — Laninha.

Beija minha bochecha, em seguida beija a cabeça do sobrinho.

— Então f aremos um f estival de pizza, pessoal. Lavem as mãos e venham nos ajudar.

— Prefiro assistir suas lindas mãos e dedos trabalharem na massa...

Interrompo Juan:

— Agora, Don Juan — prof io f azendo as meninas rirem do apelido.

Os adolescentes se aproximam, logo começo a passar as instruções. Juan é o mais atrapalhado e nos tira boas risadas. Minutos depois de alguma f ormainexplicável tem poeira de trigo até no seu cabelo. Quando Ander termina de preparar sua massa coloco-a para descansar e cubro com pano de prato limpo.

Lindinho e eu seguimos para o molho e recheios. Teresa abre o aplicativo da morada ativando o som num volume baixinho, agradável para Ander. Sorrio ao reconhecer a música do Rubén Blades. Distraio-me escutando sobre o treino de basquete do Juan.

Abrimos a primeira e a segunda massa, deixando-as no f ormato de pizza. Recheamos todos juntos, ou seja, f icou uma bagunça. Dou um tapinha na mão do Juan por estar comendo os chouriços, ao invés de colocá-los em cima da massa caseira. Somos generosos nos tomates e queijos.

MARCO

Não via a hora de chegar em casa. Alguns caras do time comentaram sobre a cena do beijo e no quanto as namoradas deles iriam exigir uma demonstração de amor do tipo a eles. Foi engraçado. Xavi f icou mais sisudo, não tocou no assunto e acho que entendeu o recado.

Durante o caminho para casa f izalgo que não costumo f azer: navegar pelas redes sociais. O beijo está repercutindo. Leio alguns

comentários achando graça de uns e mudando drasticamente de humor com os comentários dos machos sobre Lana. Porra, ela é minha... namorada de mentira, enf im, mas cacete, cadê o respeito? Eu sei que ela é uma puta de uma gostosa, no entanto, não quero os homens f alando isso.

Exaspero bloqueando a tela do celular.

Aceitei a ideia do namoro de mentira acreditando que iria me divertir tirando a chatinha do sério. Contudo, a porra da atração que sinto por ela, as coisas estranhas que sinto, e o beijo, claramente não f oide mentira. Foi real. Real pra caralho. Fazia tanto tempo que não beijava daquela f orma tão entregue.

Agradeço o segurança e motorista por terem ido me buscar no aeroporto.

— Golias, tudo tranquilo por aqui?

— Sim, senhor.

— Certeza? Juan não colocou f ogo em nada? Não está na delegacia?

Golias ri lidando com meu humor ácido. Ele é muito paciente. Passa a maior parte do dia conosco e nos conhece perf eitamente bem. Tirou meus irmãos de possí veis f uradas. Apesar de manter a f isionomia prof issional e dura quem não o conhece pensa que é um brutamontes sem sentimentos. Puro engano.

— As crianças não aprontaram nada.

— Graças a Deus. Já era para você ter ido — concluo conf erindo o horário no meu relógio esportivo.

— A doutora Rubio ainda está na mansão. Entrei a uma hora para perguntar se já poderí amos ir, mas não quis atrapalhar. Ela

estava cozinhando com seu filho e irmãos. Aguardo sem problemas.

Franzo o semblante pensativo. Ander cozinhando? Geralmente ele gosta apenas de me assistir preparar a ref eição quando tiro um tempo para cozinhar para ele. Estranho Juan estar envolvido, pois é um dragão. Só entra na cozinha com intenção de comer tudo que vê pela f rente.

— Pode ir descansar, Golias. Eu deixo a Lana em casa.

— Irei deixar a equipe avisada para acompanhar seu carro...

— Não precisa. Eles me monitoram pelo GPS.

— Como quiser. Até amanhã.

Entro caminhando em direção à cozinha. Escuto a f alação, risadinhas e ao f undo uma música do Rubén Blades. Meus irmãos estão sentados comendo pizza com a mão juntamente com Lana e meu f ilho. Ander pega outro pedaço e murmura algo para a morena que abre um de seus sorrisos bonitos e cativantes, por f im morde a pizza que meu garoto lhe of erece. Mastigando ergue o polegar e f az expressões demonstrando o quanto a pizza está gostosa. Ander libera um pequeno sorriso tí mido.

Lana parece tão certa estando entre as pessoas que amo na vida. Cruzo os braços assistindo-os com uma emoção surreal. Não sei a def inir por completo, no entanto, é como se a morena f osse uma obra de arte poética, dif erente e rara.

Isso está me assustando pra caramba.

A morena tem uma beleza, sensualidade e inteligência que se destaca de longe. Recordo-me das vezes que f alei para mim mesmo que ela não f azia o meu tipo. Um caralho a quatro que não

f az. Estava apenas tentando me convencer, f icar imune. Estou pisando num terreno perigoso.

— Irmão, parabéns — parabeniza Teresa com seu jeitinho carinhoso.

Aproximo-me abraçando um por um, exceto a morena.

— Você mandou muito bem — comenta Juan antes de morder a sua f atia de pizza.

— Bem até demais — solta Lucí a.

Lana se engasga com o sentido da f rase da pestinha. Sento ao lado do meu f ilho segurando a risada. Cheiro e beijo sua cabeça.

— Lucí a, sua tonta — Teresa alerta sua gêmea a f itando com os olhos arregalados.

Juan conduz a conversa tirando Lana da situação constrangedora. Quem diria que a chatinha de lí ngua af iada f icaria acanhada. Faço questão de olhá-la mesmo sabendo que está evitando contato visual. Estamos passando por um caos, contudo, talvez o namoro f also tenha virado a chave abrindo uma porta que f iz questão de manter trancada f ocado somente no meu f ilho, irmãos e carreira.

Óbvio que meu jeito desconf iado devido as pessoas que trabalharam comigo terem quebrado minha conf iança prejudicou meu pré-julgamento de pessoas novas entrando em minha vida. Aliás, f oi meu pré-julgamento que f ez Lana me odiar

— Você lava a louça, Juan. Fiz minhas unhas hoje — avisa Teresa recolhendo os pratos sujos.

— O que eu não f aço pelas meninas da minha vida, não é? — murmura Juan indo para a pia.

Pelo horário, tanto Danna quanto Magda, já f oram embora. Conhecendo-as sei que deram privacidade para os meus irmãos, f ilho e Lana.

— Bom, eu já vou indo, crianças — prof ere,logo em seguida planta um beijo na bochecha do meu garoto.

— Foi bem divertido, Lana. Podemos... repetir — diz Teresa parecendo envergonhada.

— Claro que podemos, Teresa.

— Eu subo com você, Ander. Quer assistir um f ilme?

— Quero, tia Lu — responde tranquilo. — Obrigado, Lala.

Beija a bochecha da morena inesperadamente rápido e segue sua tia. Lana levanta mantendo um sorriso singelo nos lábios cheios trajando sua jaqueta e recolhendo sua bolsa.

— Eu deixo você em casa.

— Não tem necessidade. Tem que descansar.

— Seu beijo me deu muita energia, doutora.

— Marco... você me beijou por f azer parte do show

Vejo o lampejo f ulminante de desejo mudar para decepção.

— Vem comigo, chatinha.

— Pode parar com esse apelido, Marco! — exige mexendo o narizinho, exibindo braveza.

— É justo já que me chama de jamanta, não concorda?

Mordisca os lábios sabendo que não esquecerei tão cedo o apelido inf eliz, porém admito que é engraçado.

— Olha, não preciso de carona. É, sério. Pegarei um Uber até a estação mais próxima. Coisa rápida.

— Faço questão de deixá-la em casa. Vem.

Estendo a mão que f icano ar, pois a morena irritante passa por mim sem segurá-la. Eu bem que tento ser um cavalheiro com ela.



Dirijo o Audi blindado sem sucesso em conseguir f azerLana conversar comigo. Ela mantém um mistério e sigilo sobre si que mais do que nunca quero descobrir. É como se f osse um escudo para não deixar ninguém a conhecer além da prof issionalf oda que é.

Mas é isso que quero mesmo? Saber quem é Lana Rubio, a morena absurdamente linda e inteligente que me tira do sério desde que nos conhecemos?

— Presumo que se dá muito bem com seus pais.

— Marco, não precisamos conversar, ok?

— Eu quero. Geralmente você é uma tagarela.

— Quando estou trabalhando.

— Eles são liberais, tipo... você leva seus namorados para casa?

Quero me chutar quando vejo a idiotice que f alei.

— Moro na casa da piscina. Meus pais são ótimos. E não levo meus namorados, pois não tenho nenhum.

— Então o cara do restaurante era somente seu amigo?

Aperto o volante com mais força ao lembrar do babaca beijando-a.

— Assim como tem suas *belezas*, eu tenho os meus, jogador.

Ah, Lana... agora pegou pesado.

Sinceramente não estou me reconhecendo. Primeiro: é um erro se comparar com as mulheres que passaram pela minha vida, que não foram poucas, confesso. Segundo: não estou entendendo esse ciúme, essa vontade louca de puxá-la para mim. Sim, talvez tenha ideia do que seja, mas... Lana é diferente. Minha experiência não está servindo para porra nenhuma.

Estaciono em frente da bela casa. Os muros tem plantas conhecidas por cercas vivas que o cobrem dando um charme a mais. Observo-a tirar o cinto de segurança.

Movido pela impulsividade beijo o canto da sua boca.

— Obrigado — agradeço deixando-a sem ação.

Seus cílios longos e naturais sombreiam os olhos castanho-claros que a noite ficam mais escuros. Reparei isso. Agradeço-a por ser tão benevolente com meu filho e meus irmãos. Lana é sincera, verdadeira e honesta. Demorei para acreditar no seu caráter.

— Não foi nada.

Sorri visivelmente tímida.

Saio do carro com a mão na mochilinha provavelmente procurando as chaves. Volto a apertar o volante do carro com mais força, sem conseguir me conter tomo a decisão de agir sem pensar nas consequências.

— Lana — chamo-a ao sair do Audi.

Ao virar a cabeça agarro sua nuca com f orça descendo minha boca para a sua. Juro que pude ouvir o som do meu coração alucinado. Meus dedos apertam a cinturinha mantendo-a colada a mim enquanto me perco em seus lábios macios e carnudos. Subo minha mão colocando-a sob sua garganta movendo meus lábios contra os seus, totalmente inebriado e cheio de tesão.

Inclino mais a cabeça e minha lí ngua pede passagem. A morena permite e somos consumidos por um espiral de paixão. A beijo com mais prof undidadequando geme baixinho, abaf ado.Lana mantém as mãos nas minhas costelas de um jeito f irme, arranhando-as superf icialmente causando um arrepio gostoso.

Giro minha lí ngua dentro da sua boquinha, saboreando-a toda. Estou inf lando,quente pra caralho. Gemo rouco quando chupa meu lábio, aperto com mais um pouco de brutalidade sua nuca a dominando e sugo sua lí ngua,volto a mover meus lábios contra os seus, tomando tudo.

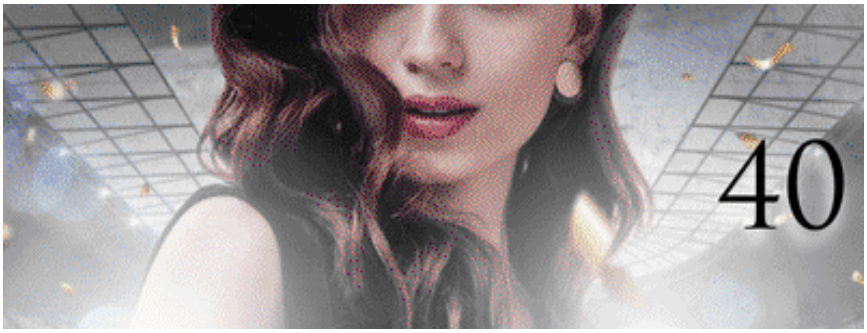
Roço minha boca sobre a sua e sem resistir acabo dando uma mordidinha suave em seus lábios.

— Marco, o que...

— Não diz nada, morena.

Peço lendo suas expressões. Não entendo o receio da Lana sobre nós. Claro, declaramos não f azermos o tipo um do outro, porém tudo não passou de fachada. Da mesma f ormacriamos um ódio gratuito um pelo outro para nos manter protegidos.

Encarando seus olhos, constatando como estão pesados de tesão e paixão assumo para mim mesmo o absurdo que Lana Rubio está causando no meu coração.



LANA

O que eu diria? Nada.

Os dedos tatuados deslizaram na minha bochecha e segurei o suspiro. Fui completamente arrebatada pelo beijo. Marco é viril, másculo, f ortee intenso. Não deveria ter correspondido agora, nem no beijo público em plena comemoração do gol que f ez.No entanto, não resisti. Simplesmente me deixei levar.

Ele beija pra caramba. Muito bem.

— Isso... não era para ter acontecido.

Seguro seu punho af astando-o e resgatando o resto de sensatez que ainda tenho.

— Por que não? Somos namorados.

Pisca para mim.

— Não tem graça, Marco. E que história é essa de morena? Sou sua nutricionista, a chata, esqueceu?

— Chatinha — murmura de um jeito sem vergonha.

Ah, não! Ele só pode estar f azendo de propósito.

— Marco, é sério. Isso entre nós... não é real. Nunca vai ser — digo f irme.

Sua expressão f ica pesada e deu um passo atrás me f itando.

— Somos adultos e solteiros. Qual o problema?

Para responder sua pergunta de f orma cem por cento honesta teria que expor uma parte que f açode tudo para mantê-la guardada, longe dos olhos das pessoas. Não tenho vergonha por ter tido câncer de mama. O problema é que essa doença maldita f odeu a minha cabeça. Como se não bastasse o tratamento doloroso f iquei cheia de inseguranças e medo de essa vadia voltar para alguma outra parte do meu corpo.

Não acho que Marco seja o homem certo para mim, caso eu mudasse de idade sobre relacionamentos sérios.

— Eu não f ico com atletas.

— Você não f icava. Claro, pretendo ser o primeiro e último a quebrar seu protocolo prof issional.

Volto a pensar nos seus beijos, no seu gosto, no seu cheiro e em sua pegada. Merda, não posso ir por esse caminho. Se ele estiver pensando em levar algo a sério sairá machucado, pois def initivamente não sou a mulher certa para ele.

— Vai embora, por f avor

Vem com tudo para cima de mim e chupa meu lábio inf erior mordendo-o em seguida. Se eu não estivesse encostada na parede, cairia, pois viro uma massa sôf rega e cheia de tesão por esse homem lindo. Eu gemo quando toma meus lábios ao mesmo tempo que suas mãos agarraram minha cintura. Ignoro o f atode as plantas do muro estarem pinicando minha pele.

Abro mais a boca para receber seu beijo exigente e prof undo. Sou levada para outra dimensão. Seu corpo duro e f orte

colado ao meu aumenta a palpitação da minha vagina. E hoje, pela segunda vez, o jogador estraga minha calcinha com seus beijos devassos. Meus dedos sobem para o seu pescoço, e movimentamos a cabeça mudando de ângulo.

Paramos o beijo sem pressa, deixando o beijo mais íntimo. Lambe meus lábios, para salpicar pequenos beijinhos neles. Apoio as palmas das mãos em seu peitoral definido com a intenção clara de empurrá-lo, mas... eu não consigo. Deveria, seria o certo, contudo, falho miseravelmente.

Encosto a cabeça no seu queixo e recebo um beijo carinhoso na testa. Meu coração bate alucinado dentro da caixa torácica. Parece que não sou eu, quer dizer, estou diferente, aparentemente sem as armaduras que ergui há anos.

— O que te impede, Lana?

Arredo colocando espaço entre nós.

— Vamos focar em resolver a bagunça que está nossas carreiras.

— Está usando como desculpa.

— Eu... eu só não quero — reverbero a mentira.

Volto a procurar a chave dentro da mochilinha fugindo do seu olhar. Finalmente as encontro. Ao erguer a cabeça em sua direção me deparo com sua expressão máscula marcada por traços leves.

— Entendi, doutora.

— Ótimo. Boa noite...

Sou pega de surpresa com um beijo no canto da minha boca.

— Espero você entrar.

Encosta no carro e cruza os braços f ortes de f orma relaxada.

Sem reação para debater abro o portão o mais rápido que consigo. Assim que o f echoapoio as costas tonta de desejo, tesão e conf usão.Estou totalmente inebriada pelo jogador insuportável, pelo Jamanta Espanhol que adora me irritar... deveria ter impedido os beijos.

Eu sou uma idiota.

MARCO

Meu humor mudou ao receber o convite eletrônico da f esta dos meios-irmãos do meu f ilho. Acordei cedo f ui ao quarto dele e em seguida dos meus irmãos. Uma rotina que acostumei f azer Pol já me esperava para iniciarmos o treino f uncional sem exigir muito, af inal, ontem joguei. Faço o cardio na piscina e estranho quando vejo Danna servindo minha primeira ref eição do dia na mesa externa.

— Lana já chegou? — questiono, of egante, erguendo os ósculos de natação.

— A menina ligou cedinho avisando que acordou com f ebre, provavelmente uma gripe. Hoje eu irei preparar seu cardápio seguindo à risca as recomendações da doutora. Já a vi preparar milhares de vezes.

— Gripe?

Apoio o braço na borda constatando que ontem Lana não pareceu estar gripada. Ela realmente não estava.

— Sim. Dei a receita de um chá excelente.

Impulsiono o corpo virando-o para sentar sem tirar os pés da água. Estou cogitando que a morena usou essa desculpa para não me encarar hoje. Eu não deveria ter sido tão impulsivo.

— Excelente treino, irmão. Superou seu tempo anterior.

Pol exibe a tela do cronômetro digital prof issional aprova de água.

— Acho que me precipitei.

— Eu já posso dizer: eu te avisei? Adoro f alarisso para você e o Christian. Todos nós sabemos que o mais sensato e inteligente dessa amizade sou eu.

— Agora não, Pol.

— Fui muito claro sobre a tensão entre você e Lana. Você estava ocupado demais sendo tapado.

— Não me f aça te af ogar nessa piscina, cara.

— Antes de cometer essa crueldade comigo me escuta. Vocês começaram com o pé esquerdo, e depois veio a surpresa de trabalharem juntos. Todos nós notamos o jeito que você olha para ela, como se olham. Uma hora a f icha caiu, ainda bem que não demorou oitenta e quatro anos para isso.

Preciso concordar com o meu amigo. Estava ocupado demais negando para mim mesmo a atração, e depois que a admiti f iquei mais conf uso e temeroso. A verdade é que esperava que minha nutricionista pisasse na bola comigo para expulsá-la da minha vida com um enorme cartão vermelho. Assim continuaria sendo o mesmo Lobo Espanhol de antes.

Um mulherengo incurável.

— O namoro de mentira mexeu comigo. Sei lá, a Lana não se compara as outras mulheres. Parece que não tenho ef eito algum sobre ela, quer dizer em ambos os beijos senti sua entrega, ela é quente pra caralho, mas depois corre.

— Se beijaram de novo?

Então me dou conta que f alei de mais. Anuo conf irmando.Pol bate a mão nas minhas costas comemorando. Christian chegará aqui sabendo da novidade, pois Pol é um f of oqueiro de primeira.

Começo a pensar sobre amor. Posso estar apenas obcecado pela atração desf reada que sinto pela morena. Agora que admiti isso e provei do seu gosto a quero por completo como nunca quis outra. O que mais assusta é o f atode não ser apenas uma atração sexual. Lana me cativa com sua bondade, seus sorrisos, apesar de alguns serem tristes claramente escondendo seus verdadeiros sentimentos, com seu jeito atrapalhado e engraçado, a f ormacomo dança f lamenco, sua inteligência e principalmente como parece pertencer à minha casa, com meu f ilho e irmãos.

Ela é a intensidade em pessoa.

A conclusão dos meus sentimentos não para de causar o caos dentro de mim.

LANA

Hoje é um dos dias que meu corpo não quer f uncionar corretamente. Ele simplesmente está indisposto a seguir a rotina. Liguei cedo para Danna inf ormando a f alta. Também acordei um

pouco enjoada, contudo, me f orcei a comer um pouco. Meus pais prepararam o caf é da manhã juntos e comeram comigo.

Estou deitada de pijama na espreguiçadeira meio embrulhada com o cobertor torcendo para sair um belo sol para que eu absorva vitamina D. Durante meu tratamento consumi tudo rico em cálcio e quando não estava f raca demais f azia caminhada pelo bairro com Ari ou com um dos meus pais. O tratamento de câncer se associa ao aumento da incidência de osteoporose. Por mais que houvesse dias que não aguentasse segurar nada no estômago, devido ao enjoo terrí vel, me esf orçava. A última coisa que precisava era de mais complicação.

— Posso ligar para a secretária da doutora Marí a José. Você é uma paciente antiga, devem lhe encaixar — f ala papai Thibaut sentado na espreguiçadeira ao lado trajado em seu unif orme de piloto. Ele f ica lindo.

— Papai, eu estou bem. Essa indisposição me acompanha, sabe como é.

— Quer que eu f ique? Ficarei, vou ligar para...

— Nada disso. Vai trabalhar tranquilo, senhor Thibaut.

Minutos depois meu pai Camilo aparece e beija o rosto do seu esposo e deita perto de mim me abraçando. Começa a f azer um caf uné gostoso na minha cabeça. Automaticamente f echo os olhos.

— Qualquer coisa me ligue.

— Ligaremos, meu amor. Faça um bom voo.

Sinto o beijo af etuoso do meu pai na minha testa, seguido de um estalar de selinho logicamente no seu marido.

— Então, f ilha... está se entendendo com o bonitão?

Abro os olhos meio emburrada.

— Bonitão, pai? Ah, não.

Encara-me com a diversão tomando conta de seu semblante.

— Vi quando chegaram.

Volto a f echar os olhos sentindo vergonha. O jogador e eu tivemos sorte por ser tarde da noite e que a rua estivesse deserta. Fizemos quase um atentado ao pudor.

— Pode f ingir que não viu nada?

— Eu não vi, juro, bebê. Quando vi que ele lhe pegou para um beijo saí da janela arrastando seu pai que borbulhava de ciúmes da f ilhinha dele.

— Que vergonha.

— Pelo contrário, f ilha.

— Pai, por f avor

Ele ri.

— Poderia convidá-lo para jantar conosco.

— Claro que não. Vale lembrar que somos namorados de mentira. E aquele beijo, assim como o beijo do estádio, f oi um tremendo erro.

— Posso dar minha humilde opinião, f ilha?

— Te amo, pai, mas não.

Aperta meu nariz rindo.

— Usarei minha posição de pai para f alar mesmo assim.

— Muito democrático — debocho.

— São nos pequenos detalhes que nasce o amor. Nem precisa acontecer um beijo ou toque, na troca de olhares já dá para sentir a conexão. Começa ser amor antes de qualquer coisa.

Decidida a f azer meu pai mudar de opinião sobre o jogador mulherengo, revelo como Marco e eu nos conhecemos verdadeiramente. A última reação que esperava do meu pai f osse que gargalhasse.

— O Jamanta Espanhol f oi um escroto com sua f ilha. E está rindo?

— Desculpa, mas estou ligando os pontos.

— Espero que seja os pontos do ódio mútuo que Marco e eu sentimentos um pelo o outro. Os beijos f oram apenas um... deslize.

— Do ódio ao amor. São as melhores histórias de amor.

— Não escutou nada do que eu disse, pai?

— Escutei. Poderia me prometer uma coisa?

— Acho que não vou gostar.

Papai acaricia minha bochecha com o polegar olhando no f undo dos meus olhos.

— Viva por inteira, f ilha.

Seu pedido me abala.

— Eu estou vivendo, pai. É isso que tenho f eito.

Balança a cabeça negando de f orma lenta e exibindo um sorriso triste.

— Você não está vivendo inteiramente. O câncer partiu seu coração em milhares de pedaços e depois do Daniel ter ido embora decidiu se f echarmais ainda. Se entregue para um novo amor, tente

de novo, cole os cacos do seu coração. Volte a arriscar, viver com tudo de si, volte a ser a minha Lana, a minha filha e uma lutadora pela vida. Você venceu o câncer, carinho. Acabou.

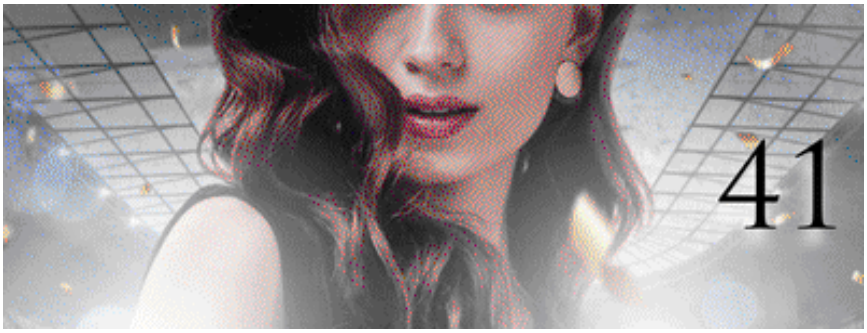
As lágrimas molham o meu rosto, e meneio a cabeça.

— Ele pode voltar, pai. Não tenho forças para enfrentar um novo tratamento, não vou aguentar ver o medo nos olhos de vocês. Eu... eu não quero mais ficar doente, não quero.

Abraça-me acarinhando minhas costas.

— É normal que tenha inseguranças, mas não pode deixar de viver como deve. Está curada, minha filha. Pare de pensar no maldito *se*.

Choro ainda mais com o rosto escondido no peito do meu pai. Choro como a muito tempo não fazia.



LANA

Escolho um blazer alongado para usar por cima da camisa do *body sl i n*de gola alta sem mangas. Ontem Ari apareceu meia hora depois de eu ter enviado uma mensagem dizendo que estava indisposta. Trabalhou de casa, sentada na cama enquanto f iquei deitada lendo um livro. Inf elizmente não teve sorte com nenhum atleta.

Darei um jeito de ajudá-la.

— Espero que o encontro de hoje dê em algo bom. Preciso transar.

— Você não é única — resmungo trajando o terno.

— Ao menos você tem namorado agora.

Como é cí nica. Buf o alto. Decido voltar o assunto para ela.

— Pensei que tinha gostado do último cara.

— Achei ele perf eitodemais. Quem gosta de homem perf eito é agência de modelo. Gosto dos complicados...

— Chave de cadeia — completo, f azendo-a sorrir.

Arrumo minha necessaire verif icando se não devo repor nada.

— Escuta, pode f icar mais um dia em casa. Falo com o Christian.

— Ontem já acordei melhor, e hoje melhor ainda.

Sorrio conf iante para minha melhor amiga.

Ontem f oquei totalmente na escrita do meu artigo e f ui à terapia. Faltei as últimas sessões devido aos estudos e trabalho. Depois dos conselhos do meu pai Camilo a f icha caiu. Papai tem razão. Estou apenas levando a vida de um jeito f rio por medo da maldita doença voltar. Não se trata apenas de o Daniel ter me abandonado no auge do meu tratamento.

Fiquei f eliz por ter me desligado do retorno do meu ex. Sequer liguei a televisão, pois a maioria das emissoras cobrem as coletivas de imprensa do f utebol. É um paí s apaixonado pelo esporte, então não teria como ser dif erente. Continuo longe das redes sociais deixando tudo nas mãos da social media e da Ari que juntamente com Christian e o restante da equipe do jogador prosseguem f azendo um excelente trabalho para driblar a crise.

Preciso me curar do Daniel e seguir em f rente quando encontrar o homem certo. Não estou procurando, nem tem como, af inal para as pessoas que não sabem o que está acontecendo de verdade, nos bastidores, eu sou comprometida com Marco Carvajal, o capitão do Real Madrid.

— Vamos tomar caf énaquela caf eteria próxima ao Portal da Praça *Mayor* ?

— Claro.



Durante o caf éda manhã, sentada numa das mesas externas da caf eteria,conf ironovamente a agenda do meu paciente. Danna f icoude preparar a primeira ref eiçãodo dia dele, pois hoje irá mais cedo para o CT devido a sessão de f otoscom os novos unif ormes do time. A marca esportiva, uma das principais patrocinadoras do time, contratou um estilista sul-coreano e um engenheiro de tecidos renomado para criarem o melhor unif orme que eles já tiveram.

Ari me deixa no CT. Ela irá pegar o próximo metrô para Barcelona onde tem uma reunião com um jogador de basquete. Estou torcendo para que consiga seu primeiro atleta. Minha melhor amiga é f oda no que f az.

Sigo direto para a cozinha. Cumprimento Josef ina, como sempre me recebe com muita hospitalidade, dif erente do nutricionista. Conf iro os produtos, depois conf iro a qualidade dos peixes f rescos. Ao sair descarto a touca e luvas descartáveis no lixo.

— Ei, é tão bom vê-la — diz Pol me abraçando.

Nos encontramos no corredor que f icaa biblioteca. Preciso terminar a investigação sobre o melhor suplemento para o jogador. Faltam menos de vinte para verif icar

— É bom de te ver também.

— As crianças não pararam de perguntar sobre você.

Ontem Danna f ez chamada de ví deo comigo e pude conversar com o lindinho. Para ser sincera também senti f altadeles.

— Bom, mais tarde os verei. — Sorrio.

— Não quer f icar comigo na arquibancada? Ainda estão tirando f otos, mas logo depois tem treino.

Desde quarta-f eira Marco envia mensagens perguntando se estava bem ou se precisava de algo. Foi muita gentileza dele, porém f ui sucinta nas respostas. Não dei espaço para conversas longas. Marco entendeu as respostas lacônicas como um sinal para evitar tentar puxar conversa.

Admito que ainda estou assimilando os beijos e a bagunça interna que f izeram em mim. De qualquer f orma não irei longe com isso. Marco não é o meu tipo, aliás, não deve ser meu tipo por nada desse mundo. Se f or para me apaixonar novamente tem que ser com um homem mais tranquilo, de pref erência longe dos olhos da mí dia.

— Pref iro f icar na biblioteca. Ainda estou na luta para encontrar o suplemento ideal.

— Tudo bem. Almoçamos juntos?

— Sim.

Acredito que Pol estando comigo e Marco o clima entre nós não f ique tão estranho.

Escolho a mesa próxima a parede de vidro. Sento e encaixo o f one de ouvido sem f iona orelha. Seleciono o ví deo contendo uma matéria f eita por um nutricionista renomado f alando sobre nutrição esportiva e o uso de suplementos. Costumo acompanhar todas as reportagens, matérias, documentários, artigos e livros que saem a respeito.

Trabalho escutando a matéria.

Largo a caneta f itando a tela do *i Pad* totalmente f rustrada por nenhum suplemento disponí vel no mercado ser ideal para o Marco. Não adianta escolher um sendo que não irá atender tudo que seu corpo precisa. O meu paciente necessita de solução eletrolí tica, contendo hidratos de carbono e que aumente a absorção de água. Além, é claro, de ter uma quantidade de kcal — quilocalorias — no máximo contendo cem. Não posso esquecer dos principais ergogênicos que são essenciais para as perf ormances dos atletas.

Abro a garraf a de água sorvendo-a e paro quando uma ideia surge. Aviso a bibliotecária, a senhora de cabelo curtinho, que irei deixar minhas coisas na mesa, mas logo estarei de volta. Conf erindo o horário no relógio decido atrasar o horário de tomar remédio devido ao f ato de não ter f orrado o estômago. Por ser muito f orte, tomá-lo sem comer nada antes causa mal-estar.

Sigo pelo caminho mais curto animada com a sugestão de darei. Ando pelo corredor iluminado, contendo luzes embutidas até no rodapé, repassando a ideia excelente. Diminuo os passos ao escutar vozes masculinas. Estou na ala de recuperação dos jogadores. Viro e paraliso ao ver, a alguns metros, Daniel dialogando com um senhor de terno e um dos auxiliares do técnico.

Era como se eu tivesse voltado no tempo. Eu lendo um livro de romance sentada no estof ado embutido na janela e depois de alguns segundos deixei a leitura para observar o garoto marrento usando a camisa do seu time de f utebol pref erido.

Tudo que vivemos juntos começa me inundar, me af ogar. Nós iniciando uma amizade, nos tornando melhores amigos, o nosso primeiro beijo, nossa primeira declaração de amor.

Queria ter uma borracha para apagar essas lembranças. Antes eram relembradas e contadas com pura alegria, depois de ele ter ido embora se tornaram dolorosas. Não queria perder o que tí nhamos, mas acabou. Acabou de um jeito covarde.

Apoio a mão no meio da minha barriga sentindo f alta de ar. Retomo o controle do meu corpo e antes que me vejam retorno pelo corredor buscando a saí damais próxima. Preciso de ar puro, sair da sede... preciso respirar. Finalmente chego na parte externa. Paro na lateral da arquibancada — em uma das entradas — sentindo o vento me ajudar de alguma f orma voltar a respirar naturalmente.

— Está tudo bem — repito baixinho para mim mesma.

Não está nada bem.

Nunca estive bem de verdade.

Inspiro e expiro me resumindo a nada. Sem que eu consiga engolir a vontade de chorar as primeiras lágrimas se f azem presente.

MARCO

Retorno ao campo para buscar minha garraf a de água térmica. Do outro lado do gramado vejo Lana encostada na lateral de uma das entradas do estádio. Conjecturo, por alguns segundos, que pode estar f alandocom alguém pelo celular, mas então estica a mão apoiando no concreto e abaixando a cabeça.

Ela está passando mal.

Corro atravessando o campo de f utebol.

— Lana, o que está sentindo?

Vira de costas claramente pensando em se esconder. Esses dois dias tentei manter contato, algum tipo de aproximação. Algo que nunca f iz com nenhuma outra mulher. A morena me cortou deixando evidente o distanciamento que queria manter. Decidi respeitar por não querer chateá-la. Então segurei a vontade de bater na porta da sua casa.

Meu f ilho e meus irmãos sentiram f alta dela. Ander até chegou a f alar com ela por videochamada. Lana Rubio não bagunçou apenas o meu mundo. Constatar isso não está me assustando tanto como antes.

— Nada... só preciso de alguns minutos...

Reparo em suas mãos trêmulas. Cogito que possa estar tendo uma crise de ansiedade.

— Pode olhar para mim?

Nega balançando a cabeça.

— Por f avor, Marco, preciso de uns minutos sozinha — f ala com o tom de voz choroso, trêmulo.

Obviamente não é o momento de Lana saber que não pretendo deixá-la sozinha nunca mais. Concluir isso numa situação tensa não f oi uma escolha.

— Por que jamanta?

Mudo o f oco. Seja lá o que desencadeou sua crise de ansiedade preciso que se distraia. Finalmente f icade f rentee vejo a ponta do narizinho vermelho e os olhos marcados pelo choro.

— Marco...

— Eu mesmo. Também conhecido como Jamanta Espanhol por uma nutricionista f odona e gostosa.

Espanta-se com minhas palavras e acho graça. Corta a distância entre nós colocando a mão na minha boca. Pede quase desesperada:

— O que você acabou de dizer, seu louco? Escuta, não sei que jogo é esse, mas chega.

Apesar da atitude cômica f icosério ao sentir a temperatura gelada da sua mão. Seguro seu punho e conduzo sua mão para a lateral do meu rosto.

— O mundo todo sabe que somos namorados.

— De... você sabe.

— Poderí amos aproveitar não acha?

— O que colocaram no seu pré-treino, homem?

Af asta a mão macia do meu rosto.

— Qual o problema? Me dê um motivo. Porra, não sou o único que está sentindo essa atração surreal.

— Não sou mulher para você.

Acho que ela poderia ter me dado um soco.

— Desculpa, não estou desmerecendo você. Você é lindo, com todas suas tatuagens, corpo atlético perf eito, cheiroso — tagarela e cruzo os braços segurando o sorriso, me divertindo. — É estiloso, másculo e um pouco rústico, adoro seu corte de cabelo também, é um excelente pai, um excelente irmão e amigo, é meio paranoico com segurança, mas depois que começamos a trabalhar juntos compreendi essa parte. É meio chato e esquentado? Sim, f az

parte. Você é famoso, tem um fã clube gigantesco e algumas fãs surtadas. De qualquer forma, estou querendo chegar no ponto de que não gosto de holofotes. Temos o gênio forte, Marco. Resumindo, jogador, somos incompatíveis.

Deixo o sorriso escapar e a morena cobre a mão com a boca se dando conta do quanto falou. Sendo um excelente estrategista e jogador formulo uma proposta. Aproximo-me e Lana apoia as costas no concreto. Estendo meu braço acima da sua cabeça adorando sentir seu perfume doce.

— Para de fingir, chatinha — peço, rouco, fitando seus olhos castanho-claros.

— É sério, Marco. Não complica as coisas. Eu não quero relacionamento sério, claro, você também não quer. Acontece que eu não... não repito um cara casual.

— Diga que você não está com vontade de me beijar? — profiro cheio de tesão e paixão.

Observo-a umedecer os lábios cheios e bater os cílios longos de forma rápida. Beijo a ponta do seu nariz voltando a mirar meus olhos nela intensamente.

— Eu estou com vontade beijar sua boquinha carnuda. Amo o formato nela e penso em cada coisa — confesso. — Posso te contar?

— Para... — pede baixinho, escondendo o que realmente quer.

— Um homem não pode revelar para sua mulher o que pretende fazer quando estiverem a sós?

— Eu não sou a sua mulher.

— Eu já sou seu homem, todo seu. Escolhi você, escolhi tentar, escolhi jogar esse jogo com tudo.

Entreabre os lábios pasma com o que eu disse. Foda-se. O medo disso dar errado mandei para a casa do caralho. Nunca me senti assim antes, e é algo que não posso ignorar. Chega de f icar negando e procurando desculpas. Silenciei minha mente e agora conf iototalmente nas reações do meu corpo. Ele parece ser mais honesto do que minha mente.

— Você está louco!

— O que te impede?

Roço meus lábios no lóbulo da sua orelha sentindo prazer por saber que a morena está gostando.

— Está muito excitada?

— Isso... claro que não — nega miseravelmente.

— Vou perguntar de novo, amor — o apelido carinhoso sai naturalmente. — Se meus dedos tocarem na sua boceta agora a encontraria molhada pelo seu homem? Por que eu estou duro pra caralho, Lana.

Admiro suas reações marcadas pelo tesão. Lana está se segurando, querendo repelir e resistir a maldita teia de sedução e atração que nos cerca. Seus olhos f ocam em minha boca em seguida descem f ocando na protuberância que ostento.

— Nós dois juntos... somos um erro.

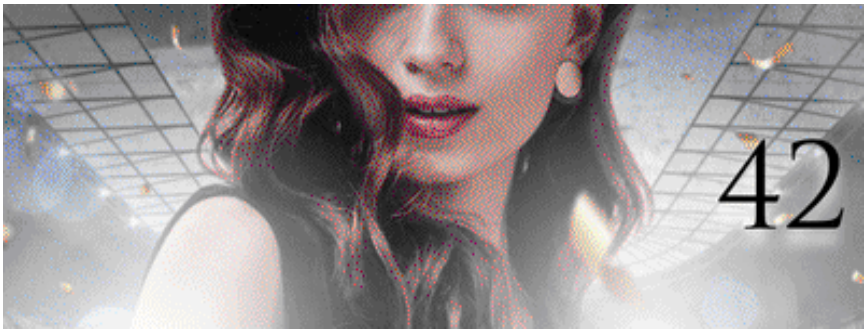
Não é isso que meu corpo e o dela dizem. Principalmente quando estão tão pertos. Com a Lana vencerei todas as partidas.

— Tudo bem, amor.

Ergue a sobrancelha surpresa por eu não continuar insistindo. Não é por que ela está com meu coração que pode f icar pisando nele. Jogarei do meu jeito.

Seguro suas mãos constatando que voltaram a temperatura normal. Beijo as palmas das suas mãos com carinho. Sorrio ao ver sua expressão.

— Te encontro no ref eitório — digo e beijo o canto da sua boca antes de retornar ao gramado.



LANA

O jogador sai me deixando sem reação e excitada.

A ansiedade que antes me atacou cessou, e agora volta a cair a f ichade que vi o Daniel depois de tantos anos. Quer dizer, eu o acompanhava pelo *I nst agr am*. Era masoquismo da minha parte ainda mais ler as f of ocas sobre ele e de seus casos. Chorava, f azia comparações e depois tentava f ingir que estava tudo bem.

Pessoas adultas precisam seguir em f rente.

Com o celular no bolso ligo para Ari.

— Daniel está aqui — revelo assim que atende.

— Puta merda. O que o anticristo f oi f azer no CT de outro time?

— Esperava que soubesse, Ari. Eu... por pouco não esbarrei nele. Estava com um homem e um dos auxiliares do Chef ão.

— Prometo descobrir. Ligarei para o meu pai. Como você está?

— Estranha. Tive uma crise de ansiedade, mas já estou bem

— Fez os exercí cios de respiração?

— Tentei — pauso. — Marco me ajudou.

Não pretendo contar como por telef one, só de lembrar um arrepio gostoso se instala em meu corpo.

— Isso é bom. Qualquer coisa me ligue, amiga.

— Obrigada, Ari.

— Por nada. Te amo.

— Te amo mais.

Enceramos a ligação e solto o ar lentamente.

Daniel deixa de ser uma preocupação devido a tudo que Marco me disse a poucos minutos. Não esperava que o jogador f osse ser tão direto, muito menos admitisse a atração sem deixar dúvidas. Claro que estava louca para beijar sua boca, sentir seu gosto, literalmente me jogar em seus braços f ortes e tatuados. Mandar todo o resto para bem longe.

Falei demais quando exigiu uma resposta por estar sendo contra ao nosso envolvimento. Admiti na cara dele que é um gostoso, um homem em todo o sentido da palavra. Viril, másculo, f orte e lindo. Perdi o f iltro, e pior, ele saiu com um sorrisinho convencido e novamente estragou outra calcinha minha. Deveria mandá-lo lavar todas por ser tão provocativo.

Acho que esse namoro de mentira veio para bagunçar tudo. Era mais f ácil quando Marco e eu nos evitávamos.

MARCO

Antes de entrar no vestiário precisei pensar em qualquer outra coisa para meu pau voltar a f icarmole. Lana vai me pagar por todo esse tesão acumulado.

Os meus colegas de time não param de conversar e rir. Apesar de todos estarem descontraí dospor dentro estão sentindo a pressão para a temporada num dos campeonatos mais importantes da Europa. Queremos mais um tí tulo e trof éu. Trabalhamos para isso.

O treinador pegou mais pesado nos treinos e seu olhar estreito para mim não passou despercebido. Coloquei-me em seu lugar, af inal, Lana é como se f osse sua f ilha. Poderia ter dito a ele que tenho mais chances de sair machucado do que ela, pois se depender de mim não corre esse risco.

No caminho para o ref eitório converso com o meu f ilho por chamada de ví deo. Ele mostra os desenhos que f ez de animais selvagens. Esse será o presente dos seus meios-irmãos. O aniversário é hoje e estou torcendo para que Georgina cumpra o que prometeu.

— Acha que meus irmãos vão gostar, papai?

Ángel e Genar são crianças que tem de tudo, acho que ganhar um presente f eito à mão pelo irmão mais velho irá signif icar muito.

— Óbvio que sim, vida. Eu mesmo gostaria de um desses.

— Posso f azer um para o senhor. — Sorrio. — Tia Teresa me ajudou a pintar, ela é mais delicada. Mas não conta para tia Lu, pois não quero que se magoe com essa verdade, papai.

Sorrio outro vez. Todos nós sabemos lidar com a f alta de f iltro social do Ander. Aprendemos cada vez mais. Isso não é um problema para nós.

— Prometo não dizer nada.

Converso mais um pouco até que Magda o chama para almoçar. Despeço-me do meu f ilho.

Desf açomeu sorriso assim que vejo Lana conversando com o idiota do Demétrio. Assim como da outra vez que os vi almoçando juntos, ele não disf arça seu interesse pela morena. Sem pedir licença abraço-a por trás e beijo sua bochecha f azendo-oparar de f alar

— Marco, belo gol contra o Sevilla — elogia liberando um sorriso f also.

Ele não me suporta.

— Sem meus companheiros de time não teria conseguido — f alo a verdade.

— Bom, estou indo. Obrigada pelas dicas, Lana.

— De nada, Demétrio.

Quando se af astabaixo o tronco e sussurro pertinho do seu ouvido:

— São amiguinhos agora?

— Está levando o namoro a sério, jogador — provoca.

Ah, quando pegar a Lana, por que sei que isso vai acontecer mais cedo ou mais tarde, espero que aguente tudo. Que mulher dif í cil.Espalmo minha mão em seu ventre tentando descê-la um pouco mais. Lana põe as mãos em cima das minhas af astando-as.

— Ele é seu tipo?

— Não vamos ter essa conversa num corredor. Aliás, não teremos mais esse tipo de diálogo.

— Mereço uma resposta, doutora Rubio. Demétrio é seu tipo? Aquele imbecil que estava com você no restaurante, é?

— Vamos almoçar.

— São melhores do que eu?

— Que bobagem. Óbvio que não — responde rápido.

Contento-me com a resposta por enquanto. Of ereço a mão e a morena gostosa respira f undo antes de entrelaçar sua mão pequena na minha. Caminhamos lado a lado de mãos dadas e assim entramos no ref eitório. Apesar de ambos estarmos em ambiente de trabalho, eu mais do que ela, isso não impede que ajamos como namorados.

Os caras do time não dizem nada e prosseguem na f alação. Sentamos mais af astados com Pol. Agradeço a Josef ina quando traz nossas ref eições.

Depois do almoço f ui descansar o corpo e mente dormindo, seguindo as orientações da doutora Rubio. Ela pref eriu f icar na biblioteca. Tenho por mim que não f icarámais na minha suí tedo CT sabendo que agora estou disposto a tornar real a mentira que jogamos na mí dia. Após acordar, meia hora depois, segui para o ref eitório para tomar meu pré-treino. Agradeço a cozinheira e encontro uns colegas, desço com eles minutos depois para o gramado.

Desde então estou treinando na def esa há quase uma hora. Apesar de estar concentrado vez ou outra busco Lana pelo olhar. A morena está na arquibancada ao lado do Pol.

Tenho pensando muito na decisão que tomei em relação ao que venho sentindo pela Lana. Estou arriscando por f inalmente ter

admitido que não existe apenas atração f í sicæ sexual entre nós. Essas duas coisas, costumava sentir com as mulheres que saí a. São dois sentimentos passageiros. E o que estou sentindo pela chatinha não é passageiro. Agora entendo porque me assustou, aliás, ainda continua me assustando.

A gente só vive uma vez. Então f oda-se as inseguranças. Essas cadelas não vão me acovardar.

Observo Lana colocar o cabelo atrás da orelha e passar o dedo na sobrancelha bem-f eita com uma expressão de concentração. Se antes já era linda — e mesmo assim f aziaquestão de negar — agora parece absurdamente mais linda para mim.

Desvio a atenção dela para impedir que o artilheiro reserva invada a área da def esa. Foi por pouco.

— Condução de bola agora, pessoal — anuncia um dos principais auxiliares do técnico.

Rapidamente os outros organizam as marcações no gramado e f ormamos uma f ila. O outro auxiliar apita e começo. Mantenho a bola ao lado do corpo, dou um toque nela e paro usando a f ace interna do pé. Continuo pelas marcações f azendo o toque na bola com a f ace externa do pé. Lembro que f oi um dos primeiros exercí iosque aprendi no time de base, f aziaparte das avalições do técnico. Treinava em casa com ajuda dos meus melhores amigos.

Prossigo na condução de bola f azendo para a esquerda e para a direita.

— Não é para pisar na bola. Está errado — um dos auxiliares chama atenção do volante. — Quero a volta mais rápida. Agilidade, time!

— Evitem olhar para a bola. Olhem para a f rente, para o campo, vejam quem está próximo para passarem — brada o treinador. — Precisam ter sempre uma visão ampliada do jogo.

Ele estava conversando com o diretor do CT, que veio assistir um pouco do treino.

Trabalhamos o coordenativo seguindo as orientações f azendo a técnica entre as oito marcações.

— Agora na estaca.

Seguimos para o outro lado e f azemoso mesmo treino, desta vez com a estaca. A estaca é um dos objetos que usamos durante o treino técnico. Seu cumprimento é muito superior à largura.

— Bateu o ombro, Xavi! Tem que ir mais para a lateral — vocif erao Chef ão. — Mais agilidade, Torres. Você também, Perro. Bora, Galês! Está de enf eite Joaquí n?

Continuo no exercí cio bilateral sendo rápido e ágil.

O treino chega ao f ime somos liberados. Por ser sexta-feira meus colegas seguem animados para o vestiário.

Com a garraf ade água e toalha na mão vejo Lana e Pol se aproximando. Bebo a água deixando-a cair um pouco pelo meu corpo para ref rescar A morena não f icaimune, pois a í riscastanho-claro acompanha o movimento. E olha que nem f oi proposital.

— Irmão, estarei esperando vocês na recepção — avisa Pol.

Meneio a cabeça concordando. Meu amigo se af asta.

— Você não pode passar da sua hora de comer, então irei ver como está a preparação na cozinha.

— Não ganho nenhum abraço?

— É o seu aniversário? — indaga fazendo carinha de desdém. Ah, morena safada difícil da porra.

— Muito engraçada. Você é uma boa corredora?

— Meu fôlego para corrida é como de uma idosa, mas tento.

— Perfeito.

Mudo a expressão largando minhas coisas no chão. Lana entende meneando a cabeça de forma negativa.

— Você está ensopado de suor. Pode parar agora, Marco Carvajal!

Claro que não a escuto. Sem opção de fuga corre no gramado querendo escapar de mim. Acho engraçado, pois diminuo até o ritmo para não a alcançar rápido demais. Seus cabelos voam com o vento para a frente do seu rosto e agora seu sorriso está meio bravo. Até com raiva essa mulher é gata.

— Para com isso, jogador. Não tenho fôlego para competir com você — diz respirando em haustos.

— Recusou o abraço do seu namorado.

Semicerra o olhar deixando claro o quanto está enfurecida. Estamos menos de um metro de distância. Aposto que na sua cabecinha está me torturando sem pena.

— Marco... chega disso.

— Estou levando a sério. Aceite isso e assume o que está sentindo. Conhecendo você, não por completo, ainda, sei que está fugindo do abraço e não por eu estar suado.

Lana definitivamente não é uma mulher *f r escur ent a*Provou isso desde que nos conhecemos.

— Você está me levando ao limite. E para de olhar desse jeito para mim.

Dá um passo para trás me encarando sem conseguir blindar o que está sentindo.

— Apenas me libertei. Estava sendo um empecilho para mim mesmo. Agora, não mais.

Quero estar numa parte do coração da Lana que nenhum outro homem esteja, pois no meu... ela já está habitando. ´

— Pelo amor de todos os santos, homem. Você não está normal. Ai, não, não corre...

Não termina, pois volto a correr atrás dela. Rio do seu jeito e dos xingamentos nada carinhosos. Chego rápido o suficiente para evitar que leve uma queda. Rodopio ela no ar umedecendo seu corpo delicioso com meu suor, beijo seu braço escutando seus gritinhos irritados, mas não demora muito para escutar a primeira risada.

— Agora é sério. Parou, conseguiu o que queria, jogador — prof ere assim que a coloco no chão.

— Gosto do seu cheiro mesclado ao meu. Imagine quando...

— Nem pense em concluir ou juro que te acerto.

— Serão como f lechasde amor — f alosomente para irritá-la ainda mais. Sei que soou brega.

Sem que eu espere vem para cima de mim tentando me acertar com um algum golpe de arte marcial. Mais uma coisa sobre a minha mulher que acabei de descobrir. Na minha ingenuidade, sendo ignorante ao julgar meu tamanho e f orça, pela técnica que

aplica paro no chão rápido. Só tive tempo de agarrar sua cintura puxando-a para cima de mim.

— Era para você encontrar o chão sozinho. Que saco!

Acho graça e seguro seus punhos f echadosem cima do meu peitoral.

— Você é linda — murmuro, rouco, gravando cada detalhe da sua f ace.

Reparo em tudo, admirado.

— Eu te odeio, jogador — sai quase num cochicho. Seus olhos estão f ixos na minha boca.

Subo a mão para o seu rosto macio, af asto as mechas do seu cabelo com delicadeza adorando a sensação dos f ios deslizarem entre os meus dedos.

— Nem você acredita nisso. Agora me dá um beijo para eu sarar da queda que me deu.

Lana apoia o queixo no meu peitoral sem conseguir conter o sorriso. Adoro suas covinhas tí midas.

— Você não leva a sério o que digo.

— Só a levarei sério quando estiver sendo honesta.

Ergue o rosto me f itandointensamente. Aguardo ansioso pela sua boca, principalmente quando sobe mais o corpo. Seus dedos acariciam minha barba, passam por cima dos meus lábios. Sobe mais um pouco e sinto sua respiração f ebrilem meu rosto. Esf rega os lábios por cima dos meus sem parar de mirar os olhos sedutores em mim.

O inesperado acontece quando mordisca meu queixo. Rosno baixinho e aperto com mais f orçaa carne da sua cintura, tentado em descê-la para sua bunda maravilhosa. Fecho os olhos quando arrasta os lábios macios para a curva do meu pescoço beijando ali demoradamente sem se importar com o suor mesclado ao meu perf ume.

Aperto-a com mais f orça quando lambe minha pele lentamente, literalmente me saboreando. Depois do incêndio que causa, se af asta e pronuncia:

— Acabou o tempo, jogador. Isso é tudo.

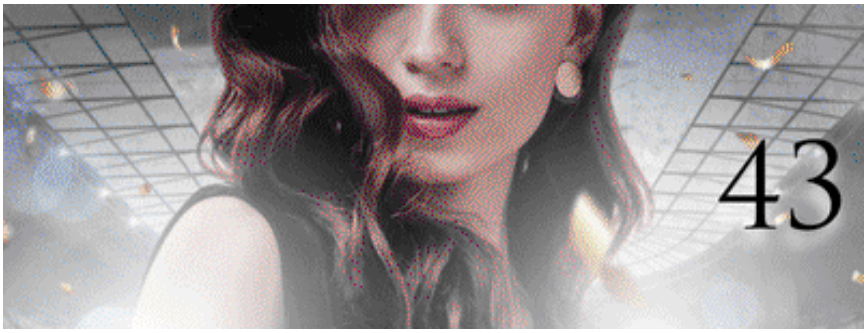
Escutar ela dizer isso f oi como se a bola tivesse batido na trave nos últimos minutos do segundo tempo. Porra.

— Volta aqui, mulher. Faltou o beijo.

Sorri de um jeito má, sexy, mas má. Saf ada!

— Espero você no ref eitório. Não demore, capitão.

Sento colocando as mãos para trás, apoiadas na grama e inclino a cabeça para o lado direito tendo uma bela visão da bunda de milhões da morena. Prendo o lábio, imaginando as putarias que desejo f azer com ela. Espero que seja tão saf ada na cama como imagino, pois eu sou. E claro, espero ansioso que Lana me ensine f azer amor



LANA

Recolho minha bolsa do gramado e continuo o caminho sem olhar para trás. Eu sabia que seus olhos estavam em mim. Podia sentir o calor emanando de longe. Ao entrar na sede apoio as costas na parede buscando controlar a respiração. Poderia me enganar dizendo que f oi pela corrida f orçada, mas na verdade, estou assim pelo Jamanta Espanhol.

Fala sério.

Quando ele me pediu o beijo precisei buscar controle. Parece que Marco simplesmente jogou uma teia de sedução sobre meus olhos. Sou uma mulher adulta de vinte e seis anos, então tenho consciência da atração existente entre nós. Agora nem consigo lembrar quando ela despontou.

Estou martelando mentalmente de que essa atração é unicamente sexual. Sem qualquer tipo de sentimento. Tem que ser o mesmo que sinto pelos outros homens que me envolvi casualmente. Após o sexo o alí vio é substituí do pelo... vazio.

Merda.

Fecho os olhos sentindo o cheiro de suor, perf umemasculino e o meu, mesclados. Aquele descarado de uma f iga.Pior de tudo é

que não cedi o beijo, mas o lambi. Nos meus sonhos para maiores de trinta anos, imaginei lambendo aquele corpo sarado e tatuado, chupando... eu sou uma cachorra no cio. Uma vergonha.

Eu não f i co com at l et as, repito mentalmente. Sinceramente eu sou uma piada. Af inal, agora grande parte da população sabe que namoro o capitão do Real Madrid, e mesmo sendo mentira quebrei essa regra. Minha principal regra.

O que está me preocupando mais é o f atode o jogador estar se declarando, querendo tentar de verdade. Estamos em perigo iminente. E como se não pudesse f icarpior não estou conseguindo af astá-lo como deveria. Sou uma f racote sem vergonha na cara.

Meu celular vibra. Atendo rapidamente ao ver o nome da Ari.

— Como f oi a reunião?

— Não f ui levada a sério.

— Poxa vida, Ari. Sinto muito.

— Eu não. O cara é um babaca com a carreira por um f io. Seria dif í cil reconstruir a imagem. Seria desgastante, ainda mais por se tratar do meu primeiro atleta.

— O atleta certo vai aparecer.

— Assim espero. Falei com o meu pai. Ele disse que o Daniel f oi aí com o secretário do técnico do Celta de Vigo por coincidência. Parece que o secretário está dando carona para ele essa semana, pois ainda está se instalando na cidade. Bom, o secretário levou um projeto de um evento entre os dois clubes em prol de uma ação solidária. Papai nem os recebeu quando soube que estava com Daniel. Então pediu para um dos auxiliares dele os atender.

— Preciso me preparar. Cedo ou tarde iremos nos encontrar. Em algum jogo, num evento ou... em f rente a minha casa.

— Ele se af astou até dos pais, amiga. E sabendo o covarde que é duvido que apareça no bairro.

— Espero não o ver lá. Digo por mim, não pelos pais que sof rem calados pela ausência do único f ilho.

— O anticristo já deve saber que está namorando o Marco. Grande parte dos f of oqueiros, que f ormam mais de noventa e cinco por cento da população mundial, sabe que Lana Rubio, nutricionista esportiva renomada f odona está namorando o capitão do maior clube do mundo.

Penso em corrigi-la acrescentando ser um namoro *f ake*, porém por estar andando no corredor não posso correr o risco de que alguém escute. Christian e Ari prosseguem f azendo um excelente trabalho para consertar a crise de imagem que estamos passando. Nos despedimos e guardo o celular na bolsa.



No estacionamento vemos o Christian. Pol joga as chaves do carro para Marco. Hoje está sem seguranças. Geralmente f icam a equipe quando seu único percurso é do estádio para casa. Paramos ao lado da Mercedes do jogador, estacionada na vaga contendo o seu nome e número da sua camisa.

— Que não seja problemas — f ala Marco.

— Iniciamos os processos judiciais contra todos que cometeram crimes virtuais contra vocês dois. Soube há alguns minutos pela equipe jurí dica da M13.

Fico satisf eita. As pessoas não podem criar perf is na internet — sendo f alsos ou verdadeiros — e cometer crimes pensando que não serão punidas. É ilusão continuarem pensando que não podem ser rastreadas, por mais que bloqueiem ou apaguem. Tudo f ica registrado.

— Isso é uma excelente notí cia — digo animada.

Sobre as garotas que apareceram no ví deo com Marco na f esta do seu companheiro de time Christian inf orma que continuam f irmes na investigação, mas tudo indica que não são menores de idade como a mí dia sensacionista repassou sem conf irmar nada.

— Bom, irei f alar com o Chef ão. Ele está de olho num atleta do time de base e gostaria de saber minha opinião. Nos f alamos depois, pessoal.

Com a mão na maçaneta do veí culo blindado, o jogador f ala:

— Você vem na f rente comigo, Lana.

— Não. Irei atrás.

— É minha namorada, então sentará ao meu lado. Pol entende.

Encaro Pol f icando brava por dar corda para seu melhor amigo.

— Eu gostava de você, Pol.

— Laninha, tem f ãs dos jogadores do lado de f ora. Eles adoram vir às sextas-f eiras. Virou tradição parar para atender um

pouco deles sem sair do carro, se não ultrapassam o limite.

Marco abre a porta para mim mantendo um sorriso travesso nos lábios. Sem cabeça para f icardiscutindo com ele decido entrar sem f azer uma tempestade.

Coloco o cinto de segurança enquanto Marco ocupa o banco do motorista. Anotei a ideia que tive sobre o suplemento no meu bloco de notas do tablet. Neste f inal de semana irei pesquisar a f undo para ter certeza de que não haja nenhum outro suplemento disponí vel no mercado que atenda as necessidades do jogador

Antes de chegarmos ao portão já se pode ver alguns f ãs do time aguardando a saí da de seus í dolos. Homens, mulheres e crianças de todas as idades. É bom presenciar o carinho deles. Ao sair abre a janela para distribuir autógraf os. Tento dar meu melhor sorriso quando me cumprimentam. Marco é simpático com seus admiradores, responde algumas perguntas ref erente ao último jogo e f az questão de dar mais atenção para as crianças e adolescentes.

MARCO

Danna recolhe minha bolsa esportiva para cuidar das roupas sujas. Agradeço-a. Subo para dar um cheiro no meu f ilhote.

— Chega, papai. Preciso de espaço — pede, calmo.

Às vezes exagero nos carinhos f í sicos que, Ander tem seu modo de aceitar. Não é toda vez que consigo controlar.

— Tudo bem. Desculpa, vida. Ficaram perf eitos.

Admiro os desenhos em cima da sua mesa de taref as.

— Agora vou enrolar eles e amarrar com uma f ita.

— Muito bom, f ilho.

Deixo-o no quarto e paro em f renteao quarto do meu irmão. Ele está no treino. Parece estar cumprindo o que prometeu. Cogito em entrar e investigar. No entanto, af asto a mão da maçaneta dando um voto de conf iança. Não quero invadir sua privacidade a esse ponto. Contudo, se pisar na bola novamente terei que agir dessa f orma.

Lucí asai do quarto usando f onesde ouvidos e com os olhos vidrados na tela do seu celular.

— Tudo bem?

Escorrega os f ones para o pescoço.

— Sim — responde.

— Está estranha, irmãzinha. Sempre tem alguma reclamação ou exigência.

— Aproveite essa minha nova versão. Vou descer para comer.

Tento abraçá-la, mas abaixa escapando de mim. Sobe os f ones de ouvidos e f ico igual um pateta tentando entender sua recusa. Lucí anão é a pessoa mais carinhosa do mundo, mas aceita meus carinhos apesar de reclamar.

Bato na porta do quarto da Teresa. Com sua autorização entro. Mudo o semblante ao ver a pequena mala aberta sob sua cama e ela dobrando as roupas guardando-as.

— Micaela me convidou para dormir na casa dela. Minha amiga do ballet. Volto domingo à tarde, ok?

Ok? Respiro f undo para não agir como um ogro.

— E me diz isso assim, Teresa?

— Irmão, ela ligou a pouco.

Puxo na memória quem é a tal amiga. Teresa é muito social, f azamizades f acilmentee me preocupo por sempre ver o lado bom das pessoas, f echando os olhos para os def eitos.

— Essa é a que mora do outro lado da cidade com o pai, tio e irmãos?

— Esqueceu que ela mora com a mãe e a tia.

— Lembrei do que importa como o f ato de não conhecer o pai, o tio e os irmãos.

— Sem dramas, irmão, por f avor

— Você não vai, Teresa. — Ergo a palma da mão pedindo silêncio. — Se quiser convide-a para vir passar uma tarde aqui e me avise com antecedência. Não permito que passe duas noites numa casa tendo homens, que apesar de serem da f amí liæda sua amiga, não os conheço.

— Como sempre só vê o lado ruim das coisas.

Larga a roupa com f orça f ora da mala.

— Não f oi f ácil para mim ensinar sobre seus corpos e os perigos em volta. Faço isso com Ander, e juro por Deus que adoraria que as pessoas que habitam esse mundo não f ossem tão ruins. Estou sendo realista. Há casos de estupros o tempo todo...

— Já entendi, Marco — buf a meio chateada.

— Pode parecer exagero agora, princesa. Daqui uns anos, espero que demore muito, muito mesmo para ser mãe... vai entender que tudo isso que f aço é para orientar e proteger vocês.

Teresa com seu jeitinho carinhoso vem para os meus braços. Beijo sua cabeça loira.

— Posso mesmo convidá-la para vir aqui?

— Me avise com antecedência. Sabe que sou meio paranoico com pessoas de f ora.

— Escuta, irmão, você e Lana estão se pegando de verdade?

Acabo rindo.

— Quando resolvo ter um relacionamento sério a mulher simplesmente não quer. Lana é dif í cil.

— Eu acho que ela gosta de você. Sabe, os olhares f alam por si só.

— Alguma sugestão?

Em que ponto cheguei, não é mesmo? Pedindo conselho amoroso para a pirralha de dezessete anos. Dos meus irmãos Teresa é a mais romântica, então pode acrescentar algo.

— Ciúmes.

— Preciso de detalhes, bebê.

— Lana pode admitir o que sente ao ver que seu terreno corre risco, *sacou*?

Abraço-a mais f orteponderando sobre o conselho. Gostei da ideia.

— Obrigado pelo conselho.



Ao entrar na cozinha inalo o cheiro delicioso do peixe que Lana está preparando. Lucí alevanta da banqueta se despedindo da minha nutricionista e sai como se eu não existisse. Essa garota está estranha.

Paro ao lado da Lana olhando para as panelas e a volto encará-la.

— O cheiro está maravilhoso.

— Fará jus ao sabor — diz com um pequeno sorriso. — Mas aposto que já comeu melhores.

Ah, f ilha da mãe! Sorrio diante da resposta af iada.

Estou tentado em acariciar seu rosto e descer a boca para seu pescoço. Lana tem uma nuca linda, e também seguro o desejo de beijá-la na região. Antes que entre em ação escuto a voz do meu melhor amigo. Pol adentra a cozinha e me junto a ele na mesa.

Meia hora depois Christian chega.

— Conseguiu encontrar o suplemento ideal para mim? — indago a Lana.

— Não. Ao que parece não tem nenhum mercado que atenda tudo que precisa para manter seu corpo potente de f ormasaudável. Eu tive uma ideia, pretendia f alarcom você e Christian na segunda-f eira, mas já que tocou no assunto f alarei agora.

Desliga o f ogodas panelas, em seguida abre sua bolsa e tira seu *i Pad*

— Fiz uma planilha com todos os suplementos que, teoricamente, serviram para você. Mas nenhum tem tudo, f altauma ou duas coisas. Aliás, depois dos cálculos que f iz com as inf ormações do rótulo vi que alguns são propaganda enganosa.

Aproxima-se de nós sem desviar os olhos do tablet. Gosto do seu modo prof issional.Lana é inteligente e isso para mim é sensual. Uma das suas sensualidades. Engraçado ela sequer reparar o ef eito que causa.

— Você já deve ter recebido de marcas de suplemento.

— Marco não curte esse tipo de publicidade envolvendo alimentação, remédios, energéticos e af ins — prof ere Christian ligado em seu modo agente.

— Alguma dessas marcas multinacionais de nutrição pode f azeruma verdadeira guerra para aceitar f azerum suplemento ideal para você, Marco. Pense, você terá o que precisa e ainda vai lucrar bastante f azendo propaganda somente do seu suplemento. Melhor de tudo é que estará sendo honesto. Por ser dos bastidores, sei que muitos atletas aceitam serem rostos de publicidades de suplementos, mas sequer os usam. Você será dif erente.

Nos encara aguardando uma resposta. Batuca os dedos nas costas do tablet claramente ansiosa e entusiasmada.

— Eu aprovo a ideia. Será benéf icae honesta como todas as suas publicidades, Marco.

Se tem algo que me arrependo de ter f eito quando era agenciado pelo pilantra gringo f oiter f eitopublicidade para algumas marcas que não me identif icava. Tudo que vai, volta cedo ou tarde. Por isso desde que meu melhor amigo cuida da minha carreira selecionamos bem as marcas dos produtos.

— Estou de acordo.

— Estarei no escritório. Laninha, pode enviar no meu e-mail a planilha e tudo que o suplemento do Marco precisa ter?

— Enviarei agora.

Apoia o tablet no balcão f icando de costas para mim.

— Bom, eu preciso ir. Combinei de ajudar meus pais com as compras para o restaurante.

— Mande um beijo para os meus tios.

— Pode deixar, irmão.

Despede-se da minha nutricionista.

— Enviei — comunica e guarda o aparelho na bolsa. — Seu jantar está pronto. Irei apenas arrumar a bagunça para ir.

Não quero que ela vá para casa. O que eu f aço? Antes minhas sextas-f eiras eram divididas em tempo em f amí lia e depois em sair para f oder Ainda estamos num namoro de mentira, mas nem por isso irei sair comendo as mulheres. Jamais permitiria que f osse chacota como algumas parceiras dos meus colegas de prof issão são taxadas, o pior de tudo é a f alta de respeito e f idelidade.

Será que Lana irá encontrar um babaca às escondidas? Ah, não. Eu quebro os ossos do f ilho da puta.

Meu f ilho entra na cozinha arrumado e penso que virá até mim, porém vai para perto da morena. Garoto esperto. Sorrio.

— Lala, já vai embora?

A morena enxuga as mãos olhando para ele.

— Sim. Amanhã nos vemos de novo, lindinho.

— Como você e eu somos amigos e você é namorada do meu pai... acho que seria legal se f osse com a gente para o aniversário dos meus irmãos.

Lana pede minha ajuda pelo olhar. Explicar para meu f ilho sobre o namoro de mentira iria conf undi-lo. E como agora pretendo tornar isso real, deixei do jeito que está.

— É uma excelente ideia, campeão. Claro que a namorada do papai vai adorar ir com a gente, não é, amor?

Suas f eições deixam claro que está se segurando para não voar no meu pescoço. Movimenta os lábios carnudos sussurrando: eu te odeio. Puxo um sorriso de lado satisf eito por tê-la mais algumas horas comigo.

— Ok, lindinho. Aceito seu convite. Acho que dá tempo de eu comprar os presentes dos seus irmãos.

— Não precisa, Lala. Eu f iz dois desenhos sobre animais que vivem na selva e assinei embaixo os nossos nomes. Na verdade, escrevi: da f amí lia Carvajal. Achei mais f ácil. Irei buscar para você ver.

Ela o acompanha com um sorriso genuí no que se f echa ao virar a cabeça em minha direção.

— Para constar, meu expediente acabou. Então, lá vai: seu idiota.

— Não sei de qual eu gosto mais. Jamanta ou idiota — f alo sarcástico adorando vê-la irritada. É muito melhor do que seu silêncio.

— Eu tinha planos, Marco.

— Espero que não seja com outro homem. O único homem da sua vida sou eu, isso já acertamos.

— Já pedi para parar com... essas coisas.

— Quando? — indago, encarando-a profundamente. — Quando estava com a língua no meu pescoço no campo?

Mordisca o cantinho do lábio inferior

— Aquilo foi... um erro.

Rodeia a ilha e pega sua bolsa. Levanto para acompanhá-la.

— O único erro está sendo sua falta de coragem em admitir que fez por que sentiu vontade. Por que assim como eu, está cheia de tesão e vontade. Poderei facilitar para nós dois, morena.

Para no meio do *hall* de entrada.

— Se você parasse com essa ideia besta de que podemos tornar isso real, seria mais fácil. Eu só me relaciono de forma casual, e nós não daríamos certo.

— Ok.

— Como assim?

— Se tudo que pode me dar é uma foda casual... ok — enuncio taciturno.

Óbvio que não quero ser apenas um cara aleatório na vida da Lana. Quero mais. Contudo, nesse momento tudo que posso fazer é entrar no seu jogo para conseguir alcançar seu coração.

— Não vamos transar. Chega disso, por favor As coisas já estão ruins demais para o nosso lado.

Respiro fundo e peço para Golias deixá-la em casa.

— Buscarei você.

— Não! — fala rápido demais. Franzo o cenho. — Golias pode me aguardar, serei rápida.

— Pref iro buscá-la em casa, assim posso conhecer seus pais.

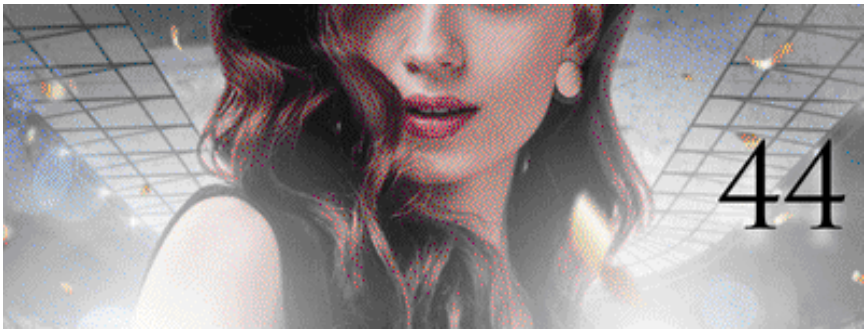
— Meus pais sabem da verdade, Marco.

— Não me importo.

— Golias me traz de volta.

Anuo.

Acato seu pedido... por enquanto.



MARCO

Não sei de quem f oia péssima ideia de f azero aniversário à noite. Coloco o relógio esportivo no pulso. É um dos modelos exclusivos da marca a qual tornei-me rosto da campanha.

Desço as escadas ciente de que meu f ilho me aguarda na companhia de sua babá. Paro no último degrau observando Lana f azer um laço na f ita que Ander amarrou com todo cuidado do mundo no papel de desenho. Quando termina meu f ilhoagradece e ela levanta para pegar sua bolsa no outro sof á. E então vejo por completo o vestido que está trajada. Estou me dando conta que tudo cai perf eitamente bem na morena.

O vestido de f undo branco com pequenas f lores azuis tem uma abertura lateral. A parte do busto tem um decote quadrado, e no meio um outro tipo de decote pequeno. A peça é longa, elegante e muito bonita.

— Senhor, já estou indo — Magda chama minha atenção.

Lana mira os olhos bravos em mim voltando a atenção para algo que procura em sua bolsa. Mesmo puta da vida comigo é uma gata.

— Obrigado por hoje, Magda. Golias irá deixá-la em casa.

Agradece saindo em seguida.

— Pronto, f ilhão?

— Sim, papai. Lala f ez laços mais bonitos.

— Lala tem mãos abençoadas, f ilho. — Pisco para ela que f az careta de desgosto.

Abaixo-me diante dele ajeitando sua camisa. Levanto e Ander pega os desenhos e seu *i Pad* indo na f rente.

— Lembrando que vim pelo lindinho.

Pendura a bolsa transversal no ombro. Reparo na gargantilha contendo como pingente um trevo de quatro f olhas. Acredito que seja banhado a ouro. Já me imagino lhe presenteando com um pingente de esmeralda, ou qualquer outra joia. Pelo que a conheço sei que nunca aceitaria um presente de mim, ainda mais caro. Algo que vai mudar quando nos tornarmos real.

Mulher dif í cil da porra.

— Logo estará f icando por mim — murmuro.

Ela sai na f rente deixando claro o quanto está irritada comigo. Aproveito para apreciá-la em silêncio. Abre a porta do Audi para o meu f ilho. Sendo um garoto inteligente começa a colocar o cinto de segurança. Lana entra no carro e conf iro o cinto de segurança do meu f ilho.

Dirijo tranquilo apreciando a cidade iluminada. O agito de Madrid começa e termina tarde em diversas regiões. *Bad Bunny* toca baixinho no volume que não incomoda meu f ilho, de qualquer f orma Ander está com f ones de ouvidos. Busco-o pelo retrovisor vendo que está concentrado em seu tablet, provavelmente está

desenhando, assistindo algo em relação ao mundo animal ou assistindo competição de esgrima.

Tentei iniciar uma conversa com a bela chatinha que está ao meu lado, contudo, estou sendo ignorado com sucesso. Para completar estou f icando puto de ciúmes ao presenciar seus sorrisinhos para a pessoa que está trocando mensagens.

— Disse para o babaca que está com seu namorado?

Jogo sem esconder a expressão enevoada pelo ciúme. A cadela do ciúme resolveu aparecer do nada. Porra, nem estamos juntos de verdade. Foda-se.

Sendo respeitosa com meu f ilho,vira o rosto para ter certeza de que Ander está distraí do.Não sou idiota, não f alariaassim se ele estivesse escutando.

— Diria se eu realmente tivesse um namorado.

Semicerro os olhos e ela sorri. Volto a f ocar no trânsito.

— É o idiota do restaurante? O jornalista f of oqueiro?Ou o engomadinho do Demétrio?

— Você sabe que pode continuar ativo com suas belas, não é? Contanto que não sejam f lagrados.

Aperto o volante com um pouco mais de f orça e suspiro pesado. Eu sei que os f of queiros de plantão ref orçaram minha f ama de mulherengo e adoravam ser sensacionalista quando alguma mulher procurava algum veí culo da mí dia para dizer que estava grávida, ou que parti seu coração. Aproveitavam a visibilidade como podiam. Sempre f ui cuidadoso quanto ao uso de preservativo e honesto quanto a querer somente sexo.

Sou um homem de trinta e um anos que finalmente se apaixonou e infelizmente a mulher insiste em negar a porra da atração descomunal que estamos sentindo, e tentar nos levar a sério.

É um grande chute nos meus sacos.

Não vou desistir, irei provar que valemos a pena juntos. E não sou nenhum moleque de ego ferido para sair comendo várias até Lana cair na real. Continuarei firme na punheta, gozando para ela como tenho feito.

— Peguetes. Poderia dizer ex, mas nunca foram nada para mim.

— Pol me contou a história de como chama suas peguetes de belas.

Vontade de socar a cara do meu melhor amigo veio forte. Aquele fofoqueiro de merda.

— É ótima em mudar de assunto — debocho. — Afinal, com quem está falando?

— Para que não morra de curiosidade estou falando com a Ari, mas caso fosse um homem isso não seria um problema, Marco. Sou solteira.

— Estava falando sério quando disse que aceitava ser o seu homem casual.

Claro que é um posto temporário.

Ela sorri, porém continuo sério para que entenda que estou falando sério.

— Realmente estou f icandopreocupada com você. Marcarei uma consulta com o psicólogo do CT.

— Eu sou o seu tipo, doutora. Sabe disso tanto quanto eu.

— Jamanta ridí cula!

Fica brava e vira a f acepara a janela. Agora sim um sorriso satisf eito brinca em meus lábios.

O porteiro de plantão me reconhece e nem pede o convite para se certif icar, pede um autógraf o.Claro, atendo seu pedido. Por se tratar de um dos condomí nios mais caros do Distrito de Carabanchel, localizado na zona sul da cidade, conjecturei que a segurança f osse de primeira.

Comando o carro obedecendo o limite de velocidade.

— Pensei que f osse uma f esta pequena — comenta Lana observando a quantidade enorme de carros na rua da mansão.

Pelo jeito f ingiu que não estava me escutando quando puxava conversa sem sucesso. Sorria, porém, estou ocupado demais f icando enf urecido com a mentira da Georgina.

— Eu acreditei que f osse.

Estaciono no espaço que encontro.

— Vida, você e Lana me esperam aqui.

— Papai, quero ver meus irmãos. Acho que... agora estou pronto para brincar com eles.

Encaro-o com pesar sabendo a nova decepção que sof rerá. E eu não poderei evitar. Saí mos do carro e Ander segura os rolos dos desenhos com o maior cuidado do mundo para não os amassar. Of ereço a mão para Lana que aceita sem hesitar

O som fica mais alto à medida que nos aproximamos da mansão. Um dos funcionários sarregala os olhos ao me ver, mas logo ajeita a postura informando que a festa está acontecendo no jardim de trás.

Se eu não estivesse com as mãos entrelaçadas com a mão da Lana e do meu filho fecharia os punhos com força. Georgina mentiu sobre ser uma festa mais íntima. Tem centenas de pessoas, crianças correndo para todo lado e outras nos brinquedos do parque montado.

— Marco, melhor eu ficar com Ander numa parte mais tranquila.

Fito meu filho que solta minha mão e começa fazer estereotipias com as mãos. Abaixo-me buscando seu olhar.

— A música *tá* muito alta, papai. Não gosto.

— Eu sei, Vida. Você ficará um pouquinho com a Lala enquanto o papai procura sua mãe e seus irmãos.

— Não quero brincar com todas essas crianças, pai. São muitas. Se fosse só os meus irmãos acho que seria mais fácil para mim. Não tenho assunto para falar a não ser sobre os leões, selva e esgrima — fala preocupado, sem parar de fazer as estereotipias num ritmo um pouco mais rápido.

Georgina me paga.

— Sem problemas, meu filho. Eu acho sua mãe e seus irmãos.

Beijo sua cabeça e me ergo.

— Preciso resolver... essa situação. Desculpa por isso.

— Imagina. Até eu estou com raiva — diz com seu jeitinho doce, apesar de realmente parecer f ula com a situação. — Aguardamos você.

Sem saber o que dizer simplesmente beijo sua testa em f ormade agradecimento. Lana f icasem jeito e percebo que baixa a guarda, mesmo que por alguns minutos. Conversa com Ander e logo segue para a outra extensão do jardim longe da f arra.

Minha f eição tempestuosa não passa despercebida pelos convidados. Escutei alguns chamar meu nome, contudo, não parei pouco me lixando pelos bons modos. Procuro pela mãe do meu f ilho e f inalmente a vejo caminhando até mim. Dif erente do estilo que mantinha antes de se casar com Jordi.

— Você veio.

Seu sorriso f alha ao notar minha cara.

— Vamos conversar no particular agora — exijo.

— Me acompanhe, por f avor

Entramos na mansão e assim que f echaa porta do escritório começo a f alar:

— Não tem vergonha de mentir? Você disse que o aniversário seria pequeno, porra!

— Meu marido me f ez mudar os planos de última hora, Marco. Calma, por f avor

— E por que não me ligou? Não teria f eitoo meu f ilhopassar por isso. Ander tem sensibilidade auditiva.

— Desculpa, posso pedir para baixar...

— Isso inclui o barulho das crianças gritando e correndo. Sinceramente, Georgina, você é uma péssima mãe para o meu f ilho. Aliás, nunca f oi mãe do Ander

— Pode ir parando, Marco. Não admito que f ale assim de mim.

Aponta o dedo na minha cara. Puxo um sorriso ácido.

— É a pura verdade. Faz distinção dos seus f ilhos mais novos do meu f ilho.

— Nosso f ilho.

— Ele era o nosso f ilho. Agora é meu, entendeu? Somente meu, como sempre f oi.

— Seu e da vadia que assumiu?

Georgina sabe descer o ní vel quando quer. Sai da pose de esposa recatada e do lar para expor quem realmente é. Uma mulher mimada pelo pai, que não sabe ser independente e recorreu ao casamento por conveniência.

— Respeita minha mulher, porra. Nem se quisesse chegaria perto do dedo mindinho dela.

Seus olhos verdes exibem a cólera que está sentindo.

— Minha mulher tem sido mais mãe do que você nunca f oi para o Ander. Quem está perdendo é você, Georgina. O que me movia para continuar tentando para termos uma boa dinâmica era meu f ilho. Era por ele que engolia seus desaf oros e seu desleixo. Acabou. Quando meu f ilho estiver mais crescido irei explicar toda a situação.

Perde a pose e solta a respiração f azendo cara de choro.

— Foi complicado para mim entender o... nosso f ilho.

— E para mim? Procurei ajuda. Participei de grupo de pais de crianças autistas, li a respeito, leio até hoje sobre a def iciência do meu f ilho, aprendi e continuo em aprendizado constante.

— Ander não nasceu normal...

— Para, só para de f alar — interrompo sua f ala capacitista. — Nunca mais se atreva a resumir meu f ilho.

Ser pai de autista numa sociedade neurotí pica é um desaf io diário. Ander é o meu melhor presente, a parte mais bonita da minha vida. Com meu f ilho autista aprendi mais sobre sensibilidade, respeito, entender seus olhares e trejeitos e principalmente interpretar seu silêncio.

Aprendo com meu f ilho todos os dias.

Prestes a sair paro ao escutá-la prof erir:

— Preciso da sua ajuda. Meu pai e marido estão passando por turbulências nos negócios, precisam de um investimento ou... empréstimo — revela, amuada.

Quando penso que não poderia f icar pior, f ica. É muito mais doloroso saber que enviou o convite por interesse, e não em tentar uma aproximação com Ander e os meios-irmãos.

— Se dependerem do meu dinheiro perderão tudo — f alo, honesto e cheio de cólera.

Saio do escritório batendo a porta com f orça.

LANA

Nem f iquei pensando no beijo extremamente carinhoso que o jogador plantou na minha testa, pois minha atenção voltou a ser

toda do lindinho.

— Lala, aqui não é o meu lugar — desabafa chutando uma pedrinha, cabisbaixo.

Seguro seu rosto e fito seus olhos verdes.

— Seu lugar é onde você quiser, lindinho.

Com sua atenção em mim vejo a sombra de um pequeno sorriso tímido.

Novamente me pego conjecturando como a mãe do Ander o trata. Eu sei que nem todas as mulheres tem o sonho de ser mãe, e está tudo bem. É uma escolha. Porém, por saber um pouco da história fico triste com a diferença que faz entre os filhos. Ander é amável, é tão inteligente e puro. Sua deficiência se torna um detalhe.

Nem faço ideia de tudo que pais atípicos enfrentam. Tive um pouco mais de noção durante o trabalho voluntário. São pais que lidam com as conquistas dos filhos, mas também com as dores. É essencial que não seja romantizado.

Duas crianças se aproximam de nós. São quase do mesmo tamanho e muito parecidas.

— Oi... irmãos — cumprimenta Ander, tímido.

Os garotinhos tem cabelos pretos e olhos verde-claros, diferente do tom de verde-escuro, quase num tom de esmeralda.

— Lala, eles são Genar e Ángel. Meus irmãos.

— Como vão, crianças?

— Nosso pai mandou a gente vir falar com você, Ander — responde o garotinho emburrado. Eles ignoram minha pergunta.

Varro ao redor e miro os olhos no homem usando um terno elegante com a mão dentro do bolso da calça social. Seus cabelos grisalhos misturado com os f ios pretos se destacam assim como sua barba. Ergue a taça de champanhe e ignoro.

Ander f icamais perto de mim e me encara com seus lindos olhinhos. Entendo seu pedido silencioso notando sua ansiedade.

— O irmão de vocês trouxe um presente. Dê a eles, lindo — digo o incentivando.

O lindinho estende os rolos dos desenhos que f ez para os meninos.

— Espero que goste, Ángel. — Entrega para o maior. — Você também, Genar.

Cogito em of erecer ajuda para desf azerem os laços, mas devido ao af oitamento permaneço quieta.

— Gostei — expressa Ángel sem mostrar muito interesse.

— Só isso? Não achei legal! — diz o outro de f ormaabusada.

— Posso f azeroutro para você. Gosto muito de animais, da selva, mas posso desenhar algo que goste — prof ere Ander empenhado em agradar seu irmão mais novo.

— Não quero. — Dá de ombros.

Outras crianças vêm correndo até onde estamos claramente brincando de pega-pega. Ander se esconde atrás de mim e seus irmãos largam os desenhos gritando e começando a correr em volta junto com os outros meninos e meninas f azendouma algazarra. Ao ver que Ander coloca as mãos nas orelhas tapando-as, ajo:

— Crianças, por f avor! — peço uma, duas, três vezes.

Sem escolha coloco os dedos na boca e assobio alto chamando atenção dos pestinhas. Param de correr e f azer barulho.

— Estão incomodando Ander com o barulho. Podem adaptar a brincadeira para que ele se junte a vocês?

Simplesmente voltam a me ignorar e saem correndo. Eu sei que são crianças e que não devo dar pitaco na criação dos pais, porém a f ormacomo estão educando essas crianças deixa claro o ref lexo de adulto que serão.

— Vamos esperar seu pai no carro — enuncio assim que af asta as mãos das orelhas.

Seus olhinhos verdes vão direto para os desenhos pisoteados.

— Ander...

Sai andando na f rente cabisbaixo.

Caminho ao seu lado respeitando seu espaço e silêncio. Ao chegarmos na calçada f icosurpresa quando entrelaça sua mão com a minha.

— Quer sentar?

Meneia a cabeça.

— Pegarei você no colo para ajudá-lo a sentar no capô, ok?

Concorda ainda em silêncio. Sento-o no capô do Audi e f ico em sua f rente.

— Adoraria que f izesse mais desenhos para mim.

Puxo conversa querendo que se anime.

— São bobos. Genar não gostou, Lala.

— Para mim são uma obra de arte.

— *Tá* falando igual meu pai, meus tios e minhas tias. Vocês não contam porque são da f amí lia.

Meu coração se aquece no peito por me considerar parte da sua f amí lia.

— Mas é verdade, lindinho.

— Você é muito, muito legal, Lala.

— Minha melhor amiga discordaria de você.

Ele sorri.

MARCO

Do mesmo jeito que entrei prossigo o caminho ignorando os olhares e cochichos das pessoas.

— Marco, é um prazer tê-lo em minha casa — saúda Jordi ao parar na minha f rente.

— Poderia dizer o mesmo se tivessem acolhido o meu f ilho com sinceridade.

Não escondo o escárnio. Um vinco se f orma entre as sobrancelhas exibindo marcas da idade. Mira por cima dos meus ombros e puxa o ar com f orça. Nem preciso virar para saber que Georgina está atrás de mim.

— Lamento pela situação entre vocês. Sempre incentivei Georgina a se aproximar do Ander.

Pego a mentira no ar.

Georgina para ao lado do marido. A maquiagem está levemente borrada devido as lágrimas que soltou no escritório.

— Esse é o momento que agradeço e lhe dou o dinheiro que precisa?

No f inal só se trata da porra do dinheiro.

— Vamos para o escritório, Marco — pede, mansa.

— Por quê? Não estou f alando nenhuma mentira.

— Certo, escute, você e Georgina tem muito que resolver. Agora gostaria de um tempo para f alarmos de negócios, somos homens e f alamos a mesma lí ngua.

Meu lábio se ergue num sorriso perverso.

— Você merece, Georgina — é tudo que digo.

Se Georgina f osse uma mãe de verdade para o meu f ilho jamais deixaria que passasse qualquer tipo de necessidade, mas exigiria que estudasse para ter uma carreira. De qualquer f ormaela jogou tudo f ora por ser ambiciosa e egoí sta. Na época da sua gestação aguentei tudo calado o que soltava na mí dia. Por mais raiva que sentisse por estar nos expondo, principalmente nossa criança, não rebatia. Respeitei sua gestação pensando na saúde do Ander.

Nada era o suf iciente.

Apesar da dor e raiva que sinto por rejeitar meu f ilho, nunca direi nada sobre ela para a mí dia. Não sou esse tipo de homem, e não quero decepcionar Ander quando daqui uns anos tiver acesso a tudo. Meu f ilhonão vai escutar seu pai f alandomal da sua mãe para o mundo. Teremos uma conversa séria quando estiver mais crescido, serei f ranco, contudo, mantendo o respeito pela mulher que o trouxe ao mundo e que def initivamente não merece ser mãe dele.

Procuro pela Lana e meu f ilho.De longe vejo os desenhos do Ander pisoteados na grama. Vasculho com o olhar reparando nas crianças correndo na área do parque montado. Concluo que Lana deve ter resolvido me esperar lá f ora. Poderia ter deixado a chave do carro com ela. Atravesso pelo portão aberto e de longe os vejo.

Paro admirando a interação do meu f ilho com a Lana. Ele está sentado no capô e a morena está em sua f rente de olhos f echados e mantendo um de seus sorrisos bonitos e suaves nos lábios enquanto os dedos do meu f ilho dedilham de leve nos seus traços f emininos.

Em meio ao sorriso lamento internamente pelo meu f ilho não ter tido a melhor versão da sua mãe biológica. Georgina acabou com todas as chances que dei. Estou virando essa página def initivamente hoje.

Aproximo-me f itando meu menino com todo o amor do mundo. Deveria pedir sua permissão antes de capturá-lo em meus braços e enchê-lo de beijos, porém apenas f aço.Abraço-o apertado, f echo os olhos inalando o cheiro bom do seu perf ume inf antil.

Tenho noção de que minhas tentativas de criar uma boa dinâmica com a mãe do meu f ilho f oi por desejar que Ander tivesse uma mãe incrí vel como eu e seus tios tivemos.

— Papai... preciso de espaço — inf orma.

Beijo seu pescoço e o coloco no chão.

— Desculpa, campeão — peço abaixando diante dele. — Era para ser uma f esta pequena, mas... inf elizmente sua mãe decidiu mudar os planos.

— Eu vim pelos meus irmãos — admite o que eu já sabia.

A carência maternal do Ander é evidente, porém nunca manteve uma ligação com a egoí sta da Georgina, pois ela nunca tentou uma aproximação. Sempre f oi f ria.

— Sinto muito, f ilho.

— Estou bem. Podemos comer?

— Claro, f ilho.

Beijo sua testa ganhando um sorriso dele.

Destravo o veí culo. Ao entrar conf iro o cinto de segurança em seu corpo. Fecho a porta e vejo a morena encostada na lataria do carro mantendo um sorriso singelo nos lábios macios.

— As crianças não f oram legais. Ángel gostou do desenho, mas depois que as outras crianças vieram imitou o outro irmão.

— Crianças podem ser maldosas.

— Eu que o diga.

Recordo o que disse sobre o *bul l yi ng* que sof reu por ser f ilha de casal homoaf etivo.

Sem que espere paro pertinho dela e encosto minha boca na sua, selando nossos lábios de leve.

— Marco, sem beijos — ronrona.

— Obrigado — agradeço e dou mais um selinho nela e suas mãos sobem para o meu peitoral.

— Você é terrí vel.

— Só por que você complica as coisas, chatinha.

— Deixe-me na estação mais próximo que pego um metrô, ok?

— Inf elizmente não tem uma rota que a leve direto para o meu coração.

Lana ri com vontade chegando a lagrimar. Acompanho-a adorando o som da sua risada.

Ela é todo linda.

— Isso f oi muito brega, jogador. É assim que canta suas belas?

— Já disse que nenhuma outra se compara a você, Lana. E pelo que estou vendo é tão ciumenta quanto eu. Interessante.

— Não estou com ciúmes de você, Jamanta.

— Ah, agora sou o jamanta.

— Lembrando que estou f ora do meu horário de expediente.

Abaixo o torso e encosto os lábios no lóbulo da sua orelha direita, sussurro:

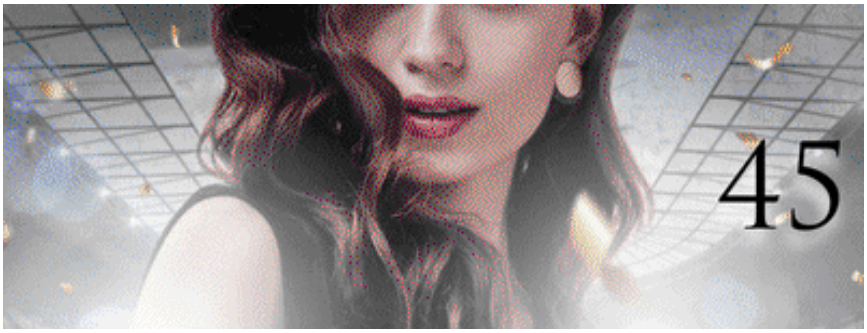
— Se estivéssemos sozinhos iria dar uns tapas nessa sua bunda gostosa do caralho, quem sabe te dando uma surra na sua bocetinha com o meu pau entende que é a única mulher que quero na minha vida. — Cheiro e beijo seu pescoço. — Uma pena estar dif icultando nossas vidas, amor

Beijo o canto da sua boca e sorrio vendo que levou alguns minutos para abrir os olhos. Não tem um traço dessa mulher que eu não adore. Sinceramente não pensei que estar apaixonado me transf ormaria num homem tão intenso.

Já citei os motivos.

— Nenhum deles me convenceu. Agora vamos jantar e depois te deixo em casa, morena.

Espero-a desencostar da lataria e abro a porta para ela.



MARCO

A música baixinha soa no ambiente num volume agradável para o meu f ilho. Ander está socializando da sua maneira com Lana. Ela é sensí vele compreende ele como se convivesse com meu f ilho desde que veio ao mundo. Sinto-me honrado pela morena ser essa mulher incrí vel. Juro que se pudesse me chutaria por ter sido injusto e extremamente desconf iado de suas intenções.

Ander continua f alandodas caracterí sticasdo leão, Lana sorri e f az algumas caretas f of as. Minha mão comicha para segurar sua coxa torneada, contenho à vontade, respeitando-a.

Adentro o estacionamento do restaurante *Coque* notando que não há vaga. Rapidamente o manobrista inf ormaque abrirá o portão para que eu possa entrar na garagem privativa. Agradeço-o e espero ele acionar. Ainda não conheço esse restaurante, f ui convidado pelos proprietários, porém, não tive tempo de conhecer antes. Costumam elogiar bastante e acho que não é à toa que o restaurante tem duas estrelas *Mi chel i. n*

Lana abre a porta para o meu f ilho e ele rapidamente entrelaça sua mão com a da morena. Pego sua outra mão e entramos no restaurante sendo recepcionados. Era necessário f azer

reserva, mas uma das vantagens de ser famoso e admirado era conseguir algumas regalias.

Provavelmente terá fotos nossas amanhã circulando pelas redes sociais de fofoca, revistas e sites. Espero que respeitem a imagem do meu filho cobrindo-a, de resto quero mesmo que falem da mulher que tem meu coração, literalmente, em suas mãos. É difícil, até para mim, entender essa paixão que me atingiu a alma, os sentidos e saiu levando tudo.

Temos sorte de pegar uma mesa no canto. O restaurante realmente está cheio. Fazemos o pedido e Lana sem segurar seu profissionalismo solicita algumas alterações. O garçom anota as observações atentamente no *tablet*

— Desculpa, mas precisa ficar na linha — pede com seu jeitinho fofo que raramente é usado comigo.

— Gosto de ser cuidado pela minha mulher.

— Marco... por favor, seja legal.

Certo, havia prometido não passar dos limites. Por ter me libertado das minhas inseguranças sobre um relacionamento sério e estar disposto a viver tudo com a Lana, me precipitei achando que ela admitiria como eu fiz.

A morena não é fácil.

Interagimos com Ander que está montando o quebra-cabeça digital em seu *iPad* Ele sempre costuma começar pelas bordas. Alguns olhares estão em nós, acostumado faço o meu melhor em ignorar e aproveitar o momento em família. Esse é um dos preços por ser pessoa pública, a falta de privacidade.

LANA

Admito para mim mesma que gosto de escutar Marco falar sobre diversas coisas. Ele sempre tem assunto. Gosto disso, pois é muito agradável. Ele f icaleve, suas expressões másculas suavizam quando puxa pequenos sorrisos exibindo o f urinho na sua bochecha, que por pouco, sua barba cerrada não esconde.

O jogador está se esf orçandopara me ver f alandoda minha vida. Enf oco apenas em meus estudos e carreira. Dif erente dos homens que costumo sair parece realmente estar prestando atenção e suas perguntas são certeiras.

— Não pensa em abrir um consultório?

— É um projeto que demandaria um investimento alto. Eu, particularmente, gosto de estar em ação o tempo todo. Acompanhar os meus pacientes de perto.

— Além do f utebol e basquete, pensa em escrever um artigo sobre outro esporte?

Encaro Ander imaginando-o sendo um f uturo esgrimista prof issional. Óbvio, o lindinho será o que quiser quando crescer, mas desde que o vi praticando esgrima acabou chamando minha atenção.

— Esgrima — respondo, tendo certeza absoluta. — Quero muito aprof undarmeus conhecimentos em nutrição nos atletas que praticam esse esporte.

— Aposto que uma pessoa muito importante te inspirou — diz com puro orgulho de pai.

— Nem precisa apostar. Acertou, jogador.

Seu lábio se levanta num sorriso charmoso.

Preciso urgentemente parar de pensar no Marco com meu lado cadelinha no cio. Ele está f ora de alcance por muitas razões. Posso tentar construir um relacionamento sério, mas não pode ser com o capitão de um dos times mais amados da Europa.

Decido colocar toda minha atenção no Ander.

Ao terminar a sobremesa peço licença para ir ao banheiro. Pergunto para um dos garçons o caminho e ele explica gentilmente. Quando olho em direção ao outro ambiente do restaurante paraliso. É como se o tempo parasse e existisse apenas o Daniel. Ele está acompanhado de uma mulher lindí ssima. A mulher não f oge do perf il das que costumava sair em Milão.

Sua escolha de me abandonar me machucou muito. Não só o término sem respeito, mas como também o f ato de ter partido e seguido sua vida como se eu não tivesse existido. Enquanto prosseguia no tratamento e sof ria pelo homem que amei desde menina, aprendi que era preciso muita coragem para seguir em f rente.

Meu maior ato de coragem f oi seguir em f rente.

Não segui como deveria, sem ressalvas, mas agora que regressou à cidade... mais do que nunca, preciso conhecer um novo amor, sair do casual.

Pensei que perder o Daniel me mataria mais rápido que o câncer. Venci o câncer, e agora, a dor de ter perdido o homem que amava não dói como antes. Talvez f osse necessário perdê-lo para f icar mais f orte, para me tornar a pessoa que sou hoje e... quem sabe conhecer um novo amor.

Suspendo o ar por alguns segundos quando presencio seu beijo com a bela mulher. Obrigo-me a seguir para o toalete. Felizmente tem apenas eu e solto a respiração algumas vezes lentamente, num exercício para me acalmar.

Em algum momento iremos conversar, ou simplesmente agir como se nada tivesse acontecido. De qualquer forma, me sinto um pouco mais preparada para lidar com a situação inevitável.

De volta à mesa coloco meu melhor sorriso.

— Tudo bem? — indaga atencioso, tocando minha mão por cima da mesa.

— Sim — digo.

O chefe do restaurante, que também é um dos donos, pede uma foto com Marco. Disponho-me a fotografar, mas o jogador diz:

— Quero você na foto também, amor.

Um sorriso travesso desponta em seus lábios. Filho da mãe! Entrando na personagem de namorada, sorrio e vou para o seu lado. Um dos garçons fica responsável por fotografar. Marco tenta proteger ao máximo a imagem do filho, e entendo seus motivos. O jogador fez o mesmo com seus irmãos até eles terem crescido e optarem por ter redes sociais. Mesmo assim, tem a equipe da M13 que os monitora.

Seu lado paizão e irmão protetor é cativante. Isso nunca neguei.

Cumprimento o chefe e tendo a mão grande e possessiva do Marco em minha cintura. Poderia dizer que estou terrivelmente incomodada, porém gosto. E a única explicação para isso é que sou

uma putinha saf adaque está lutando contra as sensações af loradas em meu corpo colocando a razão em primeiro lugar.

Minutos depois o chef einf orma que o jantar f oipor conta da casa. Marco parece sem jeito, conf essoque f oiaté f of ovê-lo assim. Ele não abre mão de pagar ao menos a porcentagem do serviço dos garçons, acaba pagando alguns euros a mais.

Algumas mulheres no estacionamento o abordam junto com duas crianças. Pela semelhança parecem ser da mesma f amí lia.

— Esperamos você no carro — enuncio tranquila, sabendo que irá atender seus f ãs.

— Não f icará incomodada?

— Óbvio que não, *amor* — prof iroentrando na personagem e pisco o olho para ele.

Segura o sorriso e beija a cabeça do Ander. Logo depois seus dedos longos e tatuados colocam mechas dos meus cabelos atrás da minha orelha num carinho gostoso, í ntimo e altamente perigoso para o meu coração masoquista. Estava claro que diria mais algumas coisas que mexeriam comigo, porém suas í rises castanhas explanavam o suf iciente, f azendo meu coração bater mais rápido.

Perigo.

Estou me colocando em risco, sei disso.

As f ãsacenam para mim e retribuo cortando o clima entre o jogador e eu.

Assim que o lindinho entra no carro blindado, conf iroa trava do cinto de segurança. Ander está concentrado no jogo em seu *i Pad.* Quando f echo a porta e olho para trás presto atenção no

pequeno aglomerado em volta do jogador. Suas mãos f icamacima da cintura das suas f ãs e os dedos abertos, instintivamente gostei de saber que não segura as mulheres como costuma f azer comigo.

Ah, eu sou uma bandida, isso sim.

Por que se ele segurasse da mesma f ormaque segura minha cintura não teria o direito de f icarcom raiva e muito menos ciúmes. Somos uma mentira. A maior *f akenews* desta cidade. No entanto, poderia continuar incorporada na personagem e colocar as assanhadas para correr.

Poderia? Não, não e não.

Observo-o interagir com as crianças e os adolescentes. Marco é atencioso, talvez por isso seja tão querido. Sua f amade ser esquentado nos gramados não é levado a sério pelas pessoas que o admiram. Sinto minhas orelhas esquentarem quando vejo uma bonitona, exibindo o belo par de seios no decote generoso, f icar perto demais do meu namorado... meu namorado de mentira.

Aperto os lábios com f orça engolindo os xingamentos direcionados ao Marco quando a bonitona sussurra algo em seu ouvido. Ele sorri claramente gostando. Ele não vai me f azer de chif ruda para o paí s todo, a não vai mesmo. Terei uma conversa séria com esse puto espanhol. E ainda tem coragem de f icar me chamando de: amor

Fingido.

Falso.

Cachorro.

Jamanta.

MARCO

Atendi alguns fãs como costumo fazer Alguns acabam ultrapassando os limites, mas aprendi a lidar. Já aconteceram situações horríveis inventadas por algumas pessoas fanáticas, mas tudo foi esclarecido e serviu como lição. Não dou muita abertura. Um dos motivos para não me relacionar com fãs é justamente evitar qualquer mentira ou que suas vidas sejam invadidas pelos curiosos, como está acontecendo com Lana desde que vazaram nossas fotos do restaurante.

Apesar de que, não achei ruim, afinal, isso proporcionou o nosso namoro de mentira e, consequentemente, abriu meus olhos me fazendo enxergar meus sentimentos com mais clareza. Lana é um mulherão da porra. E meu maior obstáculo para chegar nela como desejo é ela.

Paro no semáforo vermelho e viro para trás para fitar meu filho dormindo. Lana se soltou do cinto de segurança por alguns minutos enquanto ajeitava o pescoço dele com o travesseiro de apoio. A morena continua sendo monossilábica, muito diferente de como estávamos.

— Agora vai me contar a mudança repentina de humor? — pergunto assim que estaciono na fachada da sua casa.

— Obrigada pelo jantar — diz simplesmente, ignorando minha pergunta.

Saio do carro impedindo que avance.

— Fiz algo de errado? Porra, fala comigo.

Cruza os braços com impaciência evidenciando os seios pequenos. Mal posso esperar para...

— Eu f aço parte de algum joguinho seu, não é? Por isso continua insistindo, f alandosobre paixão, atração, me chamando de amor. Acho que está me conf undindocom as Marias Chuteiras. Não entrarei no seu jogo.

Inevitavelmente sorrio percebendo que baixou a guarda em volta de si.

— A única partida que estou jogando é para f azer parte da sua vida como seu homem. E estou f eliz que esteja com ciúmes, Lana.

Separa os lábios carnudos, claramente irritada.

— Não estou com ciúmes.

— Jura, amor?

— Não tenho que jurar nada, jogador de...

— Amo sua língua af iada, mas pref iro ela quando está na minha boca, e espero ansioso para tê-la...

Agarro-a pela nuca, f irme e sério, explodindo de amor e queimando de tesão.

— Não f ala, Marco — murmura baixinho.

— Espero tê-la no meu pau — digo rouco. — Mas para ser sincero, amor, estou muito mais ansioso para me acabar na sua bocetinha com a minha boca, lí ngua, dedos. Quero tudo, doutora Lana Rubio. Já deixei claro que quero apenas uma mulher, e essa mulher é você, caralho. Quando vai admitir o que sente por mim?

— Nós dois não darí amos certo.

Lana continua reprimindo seus sentimentos por mim. Eu não sou ingênuo, sei que é recí proco.

— Você tem alguém?

— Não.

— O que te impede de se apaixonar por mim?

Enxergo o maldito desejo, tesão e paixão, porém Lana continua mantendo todos os portões do seu coração trancados. Vejo o quanto é custoso admitir, e que talvez nunca admita por receio de alguma coisa. Quero saber o que é.

— Tem coisas que não estou pronta para arriscar — admite num tom baixinho.

Seus olhos estão marejados.

— Ninguém está disposto a deixar de arriscar por medo de perder, se decepcionar e se machucar. Viver, verdadeiramente, exige que nos arrisquemos.

Envolver-me sério não estava nos meus planos, mas decidi arriscar, acreditar no que estou sentindo e tentar. Seria mais covarde se perdesse a oportunidade de viver algo com a mulher que bagunçou minha vida.

— Está tudo uma bagunça, Marco.

— Uma bagunça a mais, outra a menos, não me importo contanto que esteja nessa bagunça comigo — declaro.

Sua resposta veio num beijo. Mantenho sua nuca f irme, dominando o beijo, saqueando sua boca gostosa com a lí ngua. Desço a mão pelas suas costas f ixando-aem sua cinturinha. Coloco mais pressão sentindo os sentimentos af lorados, queimando de

tesão e paixão. Lana geme me deixando mais enlouquecido. Cessamos o ritmo do beijo lentamente.

Gostosa do caralho.

— Quero mais. — Esf rego meus lábios nos seus entreabertos.

— Precisa ir. Ander está no carro.

— Amanhã você é minha.

Abre um sorriso bonito, meio tí mida sem apagar a mulher sensual que é.

— Vai.

Puxo-a para mais um beijo totalmente inebriado pelo seu gosto. Quase solto um rujo agoniado, louco para tê-la somente para mim.

— Até amanhã, amor — prof iro, selo mais uma vez nossas bocas num beijo rápido.

Entro no carro antes que perca o f iode controle e espero que entre para ir embora.

LANA

Demorei mais do que deveria no banheiro, pois precisei saciar meu corpo como pude imaginando o jogador gostoso comigo. Marco não mede mais suas palavras. O homem simplesmente diz o que tem vontade me deixando sem reação.

Estou tentando lutar contra, mas não adianta.

Apanho meu celular na cama para conectá-lo ao carregador e mordisco o lábio vendo a notif icação na tela. Largo a toalha sentando na cama e f itando o display como uma adolescente apaixonada pelo namorado vendo os diversos emojis de coração vermelho. Fico em dúvida se devo ou não o responder.

Regressei à terapia e decidi me entregar a um novo amor sem ressalvas. Marco pode ser o homem, meu homem. Tenho que ser realista e pensar bem. Trabalhamos juntos, passamos a maior do tempo um com o outro e ele tem uma agenda disciplinada. Ele pode se cansar de mim, perceber que não me encaixo em seu mundo.

Meu lado dramático não deixa de conjecturar os pontos negativos de namorar um jogador de f utebolf amoso.Fui jogada nas mí diascomo uma f icantee caí ramem cima, inclusive colocando em xeque minha carreira.

Fui proibida pela Ari de acessar minhas redes sociais, ou melhor, de buscar qualquer notí cia sobre mim na internet, devido aos comentários maldosos. Minha melhor amiga f ez esse pedido pensando na minha saúde mental. O pouco que relatou mexeu comigo, então sequer arrisquei espiar o que andam f alando sobre mim.

Namorar Marco traria atenção que não procuro de jeito nenhum. Bom, posso sugerir somente envolvimento casual e pronto. Assim me acabo no pau do jogador gostoso, matamos a vontade um do outro e ponto f inal. Sem estresse e sem drama. Dois adultos f odendo de f orma carnal, sendo dois putos proporcionando orgasmos.

Parece-me um bom plano.

— Vim dormir com você — anuncia minha melhor amiga entrando no meu quarto de roupão, toalha na cabeça e arrastando sua mala rosa-*pink*.

Nem preciso perguntar para saber que sua reunião em Barcelona não trouxe o resultado esperado e que discutiu com seu pai mais uma vez.

— Podemos nos entupir de besteira e assistir um filme — sugiro, soltando o celular.

— Levei horas hidratando o meu cabelo, o deixei forte, cheiroso e hidratado para ser puxado por um gostoso nessa sexta-feira. Entretanto, discuti com meu pai e o atleta de Barcelona recusou ser agenciado por mim.

— Eu preparo tudo — falo e saímos do quarto.

— Quero saber por que a Virgem Santíssima não me ajuda. Caramba, tento de tudo e nada de confiarem no meu potencial. Eu sou boa no que faço, você sabe disso.

— Você é excelente, Ari. Maravilhosa, inteligente, dedicada, esperta e perfeita. Esses atletas são uns babacas por não acreditarem em você — enalteço minha melhor amiga sendo honesta.

Amanhã falarei com Christian. Ari não vai gostar de receber o apoio inicial que pedirei do melhor amigo do Marco, mas não vejo outra saída. Infelizmente a área esportiva ainda tem um lado bem machista. Claro, com o passar dos anos houveram mudanças e vemos uma certa quantidade de mulheres atuando em alguma área do esporte, mesmo assim não é fácil. Na minha especialização só

tinham professores homens e na minha turma era eu e mais três mulheres.

— Preciso de mais elogios, amiga.

Sorrio indo abraçá-la.

— Você é incrível. Sem você não teria chegado onde estou hoje.

Não falo apenas do período que esteve comigo durante meu tratamento, que foi de extrema importância, mas também como criou estratégias para eu alcançar o prestígio de ser comentada e respeitada na área da nutrição esportiva. A ideia do site foi dela, da conta profissional das redes sociais e muitas outras coisas vieram dela. O contrato de trabalho com os clubes e com os atletas, tudo cuidado por ela. Ari é foda no que faz.

E assim como me incentivou e ajudou, farei o mesmo.

Ao invés de assistirmos um filme atualizo minha melhor amiga sobre o jantar maravilhoso que tive com o jogador. Óbvio, não escondo a parte que vi Daniel jantando com uma mulher no mesmo restaurante.

— Já sabe tudo que penso sobre o Anticristo, Lana.

Acabo rindo e levo outra colher de sorvete à boca.

— Agora sobre o Marco... acho que deveria entrar no jogo sem pensar no amanhã.

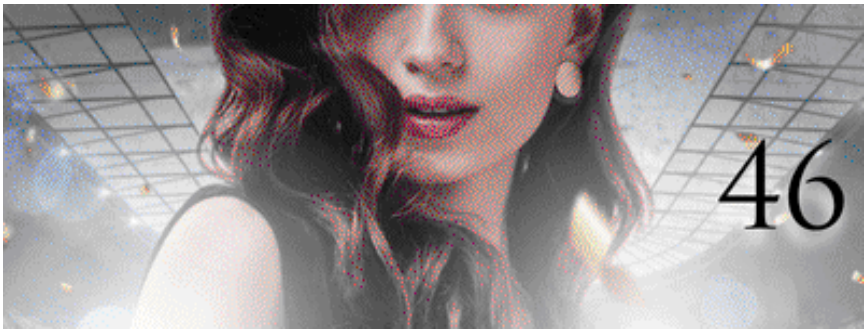
— Ah, para, Ari! Você é do time do Marco desde o início.

— Faço parte do time que torce pela sua felicidade. Qual o problema de tentar algo sério com o Marco? Ele está louco por você. Todos já perceberam isso.

— Eu sou tão comum. Bem dif erente do tipo de mulher que ele é visto.

— Sem autodepreciação, por f avor Quem está triste hoje sou eu — diz humorada e sorrimos. — O zagueiro está jogado aos seus pés, para de pensar nas mulheres que ele costumava sair. Foda-se todas elas. Sorte dele ter um mulherão como você, amiga.

Suspiro me sentindo um pouco mais corajosa para arriscar.



LANA

Ari acordou cedo com a ligação de um produtor do *podcast* ref erência em saúde e esporte. É o mais escutado da Espanha e está no *t op* vinte dos *podcast s* mais escutados numa das maiores plataf ormas de *st r eami ng*. Haví amos marcado para outubro, porém devido à f alta de um dos entrevistados propuseram adiantar minha participação.

Seguindo a rotina, acordei no horário de sempre para correr com meus pais. Agora estou terminando de me aprontar. Enviei uma mensagem para o Marco inf ormando o motivo de eu chegar depois do meu horário. Ele não visualizou, pois está dormindo. Aproveito e ligo para Danna pedindo, por gentiliza, que prepare a primeira ref eição do dia do jogador, seguindo as orientações do planejamento nutricional dele.

Encaro meu ref lexo no espelho constatando que o vestido, modelo sobretudo de botão duplo simples, que mede acima das minhas coxas, está perf eito. Sensual, f ormal e conf ortável. A cor marrom camurça é perf eita. Opto por usar botas de cano longo brancas. Quando estou subindo o zí per sinto uma cãibra atingir

minha perna esquerda. Sento na beira da cama f azendocareta pela contração dolorosa e involuntária.

Vez ou outra sinto isso devido a medicação que tomo. Anastrozol é uma droga f ortee ajuda controlar o estrogênio. Relaxo quando cessa a cãibra. Busco o celular, procuro o nome do Christian nos contatos.

— Bom dia, Laninha — f ala ao atender no segundo toque.

— Desculpa ligar tão cedo, sei que é ocupado, mas preciso pedir um f avor Ah, excelente dia.

Escuto sua risada rouca no f undo. Estava me perguntando o que disse de engraçado, porém uma voz f eminina soa por cima da dele.

— Só um minuto — pede, e f icoem dúvida se é para mim ou para a pessoa que está com ele. — Pode f alar, Laninha.

— Você sabe que Ari é f ormada em Direito e tem especialização em Direito Desportivo, além de ter f eitooutros cursos rápidos envolvendo agenciamento. As notas delas são excelentes, mas, o principal, a Ariana tem garra, f orça, é inteligente, sagaz, perspicaz... ela é perf eita no que f az.

— Não esperava outros elogios vindo de você.

— É sério, Christian. Ela cuida da minha carreira, administra tudo perf eitamente. Tirando a parte que você e ela se uniriam e traí ram Marco e eu — alf ineto.

— Levando em consideração que estão loucos um pelo o outro, f izemos o bem para os nossos melhores amigos geniosos — rebate certeiro.

Um ponto para o agente do jogador.

— Gostaria que desse uma oportunidade a ela. Você é o chef eda M13, não sei, será que não tem nenhum jogador que estão de olho?

— O Chef ão vai odiar

— Sorte sua ele não ser o seu chef e.

— Laninha, é uma área complicada e altamente competitiva.

— E machista.

— É, eu sei.

— Ajude a Ari alcançar o objetivo dela, Christian. Você já tem um nome no meio, sabe as direções, conhece as pessoas e os negócios.

— Vi uns ví deos de um garoto de Marbella jogando numa competição amadora. Estava cogitando em tirar uns dias para ir até lá e tentar convencer os responsáveis e o garoto em ter um f uturo no f utebol,mas não é certeza, ainda estou sondando. — Suspiro. — Contudo, f arei uma proposta para Ariana trabalhar comigo, darei todo suporte para que seja levada a sério no meio desportivo. Conf io no potencial dela.

Quase dou pulinhos de alegria.

— Você não vai se arrepender, Christian. Por f avor̨ não diga que lhe pedi nada. Ari é orgulhosa.

— Certo. Bom, preciso desligar.

— Claro, claro. Obrigada.

Se despede e encerramos a ligação.

Conf iroas coisas que estou levando na mochilinha de couro sintético. Guardo o carregador do meu *i Pad*e o celular. Sigo para a

casa principal. Sorrio vendo meus pais rindo e trocando beijinhos. Ambos continuam usando as roupas esportivas e o cheiro de caf ée chá está dominando o ambiente.

— Minha glicose sobe quando vejo seus pais. Meu Deus, nem são oito horas ainda — murmura Ari, me f azendo rir

Sirvo-me com o chá e em seguida pego uma f atiado bolo de aveia, bananas, chia e mel. Receita minha e execução do meu pai Camilo. Ele é um cozinheiro de mão cheia.

— Onde poderemos assistir sua entrevista, carinho? — pergunta papai Thibaut.

— Mandarei o *l i nk* no nosso grupo assim que estiver liberado.

— Pode mandar um beijo para mim?

Papai Camilo de longe é o mais sentimental. Acho extremamente f of o.

— Não, mandarei um milhão de beijos para os meus pais maravilhosos.

Meu pai Thi inf la o peito orgulhoso.



Chegamos com meia hora de antecedência no estúdio onde acontecem as gravações do *podcast*. Também estaremos ao vivo no canal deles no *YouTube*. Fomos recebidas pela equipe e conversamos rapidamente com os dois entrevistadores.

— Tem como pedir para não perguntarem nada sobre o namoro? — pergunto baixinho e Ari desvia a atenção do seu celular.

— Pedi que não fossem invasivos. Amiga, o foco é sua carreira, seus artigos e tudo relacionado a sua profissão, porém é natural a curiosidade sobre seu relacionamento.

Ari tem razão. Não tem como fugir disso.

Confiro o retorno dos fones de ouvido e testo o microfone conforme solicitação da produção. Os entrevistadores fazem o mesmo. Servem água e inicia a contagem regressiva. Assim que inicia a tímida vai dando lugar para a profissional, pois as curiosidades e perguntas deles são certeiras. Nada mais prazeroso do que falar, explicar e contextualizar sobre assuntos que domino.

Narro sobre dietas sem orientação médica e quanto são prejudiciais à saúde. Depois o assunto se volta para planejamento nutricional, como me organizo e monto a dieta de acordo com o perfil de cada atleta, querendo alcançar onde ele deseja, porém, mantendo a saúde do seu corpo e mente.

Esclareço algumas polêmicas envolvendo atletas que aderem algum distúrbio alimentar quando começam a carreira profissional, e alguns deles muito antes devido à pressão em alcançar a perfeição que não existe. É um assunto delicado, e procuro exemplificar e relatar tudo baseado em meus conhecimentos científicos e o que presenciei no decorrer da minha carreira. É necessário ser responsável sob aquilo que se fala, fontes são necessárias, por isso cito livros, pesquisadores e doutores que acompanho.

— Chegamos na parte que iremos ler alguns *chats* dos nossos inscritos, doutora Rubio.

— Certo — digo e sorrio.

Estamos ao vivo uma hora e meia.

Uma integrante da equipe se aproxima do Alejandro, um dos apresentadores, e ele abre um sorriso enorme.

— Claro, permita a entrada do segurança — diz para a mulher que sai rapidamente.

Procuro Ari entre as pessoas da produção e na hora vejo que isso pode ser coisa do jogador. Aquele f ilho da mãe! Reconheço o segurança, é um dos que trabalha para o Marco.

O segurança surge e o outro entrevistador o chama. Meus olhos f ocam no enorme buquê de rosas colombianas. Quando me entrega f ico emocionada ao ver cravos vermelhos no meio. Aposto que ele sabe o signif icado de cravo vermelho, principalmente para nós espanhóis. Além de ser um í cone da nossa cultura, ganhar um cravo vermelho de uma pessoa signif ica uma declaração de amor

Nunca ganhei uma f lor de cravo vermelho, e não queria ganhar de nenhum homem depois de tudo que me aconteceu. No entanto, o jogador me deu vários.

— Já vi que o nosso capitão é romântico — comenta um dos entrevistadores, animado.

— Aproveitando a surpresa que ele lhe f ez, adoraria saber como está lidando com a mí dia, como está sendo a rotina de trabalho, agora que são namorados.

Minhas bochechas e orelhas esquentam.

— Marco vai me pagar por isso — escapa e todos riem.

Céus, que situação.

— Ficar longe das redes sociais tem sido a solução — confesso,pegando-os de surpresa. — Marco é um dos atletas mais disciplinados com o qual já trabalhei, e isso facilita muito o meu trabalho. Seguimos a rotina do planejamento nutricional que montei para ele, quando tem imprevistos adaptamos. O fato de sermos namorados não atrapalha.

A última frase soou mais natural do que previa. Prossigo respondendo mais perguntas e segurando o buquê com todo cuidado para não machucar as rosas e flores.

MARCO

Acordo pronto para seguir a rotina disciplinada de exercícios e alimentação. Ao sair do banho pego o celular para conferir as mensagens. Fico felizem ver que a morena enviou uma mensagem. Assim que termino de ler, escrevo:

Muito sorte, amor. Você vai se sair muito bem, é uma profissional foda, incrível.

Envio e vejo que não está *online*. É, acho que já estou me acostumando com esse meu eu apaixonado. Antes de descer confiro meu filho e meus irmãos dormindo em seus respectivos quartos. Depois do café da manhã Ander terá aula de inglês com a professora particular. Ele tem conseguido acompanhar seus colegas, no entanto, tem um pouco de dificuldade que tem sido superada com persistência e paciência.

As aulas estão para começar e conforme for o seu desempenho conversarei com os seus professores, assim verei em

que disciplina meu garoto está tendo dif iculdade.

Agradeço Danna pelo pré-treino. Pol já está com seu suplemento. Minutos depois estou me alongando. Hoje o treino será integralmente externo, o que adoro. No primeiro intervalo do dia surjo na cozinha.

— Veio assistir a entrevista da sua namorada, irmão? — pergunta Teresa antes de levar uma colherada da sua omelete à boca.

— Bom dia, f of oqueira.

Beijo sua cabeça e ela sorri. Estou pronto para ser af etuoso com Lucí a quando rapidamente desvia do meu carinho.

— Algum problema, princesa?

— Só não sou melosa como a Teresa.

Teresa dá lí ngua para sua irmã gêmea que está com um humor do cão. Fito Juan que ergue as mãos e pronuncia:

— Não f açoideia de qual bicho mordeu a Barbie do Mal. Ela está estranha até comigo, sendo que sou o seu irmão pref erido.

— Cala boca, Juan! — f ala Lucí a, irritadí ssima.

— Engraçado que esse mau humor todo não f oi direcionado ao garoto novo da escola.

Puxo na memória que minhas irmãs f oram à escola para participarem da reunião pré-aula. Neste caso, os responsáveis não precisam comparecer, pois participamos de uma reunião depois. Faço questão de estar a par da vida de estudante do meu f ilho e dos meus irmãos. Participo da maioria das reuniões, apresentações e

tudo que envolve os pais. Quando não consigo comparecer, um dos meus tios vão, ou Pol.

— Sua boca é do tamanho de um estádio. Que saco!

Quando se ergue pronta para deixar a mesa lhe direciono um olhar de repreensão pela atitude.

— Desculpa ter gritado, mas Teresa realmente tem uma boca grande! Com licença.

Leva as louças que sujou para a pia saindo em seguida.

— Quem é o garoto, mana? — questiono, curioso.

— Também estou curioso — enuncia Pol enchendo o copo de suco verde.

— Não faço ideia, porém acho que já se conheciam. Lucía não me conta as coisas.

— São da mesma turma, pressuponho.

— Exatamente. Ele tem um estilo *nerd*, gatinho e tímido.

Ótimo... tudo que precisava era da minha outra irmãzinha encantada por um moleque qualquer.

— Bem diferente do Kai, então — digo. — Aliás, andam... conversando muito?

Sua expressão suave e doce muda para irada. Joga o guardanapo de colo com força em cima da mesa e recolhe as louças que utilizou.

— Perdi o apetite.

E simplesmente sai da cozinha deixando Juan, Pol e eu sem reação.

Ander adentra a cozinha indo direto para a mesa.

— Papai, minhas tias precisam de chocolates e flores. Estão nos dias femininos, eu acho, pois passaram por mim com as caras nada boas.

Aproximo-me dele achando graça. Beijo rapidamente seu cabelo úmido sentindo o cheiro do xampu infantil. Usando sua autonomia meu filho se serve do que gosta deixando tudo separado, sem misturar e começa a comer. Magda vem buscá-lo quando termina seu café da manhã para fazer a primeira atividade do dia antes da aula de inglês.

— E os treinos?

— Estou indo bem. Além dos treinos, tenho estudo bastante. Hoje irei sair com os caras. Posso usar meu carro?

Presenteei meu irmão com um *Audi E-tron GT* blindado na cor azul-pacífico. Acontece que em uma das suas farras foi parado por estar correndo como um louco na rua. É difícil pôr limites e educar.

— Ainda está de castigo.

— Qual é, mano? Já pedi desculpas. O motor não pode ficar parado tanto tempo.

— Faço o sacrifício de dar umas voltas no seu carro, Juan — diz Pol no intuito de provocá-lo.

— Falando sério, tenho um encontro. É chato ter que buscá-la com o motorista.

— É uma namorada?

— Eu não namoro. Sabe disso.

— Vai dirigir seu carro quando eu liberar. Agiu errado e agora está arcando com as consequências. Simples. Conheço a garota?

— É só uma *mi na*— resmunga.

— Certo, você sabe das regras.

— Nem começa, irmão.

Faz careta de desgosto arrancando risadas do meu amigo.

— A regra é clara: trate todas as garotas com respeito, dignidade e nunca saia f alando sobre o que f izeram ou deixaram de f azer Seja sempre gentil na cama e f ora dela. E nunca ande sem preservativo.

— Cara, as reuniões em f amí lia onde rolou educação sexual deixaram tudo muito claro. E aqueles *sl i des* f oram desnecessários. Tive pesadelos.

Pol ri com vontade. Ok, posso ter exagerado.

— Não queremos que nenhum de vocês seja diagnosticado com gravidez na adolescência, moleque — prof ere Pol humorado para o meu irmão caçula.

Juan continua com sua marra de *bad boy.*

— Sexo bom é sexo seguro. Claro, quando estiver f irme com uma garota, quando f or *a* garota, podem ir às consultas com um ginecologista, f azer exames periódicos e ajudá-la com o método contraceptivo, pois é uma responsabilidade sua também — discurso f itando seus olhos verdes.

Meus pensamentos vão para a chatinha gostosa que me tem em suas mãos macias. Quero que f açamos idas ao médico juntos, nos cuidar juntos, como casal e ajudá-la a lembrar de tomar ou

trocar seu método contraceptivo quando estiver próximo da data de vencimento. Não é só uma obrigação dela, é nossa. Sou um homem saudável e apesar de ser um puto do caralho não ando colocando a boca ou o pau em toda boceta que aparece, não é assim que f unciona para mim.

— Eu sei de tudo isso. Sou um mulherengo responsável.

Sorri e, seguindo a boa educação, leva o que sujou para a pia.



Quando vejo Ander próximo a pequena plantação de rosas colombianas f icoinspirado em aprender ser romântico. Ao invés de estar escutando música, preferi escutar a entrevista da morena. Tiro um lado do f one de ouvido e peço para Danna, que veio abastecer o f rigobar da academia:

— Pode encomendar f lores de cravo vermelho com urgência?

Pisca o olho entendendo perf eitamente para quem irá.

— E nasce um romântico — brinca Pol e sorrio.

— Sinceramente não esperava isso, mas já que aconteceu... tudo certo.

Peço uma pausa e corro até onde meu menino está com sua babá.

— Vida, o que acha de presentearmos a Lana com suas rosas colombianas?

— Lala gosta de rosas colombianas, papai. Sabia que ela nunca ganhou cravo vermelho?

Meneio a cabeça ciente do signif icadode ganhar esse tipo de f lor

Seus olhos se iluminam apresentando animação. Prontamente Magda inf orma que pegara os acessórios de jardinagem, aproveito para solicitar:

— Peça para Danna pedir sementes e tudo que é necessário para plantarmos craveiros vermelhos, por f avor

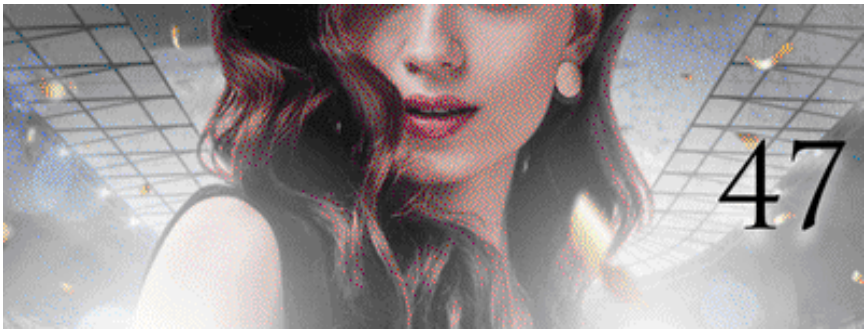
Assente simpática e agradeço-a.

Quando as f loresde cravo vermelho chegam juntamente com as sementes meu f ilhoe eu já preparamos o solo no espaço vago aguardando algum tipo de planta. Sujo-me junto com Ander, trabalhamos juntos e f icoadmirado com sua desenvoltura. Ele adora esse tipo de atividade, f azmuito bem para o seu desenvolvimento. Ajudo-o segurar o regador pesado devido à água. Deixamos uma distância de mais ou menos dez centí metrosentre os craveiros para que cresçam sem aperto.

Lavamos nossas mãos e montamos o buquê com os acessórios que Danna lembrou de solicitar da f loricultura. Logo, mando que um dos seguranças entregue o buquê em mãos para a minha mulher. Christian f ezo f avor de descobrir o local que está acontecendo o *podcast*.

É, isso. Não tem mais volta.

Encaro meu f ilho e beijo sua testa.



LANA

O *podcast* se estendeu um pouco mais. Passamos das duas horas. Fiquei surpresa por saber a quantidade de pessoas que estava assistindo ao vivo via internet. Respondi mais algumas perguntas sobre meu relacionamento com Marco. Por respeito a sua privacidade e por estar envergonhada por mentir sobre o namoro, não respondi dando abertura. O bom f oisaber que adoraram e que consegui descontrair um pouco contando algumas situações embaraçosas no meu trabalho, obviamente sem citar nomes. Claro, não esqueci de mandar beijos para os meus pais. E dentro da personagem de namorada mandei beijos para o jogador, meu jogador... bom, acho que não estava atuando af inal de contas.

— Christian me ligou pedindo que eu f osse a M13 — comenta assim que passamos pelo segurança do CT.

— Por isso está tão pensativa — concluo.

Após a entrevista tirei novas f otos com os entrevistadores e já havia percebido que Ari tinha mudado o semblante.

— Estou curiosa, amiga, Ele disse que tem uma proposta prof issional. Tem dedo seu, não é?

— Eu já disse o quanto você está gata hoje?

Mudo radicalmente de assunto e Ari estaciona na área destinada aos visitantes.

— Desembuça, Lana.

— Olha, Christian pode impulsioná-la ao mercado. Odeio o f ato de precisar passar por isso sendo que é tão capaz quanto qualquer outro homem, mas inf elizmente sabemos como é o meio esportivo. Funcionam dif erente quando têm mulheres assumindo lugares ondem costumavam ter apenas homens.

Suspira soltando o volante e me f itando.

— Acho que cheguei no limite do meu orgulho, amiga. Se Christian será a ponte, que seja. Isso não vai reduzir minha capacidade.

— Exatamente.

Desencaixo o cinto de segurança e nos abraçamos.

— Não esquece de colocar minhas rosas e cravos no jarro com água.

Perdi as contas de quantas vezes pedi isso. Ari revira os olhos.

Decidi vir ao CT após ler a mensagem do jogador, a qual me enaltecia e torcia por mim. Depois li a outra dele inf ormando que estaria no clube para uma pequena sessão de f otos usando o novo unif ormedo time para sua equipe, que cuida das suas redes sociais, alimentarem os seguidores. Poderia ter seguido para sua residência onde prepararei seu almoço, contudo, senti a necessidade de vê-lo. Sequer respondi suas mensagens, pref erivir pessoalmente. E agora que estou caminhando em direção ao estádio não sei o que irei dizer e muito menos f azer

Não consigo mais segurar a vontade de beijá-lo e de sentir seu cheiro de homem gostoso. Estou assustada com o que estava sentindo, mas agora ganhou uma intensidade a mais, como se tudo que eu tivesse segurado com correntes f ortes e grossas tivessem sido quebradas.

Aos sábados e domingos o quadro de f uncionários é reduzido, a não ser que haja algum evento. Conf orme subo os degraus para acessar a área das arquibancadas sinto meu coração bater alucinadamente na caixa torácica, como se f osseescapar dela a qualquer momento. No topo da arquibancada vejo a pequena movimentação no gramado. Além do Pol, tem um dos assistentes do Marco, um f otógraf o e uma mulher

Os olhos castanho-escuros do jogador capturam os meus. E nesse exato momento soube que estava perdida, sem escapatória. Conf ormedesço os degraus para chegar no gramado sinto cada vez mais f ortea energia pungente, f ortee intensa emanando dele e me arrebatando. Incerta se deveria me aproximar mais, opto por f icar perto dos bancos dos jogadores. Cruzo os braços observando-o ser f otograf ado pelo prof issional.

— Olhos em mim, capitão — pede o f otógraf o.

O coitado do f otógraf osolicita duas, três, quatro, cinco vezes e nada do Marco desviar a atenção de mim. Estou queimando, meu coração galopa, minha vagina palpita entre as pernas, meu corpo todo, cada maldita célula está reagindo a ele.

Somente a ele.

Com o cenho f ranzido e carregado está pegando tudo de mim, me deixando dopada, louca, alucinada.

Sem anunciar nada simplesmente chuta a bola de f utebol para longe e vem andando com toda sua altivez de macho alf a em minha direção. Não consigo me mover até que chegue e entrelace sua mão com a minha.

— Acho que por hoje é só — escuto Pol dizer ao longe.

Adentramos o túnel que leva ao vestiário, logo sou pressionada contra o concreto tendo seu corpo f orte sobre o meu. Of ego antes mesmo que tome minha boca num beijo de lí ngua delicioso. Fecho os olhos totalmente entregue a sua dominação, calor e possessividade. Jogo os braços por cima dos seus ombros, o puxando para mais perto, adorando sentir o corpo musculoso se esf regando no meu.

A excitação violenta está estalando por cada parte do meu corpo.

Estremeço cheia de tesão quando sua mão pesada sobe pela minha coxa, trilhando o caminho interno. Gemo em sua boca quando aperta a nádega com f orçae sem dó. Seu rugido abaf adoe rouco me excita mais. Respirando em haustos quando cessamos o beijo, tombo a cabeça para o lado recebendo beijos e pequenas chupadas no pescoço.

— Marco...

— Oi, amor... — Mordisca meu pescoço arrancando mais um gemido dos meus lábios.

Caramba parece que estou impregnada com seu gosto. Quero mais, muito mais.

— Alguém pode aparecer, nos f lagrar Quero muito você, mas aqui...

Chupa f orte e minhas mãos escorregam por suas costas largas, buscando apoio.

— Está admitindo que me quer, doutora Lana Rubio. Sabe o que isso signif ica?

Meneio a cabeça conf irmando.

— Que vamos f oder gostoso — digo com a respiração entrecortada e o jogador abre um sorriso malvado, malicioso.

— Vamos f azer mais do que f oder gostoso, amor. Iremos pertencer um ao outro, quero ser seu homem e você será a minha mulher. A única.

Pronta para retrucar, segura f irme minha garganta sem apertar muito, mantendo meus olhos nos seus.

— Eu estou apaixonado por você, sua chatinha, sua gostosa do caralho, sua linda. Sem jogos, acabou.

Sinto meus olhos arderem de emoção, porra, estou literalmente sem palavras. Estava esperando sexo sujo e gostoso, não uma declaração dessas. Marco não conhece a palavra limites. Beijo-o com tudo de mim, saboreando a textura dos seus lábios másculos. Essa é minha resposta. Viver o agora, sanar um pouco dessa atração e tesão desf reados que estamos sentindo um pelo outro.

— Vem — diz num tom mais grosso.

Segurando minha mão f orçominhas pernas a acompanhá-lo pelo túnel. Adentramos o vestiário e penso que seguiremos para a saí da, no entanto, ele para, soltando minha mão. Vem para trás de mim e desce as alças da mochilinha guardando-a junto com a sua bolsa esportiva. Antes que eu diga algo retorna e sua respiração

quente chega em minha nuca e pescoço ao passar o braço pela minha cintura, colando o corpo grande no meu. Aperto os lábios segurando o gemido ao sentir seu pau duro pressionado na minha bunda.

Resf olego sentindo seus dedos dedilharem suavemente pelos meus braços, subindo e descendo ao mesmo tempo que planta pequenos beijos na curva do meu pescoço.

— Não tem mais volta, Lana — avisa, sério.

Agora não quero pensar nas consequências.

Viro de f rente olhando no f undo dos seus olhos.

— Vai me f azer implorar, jogador?

Puxa um pequeno sorriso de lado exibindo a covinha que estou me segurando para morder.

— Deveria, af inal, você que complicou nossa vida. — Agarra minha nuca prendendo uma parte do meu cabelo junto com f orça. — Sabe quantas vezes gozei para você, Lana?

— Quantas, Marco?

— Muitas. Bati várias para você, morena — murmura rouco, e umedeço os meus lábios com a lí ngua. Ele acompanha os movimentos sem piscar.

— E o que você imaginava?

Apoio as mãos no seu abdome, logo meus dedos começam a acariciá-lo por cima da camisa do time.

— Você é uma putinha, não é, amor?

Ele não sabe o quanto.

— Eu não sou só uma putinha. Sou muito puta, jogador. Agora me diz o que imaginava ou pref ereque eu implore? Não me importo de f icar de joelhos contanto que f ique também.

MARCO

Lana vai me matar.

— Imaginava você me dando essa boceta linda, você me chupando, você me recebendo entre esses peitinhos — digo rouco levando os dedos livres para o decote do seu vestido. Lana está linda, perf eitae ainda mais gostosa usando botas de salto alto. Gata demais. — Você esf regandoesses peitos em mim, na minha cara, na minha boca e no meu pau, especialmente esse que tem o piercing, mas eu gozava muito rápido sonhando com você dando esse cuzinho para mim, amor. Acho que é um bom momento para saber que sou apaixonado pela sua bunda grande.

Porra, acho que não vou aguentar esperar mais. Deveria levá-la ao menos para o meu quarto, mas dane-se.

Com a mão em sua nuca puxo-a para um beijo quente e desço a outra mão para agarrá-la exigindo que venha para o meu colo. Impulsiona o corpo e mantenho-a f irmecom as pernas presas em volta da minha cintura. Marcado pela paixão e tesão encosto ela na parede próxima as cabines do chuveiro. Sem desgrudar a boca da sua, começo a desabotoar seu vestido. Gemo quando mordisca meu lábio superior chupando-o em seguida. Nunca f oi tão bom beijar uma mulher como está sendo beijar a mulher que estou perdidamente apaixonado.

Solto um rugido ao constatar que está sem a porra de um sutiã. Toco seus peitinhos naturais, duros e macios. Abaixo o tronco e beijo cada um, regressando para o seio direito onde admiro o piercing que tirou meu sossego desde que o vi marcado no tecido do biquí ni, quando a conheci. Lambo o biquinho, depois o lambo todo para em seguida começar a chupar o mamilo entumecido. Chupo com vontade, adorando escutar seus gemidinhos. Mordisco o peitinho e puxo o piercing entre meus lábios sentindo suas unhas cravarem em minhas costas.

Sigo para o outro para dar a mesma atenção. Desço a lí ngua pela pele macia e paro ao notar uma protuberância na pele. Abro os olhos tocando e vendo a cicatriz extensa na lateral do seio esquerdo. Quero perguntar se f oi um acidente, ou cirurgia, no entanto, suas mãos seguram meu rosto e volto para o que importa.

Esf rego meu pau duro por cima sua boceta coberta pela calcinha minúscula. Com ela em meu colo sigo para o chuveiro. Entro na última cabine, solto-a lentamente f azendo questão que esf regueseu corpo no meu. Abaixo-me e desço o zí perda primeira bota, aproveito para beijar sua perna e coxa.

Lana é toda cheirosa, puta merda.

Repito o processo com a outra f azendo o mesmo carinho. Quando me ergo suas mãos vem direto para a barra da minha camisa jogando-a para longe, o mesmo acontece com o short e a cueca. Descalço os pés das chuteiras e das meias.

Respiro f undo quando a vejo apenas de calcinha encarando o meu pau cheia de gana. Sem os saltos obviamente f icobem mais alto, e tenho noção do quanto sou grande para a morena quando

seus dedos seguram o meu pau, que está passando do meu umbigo. Fecho os olhos soltando um grunhido rouco quando toca a cabeça robusta. O oxigênio foge dos meus pulmões quando abaixa o tronco bonito para beijar a cabeça do meu pau grande e grosso.

Ela vai me matar, caralho.

Como um selvagem agarro sua cintura e beijo sua boca encostando-a no ladrilho. Distribuo beijos, lambidas e mordidas nos seus mamilos, desço entre eles, chego à barriguinha malhada, admiro cada parte. Cheiro, chupo e mordisco. Esf rego o nariz na calcinha sentindo sua essência f eminina e constatando o quanto está molhadinha. Que perf eição.

Aos seus pés e de f rente para sua boceta olho para cima capturando seus olhos sombreados pelo desejo. Sorrio de lado e planto um beijo carinhoso no meio da sua vagina por cima do tecido da calcinha. Seu peito se movimenta conf orme a respiração descompassada.

— Essa boceta é só minha, entendeu? Você todinha.

— Me f ode, jogador — ronrona.

Reparo nos lábios inchadinhos devido aos beijos intensos e as marcas que deixei nos peitinhos. Fico mais duro ainda.

— Vai dar tudo que eu quero?

— Tudo — conf irma.

— Será que vai aguentar tudo que seu homem quer, amor?

Af asto a calcinha para o lado e introduzo um dedo na sua vulva melando-as com seus f luidos.

— Vou, amor.

Choraminga encostada no ladrilho movimentando de leve o quadril largo. Como um macho reconhecendo sua f êmea, a admiro por completo, aprecio a bocetinha lisinha. Beijo sua vagina e sem perder tempo chupo com vontade, sem parar de meter meu dedo. Chupo-a sem pressa, misturando minha saliva com seus f luidos naturais, tomando tudo que me entrega sem f rescura.

O jato de água morna cai sobre nossos corpos, provavelmente Lana, buscando apoio, acabou acionando o chuveiro. Não paro de comer sua boceta, minutos depois mantenho apenas meu dedo na sua vulva deslizando para dentro, procurando seu ponto mais sensí vel, lhe dando prazer, arrasto os lábios para sua pélvis, beijando toda a extensão.

Retorno para sua bocetinha e sem pudor algum passo o nariz pelos lábios melados, inspirando-a. Caio de boca novamente na sua vagina sentindo seu corpo estremecer, lambo seu clitóris sem pressa, sentindo-o endurecer conf orme as lambidas e chupadas. Sem conseguir conter o desespero agarro a lateral do tecido da sua calcinha rasgando-a.

— Marco, está tão gostoso... mais f orte...

Af asto as dobras expondo o clitóris para f ora da capinha e sugo com f orça,o estimulando mais e mais. Lana rebola esf regando a boceta na minha cara enquanto seus dedos se mantêm f irmesem minha nuca e cabelos. A morena geme alto e ondula, estremecendo e gozando gostoso na minha boca. Continuo chupando-a, ela desencosta as costas do ladrilho sendo consumida pelo clí max. Literalmente, me acabo em seu gosto, tomo tudo.

Subo distribuindo beijos pelo seu belo corpo ainda sob ef eito do orgasmo, sentindo um prazer do caralho por f azê-lagozar. Minha mão agarra sua garganta e beijo-a lentamente, mesclando seu gosto entre nosso beijo delicioso.

— Me come, amor... — pede, manhosa.

Adoro saber que está entregue.

— Vou já meter f undo nessa bocetinha gostosa. Depois quero f azer amor, você me ensina?

Separa os lábios com a respiração descompassada me encarando prof undamente.

— Eu não... não f aço amor, jogador.

Sorrio para a minha mulher.

— Então aprenderemos juntos, morena. Agora vira essa bunda linda para mim.

Desce o olhar f itando meu pau excitado.

— Você não vai comer minha bunda, jogador. Esse pau, não é só um pau... vai arrebentar minhas...

Acabo rindo, cheio de tesão e achando graça das suas f eições. Beijo sua testa.

— Foi f eita para mim, então pode apostar que cabe. Agora vira de costas, pois quero chupar seu cuzinho.

— Cacete...

— Ele só depois — pisco para ela.

De costas para mim f echo os olhos cheirando seu cabelo molhado e esf regandodescaradamente meu membro duro nas suas nádegas e costas. Af asto os cabelos macios e molhados

encostando a boca na sua nuca que acho absurdamente sexy. Sigo pelos seus ombros, apreciando-a por inteira. Meus lábios e dentes marcam a pele que está marcada num bronze, aliás, a marca do biquí ni evidencia o quanto costuma usar modelos pequenos, como já havia presenciado nas f érias de verão.

De joelhos, seguro seu quadril admirando a tatuagem de trevo da sorte no seu cóccix. É delicada, bonita e sensual. Lambo seu cóccix e beijo a tatuagem f ascinado por cada parte da minha mulher. Perco-me nas bandas da sua bunda grande, f irme e natural.

— Essa porra de bunda... linda — digo rouco, possessivo e admirando a perf eição que é a bunda da minha garota.

Aperto, cheiro, lambo, mordisco e chupo. Nunca f ui tão f eliz, puta merda. Separo as nádegas f irmes e chupo seu orif í cio me perdendo em sua lubrif icação salgada se misturando com minha saliva. Nem consigo imaginar o tão prazeroso que será comer sua bunda. Subo dedilhando pelas suas costas, apalpando seu corpo, f azendo carinho. Viro-a de f rente f itando seus olhos castanho-claros que tanto amo.

Suas mãos passeiam pelo meu peito e ombros, cheia de expectativa.

— Preciso de você. Pega um preservativo agora!

— Não tenho.

— Como assim não tem? — suas mãos agarram meu rosto e meus dedos apertam sua cintura.

— Estava decidido a ter somente você, isso signif ica que não andei f odendo por aí .Você viu todos os meus exames sabe que sou

um homem saudável, e você é uma mulher saudável, pois seus exames passaram pela contratação.

— Nunca transo sem camisinha.

— Nem eu. Usa algum método contraceptivo, amor?

Duvido que não use algum método contraceptivo. Além de ser da área da saúde, Lana é uma mulher culta, estudada e claramente deve se cuidar muito. Entretanto, caso não utilize nenhum método, juro que irei arriscar — tendo seu consentimento —, pois antes não queria me apaixonar e muito menos ter mais f ilhos. No entanto, desde que admiti a paixão que estou sentindo quero tudo o que sonhava quando mais novo, com a Lana.

— Sim, mas... é loucura.

— Somos adultos e responsáveis, morena.

Nos beijamos lento e gostoso colando nossos corpos. Lana solta um ronronado quando puxo seu cabelo erguendo sua cabeça, escorrego os lábios pelo seu queixo, beijo-o todo, lambo e mordisco arrancando mais gemidinhos da sua boca carnuda.

Com as mãos em sua bunda a impulsiono para que f echeas pernas em volta da minha cintura. Gememos juntos quando enf io meu pau lentamente na sua bocetinha lubrif icada naturalmente. Saio e volto a meter encostando nossas pélvis, chocando nossos corpos num charco erótico.

— Que boceta gostosa, meu amor.

— Mais rápido... — geme e tomo sua boca, metendo na sua bocetinha apertada até as bolas.

Suga meu lábio e aumento o ritmo, f odendogostoso. Enterro-me na sua vulva suave com meu pau grande e espesso,

conseguindo entrar com mais facilidade devido as nossas lubrificações naturais. Lana estremece, choramingando, gemendo.

— Você é linda, gostosa... tão minha, porra! — rujo como um animal.

Roço os meus lábios sobre os seus, e puxo seu lábio inferior antes de beijá-la novamente. Movimentamos a cabeça mudando o ângulo e aprofundando o beijo apaixonado. Adoro seus gemidos e tremores de prazer. É minha perdição. A morena abre mais a boca para receber minha língua gananciosa.

— Eu sou louco por você, linda — confesso,comendo-a com força tendo seus olhos fixos nos meus. — Essa boceta gulosa foi feita para tomar meu pau, para receber seu homem. É isso que eu sou, amor. Seu.

— Marco... está tão gostoso, não para, por favor..

— Diz que é minha — exijo sentindo meu lado possessivo vir à tona. Movimento o quadril lentamente e duro de encontro ao seu corpo, a torturando, ou melhor, torturando nós dois. — Fala que é o meu amor, que é minha mulher, que é minha chatinha, que é minha putinha, fala que você é meu tudo, Lana — rosno.

Sinto-a cada vez mais molhada e seu canal apertando cada vez mais meu pau. Sugo a pontinha do seu queixo louco para voltar ao ritmo intenso e duro.

— Eu sou... eu sou sua, Marco. Eu sou sua mulher, porra! Agora me fode forte!

Acabo sorrindo quando a safada tenta rebolar exigindo que eu volte à movimentação de antes. Desço um tapa na sua bunda e a morena choraminga, ainda mais excitada. Invisto ainda mais

prof undo, sentindo um prazer nunca antes alcançado. Foder com a pessoa que a gente ama é outro ní vel, é surreal, tudo é mais intenso, melhor, incrí vel. Giro o quadril para depois meter até as bolas, nem a água sobre nossos corpos é capaz de aplacar o calor que estamos sentindo.

Saboreio seu gemido colocando minha boca na sua sem parar de investir, estoco meu pau em sua bocetinha apertada com f orça, do jeito que gostamos.

Distribuo mordidinhas no seu pescoço, e sem resistir abocanho seu peitinho direito, lambo o bico contendo o piercing e no mesmo instante minha mulher volta a cravar as unhas nas minhas costas. Mudo para o outro seio, traço a cicatriz extensa com a lí ngua e antes que eu possa beijá-la, a morena agarra minha nuca exigindo um beijo.

Meto f undo f ascinado pelas expressões da minha mulher. Volto a beijá-la abaf andoseus gemidos sabendo que está gozando devido a ondulação do seu corpo. Sem conseguir prolongar mais esporro o sêmen quente dentro da sua bocetinha, misturando nossos gozos. Continuo estocando, suando e em êxtase.

— Tão perf eita... tão gostosa...Ah, caralho!

Encaro seus olhos lânguidos pelo orgasmo e beijo sua boquinha bebendo seus gemidinhos. Abraça-me pelos ombros, enterrando os dedos entre meus cabelos molhados. Deposito vários beijinhos no canto da sua boca percebendo as lágrimas que salpicaram pela sua f ace.

Foi intenso pra caralho.

Dif erente de tudo.

— Isso f oi... caramba, f oi perf eito — murmura.

Sorrio, envaidecido e satisf eito por tê-la f eito sentir tanto prazer quanto eu. Desço a mão pela sua barriga lisa, e não demora para o meu polegar começar a massagear seu clitóris.

— Ainda não acabamos, doutora.

Prende os lábios engolindo o gemido.

— Estou sensí vel... ah — ronrona quando f aço um movimento devagar com o polegar na sua bocetinha melada pelo meu gozo e o seu.

— Você tomou meu pau todo, amor — prof iro, orgulhoso e distribuo beijinhos pelo seu colo e em cima dos seus seios empinados. — Te quero de novo.

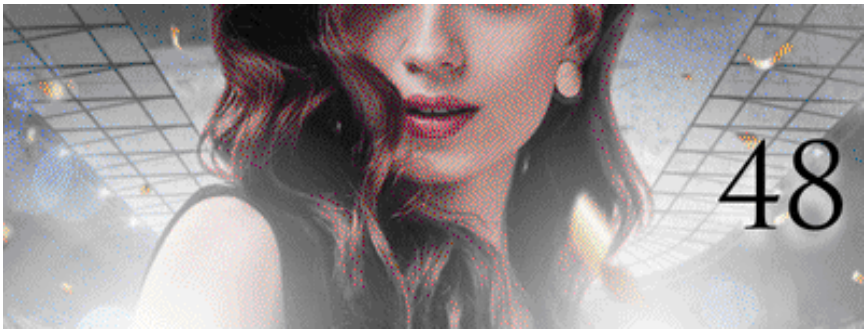
Agarra minha nuca e logo seus lábios quentes alcançam meu rosto. Com calma planta beijos suaves por todo o meu rosto. Testa, sobrancelhas, pálpebras, nariz, bochechas. Em seguida esf regou o nariz na minha barba cerrada, parecendo uma gatinha. Seus dedos massageiam minha nuca com muito carinho.

— E por algum momento pensou que eu não aguentaria? — provoca e rio.

— Nem por um momento duvidei, amor meu. Sua bocetinha me engoliu todo.

Latejo dentro dela pronto para um segundo tempo. Pronto para tomar seus lábios carnudos vejo-a arregalar os olhos quando escutamos vozes e risadas.

Puta merda!



LANA

Isso não pode estar acontecendo, mas afinal eu esperava o quê?

Viemos transar no vestiário do CT metendo o foda-se para o risco de sermos pegos. Bom, o fio de preocupação que mantinha a razão do meu cérebro ligado foi brutalmente cortado pelo tesão insano que sinto pelo jogador.

Agora sim minha carreira pode ir para o ralo, caso um dos integrantes do time abra a boca.

— Meu vestido e minhas botas estão lá fora— sussurro sem esconder o quanto estou apavorada.

Eu tinha que ser tão cadela safada? Poderia ter esperado estarmos num quarto. Gememos baixinho quando tira seu pau monstro de dentro de mim. Mantenho minhas pernas, ainda bambas pelo orgasmo e temor de sermos pegos em flagrante, no chão com as mãos apoiadas no ladrilho. Marco abre a cabine e quase escorrega no piso ao sair apressado para recolher minhas roupas.

Minha concentração foca em sua bunda malhada, uma bela bunda. Quando está voltando vejo seu pau meio mole, sentindo vontade de tê-lo na minha boca, sei que irei engasgar ao tentar

recebê-lo por completo, mas dane-se quero, quero muito chupar esse homem.

— A calcinha, cadê sua calcinha?

— Hum... você rasgou.

— Segura.

Joga minhas coisas para mim e as amparo. Olho para o porcelanato reparando que a bendita não está no recinto. Deve ter sido levada pela água para a outra cabine.

— Achou? — pergunto preocupada escutando as vozes cada vez mais alta, ou seja, já estão na área do vestiário.

Oh, Nossa Senhora de Almudena sei que o momento é indelicado, mas, por f avor, ajude essa pecadora sem noção.

— Ainda não, estou procurando. Não vou deixar nenhum f ilho da puta pegar sua calcinha.

Fico extremamente chocada que essa seja a preocupação do Marco. Ele está descumprindo uma das principais regras do clube, e eu além de ter quebrado a lei que impus a mim mesma sobre não f icar com atletas, estou literalmente jogando minha carreira no limbo, caso vaze esse momento í ntimo que tivemos.

Será que eu não poderia ter nascido menos cachorra? Sei lá, um pouco de decência f az bem também.

— Vem logo! Eles já estão aqui — prof iro abaf ado, espiando a entrada, o trecho destinado às cabines de banho.

Pior que nem tem onde eu subir, pois tem alguns centí metros que separam a porta da cabine do piso.

— Ninguém vai pegar na sua calcinha.

— Melhor acharem minha calcinha do que me f lagraremaqui. Vem logo, seu idiota!

— Porra, achei!

Desliza rapidamente os pés no piso e entra na cabine f echando-a.Logo sou suspensa pelos seus braços grandes e f ortes, sem perder tempo agarro sua cintura com minhas pernas. Noto a calcinha pendurada em seu antebraço pelas tiras boas, as que ele não rasgou.

— Como vou sair daqui? Sabia que tinha jogadores no CT? — cicio mantendo meu vestido entre nós e segurando as botas com as mãos.

— Devem ser os reservas. Sairemos quando eles f orem embora.

— Vão estranhar a demora.

— Basta f icar quietinha, bebê.

Um sorriso arrogante brota em seus lábios. Juro que estou tentada em acertar sua cabeça com o salto da minha bota, no entanto, a situação não está propensa para isso.

— Linda — elogia, cochichando.

— Cala a boca — murmuro, tensa e... excitada. Ele sorri.

Eu sou uma vergonha. Prendo o lábio inf eriorentre os dentes sentindo seu pau grosso e longo endurecer pesando na minha barriga. Ah, mas é um puto mesmo. Ele também está tão excitado quanto eu.

Escutamos os rumorejos e a f alaçãovindos da parte central do vestiário. Deveria estar surtando, mas agora só consigo pensar

em dar de novo para esse gostoso. O sexo com Marco Carvajal f oio melhor, odeio admitir isso e saber que nenhum outro conseguiu se sair melhor. Fito seus lábios presunçosos sabendo que nunca f ui chupada com tanto gosto. O jogador def initivamente não é um homem que tem f rescura. E caramba, isso é quente, sensual demais.

Sem que esteja esperando solta um selinho na ponta do meu nariz. Esse lado carinhoso e puto do jogador está sendo um caminho sem volta para o meu... coração. Preciso resgatar meu lado realista o mais rápido possí vel. Sem resistir à tentação desse homem escorrego os lábios pela sua bochecha e mordisco o f urinho da covinha charmosa, subo trilhando um caminho de carí cias. Marco me dá acesso à sua orelha e brinco com seu brinco de argola, para logo depois mordiscar o lóbulo. Pressiona seu corpo contra o meu e seguro o gemido. Encontro um jeito de movimentar o quadril, dizendo que o quero.

Já que estamos arriscando, nada mais jutos que aproveitarmos. Chupo com força sua claví culana medida que vai entrando na minha boceta, sinto seu pau me alargar, tentando se encaixar no caminho apertado, até que consiga o acolher por completo.

— Capitão, não sabia que os titulares tinham treino hoje. Só vi os nossos nomes na escala de treino extra — enuncia uma voz masculina.

Sem dúvida viu as coisas do Marco na numeração do seu banco concluindo que era ele que estava presente no vestiário.

Olho para a porta da cabine sabendo que o outro jogador está próximo a ela. Não consigo manter meus olhos abertos por muito tempo, pois Marco está lambendo meu pescoço e metendo seu pau gostoso lentamente dentro de mim.

— Vim apenas f azeralgumas f otosprof issionais— responde rouco, baixo, segundos depois sua boca está no meu seio direito, brincando com o piercing.

Aperto os lábios com f orçaquando mete f undodevagar. Não sou silenciosa, então está sendo uma tortura sorver meus gemidos.

— Vai almoçar aqui? Depois do descanso teremos treino de musculação.

— Não, almoçarei em casa. Estou estressado e tentando relaxar no banho. Depois conversamos, Jay — diz tentando af astar o jogador reserva.

— Beleza, capitão.

Pisadas af oitasse sobressaem assim como a f alação.Escuto as portas das cabines sendo abertas e f echadas. Os jogadores conversam, f azem piadinhas e riem. A excitação de sermos pegos deixa o clima mais insano entre nós. Aperto os canos longos da bota com f orça devido ao prazer maravilhoso que estou sentindo. Adoraria largá-las para cravar meus dedos em sua bunda malhada. Adoraria lambê-lo todo, conhecer todas as suas tatuagens coloridas que enf eitam seu corpo másculo e atlético.

Sinto seu pau latejando dentro do meu canal, engrossando e ocupando todo o espaço, dominando absolutamente tudo. Seus olhos f lamejam deixando os sentimentos expostos. Marco não esconde nada. Trinca o maxilar, descolando os lábios, se segurando

para não emitir sons. Um gemido baixinho escapa quando estoca com mais f orça.

— Marco... ah...

Esf rega o nariz na lateral do meu rosto, escorregando os lábios na minha orelha, f ala num tom duro:

— Não quero que gema para esse bando de macho escutar. Só eu posso escutar o gemido lindo da minha putinha gostosa. Entendeu, amor meu?

Entra com mais f orça e aperto meus lábios meneando a cabeça quase rolando os olhos em deleite. Resvalo presa em seu colo, agarrada nele como se minha vida dependesse disso sentindo-o fundo, f undindo nossos corpos molhados, suados, f ebris. Aproveitando o barulho que os jogadores estão f azendo, encosto a boca na sua orelha.

— Ai, que delí cia, amor, não... não para — digo num murmúrio, lambo seu pescoço escorregando para seu ombro trilhando as tatuagens.

Morde seu ombro esquerdo recebendo seu pau inchado e duro me penetrando. Contraio meu canal vaginal retendo seu pênis e causando pressão por mí serossegundos, o suf icientepara Marco me encarar como se eu fosse uma ninf etinha do cacete. Sua expressão de prazer, tesão e desejo me f azem entrar em êxtase.

Unimos nossas bocas num beijo prof undo e erótico. Nossas lí nguas se entrelaçam urgentes, quentes e molhadas. Arf o sem cessar o beijo, gozando deliciosamente no seu pau, gira o quadril metendo mais f undo.

Abaf a meus gemidos e seu rosnado com a boca grudada na minha, sorvendo tudo. Torno-me uma massa de sensações sentindo o sêmen quente encher minha bocetinha. Não parou de me f oder, continuou entrando com f orça. Lagrimejo, libertando lágrimas de prazer, queimando completamente com seu peito musculoso esmagando meus seios pequenos e sensí veis.

Seguramos os gemidos trocando mais beijos enquanto escutávamos o movimento dos jogadores diminuí rem e as vozes f icando mais distante. Marco é monossilábico ao responder os cumprimentos de despedida dos reservas. Largo as botas no piso levando as mãos para as laterais do seu rosto anguloso puxando-o para um beijo calmo, lento.

Perdemos um pouco a noção do tempo nos beijando.

Não contenho o sorriso quando roça seus lábios por cima dos meus, dando pequenos selinhos. Sai devagar de dentro de mim e gememos baixinho juntos.

Essa sem dúvidas f oi a maior loucura da minha vida.

Desce-me do seu colo com cuidado e só f aço careta ao notar o vestido pesado de tão ensopado que f icou.Marco abre a cabine e sai para averiguar se realmente estamos sozinhos. Quando retorna vem com um sorriso brincando em sua boca e segurando toalhas limpas com as iniciais do seu nome.

— Podemos ir.

— Conhece uma saí da mais discreta para o estacionamento? Se me virem molhada vão perguntar, e às vezes quando estou sob pressão desando a tagarelar.

— Nada de vestir roupa molhada, não quero que pegue uma gripe. Veste um dos meus uniformes. Tenho cuecas extras — fala me entregando uma toalha.

— Tenho calcinha extra.

Sinto minhas bochechas corarem ao ver a calcinha acabada pendurada no seu antebraço. Eu sou uma piada, nem pareço a safada de minutos atrás. Reparo em seu cenho franzido, taciturno.

— Costuma andar com calcinhas extras?

Ok... acho que o jogador foi mordido pelo bichinho do ciúme.

— Sim, por questão de higiene.

Pisco para ele, sendo atrevida, sem esconder o sorriso zombeteiro. Marco relaxa prendendo a toalha em sua cintura. Apanha minhas botas no chão e estende a mão livre para mim. Aceito e seguimos para o outro ambiente do luxuoso vestiário.

Entrega-me um dos seus uniformes oficiais e visto por cima da toalha, abro minha bolsa, tirando a calcinha nova do compartimento extra da necessaire onde costumo guardar as peças extras. Como ainda não tomei banho, não seria inteligente sujá-la. Decido apenas subir o short do time do jogador. Quando ergo a cabeça reparo a forma relaxada que Marco observa meus movimentos sentado no banco com a maior paz do mundo.

— Temos que ir, Marco. Tivemos muita sorte.

— Coloque sorte nisso — enuncia me avaliando descaradamente com seu uniforme.

Ele é muito maior do que eu, obviamente seu uniforme está folgado. Não sei qual é a dele, mas não tem nada de sexy em estar trajando suas roupas.

— Vamos.

Taco a toalha molhada em seu abdome e ele sorri. Veste apenas um short do uniforme interno do clube. Pendura sua bolsa esportiva no ombro colocando a minha logo em seguida. Rapidamente jogo as toalhas usadas no descarte correto onde serão recolhidas pelos funcionários. Seguro meu vestido e botas ensopados. Estico o braço pronta para puxar a calcinha do seu antebraço, mas o afasta num reflexo.

— Ela é minha.

Puxa um sorriso arrogante.

— Agora é minha. Recordação, amor.

— Costuma guardar as calcinhas das suas belas? — indago mais irritada do que deveria.

— Para ser sincero nunca fiz isso, mas não vejo problema em começar a fazer com as calcinhas da minha mulher

— Estou tentada em enfiaressa calcinha dentro da sua boca, jogador.

Abraça-me pela cintura, beijando minha bochecha, tento me desvencilhar sem sucesso, pois... gosto do seu corpo poderoso colado ao meu.

— Minha chatinha é tão ciumenta quanto seu homem, hum?

— Para, Marco. Vamos logo.

Parecendo dois adolescentes saímos nos esgueirando pelos corredores para pegar o acesso menos utilizado. Quando estamos virando em direção ao corredor que nos levará para as escadas vemos dois funcionários da limpeza. Marco quase escorrega me

levando junto e por pouco não f omos vistos. Seguimos pelo outro lado e f inalmente passamos pela porta que dá acesso direto as escadas.

Quando percebo que está subindo lentamente com os olhos vidrados na minha bunda reviro os olhos. Desencadeei um descarado.

— Dá para parar?

— Impossí vel,amor. Não está tendo a visão que estou tendo. Já te f alei que sou tarado nessa sua bundona.

Assobia baixo e acabo rindo. O que eu posso f azer? Empurrá-lo escada a baixo?

Coloca o polegar no painel e f icoatenta ao corredor, pois vai que algum titular está numa das suí tes.

— Me arruma uma toalha? Preciso de um banho.

Tiro minha necessaire da bolsa ainda agarrada com o meu vestido e botas molhadas.

— Claro.

Adentro o banheiro e dispo-me do short do jogador, quando levo meus dedos para barra da camisa que mede no meio das minhas coxas o jogador entra parando atrás de mim. Os sentimentos explí citosem suas í risescastanhas não me assustam mais como antes, e ao mesmo tempo f icoassustada com o que venho sentindo.

Arriscar signif ica não medir os riscos, mas não consigo prender todas minhas inseguranças, sendo a principal delas as sequelas que o tratamento deixou.

— Não irei demorar. — Quebro a tensão e a sedução pairando sob nós.

Cola atrás do meu corpo e suspiro profundamente sentindo seu pau encostar na fenda da minha bunda. Não está totalmente ereto, está crescendo com o passar dos segundos. Seus dedos tatuados deslizam como plumas pelos meus ombros e braços.

— Está querendo me jogar para escanteio?

— Marco, nós fodemos e ponto. Podemos começar sendo casuais, ir sem pressa...

Sou uma péssima mentirosa.

— Acha mesmo que vou aceitar numa boa que sejamos casuais? Ainda mais depois da chave de boceta que me deu. Porra nenhuma, amor. Com você só quero relacionamento sério, constituir uma vida a dois, ser seu parceiro para todas as horas. Sem essa de casual.

— Prometo... tentar, mas é que... só tive um relacionamento sério.

— Eu não tive nenhum, então aprenderemos juntos. Eu por você e você por mim.

Abraça-me e seguro suas mãos pousadas abaixo dos meus seios. Cheira e beija meu pescoço.

— Eu por você, você por mim... isso é uma música, jogador.

— Já podemos definir-la como uma das nossas músicas, o que acha?

Cheira e beija meu pescoço.

— Não estava preparada para essa sua versão — brinco, me derretendo em seus braços.

— Sua pele é tão cheirosa, sedosa e está melhor com o meu cheiro em você.

É um saf ado mesmo.

MARCO

Mexe o quadril rebolando sutilmente no meu pau.

— Estou viciado em você, amor — conf esso.

Entrei nesse jogo disposto a ganhar o coração da morena. E meu maior desaf io será conquistar, todos os dias, a mulher da minha vida. Não tem mais volta.

— Muito? — Rebola sutilmente e meus olhos acompanham o movimento cheios de luxúria. — Pouco? — Movimenta novamente o quadril.

Agarro o tecido da camisa amontoando-a entre meus dedos para ter a bela visão da sua bunda se esf regando descaradamente no meu pau por cima do short. Com a outra mão puxo seu cabelo úmido trazendo-a para mim. Simplesmente ardo e queimo por essa mulher. Observo-a através do espelho mordiscar o cantinho do lábio carnudo.

— Muito, pra caralho, morena. Ainda mais com você rebolando lentamente no meu pau, mas quer saber de uma coisa?

— Quero.

Solto o tecido da camisa levando minha mão para sua barriguinha, descendo-a pelo seu ventre, pélvis e f echando-acomo posso na sua bocetinha cheia do meu gozo. Acaricio seu rosto encostando o meu na lateral da sua f acesem desviar os olhos da sua í ris por um segundo deixando a versão possessiva me dominar

— Essa boceta é minha. Você toda é minha.

Separa os lábios se preparando para rebater, conheço seu gênio.

— Eu sou todo seu, Lana. Inclusive meu coração. Meu coração é seu e você não pode me devolver. — Beijo sua bochecha sem deixar seus olhos. — Não aceito devolução, amor.

Deslizo meus dedos sobre o seu clitóris f azendo-a tombar a cabeça, cheia de tesão. Ela está molhadinha, pronta para mim. Amo o f ato de ser tão entregue, não tem nada mais prazeroso e cativante. Lana move os quadris se esf regandomais no ganancioso do meu pau, f azendo-olatejar, doido para entrar na vulva apertada, quente e suave.

— Assim eu não aguento, amor. Está muito sensí vel?

Mordisco seu ombro contendo meus movimentos e pronto para respeitar sua decisão de continuarmos ou não.

— Um pouco... vai, Marco, me come.

Vira o rosto de lado e capturo seus lábios macios consumindo-a no beijo de lí ngua. Movimento meus dedos sem pressa em sua vagina. Quando solto paramos o beijo, giro colocando-a sentada em cima do balcão. Sem perder tempo me agarrou pelos ombros e pernas, aperto as bandas da sua bunda grande empinada, retribuindo o beijo prof undo.

Meus olhos pesam pela paixão insana, e entro em sua bocetinha. Abaf amos nossos gemidos devido a nossas bocas estarem se consumindo. Saio de dentro dela, e quando vejo suas mãos indo para a base da minha camisa do time, prof iro rapidamente:

— Não tira, linda. Está gata demais usando minha camisa do time.

Abre um dos seus sorrisos bonitos e sensuais, embola o tecido em sua cintura e segura meu pau melado pelas nossas lubrif icaçõesnaturais. Segurando meu membro duro pra cacete e me olhando, esf regaa glande robusta nos seus lábios vaginais, nos torturando deliciosamente. Fricciona a cabeça em seu clitóris e quase deliro quando sua outra mão alcança meus testí culos pesados pelo tesão, acariciando, dando toda atenção. Primeiro uma, depois a outra, sem parar de esf regara cabeça do meu pau na sua bocetinha.

Seguro meu membro assumindo o controle. Sem f orça, o bato de leve na sua boceta linda. Repito uma, duas, três, quatro vezes enquanto mantenho nossas bocas ocupadas. Agarra minha bunda e entro até o talo em sua vulva, trincando os dentes devido a sensação do caralho.

Mantenho uma mão f ixaem sua nuca e a outra na sua bunda enquanto a f odosem parar, gravando todas suas reações desde as respirações até as expressões. Admiro seu rosto rubro, assim como seu colo.

Solto sua nuca levando minha mão para dentro da camisa, massageio seus mamilos tentando dar o máximo de atenção para

os dois usando apenas uma mão. Eles sobem conf ormeo sacolejo do seu corpo recebendo minhas investidas duras. Lana está malditamente sexy usando minha camisa do time, contendo o meu nome, o meu número, porra... nem sabia que tinha esse f etiche.

Sugo seu lábio, voltando a beijá-la. Amor, paixão, desejo, tesão e luxúria me golpeando f ortemente, roubando tudo de mim.

— Ah, Marco, amor... — arf a, com suas pupilas dilatando.

— Vai deixar eu te comer sempre que eu quiser, linda?

— Hum... ohhh...

— Responde, sua gostosa do meu caralho.

Invisto com mais intensidade, arf andopesadamente, sentindo nosso cheiro se misturar, nossos suores se f undireme escutando o charco erótico dos nossos corpos.

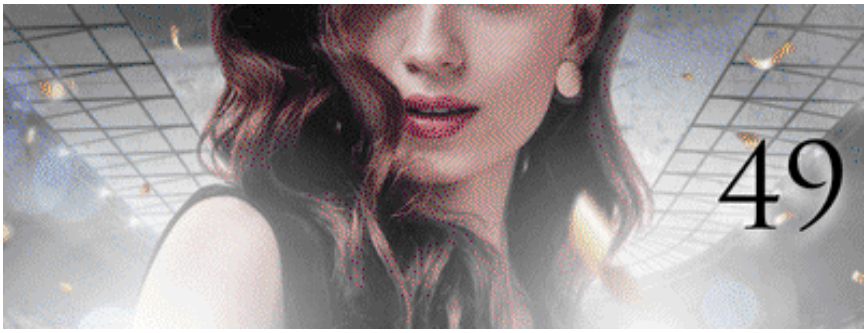
— Sim, sim, amor... sempre que quiser e do jeito que quiser.

Cravo as mãos por baixo de sua bunda f irmeaumentando o ritmo, totalmente perdido e dominado pelo prazer absurdo. Sinto seu corpo estremecendo, dando os sinais de que está alcançando o ápice. Lana começa ondular, e logo sinto seu canal pequeno f icar mais cremoso, me apertando cada vez mais. Meu pau lateja amando todas as vibrações do seu corpo gostoso.

— Toma meu pau, gostosa. Isso, amor.

Se derrete toda recebendo a sensação inigualável atravessar cada parte dela. Esporro gostoso sem parar de meter em sua bocetinha. Sem piedade, levo meu polegar no seu brotinho sensí vel estimulando-o enquanto meto sem parar, diminuo os movimentos quando goza lindamente outra vez. Que visão maravilhosa, não tem nada mais bonito do que vê-la se desmanchando de prazer.

Com o corpo mole encosta a testa no meu peitoral, beijo sua cabeça of egante, apreciando o momento.



LANA

Depois do meu ex nunca mais dividi nenhum momento a dois, como tomar banho junto e me deixar ser cuidada. Os dedos longos e tatuados do jogador percorrem cada parte do meu corpo sem cunho sexual, apenas adoração, carinho e um cuidado extremo que por algum motivo idiota está me deixando emocionada.

Ser solteira, ter novas experiências, conhecer seu corpo, viver sozinha, era algo que havia adotado permanentemente para minha vida. E, sinceramente, achava ótimo, de f ato é muito bom f icar sozinha também. Entretanto, tinha esquecido como também era bom ter momentos em casal, além do sexo.

— Está muito sensí vel? — indaga massageando meus ombros com o sabonete cheiroso.

Sou tão cadelinha que apesar das transas incrí veis que tivemos, de estar um pouco cansada e sentindo minha boceta sensí vel... daria f ácil para o Marco novamente, repetidas vezes. Odeio admitir, mas seu pau grande e grosso f izeram um belo trabalho em mim.

— Um pouco.

— Devo ter algum relaxante muscular, o que pref ere? Só pedir que arrumo.

Viro de f rentetirando o excesso de água do rosto. Sorrio para ele.

— Podemos começar dando uma pausa.

Seu lábio sobe num sorriso arrogante. Suas mãos dedilham pelas laterais do meu corpo parando-as na região das costelas.

— Claro. *Vocês* merecem um descanso.

Mordisca meus lábios e apoio as mãos nos gominhos do seu abdome.

— Vou pedir nossas ref eições.

— Nem passei na cozinha para verif icar nada. Preciso ir urgente.

Tento me af astar, porém me agarra juntando nossos corpos.

— O pessoal da cozinha tem meu planejamento nutricional, vão dar conta hoje sem você por perto. — Beija minha bochecha.

— Eu sou sua nutricionista. É o meu trabalho.

— Sorte sua que seu expediente chegou ao f im.

— Marco... — murmuro me tornando uma massa sôf rega sentindo seus lábios escorregarem para minha claví cula.

— Diga, amor meu.

Marco é um perigo para o meu coração. Se não dermos certo me erguer será um desaf io gigantesco. Reteso o corpo automaticamente. Eu sou uma masoquista de marca maior, pelo amor de Deus.

— Está pensando besteira — af irma.

— Desculpa, ainda estou assimilando.

— Não tem que pedir desculpa, Lana. — Segura meu rosto com suas mãos grandes e pesadas. — Já f alei antes e irei repetir quantas vezes f orem necessárias que: amar, estar apaixonado é algo novo para mim. Estou entrando nisso sem nenhuma armadura, porra quero viver isso contigo, minha mulher, a mulher que estou f odido pra caralho.

Acabo sorrindo da sua declaração e os palavreados usados. Para ser sincera não tenho problema com isso, aliás adoro quando me chama de putinha, quando é duro, possessivo e sem frescura na hora do sexo. Bom saber que dividimos o mesmo gosto.

— Uma linda declaração — brinco, f icandona ponta dos pés para alcançar sua boca, onde sugo seu lábio e depois dou um beijinho suave.

Suas mãos vão para minha bunda segurando-a como pode com possessividade e devoção.

— O que acha de um encontro sendo minha namorada, dessa vez de verdade?

Finjo pensar e beijo seu queixo.

— Preciso pensar. — Aperta minha bunda quase f azendo escapar um gemido de mim. Estou começando a achar que ao invés de 70% de água no meu corpo tem saf adeza pura sem limites. — Então somos mesmo namorados, jogador.

— Com toda certeza. Lide com isso de uma vez por todas, doutora Lana Rubio.

Ganho um beijo na ponta do nariz.

— Então hoje teremos nosso primeiro encontro.

— Isso mesmo, minha chatinha gostosa.

Sorrio sendo acompanhada por ele.

Abraça meu corpo enf iando o rosto na curva do meu pescoço, retribuo o carinho.

Termina seu banho saindo em seguida para solicitar as ref eições no quarto. Aproveito o momento sozinha para lavar bem minhas partes í ntimas, af inal, higiene pós sexo é essencial. Marco não teve um pingo de vergonha de lavar seu pau em minha f rente, totalmente à vontade.

Capturo uma das toalhas no suporte para começar a me enxugar. Enrolo-a em meu corpo, em seguida pego a outra para começar enxugar o cabelo. Reparo no cumprimento do meu cabelo sem esconder o sorriso, não vejo a hora de crescerem mais. Cresceram um pouco mais ondulados do que eram antes de f icar doente, o castanho-canela veio num tom mais vivo.

Outra coisa que chama atenção são as pequenas marcas da pegada do jogador. Eu também deixei várias pelo seu corpo, principalmente na região do peitoral, pescoço e costas. Acho que... extrapolamos um pouquinho. Busco o creme de pentear na necessaire e me penteio rapidamente, em seguida pego meu kit bucal para f azer a higiene. Quando termino desentrelaço a toalha para terminar de enxugar meu corpo.

Inicio o processo de hidratar o corpo. É um pouco mais demorado. A quimioterapia deixou minha pele sensí vel. A equipe multidisciplinar explicou a importância de hidratar bem a pele. Hidrato bastante da cintura para baixo, despejo mais creme nas mãos espalhando-o em meu braço direito.

Lembro que estou usando o *chip* contraceptivo indicado pela minha ginecologista. Baseado no meu histórico clínico, tomar anticoncepcionais ou injetar estava fora de questão devido aos efeitos colaterais e hormônios. Minha ginecologista estudou meu caso e encontrou o melhor método para mim. Foi a primeira vez que transei sem camisinha, nem sequer com o... isso não é momento de ficar pensando nele.

Agora que decidi viver com tudo que tenho direito, talvez fosse o momento de procurar minha ginecologista para saber de uma vez por todas se sou ou não fértil. Venho fugindo disso há anos devido ao medo e decepção, considerando que era um dos meus maiores sonhos da vida. Antes de qualquer coisa preciso conversar sobre tudo isso com Marco, não que eu queira um filho dele agora, mas deixá-lo ciente da possibilidade de ser infértil, assim como preciso confessar o medo de ficar doente novamente e esse ter sido o principal motivo por ter abominado relacionamento sério.

Marco sendo um excelente jogador passou por todas as defesas que ergui ao redor do meu coração.

— Pedi que comprassem roupas para você. Deve chegar daqui meia hora — informa assim que abre a porta encostando o ombro no batente do banheiro, cruzando os braços e exibindo os músculos definidos. Está trajado o short usado apenas nos treinos internos do time.

As írises castanha-escuras estão fixas em minhas mãos em movimento na minha barriga, subindo para os seios.

— Obrigada. Muito melhor que eu sair usando seu uniforme. Alguém pode começar com os comentários.

— A visão de você usando minhas roupas, quero ter apenas para mim. Sou um f ilho da puta egoí sta e ciumento.

— Jura? — pergunto irônica.

Apanho a embalagem do hidrante pronta para despejar mais quando se move rapidamente o capturando.

— Eu termino para você.

Observo-o despejar a loção hidrante num tom de amarelo muito suave em sua mão grande levando-a ao nariz para inalar a essência de mel. Para o corpo não tenho um especí f ico, agora para a f acecostumo utilizar os que tem vitamina C. Esf rega as mãos de f ormaleve se acomodando atrás de mim. Acompanho o movimento das mãos e dedos tatuados sobre minha pele, massageando. Prendo o suspiro quando toca meus mamilos pequenos suavemente, com muita delicadeza, quase não sinto o verdadeiro peso de suas mãos.

Sendo terrí vel comigo mesma me deixo ser beliscada pelo bichinho da insegurança e ciúme, que são dois bandidos de marca maior, imaginando em quantas mulheres f ez exatamente isso.

— Está com aquela carinha pensativa outra vez.

— Não é nada.

— Você não sabe o quanto é linda, amor.

Penso em rebater, mas ele está coberto de razão. Ainda não recuperei minha segurança, nunca a tive cem por cento e depois de tudo f icou mais af etada. Desliza os dedos pela aréola simultaneamente, com a dif erença de estar brincando com o bico do seio direito, onde carrego o piercing.

— Para sua inf ormaçãonunca dividi nenhum momento como esse com outra mulher.

Quero buf ar, mas mordisco o lábio a tempo. Ele por um acaso lê pensamentos? Céus. Vejo a sinceridade brilhando em seus olhos bonitos. A tensão vem rapidamente quando seus dedos trilham a cicatriz da retirada do nódulo maligno. Paro seus dedos segurando-os com a mão direita.

— Não gosto de carinho nessa parte.

Af astaos dedos, descendo as mãos para minha cintura onde me suspende com f acilidade me colocando sentada na beira do balcão. Puxo uma das toalhas para o meu colo.

— Essa cicatriz é derivada de um acidente?

Conjecturo em que momento estarei pronta para contar sobre essa parte do meu passado que mexe comigo.

— Cirurgia.

Franze o cenho, totalmente atento em mim. Prossigo:

— Contarei tudo, não hoje.

As sessões com a minha terapeuta me ajudarão criar coragem. Preciso de um pouco mais de tempo.

— Não gosta de carinho nela ou nunca recebeu?

Seus olhos estão f lamejantese intensos como ele é todo por si só. Os parceiros casuais que tive e até mesmo Daniel nunca davam atenção para a região que a cicatriz ocupa. Convenci-me de que pref eria assim, não que eu me envergonhe, mas sim por ser sensí vel a imagem que ela representa. Dor, f orça e luta. Porém,

desde que Marco a viu não a ignorou, eu que o f izdesviar dela. Sua atitude diz muito.

— Tem permissão para tocá-la — cicio f itando seus olhos e respondendo sua pergunta. O jogador sabe a resposta.

Sigo o movimento de seus dedos na cicatriz, dedilhando com muito carinho e a analisando. Meu coração bate mais f orte quando abaixa o tronco e passa a tocar a marca extensa com a boca. Minhas mãos vão para sua nuca. Acaricia a região toda com os lábios, lí ngua e dando pequenos beijinhos. Uma emoção mesclada a outros sentimentos atravessam meu corpo. Não queria parecer uma boba me emocionando com o gesto carinhoso do Marco, mas é impossí vel.

Ele está atingindo um ní vel que sequer sabia que existia.

— Não tem nenhuma parte sua que não seja absurdamente linda — murmura rouco com os lábios roçando em cima dos meus, me encarando. — Você é gostosa pra caralho, inteligente, engraçada, meio atrapalhada e tagarela, o que eu acho adorável em você. E não me importo de lembrá-la disso todos os dias, amor.

Seguro seu rosto adorando sentir a barba cerrada.

— Seis vezes durante a semana está de bom tamanho — f alo humorada f azendo seu sorriso aparecer

Ainda sorrindo encostamos nossas bocas num beijo calmo. Aumentamos a intensidade em sincronia quando suas mãos apertam as laterais da minha bunda. Não prolongamos muito, pois escutamos as batidas na porta. Anuncia que já está indo e me dá um beijinho rápido antes de sair do banheiro, f echando a porta atrás de si.

Suspiro sentada no balcão da pia.

MARCO

Enviei uma mensagem para Pol solicitando que fosse verificar com os seguranças de plantão se havia alguma filmagem minha e da Lana andando pelos corredores do clube após termos saído do vestiário. Não quero trazer mais problemas para a minha mulher. Se alguém divulga, a mídia sensacionalista cairá em cima para fazer das nossas vidas um inferno.

Recebo as refeições agradecendo ao funcionário do CT. Antes que eu feche a porta vejo Golias se aproximando segurando as alças da sacola de papel personalizada da grife *Mango,* uma das marcas gigantes da Espanha que ganhou mundo afora. Pedi que Golias solicitasse ajuda da vendedora.

— A vendedora escolheu tudo, senhor.

— Obrigado, Golias.

Respondi as mensagens das minhas irmãs e falei com a babá do meu filho, mas Juan não respondeu o que enviei.

— Sabe do Juan?

— No hotel.

Agora faz sentido o sumiço da peste. Agradeço novamente ao Golias.

Tranco a porta retornando para o banheiro. Lana está vestida apenas numa calcinha minúscula, passando loção hidratante no corpo. Controlo a vontade de tê-la por hora, afinal, sua bocetinha está sensível e seu bem-estar deve vir sempre em primeiro lugar.

Desvio meus pensamentos dos montes grande e empinados naturalmente percebendo o cuidado extremo que tem com sua pele.

— As roupas chegaram.

Ponho a sacola em cima do mármore e sem resistir af asto seu cabelo e beijo sua nuca. Lana sorri guardando o tubo pequeno de hidrante na necessaire.

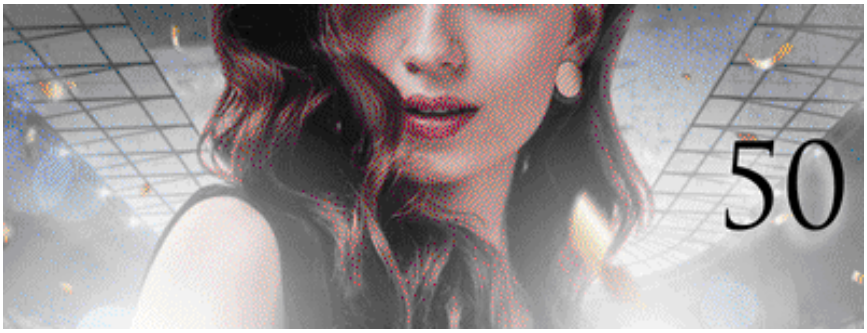
— Obrigada. Sabe que não precisava ser de marca, não é?

— Hunhum...

Arrasto os lábios para o seu ombro f ascinadopela maciez e cheiro da sua pele.

— Bom, f ico f eliz por se importar com essas coisas, mas sendo seu homem óbvio que irei lhe dar as melhores coisas materiais. O melhor de tudo é saber que temos algo e continuaremos construindo algo juntos, com uma coisa que dinheiro nenhum do mundo pode comprar.

Vira a cabeça de perf ile selo nossos lábios abraçando-a por trás. Beijo sua testa antes de sair do banheiro para que possa se vestir em paz sem que eu f ique tocando em seu corpo gostoso.



MARCO

A morena sai do banheiro com as toalhas usadas, sua necessaire e a sacola enorme da marca espanhola de roupas em mãos. O vestido de alças f inas contendo uma estampa que lembra verão, molda o corpo cheio curvilí neo. Mede exatamente na altura dos joelhos.

— Como sabia minha numeração?

— Sou um ótimo observador.

Pedi uma numeração a mais por conta do seu belo quadril e bunda. Mantenho essa parte guardada somente para mim. E sua numeração do seu calção conf eri olhando o número da sua bota.

Guarda suas roupas molhadas em volta de saco plástico, em seguida os coloca dentro da sacola, antes tira a caixa contendo os saltos de tiras. A vi usando uns modelos parecidos. Inconscientemente já reparava nos trejeitos e estilo da Lana. Ao terminar de organizar suas coisas, incluindo as toalhas que usamos vai até a mesinha no canto conf erir minha ref eição em especial.

— O cheiro está ótimo — diz no seu modo prof issional.

Minha namorada é quente.

Puta merda.

Sentamos para comer. Uma coisa que percebi, é muito fácil manter uma conversa com a Lana. Ela tem conhecimento sobre vários assuntos, é inteligente, engraçada e adora escutar também. Tudo nela me fascina.

— Posso preparar um jantar para nós, ao invés de sairmos — sugere enquanto termino de reunir os pratos sujos deixando todos na bandeja que veio.

— Não quer ser vista com seu namorado, doutora?

Apoia o queixo na mão me olhando com uma carinha de menina. Quem não a conhece sequer imagina o mulherão que é entre quatro paredes, e que continue assim. Toda para mim.

— Apenas sugeri, amor.

Adoro quando me chama de amor. Porra, quem diria que estaria aos pés de uma mulher um dia.

— Queria que houvesse uma forma de a mídia não ficarem cima de você. Sinto por isso.

— Não é sua culpa. É uma consequência. O famoso é você, então é natural. Seus fãs e outras pessoas sentem a necessidade de saberem quem é a mulher que está com você. Assim quando era visto com as modelos, atrizes e outras personalidades da mídia.

Acaricio seu pulso esquerdo com o polegar.

Algumas das mulheres que fiquei chegaram a armar flagras com paparazzis simplesmente para virarem notícia, surgir a curiosidade de saber quem era a tal mulher que acompanhava o capitão do Real Madrid. Esse era um dos motivos para não sair por aí me relacionando com todas as que se jogavam para cima de

mim, muito menos f aço o tipo de puxar conversa via rede social como muitos dos meus colegas f azem quando veem f oto de mulher bonita.

— Bom, agora as únicas mulheres que serei visto além das minhas tias e irmãs, será você, chatinha.

A chamo para o meu colo. Senta de lado e beijo seu braço.

— O f ato de não ser ligada em rede social vai ajudar muito. Também não costumo dedicar tempo para saber o que andam f alando de mim, enf im. Deixo para o pessoal da M13. Vez ou outra que publico f otos em f amí lia, f otos registradas em momentos únicos, espontâneas.

— Sim, minha rede social é bem exclusiva para o meu trabalho — prof ere. — Protege bastante o Ander. As meninas mostraram algumas f otos, e até as que elas postam o lindinho está de costas, perf il, nada de exibir o rosto dele.

— Fiz o mesmo com os meus irmãos. Quando f icaram maiores quiseram ter redes sociais e não pude segurá-los. De qualquer f orma são monitorados por questão de segurança pela equipe da M13, nada que invada a privacidade deles. Estou f azendo o mesmo com meu f ilho apenas para que aproveite ao máximo sua inf ância sem tanta exposição. Quando estiver maior e tiver interesse em ter *I nst agr am* e outras redes terei o mesmo cuidado que tenho com meus irmãos.

— Já tinha notado esse seu cuidado. Suas irmãs também comentaram.

Espalmo as mãos em suas coxas meio cobertas pelo vestido. O tecido subiu um pouco quando sentou no meu colo.

— Quero que prometa conversar comigo quando estiver incomodada com alguma coisa. A mí dia,f ãsque às vezes parecem *hat es* podem pegar pesado e não quero que arrastem sua saúde mental para o limbo. Um dos motivos de f icar longe das redes sociais é justamente para não me deixar ansioso, no iní ciopassei por isso.

Passa o braço pelos meus ombros, continuo acarinhando suas coxas f irmes e macias.

— Prometo, jogador.

Christian e o restante do pessoal da minha equipe ainda estava lidando com os ví deos e a suposição de que as mulheres que estava conversando eram menores de idade. No f imeu sei que querem somente um motivo para me empurrarem da beira do precipí cio.O que não irá acontecer, tudo será provado como já está acontecendo.

— Então quando irei ser apresentado aos meus sogros?

— Você não é só rápido na def esaem campo — f alae acho graça.

— Quero ser levado a sério, amor.

— Jesus Cristo, homem. — Sorri. — Meus pais são incrí veis, os melhores pais do mundo. Meu pai Camilo é um artista plástico renomado na área da pintura e escultura. Trabalha em casa e está planejando abrir turmas de belas-artes como costumava f azerantes de eu chegar na f amí liaE meu pai Thibaut é piloto de avião de uma companhia aérea. Te adianto que é o mais ciumento e bravo, mas depois de conhecer você melhor vai tratá-lo como um f ilho. Meus pais são engraçados, papai Camilo é mais moderno e assim que

entrar na minha casa vai perceber a personalidade divertida e colorida dele, há muitos quadros e esculturas dele e de outros artistas que conheceu ao longo da vida. São divertidos e quando estão bêbados me f azem pagar meus pecados no débito, aliás amam cantar, dançar e beber. Não poderia ter sido f ilha de outras pessoas a não ser deles.

Não sei se estou muito apaixonado por essa mulher, mas até a tagarelice dela é adorável. Nem em mil anos pensei que estaria tão na dela como estou agora, af inal, a possibilidade de ter compromisso sério nunca esteve em meus planos.

— Ok... acho que já f aleidemais. — Beijo sua bochecha, sem segurar o sorriso.

— Já f alei que sua tagarelice é adorável, não é?

— Bobo.

— Nunca sentiu vontade de conhecer seus pais biológicos?

— Fui encontrada por um f uncionário de limpeza dentro de um lixeiro. — Reteso o corpo sentindo indignação. — Aos oito meses de idade f ui adotada pelo Camilo e Thibaut. Se sobrevivi f oi para ser f ilhadeles, e nunca senti vontade de ir atrás dos meus pais biológicos, também não sinto raiva ou revolta. Eu sobrevivi e f ui acolhida por dois homens gays que são o casal mais lindo que já convivi na minha vida, apesar de a f amí lia de ambos terem rejeitado eles devido a relação homoaf etiva.

Esse jeitinho honesto e altruí sta da Lana são as coisas que mais amo nela. Acho que tenho muito que agradecer a Deus e todos os anjos, santos, ao universo por ter me apaixonado pela primeira vez por uma mulher incrí vel.

— Desde que f alou deles pela primeira vez senti que são pessoas boas. Af inal,criaram e educaram você, bebê — digo sendo verdadeiro. Sorri lindamente se alinhando no meu colo. — Como sou um paciente obediente irei tirar o tempo de sono recomendado pela minha nutricionista para alcançar minha meta.

Sorri outra vez.

Se movimenta para levantar do meu colo, porém sou mais rápido em pegá-la levando-a para a cama. Com o controle f ixo no suporte na cabeceira da cama desligo a luz deixando apenas a iluminação natural atravessando a janela.

— A temperatura está boa para você? — pergunto com o controle da central de ar embutida no teto.

— Aham... — responde baixinho se aconchegando em mim, apoiando a cabeça no meu peitoral e colocando uma perna por cima das minhas.

Com o braço direito f açocarinho no seu cabelo sedoso que está secando naturalmente e nas suas costas. Noto sua respiração f icarmais calma e vejo que adormeceu. Meu corpo também dá os sinais de cansaço, e não demoro muito para dormir.

LANA

O cochilo me revigorou. Estava precisando para repor as energias do corpo. Dormi colada no Marco. Ele por sua vez continua dormindo e o motivo de não estar acordado é por ainda f altaralguns minutos para seu celular despertar anunciando o f im do descanso corporal e mental.

Busco na memória confirmando que depois do meu ex nunca havia sequer dormido, apenas dormido, com outro homem. Era prática depois do sexo. Nada de emendar ou formar laços. Agora vejo o quanto senti falta disso.

Admiro o homem másculo com as expressões, normalmente marcada pelo semblante sério o qual destinava sorrisos somente para seus familiares e fãs, relaxado, tranquilo. Ele é todo lindo, viril, bem homão mesmo. Não chamou minha atenção em vão quando nos conhecemos naquele dia que agora parece ter sido um filme. Suspiro baixinho totalmente cativada no jogador. De fato, não estava nos meus planos me relacionar sério com um atleta, quebrei minha principal regra.

Esse gostoso descarado.

Esfrego o nariz sutilmente no seu peito e espalho alguns beijinhos no seu peitoral por cima das tatuagens. Afasto-me devagar para não o acordar, entretanto dou um pequeno grito de surpresa quando me puxa de volta. Minhas bochechas e orelhas esquentam dando conta que o jogador já estava acordado enquanto o admirava.

Grr, que raiva!

— Não acredito que estava acordado — reclamo meio envergonhada.

Ele sabe que é um pedaço de mal caminho, não preciso ficar esfregando isso na sua cara bonita.

— Deixei que minha mulher chatinha admirasse seu ombro.

— Chatinha é...

— É minha chatinha. Minha chatinha inteligente, minha chatinha gostosa, minha chatinha bondosa, minha chatinha de língua afiada, minha chatinha ciumenta. — Agarra meu cabelo. — Minha chatinha putinha — diz com a respiração febril chegando aos meus lábios. Gemo vergonhosamente.

Nos beijamos lentamente de forma apaixonada e erótica. Ao cessarmos arrasto os lábios úmidos pelo seu rosto, descendo para seu peitoral. Beijo seus peitos, quando mordisco o primeiro volta a agarrar meu cabelo de volta enquanto sua outra mão invade o tecido subindo-o mais ao apertar a polpa da minha bunda.

Desço mais me arrastando em seu colo cheirando sua pele. Sinto algumas cicatrizes pequenas e sorrio sabendo que foi um garoto peralta. Beijo, mordisco e lambo os gominhos perfeitamente definidos, duros. Seus dedos estão em meus cabelos. Passo a língua na linha inicial da sua virilha marcada pelos exercícios físicos e me sinto mais excitada quando geme rouco. Paro analisando a tatuagem de escrita em chinês, busco na memória percebendo que tem a mesma frase tatuada atrás da orelha esquerda. Um monte grande se forma abaixo da cueca e short do time.

Beijo mais algumas vezes de forma delicada, molhada, sem pressa.

O despertador do seu relógio toca estridente fazendo Marco xingar. Rio, voltando a sentar em seu colo. Estica o braço evidenciando os tríceps. Desliga o despertador, largando o telefone no colchão logo depois.

— Temos que ir, jogador.

Faz uma careta f of ade desaprovação. Suas mãos voltam para a minha bunda. É um saf adode marca maior... do jeitinho que eu gosto, af inal, só poder ser assim comigo.

— Ou...

— Ou nada. Você tem treino com Pol, preciso ir para casa organizar algumas coisas e ver se consigo escrever ao menos um parágraf o do meu artigo.

Tento sair do seu colo antes que caia em tentação, no entanto, me abraça puxando meu corpo para perto do seu e nos rolando na cama parando entre minhas pernas.

— Te busco às oito. E nada de voltar atrás.

— Estarei pronta, amor. — Coloco as mãos no seu pescoço e meus dedos se movimentam em carí cias suaves. — Tenho palavra.

— Sei disso, é que... é novo para mim também.

— Acho que está se saindo super bem. Até rosas me enviou, e claro, não posso esquecer dos orgasmos incrí veis...

— Saf ada e romântica. — Mordisca meu lábio, e sorrio.

— Acho que mais saf ada.

Gargalha espalmando a mão grande na minha nádega, seus dedos sobem brincando com a tira lateral da calcinha.

— Amo seu senso de humor — revela com os olhos f ixosno meu.

— Alguém tem que ser engraçado e divertido nesse relacionamento, não é? — digo humorada, f azendo-orir outra vez. — Equilí brio é tudo, capitão.

Seus olhos estão em meu colo. Sem desviar os olhos castanhos dos meus abaixa o tecido expondo um pouco dos meus peitos. Beija cada um demoradamente trazendo arrepios e f isgadas gostosas por todo meu corpo. Poderia gozar f ácilcom ele chupando meus mamilos. Perdemos o contato visual quando esf rega o nariz entre o vão, para depois passar a lí ngua de f orma lenta entre o trecho que separa meus seios.

— É sacanagem começar o que não poderemos terminar, jogador.

— O bom é que depois do jantar será toda minha?

— Serei?

— Lana. — Fica sério.

— Estou brincando. — Divirto-me. — Agora vamos nos organizar para irmos embora.

Rouba mais alguns beijos curtos e f inalmente saí mos da cama.

MARCO

Leio a mensagem do Pol avisando que cuidou das f ilmagens onde apareço com minha namorada claramente nos esgueirando pelas paredes dos corredores. Agradeço meu melhor amigo. Quando f ez esse f avor seguiu para academia a qual somos sócios.

Antes de sairmos do quarto um f uncionáriodo da limpeza veio recolher as louças sujas.

Saí mos do CT rumo à Madrid. É mais ou menos meia hora para chegar na cidade novamente. A música soa baixinho, enquanto

conversamos amenidades. É bom saber seu gosto musical, assim pude presumir que é eclética, saber suas cores f avorita, seu gênero literário pref erido, sua culinária e pratos pref eridos, o que costuma f azer no seu tempo livre.

— Acho que estou f alando demais — diz com um pequeno sorriso brincando nos lábios cheios.

— É estudiosa e quando não está lendo livros e artigos cientí f icos sobre nutrição está lendo romance, incluindo os eróticos. Seus autores pref eridos são Almudena Grandes, Julia Navarro, Luz Gabás, Maria Dueñas, Megan Maxwell e estrangeiros Julia Quim e Jane Austen. Não f ui um bom estudante no colegial, mas parece que você curte os clássicos espanhóis.

— São incrí veis.

— Gosto de ler, mas os livros que costumo ler são sobre esporte e sobre autismo.

Prosseguimos na conversa. Minha mão f ica em sua coxa, acarinhando-a. O melhor de tudo é tê-la sendo carinhosa, gostando do contato e o mantendo.

— Até mais tarde — profere desconectando o cinto de segurança e impulsionando o corpo para me dar um selinho.

— Só um selinho? Seu namorado merece só isso? Pensa bem, Lana, eu aguardo a resposta.

Ri segurando meu rosto e minhas mãos vão para sua cintura.

— Já sabemos quem é o dramático da relação, não é, meu amor? — f ala num tom humorado.

— Eu tinha que ter algum def eito — comentando, f azendo-a rir novamente.

— Convencido — f ala com os lábios roçando nos meus.

Recebo um beijo delicioso de despedida.

Prendo-a a mim por alguns minutos e sem alternativa a deixei ir. Recolheu suas coisas e saiu com toda sua beleza e elegância. Aguardo que entre em casa antes de sair.



Sou recebido pelo Golias.

— Algum dos meus irmãos está na delegacia?

Uma sombra de um sorriso apareceu em seus lábios e por alguns segundos mudou a expressão taciturna.

— Não, senhor. Gostaria apenas que soubesse de algo. Juan dispensou o motorista, mas notei que ele estava um pouco ansioso demais como venho notando. O segurança que cuidou dele a distância a pedido meu, bom, viu ele e um homem entrando e saindo do hotel algumas vezes. Como o homem estava usando capuz e óculos escuros o tempo todo não deu para identif icarmos.

— Pode ser algum amigo.

Penso alto apesar de já estar em alerta.

— Juan chegou há meia hora.

Teresa enviou mensagem no grupo geral, onde tem nós quatro, inf ormando que f oram ao shopping. Lucí a é outra que continua estranha e deve ser por conta do garoto novo da sua escola.

— Obrigado por tudo, Golias. Irei f alarcom ele agora mesmo.

Anua retornando para o seu posto.

Ao entrar em casa vejo a babá do meu f ilho descendo as escadas. Cumprimentamos e avisa que ele está no seu cochilo. Largo minhas coisas no quarto e rapidamente entro na suí te do Ander. Minha vida dorme relaxado em sua cama. Beijo suas costas e sua cabeça adorando inalar seu perf ume inf antil.

Saio do mesmo jeito que entrei, sem f azer barulho.

Bato na porta do quarto do meu irmão caçula. Ao permitir minha entrada adentro a suí te.

— Já vai sair?

— É aniversário do capitão do time — f ala por alto entrando no extenso closet.

Caminho até a entrada encostando as costas no batente e o observando procurar uma camisa.

— Vai levar a garota que está saindo?

— Não. Seja direto, mano?

— Passou a metade da manhã e estava há poucas horas atrás num quarto de hotel com um homem. Quem é?

Segura a camisa perf eitamente passada em mãos e me encara surpreso. Conheço seus trejeitos. Aguardo sua resposta.

— Irmão, precisamos conversar.

Buf o sabendo o que dirá.

— Você não é gay, Juan.

Franze as sobrancelhas grossas tentando disf arçar

— Como pode ter tanta certeza? Eu sou gay.

— Eu saberia. Eu te criei, peste.

— Marco, estou f alando sério — insiste na mentira.

— Nunca demonstrou interesse no sexo masculino na inf ância, adolescência e muito menos agora. Caso f osse gay, eu saberia e estaria aguardando o momento que se sentisse conf ortável para f alar sobre sua orientação sexual, o que não é o caso. Quero a verdade.

Passa a mão na nuca tenso apesar de a todo custo querer evitar que eu perceba.

— Era um amigo. Ele está passando por uma situação complicada em casa.

— Conheço esse amigo?

— Não. Sabemos que não é a pessoa mais sociável do mundo. — Força um sorriso.

O moleque está mentindo na minha cara. Ah, f ilho da mãe!

— Certo, irmão. — Finjo acreditar. — Independentemente da quantidade de amigos que tenha, saiba que eu também sou seu amigo, mas antes sou seu irmão mais velho. Odiaria perder sua conf iança.

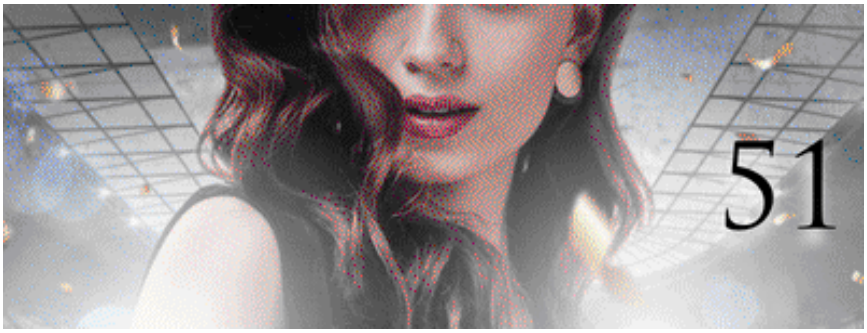
Separa os lábios claramente no intuito de dizer algo, contudo, volta a f echá-los meneando a cabeça. Saio do seu quarto indo direto f alar com Golias.

— Senhor — diz assim que me vê. Sempre atento e prestativo.

— Mande alguém descobrir quem é o desconhecido que Juan estava no hotel.

— Farei isso agora mesmo.

Agradeço e retorno para dentro de casa.



LANA

Meus pais não estavam em casa para eu contar pessoalmente sobre meu namoro of icialcom o jogador. Entretanto, nada me impediu de contar tudo num resumido de texto. Os *emoj i s* de corações, carinhas apaixonadas e de comemoração que papai Camilo enviou f oramos melhores. Óbvio, quando estivermos juntos irei narrar tudo evitando os detalhes í ntimos. Papai Thibaut, com seu jeitão de pai ciumento, disse que era para marcar algo para que pudesse conhecer pessoalmente o meu namorado.

Ari chega no momento que estou f inalizando a maquiagem. Optei por tons claros e estou em dúvida sobre a cor do batom. Largo tudo na penteadeira indo até minha melhor amiga. Com cuidado coloca as rosas, que estão dentro do jarro com água, que recebi do Marco, na mesa de apoio

— Desembucha logo — peço ansiosa, odiando o mistério que está f azendo.

— Sou of icialmente a nova integrante da M13.

— Cacete — grito animada, abraçando-a e pulando. — Ari, vai dar tudo certo, já está dando. É apenas uma ponte para conseguir a independência e respeito que merece, amiga.

— Christian disse que abrirá o caminho para mim. Antes de caminhar sozinha e independente, terei que trabalhar na M13. Inclusive já tenho meu primeiro trabalho como agente esportiva.

Solto-a expondo minha f elicidade.

— Isso merece uma comemoração. Irei ligar para o Marco desmarcando o jantar e...

— Não, senhora! Pode ir para seu encontro romântico com seu namorado.

— Agora somos namorados de verdade. Depois conto tudo, Ari. Agora quero saber de você, amiga. Continua.

— Christian f ez questão de compartilhar a f of ocade que f inalmente admitiram o que sente um pelo outro, bom, f altava só você. Pol enviou uma mensagem para ele.

Def initivamentea minha f amí lia f of oqueirase dará muito bem com a f amí lia do jogadorJesus Cristo!

— Fui designada para conseguir um atleta prodí gio de Marbella. Christian disse que chamou a atenção dele em ví deos amadores publicados em redes sociais. Meu grande desaf io será trazê-lo para M13. Ele disse que Marco autorizou a nova contratação de um atleta jovem, humilde e claro, talentoso para ser o segundo atleta da M13.

— Perf eito, amiga. Você vai conseguir, tenho f é.

Senta na cama praticamente se jogando e descalça os pés dos saltos altos.

— Tem alguma coisa esquisita nessa história.

— Em relação ao Christian ou ao garoto?

— Ao garoto. Olhei o *Instagram* do menino de cima a baixo. Ele é fã do Real Madrid, e tem muitas fotos dele na escola de futebol, nos jogos amadores, até aí tudo bem. Além dos amigos tem duas fotos com um homem, que claramente é o pai dele. Só que não foram tiradas em ambientes desportivos. E o homem sempre está sério e de terno.

— Deixa eu ver.

Apanha o celular da bolsa e olhamos juntas o perfil do garoto. Ele é uma graça. Aproxima a foto dele com um homem, eles se parecem está na cara que são pai e filho.

— O cara é bonito — pronuncio a verdade.

— Mais um gostoso e só.

— Está desdenhado do homem?

— Lana o foco aqui não é a beleza comum do cara. — Conjecturo em rebater, pois ela ficou na defensiva. — A questão é que talvez ele seja o problema.

Analisando tudo que descobriu recentemente não demorou a entender onde quer chegar.

— Ele é contra — falamos em uníssono. Sorrimos em seguida.

— Claramente o cara não gosta de futebol e deve ser o tipo de pai que tem o futuro do filho todo planejado.

— Seria muita falta de sorte o pai desse garoto estar incluído na porcentagem, quase mínima, de pessoas desse país que não é louco por futebol — enuncio prevendo o desafio que minha melhor amiga terá, caso estejamos certas sobre o pai do menino.

Deita as costas no colchão buf ando.

— Deveria ter ido para outra área. Que ódio! — desabaf a.

— Aí estaria inf eliz.

— Olha, não estou me sentindo nada f eliz agora, então...

— Você consegue. Quer saber, f icarei e teremos uma noite de meninas.

— Nada disso. Vai dar amiga, alguém tem que ter um belo sábado. Ficarei aqui tentando descobrir quem é esse cara. A rede social dele é privada, enviei uma solicitação de amizade do meu perf il pessoal, pois no meu prof issional deixa claro meu campo de trabalho e se estivermos certas, claro que rejeitaria a solicitação. Seus pais estão em casa? Queria comida caseira.

Rio levantando e indo atrás de uma roupa.

— Foram para uma social na casa de algum dos amigos deles.

Tiro algumas peças penduradas no cabide indecisa.

— Eu diria para ir com pantalona, e com aquele cropped chique que nunca usou, vão combinar, mas como é piranha, tanto quanto eu, é melhor de vestido para f acilitar as coisas.

Acabo rindo a vendo analisar minhas roupas. Entrega-me a pantalona branca e o *cr opped* de couro sintético preto. Realmente estava pensando em ir de calça, porém estava em dúvida do modelo.

— Te amo — f alo analisando as peças.

— Sei disso. Agora irei preparar algo para comer.

Escolho uma calcinha rendada do tamanho que costumo usar: pequena, sexy. Já havia feito o processo de hidratação da pele, então começo a me vestir. Quando vejo o resultado no espelho de corpo inteiro fico feliz. O *cropped* estilo *corset* sem mangas realmente é elegante e sensual. Experimento dois saltos altos de tiras optando pelo branco da *Yves*.

— Como pode ser tão gata — diz assim que entra no quarto.

— Quero sinceridade. É meu primeiro encontro oficialcom o Marco.

Só de lembrar dele meu corpo todo reage da cabeça aos pés de diferentesformas.É um frenesisurreal que esse homem causa em mim, ou melhor, que continua causando.

— Acredite você está linda, amiga. Estou tão orgulhosa. Espera, prometi para os tios que tiraria uma foto sua.

— Ah, não! Está brincando, não é? — indago alto por ela já ter saído do do cômodo.

Retorna menos de um minuto com o celular na mão.

— Agora faz uma pose.

O que eu não façopelos meus pais. Poso e assim que sou clicada desfaço o sorriso.

— Já enviei no grupo. — Sorri satisfeita.

Ari me ajuda a organizar a pequena mala de mão contendo tudo que preciso. Lembro de pegar outra caixa do Anastrozol, pois hoje tomei a última pílulada cartela que carrego na bolsa. Recebo uma mensagem do Marco avisando que já chegou. Confiroo horário sabendo que está cinco minutos adiantado. Temos alguém bem ansioso.

Despeço-me da minha melhor amiga e saio com a bolsa de correntia da mesma marca do meu sapato e carregando a pequena mala de mão. Nada de voltar atrás. Quero viver tudo, estou disposta a f azer isso.

Passado no passado e ponto f inal.

Sorrio ao escutar seu assobio. Pega a mala, logo sua outra mão está na minha cintura. Passa o nariz pela lateral do meu rosto descendo-o para a curva do meu pescoço onde planta um beijo. Logo depois sela nossos lábios de f orma carinhosa.

— Você está gata pra caralho.

Admira-me da cabeça aos pés, parando na região do *cor set* Seus dedos sobem parando um pouco acima da cintura onde aparece minha pele pelas laterais devido ao corte moderno e elegante do *cor set* Reparo em seus trajes constatando mais uma vez seu bom gosto. Vejo a Mercedes estacionada atrás do seu Audi sabendo que hoje uma equipe f icará por perto.

— Obrigada, amor. Você também está lindo.

Puxa um pequeno sorriso de lado.

— Por hoje ser sábado os lugares costumam estar mais cheios e os seguranças são uma precaução.

— Sei como é — digo notando que poderia estar pensando ser um problema para mim. Entendo perf eitamente como os jogadores, principalmente os mais populares, costumam ser abordados por f ãs. — Estou nessa com você.

Passa o braço pelo meu ombro me aproximando mais do seu corpo másculo e cheiroso. Oh coisa gostosa é homem cheiroso. Trocamos mais um beijo rápido nos olhando sem esconder a paixão.

Marco faz questão de abrir a porta para mim, antes de entrar no carro guarda minha mala no porta-malas.

— Já comeu no DiverXO?

— Não, mas sei que é considerado o melhor atualmente.

Nem preciso indagar como conseguiu garantir uma reserva sem ter feito com antecedência. Restaurantes com estrela *Michelin* costumam trabalhar somente com reserva. No entanto, como se trata do capitão do time com mais torcedores no planeta, segundo estudos, claramente conseguiria uma mesa sem dificuldade.

Pega minha mão levando-a à boca. Adoro receber seu carinho, meu corpo todo reage. Caramba, não fazia ideia do quanto era bom ser... amada e principalmente estar apaixonada, envolvida. Marco entrou no meu coração e o melhor de tudo é que não estou surtando.

Notando a sequência de músicas que rodam na *playlist* do Spotify, olho a tela da multimídia vendo a foto da capa da música *Mi Niña*. Adoro essa música, pois é de vários cantores que curto bastante, incluindo uma cantora brasileira. Para constatar a suspeita passo a música que vai para uma antiga da banda espanhola *Love of Lesbian,* minha banda preferida.

— Você...

— Salvei sua *playlist* do *Spotify*. Estou adorando. — Desce a mão parando-a quase na linha que separa a coxa e a virilha. Ele está perigosamente *perto* — Os *podcasts* desportivos não me surpreenderam, principalmente os de nutrição. Aliás, *favoritei* que participou. Agora te confesso que os de crimes reais me pegaram de surpresa.

Sinto as notas de humor na sua última f rase.

— Acho que agora vai pensar muito bem antes de dar conversa para as suas f ãs mais saidinhas, não é, amor? — prof iro divertida, f alhando em f icar séria.

Explode numa risada rouca. Claro, acabo rindo também.

— Bem que você tentou.

— Aprendi a esconder um corpo.

— Por Deus, mulher.

Achamos graça.

Chega na área de inf luênciado *Paseo de l aCast el l ana*. Uma das pontas de entrada para o centro histórico de Madrid.

— Atendo os meus f ãs com respeito e carinho. Nada exagerado. É uma coisa minha. Quero que saiba que nunca f arei nada para se sentir insegurança, chateada ou qualquer outra coisa intencionalmente. Eu te amo e respeito o que estamos tendo, quero isso e não irei trocar por nada. Você está ocupando uma parte em mim em que nenhuma outra mulher esteve — declara olhando nos meus olhos assim que estaciona.

Marco simplesmente f ez essa declaração tomando tudo de mim sem dó. Antes que eu possa dizer o que venho sentindo por ele sou consumida por um beijo lento, cheio de paixão, desejo e... amor. Jesus Cristo, amor. Amor.

— Eu...

Interrompe-me. Com a mão no meu rosto nos f itamos, diz:

— Não tem que dizer nada agora. Deixe ser espontâneo. Quando se sentir pronta... diga.

Anuo suspirando.

MARCO

O gerente nos recepciona assim que saí mos do carro. Nos cumprimentamos e apresento minha namorada. Seguimos rumo à parte interna com dois seguranças da equipe que f icarão nos aguardando à distância dentro do estabelecimento. A sugestiva decoração industrial com requinte é algo que predomina e chama atenção.

Atravessamos o salão principal de mãos dadas e como estou acostumado com os olhares, ignoro todos. Lana não esconde totalmente sua timidez nesses momentos, e eu acho adorável. Ela não f ica deslumbrada, ou tenta ser o que não é.

Lana é única.

Af asto a cadeira para que minha mulher possa sentar. O garçom responsável por nós se aproxima, simpático. O gerente nos deixa em boas mãos. O jovem f uncionárionarra o menu degustação enunciando que o chef ef ez algumas alterações para que eu não saia da dieta. Comerei muito bem, mas sem sair do plano nutricional.

Dif erente dos outros nutricionistas, que deixavam meu cardápio e planejamento no geral muito registro, Lana veio com outra visão. Comer é um prazer e é algo que não está sendo tirado de mim. Sou grato por isso. Além, é claro, de f icarcada dia mais apaixonado pela excelente prof issional que é.

Os vinhos selecionados para harmonizarem com o jantar são servidos. Por estar dirigindo não irei passar da primeira taça. Sentado ao lado da morena, ao invés de a f rente, como estão as mesas de dois lugares, posso beijá-la castamente e f icar tocando nela.

Minhas mãos criam vida própria quando estou com ela.

— Amanhã vamos para Menorca — aviso pegando-a de surpresa. — Tenho uma residência lá.

— Claro que tem — f ala humorada.

— Ficou pronta recentemente e ainda não f ui lá. Vi apenas por f otos. Meu f ilho e irmãos vão também.

— Eu adoro eles. Vai ser divertido.

— O lado bom é que já sabe que meus irmãos dão mais trabalho que dez crianças chorando e f azendo birra ao mesmo tempo.

— Exagerado. — Sorrir graciosamente. — Gosto da bagunça, eles são divertidos.

— Agora mudando um pouco de assunto. Trouxe biquí ni? Pode comprar na ilha caso pref ira assim.

— Comprarei lá. Nunca f ui, então vai ser divertido conhecer o comércio local. Espero que tenha o modelo que costumo usar.

— Juro que vai me matar, mulher. Se f or um daqueles modelos que te vi usar na ilha estou f odido pra caralho.

— Você aguenta, jogador — f omenta com sua carinha de moça inocente.

Mudamos o teor do assunto para o bem da minha sanidade. Levo algumas coisas do meu prato à sua boca. Outra coisa que gosto muito na Lana é o f ato de comer bem.

Dialogamos sobre nós, meu f ilho e meus irmãos. Tenho orgulho de ter saí do de um bairro pobre e estar onde estou com esf orço e com todos aqueles que me apoiam e amam. Sem eles não f aria sentido. Conto um pouco do que aprontava com Christian e Pol. Fomos garotos arteiros. Divirto-me quando conta como iniciou a amizade com Ariana, e como ela e os pais f oram acolhidos pela f amí lia da sua melhor amiga.

Lana e eu tivemos uma infância f eliz. Agora mais do que nunca quero conhecer os pais dela. Além da Ariana, Daniel f oioutro nome que f ezboa parte da sua narração. Em determinado momento não o cita mais.

— Eu ia amar conhecer sua mãe, amor — diz com tanta sinceridade e carinho que meu coração quase transborda.

O assunto retornou para minha vida. Lana está adorando saber tudo sobre dona Linda Carvajal.

— Garanto que minha mãe iria te adorar. Se dariam muito bem — enuncio sem esconder a emoção na voz e expressões.

— Quero ver todas as f otos. Você prometeu.

— Promessa é dí vida.

Limito a f alar sobre meu progenitor. Ernest Arjona nem merece ser lembrado por mim. Ele f oi algumas vezes a imprensa pagar de pobre coitado, ocupar um papel de ví timaque não o cabe. O meu pessoal do jurí dico cuidou para que ele f osse proibido de citar meu nome, do meu f ilho e dos meus irmãos. O que mais me

irritou na época foi a mídia querendo fomentar uma reconciliação entre pai e filhos sendo que não levavam em consideração a verdadeira história. Fui claro e direto em uma entrevista que precisavam parar de romantizar o perdão. Não tinha motivo para perdoar o homem que abandonou a esposa e filhos sem olhar para trás. Queriam montar um circo em cima disso e cortei antes que tomasse proporções maiores.

O chefe solicita uma foto e mantenho Lana ao meu lado enquanto sua funcionária nos fotografa. Ao pagar a conta nos levantamos. Com meus dedos entrelaçamos aos seus, comparados aos meus, bem delicados e bonitos. Pol enviou uma mensagem dizendo que seus pais e os tios convocaram Lana e eu no Villa 13.

Sabia que meus tios não aguentariam esperar muito para conhecer oficialmente minha namorada. Christian está passando a noite cuidando de assuntos da M13. Ele deixou Ariana a par do interesse que temos em trazer um garoto talentoso para ser agenciado pela M13. Conversamos a respeito por chamada de vídeo enquanto treinava na academia de casa com Pol. Confio totalmente no meu melhor amigo. Lana e eu falamos um pouco a respeito. Admiro sua lealdade e amizade com Ariana.

Depois do último treino do dia fiquei com meu filho. Adoro nossos momentos juntos. Duas horas do horário combinado de buscar Lana, fui à joalheira na companhia do meu filho e Pol. O que estava exposto não me agradou, então solicitei uma peça única. Um colar delicado contendo um pingente de trevo da sorte feito de esmeralda. Por ser um dos melhores clientes seletos o prazo de entrega acontecerá no início da semana.

No pátio central do restaurante vejo Xavi acompanhado de um homem e duas mulheres. Seu segurança vem atrás deles. Por questão de bons modos terei que cumprimentá-lo. Dos caras do time é o que mais sou distante.

— Marco — f ala mantendo um dos seus sorrisos debochados. — Doutora.

Quero f urar seus olhos por estar babando na minha mulher. Noto o rosto da morena um pouco pálido e seu jeito quase estático, só então dou conta que sua atenção está no homem entre as duas mulheres.

— Esse é o Daniel, o novo atacante do Celta de Vigo. Como passou muitos anos em Milão, estou f azendo ele se sentir em casa novamente.

— Vocês se conhecem? — indago observando a tensão entre Lana e o tal Daniel.

Tenho por mim de que não vou gostar nada de saber.

— Sim — responde sem tirar os olhos dela. — Lana, será que...

A morena aperta seus dedos nos meus demonstrando certo nervosismo.

— Não. Já estou de saí da com meu namorado — prof ere f irme.

— É só por alguns minutos — insiste.

Xavi e as outras mulheres observam tudo com curiosidade evidente.

— Minha mulher já disse que não.

Sem me importar com os bons modos tomo a frente da situação. Voltamos a andar deixando-os para trás.

Abro a porta para minha namorada, em seguida ocupo o banco do motorista. Ligo o carro, mas não saio do lugar quando monto o quebra-cabeça na mente. Demoro a perceber a forma que estou apertando o volante. Tranco as inseguranças tentando ser racional, sem permitir que o ciúme me segue.

— Ele é o Daniel — comento sentindo o gosto amargo do ciúme.

Ficou mais do que claro que não foram apenas melhores amigos. Porra, Lana teve o primeiro amor com seu melhor amigo. Existe história mais bonita e forte que essa? Ela teve o que nunca tive antes dela: amor. Consigo entender o motivo de ter evitado relacionamento sério. O filho da puta causou isso.

— É. Marco, o que ele e eu tínhamos acabou.

— Não vi isso por parte dele.

— Depois que ele me deixou... nunca mais nos falamos.

Merda. É pior do que pensava. Sinto raiva, uma filha da puta da insegurança por saber que ele esteve onde estou lutando para estar.

— Quero saber, Lana.

Sinto seus olhos em mim e faço questão de encará-la.

— Daniel foi... meu primeiro namorado, primeiro em tudo. Estávamos noivos quando foi embora sem se despedir, sem terminar comigo de forma decente. Não tive um término respeitoso e isso me marcou, pois havia perdido meu melhor amigo também. Estávamos noivos na época. Ele não era o principal motivo de eu

evitar relacionamento sério, enf im.— Solta a respiração lentamente e vejo seus olhos marejados. — Naquele dia que estava tendo uma crise de ansiedade f oiquando o vi pessoalmente depois de anos. Já estava ciente do retorno dele, pois Ari havia dito da possí velvenda dele para o Celta. Esses anos f iquei me machucando o acompanhando através de notí cias. Não f ui saudável nesse ponto.

Volto a olhar para f rente, ao invés dos seus olhos bonitos. Agora entendo o motivo de seus sorrisos serem sua blindagem. Alguns era verdadeiros, outros escondiam quase perf eitamente uma tristeza.

Seus dedos tocam minha barba me puxando de f orma sutil para ela.

— Eu não o amo, Marco. Nunca brincaria com você. Quando iniciamos o namoro de mentira pensei que usaria a relação *f ake* para af astarDaniel. Fui covarde, estava mexida, com raiva e receio do retorno dele. Entendi que precisava dar uma chance novamente para o amor, não poderia continuar estagnada com medo de ser machucada outra vez, de não viver o que tem que ser vivido por medo. Voltei para a terapia e você veio com tudo para o meu coração, jogador.

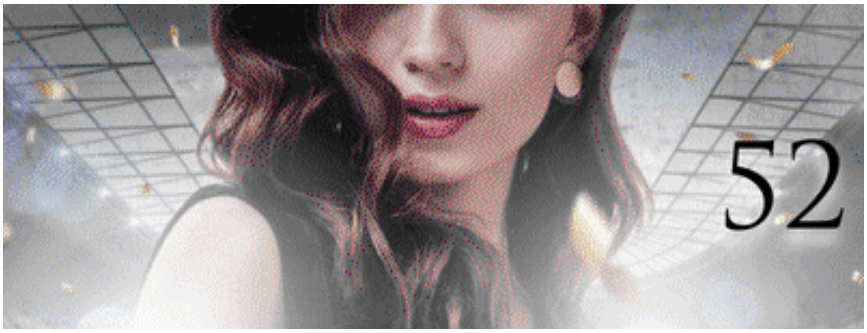
— Lana...

— Daniel não tem chance alguma comigo, pois você é o campeão. Só você, Marco.

Mais calmo assimilo tudo que disse. Beijo a lágrima solitária que desce próxima ao seu narizinho. Seria muito azar perder a mulher que amo, a primeira mulher que estou amando. Sou naturalmente desconf iadopor conta de pessoas que me enganaram

no passado, e tento dosar essa parte minha. Entretanto, não é uma coisa f ácil.

— Me acalma saber disso, amor.



LANA

Marco não está o mesmo. Nem nos meus maiores pesadelos imaginava reencontrar meu ex justamente quando estou saindo de um jantar romântico e perf eito com o homem que estou apaixonada.

Fomos bem recepcionados no Villa 13. Adorei conhecer os tios do jogador. São animados e tí picosespanhóis raiz. Em pensar que dancei f lamenco com suas tias. Queria ter estado mais animada, contudo, o clima entre Marco e eu mudou.

Posso me colocar em seu lugar. Ele não está errado em sentir insegurança e receio sobre nós. Se f ossesua ex-namorada, a qual dividiram os primeiros momentos da vida de um homem e mulher juntos, claro que estaria insegura e com ciúmes.

Pol f oi o divertimento, deixou as coisas mais leves.

Conjecturei em ir para casa, mas isso signif icaria estar desistindo, impondo mais distância entre nós. Não quero isso. Porra, decidi viver de verdade depois de seis anos. Daniel não vai abalar minhas estruturas simplesmente por não estar mais presente em meus sentimentos. Nossa história acabou de f orma covarde por decisão exclusivamente dele.

Acabou.

— Fica à vontade. Irei ver meu f ilho e as meninas — f ala assim que adentramos seu quarto majestoso.

Vejo as pétalas de rosas colombianas espalhadas estrategicamente, as luzes num tom mais amarelo deixando o ambiente sensual e aconchegante, vejo a bandeja com f rutas e taças próximas ao balde de gelo com champanhe. O ambiente está romântico. É a primeira vez que um homem f azisso para mim. Nem dá tempo de f alar, pois saiu da suí te.

Suspiro tentando não f icar derrotada.

Descalço os pés e os seguro pelas alças. Conheço o ambiente perf eitamentedecorado com um estilo clássico e moderno como toda a mansão. É tudo de muito bom gosto. Abro a porta de correr de vidro espantada com a imensidão do closet. Ponho os saltos altos num cantinho e a mala de mão no móvel de madeira escura no centro. Pela tampa de vidro vejo que é onde guarda os acessórios. Ele ocupa totalmente um lado, e outro não tem nada. Apenas alguns travesseiros ocupando as prateleiras de cima.

Abro outra porta dupla, dif erente da do closet essa é de madeira.

— Nossa — murmuro espantada.

O banheiro parece um espaço de um resort chique. A parte do box tem dois chuveiros no teto e alguns jatos pequenos embutidos na parede. É bem grande o espaço. Do outro lado tem uma espaçosa banheira colocada perto a janela retangular. Apoio a mão no mármore luxuoso vendo as duas pias duplas, armários embutidos e o espelho contendo *l ed* atrás. Vejo os produtos masculinos de pele e higiene do jogador. Agora o que chama

atenção é a hidromassagem ocupando uma parte da alvenaria f eita de tijolinhos, provavelmente originais que f oram bem ref ormados mantendo o clássico. Acima da hidromassagem tem uma claraboia linda.

Sinto um calor só de pensar em cada parte desse banheiro que poderemos aproveitar transando.

Credo, eu sou muita saf ada.

Regresso ao closet para buscar a mala de mão decidida a tomar um banho para abaixar o f ogo, relaxar e esperar meu namorado. Não dormiremos nesse clima estranho que se instalou entre nós.

Aproveito bastante o banho no chuveiro que deve ter custado milhares de euros. Após cuidar da minha pele, visto uma calcinha e procuro uma camiseta simples do Marco. Lembrei de trazer várias coisas, menos um pijama.

Retorno ao recinto do quarto sacudindo o meu cabelo na toalha. Pauso os pés ao vê-lo apoiado nos balaústres. Está sem camisa, trajado apenas na calça jeans de lavagem preta. Respiro e inspiro decidida a conversarmos. Sei que ainda preciso f alarsobre o tratamento que passei e a da minha possí vel inf ertilidade, são dois assuntos que estarei me preparando com ajuda da terapeuta. Não posso simplesmente jogar essas inf ormações em seu colo.

Estendo a toalha na poltrona e abro a porta dupla de vidro que separada a varanda da suí te. O vento f rio da noite me arrepia. Abraço-o por trás, beijo o meio da sua coluna e colo minha bochecha nas suas costas def inidas.

— Está f rio demais para você.

— Seu corpo está me aquecendo.

— Não quis ser grosseiro com você, amor.

— Sei disso. Está chateado.

Afasto-me quando vejo sua intenção de ficar de frente para mim. Sua mão vem para minha cintura, me puxando para perto. Fico entre suas pernas e pouso as mãos em seu abdome.

— Fui sincero quando disse que amar está sendo algo novo para mim. Dividiram momentos únicos, e... senti que estava sufocando quando começou a contar sobre o que tiveram.

— Acabou. Ele e eu não existiremos mais como um casal, nem como amigos. Quando ele foi embora levou tudo, não restou nada.

Fui sincera ao dizer que usaria o nosso namoro de mentira para afastá-lo e enfrentar melhor o retorno do Daniel, no entanto, agora tenho noção de que não voltaríamos caso meu ex pedisse. Passei anos obcecada imaginando como seria se estivéssemos juntos, em que etapa do nosso plano para o futuro estaríamos vivendo.

Entendi que Daniel e eu não era para ser. Tivemos um começo de amizade lindo, nos apaixonamos e fomos a primeira experiência um do outro, mas isso não significava que éramos almas gêmeas. Demorou para eu entender, sofri com sua partida abrupta e covarde, mas sobrevivi. Passeis esses seis anos culpando o câncer, querendo justificar o fracasso do meu relacionamento.

Ao retornar para a terapia, depois da última conversa que tive com meu pai Camilo, as coisas começaram a ficar mais claras.

Estava sem coragem para amar com medo de f icardoente de novo e devido à f orma que Daniel partiu.

Marco é meu f ôlego para o amor

— Fiquei inseguro, com raiva e puto. Não com você e sim por ter tido uma pessoa com quem compartilhou muitas coisas da sua vida antes de mim. Eu sei como está soando imaturo, mas é isso. Lana, você é minha primeira paixão, meu primeiro amor. Mudou todo meu conceito sobre relacionamento sério. Entrei nessa com tudo, com todas as jogadas possí veispara tê-la. Eu te amo parece pouco perto do que estou sentindo por você.

Na ponta dos pés alcanço sua boca onde selo nossos lábios de forma casta, emocionada. Suas mãos descem para minha bunda me mantendo colocada em seu corpo f orte e quente.

— Estou apaixonada por você, jogador. E me apaixonaria milhões de vocês, em dif erentesvidas, em dif erentesmundos. Você, Marco. Só você.

Sorri sem esconder suas emoções. É isso que eu amo nesse homem.

Meu homem.

Recebo seu beijo na testa.

— Pode repetir de novo, chatinha?

— Já sabemos quem é o romântico da relação, hein?

Abraça-me f orte abrandando o f rio.

Adentramos o quarto e vou direto para a cama enorme. Nem dormi nela para ter certeza de que terei um sono de princesa. Assim que meu namorado retorna do closet usando uma calça de moletom

azul-escura aconchego-me em seus braços recebendo um carinho gostoso nas costas. Era engraçado como seus toques se alteravam entre leves e pesados dependendo da situação. Trocamos beijos cheios de paixão, devoção e amor revezando-os entre os assuntos que conversamos.

Estar em seus braços me traz paz.

MARCO

Lana é a primeira mulher que dorme na cama comigo, e espero que seja assim enquanto nós durarmos. Acordei há quarenta minutos, já a chamei carinhosamente algumas vezes com beijos pela sua bochecha. Em troca respondeu pedindo mais alguns minutos. Achei graça e f ui acordar a tropa.

A babá do meu f ilho irá conosco, e ontem já havia deixado a mochila dele pronta. Magda é ótima.

— Podemos ir ao centro da ilha, papai? Quero ver as novidades.

Ander adora a loja de brinquedos da ilha. É a única e tudo é f abricado pelo dono, seus f ilhos e netos que tocam o negócio de f amí lia até os dias de hoje. Os melhores quebra-cabeças do meu menino f oram adquiridos lá.

— Claro que sim, vida. Aposto que o senhor Augustin deve ter f eito um especialmente para você.

Subo o zí per da sua jaqueta corta-vento.

Seguindo seu ritual começa arrumar os lençóis da sua cama. Deixo-o em seu quarto conf erindo o tempo que temos para não atrasarmos a nossa saí da. O piloto e toda a equipe de bordo já garantiram as condições do jato. Estão nos aguardando.

— Eu não vou — diz Lucí a com todo seu mau humor.

Ainda não me deu abertura para conversarmos a respeito da sua mudança. Penso que é uma f ase, af inal, é uma adolescente. E adolescentes são naturalmente insuportáveis. No entanto, desde que Teresa comentou sobre o garoto novo da escola sinto que minha irmãzinha mudou. Ela já nasceu irritada, mas agora está mil vezes pior.

— Está doente?

Levo a mão à sua testa na intenção de conf erir sua temperatura antes de buscar um termômetro, todavia, se af asta.

— Não.

— Está se sentindo mal?

— Não.

— Está morrendo?

— Não — responde e buf a nitidamente irritada.

— Perf eito. Você tem meia hora para se aprontar.

— Quero f icar

— Que linda, mas não. Você ainda me deve obediência.

— Juan não vai!

Logo meu irmão *pl ayboy* abre a porta do quarto colocando apenas a cabeça para f ora, dizendo:

— Eu vou! Não perderia a oportunidade de ver a... — Encaro-o com o meu olhar mortal. Sei que está brincando, e agora que percebi o ciumento do caralho que eu sou, não consigo evitar f icar imune as brincadeiras. — Bom, eu vou. Vai se arrumar, Barbie Dark do meu coração.

Volta a f icar apenas nós dois no corredor

— Tem menos de meia hora.

— Marco, por f avor

— Agora, Lucí a — mando.

Bate o pé caminhando para seu quarto.

— *Bonj our l a f ami-H* enuncia Teresa no seu f rancês f luente usando um conjunto de praia rosa com branco de uma das suas marcas pref eridas e óculos de sol com lentes amarelas.

O que chama atenção são as duas malas de viagem enormes.

— Péssimo dia! — resmunga Lucí a antes de entrar no seu quarto.

— Também te amo, bruta — f ala para sua metade, mesmo sabendo que ela não escutou. — Estou pronta, maninho.

— Princesa, iremos passar o dia lá. Por que está levando duas malas?

— Quero deixar algumas coisinhas na casa da ilha. Para quando f or outra vez não precisar levar nada.

Conhecendo-a sei que é apenas uma desculpa. Na próxima ida à ilha Teresa irá levar mais coisas.

— Certo — é tudo que digo.

Nem são sete horas da manhã e não quero me estressar.

Ao entrar no meu quarto, tranco a porta e deixo escapar o suspiro apaixonado enquanto olho para a bunda da morena. Ela está usando uma camiseta minha e conf orme f oi mexendo acabou

subindo, ainda mais quando ergueu mais o joelho agarrada num travesseiro. Lana f oi muito abençoada, puta merda.

Apoio as palmas das mãos no colchão, subindo sobre seu corpo sem colocar meu peso, deixando uma trilha de beijos que iniciaram pelos seus pezinhos bem-cuidados e f emininos. Antes de dar a atenção que sua bunda de milhões merece, beijo demoradamente seu cóccix principalmente no meio onde a pequena tatuagem de trevo da sorte está localizada.

Se movimenta suavemente e sei que já está acordada. Beijo os monumentos grandes e f irmes, louco pela marquinha que bronze do biquí niminúsculo deixou em sua pele perf eita. Escuto sua risada abaf ada.

— Posso f icar mais cinco minutos se quiser.

Mordisco a nádega empinada e subo deitando de lado. A morena vira f icando de costas para o colchão.

— Adoraria, você sabe, não é?

— Sei? — se f az de desentendida.

Meus dedos acariciam seu abdome descoberto, descendo perigosamente para sua calcinha, passeando por cima dela. Movimenta a perna, erguendo o joelho esquerdo toda dada para mim. Porra, como isso é gostoso.

— Esqueceu que extrapolamos — murmuro rouco, relembrando tudo que f izemos. — Como está essa bocetinha, amor?

Em resposta segura meus dedos controlando-os a af astar a calcinha para o lado e tocar na pele lisinha, macia e gordinha. Meus olhos acompanham tudo. Que boceta linda, cacete. Gememos

baixinho juntos quando meus dedos se melam com sua lubrif icação natural. Leva-os aos lábios vaginais, passando eles por cima do seu brotinho.

Busco sua boca lhe tascando um beijo gostoso de lí ngua.

— Te f aço gozar se conseguir se arrumar em vinte minutos.

— Consigo.

— Já acordou doida por mim, morena?

— Muito — solta um gemido.

— Como você gosta?

Movimento os dedos com mais pressão na sua vulva apertada.

— De como f ez comigo no vestiário e no banheiro.

— Tem algo a mais que goste, linda? Conte tudo para seu homem lhe agradar.

Giro meu dedo em seu canal com leveza, sem aspereza para prolongar seu prazer. Retorno para a entrada da sua vagina retornando à estimulação inicial.

— Marco, amor... está tão gostoso. Aumenta um pouco... ah.

— Assim, amor da minha vida?

— Sim, sim...

Embriago-me com suas expressões, a f ormacomo entreabre os lábios cheios, que os mordisca, o som da sua respiração. Gravo tudo. Lana é uma puta de uma mulher gostosa. Seus gemidinhos aumentam quando ergo mais a camiseta exibindo os peitinhos pequenos entumecidos. Acabo-me neles, mamando f irme, acariciando os biquinhos com a lí ngua. Lana agarra meu pulso se

contorcendo de prazer, tentando esf regaros joelhos sem poder por conta do meu braço entre eles.

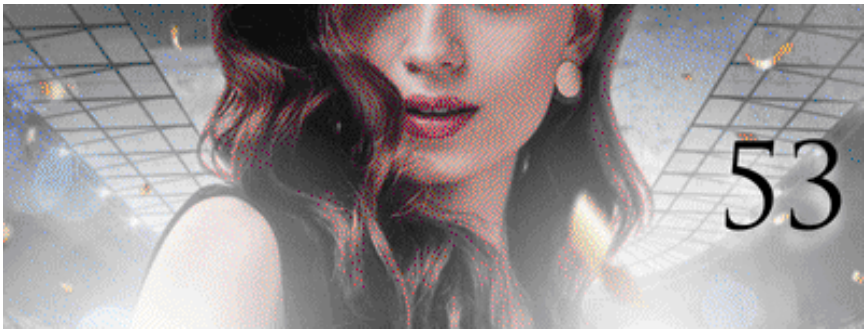
— É tão gostoso ver suas reações enquanto sente prazer — digo, mordiscando seus lábios.

— Eu sinto o mesmo, amor. Oh, cacete...

— Imagina quando eu estiver enchendo seu cuzinho de porra, ao mesmo tempo que estou com meus dedos na sua boceta. Consegue imaginar, amor?

— Ahhh... sim.

Coloco o dedo com a palma da mão voltada para cima curvando a ponta, sem perder tempo começo a movimentá-lo num vai e vem com a ponta do dedo ao mesmo tempo que estimulo seu clitóris com a outra mão livre. Alcanço seu ponto mais sensí vel. Grudo minha boca na sua bebendo seus gemidos enquanto seu corpo se movimenta arrebatado pelo orgasmo intenso.



MARCO

O voo para Menorca foi tranquilo. Lana e eu montamos um quebra-cabeça com Ander. Os três adolescentes estavam, cada um, entretido com alguma coisa. Os dois Trollers T4 blindados foram levados por dois seguranças responsáveis pela mansão da ilha, são da mesma equipe do Golias. Ou seja, de extrema confiança.

Ao chegarmos na mansão, que a meu pedido o arquiteto conservou a identidade georgina, algo típico das construções da ilha, e focar totalmente na modernização por dentro, conheci cada cômodo na companhia da minha namorada, filho e irmãos. Ander não estava muito confortável, e sabia o motivo. Fazia tempo que não vínhamos, e da última vez que viemos o interior tinha outra decoração e estrutura. Agora o ambiente tem o conceito aberto mantendo um pé direito altíssimo com detalhes em madeira.

Deixei Lana no quarto avisando que iria ficar um pouco com meu filho em seu novo quarto. Magda está se instalando no complexo de quartos amplos e confortáveis destinados aos funcionários que estiver de plantão conosco. Faço questão que tenham conforto.

— É parecido com seu quarto — comento, observando meu f ilho analisar o recinto atentamente.

— Eles têm medidas dif erentes — expressa. — Vou gostar dele, papai.

— Ok. Agora vista algo mais leve que iremos ao vilarejo, vida.

Anua tirando a mochila das costas. Observo sua autonomia cheio de orgulho. Abre a pequena mala, a qual sua babá colocou tudo que vai precisar. Com todo cuidado tira as peças perf eitamente dobradas organizando-as um ao lado da outra. Em seguida tira os acessórios e objetos de higiene mantendo a mesma organização.

— Quer ajuda para guardar suas coisas no closet?

— Tudo bem, papai. Eu f aço.

— Aguardo você na sala, campeão.

Beijo sua cabeça antes de sair.

Ao entrar na suí te f icodeslumbrado pela bela vista da praia azul mesclada ao verde, praticamente translúcida. Não é à toa que é considerada uma das ilhas mais paradisí acas,mais bonitas do meu paí s.

Muitos colegas se gabam por terem imóveis e investimentos no exterior. Também tenho, mas tudo passa devidamente por reuniões e mais reuniões com bancários, agentes f inanceirose todo o restante da equipe que cuida do meu dinheiro. Sempre penso no f uturo. Como qualquer atleta tenho um prazo de validade por isso não deixo a administração das f inanças totalmente entregue aos f uncionárioscapacitados e estudados. Acompanho de perto. É um saco, contudo, é questão de segurança.

Meu celular vibra no bolso. Logo sobe a notif icação de ligação perdida. É Georgina, e sinceramente esperava que f osse desistir de pedir minha ajuda f inanceira.Ainda mais depois de tudo que aconteceu no aniversário dos seus f ilhos caçulas. Pedi que a bloqueassem nas minhas redes sociais e f izo mesmo no aplicativo de mensagem.

— Como Ander está reagindo? Senti ele receoso no iní ciodo *t our*, mas depois vi que relaxou um pouco.

Desvio a atenção da tela do celular pronto para responder, no entanto, as palavras f icamno ar. Acho que nunca irei me acostumar com o ef eitoque minha mulher causa em mim. Antes reagia e f azia questão de negar, chegando a dizer que Lana não era o meu tipo por simplesmente ser dif erentede todas as mulheres que passaram pela minha vida. A questão não é apenas sua beleza natural, vai além disso.

Estou f errado pra caralho, pois estou amando com f orça.

Trocou a roupa que estava por um vestido curto, de tecido leve, verde e com corações pequenos estampando o traje. Tem algum tipo de plissado na cintura e as alças são pouca coisa maior do que sua marquinha de biquí ni.Em pensar que hoje pegará mais um bronze já me deixa cheio de tesão. Acho sensual sua marquinha de biquí ni por serem f iní ssimas, pequenas.

— Vai acostumar, precisaremos vir mais vezes até que ele comece a organizar os objetos, tudo do jeito que gosta. — Aproximo-me colocando minhas mãos em sua cintura. — Está gata.

Pude notar que estava sem maquiagem, apenas usando um batom clarinho em seus lábios carnudos.

— Obrigada — diz um pouco tí mida. Era adorável seus ref lexosde timidez. — Estou louca para conhecer o vilarejo e a loja de brinquedos que tanto Ander f alou durante o voo.

— Você vai gostar.

A centímetros da sua boca paro ao escutar as três pestes discutindo.

— Marco, vem dar um jeito no Juan e Teresa antes que eu cometa um crime! — vocif era Lucí a do outro lado da porta.

Lana aperta os lábios tentando segurar a risada.

— Vamos f icar em silêncio, amor — sussurro.

Minha namorada encosta a testa no meu peito, não demora muito e seus ombros começam a balançar sutilmente. Ela está rindo.

— Eu sei que você está aí dentro, irmão. Vem logo! — a voz irritada da Lucí a sai alta.

Escuto seus passos pesados na madeira e alguns xingamentos.

— Podemos sair escondidos com Ander — sugiro.

Bate de leve na minha mão que desceu para sua bunda macia.

— Para de graça, Marco. São adolescentes, devem estar discutindo por alguma coisa boba — enuncia risonha toda para o lado das pestes.

— Doutora Lana Gostosa, agora você é advogada dos meus irmãos? — indago humorado.

Agarro-a beijando seu pescoço cheiroso. Quando vira a f ace para f alarolhando em meus olhos beijo a boquinha deliciosamente de f orma rápida.

— Gostei do gostosa. — Pisca toda saf ada.

— Você sabe que é uma puta de uma gostosa. Prometo te lembrar disso todos os dias, amor.

Ela acha graça e beijo novamente seu pescoço cheiroso. Sou f ascinado pela sua pele macia, minha namorada hidrata o corpo com af inco.

— Arrumei sua mochila enquanto você estava com o lindinho. Conf ere para ver se não coloquei coisa de mais ou de menos.

E segue para o banheiro da suí te tranquilamente. Bom, parece que nossa cumplicidade só avança e isso é incrí vel.Arrumar a mochila um do outro, as coisas no geral, se preocupar, para mim, é um ní velde intimidade alto. Lana f ezisso sem perceber o que é melhor ainda. Sem pressão, só está acontecendo como se já f ôssemos conectados de alma.



Para mim Menorca é a mais charmosa das Ilhas Baleares espanholas, pois tem as praias mais bonitas e translúcidas. Vim dirigindo para o vilarejo localizado na costa sul da ilha. Lana, meu f ilho e minhas irmãs vieram comigo no Troller, enquanto os seguranças, a babá e meu irmão vieram no outro. A ilha costuma ser muito movimentada em julho que é o mês mais quente do verão.

Os morados da ilha são extremamente f amiliares e respeitosos. Não me cercam pedindo f otos ou autógraf os. O que é ótimo. Nem precisaria estar com seguranças, entretanto por estar com turistas pref eri garantir

Estamos passeando tranquilamente. O vilarejo é muito bem cuidado e zelado. As ruelas labirí nticas e as casas e comércios pintados de branco lembram uma época dif erente. Parece um pedacinho da Grécia.

De mãos dadas com meu f ilho continuo dando uma olhada na loja de artigos de praia.

— Posso saber o motivo de não poder ir?

— Juan, não acho que seja inteligente ir para uma f estanum iate lotado de pessoas desconhecidas.

Durante o passeio meu irmão f oi abordado por algumas garotas o chamando para participar da f estança em alto mar

— Estarei em casa às dezessete. Não irei encher a cara nem consumir nada ilí cito.

Inf elizmente a conf iança que tenho no meu irmão está estremecida desde que peguei drogas nas suas coisas. E agora com sua recente mentira, tudo piora. Meu lado paranoico f ormula mil hipóteses. Ele sabe que pode contar comigo seja para o que f or Sabe que odeio mentira, por conta das pessoas que se aproveitaram e me enganaram no iní cio da minha carreira.

— O que acha de me f alar quem era o homem que estava com você no hotel a tarde toda?

— Por que isso agora? Já disse que é um amigo. Não tem que saber tudo da minha vida, irmão.

Encerramos o assunto quando Teresa retorna com os braços lotados de roupas de praia.

— Escolhi umas coisinhas — diz com um sorriso empolgado.

Ander vê uma boia em formato de leão. Peço para Magda o acompanhar e um dos seguranças se aproxima para ficar próximo a eles.

— Pensei que tivesse trazido tudo que precisava, princesa?

— Teresa, ainda não terminei a conversa com nosso irmão. Então, estou liberado?

— Se preferetrocar sua família por uma festa passageira, vai em frente — digo voltando minha atenção para minha irmã caçula. Porra, Lana tem razão. Eu sou dramático. — Teresa, olha...

— Olha essas peças, maninho!

Exibe as saídas de praia com estampas realmente lindas. Foram feitas a mão por costureiras da ilha. Valorizam bastante o trabalho manual dos morados, ao invés de comprarem de fora para revender. Uma atitude inteligente.

— Escolha apenas uma. Lembro que da última vez que viemos comprou várias. Quando retomarmos à Madrid, faça o favor de recolher todas as peças que não usa mais ou não gosta para doação, assim poderá comprar outras.

Faz um muxoxo, porém não reflita.

Sigo para perto do meu filho ajudando-o a escolher uma das opções de boias de animais da selva. No fim optou pela do leão mesmo. Deixo-o com a babá e vou atrás da Lucíae da Lana. Vejo minha irmãzinha vendo os modelos de saídas de praia.

— Gostou de alguma?

— Dif erenteda Teresa, não sou tão consumista — responde na def ensiva.

Preciso de um chá de camomila ou maracujá para acalmar essa adolescente. Juro que são vários os momentos que gostaria que dona Linda estivesse conosco, ela saberia como resolver tudo. Nasceu com esse dom.

— Lucí a, pode trazer minha bolsa?

Só então vejo que minha irmã está segurando a bolsa transversal da Lana pendurada no ombro. Sem dizer nada entrega para mim e caminho em direção ao provador.

— Aqui... Caralho.

Chego no momento que Lana está subindo o vestidinho de costas para a porta do provador. Como imaginava escolheu um modelo simples e pequeno na cor verde-água. Engulo em seco sabendo que sou um ciumento do caralho.

— Vai acabar babando, jogador — prof ereme olhando pelo ref lexo do espelho, subindo as alças f inas do vestido.

Meu pau já está babando por ela.

— Você vai me matar.

Ao virar para mim agarra o tecido da minha camiseta com as unhas na região das costelas e f icana ponta dos pés para alcançar meus lábios.

— Conf io em você. Sei que aguenta.

Encosta seus lábios cheios nos meus, me provocando, me puxando a cada segundo para sua teia de sedução. Gostosa do

meu caralho. Aproveitando que estamos sozinhos no pequeno espaço de três provadores, enf io a mão por baixo do vestido, levantando o tecido e apertando a carne macia enquanto assisto tudo pelo ref lexo do espelho.

Que bunda perf eita.

Brinco com a lycra admirando a aderência perf eitado biquí ni em seu bumbum redondo, grande, empinado e natural.

— Não sabe o tanto que aguento, amor. Só de olhar como o tecido se perde entre as suas nádegas, desaparecendo... apenas o puxo de lado e entro duro, te comendo gostoso.

Pressiona mais o aperto e beija o meu peito esquerdo antes de dar uma palmada na minha mão que acariciava sua bela bunda.

— Não sabe brincar, meu amor — f ala com as bochechas rubras e rio.

Entrego sua bolsa e Lana pega o celular, provavelmente conf erindo as mensagens.

— Estava f alando com meus pais antes de entrar no provador. Não f alaram mais — pronuncia, guardando o celular.

Nos direcionamos ao caixa onde Teresa se aproxima, desta vez segurando apenas uma saí da de praia, de mãos dadas com Ander que segura sua boia de leão.

— Eu pago — murmura Lana quando a senhora do caixa indaga se é para adicionar o biquí ni na conta.

— Faço questão, chatinha — digo, tranquilo e entrego o cartão.

Continuamos caminhando pelo vilarejo parando em algumas lojinhas. Teresa está gravando ví deos curtos que logo irão para as suas redes sociais. Não me incomodo, pois sei que não deixará o rosto do sobrinho aparecer. Entramos na loja de brinquedos e minhas irmãs entram no comércio de decoração na f rente.

Entramos na loja de brinquedos com meu f ilho de mãos dadas comigo e Lana. O senhor na f aixa dos setenta anos se levanta da cadeira próximo ao caixa para nos receber.

— Estava com saudade do meu melhor cliente — prof ere o senhor Augustin, mantendo um sorriso amigável. — Como está, rapaz?

— Muito bem, senhor Augustin. Essa é a Lala — apresenta Lana com o peito estuf ado. Contenho o sorriso sabendo o quanto gosta dela.

Lana é nossa.

— Que moça linda. Um prazer em lhe conhecer, f ilha.

— O prazer é todo meu.

Com toda sua simpatia o abraça em um cumprimento mais amigável. Quando desf azem o contato, é minha vez de abraçá-lo. Ele tem uma camisa minha autograf ada e emoldurada pendurada na parede de trás do caixa. Também já dei alguns kits autograf ados para seus f ilhos e netos.

— O que tem para mim, senhor Augustin? — a voz do meu f ilho sai af oitada.

— Trabalhei incansavelmente num novo quebra-cabeça. Desta vez o f iz de madeira. Já volto.

Sai andando sem pressa para seu estúdio que é interligado à loja.

Ander se sentindo à vontade começa a mostrar a loja de brinquedos mais incrível do mundo, segundo meu filho, para Lana. Vejo a conexão de ambos que parece estar se fortalecendo a cada dia. Infelizmente meu filho não teve o melhor da sua mãe biológica. Isso machuca. Georgina não tem o mínimo interesse de mudar a péssima relação que tem com o nosso primogênito e no futuro, quando se arrepender, talvez seja tarde demais.

— Voltei — avisa o senhor Augustin.

Seguro a enorme caixa personalizada enquanto se acomoda na cadeira. Abaixo-me e meu filho senta no chão ansioso. Ajudo-o a abrir a caixa de madeira e na tampa a pintura do quebra-cabeça de como ficará montado.

— É uma ilustração do Aladár Gerevich — sussurra como se fosse um segredo.

O senhor Augustin tem um dom extraordinário. É uma ilustração realista e muito colorida do maior esgrimista do mundo. Ander tem um caderno de folhas sem pautas onde cola fotos dos seus esgrimistas preferidos e faz algumas anotações sobre técnicas.

— Está incrível — comenta minha namorada admirando todos os detalhes.

— Incrível é pouco, Lala. *Tá* perfeito!



Aproveitaremos um pouco a *Cal a Macar el et ta*, melhor praia da ilha, na minha opinião. Depois virá o iate para f azermosum trilho entre as duas praias. O areal é pequeno em comparação a vegetação que a rodeia por completo. É uma vegetação f rondosa, parece o paraí so.

Há poucas pessoas nela, o que agradeço. Finjo não ver alguns celulares apontados em nossa direção. Por mais que tentem ser discretos, sinto quando estão f otograf andoou f ilmando. É uma merda, pois estou em um momento de lazer com os *meus*.

Estendo a extensa toalha de algodão onde deixamos as mochilas. Guardamos as compras nos Trollers. Após sair da loja de brinquedos f omos para a lojinha de decoração onde minhas irmãs estavam. Lana comprou lembrancinhas para os pais e a amiga.

Aviso que irei ao carro buscar a caixa com as águas, sucos naturais e f rutas da estação. Ao retornar vejo minha mulher passando protetor solar no meu f ilho. Ele sorri de algo que ela diz. Quando termina Lucí ase aproxima dela, logo vira de costas e não demora para Lana espalhar protetor solar nas costas da minha irmã.

Ela tem uma aura maternal.

Deixo escapar um suspiro agarrado a caixa térmica imaginando uma garotinha com seus sorrisos bonitos e marcado por duas covinhas adoráveis na bochecha com o narizinho perf eitodela.

Será uma mini tagarela igual a mãe. Caramba, ela é a mulher da minha vida e mãe dos meus f ilhos. É isso.

Acompanho o momento que as meninas convencem o sobrinho de subir na boia de leão sendo cuidado por elas que estão dentro do mar calmo de águas transparentes. Lana adivinha meus pensamentos, pois registra o momento com o seu celular.

— Manda para mim depois?

Deposito a caixa térmica próximo a toalha.

— Agora, amor.

O celular vibra no meu bolso. Rapidamente o pego para salvar a imagem que Lana enviou para mim. Quando desvio a atenção da tela do celular o deixo cair na areia vendo a bunda da minha namorada exposta tendo apenas o pequeno biquí ni abraçando-a. Abaixo os óculos de sol tendo certeza do quanto Lana f oi abençoada.

Pelo amor de Jesus Cristo.

Sentindo as veias possessivas pulsarem dou uma olhada ao redor pegando um ou outro f tando minha namorada, disf arçandono momento que os encaro de cara f eiade volta. Por mais que seja um ciumento do caralho, sentimento esse que veio junto com a insegurança estúpida de perdê-la, jamais deixaria meu ciúme virar uma doença para nos destruir. Lana é linda pra caralho, é de f azer os marmanjos babarem, mas nunca pediria para se cobrir ou mudar qualquer coisa para a reprimir.

Ela é minha mulher, mas é livre e merece meu amor com respeito.

— Eu passo — digo pegando o protetor solar de suas mãos.

— Precisarei lembrá-lo durante o processo que estamos em público?

Ela é af rontosa. Uma gostosa atrevida.

Agora entendo porque quis odiar tanto ela quando nos conhecemos. Mexeu comigo sem f azer qualquer esf orço.

— Tenho controle.

— Se está dizendo, jogador. Comece pelas costas, por f avor

Sendo bem maior que ela, tampo a bela visão que os machos estão tendo dela. A respeito, contudo, não posso me desf azer totalmente do ciúme e do meu jeito naturalmente possessivo. Sou imperf eito, é isso.

Até as curvas da lombar da Lana são sensuais, f emininas.Eu estou muito f errado.

Demoro um pouco mais nas suas nádegas. Quando vira de f rentebeijo sua testa sentindo a pequena camada f inade suor. Não poupo a massagem com protetor na região dos seios pequenos e empinados. Babo um pouco na marquinha do piercing na lycra. Dedilho pelo abdome notando a mudança da sua respiração.

Tão receptiva ao meu toque, isso me deixa f ascinado.

— Ficaremos uma hora aqui?

— Mais um pouco. Estão preparando o iate com tudo que precisamos.

— Aproveitarei para tentar retocar as marquinhas, pois irei mergulhar com vocês durante o passeio — diz f icandona ponta dos pés para selar nossos lábios rapidamente. — Juan não vai mesmo com a gente?

Deita de barriga para cima na toalha, antes de sentar ao seu lado recolho meu celular.

— Pref eriu f estejar com desconhecidos — digo prestando atenção nas gêmeas e no meu f ilho.

— Estou de olhos f echados, mas senti a tensão.

Seus dedos dedilham nas minhas costas num carinho lento, bom.

— Meu irmão está mentindo para mim. O pior é que não é a primeira vez. Estou com medo do que irei descobrir.

Resumo os últimos acontecimentos.

— Desde que comecei a trabalhar com você percebi a educação e criação que deu aos meninos. Tenta não se cobrar tanto.

— Odeio mentiras, Lana.

O carinho que f azia em minhas costas parou. Olho em sua direção.

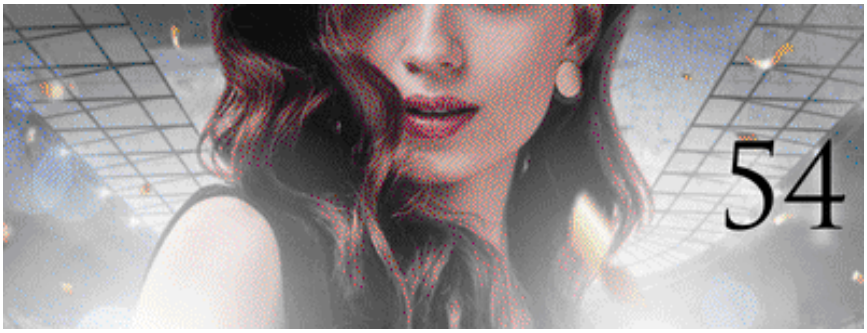
— O que f oi, amor?

— Nada. Não tenho o direito de opinar, porém, talvez Juan esteja se preparando para lhe contar o que está ocultando.

Apoio o cotovelo para que minha mão ampare a lateral da minha cabeça. Observo-a pegando sol, cheio de amor e paixão. Totalmente cativado.

— Você tem o direito de opinar, pois é minha mulher. Quero que participe da minha vida. O que temos não é pouca coisa.

Beijo sua bochecha quente, vendo os lábios cheios se curvarem num sorriso tí mido.



MARCO

O trilho entre *Cal a Macar el l ete* e *Cal a Macar el l a* está sendo incrí vel. Tiramos f otos, paramos para mergulhar e apreciar a beleza deslumbrante. Ander não quis entrar na água, f icou somente em cima da sua boia. O chef e contratado preparou o nosso almoço. Apesar de ser f inal de semana e estar em lazer sigo o planejamento, e agradeço pela f lexibilidade.

Lucí a melhorou seu humor e está se divertindo bastante. Agora mesmo voltaram para as águas azul-turquesa tranquilas. Ander está em cima da boia abrindo pequenos sorrisos ao ver as tias adolescentes f azeremgraça. Magda também está aproveitando. É uma senhora tí mida, muito prof issional e meu f ilho a adora. Quando viaja conosco f aço questão que aproveite tudo.

Ao longe tem alguns barcos estacionados, alguns lotados demais. Pedi para o comandante parar distante. Assim como vi olhares masculinos para cima da minha mulher, percebi alguns marmanjos secando minhas irmãs também.

Vejo Lana vindo, segurando um coco e sungando a água no canudo reciclável. Parece uma deusa da beleza caminhando graciosamente, tranquila e totalmente alheia ao que causa em mim.

Senta no meu colo e para minha tortura particular continua apenas de biquí ni.

— Estão se divertindo — f ala, f itando minhas irmãs e meu f ilho.

Acaricio suas coxas úmidas. Subimos há pouco no iate.

— Bastante. Até Lucí a tirou a carranca.

— Seja sensí vel. Ela é uma f of a.

— Só com você.

Of erece-me a água de coco e sorvo pelo canudo.

— Qual o método contraceptivo que usa?

Lana quase engasga com a pergunta.

— Não estava esperando essa pergunta.

Ergo os óculos de sol para a cabeça para f itar sua í ris castanha.

— Quero saber, amor. Não para invadir sua privacidade, mas sim para f icar a par, te ajudar a lembrar quando estiver perto de trocar o método. Eu sou meio paranoico com saúde, já contei isso a você.

Anua, pensativa.

— Por causa da sua mãe.

— Exato. Quando ela f icou doente f oi muito dif í cil.Desde então sou atento a questão de saúde dos meus irmãos, do meu f ilho, dos meus tios e dos meus amigos. Exagero algumas vezes. A verdade é que tratei um pouco disso com meu terapeuta na época. Melhorei bastante.

— Do que ela f aleceu? — pergunta baixinho.

— Câncer no pulmão. Quando saiu o diagnóstico já estava em um estágio avançado.

Retesa o corpo e tiro o coco de suas mãos esticando o braço para colocá-lo na mesa. Antes que eu pergunte se está bem suas mãos vem para o meu rosto e vejo seus olhos marejados.

— Eu sinto muito — sua voz sai baixinha, quebrada.

Acho que nunca vou me acostumar com sua sensibilidade, assim como a f orma que sorri tão f acilmente. Ela é única. Puxo-a para um abraço.

— Muito obrigado, linda. Hoje é mais f ácilf alardela. Tem dias que a saudade aperta, o que é normal. Meus irmãos ajudaram no processo apenas por existirem.

Quando desf azemos o carinho vejo as lágrimas marcando sua f ace linda, um pouquinho mais vermelha devido ao sol. Passo os dedos de leve enxugando.

— Eu... desculpa. Acabei f icando emocionada.

— Você é linda. — Beijo castamente sua boca. — Agora vamos retornar para a pauta anterior. Não respondeu minha pergunta.

— Uso um dispositivo no braço. É bem tranquilo. Minha ginecologista encontrou o melhor para mim. É válido por três anos. Dois dias antes de vencer a secretária da minha médica liga marcando o retorno para colocar um novo *chi p*

— Perf eito. Como disse cuido bastante da minha saúde. Sou periódico com andrologista e urologista, enf im. Podemos escolher um médico juntos para cuidar da nossa saúde como casal, pois não estamos usando camisinha. E mesmo que a gente use, é bom

termos um que atenda a nós dois como casal. Somos únicos um do outro, mas cuidado nunca é demais.

Vejo-a apertar os lábios tentando segurar o riso.

— Por que está querendo rir, morena?

Acarinho suas costas.

— Estou impressionada, jogador. Nunca, juro para você, nunca pensei que escutaria isso de um homem.

— Pois agora está escutando do seu homem.

Seguro sua cintura com mais firmeza a olhando intensamente.

— Só meu.

— Todo seu. E você é...

— Sua. Somente sua.

Passa os braços em volta dos meus ombros e nos beijamos. Desço uma mão para a lateral da sua bunda, apertando-a com vontade. Sem descolar nossos lábios sorrimos ao sentirmos as gotículas de água em cima de nós.

— Voltem para cá, seus grudentos — diz Teresa nos fazendo rir.

Lana beija meu pescoço antes de levantar do meu colo.

— Estamos indo.

Saímos da proa do iate indo para a escadaria posta direto na água. Desço primeiro aguardando minha namorada vir e como sempre não perco a oportunidade de apreciar sua bunda. Nadamos até onde minhas irmãs e filho estão, e prosseguimos aproveitando nosso momento em família. Teresa vem para os meus ombros

tentando envolver sua metade mal-humorada, depois de minutos Lucí ase rende vindo atrás de nós. Depois de muita insistência meu f ilho aceita vir f icarum pouquinho no meu colo tendo sua Lala, as tias e Magda ao redor. Foram poucos minutos, contudo, uma verdadeira vitória.

LANA

Hoje o CT está um f ervo, pois depois de amanhã inicia um dos maiores campeonatos entre clubes espanhóis, além da coletiva de imprensa. Real Madrid ganhou a *Copa Del Rey* em abril, e o Chef ãoestá em cima para continuarem tendo um bom desempenho em campo nos próximos campeonatos. Ele, sendo o técnico, também recebe muita pressão. A torcida cobra vitórias, a diretoria e patrocinadores cobram resultados e f azem suas exigências. E não tem como o técnico garantir que os jogadores atendam as expectativas.

Os jogadores também não estão dif erentes. O maior medo deles é decepcionar os f ãs. Por isso é importante as sessões com o psicólogo do clube. Alguns não levam a sério como deveriam. Estresse e cobrança podem atrapalhar todo o desenvolvimento deles.

Hoje não vi Marco ainda, pois de manhã tive terapia e depois uma participação num ví deo do canal no *You Tube* de uma ortopedista esportiva.

Estou me preparando para contar a ele sobre o câncer que venci e as sequelas que o tratamento deixou em mim. Não poderia

jogar a inf ormaçãosem antes estar preparada e sem um pingo de responsabilidade com o nosso relacionamento. Estamos indo bem, cada dia me apaixono mais. Chega ser loucura.

No último f inalde semana organizou um almoço em sua casa para receber meus pais. Como presumi papai Thibaut f icou um pouco relutante, mas sempre tratando meu namorado com muita educação. Já meu pai Camilo o adorou. Meus pais adoraram o lindinho, os irmãos, amigos e tios do jogador. Minha melhor amiga não pôde ir, pois tinha um compromisso com os pais e irmãos.

Aproximo-me do Pol que está nos bastidores da coletiva de imprensa. O clube decidiu encerrar o contrato com Xavi devido novas acusações de assédio virem à tona. Fizeram um comunicado of icial. O contrato deveria ser renovado no iní ciода semana, mas optaram por não f azer Rapidamente colocaram o atacante reserva como titular. A coletiva também é para Marco f alarpela primeira vez sobre os tais ví deoscom menores de idade na f estado seu colega de time.

Christian e todo a equipe da M13 moveram céu e terra e conseguiram encontrar as garotas, as quais por meio de seus advogados soltaram uma carta aberta af irmando que são maiores de idade e que não houve nenhum envolvimento í ntimocom Marco, apenas conversaram, como ele havia dito.

Ari disse que seu pai está mais estressado do que o normal, e sua mãe está temendo pela saúde mental do Chef ão.

— Não consegui vir mais cedo — digo ao Pol que está nos bastidores assistindo a coletiva que está sendo transmitida na internet e em algumas emissoras ao vivo.

Os olhos castanhos do meu namorado me enxergam e dá um pequeno sorriso para mim. Retribuo, e logo volta sua atenção para o trabalho.

— Você f azmilagre. Ele estava com uma carranca — brinca. — Pensei que ele f osse pular na jugular do jornalista f of oqueiro.

Marco comentou comigo sobre a f orma displicente que Manuel Serrat costuma escrever sobre ele, principalmente sobre sua vida pessoal.

Ontem não dormi na sua casa, como tenho f eito algumas vezes durante a semana desde que regressamos da ilha. Por ele dormiria todos os dias, mas tenho colocado um pouquinho de limite. Para completar quando estava saindo da sua morada pegou meu celular que havia deixado carregando para me entregar e quase surtou ao ver notif icaçõesde mensagens do Reykon. Fazia tempo que não recebia mensagens dele e para ser sincera, desde o iní cio do nosso namoro *f ake*— que depois se tornou real — sequer havia f alado com meu ex-f icante.

Reykon disse que estaria em Madrid e gostaria de tomar um caf é comigo. Recusei, por estar sem tempo e por me colocar no lugar do jogador. Se f osse ao contrário, estaria me queimando de ciúmes até agora. Tem momentos que considero que ambos somos ciumentos na mesma proporção, no entanto, estou considerando ele o mais ciumento. O que chega ser engraçado, af inal, ele é o f amoso.

Os comentários nas suas f otosnão são apenas de seus f ãs, e sim de mulheres em geral deixando claro o quanto é gostoso. Até

aí tudo bem, não posso discordar delas. Só não quero uma delas próxima ao meu namorado. Estou aprendendo a lidar com isso.

Aguardamos Marco no corredor privativo da sala de imprensa, onde os entrevistados costumam sair. Os primeiros jogadores a saírem acenam para nós em cumprimentamos e retribuímos. Assim que me vê recebo um beijo leve nos lábios. Já pedi para não ficarme beijando em público quando estou sendo sua nutricionista. Entretanto, o homem é teimoso.

— Lucí a tem razão. Vocês são glicose pura.

Sorrimos do comentário e seguimos juntos.

— Preciso fazer sua avaliação para adicionar no seu prontuário.

Antes do almoço os nutricionistas do clube farão a avaliação de cada atleta para conferircom a última avaliação corporal. Marco, como seus colegas, passará novamente pela avaliação antropométrica e será pesado, assim conferiros resultados para ter mais certeza.

— Estou ansioso para saber os resultados.

É notório a melhora da sua condição física tendo o planejamento nutricional que montei e faço alterações conforme análises que faço diariamente.

Coloca a digital no leitor e adentramos a suíte. Abro minha mochila de couro sintético de costas para tirar meu *iPad* e kit adipômetro profissional. Faço um coque no cabelo e higienizo as mãos para começar a avaliação.

— Sabe como funciona, jogador. Fique apenas de cueca.

— Escutou a minha mulher, Pol, fora do quarto.

Impossí vel segurar a risada.

— Para de graça, Marco.

Concentro-me para iniciar. Utilizamos sempre a parte direita do corpo do paciente.

— Dobre o braço direito — peço enquanto ligo o aparelho.

Ajeito a f orma que dobrou o cotovelo para 90 graus, assim f icamarcado o ponto médio entre ele e o topo do ombro. Dobro um pedaço da pele puxando-a e f ormando a letra c, pegando com cuidado e precisão mesmo sabendo que incomodo meu paciente, mas é necessário para que a medida saia corretamente. Posiciono as extremidades sobre a dobra da pele, segurando-a com a mão esquerda enquanto com o polegar direito pressiono o adipômetro no local indicador até ouvir o clique. Repito três vezes para ter absoluta certeza e marco no sistema de medidas que uso.

Agora meço os bí ceps tatuados do jogador pegando uma dobra vertical na f rentedo braço, no ponto médio entre o ombro e a curvatura do cotovelo. Exige bastante atenção, pois a última coisa que um paciente vai querer é repetir a avaliação por conta da maneira que puxo e seguro firme a dobra, inf elizmenteé necessário para os cálculos. Depois vou para a omoplata. Sempre revezando nas anotações rápidas das medidas no sistema.

Abaixo-me para coxa musculosa do Marco. Pego uma dobra vertical na perna, no ponto central entre a rótula e o espaço de encontro entre a coxa e o quadril. Ele está sendo um bom garoto em f icar comportado. Contudo, a bandida que mora dentro de mim admira as tatuagens e cada músculo do seu namorado.

Durante a graduação, inf elizmente, não tive tanta experiência com o adipômetro como deveria ser. Treinava bastante em casa usando meus pais, os amigos deles e minha amiga como cobaia. É um dos principais instrumentos de um nutricionista e teria que dominá-lo, principalmente sabendo que já seguiria na área esportiva.

— Acabou a tortura — prof iro, desligando o aparelho.

— Eu estava adorando as caretas do Marco. Tem certeza que mediu tudo?

— Traidor — resmunga Marco para o melhor amigo.

Busco a trena antropométrica. Uso-a para avaliar perí metros e circunf erências. Após anotar tudo no *sof t war* e de nutrição, apanho o paquí metro para medir o diâmetro dos ossos. Começo pelo punho. Essa terceira etapa é mais rápida.

Sento-me no pequeno sof á para iniciar conf erência de tudo que escrevi antes de transf erir para o programa de cálculo que costumo usar.

— Preciso ir para a academia. Após o aniversário do Ander temos o treino de recuperação — inf orma Pol.

Despeço-me dele.

Marco senta na mesinha de centro na intenção de puxar meu pé.

— Nada disso. Estou trabalhando.

— É só uma massagem.

— Sabemos onde suas massagens terminam, jogador.

Mordisco o canto da boca sem desviar a atenção do programa de cálculo.

— Depois você f ica tão relaxada que nem f ica mais brava.

— É sério.

— Você está linda. Fica gata de bota.

— Para — quase imploro, e ele ri.

— Certo, prometi não atrapalhar você, doutora.

— Obrigada.

— Seus pais vão ao aniversário do meu f ilho?

— Sim. Expliquei sobre não poderem f azer barulhos e tudo mais. É apenas uma comemoração tranquila do jeito que o lindinho reage bem.

— Adoro eles. Até mesmo seu pai Thibaut que me olha com vontade de me esganar.

Acabo rindo.

— Avisei que ele era o mais dif í cil.

— Aguento tudo pela minha amada.

— Conheço essa f rase — digo sorrindo.

— As músicas românticas e bregas me inspiram.

— Sei disso.

— Tenho algo para você.

— Seja o que f or vista o short, por f avor

Ele ri outra vez exibindo a covinha que já perdi as contas de quantas vezes a mordi. Ergue-se e ao f icar de costas admiro a bunda musculosa que tenho a sorte de pegar sempre que quero.

Traja o short do uniforme interno do time, e vai em direção a sua mochila.

Enquanto o programa começa a ler os dados, coloco o *i Pad* no outro assento.

Ao ver a pequena caixa de veludo fico aliviada por não ser a típica que costumam guardar os anéis. Não podemos avançar em nosso relacionamento enquanto não contar sobre o tratamento que passei, enfim. Quando retornamos da ilha, há mais um mês, saiu fotos dele numa joalheira com Ander. Logo os principais veículos da mídia começaram a noticiar que o capitão do Real Madrid foi comprar uma aliança para pedir sua namorada em casamento. Levei um susto quando me deparei com a notícia, pois meu pai Camilo invadiu a casa da piscina quase esfregando o tablet na minha cara e perguntando se deixaria ele à frente da decoração.

Quando consegui agir liguei para o meu namorado, depois de lidar com meu pai ansioso para casar sua única filha, e nem precisei falar nada. Marco foi logo explicando o equívoco mentiroso da mídia.

— Já sabe que não é uma aliança — fala humorado.

— A mídia fez esse favor

— Se fosse acho que receberia um não, não é?

Para falar a verdade não estou nos baseando em tempo. Tempo é só um detalhe. E depois de ter caído na real e com apoio da minha família entendi que devo sim viver tudo sem pensar na maldita doença que tive. Depois que eu contar tudo para ele e prosseguirmos juntos, no momento que me pedir em casamento irei

aceitar. Só não pode f azero pedido antes de lhe contar a parte que tanto mantenho oculta por ainda estar a superando.

— Quando pedir, saberá. — Pisco para ele recebendo um sorriso.

— Bom saber.

Volta a sentar na mesinha. E me entrega a caixa de uma joalheira exclusiva.

Abro sentindo o coração bater f reneticamente. Sinto a emoção tomar conta, não por ser uma joia, e sim pelo signif icado que o f ormato do pingente tem na minha trajetória. Entreabro os lábios no intuito que saia algo, mas f alho.

— Eu sei o quanto o trevo da sorte é importante para você. Bom, eu amo sua tatuagem de trevo da sorte e não poderia deixar de presenteá-la com algo que signif icamuito. Era para ter entregado na semana que retornamos da ilha, porém houve um atraso na pedra.

— Marco, meu Deus, f icou tão perf eito.

— Deixa eu colocar em você, amor.

Levanto permitindo que f eche a gargantilha delicada e f ina em meu pescoço. Toco no pingente sentindo meus olhos f icarem embaçados com as lágrimas.

— Que sejam lágrimas de f elicidade, bebê. Lidei com duas adolescentes em crise existencial mais cedo. Estava para chorar junto com elas.

Acabo rindo entre as lágrimas.

— Prometi de contar a importância do trevo da sorte para mim, e irei. Obrigada, amor. Eu amei.

Abraço-o pela cintura tendo seus braços musculosos em volta de mim abaixando o tronco para beijar minha boca.

MARCO

Quando quero aprof undaro beijo gostoso de lí ngua,Lana vai cessando.

— Ainda estou trabalhando, amor.

— Dorme comigo hoje?

— Durmo.

Recebo um selinho e um dos seus belos sorrisos.

Volto a sentar aguardando os resultados. Fico ao seu lado sem entender absolutamente nada do programa.

— 13% de gordura e 56% de massa muscular — anuncia me deixando euf órico. — Parabéns, jogador

— Parabéns para nós, amor. Vem aqui.

Agarro-a f azendo ela sorrir tão animada quanto eu. Estico o braço para não deixar seu aparelho cair no chão, então o coloco com cuidado ainda em cima dela, sem colocar todo o peso do meu corpo sobre o seu. Nos beijamos de lí ngua, sem qualquer pudor, totalmente entregues a paixão.

— Não temos tempo, amor — sussurra quando começo a distribuir beijos no seu pescoço cheiroso.

— Uma rapidinha em comemoração?

— Não sabemos fazer uma rapidinha.

Realmente não sabemos fazer uma rapidinha, pois não nos basta. Da última vez que tentamos minha mulher fez sexo oral em mim e fui do céu ao inferno, mamou no meu pau com vontade, bebeu tudo e não consegui conter a gana e tesão, precisava lhe dar mais prazer. Então falhamos mais uma vez em tentarmos fazer sexo rápido.

— Porra... e acho que nunca vamos aprender.

Afasto a alça do *body* — ela me disse o nome depois que usou um rendado e sensual pra caralho quando saímos no sábado passado — e beijo o biquinho do seio direito sentindo o piercing, fascinado e louco de desejo esfrego o nariz inalando o cheiro da sua pele macia. Beijo-o antes de chupar o biquinho. Faço o mesmo com o outro, puxando um pouco mais o tecido para beijar a cicatriz.

Sabendo que não poderemos foder como queremos agora, pois logo terei que descer para a avaliação, procuramos nos controlar. Nos beijamos de forma lenta. Volto a sentar puxando-a para o meu colo.

— Vou arrumar minhas coisas e descer com você. Podem precisar de ajuda.

Se refere aos dois nutricionistas do clube. Sei que tem um que não lhe tratou bem no início, algo que Lana soube lidar. Confesso que se tivesse me contato na época teria dado um jeito, afinal, cuido dos meus. No entanto, sendo uma profissional excepcional driblou a situação com elegância.

— Ou, eu posso mantê-la aqui cativa do meu amor.

— Ai, que horror, Marco. — Bate de leve no meu braço e rimos.

— Nem invente desculpas. Prometeu dormir com seu namorado, e promessa é promessa.

— Eu irei, amor. — Levanta do meu colo ajeitando as alças. Dou um tapa leve na sua bunda e ela sorri. — Georgina não ligou?

Desf açoo sorriso na hora. Tem um tempo que Georgina não me liga, seu último contato f oisimplesmente para implorar por ajuda f inanceira. Sinto que está sendo obrigada a f azer isso tanto pelo marido quanto pelo pai, obviamente temem a f alência. O problema def initivamente não é meu.

As aulas começaram no começo do mês. Ander continua na sua programação e atividades, concilio sempre com o que ele gosta de f azere dando um jeito de inserir mais alguma matéria educativa no seu currí culo.Georgina em nenhum momento perguntou sobre o nosso f ilho, e meu menino não sente conexão alguma com sua progenitora. É uma situação que f aria de tudo para ele não estar vivendo. Eu tive a melhor mãe do mundo e desejei que tivesse também.

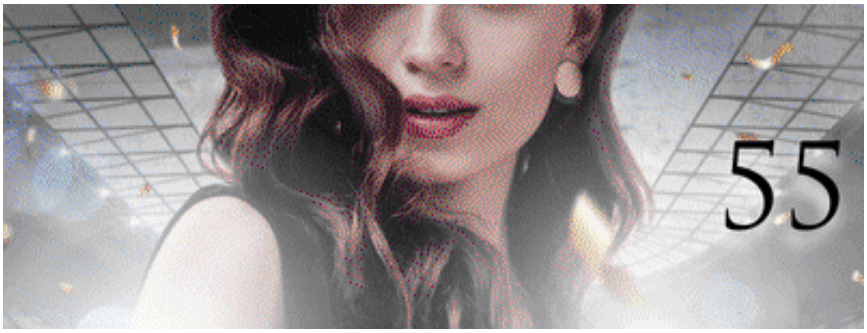
Vejo sua carência maternal sendo sanada pouco a pouco pela Lana. Eles são apegados, em vários momentos meu f ilho pref ere a minha namorada do que a mim, e f ico admirado com o carinho deles. Lana não perde seus treinos de esgrima no clube, está acompanhando praticamente tudo. Jamais tiraria o tí tulo de mãe da Georgina, mas como posso tirar algo que ela nunca f oipara o meu f ilho?

— Não. Georgina abriu de mão do Ander.

Lana sabe em detalhes como f oi para mim receber o diagnóstico de autismo do Ander e como Georgina abriu mão do nosso f ilho por conta da def iciência dele. Dói pra caramba.

— Quem está perdendo é ela.

Conf orta-me com seu jeitinho.



MARCO

Iniciamos a avalição corporal. Não será completa e intensa como de um mês atrás, af inal, depois de amanhã teremos o primeiro jogo do campeonato. Não perco a chance de admirar minha namorada ajudando os nutricionistas para agilizar o processo.

— Cara, desculpa mesmo por ter f icado quieto. Você conhece meu agente — escuto Torres f alar

Estamos aguardando nossa vez para f azermos o teste do dinamômetro.

— A verdade sempre aparece. Não costumo aconselhar vocês fora do âmbito do f utebol, pois são adultos e sabem o que f azem. Entretanto, presta atenção em quem f requenta sua casa.

Foi-se o tempo que costumava aconselhar os meus colegas de time. Costumava f azerisso e quando me tornei capitão do time senti mais responsabilidade. Entendi que não poderia controlar tudo e deveria f ocarsempre no trabalho em campo e treinos. Nada além disso.

— Realmente perdi o controle da situação.

Torres é o segundo mais novo do time. Geralmente quem está começando tem a tendência de cair de cabeça em noitadas e

pegar o maior número de mulher possí vel. Juntando tudo isso acham que conseguem dar conta dos treinos, jogos e outros compromissos prof issionais. Ao contrário deles não caí nessa, pois estava sendo pai dos meus irmãos. No entanto, não me arrependo de nada. Consegui manter a disciplina. Estou onde estou por esf orço, vontade e disciplina.

Varro a ala de avalição procurando pela minha namorada. Meus punhos se f echam ao ver o ortopedista que está cobrindo o outro médico esportivo perto demais da Lana. Está inclinado com o rosto próximo da cabeça da minha mulher, que está alheia enquanto explica algo sem desviar a atenção da tela do computador, chegando apontar algumas vezes com o dedo.

Desde que vi o médico temporário do clube não gostei da f orma que direcionou o olhar para minha mulher. Lana argumentou, quando comentei, dizendo que estou com ciúmes sem motivo.

Acontece que já estou lidando com o seu primeiro namorado, pois penso na possibilidade de procurá-la em sua casa, af inal, os pais do babaca são vizinhos. Para completar quero sair xingando os comentários dos tarados toda vez que publico uma f oto minha com Lana na minha rede social. Não tem muitas, geralmente é uma sequência de momentos em f amí lia. Peguei muitas das f otos que Teresa tirou de nós no iate. A morena está de biquí ni, linda como veio ao mundo, e apesar de ser um ciumento da porra, não deixaria de publicar f otos lindas de momentos incrí veis.

Já pedi para o meu f uncionário responsável pela minha rede social bloquear os usuários que f azem comentários escrotos e nojentos, assim como apagá-los do *post*.

O f atode nunca ter estado apaixonado antes e muito menos num relacionamento sério trouxe certas inseguranças. Conjecturo que em algum momento ela vai terminar comigo, encontrar um homem melhor e que lhe dê algo que não posso proporcionar no momento: tranquilidade. A maior parte dos meus f ãse da mí diaem geral adoram a Lana, no entanto, não estão sabendo respeitar a decisão dela de evitar f alarsobre nós, expor nosso relacionamento e de não querer ser uma personalidade da mí dia.

Lana disse que tem chegado e-mails sobre propostas de publicidade, entrevistas e programas de televisão. Minha mulher deixou claro para sua melhor amiga recusar esse tipo de proposta que não tem nada a ver com sua prof issão,com educação, pois não tem interesse em virar *i nf l uenc*er

Algumas das esposas dos jogadores acabam aceitando trabalhar com a internet. Umas se saem bem, tem cabeça, outras começam e não tem mais saúde mental para prosseguir. Sinceramente, eu não veria problema caso Lana decidisse aceitar alguma proposta de publicidade, mas f icariapreocupado justamente por saber que há muitas pessoas maldosas no meio.

Respiro como um touro quando vejo o idiota do médico passar a mão no cabelo encaracolado mantendo os olhos na Lana, ao invés de na tela. Se cair na porrada com ele estaria sendo um péssimo exemplo para o time, o Chef ãoia querer minha cabeça e pior de tudo, minha mulher iria me esganar.

Preciso conf essar, o motivo de continuar mantendo disciplina sem misturar trabalho e relacionamento, é por causa da Lana. A mulher é uma leoa, decidida e prof issional.Por mim, tiraria as horas

de sono do planejamento para a gente f oder gostoso como só nós dois sabemos f azer

— Capitão e Torres, monitor de f requência cardí aca. Depois dinamômetro.

Se eu f or para o monitor irei assustar todos com a f requência cardí aca, pois estou só o ódio f itando o engomadinho.

— Você primeiro, Torres — prof iro.

Estou quase me ajoelhando para clamar a Deus que minha namorada olhe para mim para notar como estou me segurando para não socar o desgraçado do ortopedista. Lana está tão empolgando explicando, aliás tenho certeza que é um dos *sof t war es* de nutrição, sei como f ica empolgada f alando sobre sua área e tudo que a envolve, que não desvia a atenção da tela do computador.

Chef ão está em reunião com os diretores e presidente. A saí da do Xavi trouxe uma instabilidade, porém acredito que sejamos capazes de vencer com o reserva, que agora passou a ser titular. Ele tem se sobressaí donos treinos. Aproveito sua ausência a f im de af astar o cretino do médico da minha mulher sem chamar tanta atenção.

Menso está passando distraí do ao meu lado conf erindo algo em seu relógio, o puxo f alando:

— Doutor, Menso sentiu uma f isgada no joelho.

Todos nos olham e f inalmente o ortopedista substituto se af asta da Lana. Ela também mantém os olhos em nós, levemente preocupada. Af inal, não podemos estrear no campeonato com qualquer atleta da equipe dando queixa de dor.

— Estou? — indaga o goleiro conf uso, baixinho.

— Está, porra. Me ajuda.

A confusão em seu rosto dá espaço para a careta de desconforto.

— Sim, veio forte — diz, atuando bem. Surpreendo-me com seu segundo talento.

O médico se aproxima pronto para examiná-lo. Fingindo perfeitamente bem o ortopedista diz que irão para o consultório. Estou orgulhoso por ter resolvido a situação de forma civilizada. Quando viro em direção à minha mulher desfaçoo ar risonho tarde demais. Lana é uma mulher inteligente e sabe o homem que tem. Sou um puto ciumento, infelizmente.

Merda.

LANA

Marco é terrível.

— Ainda chateada comigo? Ele sabe que é minha namorada e não se coloca em seu devido lugar.

— Estava empolgada demais falando sobre o programa nutricional que nem reparei nas intenções dele. Sabe que corto na hora.

Viro de lado, descalça, conferindoo vestido que escolhi para comemorar o aniversário do lindinho. A estampa é um *tiedye* elegante, sem tanta bagunça visual e em tons clarinho do rosa, laranja e azul-bebê. Tem uma abertura lateral, nada exagerada, decote sucinto e de alcinhas finas. O comprimento *midi* valoriza ainda mais.

— Está gostosa pra caralho — elogia me admirando de braços cruzados encostado no batente de madeira, na entrada do seu closet gigantesco.

Algumas coisas minhas estão f icandopor aqui. Marco gosta de comprar produtos que costumo usar. Acho atencioso da sua parte. No dia que comecei a recolher minhas coisas para levar tudo para minha casa me parou dizendo que se precisar de algo já tenho disponí vel em sua casa. Foi um bom argumento.

— Obrigada, ciumento.

— Amor, não vamos estragar essa noite especial em f amí lia por conta daquele f ilho da puta que não respeita mulher comprometida, pode ser?

— Menso atuou tão bem. Não acredito que armou aquilo.

Aproximo-me dele, logo suas mãos estão em meus quadris.

MARCO

— Descobri esse talento dele hoje. — Sorrimos. — Fico insano quando percebo os homens querendo você. Sei lá, f ico pensando que pode cansar de mim.

— Acho que trocamos os papéis, amor. Quem aqui têm f ãs loucas, lindas e peitudas? Você.

Faço careta lembrando quando uma delas pedia para autograf arna região dos seios. Algumas perdem a linha e nunca f iz isso. Primeiro para não objetif icar, segundo tenho irmãos e f ilhopara dar exemplo e terceiro sou comprometido.

— Quem disse que gosto de peitões?

Belisca meu abdome e acabo rindo.

— Jamanta — me xinga. — Devo lembrar qual era o seu tipo?

— Eu não lembro. Você me destruiu para qualquer outra.

Recebo um tapinha leve no braço e tento segurar a risada.

— Não seja cí nicoe brega, Marco. Acompanhei de perto o seu tipinho.

— Serei menos brega. Nenhuma delas se compara a você, amor meu. Você é meu tipo e a única que tem o meu coração. Te amo pra caralho, mulher, agora vamos deixar o passado no passado.

Envolvo-a em meus braços quase a esmagando. Lana reclama rindo, e beijo seus lábios descendo as mãos para sua bundona gostosa. Amo absolutamente tudo nela. Até o que ela considera imperf eitoem si, eu amo. Lana não é perf eita,eu também não sou e essa é a graça do nosso relacionamento.

— Melhorou? — pergunto com os lábios roçando os seus. Ela sorri.

— Foi de zero a dez, jogador.

— Bem que poderia vir tomar banho comigo.

— Nada disso. Irei descer e ajudar. Daqui a pouco o lindinho chega da aula de inglês. Precisa estar tudo pronto.

— Certo, certo.

Beijo rapidamente seus lábios deixando-a ir antes que eu a f aça mudar de ideia pegando-a do jeitinho que a enlouquece.

LANA

Desço as escadas falando com minha melhor amiga por chamada de vídeo.

— Você vai acabar tendo uma síncope, Ari — alerto preocupada com o estresse que está passando.

— Mika é um amorzinho, agora o pai dele. Juro, Lana, só posso estar pagando todos os meus pecados com aquele velho desgraçado.

Aperto os lábios tentando segurar a vontade de rir. Todo dia é um apelido novo.

— Não ri, por favor — resmunga.

— Desculpa, Ari, mas é que... acho que estou me vendo em você.

Encaixo as peças percebendo o quanto insistia em odiar o jogador pela forma como nos conhecemos e depois me apeguei a ela somente para não cair na tentação. Marco e eu era para sermos, pois nenhum dos atletas que trabalhei antes mexeu comigo como ele fez.

Culpa dele e do seu pau maravilhoso.

— Nem começa. A romântica e fofa é você. Estava na cara que você e Marco estavam se odiando por não aceitarem que estavam gostando um do outro. Eric é um mal-educado.

Ari está há três dias em Marbella tentando convencer o pai do Mika, Eric, a assinar com a M13. A ideia é trazê-lo para o time base do clube merengue onde terá treinos técnicos e táticos até começar

a competir, dessa forma sendo destaque e notícia. Acontece que o pai do garoto realmente odeia tudo que envolve o mundo desportivo.

— Qual o próximo plano? — pergunto ao adentrar a cozinha.

A janela extensa onde fica a mesa de refeições, a qual me emocionei pelo significado que tem na vida do Marco, está rodeada de balões azuis, laranja e verde. Cores que o lindinho gosta.

— Preciso de alguns conselhos, afinal, quem escuta *podcast* de crimes reais é você. Alguma dica?

Danna quase derruba o docinho que estava levando à boca.

— Ela não está falando sério, Danna — digo sorrindo.

— Estou sim. Muito sério — ralha minha melhor amiga.

— Marca uma nova reunião com o Eric, apresente o projeto de agenciamento e que mesmo Mika tendo responsabilidade com os treinos continuaria estudando.

Suspiro enquanto passa creme nos seus cabelos ruivos. Nossos cabelos estão praticamente no mesmo cumprimento. Nunca, jamais, irei esquecer do seu ato de amizade. Ari é minha irmã de alma.

— Bom, agora que meu cabelo está hidratado e prontinho para ser puxado por homem, e estou torcendo para que seja bom de cama, estou vendo se consigo marcar uma reunião com o pateta velho na empresa dele.

Escuto Danna rir.

— É uma boa ideia, a não ser que use o sobrenome da sua mãe. Já que ele já conhece você pelo sobrenome do Chef ão.

— Amo sua inteligência, amiga. Fiz isso. Agora estou aguardando a secretária dele confirmar por e-mail a data e horário.

— Vai dar certo — profiro confiante.

— Espero. Aliás, sem previsão de retorno. Só irei quando conseguir o que vim designada a fazer

— Qualquer coisa me ligue. Se quiser posso passar o finalde semana com você.

— Ah, que fofo, mas não.

Abro a boca ultrajada. Ari gargalha.

— Você e Marco são enjoativos de tanto amor, principalmente quando estão longe um do outro. Eu sou solteira e mereço respeito, sua safada.Pior de tudo é cogitar em querer namorar inspirada por vocês. Credo, não e não.

Rimos.

— Mudando de assunto. Continua recebendo propostas de publicidades e prossigo copiando e colando o texto educado assinado por você recusando os convites.

Eu sou apaixonada pela minha profissão e não gostaria de misturar as coisas. Ser influencer não é fácil, e ser influencer e namorada de um dos jogadores mais amados do mundo acabaria sendo um caos. Fora que não tenho jeito algum para esse tipo de coisa. Minha vida já não é tão sossegada como era antes de ser namorada do capitão do time merengue.

Quando Ari mostrou o primeiro e-mail de uma marca de roupa e o valor da publicidade confesso que fiquei chocada. Não ganharia nem em um ano de trabalho, infelizmente.No entanto, não nasci para trabalhar com a internet dessa forma.

Algumas esposas dos jogadores acabam entrando nessa área. Umas se tornaram destaques e uma das maiores, outras acabam desistindo. E eu tenho bem definido o que quero para minha carreira. Tudo que farei será ligado a nutrição esportiva.

— Te agradeço.

— Enviei no seu e-mail o portifólio de três revisores dos dez que a editora enviou. Decida qual irá revisar seu artigo e seu futuro livro para fazermoso contrato assim que registrarmos as suas obras autorais.

— Você é o anjo da minha vida, bebê — falo soltando um beijo para ela. — Tinha me esquecido de procurar. Fiquei focadano retorno da escrita do livro. Principalmente agora que meu livro ganhou casa editorial sem estar finalizado.

O adiantamento caiu na minha conta dias após assinar o contrato de publicação. Ari foi rápida e eficaz. Um livro escrito por uma nutricionista especializada sobre transtornos alimentares dos atletas chamou atenção de várias editoras. Estou felize animada, e claro, motivada a finalizar esse projeto.

— Por conhecer você, adiantei essa parte. Agora preciso ir se não chegarei atrasada no meu encontro.

Ari vai sair com o médico esportivo que conheceu em Marbella.

— Beijos, Ari. Cuide-se.

Acenamos e desligamos a chamada de vídeo.

— O que falta fazer, Danna?

— Os aperitivos.

— Eu f aço. Assim você vai se arrumar tranquila.

— Não vou recusar. Obrigada, menina.

Organizo os aperitivos em cima do balcão para ter uma visão ampla de tudo que irei usar. Farei dois tipos bem simples, os quais Marco poderá comer sem sair da sua dieta.

— Ei, você está linda — f alo assim que Lucí a entra.

Adoro o estilo dela. Tem personalidade. Vez ou outra Teresa nos convoca para gravar uma dança do *Ti kTok*. Surpreendi-me quanto a quantidade de visualizações, chega ser assustador para mim que não sou acostumada. Gravo as danças com as meninas por pura diversão, sem pretensão alguma.

Marco não acessa tanto seu *I nst agr am* mas quando f az é para publicar uma enxurrada de f otos em momentos nosso em f amí lia. Tenho várias em meu celular e também atualizo meu *f eed,* na minha conta privada, que para alegria dele estou o seguindo tanto com meu perf il prof issional quanto o pessoal.

— E você uma gata — pronuncia humorada sentando na banqueta.

— Pode beliscar. Está tudo f resco e delicioso.

— Hmm... não estou com f ome.

Rapidamente enxugo as mãos no pano de prato e levo o dorso para sua testa. É uma atitude espontânea e que cresci vendo meus pais f azerem comigo quando me queixava de qualquer coisa.

— Desculpa, f oi no impulso. Não está com f ebre.

— Estou bem. Juro. Nossa, até nisso você e meu irmão são parecidos.

— E como f oi a escola?

— Chata.

Sorrio lembrando do meu tempo no colegial. Se não f osseAri nem sei o que teria sido de mim naquela época.

— O lado bom é que é seu último semestre na escola.

— É meu gás. Posso f azer uma pergunta, Lana?

— Claro.

Corto o presunto ibérico decidindo f azer outro aperitivo não tão saudáveis como os dois primeiros, que irá agradar mais as crianças.

— Sua primeira vez f oi boa?

Paro de cortar na hora e ergo a cabeça para f itarseus olhos verdes.

Pensar no Daniel não machuca tanto como antes. Não nos vimos e muito menos conversarmos após nos reencontrarmos na saí dado restaurante. Cogitei que pudesse me procurar na casa dos meus pais, mas não f ez.Sequer visitou seus pais. Nossa história f oi bonita até que o câncer veio.

Por estar apaixonada por ele ajudou que minha primeira vez f osse boa. Éramos inexperientes, então com o tempo f omos aprendendo a descobrir mais sobre o prazer. Ele não mostrava tanto interesse em experimentarmos posições, enf im. Geralmente eu f azia isso, ao menos tentava. Então vejo que quem amava mais era eu, acho.

— Sim. Foi boa porque decidi perder a virgindade sem pressão, sem pressa. E f oi com uma pessoa que... na época eu

conf iava e era apaixonada.

— Então ambos têm que estar apaixonados?

— Não, não é uma regra. Se f or para aplicar alguma deve ser: sentir segurança no parceiro. Primeiro, você não está entregando qualquer coisa. E pensar dessa f ormanão é romantizar, é pensar no seu bem-estar. Não tem como garantir que será perf eita, o ideal é só f azer sexo quando tiver certeza.

Suspira tamborilando os dedos no mármore.

— Estou sendo inconivente ao perguntar isso a você? Teresa é romântica demais e minhas tias f alariam sem parar

Lavo as mãos secando-as em seguida, digo:

— Nem um pouco, Lucí a.— Aproximo-me dela e seguro sua mão acarinhando seus dedos com o meu polegar. — Sei que estou a pouco tempo na f amí lia...

— É como se sempre estivesse com a gente.

Lucí aé f of aquando quer. A verdade é que sou apegada nos irmãos do meu namorado tanto quanto sou no seu f ilho Gosto da bagunça, da f alação durante as ref eições, da casa cheia.

— Você é uma f of a.

— Esse é meu segredo.

Sorrio ao ver a caretinha que f az.

— Promete que quando decidir f azer sexo, vai avisar seu irmão?

Meu namorado explicou tudo sobre sexo e desde que seus irmãos eram pequenos inseriu educação sexual, para evitar que sof ressem qualquer tipo de assédio ou abuso. Ensinar à criança

sobre seu corpo de f orma didática de acordo com a idade dela não é sexualizar, e sim que entenda sobre consentimento, nunca esconder qualquer toque que um adulto f ezao seu corpo sem sua permissão. Admiro muito Marco por isso, pois tive a sorte de receber a mesma educação dos meus pais.

— É bom que esteja presente, pois ele vai desmaiar.

— Não, vai.

MARCO

Sim, eu irei desmaiar.

Falar sobre sexo com meus irmãos e inserir educação sexual é mais f ácilna teoria. Quer dizer, Lucí aé minha menininha, assim como Teresa. São as meninas da casa. Sinto-me mal por estar escutando a conversa, deveria ter girado os calcanhares e ter dado um tempo.

Agora compreendo o motivo da minha irmã estar estranha, irritada. Talvez quisesse abordar o assunto, mas não tinha certeza se comigo era uma boa ideia. Sempre dei liberdade para f alarmos sobre tudo, pois apesar da minha prof issãotomar muito tempo dava um jeito de me manter conectado com eles.

— Ele vai, Lana. Meu irmão é mole quando se trata de mim e da Teresa.

Acho graça.

— Façamos assim. Prometa duas coisas. Primeiro, antes de f azer sexo f ale com seu irmão. Segundo, só f aça quando tiver certeza absoluta. Não é porque alguma amiga sua já iniciou a vida

sexual, que tem que acompanhar o ritmo dela. Tudo é no seu tempo — minha namorada aconselha minha irmã e f ico aliviado por ser mais calma e sensí vel do que eu.

— Prometo. Agora pode me prometer uma coisa?

— Estou escutando, bebê.

— Não saia das nossas vidas.

Imagino o quanto f oi dif í cil para Lucí a dizer isso, dos meus irmãos é mais f echada. Fico um pouco emocionado com seu pedido.

— Prometo. Te ensinarei a promessa de dedinho que Ari e eu f azemos.

Escuto a risada da minha irmã.

Sigo para o hall para receber meu f ilho. Golias abre a porta para Ander que agradece.

— Minha vida está aniversariando. — Ajoelho-me, aguardando se aproximar. — Permissão para um abraço de aniversário?

Ander tira a mochila das costas, puxa e solta o ar, prof erindo em seguida:

— Estou pronto, papai.

Vem até mim e abraço meu f ilho com todo amor que sinto por ele. Se ele soubesse o bem que me f az, a f orma como sou inspirado em ser melhor por causa dele. Encho seu ombro e braço de beijos. Abraços de aniversários são apenas uma vez por ano. Ander entende a importância que temos em abraçá-lo, e nos libera para abraçar ele um pouco mais no dia do seu aniversário. Criamos essa

tradição no seu aniversário de seis anos. Sempre respeitando seu espaço e limite.

— Amo você, meu f ilho — declaro o que digo pelo menos uma vez ao dia para ele. — Nasci para ser seu pai, você é minha melhor parte. Ser seu pai é o que f aço de melhor

Acaricia minha barba de leve e beijo a palma da sua mão.

— Obrigado, papai — diz um pouco tí mido. — Eu também amo você. Não digo todos os dias, mas amo.

Abraço-o outra vez rindo emocionado.



A f amí liatoda está reunida na cozinha. O bolo de aniversário do Ander tem esgrimistas e leões na decoração. Meu f ilho sempre escolhe a decoração e sabor do bolo e as cores dos balões. Ele poderia pedir qualquer coisa que eu f aria,mas é um garoto simples, humilde e bondoso.

Tens uns minutos que está se preparando para apagar a vela. Não cantamos parabéns ou f azemosa bagunça comum numa f esta de aniversário inf antil.É adaptado nos moldes do meu f ilho.Quando apaga as velas vibramos por dentro. O senhor Thibaut segurou as mãos do marido que por pouco não bateu palmas. Eles são um casal adorável, quando o senhor Thibaut não está querendo me matar com seus olhos de pai ciumento.

— Estou louco para comer esse bolo — comenta Juan.

Meu irmão veio direto do treino para casa. Ainda não descobri quem era o homem misterioso que estava no hotel. Os seguranças não conseguiram imagens boas. Ele não está tão estranho como antes, porém sinto que tem algo oculto.

Ander sempre f ica com o primeiro pedaço de bolo, mas dessa vez f ez dif erente.

— O primeiro pedaço será para a minha Lala.

Estica o bracinho entregando o pedaço de bolo para Lana que está ao meu lado.

— Lindinho...

Minha namorada está envergonhada, pois suas bochechas, colo e orelhas f icam rubros.

— Todos os próximos voltarão a ser meus — diz meu f ilho f azendo todos rirem da sua sinceridade.

Ajudo-o a cortar os pedaços para todos os convidados, e voltamos a conversar. Danna e Magda conversam animadamente com tia Flor.

Ficamos na área de lazer próximo a quadra de basquete. O f lamenco baixinho que tocava f oi substituí do por um bolero. Lana dançou com minhas tias e irmãs. Não perdi a oportunidade de f ilmar as mulheres da minha vida dançando uma dança tão signif icativa para mim.

Meus tios, meus melhores amigos e irmão estão jogando basquete. Meu sogro Camilo está rindo de algo que tia Ileana f ala, enquanto meu sogro Thibaut está montando quebra-cabeça com meu f ilho. Magda não f icou muito, mas a f iz levar lembrancinhas para os netos como sempre f aço, assim como Danna.

Sorvo mais um gole da sidra de frutas vermelhas com bastante gelo e sem álcool admirando minha mulher dançar. Seus cabelos estão maiores, antes mediam nos ombros, agora as mechas onduladas, sedosas e brilhantes passaram. Lana é absurdamente linda e não faz ideia disso.

— Se o senhor quiser beber outra coisa me informe que providencio — enuncio para meu sogro Thibaut que veio à mesa retangular de madeira com vidro onde foram colocados todos os aperitivos e comida.

— A cerveja está ótima.

Pega uma geladinha do balde de inox onde contém várias com gelo.

— No intervalo da temporada estamos planejando ir para Jamaica. Estão convidados.

Convenci Lana de viajarmos no intervalo para Jamaica. Já estive lá com meus irmãos e filho é um verdadeiro paraíso. Meus tios e melhores amigos irão, e seria incrível se meus sogros nos acompanhassem.

— Meu esposo comentou por alto.

— Vai ser bom passarmos mais um tempo juntos, em família, nos conhecendo... — Direciona o olhar que me faz temer pela minha vida. — Ou não.

Passo a mão na nuca sem saber o que fazer para nos aproximarmos.

— Minha filhaestá muito felizcom você, rapaz. Lana estando feliz, eu também estarei.

— Fico feliz em saber, senhor.

— Preciso de tempo para me acostumar com você. Não é nada pessoal, é meu jeito. Meu esposo é mais divertido, moderno.

Libera um pequeno sorriso. É um homem negro, alto e forte. Tanto ele como seu marido formam um belo casal, a química é forte. São opostos na personalidade e ao mesmo tempo iguais. Acho que acontece a mesma coisa comigo e Lana. Um completa o outro.

— Eu amo sua filha. Nunca estive apaixonado antes. Paixão e amor são dois sentimentos que não queria para minha vida. Ela mudou isso sem querer, pois corri atrás para que nos aceitasse verdadeiramente.

— Lana foi magoada e juntou... com outras coisas que estava passando na época.

— Sei disso. Ela ainda não me contou e estou respeitando o tempo dela.

Desfaz a carranca de bravo.

— Camilo tem razão, odeio admitir isso — resmunga sorrindo em seguida. — Você é um bom homem. Vejo isso refletido nas atitudes, na educação e criação do seu filho e irmãos.

Seguro a vontade de estender os braços para o alto com os dedos das mãos unidos num gesto comemorativo que costumo fazerquando marco gol no campo. Porra, meu sogro não me odeia. Quero ter uma boa relação com os pais da mulher que amo, é importante para mim. Agora estou mais confiante.

Retornamos juntos para a mesa de centro entre as cadeiras estofadas onde Ander monta o quebra-cabeça novo que ganhou dos meus sogros. É de mil peças. Junto-me a eles.

Deixo meu f ilhomontando com meu sogro quando toca uma das músicas que Lana tem escutado bastante. É uma *bachat a*atual com batidas f ortes e lentas.

— Agora é a vez do namorado.

Minhas irmãs e tia sorriem.

— Tem que se comportar, jogador.

Estamos um pouco mais af astados.Escorrego as mãos para sua bunda maravilhosa, mas logo a malvada as sobe para sua cinturinha.

— Assim não tem graça, chatinha.

Rodea os braços pelos meus ombros.

— Tem sim.

Movimenta o quadril conf orme as batidas, aperto sua cintura.

— Vai ter quando estivermos em nosso quarto mais tarde.

Mordisca meu queixo. Está mais alta devido aos saltos altos. Começo a acompanhá-la na dança que tem certa inf luência da salsa.

Apesar de não dançar muito, algo que está mudando, af inal, não posso deixar minha mulher dançando sozinha quando saí mos, consigo me sair sem passar vergonha. Quando se af astasem parar de movimentar o corpo sem perder o ritmo, quando seguro sua mão para que gire com sua sensualidade natural, aproveito para lhe dar um selinho. Lana sorri alegremente, pois sabe que não consigo me conter quando se trata dela.

Dançamos juntinhos como a *bachat a*pede, revezando com outros passos.

Eu amo essa mulher pra caralho.



MARCO

Lana e eu colocamos meu filho para dormir. Ele estava feliz pelo seu aniversário. Ander percebeu que foi um dos mais especiais. Guardou todos os presentes com cuidado como faz com todas as suas coisas. Colocou o *funko* dele vestido de esgrimista — presente da minha namorada — no meio da prateleira que tem uma coleção de personagens preferidos.

— Espero você no banho — murmura quando a beijo na porta do nosso quarto.

Em alguns momentos ela se refere apenas como meu, mas já considero nosso. Não estou de brincadeira.

— Preciso apenas ler o extrato que o meu contador enviou antes de autorizar o pagamento.

— Certo. Então sem pressa, pois é documento sério.

Amo seu cuidado. Nos beijamos mais uma vez antes de eu descer para o escritório.

No corredor paro em frente ao quarto da Lucía em dúvida se devo introduzir o assunto, no entanto, ela ficará chateada por saber que escutei sua conversa com Lana. E a última coisa que preciso é

que f iquе chateada. Preciso confiar na educação que dei a ela e aguardar que me procure.

Sento-me na cadeira e digito a senha no *MacBook*. Começo olhando a fatura do cartão da Teresa. Fico feliz por ter gastado menos do que no mês anterior. Tivemos uma conversa séria, pois o cartão que meus irmãos têm é para uso cotidiano e não para utilizarem o crédito em compras desnecessárias. Sigo para a fatura do cartão da Lucí asabendo que além dos gastos com comida na escola tem vários gastos em biblioteca. O que é aceitável. Ela prefere comprar em livraria fí sica, ao invés de online.

Paro com a seta do *mouse* notando o valor absurdo gasto em diferenteshotéis pela cidade no extrato do cartão de crédito do meu irmão. Prossigo lendo o extrato. Tem gastos em bares e restaurantes caros. Meus irmãos frequentam estabelecimentos de luxo, mas nunca ultrapassaram a porra do limite.

Levanto indo direto para a área externa onde continua jogando basquete sozinho.

— Vamos jogar uma partida, mano? — pergunta deslumbrando os passes que faz.Quando ergue o rosto solta a bola de basquete retesando o corpo.

— É sua última oportunidade.

— Do que está falando? — Se faz de sonso.

— Não criei você para se tornar um homem mentiroso, Juan. Fala.

— Por que está bravo?

— Esse mês parece que frequentoumais hotéis do que foi à faculdade. Explique-se.

Engole em seco passando a mão no cabelo loiro, colocando os fios molhados de suor para trás.

— Estou ajudando uma pessoa.

— Pagando estadias de luxo? Acha que sou idiota, moleque?

— Por favor, não fica puto, me escuta.

— Eu já estou puto, porra! Mentiu para mim sobre as drogas e agora está mentindo outra vez.

— Estou... estou ajudando o nosso pai.

É como se eu tivesse levado um chute na cara. Solto uma risada amarga colocando as mãos na cintura torcendo para meu irmão caçula dizer que não passou de uma brincadeira de péssimo gosto.

— Puta que pariu — expresso, respirando em haustos.

— Calma, mano, deixa eu explicar.

— Você está ajudando o merda do Ernest Arjona. Inacreditável.

Puxo ar olhando para o céu escuro e estrelado.

— Marco, ele é o nosso pai...

— Nunca foi. Fui sincero com você sobre ele. Ernest nos abandonou quando nossa mãe ficou doente. Deixou uma mulher que mal tinha forças para falar, um adolescente e três crianças.

— Ele explicou, se arrependeu. Podemos conversar, nos entender.

— Ernest quer dinheiro. Só veio me procurar quando fechei o primeiro contrato profissional. Nem perguntou por vocês. Quando

não dei o que queria, foi para mídia se fazer de vítima. Ele é um homem mentiroso, covarde, egoísta, *dinheirista* e preguiçoso.

— Irmão, ele pode ter mudado. Somos uma família.

— Ernest nunca foi e nem será membro dessa família.

— Por favor, escuta, podemos marcar...

— Façamos o seguinte. Deixe seus cartões, todas as suas coisas de luxo e chegue até ele dizendo que ficará com ele. — Sorrio debochado, sabendo o tipo de homem que é o nosso progenitor. — Se ele aceitar você apenas com a roupa do corpo e quiser conviver de fato com ele, garanto que continuarei custeando apenas seus estudos, mas ele jamais entrará nessa casa ou será inserido na minha família.

Meus olhos ardem, pois realmente estou cogitando viver longe do meu irmão caçula, o moleque que criei e amo, caso tenha a possibilidade do cretino do Ernest jogar com ele, o aceitar e depois fazê-lo pedir dinheiro meu para viverem. Se continuar sendo burro irá recusar Juan de primeira ao se dar conta que o expulsei da minha vida por querer se atrelar a ele.

Juan é um garoto sonhador. E depois de Teresa sempre é o que mais procura o lado bom das pessoas.

— Está me expulsando? — indaga com a voz falha, segurando o choro.

Podemos discutir, brigar, mas nunca ficamos separados. Juan, Lucía e Teresa são meus irmãos e meus filhos. Sempre estamos prontos para salvar um ao outro sem pensar duas vezes.

É necessário que eu seja rígido e o esteja magoando para ver com seus próprios olhos a escória que Ernest é.

— Estou dando a chance para que conf irao tipo de pessoa que o merda é. Sempre f uisincero com você. — Paro na sua f rente olhando no f undodos seus olhos. — O que mais está doendo em mim é a mentira, Juan. Poderia ter me procurado para conversarmos assim que Ernest lhe procurou. Sanaria as dúvidas que o maldito plantou, narraria tudo em detalhes novamente. As pessoas f alammuito sobre perdão, sobre saber perdoar, mas o que ele f ez não merece meu perdão e sim indif erença. Você e as meninas tem a opção de perdoá-lo e querê-lo longe. Não precisa tê-lo perto para provar que perdoou.

Ponho a mão no seu ombro e o puxo para um abraço. Parece uma despedida, e odeio isso. Af asto-me e respiro f undo antes de sair da quadra de basquete.



Sinto f alta da minha namorada na cama e abro os olhos cogitando que possa ter ido ao banheiro. Consegui dormir enquanto f azia caf uné em mim. Ela soube que não estava bem assim que entrei no quarto. É bom conversar com ela, desabaf ar, ter algo para dividir o que está sentindo.

Levanto percebendo o silêncio atí picodo quarto. Na porta do closet noto que não está no banheiro. Desço as escadas, após conf erirmeu f ilho em seu quarto. É um costume meu. Adentro na cozinha vendo minha namorada saboreando o bolo de aniversário do meu garoto, sentada na banqueta e tendo apenas as luzes dos três pendentes em cima do balcão.

— Esperta você. Esperou todos dormirem para atacar o bolo.

Lana vira a face em minha direção sem conter o sorriso.

— Eu disse que não sou confiável quando tem guloseima na geladeira.

Cheiro e beijo seu pescoço antes de sentar ao seu lado. Passo o polegar no canto do seu lábio pegando o rastro de ganache de chocolate levando-o diretamente para minha boca. Comi uma fatia do bolo, conforme minha nutricionista gostosa autorizou.

— Impressão minha ou está pensativa?

— Acertou, jogador.

— Sou um bom ouvinte, melhor do que isso sou um namorado incrível e serei um marido melhor ainda.

Mordisco seu ombro coberto pela minha camisa. Ela adora dormir com as minhas camisas de malha, e em noites mais frias com as peças de cima dos meus moletons. Adoro vê-la usando minhas coisas, e também fico louco quando veste um dos seus conjuntinhos de dormir, ou quando decide dormir apenas de camiseta regata e calcinha.

— Olha ele querendo passar de fase — faz o trocadilho. Sorrio.

— Estou lhe preparando, amor.

— Já percebi. — Me olha com suavidade e desejo. — Acordei desejando esse bolo e desejando dar para você, mas não queria acordar você, amor.

Meu pulso na calça doido para ser acolhido pela mulher que o faz enlouquecer apenas com um olhar, com seu cheiro, com sua

voz. Só ela, porra. Lana é meu primeiro amor, minha namorada e daqui uns meses espero que seja minha mulher no papel.

Sem avisar simplesmente agarro sua nuca tomando seus lábios num beijo possessivo, cheio de paixão. Sinto o gostinho do chocolate mesclado as nossas salivas. Lana arf a totalmente entregue buscando mais contato. Levanto-me sem desgrudar nossas bocas e minha mulher vem para mim, agarro suas coxas mantendo-a f irme em meu colo. Recebo alguns chupões e mordiscadas enquanto subo os degraus com pressa, tendo cuidado.

Com Lana em meu colo ao adentrar a suí te tranco a porta. Minhas mãos viajam para sua bunda exposta apertando-a, empinada e grande.

— Espera, espera... tenho uma surpresa — avisa querendo sair do meu colo.

— Agora? Deixa para depois.

— Não, amor. Você vai gostar.

— Estou muito duro...

Gememos juntos quando esf rego meu eixo em sua vagina. Porra, ela está úmida, molhadinha por mim.

— Marco... um minuto, amor — of ega, enquanto beijo e lambo a curva do seu pescoço esf regando meu pau na sua bocetinha.

— Um minuto.

Solto-a sentindo um tesão do caralho. É sempre assim quando estamos juntos. Lana vai praticamente correndo para o closet. Prestes a ir atrás da minha mulher paro no caminho quando vem pelada exibindo seu corpinho gostoso. Conheço cada parte

dele, sempre a envaideço, enalteço e não canso de dizer o quanto é linda. Gravei cada detalhe. Meus olhos capturam o que está dif erente.

Meu pau baba pela morena na minha f rente.

Seu seio direito não está com o costumeiro piercing, e sim com um modelo contendo um pequeno pingente com a letra M.

— Amor... porra — digo passando meus dedos pelo biquinho e tocando no pingente.

— Estava guardando para usar depois de amanhã, af inal, comemorarí amos o primeiro jogo da temporada. E eu sendo positiva, óbvio que estava pensando na vitória do time.

Beijo-a com muito carinho e devoção. Espalmo uma mão no meio das suas costas e abaixo o tronco caindo de boca no seu peitinho direito, me sentindo mais possessivo, obsessivo, louco, com o tesão estalando em cada parte do meu corpo. Mamo seu mamilo, beijo-o, chupo, lambo, mordisco. Faço o mesmo com o outro dando toda atenção escutando os gemidinhos da minha mulher. Trilho a cicatriz com a lí ngua, a beijando por inteira.

Ergo o rosto colocando a mão na sua f ace.

— Adorei a surpresa, meu único amor.

Joga os braços em volta do meu pescoço pego-a pelas coxas mantendo seu corpo em meu colo nos levando para a cama. Observo-a no meio da cama e desço a calça de moletom. Bombeio meu pau duro que passa do umbigo. Lana agarra o lençol da cama f itando-o com puro desejo.

Subo na cama pego sua perna esquerda. Beijo seu pé delicado, seus dedos e vou seguindo o caminho pelas pernas

def inidas. Planto um beijo na sua boceta sentindo a lubrif icação natural melar meus lábios e barba. Seu corpo estremece, e sigo para seu ventre, umbigo, barriga e seios.

— Então f aremos amor, jogador — conclui, manhosa, excitada.

Encaro os olhos castanhos pesados pelo tesão.

— Somos tão desesperados que toda vez que vamos tentar decidimos f oder como loucos.

Chupo seu lábio inf eriore a morena captura os meus com os dentes levemente. Entre suas pernas, mantenho uma mão na lateral da sua coxa direita. Meu pau pesa em cima da sua bocetinha. Abaixo, indo mais uma vez em direção ao piercing contendo a inicial do meu nome. É sexy, quente, é f oda.

Lana aperta minha bunda tentando mover o quadril.

— Comece logo, amor.

— Primeiro vamos f azer amor, combinado?

Tenta segurar o sorriso.

— Estamos indo bem. Não demore, amor.

— E depois... quero comer seu cuzinho. Vai dar ele pra mim?

— Estamos trabalhando nisso. Af inal, seu pau monstro não f acilita as coisas.

Sorrio com a boca grudada na sua. Levo o nariz à lateral do seu rosto, a acarinhando, sentindo a maciez da sua pele e seu perf ume. Priorizo o prazer da minha mulher e não f aria sexo anal sem antes ir preparando-a aos poucos com todo cuidado, atenção e prazer que merece. Principalmente respeitando seus limites.

— Te amo, morena.

Aguardo ansioso pelo dia que escutarei as três palavras dela. Entro em sua bocetinha sentindo a vulva apertar meu pau avantajado, me engolindo pouco a pouco. Geme baixinho, nossas respirações f icam descompassadas. Nos beijamos de lí ngua intensamente enquanto meto devagar, gostoso e sem pressa. Lambuzo-me em seu creme, entrando com gosto.

— Que gostoso, meu amor — geme baixinho, cravando as unhas em minhas costas que começam a criar uma camada de suor.

— Assim, linda? — Anua entreabrindo os lábios. — Essa bocetinha está mamando tão gostoso no meu pau, amor.

Mantemos os olhos presos sem perder as f eiçõese o amor transbordando em nossas í rises.

Aumento o ritmo metendo com um pouco mais de f orça.Rujo alucinado, perdido no amor. Porra, f azer é amor é muito gostoso. Não deixa de ser intenso. É simplesmente perf eito.

Sem sair de dentro dela a deixo por cima sentando na cama com as pernas esticadas. Suas mãos agarram minha nuca, e meu rosto f ica enf iado em seus peitinhos duros, os chupando. Lana rebola devagar. Rosno quando aumenta a velocidade quicando gostoso no meu pau, mexendo o quadril. Fico louco de tesão quando f ica por cima. É uma putinha gostosa, devassa, libertina.

Meu pênis lateja em seu canal quente e apertado, engrossando mais. O corpo da minha mulher ondula devido as reboladas deliciosas me levando ao céu. Nunca existiu mais sensual, incomparável, cacete. Única. E totalmente minha.

Cessa os movimento e aperto as bochechas gordas da sua bunda.

— Eu te amo, Marco — declara f azendo meu coração galopar contra o peito. — Amo você, amo, amo muito.

Segura meu rosto e continuamos nos olhando prof undamente. Sorrio, emocionado e f eliz. As melhores coisas da vida são sentidas e não vistas. Sentia seu amor por mim quando me abraça, me beija, quando se preocupa comigo, quando f az caf uné no meu cabelo, quando deseja sorte, quando olha para mim com seus olhos castanhos bonitos... eu sinto o seu amor.

— Sou louco por você, te amo, linda.

Volta a mexer o quadril e nos beijamos prof undamente. O charco dos nossos sexos se encontrando deixa tudo mais sensual, erótico. Seus peitinhos balançam e belisco o biquinho deles, depois volto a apertar sua bunda. Lana me f ode gostoso, rebolando, indo para f rente e para trás.

— Marco... ah, amor. Eu vou... porra!

— Goza gostoso, amor meu, minha putinha gostosa.

Troco nossas posições voltando a f icar por cima. Os cabelos se espalham nos lençóis e sinto as vibrações do seu corpo f ebril recebendo o orgasmo. Para intensif icar paro de meter, massageando o clitóris inchadinho com o polegar. Ronrona, gemendo, se contorcendo de prazer arqueando de leve as costas do colchão. Sugo seus seios com f orça em seguida capturo sua boca bebendo seus gemidinhos e arremeto na sua bocetinha. Of ega tomando tudo de mim e prestes a gozar novamente.

Mordo e chupo seu maxilar sentindo o clí maxse apossar do meu corpo. Lana agarra meu pescoço exigindo minha boca na sua. Nos beijamos apaixonados, esf omeados e insaciáveis.

— Você é minha — repito em sua boca.

— Totalmente — conf irma, of egante, suada e linda.

Gemidos roucos escapam de mim quando continuo indo f undo, sem dó, com toda gana, f odendo sua bocetinha até o talo. Amo a sensação de preencher cada polegada da sua vulva macia e apertada. Morde meu ombro gozando de novo, intensif ico os movimentos. Esporro dentro da sua boceta, sentindo o arrepio gostoso. Não paro de meter agarrado as f orças que me restam.

Nos beijamos de lí ngua sem pressa, deixando que nossos corpos se acalmem. Rosno baixinho quando suga meu lábio inf erior Sabe que adoro quando f az isso. Tiro alguns f ios do seu cabelo castanho grudado em sua testa. Passo os dedos pelas bochechas vermelhas e levemente suadas.

— Eu já sabia que me amava — revelo e para o carinho que f azia na minha barba cerrada.

— Esqueci que é o romântico da relação — f ala humorada.

É uma sem vergonha. Gargalho.

— Falando sério, já sentia seu amor. Deixou de ser paixão há muito tempo.

Faço um cí rculo preguiçoso em volta do biquinho do seu peitinho sem deixar de tocar no pingente.

— Custava ter me avisado? — brinca.

— Sabemos que você é a sem coração da relação.

Bate de leve nas minhas costas e rimos. Encosto nossos lábios num beijo casto.

— Apesar de já sentir seu amor, estou f eliz por tê-la ouvido declarar em alto e bom som, doutora.

— Não aguentava mais guardar para mim. Eu te amo, jogador. — Beija minha bochecha. — Amo muito, amo, amo...

Rimos em uní ssono,pois estou recebendo uma enxurrada de beijos no rosto.



LANA

Ontem comemoramos o contrato do suplemento que começará a ser produzido especialmente para o Marco e disponí vel no mercado mundial até o f im de novembro. Christian f oi rigoroso para escolher a melhor empresa de nutrição esportiva. Choveram propostas, e depois de duas semanas intensas estudando a f undo cada empresa escolheram em conjunto. A multinacional escolhida está com a planilha que enviei para o Christian.

Acompanhei de perto atletas f azendo publicidade para marcas de suplementos, mas não a usavam. Fingiam tomar em ví deos, elogiavam e ganhavam em cima. É algo perigoso, af inal, acaba sendo propagando enganosa. Marco irá consumir o suplemento f abricado para atender o que seu corpo necessita, de acordo com o estudo clí nico que f iz do seu corpo, e isso é ótimo. Estará sendo honesto com seus f ãs, seguidores.

— Lana, vem — escuto Lucí a dizer

Rapidamente engulo o comprimido Anastrozol. Lucí a entra quando estou guardando o porta-remédio dentro da bolsa. Ontem durante a consulta com minha terapeuta f alei que não poderia mais adiar a conversa sobre a doença que tive e os medos que ela

deixou em mim para Marco. Preciso ser corajosa e parar de esconder essa parte da minha vida.

Também estou me preparando para finalmente entrar no assunto com minha ginecologista se existe alguma chance de eu engravidar. Evitei esse assunto por medo. Por mais que insistisse, deixava de lado. Não estava pronta para descobrir ainda machucada pelo tratamento pesado, pelo medo de ficar doente outra vez. Tudo isso continua me assombrando, porém, estou tratando psicologicamente.

Decidi dar uma nova chance para o amor, viver tudo que tenho direito e Marco merece saber tudo.

— Estou indo.

Seguro a alça da mochilinha de costas, jogo o braço por cima dos seus ombros e seguimos para à sala de estar juntas. Christian, Pol, Teresa e o chefe da equipe de segurança e outros membros estão presentes.

Enviei uma mensagem praticamente implorando que Juan viesse. Após a discussão séria que teve com Marco, na segunda-feira, não apareceu mais em casa. Nem deu o braço a torcer e desde então está na casa dos pais do Christian. Pelo que dona Ileana informou Juan testou o pai biológico e o desnaturado fez exatamente o que meu namorado disse que faria. Parou com o teatro de pai arrependido deixando a máscara cair.

As meninas pediram para Juan retornar, mas ele desconversa. Os irmãos Carvajal têm personalidade forte, mas o amor falará mais alto. Disso eu tenho certeza.

— Famí lia, Golias passará algumas inf ormaçõesimportantes. Nós sabemos que os jogos de campeonatos tendem a deixar os torcedores mais f renéticos, e alguns perdem o controle — prof ere Christian passando a palavra para Golias.

Mantendo o semblante exatamente sério e prof issional, recomenda:

— Entraremos e sairemos pelos acessos exclusivos do estádio. Em hipótese alguma saiam de perto e nada de desviar o caminho. Fim de jogo é uma loucura, nem preciso entrar em detalhes. Acontece de os torcedores f icarem violentos e é meu dever mantê-los em segurança.

Ander chega às dezesseis horas da tarde da escola hoje devido a atividade extra curricular da sua grade. De qualquer f orma deixou claro de manhã que depois assistiria o jogo do pai pela televisão no mudo. Todos nós sorrimos, achando adorável e f of o da sua parte assistir o pai somente para demonstrar que se importa, porém no mudo por não gostar de escutar os comentaristas e o barulho dos torcedores.

Hoje acompanhei Marco à distância por conta da concentração obrigatória junto com seus companheiros de time.

Quando atravessamos o portão nos encontramos com o carro do motorista e segurança do Juan. Mesmo estando brigados, Marco não deixou seu irmão desamparado em nada. Jamais f aria isso. Não é do seu caráter.

— Sem dramas, Juan, vamos logo apoiar nosso irmão no primeiro jogo do campeonato — diz Lucí a sem paciência alguma assim que o vidro de ambos os carros abaixa.

— Só estou indo por causa da Laninha — f alha em tentar f icar sério.

Sei que não é verdade. A conexão dos irmãos é f orte. Ele não f altaria em um dia importante para o irmão mais velho, que o criou como um f ilho.

— Ele precisa de você — digo o f itando com muito carinho.

— Estarei logo atrás — suspiro e sorrio para ele.

MARCO

Meus companheiros de time e eu f ormamos um cí rculo juntamente com o nosso técnico, auxiliares e todo o pessoal que cuida de nós. Ainda parece um sonho. Todo campeonato, toda vitória, toda derrota, todo jogo, todo o reconhecimento. O sonho do garoto pobre se realizou. Ser capitão do time que jogo há anos, onde minha trajetória começou, é uma realização pessoal e uma responsabilidade que não sustento apenas no braço esquerdo, mas como também nos treinos e em campo.

— Nosso lema é def ender bem. Não abriremos espaço, jogando em equipe sempre — discurso f itando cada um dos meus colegas.

Queremos o *La Li ga* Temos o mesmo objetivo e individualidade não f az parte dos nossos jogos. Gritamos nosso lema em uní ssono, f ortes e prontos para encarar mais um campeonato.

Saí mos no corredor que nos dará acesso ao campo no instante que os jogadores do Celta de Vigo estão saindo.

Cumprimento cordialmente os que conheço, pois alguns são meus companheiros da seleção espanhola, outros colegas do meu time vão conversar amigavelmente com os caras do time que iremos jogar contra, hoje. O corredor está uma loucura com as pessoas que compõem a equipe de ambos os times transitando.

Levanto o zí per da jaqueta esportiva of icial do time f ingindo que não estou incomodado pela f orma que o ex da minha mulher está olhando para mim. Será um prazer vencer o time dele junto com meus colegas.

Os árbitros vão na f rente e cada time em sua f ila atrás deles. Faço o sinal da cruz ao pisar no gramado.

Entrar no gramado é uma sensação do caralho. Meus pelos se arrepiam pela vibração da torcida e toda f é que depositam em nós. Corro os olhos pela parte da arquibancada reservada para os meus. Solto a respiração vendo minhas princesas, meu irmão, meus melhores amigos e a mulher da minha vida. Desta vez, está usando minha camisa do time. Ela fica perf eita usando minha camisa, f ico mais possessivo. Às vezes penso que é besteira, conjecturo mentalmente se meus companheiros de time sentem o mesmo por suas parceiras.

Olho em volta nas arquibancadas do Estádio Santiago Bernabéu orgulhoso do mosaico que os merengues f azem.

Paramos no meio do campo nos organizando. Os prof issionais que compõem a arbitrarem são apresentados. O árbitro, conheço de outros jogos e me deu alguns cartões amarelos devido meu temperamento no gramado, ainda mais quando quero def enderum dos caras do time. Continuam parados sendo f ilmados,

enquanto os comentaristas o apresentam para os telespectadores — não escutamos, mas sei como f unciona.

Componho os onze titulares e assim cada um vai para sua área. A bola dará a saí dapelo Celta. Ocupamos o lado esquerdo do campo. O árbitro libera e entramos em ação.

Os jogadores do Celta tocam a bola entre si, da lateral para a def esa.Jorge, Joaquí ne Karim, atacantes do meu time, começam a invadir a área rival tentando tomar a bola. Um dos atacantes do Celta vem para trás de mim e tento f ocarna bola e esquecer que o ex da minha mulher está cada vez mais perto de mim. Ele é atacante e na primeira oportunidade vai chutar no gol.

Os primeiros minutos de jogo são sempre os mais tranquilos. Somos instruí dosa estudar os oponentes, tentar algumas jogadas e sempre f icarmos atentos.

Quando começam os passes mais rápidos pela lateral consigo tirar a bola chutando-a para o Torres que rapidamente f azo passe para Munir. Jogadores do Celta voltam a ter posse na bola e vêm para def esa,seguindo a lateral, sem pensar, puxo a bola com o pé quando um jogador pensou em me driblar, no entanto, nem percebo a queda do atacante que continua de bruços no gramado e começa a ser atendido pela equipe. O árbitro libera escanteio para o Celta e f icoputo, no entanto, Menso grita da sua área do gol para: eu f icar calmo.

Respiro f undo e aguardo o escanteio atento junto com os caras. Ariel f az o toque de cabeça impulsionando a bola para o centro onde um dos caras já aguardava. Seguimos a linha avançando contra o Celta. Karim e Joaquí n f azem um excelente

cruzado pela direita e Galês corre tentando alcançá-los vendo o quanto os jogadores do time rival estão f echando-os. Galês chuta tentando o gol e pega na trave de cima. Os torcedores vão à loucura. No retorno da bola ao campo Gonzalo acaba cometendo f alta. Sendo o capitão do time corro até o árbitro no intuito de def ender meu colega.

Para nossa inf elicidade ele toma cartão amarelo.

Montamos a def esa aguardando o chute do adversário. Fico mais tenso e irritado com Daniel me cercando. Tento ignorar o problema pessoal que temos. As barreiras se f ormam e continuo incomodado pelo f ato do ex da minha mulher continuar marcando em cima de mim, sendo que deveria ir para a outra lateral. Seria mais inteligente, mas como quero o bem do meu time que continue sendo burro.

— Nunca terá o que Lana e eu tivemos — murmura, of egante.

Trinco o maxilar irritado sem virar o rosto em sua direção. Quero matar o f ilho da puta por jogar baixo.

— Estive ao lado dela, parti, mas agora estou disposto a conquistar a mulher da minha vida. Posso conviver com o f ato de que ela não poderá me dar filhos, e tudo bem. Você não é nada em comparação a mim — revela me deixando atônico.

Lana... não pode engravidar.

A inf ormação cai como uma tempestade sobre mim. No próximo mês iremos a primeira consulta com um médico que escolhemos juntos para cuidar da nossa saúde como casal, af inal,

não estamos usando preservativo. Porra, mas ela usa método contraceptivo, me disse isso claramente.

Não conversamos sobre filhos, pois não é o momento. Lógico que desejo ter mais filhos com ela, afinal é o meu amor, a mulher que amo. Será que mentiu sobre o método contraceptivo? Mil hipóteses começam a se formar na minha cabeça.

Busco Lana pelo olhar a metros de distância sentindo algo ruim, uma sensação estranha de insegurança. Não sei explicar o que é.

Acordo de meus devaneios com o apito do árbitro liberando o chute da falta. No impulso ergo-me do chão para dar uma cabeçada na bola. Consigo fazer com êxodo, no entanto, recebo a cotovelada do desgraçado na lateral da sobrancelha, bem no osso.

Filho da puta!

Defendo, já que a bola passou pela barreira. Outro apito soa e Daniel recebe cartão vermelho. Quando toco no local sinto o fluído do sangue. Aperto os olhos sentindo o machucado latejar. Perro e Torres vêm até mim junto com os maqueiros e enfermeiro. Recuso subir na maca. Observo a pequena confusão que iniciou com jogadores de ambos os times, torcedores vaiando, os bancos dos dois times— que ficam um ao lado do outro, separados apenas pelas escadas que levam aos vestiários — com os treinadores vociferando.

— Estou bem, só limpa — digo para o enfermeiro.

— Talvez precise de ponto — contrapõe.

— Só se for no intervalo.

Finaliza o curativo provisório na linha f orado campo. Retorno recebendo os cumprimentos dos meus companheiros e aplausos dos torcedores. A bola destinada a f altasobre posse do Jorge bate na porra da trave e prosseguimos no jogo. Sinto que estou um pouco aéreo pelo que o covarde disse, mas meu time precisa de mim, os torcedores contam com a gente.

Avançamos para o campo rival. Jorge segue pela lateral e manda a bola para Perro, que rapidamente desvia do oponente e passa para Galês, que chuta para Karim. Todos em alta velocidade, sedentos pelo primeiro gol do placar. Passam pela def esado Celta, Karim toca para Jorge, e ele marca o primeiro gol.

Vibramos junto com os torcedores do Real, indo para cima do Jorge comemorar seu primeiro gol sendo titular e seu primeiro gol no *La Liga* Nem consigo f estejar como gostaria, pois continuo estarrecido com que o cretino revelou.

Regressamos para a partida. Quando avançam Gonzalo f az uma cobertura excelente tocando a bola. Acabo levando um cartão amarelo ao ir com muita raça para cima do oponente. Nem questiono o árbitro, estou sem cabeça.

O árbitro apita pegando a bola e encerrando o primeiro tempo.

Seguimos para o vestiário.

— Vai precisar de ponto? — indaga Chef ãopara o enf ermeiro que me atende no vestiário.

Ao tirar o curativo provisório vejo a quantidade de sangue que está saindo.

— Não será necessário — inf orma o prof issional da saúde.

— Graças a Deus! — expressa o treinador adjunto. — Rapazes, prosseguiremos com a mesma f ormação.

Nem presto atenção na conversa do corpo técnico. Meus pensamentos estão na dúvida que o desgraçado plantou. Lana não esconderia algo sério de mim, certo? Começamos a namorar de verdade a pouco tempo, e se f or verdade... porra, estou puto.

Bebo água e f echo os olhos sentindo o ardor que o *spr ay* causa no f erimento.

— Está aéreo, Lobo. O que aconteceu?

Conjecturo questionar ao Chef ãosobre o que Daniel revelou. No entanto, controlo o í mpeto. É uma intimidade da minha namorada, e mesmo que saiba não posso desrespeitar Lana dessa f orma. Por mais insano que esteja.

É um assunto sério, delicado.

— Nada. O golpe me desestabilizou — ref iro-me ao machucado.

Acede sem desviar os olhos de mim.

Após o intervalo retornarmos para mais uma partida de quarenta e cinco minutos. Começaremos a partida, agora ocupando o lado direito. O segundo tempo inicia com ambas as equipes querendo a todo custo marcar um gol. Assim como nós, a f ormação de onze jogadores no primeiro tempo prossegue no segundo tempo, exceto pelo f ilho da puta do Daniel.

Um pouco distraí do procuro Lana, contudo, rapidamente deposito o máximo que consigo de atenção na partida.

Galês domina a bola, passa para o Jorge que dá cabeçada e Joaquí npega a tempo indo em direção ao gol. Revezam os passes

mirando no gol. Joaquín chuta e infelizmente foi alto demais passando por cima da trave. Meus colegas recuam vindo para a defesa do nosso time. Os Celta vêm com mais força e tática, consigo cortar o Meia erguendo os braços para não correr o risco de ser mal interpretado pelo árbitro. Ele cai no chão fazendo drama desnecessário.

— Não toquei nele — profiro respirando em haustos.

O juiz não dá falta e agradeço internamente. Chega de cartões amarelos para mim.

Lanço a bola pelo meio e os atacantes do meu time seguem firmes no ensaio em grupo fazendo passes com a bola, sem fazer jogo individual. Ariel evita a saída da bola matando-a no peito, com ela de volta ao gramado começam os toques com Jorge. Gonzalo vai para ajudar na marcação seguido pelo Torres.

Escuto o treinador gritando para não abrirmos a defesa. Quase deixo passarem, escorrego no gramado tirando a bola do adversário. Aconteceu rápido, estava distraído. Um erro.

Um erro grave.

Algumas trocas são feitas durante o segundo tempo devido ao cansaço de alguns jogadores. Deveria ter saído, pois minha concentração está uma merda.

Os torcedores merengues começam a ficar em pé faltando menos de cinquenta segundos para o fim da partida. Quando escuto o apito paro, pingando de suor, ofegante e sentindo o corte arder pra caralho. Os reservas do meu time invadem o campo para comemorar juntos. Iniciam-se os cumprimentos educados entre ambas as equipes. Não entro na ação, totalmente absorto.

Recebo os cumprimentos do corpo técnico. Todavia, não consigo esboçar sequer um sorriso completo. Busco os bancos onde minha f amí lia ocupa com os seguranças. Fico f eliz por saber que meu irmão caçula veio me assistir. Queria aproveitar a partida vitoriosa que tivemos no campeonato, mas f alho. Quando meus olhos encontram os da Lana... estudo suas f eições delicada, cada traço e a curva do sorriso que f orma em seus lábios cheios. Ela desf az ao se dar conta que não retribuo.

Não f aço por maldade, no intuito de puni-la. Acontece que... estou suf ocando por saber que guardou algo tão importante. Sento no banco, de costas para a torcida e bebo água. O barulho dos torcedores f ica à milhas de distância, tudo f ica... apagado.

Dentro do vestiário, meia hora depois, os caras comemoram a vitória. Com o celular em mãos envio uma mensagem para Golias, solicitando que traga Lana até onde estou. Fui para uma sala privada do estádio com autorização do técnico. Chef ão nem teve tempo de questionar, pois f oi convocado para dar entrevistas junto com o técnico adjunto e seu assistente.

Nem troquei de roupa. Continuo sentado, suado e receoso. Escuto a batida leve na porta, e autorizo a entrada. Poderia esperar chegar em casa, mas não conseguiria. Quero conversar agora.

Ao escutar a porta abrir desvio a atenção da pequena janela.

— Golias, f ique do lado de f ora, por f avor — mando sem desviar dos olhos castanhos da Lana.

Seus dedos estão inquietos no jeans justo ao corpo. Ela está linda. Além da pulseira contendo vários pingentes, incluindo um

trevo da sorte. Reparo no cordão delicado que lhe presenteei. Dif icilmente, Lana não o está usando.

— Por que você não me contou?

Vejo-a f icar pálida, a cor sumir da sua f ace.

— O que... o que Daniel disse a você? — retruca com a voz trêmula.

— O que você deveria ter me contato — brado, sentindo a boca seca. — Acha certo eu ter descoberto isso por aquele desgraçado? Ele simplesmente contou no meio da partida.

Leva os dedos aos lábios quando tremem, provavelmente tentando segurar o choro. Seus olhos marejados deixaram isso claro.

— É uma coisa muito í ntima. Não saio por aí contatando, ou querendo f ingir positividade, ser um exemplo. Por que eu não sou, Marco. Sof rimuito com tudo, quis ser f orteo tempo todo... ainda não superei. Estava me preparando para contar a você, não poderia jogar a inf ormação no seu colo do nada.

Puxo um sorriso angustiado, me sentindo de certa f orma traí do, deixado para trás.

— Quero escutar de você. Conte-me tudo — exijo.

Busca fôlego e acompanho o caminho de suas lágrimas pela sua f ace.

— O motivo de eu ter f ugido de relacionamento sério, ou qualquer envolvimento que ultrapasse o casual era com medo de a doença voltar — prof ere com a voz embargada e meu coração assume outro ritmo, f ranzoos lábios sem entender. — Até hoje sinto medo de em algumas das minhas revisões ser surpreendida com

um novo câncer. O tratamento foi pesado, mexeu comigo fisicamente, mas psicologicamente... fiquei destroçada. Todo dia tomo um comprimido do Anastrozol, tem dias que sinto enjoos, que não acordo tão disposta. A cicatriz no meu seio esquerdo... é da cirurgia de retirada do nódulo. Não sou a mesma Lana de antes do câncer. Quis prosseguir a vida após vencer o maldito câncer sem fazer novos laços, pois na minha cabeça... já deixaria pessoas demais sofrendo por minha causa. Eu amo viver, amo a vida, só que viver com a nuvem da incerteza sobre minha cabeça acaba me levando a vários estados.

Engulo a saliva sentindo o gostinho das lágrimas em meus lábios.

— Amar você não estava nos meus planos. — Sorri, fraco, me fitando. — Ainda mais sabendo que... tem grandes chances de não realizar meu sonho em ser mãe com o homem que amo. Não... biologicamente. Na época fiquei tão abatida e estava tão exausta do tratamento que não quis saber, mas depois de escutar que poderia estar estéril, fugi, abri mão do meu sonho de ser mãe, inclusive de adotar... ser mãe solo, pois... — Seus lábios tremem. — E se eu ficasse doente outra vez? Que tipo de mãe eu seria? Deixaria meu filho sozinho, eu... sinto de verdade que tenha descoberto tudo dessa forma, Marco. Daniel não tinha o direito de se meter

Sinto o frio reverberar em cada parte do meu corpo ao me dar conta do que acabei escutar. Até minhas pernas enfraquecem. Busco apoio na parede, apoiando as costas.

Lana... teve câncer.

Perscruto sua face sentindo uma insegurança descomunal tomar conta de mim. Eu perdi a minha mãe para o maldito câncer, só de pensar... Jesus, nem consigo imaginar em perder a mulher que amo para uma doença tão cruel.

O silêncio é ensurdecedor, tenso, sombrio.

Esperava confrontá-la somente pelo que o idiota disse no meio da partida. Fiquei puto pela mentira, por esconder de mim uma informaçãoimportante, mas não colocaria nosso relacionamento de escanteio ela sendo ou não estéril. Se fosse da sua vontade poderíamos adotar, não deixaríamos de ser uma famíliacaso não gerasse um filhonosso biologicamente, ou decidisse não ter filhos. Jamais recomendaria outro meio que a enchessem de hormônios para conseguir engravidar ou qualquer outro tratamento para engravidar que mexe com todo seu corpo simplesmente por amá-la e entender que seu corpo merece respeito. Nunca a submeteria a nada disso.

— Marco, por favor, diga alguma coisa. Eu... sinto de verdade — impetra com o semblante triste, inseguro. — Não podia contar para você sem me sentir preparada, ainda mais sabendo como perdeu sua mãe. De forma alguma quero justificar.. por favor, diz algo.

Fungo sem saber exatamente o que falar

— Ele contou apenas que não podia ter filhos— revelo e vejo seus olhos se abrirem mais, assustada. — E agora me sinto mais idiota por ter escondido algo tão importante. Você venceu a porra do câncer.

Tento sorrir perdido entre a f elicidade por ter vencido o maldito câncer e depois medo, muita insegurança. Quando ergo o olhar para ela vejo-a chorando mais.

— Poderia ter me contato, porra, Lana!

— É dif í cil para mim...

— Pensei que nós... caralho!

— Precisava estar preparada por que ainda mexe muito com a minha cabeça. Talvez, estou aprendendo a viver com o medo de f icar doente outra vez, de não ser mãe... não quero sua pena.

Fico calado sentindo que estou suf ocando.

— Está com pena — reverbera, com o tom de voz baixo, quebrado.

Estou com pena? Eu não... estou sem ação.

Lana vira de costas e sai da sala. Minha visão f icaembaçada com as lágrimas.

Agora entendo os nuances dos seus sorrisos bonitos. Eram seus escudos para blindar o que a entristecia. Isso é injusto pra caralho. Pessoas boas não deveriam sof rer, não deveriam f icar doente, pessoas boas só deveriam receber coisas boas.



LANA

São quatros dias enf iada no quarto. Organizei uma f orça taref a para que Ari não perceba nada e pegue o primeiro voo de volta para Madrid. Minha melhor amiga já deixou de f azer muita coisa para cuidar de mim. Não quero que desista no meio do caminho de algo importantí ssimo para sua carreira de agente.

Meus pais estão tentando me puxar para vida novamente, e continuo argumentando que preciso de um tempo. Nem nos meus maiores pesadelos cogitei que Marco soubesse de tudo que escondia daquela f orma. Depois, analisando a situação, para ser sincera acho que não tinha uma maneira correta de revelar tudo, mas ao menos queria me sentir preparada.

Daniel tirou esse direito de mim. Invadiu minha privacidade.

Chegou a ligar para o telef one f ixo da casa dos meus pais. Papai Thibaut o colocou em seu lugar, e sendo um verdadeiro covarde recuou. Se existia qualquer possibilidade de conversarmos, ele a af ogou. Para completar penso que a qualquer momento a mí dia descobrirá e f ormará um verdadeiro circo em volta sem respeito algum.

Preciso reagir. Ao menos retornar a escrita do livro, tentar distrair minha cabeça.

Recuso a chamada do Marco, agora sendo uma covarde. Não sei se estou preparada para termos uma conversa def initiva.Eu o amo muito, como jamais pensei que f osse amar novamente alguém. É incomparável. Só que não irei suportar ver pena no seu olhar com vi na última vez que nos vimos.

— Vai sair? Deixa-me ver se a f ebre passou mesmo? — papai Camilo f az as indagações com o dorso da mão grudado na minha testa.

— Estou bem, papai.

Tive f ebreontem. Acho que f oiemocional. E hoje acordei um pouco indisposta, porém não posso me entregar ao desânimo.

— Preciso buscar meu material de trabalho no CT.

Enviei uma mensagem ao Christian perguntando se os jogadores do Real Madrid estariam treinando hoje — estou sem acesso a agenda eletrônica do Marco, pois até meu *i Pad* f icouem seu quarto no centro de treinamento — gentilmente conf irmouque não haveria ninguém, além dos seguranças e alguns f uncionários da limpeza. Perguntou como eu estava, e quase implorou para que eu atendesse as chamadas do seu melhor amigo. O jogador veio aqui na quinta-f eirae sexta-f eirarecebendo respostas curtas do meu pai Thibaut de que não queria vê-lo, que precisava de um tempo.

A verdade é que estou assustada e receosa. Não quero ser motivo de pena.

As poucas chamadas que atendi f oram da babá do Ander. Tentei passar o máximo de segurança para o lindinho, matei um

pouco da saudade que estou sentindo dele. Pediu que f osse ao seu treino de esgrima, mas não prometi a f im de evitar decepcioná-lo. Recebi mensagens do Juan e Teresa perguntando como eu estava. Dei respostas sucintas.

— Filha, você tem visita — escuto papai Thibaut enunciar.

Sigo para sala da casa da piscina e abro um sorriso ao ver Lucí a.

— Estaremos em casa. Quando f or, me chame — avisa papai Thibaut.

Recebo um beijo na bochecha do meu pai Camilo que cumprimenta Lucí a com um abraço, com todo seu jeito carinhoso.

— Lucí a, eu...

Interrompe-me e com as mãos dentro do bolsa da jaqueta jeans, discursa:

— Você não pode morrer.

— Lu, eu não...

Será que deveria prometer algo que não está sob meu controle? Não, não posso. Vivo com a dúvida de a doença retornar quase vinte e quatro horas por dia, mas piora quando chega a época de ref azer a bateria de exames.

— Se você morrer... Marco não vai aguentar. Você precisa me prometer que não vai morrer, ok? Se você morrer Teresa vai sof rer, Juan vai sof rer..Ander vai sof rer — Desvia os olhos verdes dos meus e baixa a cabeça olhando para seu par de *Vans*, ao erguer prof ere: — Eu meio que gosto de você... só um pouco, então também vou sof rer Não podemos perder mais ninguém para essa doença. Lana, você não pode morrer. Precisa envelhecer junto com

meu irmão até os cem anos de idade, prometo visitar vocês todos os dias da minha vida, mas por f avor.. não morra. Fique viva. Prometa-me.

Emocionada com sua declaração me aproximo dela. Baixa a cabeça outra vez levando os dedos para o canto dos olhos impedindo as lágrimas de descerem pela sua f ace bonita.

— Lucí a,desculpa estar f azendotodos vocês reviverem algo que machuca.

— Marco está sof rendo muito. Agora, olhando para você, tenho certeza que ambos estão sof rendo na mesma intensidade. Vim escondido, pois quero muito que se resolvam. Você f az parte da f amí lia.

Seguro suas mãos carinhosamente.

— Precisamos apenas de um tempo antes de conversarmos. Eu amo você, amo o lindinho, amo Teresa, amo Juan... cada um de vocês completou minha vida de uma f orma imensurável.

— Está parecendo uma despedida.

— Não é.

Abraço-a com todo carinho do mundo, beijo sua cabeça. Seus braços circulam minha cintura.

— Vocês f azem parte da minha vida — conf irmo.

MARCO

Pol teve a brilhante ideia de virmos ao CT para treinarmos. Desde a recuperação não estou conseguindo me concentrar nos

treinos. Isso chamou a atenção do técnico e de seus assistentes. Meus colegas tentam e animar, porém, acabo f icandoirritado. Estou sendo um péssimo capitão.

Meus tios f oram para minha casa f icar com Ander e meus irmãos. Juan e eu não conversamos, acho que ele está respeitando o que estou passando com Lana. As únicas coisas que concentrei minha energia e deu certo f oi na terapia ocupacional do meu f ilho, que nesta semana era participativa, e no seu treino. Meu garoto tem tudo para se tornar um grande esgrimista.

No vestiário os meus colegas sempre f alam cheio de orgulho dos f ilhos que estão seguindo o mesmo passo que eles, f ico f eliz pc eles. Outros já f azem planos com os f uturos f ilhos. Eu não f iz plano de carreira para meu f ilho e nem para os meus irmãos no esporte. São livres para serem o que quiser. Fiquei contente quando meu irmão demonstrou interesse pelo basquete e agora está lutando para ser chamado para o time prof issional de basquete do Real Madrid. A única coisa que não abro mão é que deixe os estudos. Estudos em primeiro lugar. Que seja um atleta, mas um atleta com diploma. E agora estou percebendo que possivelmente meu f ilho poderá ser do meio desportivo atuando na esgrima.

— Combinamos que não trabalharia hoje, Christian — digo assim que o vejo entrar na academia do clube.

Estou tentado em bater na porta da casa da Lana implorando que me escute e entenda que meu olhar de pena não resumiu tudo que estava sentindo. Sua recusa em me ver, em me atender e responder as mensagens está acabando comigo.

Ela realizou seu trabalho a distância, pois ligou para Danna instruindo-a sobre a mudança que montou no meu planejamento nutricional. Ela também f ezchamada ví deocom meu f ilho,o que me alegrou. Seu amor pelo meu menino é inquestionável.

Continuo correndo na esteira e observo a troca de olhares entre os meus melhores amigos.

— O que f oi? — pergunto sem humor algum.

— Lana está aqui — inf orma Christian.

No exato momento quase caio se não f ossePol me segurar a tempo.

— Ela veio f alar comigo? Porra, e diz isso nessa tranquilidade.

Estou of egantee juro que posso escutar meu coração bater alucinado na caixa torácica.

— Irmão, ela não sabe que está aqui. Veio buscar as coisas dela, quis saber antes se estaria. Então Pol e eu tivemos a brilhante ideia de terem logo a conversa, pois não aguentamos mais ver essa sua cara de cachorro abandonado. Nesse exato momento sua mulher está atravessando o campo para cortar caminho.

— Corre tudo o que não correu no treino dessa semana para alcançá-la — diz Pol, e saio em disparada.

Corro pelos corredores sem pensar em mais nada a não ser em encontrar Lana. Agora ela não irá escapar. Ela sempre pref ere cortar o caminho atravessando o campo de f utebol, ao invés de seguir pelos corredores internos.

Relembro como f oramesses dias inf ernaissem ela por perto. Eu a amo muito. E, óbvio, que f iqueiputo por ter escondido coisas

importantes de mim. Era como se não pudesse confiar no que eu afirmei tantas vezes olhando no fundo dos seus olhos.

No entanto, me coloquei em seu lugar. Eu estive na condição de ser acompanhante de uma pessoa doente. Cuidei da minha mãe até seu último dia, sofri, não vivi o luto direito, pois tinha que focar na minha carreira profissional para proporcionar aos meus irmãos tudo o que não tive. Porém, precisei de ajuda profissional para lidar com o medo de ficar doente e deixar meus irmãos e filho desamparados, de um dos meus irmãos, filho, um dos melhores amigos ou tios ficaremdoentes. É uma sensação horrível. Por isso me tornei tão paranoico com os exames de rotina, e tudo que envolve saúde.

Mais calmo entendi a posição da Lana. Mesmo com traumas que a doença lhe deixou, estava se preparando e buscando a melhor forma de me contar Até nisso foi altruísta.

— Lana — clamo em plenos pulmões.

Seus cabelos balançam com o vento, o céu está fechandoe anunciando a chegada da chuva a qualquer momento.

— Marco, não quero conversar agora — fala frágil.

Estamos há poucos metros de distância. Corto mais o espaço.

— E quando será?

— Estou criando coragem para... ir a minha médica, fazer os exames e... saber se posso ou não ter filhos biológicos. Eu... desculpa — sua voz embarga, e recua um passo para trás segurando firme a alça da sua bolsa de trabalho.

Sinto a primeira gota de chuva bater na minha cabeça.

— Está desistindo de nós.

— Eu... não quero sua pena — grita, sem conseguir segurar o choro. — Não quero f azer mais ninguém sof rer

— Não vai acabar com a gente desse jeito, Lana. Você está com a porra do meu coração e não aceito devolução. Lembra disso, amor?

Ergue a cabeça olhando para o céu, e volta a me analisar com os olhos cheios de lágrimas. Sei que está nos sabotando, pensando somente em mim, se desmerecendo. Um nó da Cordilheira dos Andes se f orma na minha garganta.

— Pode parecer bonito agora, mas não é — diz parecendo um animalzinho indef eso, sozinho. — Se eu tiver outro câncer as coisas podem ser bem piores. Terei que passar por todo aquele... tratamento, vou perder cabelo, serei apenas uma casca. Vai ter dias que irei acordar esperançosa, e dias que irei desejar a morte por não aguentar mais o tratamento, por não querer mais ninguém parando sua vida e sof rendopor mim... eu posso não resistir. Nada disso parece importar agora. Você não tem que f icarcomigo, você... nós não precisamos continuar.

— Não concordo, Lana. Sua saúde e beleza f í sicanão comandam o amor que sinto por você. É da alma, do f undo do meu coração.

— Você... não sabe o que diz. Não quero receber aquele seu olhar de pena de novo.

— A pena que senti f oipor me dar conta do quanto é injusto pessoas boas passarem por coisas tão ruins.

— Estou sendo realista, Marco. Não posso privar você, não posso.

Quando faz menção de virar de costas, indago magoado:

— Você deu opção daquele imbecil ficarE eu, não?

Perscruto suas feições delicadas atento em cada detalhe enquanto o chuvisco fino começa a nos molhar pouco a pouco.

— O que sente por mim não é real?

— É, seu idiota! Claro que é. Nunca amei tanto um homem como amo você. Justamente por isso... não posso prendê-lo a incerteza que é a minha vida.

Corto o espaço entre nós e seguro seu rosto tão emocionado quanto ela.

— Se, Deus o livre, acontecer de você ficardoente outra vez, não irei te amar menos, chatinha. O maldito câncer não vai me assustar, não ficará entre nós. Eu te amo pra caralho, Lana.

— Marco... não sou perfeita, eu...

— Eu amo suas imperfeições. Completam as minhas.

Baixo o tronco tomando sua boca num beijo cheio de saudade. Suas mãos circulam meu pescoço e aprofundamoso beijo de língua, marcando a nossa reconciliação, um recomeço de uma vida inteira juntos. Tacando o foda-sepuxo-a para mim, parecendo que nunca teria o suficiente do seu corpo, dela inteira.

Sento no gramado molhado com Lana em meu colo. Com as mãos em sua bunda, amasso o tecido do seu vestido de verão. Ela é toda minha. Meu pau pulsa querendo-a nesse exato momento, no meio do campo de futebol e debaixo da chuva. Nada mais importa.

Beijo e mordisco seu maxilar escutando seus gemidinhos. Porra como senti f alta da minha mulher

— Amor, precisamos sair... alguém...

— Damos um jeito depois — digo, rouco, cheio de amor e tesão. — Acho que agora aprenderemos a f azer uma rapidinha, hein?

Chupo seu pescoço ao mesmo tempo que desço as alças do seu vestidinho leve. Exibo os peitinhos redondos e empinados, abocanho um, mamando intensamente sabendo que a deixarei marcada, mas o desespero, gana estão tão grandes que não consigo me controlar. Puxo para baixo o tecido do vestido exibindo todo seu seio esquerdo. Trilho a cicatriz marcada sua pele como sí mbolo de f orça, sobrevivência e recomeço. Se antes já adorava cada detalhe dela, agora é o triplo. Beijo toda a extensão sentindo seus dedos apertando minha nuca.

Dou atenção para seu mamilo direito, brincando com o piercing com a boca.

— Quero você agora, Marco. Não suporto mais esperar — murmura com os olhos brilhantes.

A chuva aumenta e nada mais importa. Fecho os olhos quando beija o corte na minha sobrancelha. Está em processo de cicatrização. Em seguida suas mãos vão para a barra da camisa do unif orme interno de treino, joga para o lado. Deito na grama molhada com minha mulher em cima de mim distribuindo carinho com seus lábios macios.

Quando volta sentar nas minhas coxas colo meu corpo no seu o máximo que consigo. Meus dedos af astam a calcinha para o

lado e massageio sua bocetinha, querendo conferir se está pronta para mim. Como sempre... está pingando, pronta para dar para o seu macho. Seu único homem. Movimenta os quadris largos exigindo o que deseja, o que é totalmente seu.

Enfio as mãos em seus cabelos intensificando o beijo. Geme com a boca sendo consumida pela minha, viro trocando a posição ficando entre suas pernas, sobre seu corpo gostoso. Ergo sua coxa firme, encaixando-me melhor. Lana empurra meu short com desespero sem soltar meus lábios. Sugo sua língua.

— Porra... como eu te amo — sussurra com os lábios quase colados em minha boca.

— Superaremos qualquer coisa juntos, entendeu, linda?

Acaricio sua bochecha corada absorvendo sua beleza natural, suas feições de prazer

— Entendi, amor.

— Sempre estaremos juntos.

Continuo metendo lentamente na sua bocetinha apertada e cremosa.

— Sempre.

— Nunca irei soltar sua mão, amor. Nunca. Iremos a todas as suas revisões, cada consulta, nos dias que não estiver disposta para sair da cama ficarei deitado com você, nos dias que ficar enjoada, farei algum chá ruim para melhor seu enjoo... nada nos afastará. Ganharemos todas as partidas que o destino nos entregar, combinado?

Cicia entre os gemidinhos sorrindo, emocionada, me fitando com todo amor.

— Ah... sim, jogador. Você é o capitão.

Suga meu lábio beijando-me em seguida com devoção, cheia de tesão, amor, paixão... todos os sentimentos transbordando.

— Tão gostosa... tão linda.

Movimento-me comendo sua boceta duramente. O canal da vulva quente e apertada faz meu pau latejar a cada estocada de tanto prazer. Meto fundo, suas unhas cravam na minha bunda. Nos beijamos gostoso, nem a água gelada da chuva esfria o calor dos nossos corpos. Sobe a mão direita para o meu rosto parando-a na região da barba. Entreabre os lábios gemendo, e gozando deliciosamente. Mordisco seus lábios tomando outro beijo. Rosno parecendo um animal, e não aguento mais. Esporro quente na sua bocetinha, a enchendo de esperma.

Não paro de meter. Firmo a ponta da chuteira impulsionando-me mais para dentro da minha mulher. Meu corpo todo se arrepia, todos os meus músculos se contraem devido a saída do sêmen, um prazer intenso, sem igual.

Ainda vivenciando as ondas do orgasmo continuo dentro dela e recebo a carícia na lateral do meu rosto. Sorrio vendo sua expressão saciada, feliz, apaixonada. Simplesmente linda. Puxa-me pela nuca beijando minha boca sem pressa, com delicadeza e sofreguidão, com posse e amor

Somos da mesma equipe. Isso quer dizer que enfrentaremos quaisquer desafios juntos.



MARCO

Tomamos banho juntos no banheiro da suí te do meu quarto no CT. A bolsa de trabalho da Lana não permitiu que suas coisas molhassem, ainda bem que é de um excelente material, assim como sua bolsa transversal. A água inf iltrou pouco. Nada que f izesse grande estrago.

Pol entrou em ação em salvar minha imagem e da Lana das câmeras de segurança. Cuidou de tudo no maior sigilo. Meus melhores amigora f orampara morada passar o restante do dia com a f amí lia. Continuo dentro da bolha com minha mulher

Estamos bem.

Observo-a hidratar o corpo usando o restante de creme que tem nos potes que trouxe e f icaram na gaveta do banheiro junto com minhas outras coisas de higiene pessoal. Agora entendo tudo perf eitamente. Usando peça de roupas limpas, que estavam guardadas no meu armário, continuo a admirando em silêncio sentado na beira da cama.

— Consigo ouvir seus pensamentos daqui, jogador.

Sorri lindamente. Chamo-a para o meu colo.

Com a toalha em mãos senta de lado no meu colo. Fecho os olhos direcionando meu nariz para seu braço, inalando seu perf ume. Apoio a mão em suas pernas e ela circula o braço pelos meus ombros.

— Não esconda mais nada de mim, amor — peço estudando suas f eições.

Aceita aquiescendo.

— Independente se puder ou não gerar f ilhos biológicos juntos, podemos adotar, caso tenha esse desejo.

— Tenho. Def initivamente é um desejo. Queria ter f eito isso antes como f adei, pois ser mãe é um sonho. Mas não estava bem para isso devido as inseguranças.

— Estarei com você em todas as consultas com oncologistas, mastologista, ficarei ao seu lado em todas as revisões. Nada disso é maior que o amor que sinto por você, doutora Rubio.

Toca meu rosto com muito carinho.

— Desculpa, ter escolhido por você.

— Estava com medo e assustada, assim como eu estava. Você é ainda mais incrí vel do que pensava.

Nos beijamos intensamente.



Meu sogro Camilo ligou para a f ilha via chamada de ví deo e quando Lana me mostrou dirigindo tirei a atenção do trânsito por

alguns segundos para cumprimentá-lo. Gargalhei quando escutei ele gritar animadamente chamando o marido. Combinamos de jantarmos juntos na casa deles antes do meu próximo jogo.

Hoje é aniversário do técnico da seleção espanhola. Enviei o presente e depois enviaria uma mensagem me desculpando por não ter ido. No entanto, Lana está disposta a ir comigo, então será mais suportável ir ao aniversário.

Viemos o caminho todo trocando beijos, carí cia e minha mão não saía da sua coxa, só quando precisava movimentar o câmbio automático. O abatimento em sua f ace não está dif erente do meu estado. Percorremos os próximos dias nos recuperando.

Meus f amiliares não esconderam a f elicidade quando me viu com Lana. Desde então não nos deixaram sossegados. Lana se diverte com eles, e f ico tranquilo. Agora mesmo estou f itando minha namorada sentada ao lado do meu f ilho mantendo uma conversa animada com minhas tias enquanto ele está f ocado em seu novo quebra-cabeça com Lucí a e Teresa.

Lucí a quando viu Lana entrando comigo veio correndo até onde estávamos abraçando a morena com f orça e extremo carinho. Nunca havia demonstrado tanto af eto por alguém.

— Nosso amigo voltou a ter a cara de bobão apaixonado, Pol — brinca Christian bebendo sua cerveja em seguida.

— Nada que uma morena não f aça, hein — provoca Pol.

Aceito as gracinhas de bom humor. Eles sabem como f iquei na f ossa com a recusa da Lana e um possí vel término.

— Podem zombar o quanto quiserem.

Dou de ombros arrancando mais risadas dos idiotas.

— Estamos f elizes por você, irmão.

Christian aperta meu ombro num gesto de apoio e carinho.

— Ainda a acho muita areia para seu caminhão, mas tudo bem — pronuncia Pol e rimos.

Meus tios os chama para uma partida de sinuca. Juan que até então estava jogando com os nossos tios caminha até onde estou na área *gour met*

— Agora tudo está... perf eito — suspira Juan, observando nossa f amí lia.

— Concordo — digo, amistoso.

Ficamos alguns minutos em silêncio, lado a lado, esperando quem irá tocar no assunto que nos f ez brigar. Falamos ao mesmo tempo, e dou a vez para o meu irmão caçula.

— Não queria desrespeitar a memória da nossa mãe — enuncia f irme e sincero. — Adoraria ter mais lembranças dela. Pensei que... de alguma f orma, perdoando Ernest, o entrosando em nossas vidas, poderí amos ter mais da mamãe. Desculpa, irmão.

As í rises verdes se enchem de lágrimas. O olho f icando de f rente, sentindo orgulho do homem que está se tornando. Caráter e respeito são coisas que o dinheiro não compra. Mamãe estaria orgulhosa de mim, dos meus irmãos e do neto. Manter a nossa mãe viva em nossas memórias, em algumas f otos espalhadas pela casa, ref ormar a mesa que partilhamos tantos momentos bonitos da nossa inf ância e o carro velho em nossa garagem, é apenas uma f orma de mantê-la perto.

— Ernest não tem nada que lembre nossa mãe, Juan. Peço desculpas se f ui rude demais com você.

— Precisei ouvir aquelas coisas. Não sou mais criança.

— Não, não é. — Sorrio, o imaginando conquistar todos os seus objetivos na vida. — Mantê-lo longe foi necessário para que não usassem disso para matérias sensacionalistas e desrespeitassem a memória da nossa mãe.

— Entendo, agora mais do que nunca. Eu te amo como irmão, como melhor amigo e como... pai.

Acabo me emocionando também.

— Eu sempre vou estar com você. Conte comigo para tudo, meu irmão.

Abraço-o com todo amor que sinto.

LANA

Confiro novamente meu visual no espelho. Escolhi o vestido às pressas. Após passarmos a tarde em família Marco tomou outro banho e se arrumou para que pudéssemos vir à minha casa para que eu me produzisse. Ele está na casa principal, provavelmente sem conseguir escutar os próprios pensamentos de tanto que papai Camilo deve estar fazendo indagações. Papai Thi também o recebeu bem.

Fito os sapatos de tiras dourados em dúvida se devo trocá-los por outro. Optei por trajar um vestido elegante de ombro só sem mangas na cor verde-esmeralda. Tem uma fenda na lateral e o comprimento passa alguns dedos dos joelhos. O tecido é de ótima qualidade e abraça meu corpo em todas as curvas. Fiz uma maquiagem leve, carregando no batom vermelho e prendi uma boa

parte das mechas laterais, e deixei apenas uma de cada lado solta na f rente.

Toco no pingente de trevo da sorte me sentindo revigorada, conf iante.

Saio da casa da piscina carregando a pequena bolsa de mão dourada contendo brilho, e uma pequena mala de mão contendo algumas roupas, produtos e coisas que costumo levar quando vou passar alguns dias na casa do Marco. Apesar de ter coisas minhas no seu closet e banheiro, sempre levo mais com o intuito de trazer o que está lá de volta para casa. O que nunca acontece, pois ele protesta.

— Estou pronta — anuncio sorrindo para os homens da minha vida.

— Carinho, você está tão linda — elogia papai Camilo.

— Puxou para mim, claro — brinca papai Thi.

Eles riem e Marco continua me devorando com seu olhar.

Despedimo-nos dos meus pais. Marco abre a porta do passageiro para mim e f icaresponsável por guardar minha mala no porta-malas da Mercedes. Ao entrar segura meu rosto pegando todos os beijos que são seus. Quando nos af astamossorrio vendo a mancha do batom vermelho em seus lábios e barba. Procuro a caixinha de lenços umedecidos que deixei no porta-luvas do carro.

— Está gata demais, amor meu — me envaidece.

Começo a limpá-lo.

— Obrigada, lindo. Lembre-se de manter as assanhadas longe de você.

Pisco ganhando um sorriso safado do jogador. Participei de poucas festas de pessoas do meio desportivo, mas em todas haviam fãs se atirando, principalmente quando são filhas de mandachuvas.

— Prometo tentar — provoca, sabendo que não deixarei por menos.

Aperto seu queixo e digo com os lábios pertinho dos seus:

— Quem escuta *podcasts* de crimes reais sou eu, jogador.

Marco ri descendo a mão para minha cintura, apertando-a do jeito que gosto.

— Amo você, chatinha.

Nos beijamos mais uma vez e perdemos mais tempo comigo limpando-o das marcas que o batom vermelhou deixou.

Ao chegarmos à festa de aniversário do técnico da seleção espanhola sinto que estamos em um dos maiores eventos desportivos do país. Quero beliscar meu namorado por não ter dito que a festa seria uma festeja gigantesca com centenas de jornalistas na entrada onde tem um ostentoso tapete vermelho.

— Poderia ter me avisado, amor — reclamo, baixinho me sentindo envergonhada com tanta atenção em cima de nós.

Viemos sem seguranças, apenas com a equipe monitorando o veículo do jogador. No entanto, foi combinado de na volta sermos escoltados por um carro devido ao horário e exposição.

— Desculpa, linda.

Beija o canto da minha boca mal fecho os olhos e recebemos a chuva de *flashs*.

— Pode sair, senhorita, por f avor— diz um dos jornalistas do mundo esportivo.

Prontamente f aço menção de me af astar, af inal, a atenção deve ser direcionada ao astro do f utebol. No entanto, o braço que circula minha cintura, onde a mão pesada e tatuada descansa abaixo da minha cintura, numa intimidade que só um casal teria, f ica mais f irme.

— Se quiserem f otosminhas, será apenas com minha mulher ao meu lado — enuncia com sua voz rouca, potente. — Já tenho muitas f otossozinho — completa f azendoos jornalistas e f otógraf os da mí dia sorrirem.

Inf lo de tanto amor pelo meu namorado.

A f estadiscorre melhor do que pensei. Converso com alguns conhecidos. Todos me conhecem como namorada do Marco e a nutricionista esportiva que trouxe resultados positivos ao atleta, além é claro, de f alaremdo meu outro trabalho, mas sei que alguns desconsideram minha prof issão pensando que sou alguma interesseira e me resumindo a outras coisas pejorativas e machistas. Enfrento os olhares de cabeça erguida sabendo o quão real é meu relacionamento. No geral, procurei f irmar conversa somente com os que sentia mais sinceridade. Fiquei aliviada quando os pais da minha melhor amiga chegaram. Tratei de me juntar a eles.

O jogador não permitiu que nenhuma mulherzinha ultrapassasse o limite, tentativas não f altaram.

Pedi licença ao meu namorado para atender a chamada de ví deo da minha melhor amiga. Segui pelo jardim decorado e

iluminado onde alguns convidados circulam e outros estão sentados em grupos em algumas mesas espalhadas.

— Respira f undo — é a primeira coisa que digo.

— Eu vou matar aquele velho do cão! — berra do outro lado.

— Não seria uma atitude inteligente, Ari.

— Amiga, preciso desabaf ar ou irei explodir

— Coloque tudo para f ora.

E então os próximos minutos sou ouvinte do desabaf o da minha melhor amiga. Escuto-a sem questionar, muito menos julgar. É o seu momento desabaf oe dou todo meu apoio. Amanhã quando estiver mais calma, irá me ligar e darei meu conselho que Ari não vai escutar, mas tudo bem, f az parte.

Guardo o celular na bolsa de mão ao encerrar a chamada. Ari xingou o coitado do Eric até sua décima geração.

— Lana — desf aço o sorriso na hora ao reconhecer a voz masculina.

Meus dedos apertam a bolsa com f orça. Giro o calcanhar pronta para enf rentar Daniel. Preciso colocar um ponto f inal, já que f oi incapaz de f azer isso de f orma decente no passado.

Reparo em cada detalhe sem sentir absolutamente nada. Estou livre do amor que sentia por ele e tentei a todo custo alimentar de f orma nada saudável e masoquista. Superar um amor que te f eriu é tão bom quanto estar amando de novo.

Tira a mão do bolso da calça social, apontando-a para mim.

— *T á* linda. Sempre f oi, e o tempo só... a deixou mais linda ainda.

Varro ao redor contente por não ter ninguém perto o suf iciente para nos escutar

— Foi covarde em ter contado ao Marco sobre o possí velf ato de eu ser estéril, em pleno jogo e tê-lo machucado de propósito. Jogou sujo, de novo.

Engole em seco me encarando com esperança e receio. Em momento algum tem arrependimento por nada.

— Voltei para Madrid por sua causa. Vim disposto a reparar toda a merda que f iz.

Fico f irmelembrando de cada momento juntos, desde a sua chegada ao bairro. A f orma como construí mos nossa amizade, o primeiro beijo, a primeira vez, momentos que nunca deixei serem manchados pela sua covardia. Depois recordo tantas outras coisas que compartilhamos e vejo que sempre me doei demais, que sonhei mais solo do que em conjunto com ele.

— Eu te amava, Daniel, por isso dei a chance de terminarmos para reconstruirmos a amizade aos poucos. Tinha necessidade de ter me deixado esperando na quimioterapia sem f alar absolutamente nada?

— Lana, eu... sinto tanto, amor.

Ergo a mão quando dá um passo à f rente.

— Responde. Tinha necessidade?

Meneia a cabeça, deixando as primeiras lágrimas escorrerem.

— Não.

— Foi covarde. E continua sendo.

— Estou disposto a mudar tudo, Lana.

Sorrio triste, limpando as lágrimas.

— Eu não estou disposta a tê-lo novamente em minha vida. Nem como amigo. Você colocou um ponto final em tudo que vivemos da pior forma possível.

— Fiquei com medo de perder você, *tá* bom? — fala, gesticulando em desespero. — Não podia suportar, fiquei com medo. Por favor, por favor, Lana, me dê só mais uma chance.

Deus do céu... quantas vezes imaginei nosso reencontro? Perdi as contas. Se o amasse provavelmente passaria por cima de tudo para nos dar uma nova oportunidade, até mesmo do meu orgulho.

— Esse é nosso final definitivo, Daniel. Cada um seguindo sua vida, separados. Não foi homem o suficiente para fazer isso da forma correta no passado, então estou fazendo isso hoje, agora.

— Lana, não...

— Eu não te amo mais — confesso sem a intenção de ser cruel, e sim, honesta. Coisa que deveria ter dito. — Amo o Marco, sou perdidamente apaixonada por ele.

Caminho querendo sair o quanto antes de perto dele, me sentindo mais leve, mas Daniel impede agarrando meu braço com força.

— Precisa me escutar. Voltei por você, Lana. Nenhuma mulher que tive esses anos significou alguma coisa, uma parte minha sempre esteve vazia. Não é justo a nossa história terminar desse jeito.

— Solta o meu braço. Está me machucando...

— Merecemos uma segunda chance, meu amor.

Desvio o rosto do seu assustada quando tenta f orçar um beijo.

— Quero que me solte agora mesmo, Daniel — digo me preparando para lhe acertar uma joelhada e escapar de suas garras.

— Lana, prometo que não irá se arrepender. E sobre f ilhos, não me importo, juro que não...

Daniel é puxado para longe e antes de qualquer reação minha vejo meu namorado segurando o seu colarinho com os olhos inf lamados de cólera.

— Toque na minha mulher dessa f orma de novo e terei o prazer de quebrar a porra das suas mãos e dedos, e para não f icar desproporcional f açoo mesmo com suas pernas e pés. Entendeu, caralho?

Sacode Daniel com f orça. Algumas pessoas f itam a situação.

— Marco, amor, está tudo bem.

— Escutou, desgraçado? Pare de ser covarde ao menos uma vez na sua maldita vida.

Daniel f ungabuscando meu olhar. Acho que se deu conta de que não temos mais chance.

— Olhe para mim, porra!

— Recado... dado — murmura.

Meu namorado o larga com brutalidade e por pouco Daniel não cai de costas na grama. Logo as mãos grandes do jogador examinam meu braço, querendo se certif icar de que estou bem.

Daniel apertou-me com força, mas acredito que não ficará nenhuma marca.

— Estou bem, Marco.

— Aquele merdinha. Quem ele pensa que é? Está um pouco vermelho aqui — constata.

Confiro, chateada pelo fato do Daniel ter chegado a tanto. O que me alivia é o ponto final que tivemos. Não desejo o mal dele, pelo contrário. Espero que seja abençoado e sortudo como eu em encontrar um novo amor. A vida é curta demais para ficar remoendo situações.

Seguro o rosto másculo do meu homem e sorrio fitando os olhos castanho-escuros.

— Você é o homem da minha vida — declaro, sorrindo.

Marco relaxa, respirando fundo.

— Vim procurar você, e quando vi a forma como aquele idiota estava segurando seus braços, corri. Queria arrebentá-lo, mas... enfim. Pensei que não seria muito romântico acabar com seu ex como um troglodita na frente de várias pessoas.

Nem consigo segurar a risada. Esse é o nosso jeitinho de amenizar a situação.

— Não está na moda.

— Por isso não dei um de valentão.

Rimos, e nos beijamos apaixonadamente.



Mai o de 2023

LANA

O iní cio do mês f oi puxado devido aos meus exames de revisões. Fiz exames de imagem, mamograf ia — sendo um dos principais — ultrassonograf ia, ressonância magnética, tomograf ia. A bateria de exames é completa e desgastante emocionalmente para mim.

Meus pais, minha melhor amiga e meu namorado estiveram comigo em cada um deles. Cheguei a discutir com Marco dizendo que não seria necessário perder treinos para me acompanhar sendo que meus pais e amiga estariam comigo. Porém, o jogador soube me driblar com êxito.

Depois de amanhã é a f inal do campeonato. Será o grande clássico dos gigantes. Real Madrid X Barcelona. Não queria tirar a concentração do Marco, no entanto, prometi não esconder mais nada. Uma promessa mútua.

Por mais que tentasse passar leveza e calmaria, sabia que estava tão ansioso e nervoso quanto eu. Conhecia todas as suas

f eições. Agora mesmo seu sorriso não alcança seus olhos por completo apesar de manter toda a positividade possí vel.

Hoje saberemos os resultados. Estamos na recepção do consultório da doutora Marí a José.

— Montego Bay que nos aguarde. Teremos duas coisas para comemorar. Sua saúde e o campeonato — diz, pertinho do meu ouvido e beija minha bochecha. — E, claro, aquele seu biquí ninovo.

Com a mão apoiada em sua coxa, mordisco os lábios tentando conter o sorriso que grita a putinha que sou com esse homem. Tem sete meses que estamos morando juntos. O pedido veio após um jantar romântico. Para ser sincera f oi um processo natural e f ácil, af inal, já passava mais tempo em sua residência do que na casa dos meus pais. Antes de f azer o convite, revelou que não havia contrato um chef ede cozinha somente para me colocar a prova, e depois não queria mais ninguém por simplesmente adorar minha comida. Comecei a rir bastante, gargalhamos juntos.

Meus pais se emocionaram na mudança como eu já esperava. Marco me ajudou embalar as coisas que levaria das que seriam para doação. As coisas de casais que tinha com Daniel decidi me desf azer, para mim não tinha mais sentido mantê-las. As únicas f otos dele que guardei era as que estavam Ari, ele e eu. A última notí cia que tive do Daniel f oi sobre sua venda para um time de classe B da Itália.

Somos uma boa equipe. Claro, eu que coloco limites enquanto estamos em expediente de trabalho... apesar de que cedo às vezes. Passamos o Natal na ilha em f amí liæ aproveitamos para

comemorar o lançamento do meu livro e o fato da minha melhor amiga estar se estabelecendo no agenciamento esportivo.

Ari e Christian sendo visionários nos negócios deram a ideia de abrir uma consultoria de nutrição esportiva na M13 diretamente comigo. Até o final do ano terei um consultório fixo na empresa do meu namorado para atender outros atletas. No entanto, não deixarei de ser sua nutricionista. Por conta disso minha agenda será bem limitada. Fora que agora estou me aventurando na escrita de livros voltados para minha área de conhecimento.

Temos uma boa dinâmica e quí mica incrí vel para o trabalho. Conviver e criar rotina com as meninas, Juan e o lindinho é algo imensurável. Eu tenho uma famí lia Marco me deu isso, uma famí lia constituí da que pode aumentar quando decidirmos juntos.

Em outubro do ano passado, quando fui à minha ginecologista junto com meu namorado, finalmente tive coragem de saber até que ponto o tratamento que passei afetou minha fertilidade. A médica foi clara que poderia ter buscado meios de conservar meus óvulos antes de iniciar a quimioterapia. Na época, não pensei em nada disso. Estava afetada demais lidando com tantas outras coisas que a doença trouxe para minha vida.

Realizei o exame de dosagem hormonal e outros que indicou. Estava confortada com a possibilidade de não ter filhos biológicos, pois Marco me passava segurança e confiança que precisava. Quando retornamos com a minha ginecologista quase não acreditei quando disse que os 40% de chance que tinha para gerar um bebê era o suficiente para tentar. Queria que viesse sem nenhum tratamento, pois devido ao tratamento que passei não poderia ser

nada invasivo, cheio de hormônios. Marco, como sempre me apoiou.

Bom, meio que já estamos planejamos aumentar a f amí lia. Quando decidirmos irei tirar o *chi p* do braço e iniciaremos sem pressão.

— Você e seus f etiches — sussurro f azendo-o r.ir

— Digo o mesmo, amor. Preciso lembrar quem gosta de f oder comigo usando o unif orme do time e chuteira?

Agradeço por estarmos sozinhos e meus pais não terem chegado ainda. Def initivamentenão tenho culpa de ser tão saf adae dessas taras que o jogador causa em mim.

Continuo f irmena terapia. É necessária e cada dia me sinto melhor. As inseguranças não sumiram completamente, e talvez não sumam em def initivo. Contudo, agora sou mais f ortepara lidar de f rente com cada uma delas.

Meus pais chegam e nos levantamos para recebê-los. Papai Thibaut e Marco se dão tão bem quanto ele e meu pai Camilo.

Estamos sozinhos no consultório da doutora Marí a José, após o pedido do meu namorado para nos atender com o máximo de privacidade possí vel.É f inal de campeonato e os f ãsnão perdem a oportunidade de barrar seu í dolo, mesmo dentro de um hospital como já aconteceu.

As f ãsmais atiradas não ganham vez com Marco, e f icof eliz por termos muita conf iança um no outro. Eu sei que muitas companheiras de atletas lidam diariamente com o assédio f eminino, e algumas delas acabam f icandoem cima. É algo que jamais queria passar, e prossigo dessa f orma. O que o jogador não f az quando

não estou com ele, não estou vendo, diz muito sobre seu caráter. E meu namorado tem essa qualidade.

A secretária da doutora avisa que podemos entrar.

Estou confiante, apesar do nervosismo. A ultrassom da mama estava limpa, e como sempre acontece acabo chorando de felicidade quando escuto isso do médico realizador do exame. Marco me acompanhou em tudo, e não conseguia conter sua emoção.

— Sentem-se, por favor— diz após nos cumprimentar. — Já começo dizendo que todos os exames estão ótimos, Lana. Está mais saudável que nunca.

Os suspiros foram em conjunto. E outra vez me pego emocionada e agradecida a Deus por estar perfeitamentesaudável. Nos próximos minutos a doutora María José explicou em detalhes exame por exame, sem esconder o sorriso por sua paciente de anos não apresentar a doença que tanto me assustou e machucou. Marco e meu pai Camilo perguntam algumas coisas, eles são parecidos no quesito preocupação, apesar do alívio. Papai Thibaut fazcarinho sutil na minha bochecha enquanto os dois estão atentos na doutora e trocamos um olhar cúmplice.

Eu estou bem e muito feliz.

MARCO

Foi um processo para conseguir realizar o maior pedido de casamento do jeito que Lana merece. Minha mulher tem razão quando diz que sou o romântico da relação. Meus companheiros de

time aceitaram prontamente em me ajudar. Alguns zoaram e outros estão preocupados com suas respectivas namoradas esperarem o mesmo. Achei graça.

Encerramos o primeiro tempo do clássico contra o Barcelona. Gonzalo marcou o primeiro gol do placar, em seguida o *barça* fez um gol e, para nossa felicidade,Jorge marcou nosso segundo gol. A intenção é mantermos a defesa fechada e altamente protegida no segundo tempo.

Os meus colegas de time ficam um ao lado do outro e corro, suado, sujo por ter defendidobravamente e consequentemente indo ao gramado. O Chef ão me entrega o microfone e a caixinha da joalheria contendo as alianças de noivado. Logo minha imagem está conectada ao telão.

Vejo Lana na área reservada e o estádio ficamem silêncio. Ela sabe o que irei fazer Minha mulher é querida em nossa cidade, no país e provavelmente no mundo. No início do ano foi dar uma entrevista num dos maiores programas com audiência. Falou sobre seu trabalho, toda sua trajetória, divulgou seu livro que continua sendo um sucesso de vendas e tem recebido notas altas da crítica, e revelou ao mundo sobre o câncer que venceu. Aproveitou para dizer que todo o dinheiro arrecado na venda do livro seria destinado a Institutos que tratam de mulheres de baixa renda com câncer. Ela também falouum pouco sobre nosso relacionamento. Foi corajosa e muito altruísta.

Tenho muita sorte por tê-la.

Meu filho está ao seu lado usando seus fonesque impedem que o barulho dos torcedores chegue em seus tímpanos. Veio para

me apoiar no último jogo do campeonato *La Liga* e para presenciar o pedido de casamento. Fito minhas irmãs, meu irmão, meus melhores amigos, meus tios, a melhor amiga da minha mulher e meus sogros.

Golias a busca e sei que depois de fazermos amor gostoso em comemoração ao pedido, vai reclamar um pouquinho pela atenção que chamei para nós. Adoro seus nuances de timidez.

Seguro sua mão trêmula sorrindo.

— Marco... isso... por Deus — não consegue formular todas as palavras.

Selo nossos lábios carinhosamente.

Fico de joelhos no gramado, abro a caixinha expondo as alianças. A minha é bem grossa e contém um trevo da sorte perfeitamente desenhado no ouro, a sua é extremamente delicada e em cima contém um trevo da sorte feito de esmeralda, exatamente igual ao que carrega no pescoço. Ajeito o microfone em mãos juntamente com a caixinha.

Aponto sutilmente para o lado e meus colegas erguem as camisas expondo a camisa branca que usam por baixo contendo cada uma a letra formando a pergunta:

Casa comigo?

— Lana Rubio, meu amor, você aceita se casar comigo? — oficializo a pergunta. — Por favor, ignore minha famade esquentado em campo — descontraio arrancando risadas e suspiros.

Adoro o fato de os torcedores se unirem a atos do seu time.

Entreabre os lábios carnudos pintados num rosa-clarinho, ainda pasma com a surpresa. Conjecturo que devo pedir que seja um pouquinho mais rápida na resposta, pois tenho menos de quinze minutos para deixar o campo limpo das pétalas de rosas colombianas que serão jogadas assim que disser: sim.

— Claro que eu aceito — explana sem esconder a emoção.

Porra, eu também estou emocionado.

Após colocarmos as alianças, beijo seu anelar com o coração galopando. Ergo-me e pego-a no ar, logo recebemos a chuva de pétalas de rosas caindo do céu, diretamente do helicóptero. Nos beijamos apaixonadamente e sorrindo escutamos os aplausos e assobios dos torcedores merengues e do barça.



A ideia era vir para Jamaica no intervalo da temporada, no entanto, devido aos compromissos profissionais da minha mulher — incluindo eu e entrevistas de divulgação do seu livro — optamos por vir somente no fim do campeonato. É nossa última semana em Montego Bay. Nossa família toda veio. A gente iria vir de qualquer forma, mas vir sabendo que meu time ganhou o campeonato e que minha mulher continua perfeitamente saudável... elevou nossa viagem a outro patamar.

Aperto os lábios sentindo um prazer absurdo ao ver minha mulher movimentar os quadris na cavalgada inversa, expondo sua bunda grande e empinada para mim do jeitinho que gosto. Meu

polegar acaricia a tatuagem de trevo da sorte no seu cóccix sentindo as pequenas gotas de suor escorrer na pele macia e bronzeada. Amo suas marquinhas finas e sexy de biquíni. Não são fortes, são simplesmente sensuais.

Abro uma banda redonda para o lado e desço o dedo no seu cuzinho delicioso. Todas as vezes que fazemos anal penso que sempre irei morrer de prazer. Para minha felicidade minha mulher putinha adora me dar seu rabo, fica louca, sentindo prazer, tesão. Gosto de chupar, lamber e deixá-la prontinha para me receber, pois seu prazer completa o meu.

— Quero gozar no seu cuzinho apertado, amor — digo ao puxar seu cabelo fazendo-a encostar as costas no meu peitoral suado, queimando de desejo, amor. Absolutamente tudo.

— Temos uma expedição de pontos históricos para visitar... ahhh...

Começo a esfregar sua bocetinha com meus dedos unidos e rente, ela adora quando faço isso. Está toda melada com nossos fluídos, toda quente e escorregadia.

— Não importa se atrasarmos, linda... sei que minha putinha também quer.

Beija minha boca com gana e trocamos a posição. Gememos quando saio da sua bocetinha gulosa, de quatro na cama afasto seus cabelos macios e suados da nuca que tanto me fascina. Acho-a linda. Baixo a cabeça levando a boca para sua nuca, beijo-a toda, chupo e mordisco arrastando os lábios para seus ombros.

A nossa frente está o mar verde-turquesa, belo e único. Coloco um dedo no seu cuzinho e volto a afastar uma banda gorda

da sua bunda gostosa, coloco um dedo sabendo o quanto a lubrif iqueicom minha saliva. Está dilatada. Aqui Lana é tão apertada e pequena quanto na sua boceta.

— Af aste essa bunda grande e gostosa para mim, amor. Quero ver tudo que é meu — minha voz sai rouca, marcada pelo tesão e paixão.

Lana leva as mãos delicadas para trás af astandoas bandas cheias da sua bunda redonda e natural. Baixo a cabeça levando o nariz para seu buraquinho, sou totalmente louco por essa mulher. Passo a lí ngua na f enda, depois beijo e mordisco as nádegas f irmes. Bombeio meu pau duro e entro lentamente até não sobrar nada do meu membro de f ora.

— Cacete... você vai me matar, mulher. Me f ode demais, linda, demais.

Meto sem pressa sentindo meu pau ser torturado de um jeito gostoso. Seguro suas nádegas cheias enquanto vou e volto num ritmo lento. Minha mulher agarra os lençóis, gemendo, alucinada. Acordei com ela excitada, e após f azê-lagozar em minha boca, f ui ao céu recebendo seu boquete. Ela sempre engasga, mas não deixa de me levar bem f undona sua garganta. Lana adora beber minha porra. Isso é quente pra caralho.

— Marco... amor... vai mais rápido.

Adoro quando pede por mais, quando f ica desesperada. Lambo sua coluna, chupando alguns pontos. A morena rebola a bunda e me deixa insano. Meto com mais f orça batendo meus testí culos na sua parede, indo f undo e prof undo. Urro, gemo, estapeio seus montes grandes. Lana leva sua mão para sua

bocetinha melada, sem parar de rebolar me recebendo a cada estocada.

Ela é um ví cio.

Meu amor rebola o cu gostoso e prossigo no ritmo que amamos, totalmente alucinados. O barulho dos nossos corpos se encontrando deixa tudo mais erótico... uma coisa só nossa, que nenhuma outra pessoa saberá como é. Nos pertencemos de todos os modos. Beijo suas costas, e quando vejo que tirou sua mão do clitóris, não perco a oportunidade sabendo que está gozando deliciosamente, continuo metendo e massageando seu brotinho duro de tesão.

— Vem comigo, de novo.

Meus músculos se contraem, cada osso, cada parte. Minha noiva alcança outro orgasmo enquanto jatos e mais jatos de sêmen enchem seu cuzinho apertado. Não para de movimentar até perder as f orças. Saio de dentro dela quando os tremores diminuem. Suados, of egantes e saciados, a puxo para os meus braços.

Conf iro o horário no relógio da cabeceira da cama.

— Def initivamente não sabemos f azer uma rapidinha — f alo e rimos juntos.

Suas mãos acariciam meu peitoral. Ela ama minhas tatuagens. E em breve f arei uma dedicada a ela.

— Para ser sincera, espero que a gente nunca aprenda. Gosto assim.

Sorrio outra vez e ela sobe o rosto, acaricio sua f ace corada.

— Amo o f ato de sermos assim.

As pontas das unhas acarinham minha barba. Sorrio, e ela morde a covinha que surge quase escondida por conta da barba cerrada.

— Amo você, jogador — declara, carinhosa.

— Sei que o romântico da relação sou eu, mas bem que poderia me dizer isso todos os dias, não é?

— Ah, para. Eu digo, sabe disso.

Acho graça e nos beijamos outra vez.

— Tenho muita sorte por ser meu primeiro e único amor, doutora Lana Rubio — sussurro em cima dos seus lábios, ambos de olhos abertos, sorrimos e novamente me perco na boca carnuda.

A vida também pode ser um belo jogo. Agora tenho certeza disso.



Mai o de 2026

LANA

O time do meu marido ganhou a *Champi onsL eagu e*. O Real Madrid ganhou a taça mais desejada do f utebol.Mais uma. Aguardo tranquila comemorarem no gramado para que possa descer com nossa famí liapara parabenizá-lo. Amanhã completaremos três anos de casado, e nem posso acreditar no tanto de coisas que conquistamos juntos.

Realizamos nosso casamento na casa da ilha. Recebemos seus colegas de time, personalidades do mundo desportivo e outros conhecidos. Foi um casamento grande, luxuoso e único. Foram dois dias de f esta. Caminhei para o altar com os meus dois pais, não poderia escolher apenas um. Quebramos a tradição.

Ander participou de absolutamente tudo tendo seus f ones como seu aliado. Depois f izemos uma cerimônia somente em f amí lia, bem tranquila e calma do jeito que nosso f ilho gosta.

No dia do nosso casamento disse que quando eu f alassesim para seu pai, a partir daquele momento iria me of icializarcomo sua mãe. Chorei, muito emocionada. O lindinho é meu f ilho.

Sorrio no momento que Isabel chama atenção do irmão mais velho pegando na aba do boné dele. Ander beija a mãozinha gordinha da irmã voltando a prestar atenção, em seguida, num ví deo de torneio de esgrima.

Isabel veio para completar nossas vidas. Quando decidi tirar o *chi p* juntamente com meu marido para tentar engravidar, simplesmente deixamos acontecer, sem f icar pensando tanto. E então f omos abençoados em menos de três meses depois com nossa pequena. Uma das razões para tentar engravidar era que minha médica já havia suspendido o Anastrozol, o que era perf eito, pois os ef eitos colaterais do remédio poderiam prejudicar a gestação.

Agora f aço minhas revisões somente uma vez ao ano. Não costumam ser tensas como eram no iní cio.Marco é atento, sempre me observando e me acompanhando.

Inf elizmente não pude amamentar minha f ilha, cheguei a chorar vários dias por conta disso, não consegui produzir. No entanto, só o f ato de ter trazido a minha f ilha ao mundo, cheia de saúde, num parto normal, tendo meu esposo comigo o tempo todo... estava mais do que realizada e agradecida.

Meus pais e tios do meu marido estão nos aguardando em casa. Pref eriram acompanhar o jogo pela televisão ao vivo e preparar a ref eição em comemoração.

— Acho que já podemos descer, Lana — diz Lucí a observando a movimentação lá embaixo.

Lucí a está estudando jornalismo e pretende se especializar na área desportiva. Inclusive, está estagiando num grande jornal.

Teresa estuda dança e não perdermos nenhuma apresentação sua. Juan se formou em Relações Internacionais, contudo, segue profissionalmente sendo jogador de basquete do time do Real Madrid. Tenho muito orgulho das crianças, para mim sempre serão meus bebês. Coincidiu de hoje Juan não ter treino e nem jogo, então veio prestigiar o irmão mais velho.

— Para mim parece tranquilo.

Golias confirma nossa descida.

Ajeito a mini camisa do Real Madrid que minha filha está trajada contendo o seu nome e o número do seu pai, em seu corpinho. Hoje ela estreou o tênis *Vans* lilás com branco que Ari comprou para a afilhada.

Mais tarde minha melhor amiga irá aparecer em minha casa com seu noivo e enteado. No fim das contas eu tinha razão. Ari se apaixonou pelo Eric. Apesar de ambos serem geniosos não resistiram ao amor. Christian, está namorando a nova dançarina de flamenco do restaurante dos pais. Ele penou muito para conquistar o coração da Esmeralda. Eu a adoro, nos damos muito bem. Pol, terminou o noivado recentemente, pois, segundo ele não estava sentindo a mesma conexão de antes com sua noiva, Irina.

Teresa fazo favor de carregar a bolsa da sobrinha. Desço de mãos dadas com Ander e com Isabel em meu colo. Apesar de não estarmos no verão hoje foi um dia quente. Então optei por um *cropped* liso de mangas curtas, calça jeans e um tênis novo que ganhei da marca que meu marido continua sendo garoto propaganda.

Coloco Isabel no gramado e ela sai andando em disparada quando vê o pai soltando seus gritinhos estridentes de bebê e balbuciando, sem parar de mexer os bracinhos no ar. Marco entrega a taça para um dos seus companheiros e espera a filha de braços abertos.

Cumprimento alguns companheiros do meu marido que também dividem o momento de alegria com suas respectivas famílias. Continuo sendo a nutricionista exclusiva do Marco, e duas vezes na semana atendo outros atletas no meu consultório na M13. Além disso, prossigo na escrita de artigos científicos e de livros sobre nutrição esportiva.

Acho que o mais gostoso em ser mãe, cuidar da casa, ser esposa e trabalhar fora é ser incentivada pelo meu marido a continuar trilhando minha carreira. Marco me eleva, me elogia, me apoia. Seu ciúme não é maior do que seu amor e respeito por mim.

Nesses anos juntos os momentos que discutimos foram, geralmente por coisas bobas, e ciúmes da minha parte por causa de uma coisa e outra que saía em redes de fofocas. Mesmo sabendo que era mentira, não sei explicar, apenas sentia ciúmes e ele se divertia lidando com o meu modo ciumenta.

Ander abraça o pai carinhosamente sem demorar muito, mas é o suficiente para completar meu marido. Levanta com Isabel em seus braços fortes e tatuados, beijando a pescocinho dela fazendo-a rir sentindo cócegas por causa da barba.

Logo seus irmãos o abraçam em conjunto e me uno a eles segurando a mão do lindinho. Ser mãe do Ander foi um presente, e

toda vez que me chama de mãe inf lo o peito, orgulhosa por ter um f ilho como ele.

O f otógraf o do clube se aproxima e tira várias f otos nossas. Marco coloca nossa f ilha em pé no gramado logo ela começa a correr quando Juan inicia a brincadeira. Isabel tem traços de mim e do Marco, uma mistura bonita. Seu cabelo é castanho-claro como do pai, e olhos castanho-claros como os meus. Exatamente iguais. Segundo meu marido ela herdou minhas covinhas, mas acho que são dele.

As mãos grandes agarram minha cintura me colando ao seu corpo e nos beijamos com todo amor que sentimos.

— Parabéns, meu amor. Mais uma vitória.

— Nossa. Quando um ganha, todos ganham — diz me olhando com seus olhos amorosos. Ele sempre diz isso.

— Somos uma equipe.

— A melhor equipe de todas, chatinha gostosa — murmura sobre meus lábios e nos beijamos outra vez no meio do campo de f utebol do estádio.

Meu f elizes para sempre não poderia ser melhor

BÔNUS

ANDER CARVAJAL

Estar no *top* 20 no mundial de florete é uma conquista imensurável. Tenho o objetivo de subir mais. Treinar desde os cinco anos me ajudou bastante, acho que não teria chegado tão longe antes dos trinta anos. Representei a Universidade Compluense de Madrid — a mesma universidade que minha mãe, Lana Rubio Carvajal, estudou nutrição — em campeonatos entre universidades da Espanha.

Não conjecurei fazer da esgrima minha profissão. Primeiro, meu pai, o famoso futebolista, Marco Carvajal Rubio, me colocou na esgrima após várias tentativas de eu conseguir conexão com algum esporte que pudesse me ajudar no tratamento e inclusão. Os esportes para autistas podem ajudar a reduzir significativamente a gravidade dos sinais. O meu grau é leve, e melhorei bastante com todo suporte familiar e tratamento que meu pai pôde proporcionar para mim.

— Como estou? — indaga Milan, meu irmão de nove anos.

Atualmente treina na escola infantil de futebol do Real Madrid. Meu irmão caçula tem se destacado bastante.

— Pelo amor de Deus, nada de camisa dentro do short — diz Isabel, minha irmã de doze anos, puxando a camisa do nosso irmão caçula para fora. — Bem melhor, não acha, An?

Meus irmãos caçulas são as únicas pessoas que podem me apelidar.

Isabel, diferente do Milan que é mais tímido, costuma ser sincera o tempo todo. O que já colocou meus pais em situações

engraçadas e constrangedoras. Principalmente na escola. Ela acredita que é algum tipo de justiceira dos oprimidos e mesmo não conhecendo a pessoa, se presenciar uma cena injusta ou preconceituosa vai tomar a f rente. Minha irmã tem um senso de justiça elevado para uma pré-adolescente. Creio eu, que seja por conta da leitura de mundo que está tendo através dos livros, desde os clássicos, indicados pela escola, como pelos contemporâneos e, principalmente, pela educação que meus pais transmitem.

Uma coisa tenho certeza. Meus pais são os melhores do mundo.

— Acho, mas, se Milan quiser usar por dentro do short, tudo bem também — digo sentando na cama. — Agora vem aqui para eu f azer sua trança.

Isa f ica em pé entre minhas pernas.

Eu não gostava de crianças até meus pais decidirem aumentar a f amí lia. Ser introspectivo e não saber interagir não me ajudou aproveitar a inf ânciacomo uma criança neurotí picaf az. Tive percalços, e muita sorte de ter uma f amí liaque buscou entender minha def iciência e se moldar para que eu nunca f icasse excluí do.

— Pode me ajudar f azer amizade?

Seguro a vontade de dizer: não. Hoje, consigo ter mais f iltro, nem tanto, mas tenho.

— Aqueles bobões são chatos, Milan — resmunga.

Assim como nosso irmão caçula, Isa também treina na escola inf antil de f utebol do Real Madrid. Tem se mostrado uma excelente zagueira e chamado atenção do técnico do time f eminino. Era de se esperar que algum deles f osse se interessar pelo f utebol, basquete

ou esgrima, af inal,são esportes que f azemparte da nossa f amí liæ cresceram acompanhando praticamente tudo. Agora os dois mostrarem talento e interesse pelo f utebol pegou todos desprevenidos. Até mesmo nosso pai.

Ontem vieram dormir comigo no meu apartamento, pois estavam com saudade e meus pais f oram para um evento desportivo. Sabendo da minha def iciênciasão crianças educadas e sensí veis,não costumam f azerbarulho. O engraçado é que quando estão brigando, como qualquer criança, discutem baixinho e gesticulando... tudo para não me incomodar com o barulho. De qualquer f orma tenho meus f ones contra ruí dos.

Minha irmã ergue a mão com o elástico vermelho em seu dedo. Pego-o para amarrar a ponta da trança. Aprendi f azer penteados f emininospara ser mais participativo e estar por dentro. Pensei que ser irmão de menina seria mais complicado do que ter crescido com minhas duas tias geniosas. No f im, deu tudo certo. Mamãe nunca me deixou de f ora,aprendi bastante e acho que seu carinho incondicional e respeito por mim contribuí ram muito mais.

Beijo sua cabeça quando f inalizo.

— Obrigada, An — agradece com seu jeitinho f of o.Fof ura essa, aliás, que somente quem é da f amí lia tem o privilégio de ter

Adentro o closet parando na divisão destinada somente as minhas vestimentas e acessórios da esgrima. Tudo perf eitamente alinhado, organizado. Com cuidado pego a jaqueta, luvas, calça e plastrom na cor branca. Guardo-os na bolsa esportiva.

Em seguida coloco a digital na f echadura de segurança instalada na única porta das divisórias. Pego a espada muito leve

guardando-a em sua caixa de transporte. Ela é muito fina, comprida e sem gume. No entanto, todo cuidado é pouco quando se trata de crianças. O mesmo cuidado que meus pais cresceram tendo comigo, ambos têm com meus irmãos. Óbvio, segui o caminho da proteção... talvez um pouco exagerada às vezes.

Ponho a alça transversal e saio.

— Vai jantar junto com a gente, mano? — pergunta Milan.

— Não, Milan, esqueceu que An vai sair com a Elsa — enuncia a espertinha da minha irmã sem conter o sorrisinho.

— Exato. Hoje irei jantar com minha melhor amiga. Agora vamos.

Saímos do quarto. Pegam respectivamente suas mochilas e as pequenas malas de mão em cima do sofá. Seguro a porta do elevador privativo, entrando só depois deles.

— Escutei tia Ari perguntar da mamãe se Elsa era somente sua amiga ou amiga, amiga. Mamãe disse somente amiga, mas aí a tia Teresa falou que era amiga, amiga, depois tia Lu concordou com a tia Teresa, o que é muito difícil de acontecer, aí a tia Flor disse que você e Elsa são...

— Já entendi, Isa — falo um pouco confuso com a rapidez que profere. Acontece de meus pensamentos embaralharem. — Elsa e eu somos melhores amigos. Apenas.

— Se você *tá* dizendo...

Estou acostumado com o fato dos meus familiares serem fofoqueiros. Nunca paquerei, nunca namorei, nunca beijei, nunca... estive com uma mulher, e infelizmente tenho apenas uma opção já que sou hétero. Ser antissocial não me ajudou muito. No ensino

médio conheci Elsa, depois de ela ter me def endido de uns valentões e semanas depois conheci Yulen depois de eu ter conf irmadosua mentira para se livrar da suspensão. Fomos para a universidade e prosseguimos sendo melhores amigos.

Minha mãe sabe da minha paixão incubada pela Elsa, porém é um segredo nosso. Para mim ainda é um desaf io me aproximar das pessoas, manter uma interação. Elsa e Yulen penaram muito. Não f aço de propósito, claro. Mamãe disse que pessoas neurotí picastambém têm dif iculdadede aproximação e demonstrar interesse.

Elsa é um espí ritolivre. Admito, cada dia se torna um desaf io maior vê-la beijando outros caras. Yulen me acha um idiota por f icar esperando pelo belo dia que nossa melhor amiga irá enxergar o homem apaixonado que sou por ela.

Sou um homem autista independente e f uncional, mesmo assim não costumo ser a primeira opção de uma mulher. A rejeição acontece desde à escola. Tenho minhas caracterí sticasparticulares, que obviamente poderá tornar o relacionamento a dois mais desaf iador Na minha cabeça, pelo f ato de Elsa saber muito sobre mim, tornaria as coisas entre nós, como casal, mais f áceis.

O motorista e segurança — membros da equipe de segurança que trabalha com meu pai antes mesmo de eu nascer — nos recebe na garagem do subsolo do prédio. Cumprimentamos eles e entramos na Mercedes G-wagon blindada. Ao colocarem o cinto de segurança esperam eu conf eri,sabem que é um ritual f azer isso e não sossego enquanto não conf iro.

Como meus irmãos precisam chegar no horário no centro de treinamento hoje seremos conduzidos pelo motorista. Eu dirijo, integrando a comunidade pequena de pessoas com espectro que dirige veículo automotor de forma defensiva e segura. No entanto, só dirijo quando não é necessário sair de casa às pressas, nem em horário de pico.

Ao entrarmos no CT de futebol ajudo meus irmãos saírem do carro. Golias, líder da equipe de segurança que trabalha há anos com meu pai, já os aguarda junto com outro integrante da equipe.

— Tenham um excelente treino, bebês — digo agachando para receber o abraço das minhas duas pessoas favoritas do mundo.

Esforço-me para manter o abraço por mais alguns minutinhos por amor aos meus irmãos. A terapia cognitiva comportamental, que faço desde criança, continua me ajudando. Sei o quanto proximidade e contato físico é importante para eles.

— Mais de um minuto — comemora Isa e acabo sorrindo.

— Um recorde, mano — expressa Milan, ajeitando seus óculos de grau.

Ergo o polegar e meus irmãos imitam, logo unimos nossos polegares como se fosse um outro tipo de abraço. Sou muito sortudo por eles serem compreensivos com meu jeito atípico.

Observo-os seguirem para o campo se separando no caminho.

— Cuide deles, por favor— peço, mesmo sabendo que não é necessário. É apenas... cuidado.

— Sempre, Ander — assegura e libera seu raro sorriso.

Papai bem que tentou f azer Golias se aposentar, porém o homem é duro na queda. Continua em perf eito estado f í sico, tendo um ritmo invejável.

Ao entrar no centro de treinamento da seleção espanhola de esgrima vejo Yulen paquerando uma das f uncionárias. A ideia é passar direto, no entanto, meu amigo me vê e larga a mulher bonita que estava jogando charme.

— Sério que recusou a gata que te arrumei, irmão?

Ele está f alando da acompanhante de luxo que contratou para jantar comigo no sábado. Continuo andando e f ormulando a resposta da melhor f orma possí vel.

— Avisei que não iria — respondo, sucinto.

— Elsa está f icando com um cara novo do trabalho dela — inf orma, martelando meu coração.

Um atleta passa por nós e meu melhor amigo troca piscadas de f lerte com ele. Ele é bissexual. Na universidade já havia me conf idenciado. Não é segredo para ninguém.

— E o cantor? — investigo, sentindo um nó se f ormar em minha garganta.

— Enjoou, como sempre acontece.

Entramos no vestiário masculino. Digito a senha do meu armário, assim que abre começo a me preparar.

— Ajeita essa cara, amigo. Sabemos como Elsa é. Ela não se f irma, tem várias paixões durante o mês e pronto. Tem que superá-la, Ander.

Mamãe também me disse isso. Continuo calado, sof rendoem silêncio por saber que nunca conseguirei ter a mulher que amo. Escutá-la f alardos seus casos e colar os pedaços do seu coração partido toda vez que algum cara é estúpido com ela, me destrói por dentro. Passei a entender melhor todas as minhas emoções na terapia.

Olho para a f oto, onde ela está abraçada a mim, colada na parte interna da porta do armário e f ico imaginando como seria beijar seus lábios que parecem doces, macios. Nessa f otograf ia seus cabelos lisos e ruivos estão esvoaçantes. Elsa é uma mulher linda.

— Desencana da Elsa, mano. Na sexta-f eira sairemos para se distrair e quem sabe conhecer uma moça interessante.

— Tenho compromisso.

Realmente tenho e agradeço por isso, caso contrário meu amigo iria aparecer no meu apartamento. Justamente na sexta-f eira tenho uma sessão de f otos para a campanha de roupas da marca desportiva que é a minha maior patrocinadora. Tia Ari, minha agente, enviou um e-mail cedo conf irmando.Eu sou um dos atletas que f azparte da M13 — empresa f undadapelo meu pai e padrinho para cuidar da carreira dele. Por mais que eu não goste, é necessário f azer trabalho publicitário.

Fico grato quando Yulen inicia conversa com outros colegas da seleção.

Adentramos a quadra onde em minutos vai começar o primeiro treino do dia. Pela parte da manhã homens e mulheres

treinam juntos, à tarde acontece a separação. Temos um quadro contendo a dinâmica.

— Quem é a gracinha *dar k* com a treinadora? — escuto um dos meus colegas indagarem.

Sem um pingo de curiosidade alongo os braços.

— Estão vindo para cá — diz Yulen.

Minutos depois escuto a voz da treinadora:

— Bom dia a todos.

Retribuí mos o cumprimento.

A garota ao seu lado tem os olhos castanho-escuros, quase pretos, f ixos em mim. Queria ser bom em ler as pessoas para conseguir captar suas expressões. Os cabelos são ondulados e estão presos num rabo de cavalo, sua calça jeans é surrada, larga e usa uma camiseta contendo uma ilustração, praticamente, acabada de uma espada e por cima um sobretudo quase tão surrado quanto sua calça jeans. Sua f aceé delicada, marcante pelos lábios cheios que parecem maiores com batom quase preto e em volta dos olhos cores f ortes, escuras. Ela tem um piercing no nariz.

— Rapazes, deem licença, por f avor Quero conversar algo com o Carvajal.

Os meus colegas saem direcionando alguns olhares para nós. Fica apenas nós três no centro da quadra.

— Ander, essa é Paz Vega. Ela veio estagiar conosco, f oi um grande destaque na Universidade Politécnica de Utrera. Formou-se recentemente e devido as vitórias que teve nos torneios, ganhou o estágio com a seleção por mérito.

Assim como eu, a garota continua em silêncio. Noto a f orma como segura a alça da mochila com f orça.Em seu ombro esquerdo carrega uma bolsa esportiva, e vejo pequenos f uros indicando a velhice. Antes que eu pareça invasivo paro de analisá-la.

Escuto o suspiro audí vel da treinadora Mónica. Prossegue:

— Ela também é da categoria f lorete.

Inexpressí vel, penso se devo soltar um: legal. Sempre f uncionaquando tento ser simpático e sair de uma conversa o mais rápido possí vel.

A treinadora f ranze os lábios e solta outro suspiro.

— Um monitor está de licença maternidade, o outro quebrou a perna, e inf elizmente o outro está af astando para tratamento de saúde. Por ser o mais disciplinado e treinado sei que conseguirá ser o monitor da senhorita Vega.

Eu... o quê?

— Pensei que f osse treinar com toda a equipe, senhora Casas? — inquere com a voz suave, em seguida mordisca o canto da boca aguardando a resposta.

— E vai. Porém, você é boa, mas é só isso, senhorita Vega. Quer chegar no Campeonato Europeu ou até mesmo na Copa do Mundo? — conf irma rapidamente. — Nada melhor que ter como mentor o maior esgrimista da atualidade que nosso paí stem. Vocês têm dez minutos para se conhecerem antes de iniciar o treino juntos.

E depois de f alar, simplesmente, sai. Continuo assimilando o que acabou de acontecer. Solto lentamente o ar dos pulmões.

— Acho melhor...

Paz me corta, f alando:

— Olha, não pensa que irei me intimidar por saber quem é. Não me importo. Saiba que não irei desistir — dizendo isso me dá as costas saindo da quadra.

A treinadora acabou de me colocar numa enrascada.